



Beijo

de chocolate



Li Mendy



Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

Li Mendi

Beijo
de chocolate

2ª Edição
Rio de Janeiro
2018



Li Mendi

Sumário

Sumário

Copyright © 2018 Li Mendi

Parte 1 (Priscila e Luis)

1.

2.

3.

4.

5.

Parte 2 (Tamires e Vitor)

6.

7.

8.

9.

10.

11.

12.

13.

14.

15.

16.

17.

18.

19.

20.

21.

22.

Parte 3 (Kali e Rebeca)

23.

Parte 4 (Andy e Felipe)

24.

25.

26.

27.

28.

Recadinho da Autora

Mendi, Li

Beijo de Chocolate/ Li Mendi |

1. Literatura Brasileira 2.Romance I

Índice Catálogo Sistemático

1.Romance Brasileiro B869.3

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos desta edição reservados pela autora Li Mendi.

Li Mendi

www.limendi.com.br

e-mail: li@limendi.com.br

fanpage: facebook.com.br/limendi

Grupo no Face: Kindle Ilimitado Fan-clube Li Mendi

instagram: [@autoralimendi](https://instagram.com/autoralimendi)

twitter: [@limendi](https://twitter.com/limendi)

Ao meu marido Juliano por sonhar comigo o mesmo sonho e me apoiar todos os dias incondicionalmente.

Parte 1 (Priscila e Luis)

1.

Heart hunters (Andy)

Levantei da cama com Norah Jones em ritmo de *Butterflies*, mas eu precisava de mais rapidez que o bater de asas de borboletas para chegar ao trabalho a tempo. Desativei a campainha do celular de olhos ainda fechados. Orgulhava-me dessa pequena habilidade.

Arrastei-me da cama até o banheiro, uma distância de três metros que me pareceu alguma rua em Tóquio de tão longe. Meu corpo estava em *slow motion*. Tirei com o dedo a pasta que caiu no pijama, escovei os dentes com uma mão e a outra lavei sob a água que saía da torneira. Esfreguei o rosto e meu olho começou a arder. Droga! Ainda havia pasta de dente no dedo. Arghhh!

— Priscila, preciso de uma carona, já pegou o táxi? — perguntei por telefone a minha amiga.

— Você é a única pessoa que tem um Land Rover e quer filar o táxi da vizinha! — Riu do outro lado.

— É que o Marcelo deixou o meu na revisão, ontem — expliquei.

— Tudo bem, eu não sei ainda. Aposto que está na frente do armário escolhendo a roupa.

Ela me conhece melhor que eu mesma.

— Você tem uma câmera aqui? — Franzi a testa e peguei um casaco de lã.

— É que você é a única pessoa que consegue ficar em dúvida sobre qual roupa vai vestir quando seu guarda-roupa só tem roupa branca.

Priscila adorava me colocar como singular. Para ela, eu era a única pessoa em tudo.

— Você sabia que as pessoas que vivem na neve conseguem ver uma escala de branco e cinza maior que a gente?

— Tudo bem, Andy, mas você está no Rio de Janeiro e aqui branco em dia de chuva não faz diferença, você vai acabar com a calça toda suja. Põe uma bota e pronto.

— Bota branca? Quer que eu pareça uma paqueta?

— Põe um sapato preto ou qualquer coisa. Já chamei o táxi. Te espero na portaria.

— Hum. Tá. — Suspirei e joguei o celular na cama.

Vesti-me às pressas e peguei a bolsa. Na porta, lembrei-me do celular. Argh. Corri

para buscar no quarto. Depois, pensei se tinha desligado a torradeira.

— Viu como não foi tão difícil escolher entre branco pérola e branco hospital?— ela zombou pelo telefone através do viva voz.

Arghhhhhhh. Voltei e conferi. Tudo certo. No elevador, me perguntei se tinha trancado a porta direita. Céus! Devo estar com TOC! Tenho que dormir mais...

Priscila era uma advogada do café da manhã ao banho antes de dormir. Respirava o mundo. Ela dizia que advogado tinha que saber de tudo. Acho até que na hora H com Ronaldo ela pensava em alguma constituição. Ri sozinha, mas ela nem percebeu:

— Os EUA aprovou o pacote. Sabe o que são 850 bilhões... — ressaltou o "bi". — ...injetados na economia? — Balançou a cabeça para os lados.

Entramos no táxi e sei lá o que ela lia no feed de notícias do celular.

— Não, não sei. — Passei um corretivo nos olhos, enquanto me olhava no espelho. Por que toda mulher abre a boca quando está se maquiando?

— É muito zero para mim. Minha vida tem bem menos casas — ironizou.

— Mas você não pode reclamar... — Guardei o corretivo.

— Nem você! — Lembrou-me de nossa condição de mulheres bem-casadas.— Não subestime nossa capacidade de *Heart hunters*. — Riu.

Ri também. Priscila eu nos conhecemos em uma chopada da faculdade. Curtimos todas as baladas juntas e depois de muito sapatearem em nossos corações, decidimos casar direito e arrumamos maridos mais velhos e com muito conteúdo, na carteira. A ideia era sairmos menos, mas, em festas melhores. Depois de tanta caça, viramos nós as presas. Por um tempo, ficamos enfurnadas dentro de casa, folheando a Vougue. Até que decidimos contra tudo e contra eles, trabalharmos. Ela bateu o pé e montou seu escritório e eu, comecei a trabalhar em um hospital.

— Mas a crise dos EUA é culpa das Balzaquianas.

— Não sabia que era machista.

— Não tenho nada contra a pessoa querer não ter filhos antes dos 30. Veja a gente!

— Querida, a gente tá beirando à inseminação!

— Eu, não, você! Sou muito fértil, posso repovoar o planeta! — Deixou o celular de lado. — Você não percebe? Lá, as mulheres têm muitos gastos com filhos.

— E aqui também! Uma fralda custa uma fortuna.

— E desde quando você sabe quanto custa uma fralda?

— Tivemos um chá de bebê no trabalho.

— ãnh. Aqui, a criança é parte da vida. A mulher se não estiver casada, continua na casa da mãe, vai tocando como dá. Lá, a mulher recebe o exame e já entra no banco para abrir uma conta para a criança que é só um punhado de células. Se as mulheres querem adiar isso, as famílias são também adiadas e, com elas, todas as casas! Resultado? Superdimensionaram a construção civil e agora a oferta está maior que a procura. A crise fez as empresas quebrarem e quem pagava não pode mais pagar e...

Gente, do que essa mulher está falando? Não entendi nada.

— Você não tem um assunto mais ameno hoje para mim? — perguntei.

— Tudo bem, desculpe. — Ela reclamou com o taxista que ele estava escolhendo o caminho mais longo.

Coitado, e ele estava se guiando pelo Waze.

— Quando vamos ter filhos? — perguntei e só depois percebi que pluralizei, como se essa fosse mais uma atitude para tomarmos juntas.

— Não sei, parece que eu estou sempre esperando um próximo ponto de virada.

E eu sentia que esse ponto não ia chegar. Ou será que eu torcia para não chegar?

— Como está com o Marcelo? — perguntou, lendo meu pensamento.

— Bem.

— Bem mal?

— Não foi isso que eu disse. — Franzi a testa.

— Você é uma mulher e mulheres nunca dizem o que querem dizer. Legal é um cara feio, educado e sem graça. Bem é quase um "anda um saco".

— Quem bom que você me entende. — Ri e desci, tinha chegado ao meu ponto.

— Amanhã, conversamos sobre isso! — falou, enquanto eu ainda segurava a porta.

— Ok. — Bati a porta.



Eram seis horas da noite de sexta e estávamos na melhor happy hour fora do trabalho. Só faltava o meu marido Marcelo. Na verdade, ele estava ao meu lado, agarrado a seu celular, ou escritório na palma da mão. Estávamos em um bar bebendo com meus amigos do trabalho e ele fazia corpo presente para cumprir sua promessa de que participaria mais da minha vida

social.

Meu amigo Fernando divertia a turma com sua teoria sobre as esquizofrenias das mulheres:

— Nós homens somos sinceros e objetivos. Repara só quando vemos uma foto de formatura. — Fez uma cara de quem enxergava a sua antiga turma da faculdade no guardanapo. — Um homem diria: olha só o meu amigo. Aquela ali era muito maluca... — disse com a voz mais nostálgica e encenou até um pesar com a mão no queixo. — E como seria uma mulher vendo a foto? — perguntou para o grupo e se preparou para fazer uma voz feminina afetada: — Aí, olha o vestido de fulana?! Tãããããooo brega! — Quebrou a mão para o lado e nos fez explodir em risadas, batidas na mesa e aplausos.

— Marcelo, será que você pode desligar isso? — perguntei, cochichando em seu ouvido.

— Eu estou acompanhando uns assuntos importantes — falou sem tirar os olhos da tela. Seu cérebro só seguia o bip de cada e-mail que chegava na caixa postal. — Muitas decisões importantes dependem de mim.

— Se você morrer, tudo vai continuar a acontecer normalmente, independentemente de você! Desliga isso — pedi incisivamente e acabei chamando a atenção da mesa, que estava naqueles poucos segundos de silêncio.

— Desculpem, licença. — Ele levantou e se afastou, mais para ficar longe de mim que para não incomodá-los.

Mais uma vez aquela ideia de morte me veio e me senti muito culpada. Eu tentava lidar com isso. Mas, não estava sendo fácil. Olhei para Tânia no lado oposto da mesa e ela fez uma cara de quem entende toda a situação. Ela era uma enfermeira do hospital. Negra, alta e de corpo avantajado. Sua sabedoria e conselhos sempre me acalmavam. Naquele dia, eu estava muito triste, sentada na minha sala, organizando algumas planilhas de controle de material, quando comecei a ficar irritada pelos erros dos números. Ela observou que eu estava deslocando minha raiva por outros motivos para aquele programa de computador. Meu cérebro começou a buscar a causa e aí mesmo que tudo começou a falhar. Afastei-me e busquei um copo de café na garrafa junto dela.

— Senta aqui um pouco — pediu, batendo na cadeira.

— O que tanto está te agonizando, menina? — perguntou.

— Eu tive um pesadelo sem sentido.

— Se é sem sentido, conta...

— Sonhei que desejava que meu marido morresse. Que coisa horrível, eu nunca poderia desejar isso... — Ri.

— Seu sonho é o lugar onde tudo que você quer, ou não pode lidar, é possível.

— E quando isso se repete...?

— Então, está tentando lidar...

— Isso é tão vergonhoso. — Olhei para o chão e apoie os cotovelos no joelho.

— Por que você se pune tanto? Fica aqui até altas horas tentando cumprir sua lista de prioridades que nunca acaba. Você tem que aprender que a vida é um fluxo contínuo e fluido. Não tente ficar esperando acabar. Larga esse computador e se permita não ser capaz de cumprir tudo. Não fica bancando a Isaura que vai para o tronco todo dia.

— E o que o Marcelo tem a ver com isso?

— Ele é seu crítico silencioso. Quando você vê que ele trabalha sem parar, pensa que deve fazer o mesmo...

— Mas daí querer que ele morra?

— Pode ser uma representação desse sentimento agonizante.

— Hum.

— Andy, nunca esqueça uma coisa. Se você morrer, as coisas não vão deixar de acontecer. Então, se divirta mais — disse-me e tentei repetir isso a ele hoje à noite.

Ela deu uma tapinha no meu ombro e partiu. Antes, avisou que era dia de Happy Hour e queria me ver lá. Respondi que sim como um voto de confiança de que tinha entendido bem o seu recado.

Quando chegamos ao nosso apartamento, Marcelo não deu atenção para o meu gelo. Tirou o paletó, tomou banho e conferiu o noticiário da madrugada. Eu não sabia mais quem era o convidado naquele lugar, se eu ou se ele. Fiquei parada na soleira da porta de braços cruzados, vendo-o calvo, com sua barriga sobre o calção listado cinza e de braços cruzados. O bip do celular tocou e ele o pegou em cima da almofada.

Fui até ele, tomei o aparelho da sua mão e joguei contra a parede. Segurei o que restou dos pedaços que se desmontaram no chão e deixei cair dentro do aquário.

Marcelo levantou-se:

— Sua maluca, está ficando estérica? Ainda bem que tinha feito backup. — Caminhou pisando duro até o quarto.

Virei-me e o olhei pelas costas.

Desejei que ele morresse e esse sentimento me envergonhou.

Senti-me o pior ser humano do mundo. Mas, a raiva me serviu como justificativa.

Sim, nós já rimos.

Só preciso tomar mais atitude.

Como?

Vou tomar um remédio e dormir.



— A Valéria terminou com aquele médico... — Priscila contou entre um gole e outro do seu café. Sábado de manhã era o dia em que começávamos qualquer rotina no Cafeína, um delicioso bistrô cheio de estrelinhas globais reunidas aqui no Leblon. O figurino era sempre o mesmo: biquíni por baixo, vestidão branco por cima e um óculos máscara, daqueles que tampa quase todo o rosto, de preferência com pernas de arabescos dourados.

— Humm, mas não era o tipo dela. — Fiz uma careta e bati com o indicador no sachê de açúcar.

— E Valéria lá tem tipo?

Franzi a testa e esperei que ela completasse o pensamento. Priscila adorava fazer um break de segundos entre suas tiradas:

— Ela não tem tipo, meu amor. Ela tem urgência! — Riu alto e eu a acompanhei. Como éramos cruéis. — Querida... — Ela inclinou-se mais sobre a mesa e abaixou a voz.— Aquela ali não está perdoando nem velhinho em cadeira de rodas do calçadão.

— Credo! — Quando Pri queria, conseguia ser a promotora social mais ácida e cruel.

— Será que nós somos as mais felizes? — perguntei-me, pensativa.

— Eu sou. — Ela riu, sempre com sua carinha de levada.

— Mas eu não partilho dos seus métodos. — Abanei a mão no ar, já imaginando o que ela sugestionava com aquele ar de professora da vida.

— Você quem perde. — Deu de ombros e abriu o cardápio para mostrar que não me dava atenção. — Cada um tem o console que merece.

— Pri! — Dei uma tapinha em sua mão, aquele assunto me envergonhava.

— Amiga... — Ela largou o cardápio e se aproximou bruscamente. — Quem se contenta com um prazer que cabe na gaveta do criado-mudo não tem direito de reclamar. Vê se olha para os lados, pô.

— Eu sou casada! Está vendo esse bambolê no meu dedo?

— Eu também sou, mas curto muito bem o que a vida me deu de dádiva.

Priscila era realmente muito bonita e atraente, mas, mesmo que não fosse, conseguiria atrair todos os homens que quisesse. Estava na sua alma o ímpeto libertino. Na minha, só existia um terror por estar sozinha e desamparada. Acho que na dela havia um pouco também, tanto é que tinha seu próprio bambolê. Mas, ao contrário, curtia casos longos, curtos e médios com todos os tipos de amantes. Seria totalmente promíscuo se não fosse também engraçado. Adorava partilhar de suas confidências, me sentia dentro de um livro de aventura. Eu invejava sua coragem e desprendimentos. Eu tinha quase uma gratidão por Marcelo. Já Pri se achava fazendo o favor para seu marido por tê-la ao seu lado.

— Nunca quis nem experimentar?

— Que papo é esse? Quem ouve vai pensar que eu uso o quê?

— Cada um tem a droga que pode. Adoro os homens... — Riu e mordeu a ponta de uma unha.— Você é muito convencional. Sempre escolhe o mesmo iogurte, a mesma marca de xampu, o mesmo sabor de pizza...

— Eu não sou assim!

— Você é uma mulher que vai ao supermercado com uma lista! Não olha os produtos e diz, ãnh, deixa eu ler o que diz esse aqui... Pega e coloca no carrinho.

— Priscila, eu não vou ao supermercado — disse sem humor.

— Tudo bem, era só uma teoria! E seus pacientes?

— Nem vem! Eles são clientes. Não posso ter qualquer vínculo desse tipo. Ficou maluca? Existe ética... — Fiquei brava. — Meu consultório não é nenhum cenário de filme pornô! — perdi o controle e falei com uma raiva descontrolada.

— Nunca fantasiou?

— ãnh?!Não... — Fiz uma cara de nojo, mas com a voz hesitante. — Não ponha coisas na minha cabeça!

— Eu ainda passo um dia lá.

— Não faça isso! — pedi veemente.

— Relaxa. Não vou te acorrentar a ninguém. Eu sou boazinha.

— Hãn-hãn, vou te contratar para assistente de Papai Noel.

— Ai, amiga, não deixe sua vida se tornar um cartão de aniversário. Aquela coisinha clichê sempre do lado direito com letras em relevo. Larga mão dessa pieguice.

— Vamos pedir a conta e ir para o calçadão — sugeri, cortando o assunto.

— Uiii...

— Para pegar sol! — ressaltei e acabei rindo e balançando a cabeça para os lados.—
Quero beber uma água de coco para pele.



Em casa, Marcelo arrastava sua sandália e transportava o laptop ligado de um lugar para outro como se fosse uma parte mecânica indissociável do seu corpo.

— O que vamos fazer hoje? — perguntei.

— Não sei, o que quiser — respondeu.

— Por que sempre é assim? — interpelei.

— Eu estou dizendo que você pode escolher.

— Por que não sugere algo, sempre eu tenho que sugerir?

Ele parou de mexer no teclado e percebeu que o assunto começava a ficar sério.

— Eu não me importo tanto para onde vamos, o que me importa é estar com você. — falou a frase ensaiada para se sair bem.

— Ahhhh, corta essa. Você não quer sair... — Fui para o quarto tomar um banho e tirar o sal do corpo.

— Por que eu não quero se eu disser que eu quero?! — Ele veio atrás.

— Porque você só quis depois que eu perguntei, então, na verdade, você não queria.
— Liguei o chuveiro.

— E por que eu teria que querer algo na frente, que espécie de competição é essa?!
— perguntou, tentando ser racional.

— Por amor, Marcelo! — Coloquei a cabeça para fora do boxe. — Por amor!

— Por que acha que eu não te amo?

— Por que será?

— Eu tenho até medo da sua resposta porque você consegue bolar teorias tão mirabolantes que seria capaz de ganhar um prêmio Nobel de matemática pela análise probabilística do pensamento masculino...

— Ahhh, por favor! Nunca sabe o que decidir! Eu tenho que decidir tudo por você!—
Voltei a me ensaboar.

— Olha, se não quer sair comigo, tudo bem. Eu vou sair sozinho!

— Ok, eu vou ver Netflix sozinha também — rebati. — Droga. — falei baixinho.

Por que eu sentia que estragava tudo?! Será que eu era alguém tão indesejada assim?! Eu estava ficando muito neurótica.

Respirei fundo e fechei os olhos. A conversa com Priscila me veio a mente. Ela estava certa, eu era totalmente convencional.

Olhei o xampu na prateleira e não me lembrava quando usara um de marca diferente. Nossa! Será que eu não tinha mais poder de atração? Ah! Andressa, para com isso!

Liguei o som e coloquei a melhor trilha sonora para o meu humor. Um pouco de Amy e uma dose de bebida quente. Escrevi uma mensagem de texto pelo celular para Priscila: *"Você está certa, preciso trocar a marca do xampu..."*



Você pode se divertir por si mesma ou contra alguém. Passei o batom na boca e puxei a alça da sandália. Tinha em mim a força e o ímpeto da vingança. O perfume, de tantos borrifos, escorreu entre os seios, se perdendo no vale do decote. Peguei a bolsa, a chave e a coragem. Priscila, minha eterna cúmplice, já me aguardava no estacionamento em seu carro.

— Ele não perguntou para onde ia? — questionou.

— Nada. Está no trabalho. É o que diz. Obrigada por me animar a sair. E o seu?

— Viajando. — Deu de ombros.

Às vezes, eu pensava que a diferença da nossa situação era unicamente o fato de ela encarar muito bem e eu, não. Ah! Sua estratégia era ter pequenos casos para dar um up, dizia. Eu não queria tanto, só me sentir desejada e admirada. A noite era ótima para este efeito.

Sentamos em um bar e lhe disse que me lembrava de nossos tempos de solteira.

— Para mim não mudou muito. — Riu e vi que seu riso não era propriamente para mim, mas, para alguém que devia estar atrás dos meus ombros.

— Não faça isso! — pedi, já imaginando que ela partiria para o abate e me deixaria ali como presa frágil e desprotegida.

— Annnnffff. — Ela se conteve.

— Desculpaaaa!!!! — Olhei para conferir quem era o cara que ela estava dispensando de investir por minha causa. — Ah! Ele está usando uma meia preta com um terno bege! Será que ele não podia colocar um sapato marrom? E aquela combinação de gravata de risca, com blusa de risca e paletó de risca de giz? Na chuva ninguém ia achá-lo com

tantos riscos! E...

— Andy! Andy! — Ela segurou no meu braço e falou ao meu ouvido. — Eu não me preocupo com ele vestido! Agora para de olhar para lá que ele vai ficar convencido.

— Hum, desculpe. Acho que desaprendi.

— Ele deve ter vindo para cá depois do trabalho e deixou a mulher em casa, olha a puta aliança no dedo.

— Obrigada por lembrar. A semelhança da história me comove.

— Heiiii! Não pensa assim... Eu também só falo besteira. Vem, vamos dançar.

— Não, eu quero beber. — Fiz pirraça.

— Ok, vamos encher a cara. — Ela levantou o dedo para o garçom.

Saímos dali rindo como duas crianças. Eu estava mais leve e sem sentimentos de baixa estima. Mas, quando amanheceu, eu parecia um bloco de chumbo sobre o colchão. Liguei para Pri e disse que não conseguia me mover. Ela mandou que eu dormisse, mas aleguei que não poderia deixar meus pacientes. Argumentou que era mais fácil eles fazerem fisioterapia em mim que eu neles.

— Não, não, eu tenho que ir. Vem me ajudar... — pedi.

Bufando e resmungando, ela veio, mas com o intuito de me dissuadir pessoalmente. Não conseguiu.

— Quer ir? Então, eu vou junto. Não vai você fazer besteira e depois me culpar por ter permitido. Essa que está aí não é você ainda...

Priscila dirigiu até a clínica e me acompanhou, apoiando pelo braço até a minha sala. Eu sentei e bebi um copo de água. Tirei os óculos escuros.

— Pega os prontuários com a moça da recepção? — pedi. — Olhei através do vidro da sala a área onde as pessoas faziam exercício de fisioterapia.

Havia uma piscina, aparelhos de ferro para musculação, bolas coloridas e muitos outros instrumentos.

— Hoje, você só tem um paciente! — Ela me passou a ficha.

— Hum, é o Felipe — comentei, sem olhar o papel que acabava de pegar da sua mão. Continuei a contemplar o rapaz sentado de costas, sozinho, na cadeira de rodas. Estava lá a minha espera.

— Toma essa bala de chocolate que peguei na recepção. É bom colocar açúcar no sangue. Você está com mais álcool que o tanque do meu carro.

Aceitei e coloquei na boca.

— Isso me faz lembrar o quanto chocolate é bom. — Ri.

— Você está muito bêbada!

— Eu não tô! — Sentei na cadeira e segurei a cabeça com as mãos.

— Você sabe o que vai mandá-lo fazer? — perguntou.

— Estou tentando ler! — falei alto e ri. — As letras estão engraçadas, elas dançam...

— Putz, vamos para casa. Isso é patético.

— Não se preocupe. — Fechei a pasta de papel. — Vou colocá-lo na piscina, jogar jatos de água quente e fria e... — Parei de falar, meu cérebro estava lento.

— Essa não é você! Não é! Você é super-responsável com seus pacientes. Eu sei que vai me matar depois, eu sei...

— Pri, se não sou eu, eu posso fazer o que quiser...

— Então, vai assinar um termo de que me desresponsabiliza de...

— Priscila, você é tão chata. Isso aqui não é seu escritório de advocacia!

Ela revirou os olhos, desistindo.

Despi-me no banheiro e pus meu maiô. Coloquei o roupão por cima e a toca para proteger o cabelo. Abri a outra bala de chocolate e coloquei-a na boca.

— Vou com você. — Priscila me acompanhou.

— Esse paciente não fala — contei-lhe no caminho. — Ele sofreu um acidente de carro e ficou assim.

— Isso é uma sequela física ou é psicológica? — perguntou.

— Ele nunca nos deixou saber... — Encolhi os ombros e continuei com as mãos nos bolsos. — É novo. Tem 25 anos.

— Que é gatinho, ninguém nega — falou baixinho.

— Pegava?

— Fácil.

— Eu também. — Ri.

— Não pense nisso. — Ela me agarrou pelo braço e me fez parar.

— Está bancando uma de Andy?

— Não, mas a Andy que eu conheço não faz isso...

— Isso o quê? — Ri.

Tirei o macacão e deixei em uma cadeira.

— Oi, Felipe. Tudo bom? — perguntei.

Ele olhou para minha amiga. Apresentei-lhe. Ela sorriu e deu um tchauzinho. Priscila ficou sentada em uma cadeira, afastada de nós.

— Vamos lá? — animei-lhe. Só que, neste momento, me dei conta de que não estava bem para segurá-lo.

Priscila parece que persistiu e veio em meu socorro. Nós duas o ajudamos a sentar na borda da piscina. Ela me olhou com ar de brava, mas voltou a se afastar.

Felipe aquele dia parecia me olhar mais fundo nos olhos. Acho que a bebida estava me fazendo ter alucinações. Não, não era possível.

— Vou jogar água quente, ok? — expliquei-lhe. Liguei o mecanismo que mirava jatos em sua perna. Entrei na piscina rasa e fiquei com água nos joelhos. Segurei seu pé e fiz movimento em suas cochas.

— Você é linda, sabia? — Ouvi.

Levantei os olhos e Felipe estava sorrindo. Pisquei o olho com força. Priscila ainda estava ao longe. Senti um frio na barriga. Aquilo foi horripilante. Jurava que Felipe havia falado! Ela estava certa, eu não deveria estar ali.

— Você *bebeu*?

O barulho do jato borbulhando a água era alto, mas outra vez eu tinha escutado. Era a voz de Felipe? Eu comecei a ficar assustada. Ele não falava, eu estava fantasiando por efeito da bebida!

Desliguei a água.

— É... Vamos fazer outro exercício. — Pigarreei e sem olhá-lo, flexionei sua perna e pedi que fizesse esforço para levantá-la e abaixá-la lentamente...

De repente, ele colocou sua mão sobre a minha, que segurava seu joelho. Respirei pela boca entre aberta e levantei os olhos.

Felipe sorria com seus olhos brilhantes e cílios longos. Novamente desviei. Tive um pânico de ver coisas onde não existiam.

Ele continuava segurando minha mão e era eu agora a muda, estática. Seus dedos úmidos pela água deslizaram o dedão sobre as costas das minhas mãos. Engoli em seco.

2.

Beijo de Chocolate (Felipe)

2 meses atrás

— Felipe, isso são horas? — Minha mãe reclamou quando sentei à mesa.

— Mas mãe, não estou atrasado para o café da manhã. — Peguei um pão francês e passei manteiga.

Ela continuou parada, com a chaleira de café na mão e o pano de prato no ombro, incrédula pelo meu argumento. Não era exatamente da porta da sala que ela queria me ver surgir, mas do meu quarto. Só que não estava mais na condição de poder me cobrar que horas sair e entrar. Eu já trabalhava e tinha a independência de não escolher qual dia da semana eu podia curtir a noite.

Minha irmã Tamires riu baixinho. Nos seus dezesseis anos, ela desejava ser minha versão daqui a alguns anos. Já começava a mexer os pauzinhos. Juntou-se com as amigas para fazer brincos e pulseiras e ganhar o próprio dinheiro para sair no fim de semana. Agora, procurava um emprego formal para ser logo independente. Queria prestar vestibular para direito. Eu posso me gabar por fazer escola.

— Eu sou um filho trabalhador, não pode negar! — Tirei a camisa e fui ao banheiro para me livrar daquele aspecto de cinzeiro cheio. Estava fétido. Na volta, beijei minha mãe na bochecha. — Viu como são as coisas? Lavou, tá novo!

Meu pai do sofá da sala não interrompeu sua leitura do jornal Meia Hora. Ele me apoiava. “Homem macho se vira cedo”, dizia com sua voz grave. Eu não era tão radical e machista, mas, sim, queria logo cuidar de mim mesmo e ser completamente livre.

— Cuidado para não sair por aí com essa moto desembestada, viu? — Minha mãe falou, quando eu colocava a chave pelo lado de fora da porta. — Esse menino dirige feito cachorro louco sem dormir, Tadeu! — resmungou com meu pai, mas não paguei para ver a resposta.

Coloquei o capacete e senti o vento gostoso na cara, enquanto dirigia para o centro da cidade, onde trabalhava em uma revista como ilustrador e diagramador. Quem me via assim, cachorro louco, como dizia minha mãe, voando na minha moto, poderia pensar que eu era um boy. Eu já fui um pouco de tudo, vendedor de loja de roupa, bancário, garçom em bingo, balconista de padaria. Nunca me importei com o que eu fazia, mas com a quantidade de notas

no meu bolso no fim do mês.

Segui em zigue-zague entre os carros, cortando o vento. Eles buzonavam, reclamavam, xingavam... mas, no fundo, tinham raiva de estarem dentro das suas caixas-pretas com ar, presas e empacadas no trânsito colossal do Rio às 8 horas enquanto eu virava um pontinho desaparecendo no horizonte.

O barulho das buzinas era um som constante daquela orquestra. Era meu sinal de “dá licença”. Só que a última que ouvi foi alta, grave, oca, ensurdecedora.

Nunca vou esquecê-la. Se a minha morte tivesse som, seria aquela buzina de caminhão.

Bêênrrr.

Um choque atrás que me arremessou pelos ares, depois, escorreguei no asfalto, rolei por alguns metros e senti algo por cima de mim. No fim, só a escuridão, que posso chamar de quase morte.

Silêncio.

Quando abri os olhos, me vi em uma maca, o soro de um lado pingando e minha mãe chorando de outro. Ela tocou meu braço e colocou a cabeça em meu peito.

— Meu filho...

Eu não tinha forças para falar. Senti minha bexiga cheia. Contorci-me para levantar. Ela me conteve.

Eu disse que precisava fazer xixi. Mais uma vez falou que não. Eu puxei o lençol e entendi tudo. Não conseguia mover minhas pernas. O estado de choque me fez esquecer a bexiga, me tirou a voz, o oxigênio do cérebro.

— Felipe, estamos com você... — Ela me beijou a bochecha e, nessa hora, meu pai e minha irmã entraram no quarto.

Eu voltei a me deitar e olhei para o teto. A vida. Que vida?

Ficara de baixo daquele carro, naquela manhã, onde eu não ouvira minha mãe. Eu não era super herói e, agora, nem mais humano.

Só uma parte. Metade. Para mim, isso não era nada.

Houve um caos depois disso, mas deixo esse hiato perdido nas memórias. Não é dessa parte que vale lembrar.

Os momentos ruins fazem parte da história, mas devemos colocá-los em corpo pequeno, no rodapé, sem destaque, para não parecer principal. Só um adendo, uma referência.

Aquele acidente foi uma ponte para a mudança e eu só percebi isso quando meus pais me levaram para um centro de fisioterapia.

Digo me levaram porque eu não fazia mais nada por mim mesmo. Perdi o ânimo para tudo, nem mais falar eu falava... a que ponto cheguei! Mas, quando as pessoas nos amam, elas acreditam em nós e por nós.

Minha mãe e irmão contaram o que aconteceu para a fisioterapeuta, mostraram os laudos, exames, chapas e etc.

Eu fiquei alheio, calado, aborrecido, longe mentalmente. Daquela sala de paredes de vidro, observei uma mulher brincando com uma menina pequena de uns cinco anos.

Ela rolava por um tatame colorido, enquanto a garota fazia os mesmos movimentos. Podia ouvir dali as risadas agudas. A criança mal conseguia abraçar toda a bola de tão grande, dessas que se vende em parques de diversão. Ambas pareciam se divertir, apesar de a mulher estar vestida de jaleco branco e eu saber que tudo era parte do que programava para a recuperação da paciente.

Isso me deu uma raiva das duas: da criança por não perceber que era inválida e se divertir e da mulher por enganá-la.

— Vamos? — Ouvi a voz da minha mãe ao meu lado. Tomei um sobressalto, estava concentrado na cena e não me dera conta que havia acabado a consulta.

A médica e minha mãe perceberam que eu dava atenção para o que acontecia naquele grande salão do lado de fora, repleto de aparelhos e com duas piscinas que mais pareciam uma academia.

— Quero te apresentar a sua fisioterapeuta. — A mulher abriu a porta.

Minha mãe empurrou a cadeira de rodas. Poucos metros depois, me pararam na frente do tatame, como quem vem fazer uma entrega.

Senti-me horrível por isso.

— Você quer que eu fique? — Minha mãe perguntou. Eu dei de ombros.

— Andressa? — A médica chamou a mulher que brincava com a criança.

— Oi. — Ela virou-se para nós e conteve o sorriso, tirou os fios de cabelo colados na boca umedecida.

Quando seus olhos bateram no meu, senti um descompasso, uma coisa no meu estômago.

Andressa seu nome.

Ela era um raio de luz ofuscante.

Seus olhos grandes e negros, de cílios que faziam curva, cintilavam uma alegria quase gritante.

— Tia, Andy, vamos brincar mais? — A menina puxou-a pela mão.

— Vamos sim. — Ela beijou-a na testa. — Só que amanhã, tudo bem? Sua mamãe já está aí. — Apontou e uma senhora se aproximou para pegar a menina e a levar.

— Andressa, esse é o Felipe. — A médica me apresentou.

Ela levantou-se e sorriu, me olhando de cima.

— Prazer. — Estendeu-me a mão, mas, eu não correspon-di. Ela rapidamente se saiu bem da situação, me dando um afago no ombro. — Pode me chamar de *Andy*.

Minha mãe e a médica se afastaram e Andy ficou com meu prontuário na mão. O que ela ia fazer agora? Colocar-me no tatame e jogar a bola como se eu fosse um cachorrinho, gritar rola, Rex, rola?

— Vamos para o jardim? — ofereceu.

Aquilo era uma piada ou ela não enxergava que eu só tinha metade do movimento do meu corpo?

Andy empurrou a cadeira até um jardim de inverno, ao lado da piscina. Dali, eu não podia ver minha mãe. Era um lugar cheio de plantas, flores, um pouco de raios de sol. Havia um colorido alegre e um vento refrescante.

Andy sentou-se em um banco branco e cruzou as pernas. Leu o prontuário pelo que calculei como dois minutos.

Seu cabelo comprido ficou caído para frente. Na mão esquerda uma grossa aliança. No pescoço uma letra M pendia do cordão de ouro. Seu perfume adocicado lhe dava um ar de garota, apesar de eu estimar que tinha uns trinta anos.

Andy acabou e suspirou. Deve ter ficado cansada só pelo que leu. Será que vislumbrava muito trabalho pela frente e já se enfadara? Mas, ela não comentou nada sobre isso, olhou para o lado, para as pessoas na piscina fazendo exercícios.

— Sabe, Felipe, ninguém quer estar aqui... — disse, em um tom de voz reflexivo e, depois, me olhou em cheio. — ... Mas, é preciso querer muito sair daqui. — Uma longa pausa e continuou. — ... Não posso mudar o que te aconteceu, nem você. Só que, ao contrário, daqui pra frente tudo vai depender de você. Não apagamos o passado, mas fazemos o que quisermos do futuro, até que ele não chegue para provar o contrário.

Ela era fisioterapeuta ou psicóloga? Veio ali me dar sermão?!

— Você deve agora estar se perguntando por que diabos isso te aconteceu. Nunca vai achar a verdadeira resposta, só respostas parciais: isso aconteceu por minha culpa, por não ter ouvido fulano, por culpa de beltrano. Nesse tempo sem respostas, a vida passa. Você vai ver que tudo começa a mudar quando você mudar as perguntas da sua vida: como eu posso fazer para superar? A nossa vida depende muito das perguntas que escolhemos fazer.

Ela repetia esse mesmo discurso para todo mundo? Era uma espécie de ritual de

entrada naquele templo dos que se contorcem em ferros e jatos de água, que rolam com bolas em tatames?

— Eu não vou te dar o que tinha antes, mas espero te ajudar a achar dentro de você muito mais coisas que nem conhecia. — Sorriu e esticou o braço para segurar minha mão, se inclinando para frente. — Vou estar com você.

Senti um nó na garganta. Aquela não era a profissional que eu queria. Para continuar a ser aquele ser amargo e rabugento precisaria de uma outra. Mas aquela era a *certa*, porque era a que eu *precisava*.

— Se não quiser falar, tudo bem. Vou aprender a te entender sem palavras, ok? Vamos fazer isso juntos, Felipe. E eu não vou desistir de você, porque alguém, afinal, tem que lutar para você voltar a vida de novo! — Piscou o olho e sorriu, compreensiva.

Se minha mãe soubesse que as primeiras consultas foram só muita conversa e pouco exercício nem ia querer pagar. Seu objetivo era me ver de alguma forma me movimentando por aí. Mas, era dentro da minha cabeça que tudo estava parado. Percebendo isso, que Andy parecia cansar um pouco de tentar me ajudar.

— Foi o que falei, é preciso querer e você nem está aí para si mesmo hoje, hen! — Brigou e saiu da piscina onde tentava me fazer movimentar as coxas.

Continuei na borda, de costas, apoiado com os braços no piso frio. Tenho certeza que, se ela pudesse, mandaria eu sair e daria a sessão por terminada. Mas, precisava concluir seu trabalho.

— Vem, vamos sair da água. — Voltou alguns minutos depois, secando-se com a ajuda de uma toalha, mas sem qualquer sorriso.

Um enfermeiro me ajudou a sentar na cadeira de rodas. Ela lhe agradeceu e tomou a direção. Levou-me para o jardim onde conversamos a primeira vez. Aquele era seu canto do castigo como o fundo da sala onde a professora nos coloca na cadeirinha de pensar? Mas, parece que era ela que estava reflexiva. Sentou e tirou a touca do cabelo.

Olhou por uns dois minutos para o movimento da água na piscina, cara amarrada, dura.

Seu silêncio começou a me incomodar. As pessoas normalmente preenchem os diálogos com muito discurso para poderem conseguir ficar ao meu lado. Uma hora ela decidiu quebrar o gelo e manter contato outra vez:

— Felipe, você não está aqui para jogar o dinheiro dos seus pais fora. — Começou com um ar de bronca, me colocando na posição de criança primária. — Mas, não vai surtir qualquer efeito o meu trabalho físico enquanto sua cabeça ainda está parada naquele *acidente*.

Aquela última palavra soara muito forte, me fez cravar o olhar nela. Seu objetivo era me chocar certamente para obter minha atenção. Conseguia.

— É a sua cabeça que falta se movimentar, não é só sua perna. Você deixou toda a sua vida de baixo daquele carro. E não é só você. Muita gente coloca os sonhos de baixo daquele empreguinho de merda que não consegue largar, muita gente se esperneia e reclama da droga de casamento do qual não se livra. Eu te entendo, não é fácil. Mas, se continuar vendo o que te falta, sua vida vai continuar tão triste como o silêncio desse poço escuro onde está.

Engoli em seco e desviei o olhar.

— Por que você não fala? Porque você quer atenção. Quer que todo mundo se volte para adivinhar seus desejos. Que os outros se redobrem para te cobrir de cuidados. Que te amem com provas. Até quando vai impor este amor de fardo? Até quando seus pais gastarem a última moeda de real aqui? Tudo bem, você quer assim? Ok, eu vou fazer como você quer.

Ela levantou-se e pegou a cadeira de rodas. Levou-me até a sua sala.

Andy sentou-se à sua mesa e me mostrou seu computador.

— Nós só vamos voltar aos exercícios quando você de fato quiser — estabeleceu.

Eu continuei parado, sem concordar ou me debater contra as novas regras. Apenas estava um pouco estupefato com sua passionalidade. Ela era mais, muito mais que uma simples fisioterapeuta que põe corpos para voltar a funcionar.

— Li no seu histórico que você trabalhava como diagramador de um jornal, certo? Então, deve entender bem de computador, imagino. — Olhou-me. — Pode me ajudar com esse problema? — Virou a tela do computador para mim. — Entrou um monte de vírus e eu confesso que não sei passar esse antivírus. Ele é muito complexo. Eu vou ali recolher o material das aulas e já volto. Pode dar conta disso?

Ela pediu e saiu. Aquilo era um castigo, trabalho, entretenimento, um desafio, um teste ou o quê? Não havia resposta, só a tela na minha frente.

Olhei-a por trinta segundos e fiz o óbvio e patético. Acionei o ícone do programa presente na área de trabalho. O que tinha de difícil nisso? O problema é que enquanto o sistema fazia a varredura pelos drives não havia o que fazer! Era esse seu objetivo? Deixar-me ali parado?

Olhei a foto na área de trabalho do seu computador. Era seu rosto sorrindo. Empurrei a cadeira de rodas um pouco mais para frente. Peguei um lápis e o bloco de receitas médicas.

Fiz os traços principais, depois entrei em detalhes nos olhos, nariz e tive que ter mais atenção com a boca. Meu pensamento se perderam e foram longe, enquanto eu desenhava. Senti vontade de chorar.

Senti falta dos meus amigos de trabalho, da equipe, do jornal, das tarefas, da correria. Eu ainda sabia fazer aquilo, porque meu cérebro estava ativo como nunca. Tive vontade de voltar, mas, ainda era uma vontade minúscula, tímida, trêmula.

Terminei o desenho, sujei o dedo com o esfumaçado. Gostei do que vi. O que enxergava ali era a minha arte intacta. Meu dom não havia sido atropelado.

Sorri.

O computador já tinha acabado seu escâner. Livrei o computador do vírus e me perguntei se de fato ela não sabia fazer aquilo.

Escrevi no canto inferior da folha ilustrada: “Até”. Era nossa primeira palavra trocada. Pendurei no quadro de camurça a frente e minha mãe chegou para me buscar.

Não lhe contei sobre a sessão sem proveitos físicos do dia...



Quando cheguei à clínica, procurei-a no salão com uma rápida olhada panorâmica. Não achei Andy e me senti desamparado.

— Nosso artista chegou cedo, hoje? — Ouvi a voz atrás de mim. Ela se referia ao desenho que fizera, provavelmente. Contornou a cadeira de rodas e se pôs na minha frente. — Já estão falando de você. — Ela apontou para um quadro na parede. Lá estava a ilustração. Senti-me um pouco envergonhado, não era bem ali exposto para todo mundo que eu pretendia ver. — Dona Alicia quer um desenho também, mas, é do netinho dela que vem buscá-la — contou-me enquanto conduzia a cadeira até a piscina.

Já dentro d’água, perguntou se eu ia poder desenhar. Fiz um gesto que sim com a cabeça.

Exercitamos a perna e, dessa vez, eu não fui tão relutante.

Tentei colaborar. No final, esperei Dona Alicia receber seu netinho. O menino de cabelos encaracolados cor de fogo queria a todo momento ver como estava ficando.

Junto de nós, Andy acompanhava o meu desempenho. Não era muito confortável desenhar com alguém fiscalizando. Mas, estava gostando de poder ser admirado por ter um talento. A cada traço que deixava mais nítido o rosto do menino, eu ganhava mais elogios.

— Por que você está na cadeira de rodas? — O garoto perguntou.

— Thiago! Fica quietinho aqui com a vovó, sem muitas perguntas... — A mulher pediu.

— Ele sofreu um acidente de moto. — Andy explicou.

— E por que ele não usa aquelas pernas de pau?

— Bem... — Andy riu sem graça com tanta espontaneidade do menino em tirar suas

dúvidas ao meu respeito. Eu só olhei por cima do papel e depois voltei a desenhar. — Há algumas pernas mecânicas, mas são caras...

— Eu vi nas Paraolimpíadas de Pequim! — lembrou-se ele exultante.

— Isso! — ela gostou da sua boa memória.

— Mas, ele consegue mexer os joelhos? — Fez referência ao fato de eu só ter as pernas um pouco abaixo da altura do joelho. Meus pés foram perdidos no acidente e nem gosto de lembrar disso.

Andy olhou-me. Não devia saber se estava dizendo coisas demais, pediu com o olhar aprovação para continuar. Coçou a testa.

— Ele está melhorando e vai conseguir sim... — Acariciou a cabeça dele. — Agora tem que ficar quietinho para ele poder te desenhar bem bonito.

— Você é o quê? — perguntou-me.

— Ele é diagramador de um jornal, quero dizer, era... antes do acidente.

— Mandaram ele embora? — perguntou.

— Thiago, para de tantas perguntas! — ralhou a senhora.

— Eu só queria saber...

Estranho e inquietante ver que eu era um profissional, ainda sabia fazer o que meu trabalho exigia, porém, não me considerava mais digno de realizar. Tudo porque não queria reencontrar aquele ambiente social do jornal sobre rodas, como um aleijado. A pergunta de Thiago mexera comigo. Eu podia movimentar as pernas, não perdera o controle total, podia com fisioterapia recuperar a mobilidade. Só que não tinha a prótese, então, era um corpo sem pés. Como alguém sem terminação.

O garoto e a avó foram embora felizes levando a folha consigo. Prometeram colocar em uma moldura. Senti-me gratificado.

Vir até a clínica me ajudava a recuperar a autoestima.

Descobri que autoestima é aquilo que acontece dentro de você, mas que, sem os outros dificilmente você consegue mudar.

Andy era responsável por todo o esforço em me recuperar a todo custo. Eu não entendi muito bem o que a movia a ser tão passional em seu trabalho.

Não era apenas comigo, eu a observava lidando como os outros pacientes. Havia nela uma luz, um brilho, uma energia, áurea ou coisa parecida que nos lembrava de que podíamos tudo.

Ela fora a primeira pessoa depois do acidente que me fizera ter vontade de falar.

Depois daquele encontro com o menino, fomos até sua sala remarcar a próxima consulta por causa de uma viagem que faria para um congresso.

Terminado o agendamento na data que consenti, ela permaneceu em seu lugar. Não se levantou com ar de despedida para abrir a porta. Olhei entre o preto e o branco do seu olho e não a encontrei.

Não estava ali. Aproveitei o instante para observá-la de cheio, bem próximo. Era linda, mas não era feliz. Onde estavam seus sorrisos e sua voz alegre? De onde ela tirava para nos oferecer?

Puxei uma das folhas que deixara em cima da mesa depois de desenhar o garoto e escrevi com uma caneta azul:

— *Esse silêncio é covardia.*

Ela leu e riu, abaixando os olhos e rostos, produzindo um lindo semblante envergonhado.

— Você fala? Não sabia! — falou com uma doce ironia, em um tom mais baixo, pessoal, quase secreto.

— *Você me obriga* — escrevi.

Ela ia dizer algo quando seu celular tocou.

Atendeu e, depois, disse que tinha que ir almoçar. Escreveu no verso do seu cartão seu endereço de e-mail e um “até”.

Olhei para o cartão em minha mão e depois para ela.

Entendi.

Ao chegar a casa, percebi que algo diferente estava acontecendo. Meu pai e minha irmã estavam reunidos à mesa.

Minha mãe que viera comigo tinha um sorriso cúmplice. Se não fosse a toalha nova, o frango assado com batatas e os pratos de festas postos eu teria pensado que se juntaram por um motivo grave.

Havia algo que minha mãe me escondera enquanto me levava na fisioterapia? Ela costumava me deixar lá enquanto vinha para casa adiantar o almoço e depois voltava para me buscar, já que era perto de casa e dava tempo suficiente. Mas, dessa vez prepara algo especial e eu não sabia o por quê. Olhei-os de testa franzida e meu pai tomou a palavra.

— Filho, temos uma grande notícia para você. — Ele levantou-se e colocou a mão no meu ombro. Minha irmã arrastou a cadeira para trás e aproximou-se também. Eu só conseguia olhar para o frango e temer o que estava por vir. — Nós vendemos o carro.

O carro? O carro que tinha levado anos para pagar e que era nosso bem de luxo tão

cuidado?

— ... E a sua moto — completou.

Ñnh?

— Nós queríamos te dar essa surpresa.

Ambos, o carro e a moto, estavam no nome do meu pai. Eu já estava cansado de ouvi-lo que parte de todo seu trabalho nos últimos anos estava ali. Então, por que vender assim?

— Nós não queremos te ver nessa cadeira de rodas. — Minha irmã disse com sua voz meiga. Acho que eles a deixaram falar para que tudo não soasse abrupto demais. — Por isso, vendemos o carro e a moto para juntar dinheiro e comprar as próteses que você precisa para andar *normalmente*.

Normalmente quer dizer que hoje sou anormal.

Eu olhei o frango, a toalha e os pratos e entendi tudo, num lance, em uma tomada de cena, num golpe.

Foi de quase parar o coração. Não tinha palavras, nem precisava, eles já compreendiam meu silêncio há muito tempo. Abraçaram-me como um laço que se fecha em um nó seguro.

— Obrigado... — falei baixinho e eles riram.

Minha família é a minha célula vital.

Mal podia esperar para contar a Andy. Lembrei-me do telefone de Andy ainda no bolso, escrito em seu cartão de visitas.

Andy estava online. Tive receio de começar a conversar com ela pelo Whatsapp. Será que pensaria: “*Ai lá vem o chato, já não basta aturá-lo no trabalho?*”. Mas, se ela me dera seu contato, era porque não se importaria. Preferi arriscar e dei um “Oi”, seguido da pergunta se estava ocupada. Coloquei os fones de ouvido quando vi que respondeu por áudio. Eu havia brevemente contado a novidade das pernas mecânicas que ganharia e disse que estava feliz. Andy enviou um áudio pelo zap e me parabenizou, mas, depois sua voz alegre se transformou e ela avisou calmamente:

— Você sabe que agora as suas pernas não são mais uma desculpa. Não poderá mais usar isso como motivo para não trabalhar ou fugir dos amigos. A gente coloca um monte de problemas em nossa vida pendurado feito chaveiro. Eu não emagreço porque sou preguiçosa, eu não passo no concurso porque sou burra, eu não ganho dinheiro porque não tenho sorte no emprego... Sendo que isso são mitos que criamos de nós mesmos. Ninguém gosta de estudar, tem que estudar. Nem fica saudável porque ama fazer exercícios, é necessário fazer. Sempre tem as exceções, claro. Mas, de modo geral é assim. Você agora não é mais um “sem perna”. Vai precisar se desapegar dessa desculpa chaveiro. A própria sociedade vai te cobrar isso, já

pensou?

Refleti sobre como ela conseguia tornar minha reabilitação mais crua que lúdica. Era tão pé no chão que assustava.

“Uma coisa de cada vez”. Escrevi-lhe, querendo aproveitar alguns segundos a mais da satisfação da notícia e não pensar em suas consequências. E novamente ela mandou áudio e foi assim toda conversa, acho que demoraria mais tempo para escrever ou não gostava de escrever pelo aplicativo:

“Claro, desculpe por eu sempre pensar no lado prático. Imagino que seja uma etapa importante para você. É legal sair da condição de que é empurrado pelos outros para ficar de pé, olho no olho, com uma postura de dono de si. A simples posição corporal nos afeta na autoestima.”

“Você é mais que uma fisioterapeuta”, elogiei e enviei um smile.

“É, eu sou diferente. Eu não trabalho no açougue onde os clientes pedem pé de porco, costela, lombo. Eu cuido de gente que pensa, que sofre, que sente. Não consigo vê-las como uma perna ou um braço imobilizado. Todo mundo deve buscar ser um diferencial, sabe? Eu sei que posso viajar falando isso, mas, pensa só que inútil seria ser só mais uma fisioterapeuta de quem nem vão lembrar o nome? Se você não serve para acrescentar, que coisa inútil é a existência, não? Se não faz ninguém rir, se não faz ninguém se emocionar, se não toca ninguém, que grande merda a gente é, não acha? Eu me empolgo, deixa pra lá.”

“Brilhante”, escrevi.

“Agora, Felipe... Você sabe que nada mais vai ser igual. Você vai se deparar com dois tipos de situação. Tem gente que vai te tratar como um inválido e viver te facilitando tudo, pensando que você não é capaz. Outras vão achar que tudo que faz é porque está se aproveitando da condição física para tirar vantagem. Essa situação é nova. Vai precisar ter muito estômago.”

“Tenho medo”.

“Imagino. Mas, medo é quando não sabemos o que vem pela frente. Você acha que vai ficar muito tempo sem falar?”

“Não é uma condição. É um estado de espírito”, respondi.

“Mas falar é importante para se defender. Os animais usam as garras e a força para se defender. O homem usa a palavra. Os animais usam a agressividade ao seu favor para preservar o território, as crias, a manada e a própria vida. Só nós seres humanos que nos achamos racionais usamos a força por covardia. É importante a agressividade racional e moderada. Só você pode se proteger. Não como uma ostra. Quando nos calamos e nos omitimos, abrimos brecha para ser tudo aquilo que os outros supõem de nós. Não o que somos de verdade. Precisa tomar rédeas da própria vida e se ditar, impor.”

“Vou tentar ser mais selvagem”, acrescentei um smile dando língua.

“Falar é muito importante. Cria pontes. Falar pode salvar vidas.”

“Você já ajudou a salvar a minha.”

“É... Coisas assim dão sentido a tudo. O fato de você existir também dá sentido a minha vida.”

“Eu e todos os seus pacientes”, intervi, querendo ser único.

“Não estou falando com todos agora. Precisamos de todos os tipos de pessoas. Os seres humanos, do mais bonzinho ao mais estupidamente ignorante, nos ajudam a fazer nossa história. Atrapalhando ou ajudando. É preciso olhar de fora, olhar com olhos de piedade. Quantas vezes odiamos pessoas porque não conseguimos ter piedade. É fácil odiar, odiar nos afasta. Ter piedade é chegar próximo e ver claramente porque algumas pessoas são tão pequenas. Sempre há uma explicação... Desculpe, estava realmente pensando em uma pessoa específica que, às vezes, eu tento entender.

“As pessoas são o que são. Não adianta muito fazer dos outros uma causa própria. Isso nos faz sofrer... Isso me faz lembrar uma ex. Parei de falar depois que terminamos. Ela me largou depois do acidente...”, contei-lhe, admirado de estar me abrindo tão facilmente assim.

“Não deixe que ela te tire o prazer da vida. Quando alguém vai embora deixando para trás, renegando, desprezando o que tínhamos de melhor, não se preocupe, você ainda tem. E pode oferecer para outra pessoa. Como as palavras, por exemplo. Entregue-as a outros. Não precisa ser no sentimento amoroso, íntimo. Falar é a melhor cura para si e para os outros. Ouvir também é importante.”

Andy pediu desculpas e disse que não poderia continuar a falar porque tinha um compromisso e mandou beijos.

Ela tinha muitas coisas que eu queria descobrir. Não era imbatível como se mostrava, nem tão forte como tentava passar.

Acho que toda sua fortaleza de palavras sábias e sorrisos era apenas uma armadura para algo interior muito frágil.

Não entendi de quem ela falava implicitamente no seu discurso.

Uma pessoa de quem tinha ódio, mas devia ter piedade. Será que era o dono da letra M no cordão em seu pescoço? Seria seu marido? Mas odiar com quem sem convive? Tantas perguntas.

Queria respondê-las. Eu sentia a cada dia mais sede dela. Isso me angustiava. Não poderia me envolver com uma pessoa casada e atrapalhá-la.

Só que o mesmo sentimento se transformava em necessidade quando tinha chance de

estar perto ou falar com ela. Isso se passava comigo por alguma dependência de paciente e fisioterapeuta ou era homem-mulher mesmo?

Como eu poderia descobrir e ter certeza da diferença? Procurava afastar o medo do que começava a sentir pensando que, na verdade, ninguém é de ninguém. Mas, será que eu estaria a altura de se interessar por mim?

Que viagem! Ela é casada! Não devia estar em processo de desgaste da sua relação. Devo ter entendido mal...



Eu começava a ficar ansioso para ir à fisioterapia porque poderia encontrar com Andy. Eu era um pêndulo entre a clínica e minha casa, querendo cada vez mais estar com ela.

Comecei a largar a clausura de lado. Para ter mais contato com Andy, precisava ser mais acessível.

O que ela acharia se eu comesse a falar? Ri da ideia. Provavelmente, teria um susto. Ela sabia o porquê de eu ter parado e suspeitaria também que a razão do retorno era a nossa convivência.

Meus pais ainda não haviam comprado as pernas mecânicas, por isso, eu tinha que ir a clínica de cadeiras de rodas. Mas, ficava sozinho lá, à espera da minha mãe vir me buscar.

Tinha 25 anos e era tratado como criança. Precisava logo me livrar dessa situação que, pela primeira vez me deixava inquieto. Agora eu tinha o que buscar, encontrara a minha causa. Porém, naquele dia tudo fora diferente. Andy não estava normal. Apareceu acompanhada de uma amiga que sentou por perto. Senti que naquele dia ela estava no papel de paciente vigiada.

Apresentou-me a mulher. Sorri e acenei.

— Vamos lá? — animou-me.

Olhei seus olhos vermelhos e o corpo ligeiramente vacilante. A amiga veio ajudá-la a me tirar da cadeira. Não precisaria de muito esforço para me ajudar, pois eu me apoiava bem com as mãos. Só que era ela que precisava de ajuda.

— Vou jogar água quente, ok? — explicou-me. Ligou o mecanismo que mirava jatos em minha perna. Entrou na piscina rasa e ficou com água nos joelhos.

— Você é linda, sabia? — falei-lhe.

Ela levantou os olhos. Sorri.

— Você bebeu? — perguntei.

Ela parece que não acreditou no que ouviu. Desligou a água e pigarreou. Apertava e fechava os olhos como se tivesse achando que via coisas... Fiquei preocupado.

— É... Vamos fazer outro exercício.

Toquei sua mão que segurava meu joelho. Andy levantou os olhos.

— Você falou? — Franziu a testa e riu de nervosismo.

Olhei sua amiga sair para falar ao telefone por uns instantes e voltei meu rosto para Andy.

— Não tem vergonha de beber assim? — perguntei.

Ela abriu a boca para ameaçar uma desculpa, passou a mão na testa e balançou a cabeça para os lados.

— Eu...? — Viu que não me convenceria do contrário. — Estou precisando de um bom banho — confessou timidamente.

— Já está em um — referi-me a piscina.

— Se pensar por esse lado.

— Por que veio trabalhar, então?

— Porque meus pacientes me esperam.

— E ninguém te esperou em casa ontem? — perguntei.

Ela balançou a cabeça para os lados e encolheu os ombros, como se a bebida fosse a única fuga.

— Sua voz é muito bonita — elogiou.

— E você também.

Não era só coisa de minha cabeça. Ela também sentia a atração. Quando se dá alguns passos a frente, não é possível recuar. Andy tinha deixado para trás a linha do profissionalismo. Era só uma mulher sentada na piscina rasa, falando baixinho.

— Quando acordar, eu não vou me lembrar de nada. — Abraçou o joelho direito e encostou o queixo.

— Mas, eu vou. — Estiquei o braço e puxei seu rosto para mim.

— Eu tenho que ir. Não dá para esconder que preciso descansar... — disse-me.

— Já que você não vai se lembrar de nada... — inclinei o rosto para o lado esquerdo e parei muito próximo da sua boca.

Olhei-a ainda nos olhos.

— Você vai me odiar depois... porque vou dizer... para para a gente esquecer isso... porque não pode acontecer de jeito nenhum... — falou sonolenta.

— Então, deixa eu aproveitar enquanto não é ódio. — Beijeí sua boca. Meus lábios umedeceram os seus frios. Senti um leve gosto de chocolate em sua língua. Sua touca mal colocada caiu e o cabelo despencou como cascata em seus ombros. Peguei-os com as mãos enquanto minha boca guiava a sua sem resistência.

Não havia ninguém naquele horário tão cedo por ali. Apenas nós dois. Mesmo assim, enquanto sentia tanto prazer com aquele beijo me preocupava com o fato de alguma supervisora sua nos visse.

Afastei o rosto sem conseguir parar de olhar para sua boca vermelha. Ainda sentia o gosto do seu beijo de chocolate. Andy realmente não estava preocupada com as consequências e puxou meu rosto para dar um beijo forte e intenso. Nossas línguas se movimentaram e senti muita excitação quando sua mão apertou minha coxa. Oh, Meu Deus. Isso não podemos, Andy! Nossa, como me sinto vivo e não quero parar de beijá-la.

3.

Não se pode ter tudo (Priscila)

A primeira vez que entendi que aquele romance não se passava só em minha cabeça foi em uma festa de casamento. Marcelo era o marido de minha melhor amiga, mas, já havia um tempo que ele se tornara meu pensamento fixo.

Ele me tirou para dançar enquanto Andy recuperava o fôlego bebendo algo no bar. Senti suas mãos flamejando em minhas costas. Os olhos brilhantes e os movimentos fortes, cortando o ar.

Meu corpo girava sob os comandos de suas mãos pesadas. Para mim, só havia nós dois sôfregos e exultantes tomando um instante como única chance de toque.

Meu coração era a bateria da banda, retumbando estrondoso de êxtase. Eu sentia a energia do contato como fio condutor de impulsos elétricos.

Nunca estive tão viva. Não quis que a música parasse, mas quatro minutos depois o céu caiu outra vez no chão. Ele soltou minhas mãos e me senti desolada, deixada perdida no deserto seco da minha solidão.

Na saída, Andy sorriu e me acenou ao lado do carro.

Eu sorri de volta, mas não tão feliz quanto ela.

Havia uma tristeza em meu coração por saber que, no fim, era ela que segurava seu vestido e entrava no carro.

Marcelo ainda ficou de pé, do lado de fora por poucos segundos. Um infinito de tempo necessário para ler no seu rosto um mesmo desejo.

Abri a porta do táxi e, antes de entrar, olhei-o mais uma vez.

Não havia o que fazer.

Entrei e vi pelo retrovisor que ele fizera o mesmo.

Segui sozinha para casa.

Meu marido estava viajando e eu podia curtir o prazer da casa silenciosa.

Sentada à bancada da cozinha, comendo uma salada, ouvi o telefone tocar na mesa do abajur. Deixei que caísse na secretária eletrônica.

Depois do sinal, ninguém falou.

Era ele! Só podia. Corri o quanto pude e atendi.

— Alô? — Não deu tempo de disfarçar a falta de fôlego.

— Oi, Priscila. É o Marcelo. Pela secretária, pensei que não tinha chegado ainda...

— ãnh, obrigada pela preocupação. Cheguei sim. E a Andy?

— Ah! Já dormiu. Sabe como ela é fraca para bebida.

— Hum, é verdade... — Deslizei o pé direito sobre o tapete peludo da sala para lá e para cá, esperando que alongasse o assunto. — E você? — perguntei sem saber o que dizer.

— Eu? O quê? — Riu.

— Nada.

Apertei os olhos e fechei os punhos. Que mancada!

— Eu... ãnh. Eu sou mais resistente. Estou tomando um vinho.

— É? — Deitei entre as almofadas.

A luz da sala estava apagada e só a luz amarelada do abajur iluminava o ambiente.

Não era só a cor dos fachos, o ar parecia dourado com sua voz ao meu ouvido. Experimentei a recordação sensorial de quando ficava com os meninos no colegial.

Com direito a emoção e o medo de estar em um território proibido. Não era certo fazer qualquer coisa estúpida para atrapalhar o casamento da minha amiga.

Eu só queria ouvi-lo mais um pouquinho. Foi neste gesto inocente que continuei:

— Qual o ano?

— Do vinho? 1988.

— Quê? — Fiz uma careta.

Com uma voz risonha de orgulho disse que era de uma garrafa de seis litros de Romanée-Conti que comprara pela bagatela de 50 mil dólares em um leilão na Christie's de Nova York.

Não contava isso com arrogância, mas uma simplicidade e vontade de impressionar a criança do outro lado deslumbrada.

— Não acredito que está com esta joia na mão!

Quase, por um triz, disse que não poderia beber sozinho.

— Por que pagar tanto por um vinho? — perguntei.

Ele ficou calado por um tempo.

— Há horas que já temos tudo. Aí precisamos provar com mais nitidez o sabor de coisas raras, difíceis de achar, preciosas... como as notas de um vinho.

Como ele!

Eu sabia que já tinha tudo que o dinheiro pode comprar, mas, me faltava o amor.

Como queria provar com a língua a sua com sabor de vinho. Mas, era só um telefonema e eu tinha que entender.

— Sabe, a garrafa mais cara do mundo foi vendida por 156 mil dólares. Disseram que ela pertencia a Thomas Jefferson. Tinha até o Th.J gravada no rótulo. Era um Château Lafite do ano de 1787.

— Esse cara aí tinha tudo mesmo, hen? — Ri.

— Descobriram depois que era falso, da década de 1960. Até os melhores vinhos podem ser falsos.

— Como tanta coisa falsa... — Fui reticente.

— Quer um dia falar de vinhos? A gente pode dar um pulo no Per Se.

— Onde é isso?

— Em Nova York. O melhor restaurante de lá. Nem com um mês de antecedência se consegue uma reserva... — observou.

— Isso é uma brincadeira, né? — falei brava.

— Não. É só uma ponte aérea.

Fiquei em silêncio.

— Vou desligar — falei baixinho.

— Desculpe se...

— Ok.

— Precisamos desligar.

— É, precisamos... — desligou.

Larguei o telefone como quem se livra de uma bomba.

Eu estava muito perto de explodir a fina película da bolha que me separava do mundo de Marcelo. Era tão abominável quanto atraente. Abracei-me a almofada e fechei os olhos.

Como posso ter esse desejo tão vil?

Era só uma ponte aérea, ouvi sua voz na minha cabeça. Era uma ponte para um

segredo muito difícil e pesado de guardar.

Dois dias depois, chegou à minha mesa de trabalho pelas mãos de minha secretária uma caixa dos Correios.

Abri. Dentro, havia uma pequena garrafa de vinho em miniatura. Ao seu redor, um bilhete de avião amarrado a uma fita vermelha.

Uma carta sem assinatura dizia:

“Uma vida inteira pode ser de um lado do rio. Mas é preciso só um motivo para querer atravessar a perigosa ponte que conduz ao desconhecido. Podemos nos arrepender de tudo que fazemos porque fazemos. O que não nos arrependemos jamais saberemos o gosto. Provemos.”

Levantei com a garrafinha na mão.

Olhei os prédios através da parede de vidro da sala.

O erro é uma mina, você sabe que ela está perto, mas acha que pode ainda andar um pouco mais.



Eu estava com a testa apertada contra o braço, a cabeça enfiada no tampo da mesa. Não queria ver o mundo. Estava cansada, chateada, perdida. O telefone tocou e me fingi de surda.

Mas, quem ligava sabia que eu devia estar ali, pois não desistiu. Deixei-me vencer e atendi:

— Alô, dona Priscila? É da portaria. A candidata ao estágio chegou — disse o porteiro.

Pensei em pedir que voltasse, mas, já havia desmarcado aquele encontro outras vezes. Era hora. Deixei que subisse. Voltei a enfiar a cabeça nos braços e quase ameacei dormir.

Lembrei-me da obrigação e respirei profundamente. Levantei, me olhei no espelho do pequeno banheiro da sala. Estava com uma grande rodela vermelha na testa. O que diria? Estava rezando com a testa no chão?!

Molhei com um pouco de água. Estranho como a gente pensa que água cura tudo. Demorei um tempo para poder desaparecer a marca. Não tinha como enrolar mais, abri a porta e percebi que os olhos da moça se fixaram no topo do meu rosto.

— Oi. — Apertei sua mão e me virei logo de costas, em direção a minha mesa, não queria ser encarada. Abri rapidamente a pasta com seu currículo que me trouxera. Abaixei a cabeça para chamar menos atenção para o círculo vermelho na testa. — Você foi vendedora,

não é mesmo?

— Sim, na loja de uma tia...

— ãnh. Fala línguas?

— Um pouco de inglês.

— Bom, você está por indicação de uma amiga fisioterapeuta.

— Eu sei. Ela é médica do meu irmão.

— Isso. Então, eu vou entrevistar outras pessoas, assim como estou fazendo com você.

— Claro. — Sorriu a garota.

— Então, me fale sobre você. Tão nova querendo um emprego.

— Eu preciso. Estou em uma escolha que tem segundo grau técnico em administração. Como quero prestar vestibular para direito, queria conseguir alguma coisa que aliasse essas duas áreas.

Ela era bem articulada e bonita. Contou-me um pouco da sua escola, das habilidades e experiências. Não quis mais torturá-la com perguntas. Agradei por ter vindo.

— Olha, eu vou te retornar nesse telefone aqui que você escreveu e te digo o resultado.

— ãnh, tá. — Ela levantou-se e saiu.

Abri a porta para ela e fiquei na soleira até descesse pelas escadas. Os outros funcionários continuavam trabalhando em suas baias. Era um lugar agradável de se trabalhar. Mas, hoje, minha cabeça não conseguia se concentrar nem à força em trabalho.

Eu só pensava em Marcelo fixamente depois da viagem a Nova York que fizemos. Aquilo não podia ter acontecido, ao mesmo tempo, era a lembrança mais vibrante e cheia de cores que eu tinha para recordar.

Estar apaixonada é assim: não adianta fugir porque a pessoa não sai da sua cabeça. Você precisa pensar nela para ter força para esquecê-la, mas não consegue. Para se curar do veneno com o próprio veneno é preciso da dose certa. Só que os apaixonados são aqueles que se embebedam. Não tem medida e por isso metem os pés pelas mãos. Tudo que querem é subverter a ordem, o que é certo para provar do prazer, mas não querem se arriscar a perder o controle.

O vício se torna tão intoxicante que você acredita que o melhor a fazer é se entregar. Mas os pensamentos lascivos não serão iguais na realidade... Podem ser tão melhores quanto pior que a destruição que se segue.

O telefone tocou e era Marcelo, lendo meus pensamentos:

— Vamos sair hoje?

— Hoje não estou bem, não estou conseguindo trabalhar...

— Ótimo, então, vamos sair agora — propôs.

Fiquei calada, apenas respirando próxima ao fone. Eu dizia que ia parar, mas não conseguia. Essa seria a última vez. Aceitei. Marcamos. Precisava ter coragem de largar. Mas, como todo vício, é difícil fazê-lo sem provar antes, nem que para ser o ponto final.

Marcelo tirou do bolso um saquinho de pó branco. Repeti que não queria usar drogas.

Eu não participava daquela sua diversão. Falei que iria embora. Ele, então, guardou de volta e perguntou se era, por isso.

Falei que não me importava, que o problema era algo maior: nós. Então, riu, disse que estava tudo sobre controle.

Continuei séria e expliquei que não dava mais. Quando percebeu que eu falava sério, levantou-se da cama e me segurou com força pelos braços.

Eu lhe disse que foi bom enquanto durou, mas que na minha vida eu não ia aceitar nada menos que a felicidade. Naquele instante senti-me bem por recuperar o meu orgulho e perceber que era possível sair dessa.

Abri a porta e sai, livre. Liguei para minha amiga. Comentei que entrevistei a irmã do seu paciente Felipe e que gostei da garota. Ela ficara muito feliz com a notícia e eu também por ver que não tinha abalado nossa amizade.

Convidei-a para sairmos, cheia de culpa.

Bebemos como nos velhos tempos e nos divertimos. Acho que eu mais ainda, por saber e guardar aquele segredo. Quando amanheceu, ela cismou de ir à clínica.

Deixei-a na piscina com um paciente e fui ao banheiro. Ao voltar, tomei um susto com a cena que vi.

Andy estava beijando o tal Felipe!

Como assim?!

Se ela destruísse seu casamento, provavelmente Marcelo correria atrás de mim e, definitivamente, eu não achava mais que me faria bem romper a amizade com a minha amiga que descobriria tudo.

Se ela quisesse se separar por motivo de traição, Marcelo poderia jogar na sua cara que fizera isso primeiro e, comigo. Para o espaço minha amizade com ela.

Confusa, sem saber em quem pensava primeiro, se em mim ou se nela, chamei-a pelo nome. Os dois se assustaram.

— Andy, está na hora de irmos — anunciei e peguei a toalha em cima de uma mesa.
— Vamos agora!



Duas gotas de *Escape* Calvin Klien entre os seios. Em um vestido vermelho e num salto 15, estava perambulando aflita pelo quarto do hotel. O telefone toca e a atendente diz que uma visita me aguarda na recepção. Disse-lhe que desceria imediatamente.

Devia ser Marcelo! Senti um frio cortar a espinha e tive vontade de dar pulinhos de exultação. Como eu podia bancar a ridícula? Desci o mais rápido que pude e encontrei um homem parado no salão, junto ao sofá. Contemplava o jardim do hotel.

Pela segunda vez fizemos aquela viagem proibida para os Estados Unidos a fim de vivermos nosso último encontro.

— Oi. — Abri um sorriso.

A pessoa que se virou me transformou em uma estátua de gesso quando o reconheci. Eu era uma pedra e meu coração um gelo. Não havia sinapse para montar qualquer palavra monossilábica. O que ele fazia ali em Nova York? Melhor: o que ele fazia ali justo quando eu também estava na mesma cidade?!

Era nada menos que Luis, meu archi-inimigo em dezenas de processos. Parecia armação a quantidade de vezes que nos encontrávamos frente a frente no tribunal. Porém, ultimamente eu desconfiava de sua perseguição. Eu virara seu desafio em que podia apostar.

— Uau. Tudo isso é para o seu marido? — Ele manteve as mãos no bolso e o sorriso mais desmerecidamente lindo e branco, emoldurado por uma barba rala quase pecaminosa. O que tinha de lindo tinha de... malvado.

— Não sabia que cruzava a América para caber na minha agenda. — respondi, ríspida, gesticulando com a pequena carteira brilhosa na mão.

— Como pode ser tão convencida? — Se aproximou com os olhos semi cerrados. Vestia jeans azul-escuro e um blazer branco com camisa da mesma cor. — Eu daria todo meu dinheiro ganho nos processos que venci de você só para... — Esticou o dedo para tocar em um dos cachos das pontas do meu cabelo por cima do ombro, feitos com muito cuidado pelo cabeleireiro.

— Não chegue perto de mim. — Apontei o dedo indicador em ameaça.

— Tudo bem, selvagem. Gosto de você assim, é o meu lado preferido.

— Arghhhhh... — Andei dois passos.

— Cuidado por onde anda... — falou.

Virei-me e o vi encostado em uma pilastra, em uma pose de raposa, de lado.

— Eu tenho que tomar cuidado é se ficar aqui com você mais um segundo porque posso esganá-lo com minhas unhas em seu pescoço até verter tanto sangue que chegue a morte.

— Que cena passiona! — Riu.

— Arghhhhhhh.... — Dei um grunhido e revirei os olhos.

Subi rapidamente a escada que levava para o interior do hotel. A ansiedade de ver Marcelo foi substituída pela raiva de ter encontrado Luis ali. Isso só pode ser coincidência de mau gosto dos anjos lá de cima, fazendo arte com nós mortais aqui em baixo. Agora, em vez de ter a voz agradável de Marcelo em minha memória, tudo de que conseguia lembrar era daquele irritante, ridículo, inescrupuloso, vil, imbecil, e, e, e, e mais, um *bárbaro* do Luis. O que poderia fazer para parar de ver seus olhos verdes rindo de superioridade aqui dentro da cabeça?!

Tomei um drinque no bar do hotel. Uma bebida quente poderia ajudar a desfazer daquele feitiço de mau gosto que concentrava todas as minhas energias na rivalidade que tinha dele.

Sozinha ali, comecei a ter mais pensamentos racionais que irracionais. A bebida não surtia o efeito que devia. Refleti sobre as circunstâncias malucas e perigosas em que estava metida. Imagina o escândalo de ser pega traindo meu marido com o marido da melhor amiga? Tudo isso elevado a milionésima potência dos jornais e revistas. Pensei mais a fundo e conclui que nada disso seria pior que um único detalhe: a traição de uma amizade.

Eu estava hoje onde estava porque uma amiga a todo instante me apoiara em tudo. Em uma amizade não devemos esperar que tudo seja fácil. É preciso uma cota de sacrifício. Como eu podia me levar pela paixão e apunhalar minha melhor amiga pelas costas?!

Naquele momento, comecei a me sentir mal com o cheiro do perfume, a roupa se tornou apertada e incomoda. Passei a mão na nuca, respirei, bebi mais um pouco.

— Começou sem mim? — Ouvi uma voz.

O frio na barriga se repetiu. Como pode nosso coração ser tão antiético e não respeitar o que é certo? Engoli em seco e me virei lentamente. Marcelo sorriu e se aproximou do balcão do bar.

— A recepcionista me disse que estava aqui. — Afastou o cacho de cabelo das minhas costas e seus dedos deslizaram por minha pele.

— Garçon, o mesmo que o dela — pediu. — Então, quero beber dessa fonte. — Brincou.

— Você não fez reservas? — perguntei, querendo logo ir para o restaurante.

— Temos uns dez minutos ainda, mas, se quiser... — Olhou o relógio.

— Tudo bem.

Ouvi o celular vibrar na carteira. Abri-a e tirei-o. Uma mensagem de um celular desconhecido. Franzi a testa. Na mensagem, uma foto. Engoli em seco. Nas minhas mãos, havia a imagem de Marcelo falando perto do meu ouvido.

Olhei para trás, vendo de onde aquela foto pode ter sido tirada. Só podia ter sido daquele homem das cavernas ridículo! O que faria? Denunciar-me-ia?! Não, ele acharia a melhor oportunidade. Esse tipo de homem não perde o momento certo.

— Que foi? Viu alguém? — perguntou.

— Nada.

— Parece que está procurando uma pessoa...

— Podemos ir? — Fechei a carteira e me levantei.

— Claro.

O jantar foi uma droga. Quero dizer, a comida era perfeita, o lugar lindíssimo, Marcelo estava elegante, engraçado, charmoso e eu me sentia o pior ser do mundo! Pedi licença para ir ao banheiro. O celular tocou de novo.

— O que quer agora? — Gemi e abri a carteira. Não era outra mensagem de Luis, era Andy ligando pelo Whatsapp. Atendi: — Alô?

— Oi, querida! Te liguei e soube que está viajando! Como vai a Nova York e não leva minha lista de pedidos! — Riu alto.

— O que quer? Diz que compro — falei com voz baixa.

— Estou brincando, na próxima anoto. Como está? Me parece cansada. Trabalhando muito por aí?

— Um pouco — respondi com um peso de toneladas na consciência. — E você? O que está fazendo agora? — perguntei, olhando-me no espelho do banheiro.

— Sozinha aqui... — Suspirou. — Estava conversando com um paciente. Parei um pouco para te ligar, saber se queria sair.

— O Marcelo não está com você? — perguntei, completando minha crapulice. Na verdade, queria saber qual a desculpa que dera.

— Viajou. Aliás, vocês dois não poderiam viajar na mesma época, assim, eu fico sozinha — reclamou como menina desamparada. Quis entrar no celular e parar no sofá de sua casa com uma bacia de pipoca para vermos um monte de filmes açucarados na televisão.

— Desculpe...

— Que isso, boba! Estou brincando! Você está tão emotiva. Nova York faz isso, né?

— É. — Ri. — Se estivesse aqui iríamos fazer muitas compras...

— E se estivesse aqui iríamos ver filmes. Lembra de quando a gente era jovem?

— Hei, ainda somos — lembrei-a.

— Sabe que me sinto muito velha conversando com esse paciente?

— Hum... Está se envolvendo, né, mocinha?

— Não! É só um papo cabeça...

— Começa assim.

— Sei lá. Sabe que não sou disso.

Eu sabia. E, justo por isso, não poderia mais fazer nada contra aquela amiga maravilhosa.

— Querida, preciso desligar. Nos falamos quando eu chegar.

— Beijo.

— Beijo.

Fechei o aparelho e desliguei. Antes de guardar, ele vibrou novamente. Uma mensagem de foto. Era uma imagem de Marcelo sentado sozinho no restaurante.

— Como eu te odeio! — Guardei o celular.

Parei na mesa, em frente a Marcelo.

— Já estava preocupado.

— Eu preciso te falar uma coisa. — Bebi o restante do meu vinho.

— Fale.

— Desculpe ter te feito vir aqui, desculpe ter levado tudo a esse ponto. Desculpe, desculpe, mas, se eu gosto de você, eu amo a minha amiga. Eu posso trair o meu marido com qualquer homem, eu posso trair até a mim mesma. Mas, não se trai a única pessoa que te entende. Desculpe...

— Ok. — Ele falou seco, abaixando a cabeça e mexendo no guardanapo.

— Eu preciso ir.

— Eu te levo.

— Não precisa — dispensei. — Ah! Marcelo — chamei-o. — Às vezes, achamos que temos tudo e procuramos experimentar o impossível. Mas, existem certas coisas que nunca foram feitas para termos.

Sai do restaurante com falta de ar. Respirei fundo, estufando o peito apertado no vestido. Estava prestes a desabar em choro. Limpei os olhos que tremiam as pálpebras. Foi

preciso muito esforço para controlar o coração.

— Uma carona? — Ouvi uma voz.

Revirei os olhos e virei o rosto para o lado. Era Luis, apoiado em um carro.

— Eu vou para o hotel também. — Encolheu os ombros.

4.

Liberdade forçada (Andy)

Sai da clínica um pouco desnorteada. Pensava na confusão que estava me metendo em ter beijado meu paciente. Atravessei a rua e caminhei até meu carro.

Antes de entrar, vi Felipe do outro lado pegando um táxi. Ele também parou para me olhar.

Abaixei a cabeça e entrei.

Fechei a porta e apoiei o cotovelo na janela aberta.

O pior de tudo é que eu tinha gostado muito de experimentar o seu beijo e carinho. Suas mãos afagando meu cabelo era tão bom!

Só que não podia esquecer o quanto aquilo era errado! Eu devia me focar no meu casamento. Quem sabe não estava na hora do primeiro filho? Eu tinha que me concentrar na minha família!

Liguei o som do carro e segui rumo ao meu apartamento convicta de que esqueceria Felipe.



À tarde, abri os olhos e vi a luz nas frestas da cortina. Senti os lençóis sobre mim e me dei conta de que estava no meu quarto. Tentei buscar dentro da minha cabeça pesada uma última imagem que servisse de referência temporal. Continuei ali forçando, mas, nada. Decidi procurar fora de mim a resposta. Abri os olhos e vi o relógio marcar três horas da tarde.

Passei a mão na testa. Por que eu estava naquele estado?

— Felipe! — falei quando seu rosto foi trazido pela memória. Pelo que eu lembrava havia o beijado. Isso não podia ter acontecido! Será que estava dormindo e tudo não passou de um sonho?

Liguei para Priscila. Agora tudo se tornava mais claro e eu lembrava que tinha saído com ela para beber. O telefone chamou várias vezes até que atendeu.

— Está em casa? — perguntei.

— Acordou? — Ela riu.

— O que colocaram na minha bebida? Boa noite Cinderela!?

— Não tenho culpa que você ficou fraca para beber! — Riu.

— Tem como vir aqui? — pediu.

— Tem sim. Vou levar um litro de café para você.

— Dois, por favor. — Desliguei.

Enfiei a cara no travesseiro e dei uns soquinhos com os punhos fechados.

Quando Priscila chegou, eu estava na sala de roupão e cabelo molhado.

— Uhu, a noite foi boa, hen? Quem foi a amiga que te levou para o mal caminho? — ironizou e se jogou entre as almofadas.

— Priscila, o que eu fiz?

— Essa boa, eu é que vou saber? Você que bebe e eu...

— Não aconteceu *nada*?

— O que aconteceria?

— Ufa. Que alívio! Eu jurava que tinha... — comecei a rir. — Já teve alucinações depois de uma brutal ressaca? Acredita que... — Abaixei a voz e inclinei o corpo para frente. Marcelo não estava em casa, mas não queria que a empregada ouvisse. — ... Sonhei com um dos meus pacientes. Pior, que eu o estava beijando... — Terminei de rir com uma descarga de alívio. — Me senti até melhor agora por ver que foi só sonho!

Gritei para que me trouxessem uma xícara de café.

— Andy... — Priscila me chamou e esperou que minha empregada fechasse a porta da cozinha. — Preciso te dizer uma coisa... Uma hora saberá...

— Fala! — Dei um gole no café. — Nossa! Como está forte! — reclamei.

— Você beijou *mesmo* seu paciente.

— Ân? — Franzi a testa.

— Não foi um sonho! Aconteceu de verdade.

— Como assim? Não pode ser!

— Você não vai lembrar, estava bêbada....

— Mas, como eu estaria na clínica bêbada?

— Você me pediu para te levar lá!

— Quê?! Não!

— Pois é. Bêbado sempre mete os pés pelas mãos... — criticou.

— Por que me levou até lá?!

— Hora! Você implorou! Se não te levasse iria sozinha! Não brigue comigo. Quem beijou o rapaz foi você!

— Ai meu Deus! O que eu fiz *exatamente*?

— Eu fui até o banheiro e quando voltei vocês estavam se beijando.

— E agora?

— Finge que não foi nada, que não lembra de nada. Ele não tem metade da perna, mas não é burro, seu cérebro está completo. Percebeu logicamente que estava bêbada! Vai supor que você esqueceu. Se faz de desentendida.

— Mas, coitado do Felipe, respeito seus sentimentos...

— Não há outra saída.

Ela tinha razão. Ao mesmo tempo, era desumano fazer isso com Felipe.

Quando Priscila foi embora forcei a memória e consegui me lembrar um pouco mais do que tinha acontecido.

Bateu arrependimento por saber que isso me traria problemas no casamento e na vida profissional pela falta de ética. Ao mesmo tempo, eu sentia ansiedade em vê-lo outra vez.

Não adiantava adiar, a hora da próxima consulta chegaria. E lá eu estava arrumando os materiais, quando ele chegou bem antes do determinado.

— Está melhor? — Ouvi uma voz grave atrás de mim.

Engoli em seco. Deixei alguns pesos caírem da minha mão. Me agachei novamente para pegar e, quando me virei, estava ofegante e com o cabelo no rosto. Afastei os fios e senti que minha veia do pescoço pulsava tão forte que ele poderia ver.

— Oi... — Sorri. — Nossa, você... — Olhei-o já com as pernas mecânicas em pé, fora da cadeira de rodas e percebi que era um pouco mais alto que eu. — ... está andando! Quanto tempo a gente não se vê?

— Eu quis te fazer essa surpresa. Falta melhorar um pouco! Ainda sinto que vou cair como um bebê. — Riu e vi seus dentes brancos.

Ai, meu Deus, eu beijei Felipe e deixei meus desejos falarem mais alto! Sim, claro, que eu estava gostando mais do que devia dele. Mas, não podia ter perdido o controle.

— E está falando! — observei.

— Mas, da última vez eu também falei... — Ele parou de falar e me olhou com uma interrogação de suspense na voz.

— Última vez? — Apertei os olhos para lembrar.

Pronto, já estou começando o papel de cretina e não gosto disso.

— Eu imaginei que não ia... Esquece.

— ãnh? — Ainda me fiz de desentendida.

— Nada, não foi nada.

— É... vamos começar, então. — Caminhei até as barras paralelas e me esqueci que agora ele podia andar, ao me virar dei de cara com ele. Desviei o olhar. — Você pode se apoiar com as mãos aqui enquanto caminha. — Instrui.

— Podia ter essas barras por aí. — Felipe brincou.

Na outra ponta das barras fiquei admirando-o vir até mim. Estava bonito de blusa branca e cabelo molhado. Não tinha observado com tanta atenção como seus braços eram fortes.

— E aí? Que nota dá? Não foi uma Poli Position, mas não vou largar em última posição — falou animado e, nunca havia visto aquele brilho incandescente em seus olhos. Tinha sido eu a responsável?!

— Está indo muito bem — elogiei e pensei que ele talvez estivesse duvidando se de fato eu tinha esquecido ou me fazia de desentendida. Não queria que pensasse mal de mim. — É... — Tentei começar qualquer confissão, mas quando foquei nos seus olhos a só alguns centímetros, as palavras se embaralharam em minha cabeça. — ... Não tem corrimão para a gente falar quando não consegue. — Ri, sem graça.

— Não fale... Está tudo bem, Andy — disse e pôs sua mão direita sobre a minha esquerda apoiada no ferro.

Ele olhou para a porta para se certificar que estávamos mesmos sozinhos. Será que chegara tão cedo para ter aquela oportunidade.

— Eu não posso — disse-lhe e ele fez um carinho no meu cabelo, afastando-o com a outra mão que não segurava a minha.

— E quem te proíbe?

— As circunstâncias.

— Claro. Eu imaginei. — Ele abaixou o rosto.

— Hei! Não tem nada a ver com você! É comigo!

Estiquei a mão para tocar seu rosto e ele não esperou mais nada. Beijou-me outra vez. Eu dei um passo atrás e ele a frente. Segurou-me com as duas mãos e me encostou nas barras.

Envolveu-me com seu corpo sem que eu pudesse (ou quisesse) me desvencilhar.

Tentei resistir ao seu beijo, mas, era quente, doce e forte. Sua temperatura subiu e podia senti-lo suar. Perdi todo o fôlego. Afastei meu rosto para trás. Olhei-o ofegante, engoli em seco.

— Não podemos, entendeu?

— Entendi. — Ele se afastou e se apoiou na outra barra. — Mas, agora você não vai esquecer. Não dessa vez, que está sóbria.

Peguei o prontuário e fui para minha sala muito mexida. Ele fizera aquilo com raiva por eu ter fingido que não se lembrara do nosso beijo quando eu estava bêbada? Seja lá qual fosse seu objetivo, eu tinha metido os pés pelas mãos. Pior, as mãos pela boca!



Voltei para casa me sentindo culpada. Como fui trair meu marido? E mais trágico ainda: como posso estar gostando do beijo de um paciente?

Na portaria, vi um carro de polícia. O que será que havia acontecido? Um assalto, uma briga de casal, um assassinato? Minha curiosidade se aguçou. Subi a rampa e o porteiro parou perto da porta do meu carro.

— Por que esses policiais estão aqui? — perguntei curiosa com a janela abaixada.

— Senhora, eles querem falar com *você*.

— Comigo?! — Engoli em seco. — Sobre o quê?

O policial se aproximou e se identificou. Franzi a testa e pedi que me explicasse o motivo de me procurarem. Tentei não parecer alguém que estava bêbado no dia anterior, nem de ressaca. Fiquei mais ereta e com ar de boa praça.

— Poderia estacionar na vaga de visitante? — pediu visto que outros carros estavam querendo entrar e passar pela rampa.

Estacionei e sai. Virei o ponto de curiosidade e todos começaram a pensar que vieram me prender por algum delito.

— A senhora é esposa do senhor Marcelo pelo que me informaram...

— Sim, sim — respondi ao policial.

Em que coisa errada ele tinha se metido!? Será que confiscariam nossos bens, nos colocariam na cadeia, viraria noticiário...?

Engoli em seco.

— Senhora, o seu marido foi encontrado *morto* em um motel, ontem à noite.

Senti que alguém deu stop e o mundo parou. Não consegui ouvir mais nada. O homem

me mostrou uma foto do corpo e eu vacilei. Encostei-me no meu carro.

A chave escorregou da minha mão e caiu no chão.

— Senhora? — O homem segurou meu braço. — Pode chamar alguém para ajudá-la.
— O policial perguntou ao porteiro.

— Claro, vou interfonar para a amiga dela que mora aqui no prédio, a dona Priscila.



Seu marido morreu.

A frase ganhou várias entonações na minha cabeça. Grave, abafada, aguda. Vi as pessoas fazendo uma ciranda a minha volta, mas não conseguia definir seus rostos.

Estavam esfumaçados.

Minha nuca começou a adormecer e parei de ter sensibilidade nas mãos, que gelaram. Eu estava morrendo também? A agonia foi tomada por um silêncio, nuvens brancas, fumaça e escuridão.

Acordei com uma mão segurando a minha.

Era Priscila.

Eu estava deitada no meu quarto. A luz forte entrava pela janela. Apertei os olhos.

— O que aconteceu? — perguntei, me sentando rapidamente.

— Você desmaiou. Vai ficar tudo bem. — Ela tinha a voz embargada e o queixo trêmulo.

— O que aconteceu? — Eu me referia a algo maior que meu desmaio.

— Você vai ser forte, eu sei. — Afagou meu cabelo.

— Não pode ser... — lembrei-me das palavras do policial sobre a morte de Marcelo.
— É mentira!

— É só uma fase de negação e desmaio, mas, terá que deixar a ficha cair, seu marido morreu, Andy... — explicou-me com paciência.

— Não! Não! — Levantei-me assustada.

— Tudo bem, tudo bem. — Ela me segurou quando meu corpo vacilou novamente. Fiquei tonta com o movimento brusco. A gravidade pareceu-me mais forte que o costume.

— Não. O que será de mim?! — perguntei, chorando. — Priscila forçou-me a deitar novamente. — Eu não sei se vou sobreviver! Eu vou ficar desamparada — comecei a falar muito rápido, apavorada.

— Você vai ser a mesma de sempre. — Ela falou alto, bem perto do meu rosto, segurando a minha cabeça com as duas mãos. — Você vai ser a mesma de sempre... — Engoliu em seco. — Porque sempre esteve sozinha. Sempre. Então, vai levantar e lutar. Estou com você.

Aquelas palavras duras e suas mãos agarrando meus punhos com força me calaram. Meu corpo parou de se debater e, eu, finalmente me acalmei.

— Você vai se sair muito bem. — Beijou minha testa e fez um carinho no meu cabelo para os lados.

— Onde estão os policiais? — perguntei.

— Eu cuido de tudo. — Ela encostou o queixo na minha testa e a beijou mais uma vez.

— Como sempre... — sussurrei.

Priscila ficou no meu lugar por vários dias, tomando todas as providências sobre o velório, sepultamento e entrevistas.

Eu fiquei frágil, quieta e recolhida na minha cama. Se sai de lá foi só para ver Marcelo no caixão, não fui eu, só meu corpo, levado pela inércia e amparado por Priscila.

Ela se mudou para minha casa esses dias e esteve ali para quando eu levantasse. Apareci na porta da sala de camiseta e calcinha, pé no chão e cabelo amarrado em um coque.

— Como está? — perguntou.

— Como uma rodela de abacaxi no liquidificador que perdeu a consistência e não lembra em nada a forma anterior...

— Nada, está linda como sempre! — Sorriu.

Sentei no sofá.

— Ele estava em um *motel*... — comentei pela primeira vez.

— Acho melhor não tentar lembrar, não vai ser bom para você.

— Ninguém vai a um motel sozinho... — observei. — Ele me traia, Pri.

— Andy, não faça isso consigo mesma... Tente...

— Quem era essa? Quem era essa que me roubou tudo? — perguntei com amargor frio.

— Do que está falando?

— Eu estive aqui. Sozinha, como você disse. Mas essa amante o tinha? E agora? Qual das duas é mais infeliz? — falei com certa ironia.

— Eu acho que isso tudo mexeu demais com você...

— Eu quero saber quem era ela — confessei.

— Para quê? O que vai ganhar com isso? — irritou-se com minha decisão.

— Eu quero olhar para ela — justifiquei.

— Não, não vou deixar que se exponha a isso! — intimou.

— Eu quero matá-la! — falei entre os dentes.

— Andy! — Deu um grito.

— Eu quero esganá-la! E só sossego quando fizer isso... — Fechei os punhos com força.

— Ele já está morto, não precisa mais se vingar. O culpado de tudo foi ele! Se quer saber, a polícia disse que o motel relatou que Marcelo chegou com uma prostituta e, depois, ficou lá sozinho se drogando. Ele morreu de overdose. Agora está livre disso, Andy! Seu marido não lhe dava bola e a fazia muito infeliz! Era um drogado que te traía. Nenhuma mulher merece tão pouco! Desculpe, é a verdade. Espero que ele descanse em paz...

— Nunca fui presa — consertei, mas sabia que estava certa.

— Não? — Levantou as sobrancelhas.

— Estou perdida. Tem mais daqueles comprimidos que me deu? — pedi.

— Não. Não pode mais tomá-los como jujuba. É hora de parar e encarar a vida.

Fiquei olhando para frente por um tempo.

A campainha tocou. Minha empregada abriu. Era o advogado de Marcelo. Ele apertou a minha mão e sentou-se no outro sofá. Era um homem magro e careca. Vestia um terno cinza e tinha dedos longos.

— Eu sei que é um momento difícil para a senhora.

— Ok — interrompi.

Ele abriu a pasta e tirou algumas folhas.

— Seu marido fez um testamento há dois meses.

— Testamento? — Olhei para Priscila.

— Ele deixou para senhora uma parte. Mas, devo revelar que fez um grande depósito em outra conta em nome dessa mulher. Ela tem a senha dessa conta no exterior. Tenho muito respeito pela senhora e acho que deve saber... Se quiser entrar numa briga na justiça...

— Não pode ser... Eu vou reivindicar tudo isso. Eu sou a esposa.

— Eu sei. — Ele me olhou com pena. — Posso voltar outra hora para levantarmos o que for necessário. Esse é o meu cartão.

Ouvi quando Priscila pediu que eles se falassem em seu escritório no dia seguinte para tratarem de tudo. Depois, ela apareceu na porta do quarto.

— Agora vai me impedir de encontrar essa filha da mãe que se meteu em meu caminho? — perguntei.

5.

Paixão é fast-food (Priscila)

Sentei no sofá da minha casa e fiquei paralisada por alguns longos minutos. Eu estive no piloto automático enquanto tomava todas as providências a respeito do enterro de Marcelo. Foram dias extenuantes para mim, mas parecia que só agora a ficha caía.

Passei as mãos no rosto e respirei profundamente. Se não bastasse fingir que não sentia o que sentia, ainda tinha que lidar com as novas notícias: Andy queria matar a rival, no caso eu; Marcelo deixara uma parte da herança em dinheiro numa conta para mim, fato esse que dava mais força para Andy levar a cabo sua ideia de acabar comigo. Que incrível estava minha vida agora!

Marcelo não podia ter feito isso! Não, *comigo*!

Não combinamos coisa alguma. Marcelo estava muito descontrolado e supôs que poderia morrer qualquer hora de tanto se drogar.

Ele sabia que Andy me contaria sobre a herança deixada para outra mulher. Isso seria a indicação de que eu deveria pegar o que era meu. Mas que diabo de senha era aquela?

Fechei os olhos e tentei puxar na memória todos os números ou combinações que usávamos. Uma luz raiou no meu cérebro: a senha do nosso e-mail! Nós dois tínhamos um endereço em comum. Seria essa a combinação? Mesmo que fosse. Eu não podia tocar em nenhum centavo. Não era certo com minha amiga. Ela é que tinha direito a tudo. Nunca a deixaria na mão. Só que era preciso me afastar um pouco. Estava me desgastando demais. Não só por dar toda a minha força a ela, mas por fingir que não sabia de tudo. Andy não sossegaría enquanto não descobrisse o nome e endereço da outra.

Começava a me arrepender amargamente de ter me metido naquela aventura. Não imaginava que teria consequências tão grandes. Eu não era culpada pela morte de Marcelo. Ele mesmo tinha se condenado àquele buraco sem fundo das drogas. Mas, ter ido para cama com ele me fez me sentir muito culpada. Minha consciência não me deixava relaxar.

Tive que pagar muito dinheiro para o rapaz do Motel dizer aos policiais que a câmera de segurança não estava gravando porque estava quebrada. Isso me custaria vender joias e outros pertences para quitar aquele cheque.

Ainda tinha deixado Marcelo vivo dentro do quarto arrependida naquela noite. A primeira coisa que pensei foi negociar com o dono do lugar. Eu pressentia que ia dar problema. Que bom que fui racional e consertei o problema da captura da minha imagem antes do desastre todo acontecer.

Minha tranquilidade durou pouco, pois, o dono do Motel me ligou para pedir mais dinheiro. Eu disse que já tinha dado o suficiente. Então, me informou algo que me fez congelar. Um tal de “Luis”, meu aqui-inimigo, havia o procurado com mais dinheiro.

Comecei a chorar, pois, não havia como superar o valor que Luis lhe propusera. Eu sei que seu objetivo não era revelar as imagens, mas, me ter em suas mãos.

Solucei sentada no tapete da minha sala.

Eu estava condenada ao inferno.



Pedi para me anunciarem para Luis.

Balancei o pé de nervoso. Não acreditava que estava ali o procurando. Já podia imaginar sua cara franzida de surpresa ao ouvir que eu queria falar com ele.

Subi pelo elevador e sua secretária abriu a porta para mim.

Ele não se levantou, olhou-me sério, depois, formou-se uma curva no canto da boca, um quase riso de ironia.

Esticou a mão e indicou que eu sentasse.

— Você deve saber por que estou aqui — falei-lhe.

— Se for para pedir que eu desista do caso do hotel que está sendo construído na frente de um condomínio na Beira Mar...

— Não seja *ridículo*.

— Eu soube que te tiraram do caso — comentou e balançou a cabeça para os lados.

— Os acontecimentos me deixaram sem tempo, eu mesma pedi para sair.

— Entendo... Então?

— Como, então? Você acha que eu sou idiota?! Você sabia que eu tinha me encontrado com Marcelo em Nova Iorque.

— Eu não falei nada para ninguém, falei?

— Eu sempre me perguntei até quando guardaria esse segredo! Agora sei que você está prestes a fechar tudo com chave de ouro!

— Nunca te vi tão descontrolada! E olha que ficamos frente a frente no tribunal como quem marca partidas de tênis.

— Luis, eu posso imaginar tudo. Você leu nos jornais que Marcelo estava com uma prostituta e foi atrás do dono do Motel para pedir as imagens. Ele me ligou pedindo mais

dinheiro. Eu não tinha esse dinheiro todo, o que me faz acreditar que as gravações já estão em suas mãos...

Ele sorriu da minha voz trêmula.

— Eu não quero perder a amizade com Andy. Me peça o que quiser?

— O que eu *quiser*? — perguntou.

Engoli em seco.

— Então, você está nas minhas mãos.

— Bom, vamos começar com a “entrada” na nossa negociação. — Ele pegou um envelope na sua gaveta e levantou-se. Deu a volta na mesa e inclinou-se para falar perto do meu ouvido. — E olha que isso não é trocadilho. Entradas para um show particular que vai ter na empresa de um cliente.

— Eu quero as imagens e vai me dar essas entradas?

— Acho que está muito tempo afastada do seu trabalho porque isso está afetando a velocidade do seu raciocínio. A entrada é para ir *comigo*.

— Eu não vou sair com você! Não sou uma prostituta! — Levantei-me e fiquei de costas para a mesa. — Eu quero as gravações.

— Vai ter. Comece procurando um vestido bem sexy.

A secretária bateu à porta e disse que estava atrasado para uma reunião com um grande cliente.

— A gente se encontra lá — falou.

Eu que pensava que sairia dali com a prova de que estava com Marcelo no dia em que ele morreu, mas, saía com uma ridícula entrada para uma festa.

Minha vida estava virando um pesadelo!



Olhei para o vestido pendurado no cabide, no canto do meu escritório de trabalho. Respirei fundo. Eu tinha um compromisso a cumprir.

Meu celular vibrou em cima da mesa de vidro. Abri, era uma mensagem:

“*Onde te pego?*”

Respondi:

“*Já sou grandinha, me viro sozinha*”.

Voltei a me concentrar nos e-mails, mas o vibrar do celular me tirou a atenção

novamente.

Abri com um movimento do polegar. Agora era a ligação dele:

— Oi, mulher grandinha — ironizou com sua voz grave.

— Oi. — Revirei os olhos.

— Onde te pego? — perguntou com paciência.

— Não precisa, vou de táxi e...

— Eu posso te pegar! — falou com uma mistura de irritação e cansaço de lutar contra mim.

Respirei fundo, sem forças para brigar.

— Tudo bem, tudo bem... — Não relutei.— Há um salão aqui na rua do trabalho. Vou me arrumar lá.

— Posso passar às oito?

Ora, ora, Luis sendo cavalheiro...

Nesse jogo, eu, às vezes, duvidava sobre quem estava no controle. Mas, lembrei rapidamente das imagens em suas mãos.

— Oito. Você tem sorte do meu marido estar em outro país fazendo uma longa viagem a trabalho — respondi.

— Você que dizer que você teve sorte...

Desligamos.

Isso era mais que inusitado. Eu estava marcando um encontro com Luis!

Olhei o relógio dourado no pulso: seis horas.

Desliguei o computador com aquela sensação de que o dia não tinha rendido nada.

Andei a pé até o salão, carregando nas costas o vestido protegido pela capa.

Na outra mão, o celular.

Minha vida profissional ia muito além do escritório. Mesmo que eu saísse de lá, sempre levava o trabalho para casa através de ligações, e-mails, mensagens de texto.

Mas, hoje, mudei de ideia.

Não ia carregar mais trabalho. O dia já tinha sido improdutivo, não adiantava fazer mais esforço.

Abri a porta de vidro do salão, empurrando-o para frente. Dirigi-me ao balcão e disse que estava marcada para: unhas, cabelo, pele, depilação, massagem.

Praticamente “nascer de novo”. Ela percebeu isso, pois disse com um sorriso de surpresa.

— Queria sair nova — disse-lhe.

— Ah! Vai!

Eu sabia que não, mas queria acreditar. Tudo que acontecera com Marcelo, a história da herança, a caça implacável de Andy e agora as gravações nas mãos de Luis. O que pior poderia acontecer? Seja lá o que fosse, pelo menos, eu deveria estar em cima dos saltos e linda. Não deixaria minha vaidade de lado.

Duas horas depois, eu estava, pelo menos, aparentemente, nova. Unhas vermelhas, vestido pérola e cabelo loiro ondulado. O telefone tocou e era Luis.

Senti um frio na barriga pela adrenalina de me meter em mais uma enrascada. Depois, culpada por isso. Não entendi aquela minha reação física. Balancei a cabeça para os lados.

Agradei as funcionárias e desci os dois degraus que davam acesso à rua. Luis pediu que eu o esperasse na esquina, já que ali era contramão e o trânsito estava carregado.

Não gostei muito da ideia, mas fiz exatamente isso. Deixei minhas coisas na portaria do meu trabalho em uma sacola e pedi que deixassem na minha mesa.

Depois, caminhei até a esquina levando apenas uma carteira de mão onde levava com meu celular, chaves e batom.

Esperei dois minutos e nada de Luis.

Comecei a ficar aflita.

Dois rapazes me olharam na outra esquina e cochicharam entre si. Esfreguei a mão no outro braço em um gesto de autoproteção.

Eles viram que eu estava sozinha e caminharam na minha direção.

— Sozinha, gata? — Um deles mais gordo falou perto do meu ouvido. Afastei o rosto e dei um passo atrás.

— Não. — Virei-me para voltar para o salão. Queria fugir, não sabia como reagir.

— Onde vai, gostosa? — O outro segurou meu braço.

Engoli em seco. Estava em total estado de pânico.

— Me solta! — pedi puxando o braço com força, sem êxito.

Eles deram uma gargalhada alta.

Pareciam fazer um círculo de fogo ao redor de uma presa indefesa e se divertiam com isso.

Ouvimos um pneu cantar ao nosso lado.

Eles pararam de rir e se assustaram, como eu.

Um carro preto que parou atravessado na rua transversal a avenida. Ai, meu Deus, seriam mais deles para me sequestrarem?! Fariam coisas horríveis comigo?!

A porta do carro se abriu e Luis saiu de dentro do carro. Senti um alívio tremendo. Ele deu a volta e os dois homens se entreolharam sem saber se deviam ter medo ou intimidá-lo. Mas, a cara séria de Luis indicava que ele estava no domínio da situação.

— Tire as mãos da *minha mulher*! — Ordenou com voz grave.

Minha mulher?

Ele achava que estava indo para onde? Uma festa a fantasia e ele era o James Bond?!

O que me segurava pelo braço ainda fez uma cara de mal, mas senti que parou de apertar meu braço.

— Quantos furos acha que eu consigo fazer na sua cabeça? — Luis sacou a arma do bolso e apontou em direção ao cara ao meu lado.

Meu coração disparou. Meu Deus, ele anda armado?

— Calma, cara. Calma! — Eles levantaram as mãos e deram passos atrás.

— Entre no carro. — Luis abriu a porta para mim e depois a bateu com força.

Deu a volta no carro e ligou o motor.

Saiu cantando pneu.

Estava sério, com o músculo da bochecha vibrando de raiva.

— Você devia ter me pegado no salão! — falei-lhe.

— Você não era grandinha? — Olhou-me.

Fiquei sem ter o que responder. Droga!

— Não sabia que andava armado! É perigoso — disse-lhe.

— É perigoso para eles. Foi com isso que te salvei! — lembrou-me.

— Obrigada por ter me *sal-va-do* — ironizei, irritada. Agora ele era o herói e eu tinha que agradecer! Arrrrghhh.

O caminho foi feito em um silêncio tenso.

Ao chegar ao lugar da festa, Luis estacionou e rapidamente deu a volta no carro, mas eu já havia aberto a porta sozinha para sair. Ele parou à minha frente e levantou as mãos, como se fosse tocar os meus braços, mas não o fez.

Abriu a boca para dizer algo, mas não disse. Estava de terno azul-escuro e tinha um perfume maravilhoso fluando no ar no intervalo de nossos corpos.

Olhou-me preocupado e, no fim, disse que não admitiria que nada tivesse me acontecido.

— Está tudo bem... — Fiz pouco-caso, agora mais calma.

— Você está tão linda... — Riu. — Que nem sei o que dizer...

— Então, não diz. — Dei alguns passos na frente em direção ao salão de festas.

Ele fechou a porta do carro, ouvi o barulho do clique eletrônico e depois seus passos atrás de mim. Sua mão tocou as minhas costas para dar apoio e me conduziu até a porta.

Luis tentou me fazer dançar, beber, conversar, mas nada funcionou com o mínimo de ânimo.

— Vamos um pouco lá para fora? — Sugeriu e apontou para umas tendas com sofás brancos para as pessoas descansarem e se afastarem do barulho da música.

Sentamos lá e eu me senti um pouco melhor naquele lugar mais tranquilo.

— Você acha que nunca mais vai ser a mesma? — perguntou-me.

— Era isso que esperava? Que eu fosse me divertir, te divertir?

— Quem sabe...

— Me sinto pesada, suja, feia, um monstro — falei-lhe e fiquei surpresa em estar me abrindo com ele.

— Você sente isso porque ele morreu, como se tivesse culpa da morte. Ele era um drogado, que traía a mulher...

— Não sei bem porque sinto, mas o que sinto está me degenerando, sabe? — olhei-o nos olhos.

— Tudo isso que viveu está só dentro de você. É um mundo que não nos pertence. Por isso, o melhor que tem a fazer é deixar isso para trás...

— Você dá consultas de terapias nos intervalos dos processos?

— Você descobriu? — Sorriu, brincando e ofereceu uma bebida que trouxera para mim.

Lembro-me do primeiro e segundo gole, depois só de um grande branco.



Acordei entre lençóis, almofadas e um cheiro bom de lavanda.

Abri melhor os olhos e percebi que não estava na minha cama. Levantei o corpo e sob os cotovelos me vi ainda no vestido de festa, sem as sandálias, essas ao lado da cama.

Onde eu estava?

Luis, esse nome me veio à cabeça como todas as respostas e eu tive muito medo do que isso poderia significar.

Ouvi um barulho na porta que deveria ser o banheiro.

— Como eu vim parar aqui? — perguntei.

Uma mulher com avental branco apareceu na porta.

— Desculpe, acordei a senhora?

— Ohh... ãnh... Não.

— Hum. Eu falei pro seu Luis que era melhor eu deixar isso pra depois, mas ele insistiu que eu viesse organizar o banheiro para quando acordasse...

— Tudo bem.

— Eu vou descer pra preparar o seu café da manhã.

— Não precisa se preocupar — disse-lhe. — Eu já estou indo embora.

— De maneira nenhuma, eu vou fazer o melhor café que já tomou! — Saiu.

Levei as mãos ao rosto.

— O que está fazendo aqui, Priscila? — Mordi a boca e respirei profundamente.

A cortina estava aberta e mostrava uma porta de vidro que dava para uma sacada. Era possível ver dali um grande jardim verde com flores e árvores. Aquela casa não tinha cara de ser de um jovem advogado, mas herança de uma família tradicional. Os móveis eram antigos, rústicos, mas muito bonitos. Havia até uma lareira à frente da cama. Aquele tinha cara de ser o quarto principal.

Levantei-me e senti o quanto estava com vontade de fazer xixi. Lavei o rosto e dei um nó no cabelo. Peguei as sandálias deixadas ali e desci às escadas que davam em uma sala muito grande. A empregada arrumava a mesa oval com o café da manhã que prometera.

— O seu Luis está no escritório — indicou. — Está em um telefonema, já falei que a senhora acordou.

— ãnh... — Olhei pra frente e o vi em uma sala andando de um lado para o outro. Estava de jeans azul clara e blusa verde limão.

— Sente-se. — A mulher pediu.

— Tá. — Sentei e fiquei sem graça, passei a mão no pescoço, abaixo da nuca.

— Ele acordou com os passarinhos e cantando *também*. — Ela comentou.

— Quem? Luis? Ele mora aqui sozinho?

— Não sabia?

— Hum... Não.

— Sim, os pais estão aposentados e vivem por aí viajando a passeio.

— Entendo. — Bebi o café.

— E por que ele acordou cantando?

— Com licença — pediu quando que Luis se aproximava. Ele deixou o celular em cima de um aparador da sala e veio sorrindo até mim.

Podia acreditar por quase um segundo que estava feliz em me ver, mas, lembrei que não era bom confiar na lábia de outro advogado. Ainda mais se ele fosse forte, alto e muito bonito.

— Como vim parar aqui?

— Com suas lindas e longas pernas. — Ele respondeu e achei que estava se divertindo.

— E por que não lembro?

— Porque sua cabeça não estava muito boa... Você resolveu beber e uma hora apagou... E tive que trazê-la comigo.

— Está dizendo que eu bebi e você me arrastou pra cá?

— Não era bem essa visão que eu queria passar, mas se prefere encarar assim... Precisei te colocar no ombro.

— Tem alguma câmera aqui filmando a minha vergonha também para me chantagear?

Ele sentou-se e pegou uma torrada.

— Dormiu bem como nunca, né? Que humor tão doce!

— O que colocou na minha bebida?!

— Nada. Você só dormiu e pronto, já falei. Não preciso forçar mulher minha cara. Não sou desse tipo.

— Eu não confio em você!

— Não foi o que pareceu quando ontem eu te liberei de ser comida pelo lobo mal.

— O que está querendo dizer?!

— Que fez uma cara de mocinha feliz e resgatada quando te peguei de carro na hora

que aqueles babacas te assediavam.

— Eu não tenho que ouvir isso. — Levantei para não dar o braço a torcer.

Luis segurou-me pelo punho.

— Come alguma coisa — falou sério.

Sentei-me e tomei uma xícara de café.

— Nunca dormi tanto... — confessei baixinho, olhando para os meus polegares sobre a alça da xícara.

— Eu sei.

— Como sabe?

— Não se preocupe, dormi no outro quarto. Não fizemos nada... Eu não sou desse tipo. Não preciso disso para ter quem eu quero.

— Hum.

Luis levantou-se e foi até a varanda de fora da casa. Segui-o. Sentei-me também e um grande sofá de balanço. Ficamos ali em silêncio. Eu não queria mais saber o que Luis tinha colocado na minha bebida. Eu realmente estava precisando apagar, fugir, deletar por um tempo os medos e fantasmas da minha cabeça.

— As coisas tomaram uma proporção mastodonte! — Balancei a cabeça para os lados e continuei olhando para o gramado verde e brilhante. — Marcelo deixou dinheiro para mim... — confessei.

— Como? E a sua amiga. Ela era esposa dele! — Luis franziu a testa.

— Eles casaram com separação de bens. Marcelo já era rico muito antes... — Estalei os dedos para indicar o tempo passado. — Tudo que tinha foi herdado da família dele. Acho que a única coisa que adquiriu de fato depois do casamento foram os dois carrões que exibia. Mesmo assim, estavam em seu nome. O que Andy ganhava servia para comprar suas roupas e sapatos. É tudo que ela tem agora.

— Mas, porque Andy casou com ele nessas condições?

— Ela queria estar com um cara bonitão, cheio da grana e ter uma vida confortável. Era pedir demais que ele acreditasse em seu amor. Os dois sabiam no fundo em que condições casavam. Era uma ótima conveniência. E se não desse certo, ela caía fora com uma mão na frente e outra atrás, enquanto Marcelo ficava com tudo que sempre fora seu por direito e conquista.

— Era a melhor maneira de prendê-la. Só com o marido ela desfrutaria de seus bens. A lei é muito clara, se tudo isso era dele antes do casamento e, ainda por cima, casaram com separação de bens, ela não tem para onde ir agora.

— Como assim? Eu não vou pegar nada do que é dela. Se pudesse, nunca teria me metido com aquele homem. Foi uma burrice que só percebi depois. Pura aventura. Não vou prejudicar a minha amiga. Ela tolerou muita coisa e agora merece os bens.

— Parece que valeu a pena perder tantos dias de uma vida por dinheiro — concluiu.

— Não é bem assim, nem o que quis dizer... Deixa, não vai entender.

— E para você? Valeu a pena? — perguntou.

— A que se refere?

— O seu casamento — respondeu.

— Por que a pergunta?

— É muito diferente disso?

— Só muda o andar e o número do apartamento. — Engoli em seco e o olhei. — Você deve me achar um monstro. — Sorri da ironia de eu estar ali preocupada com sua opinião.

— Só uma pessoa que gostasse muito de uma amiga conseguiria dar conta de tudo para ela. Você cuidou do enterro, da imprensa, da recuperação dela... Acha isso pouco? Por isso, eu não te vejo como um monstro, mas um ser humano... — Encolheu os ombros e depois esticou o braço esquerdo para afastar o meu cabelo do ombro, colocou para trás. Senti seus dedos deslizando pela pele, provocando um leve arrepio. — Você é muito complexa de se entender... — Riu. — ... Não liga a mínima para as convenções sociais por um lado. Fica com outros caras, azara todas, quebra todas as regras para viver intensamente. Mas, por outro lado, se agarrou a uma instituição formal que é o casamento e não se solta dele por nada. É sua segurança voltar para aquela mesma vidinha conservadora!

— Eu sou uma fraca, então... — falei com sarcasmo.

— Você é um perfil de bibliografia que está sempre entre os lançamentos nas livrarias. Aquela mulher que viveu tudo loucamente, mas morreu triste, ou só, ou drogada, ou na sarjeta, no ostracismo, você busca a própria destruição só por duvidar dela.

— Vou virar freira, é isso!

— Falta a você amar.

Olhei-o fixamente, não esperava ouvir aquilo. Entreabri os lábios para respirar.

— Quando as pessoas procuram muitas coisas é porque está faltando amor. O amor preenche quase tudo. Só ele te faria obedecer a todas as convenções sociais naturalmente.

— E quem quereria me amar? Digo, a mim, e não a todos os personagens que sou capaz de inventar?

— Quem te conhece desde o princípio. — Ele se levantou, colocou as mãos no bolso da calça jeans, caminhei cinco passos e me encostei na coluna cilíndrica da entrada principal da

varanda e cruzou uma perna sobre a outra. Parecia me admirar melhor ali, de longe.

Levantei também e fiquei em sua frente, apoiada na outra coluna.

— Eu te conheço desde a faculdade? Estudamos juntos ou não lembra. — disse-me.

— Quê? Não lembro! — Dei um gritinho e, depois, ri.

— É, eu era mais gordinho, usava óculos e bem nerd. — Ele riu também e tirou as mãos do bolso para gesticular. — Eu não devia estar te contando isso. Mas, nossas competições começaram naquelas aulas do professor Venâncio. Fazíamos umas simulações de defesa e você sempre acabava comigo!

— O quê? Jura, não lembro... — Ri e franzi a testa estupefata. Naturalmente nós dois nos desencostamos da pilastra e nos aproximamos mais.

— Mas, eu prometi para mim mesmo que ficaria bom o suficiente para abaixar essa sua petulância irritante.

— Eu, petulante? — Segurei sua blusa na altura da cintura.

Ele riu e abaixou a cabeça, tímido, desarmado, frágil, como aquele garoto que a lembrança aos poucos me trazia mais clara à memória.

— Meu Deus, não posso acreditar. — Sorri, balançando a cabeça para os lados.

— Seu primeiro grande sorriso do dia — comentou, usando uma voz doce que nunca imaginaria ouvir no tribunal.

— Não sabia que a gente se conhecia há tanto tempo.

— Eu te sigo quase por instinto, quando vejo, querendo, não querendo, estou perto.

— Luis, você vai me dar um dia essas malditas gravações e me deixar em paz?

— Sim, um dia.

— Quando?

— A única certeza é que, ao contrário de todo mundo, eu nunca vou te fazer mal.

— É quase incoerente acreditar pelo nosso histórico.

Sorriu. Com a cabeça lúcida, sob a luz do dia e vestido com aquela roupa informal, ele era realmente bonito, atraente e viril. Não sei como posso admirá-lo, sendo chantageada.

Ainda conversava com Luis, na varanda, quando senti um enjoo forte. Levei a mão a boca.

— O que houve? — perguntou. — Está tudo bem?

— Não sei... Acho que o que comi não me fez bem...

— Venha, vamos entrar, tomar um copo d'água.

Quando recebi o copo das mãos da empregada de Luis nem tive tempo de beber, vomitei todo o café da manhã entre os pés dos dois. Eu não consegui encará-los de vergonha. A força que precisei para jogar tudo aquilo para fora fez meus olhos lacrimejarem.

— Calma, calma... — Luis afastou meu cabelo para trás.

— Que vergonha! Que horror... — desesperei-me com a situação.

— Qual é? Nunca tomou um porre e ficou de ressaca? — Ele riu.

A empregada foi até a cozinha e voltou com um balde e um pano.

— Desculpe, quer ajuda? — Ofereci-me. Não queria que aquela pobre mulher me olhasse como uma dondoca que sai pra beber e no dia seguinte faz vexame.

— Que isso, senhora. Tem um banheiro ali no corredor... — indicou.

— Obrigada...

Caminhei até lá e lavei minha boca. Ao sair, encontrei Luis de braços cruzados na sala, à minha espera.

Voltei muito sem jeito. As coisas estavam indo longe demais. Era só pra ser uma festa e agora eu já estava dividindo aquela situação delicada! Mas, Luis não parecia ligar muito pra isso. Perguntou como eu me sentia e respondi que melhor.

— Eu preciso ir — anunciei.

— Agora? Nem pensar! — Franziu a testa e balançou a cabeça para os lados.

— É sério, tenho que ir.

— Tudo bem, só espere mais alguns minutos — pediu.

— Pra quê?

— Só pra ter certeza que ficou bem — falou transparecendo que era só um pretexto pra eu não partir.

Suspirei e sentei-me no sofá. Não estava mesmo com vontade de ir pra lugar nenhum.

— Se não tivesse bebido chegaria a pensar que... — falei baixinho.

— Que estaria grávida? — completou rapidamente, revelando que também havia pensado na hipótese.

Eu ri da ideia. Mas, depois, fiquei em silêncio. Virei lentamente o pulso até que pudesse ver que dia marcava o meu relógio.

— Priscila, tudo bem? — Luis tocou no meu braço, visto que eu mergulhara numa bolha de pensamento longo e solitário.

— Isso não aconteceria comigo, aconteceria? — Ri, nervosa, mas agora já não tendo tanta certeza que aquilo fora só por causa de umas doses a mais de bebida. Eu estava uma semana atrasada nas minhas contas.

— Você está com dúvidas? — perguntou com insegurança na voz, Luis também imaginava o quão isso poderia ser demolidor na minha vida, naquelas circunstâncias.

— Não lembro se... — Cocei a testa e interrompi aquele pensamento. — Isso não aconteceria comigo — respondi enfática para continuar sob o controle da situação e não perder a cabeça.

— Podemos resolver isso rápido. Quer que eu ligue para a farmácia? — ofereceu-se.

— Eu não quero saber. — Levantei-me, nervosa e fui até a porta de vidro que dava pra sala. Abracei-me em desamparo.

— Mas, pensa, se souber que está tudo bem não ficará nervosa sem necessidade. — tentou me fazer ver por esse lado positivo.

— E, se isso não acontecer? — Virei-me pra olhá-lo. — Eu vou querer me matar aqui mesmo — falei sem deixar de transparecer que estava realmente com medo.

— E a herança fica toda pra mim? — Ele riu amistosamente tentando quebrar o clima pesado que se instituiu entre nós. Aproximou-se até ficar muito perto, ainda mantendo o lindo sorriso branco. Se não fosse todo nosso passado de disputa eu poderia até chamá-lo de amigo.

— Estou com medo — confessei baixinho, confiando a ele aquele momento mais delicado da minha vida.

— Que nada. — Ele pegou o celular e ligou pra uma farmácia.

Eu disse baixinho que não queria, mas Luis não deu ouvidos e pediu dois testes diferentes de gravidez. Virei-me para o lado, nem querendo ouvi-lo fazer esse pedido. Só a possibilidade já me causava pânico.

— Você está certo, é bobeira minha, eu bebi ontem, bebi tanto que apaguei...

— Priscila, não custa ter certeza. Agora se acalme.

— Me acalmar? — Sorri.

— Ora, não está aqui comigo? — perguntou como se aquilo fosse corriqueiro e lógico.

— Eu sinto que ainda vou acordar, isso não está acontecendo...

Voltei para o sofá e deitei a cabeça para trás no encosto. Ele tentou puxar algum assunto, mas pedi que, por favor, não falasse nada. Eu estava tensa demais para prestar atenção em qualquer coisa. Se o fato fosse comprovado eu definitivamente estaria sendo punida por todas as gerações.

Não sei se a farmácia demorou a entregar ou se os minutos foram intermináveis. Mas, quando chegou, eu não queria começar aquele ritual. Não tinha forças.

— Tem alguma tesoura ou lâmina ali dentro? — perguntei em frente ao banheiro. — Se tiver, tira porque eu posso cortar meus pulsos — ironizei.

— Sem drama, pode dar negativo. — Ele me incentivou, tentando fazer pouco-caso.

Respirei fundo. Fechei a porta e peguei as duas caixas. Minhas mãos estavam frias e trêmulas quando abri. Cinco minutos depois, Luis começou a bater à porta. Abri.

— E aí?

— Não tive coragem — respondi.

— Vai ficar sofrendo à toa? — irritou-se por eu ter feito corpo mole enquanto estava lá fora ansioso pra saber logo o resultado e acabar com aquela angustia.

— Não entende? Se eu estiver grávida do Marcelo... — Engasguei-me no meu próprio pânico. — ... eu vou ter um filho de um morto! E vou carregar isso...

— Priscila, Priscila, olha pra mim... — Segurou meus braços com firmeza. — Primeiro faz o teste, depois resolvemos isso, ok? — disse com seu conhecido tom seguro de advogado que pode recorrer a qualquer caso.

— Tudo bem. — Engoli em seco.

— Só não tranca a porta — pediu apontando com o indicador pra mim. Ele já não desacreditava que eu procuraria alguma tesoura.

Obedeci. Eu de fato era capaz de desmaiar se soubesse que estava grávida. Meus órgãos parariam de funcionar, meu coração explodiria as veias, eu, eu...

Limpei o suor da testa. Só precisava de algumas gotas em cima da haste que segurava com as mãos frias.

Quando abri novamente a porta do banheiro, encontrei Luis ainda ali. Braços cruzados. Entre a parede do corredor e a porta, na espera. Não falei nada, nem fiz menção a qualquer gesto. Ele entendeu e me puxou para si rapidamente. Meus braços continuaram caídos e mortos ao longo do meu corpo e a boca entreaberta sobre seu ombro.

— Eu estou com você. — Afagou o meu cabelo.

Não era real aquilo, só podia ser muita ironia. Eu estava completamente sozinha no mundo e só existia meu maior inimigo pra me amparar e compartilhar meu pior e maior segredo. Agora, além de tudo isso, o momento mais difícil de toda minha vida passava em seus braços.

Lembrei-me do que me contara sobre ele me conhecer desde a faculdade. Devia passar um filme em sua cabeça. A menina com quem disputava atenção nas aulas de direito e

depois a mulher contra quem brigava nos tribunais estava ali em desamparo no seu ombro. O que aquilo significava? Uma vitória? Eu preferia acreditar que não era parte de qualquer jogo.

Voltei a me sentar no sofá, muda, completamente sem ação. Meu mundo estava parado, sem orbitar, catatônico. Mas, Luis, me tirou do torpor com a fatídica pergunta:

— O que vai fazer?

— Não é você que sempre tem respostas pra tudo? — falei em tom baixo.

Pensei que entraria em uma histeria muito maior, mas até que eu estava calma. De alguma maneira eu merecia e desejava um castigo por tudo.

— Você ainda tem um marido. Ausente, mas, tem.

— Quer que diga pra ele que esse filho é *dele*?

— Não poderia ser?

— Não. Pelo tempo que ele está fora do Brasil a trabalho, não... — Balancei a cabeça para os lados.

— Quer fugir? — perguntou como faria qualquer adolescente de 17 anos.

— Quero — respondi, desejando poder ter tal irresponsabilidade.

Luis sorriu um sorriso pequeno, sabia que não tinha direito de brincar muito com aquele meu atual grande dilema.

— Mas o que faria com meu mundo? — perguntei.

— Ele já não está bom mesmo — lembrou-me.

— É, eu bem que jogaria fora. — Olhei pra baixo. — Na verdade, gostaria de consertá-lo.

— Isso não vai ser possível. No máximo poderá deixar as coisas vir à tona e respirar mais sossegada na superfície.

— Respirar. Sabe que essa é uma coisa que não sinto desde que aqueles policiais bateram a minha porta pra contar que Marcelo estava morto? É como se eu tivesse prendido a respiração até agora.

— Mas, esse filho não foi resultado de um ato desprezível, muito pelo contrário, foi feito com paixão. Você parecia muito envolvida com Marcelo...

— Foi um erro — completei.

— Não se pode dar crédito de bem o mal aos sentimentos, eles simplesmente existem em potência, os julgamentos são culpa nossa.

— Você sempre foi bom nas aulas de filosofia? Acho que lembro sim de você...

— Pensei que não se lembrasse de mim. Eu era diferente...

— Sim, lembrei... Quem diria. — Levantei-me. — Aqui estou eu, a chata que você implicava e depois sua vilã... — Abri os braços no ar, rendida, de lágrimas nos olhos. — ... Em suas mãos, totalmente errada...

Luis levantou-se.

— Você nunca esteve em minhas mãos. — consertou. — Mas, se quiser estar...

Coloquei os polegares nos bolsos da calça e semifechei os olhos, querendo entender onde gostaria de chegar.

— ... Pode contar comigo. — Ele completou.

Eu tinha que pegar minha bolsa e logo, antes que me envolvesse com esse homem também.



Cheguei a casa com uma sensação de que cedo ou tarde ali não seria mais o meu lugar. Não que eu tivesse planejado revelar tudo a Priscila, meu marido ou mais ninguém. Mas, havia lá no fundo um pressentimento de que uma hora eu teria que pagar o preço de ter cometido o erro de ter um caso com Marcelo.

Na porta, aos pulos, meu cachorro Rick veio me receber com muita alegria e lambidas. Estava quase da minha altura quando ficava de pé. Tranquei a porta e sentei-me no sofá com sua companhia inseparável. Passei a mão em sua cabeça e refleti sobre como os cães não precisam de muita coisa pra ser feliz, nem julgam seus donos. Eu seria sempre sua amiga, apesar de qualquer besteira que eu cometesse. Ao chegar essa conclusão, lembrei-me de Luis. Ele não acharia graça que eu o comparasse com um cachorro, mas o fato é que suas atitudes foram surpreendentes. Não podia imaginar nem no meu mais louco sonho que aquele homem que sempre era osso duro de roer nos tribunais fosse a pessoa que hoje guardasse todos os meus segredos.

Abri minha bolsa e tirei um envelope branco, tamanho A4, que estava dobrado ao meio. Puxei de dentro o exame e o olhei por um tempo. Não faltava mais nada pra acreditar, dera positivo nos testes da farmácia e agora ali estava minunciosamente ratificado que eu esperava um filho. Mas, em mim faltava, na verdade, coragem. Abaixei a cabeça e a encostei na de Rick. Chorei. Ele ficou quieto, sem se mexer. Apesar de animais, os bichos sentem a tristeza do dono. Rick subiu no sofá e sentou-se por cima do meu colo, abaixando a cabeça. Era sua forma de abraço, de dizer que estava comigo. Acariciei seu pelo e respirei fundo.

Ouvi um barulho de celular na minha bolsa. Desejei lá no fundo que fosse Luis. Não haveria motivos pra ele me ligar. Mas, era ele e fiquei muito feliz, sem saber por quê:

— Oi. — Atendi.

— É o Luis.

— Eu sei — falei com uma voz desanimada, depois de identificar seu número na tela do celular.

— O que está fazendo?

— Me ligou pra saber isso? — perguntei desafiadora.

— Eu pensei em outras desculpas, mas não sou bom nisso na minha vida pessoal. Então...?

— Estou agora com o exame na mão. Positivo, como eu já tinha quase certeza...

— E como está? — Quis saber.

— Totalmente em pânico.

— Podemos conversar?

— Não estamos?

— Telefone não são conversas — explicou. Ouvi barulho de teclado, o imaginei em seu escritório de trabalho com o aparelho apertado entre o ouvido e o ombro, mas bem podia estar em casa, de roupa esporte, sentado com o laptop no colo no viva voz. — Telefone tem urgência nas respostas, não permite o silêncio. Sem contar que perde o principal que é poder te ver e te abraçar.

— Não conhecia seu lado filósofo e profundo, sempre é tão prático e racional nos tribunais.

— Isso porque não me conhece, apenas tem uma ideia sobre o Luis que sempre me ganha... — Riu e sua risada mexeu com alguma coisa dentro de mim, estranhamente.

Era a primeira vez que ele assumia abertamente que tínhamos uma rinha, mas me pareceu até engraçado ouvir isso de sua boca.

Ele quis saber por quê eu ria do outro lado da linha. Tentei disfarçar que não era nada, mas ele insistiu.

— É uma coisa ridícula.

— Tudo bem, mas ridículo é eu não poder saber, anda...

— Eu só me lembrei de um detalhe. Tudo começou com Marcelo assim. Um dia que ele me ligou e eu estava em casa sozinha e ficamos falando amistosamente. Senti uma sensação de já ter passado por isso.

— Ah! Não se preocupe, não vai passar por isso de novo, nem eu vou te engravidar, não, daqui uns 9 meses. — Riu. — Estou só brincando, tá? — ponderou.

— Tudo bem — respondi com um sorriso que só eu podia saber que dava. Um

sorriso de encantamento. Talvez era isso que ele queria ver na tal conversa ao vivo.

— E você? O que está fazendo?

— Ainda no trabalho, lendo um processo cabeludo, tentando salvar minha cliente de uma encrenca das boas e garantir com isso o pagamento da padaria e do supermercado no fim do mês.

Luis com aquela casa e aquele carro não parecia ser uma pessoa que pensava nas contas do arroz com feijão, mas com essa entonação brincalhona e simples me fez vê-lo mais humano.

— E por que lembrou de mim no meio disso? — perguntei, sabendo que não deveria ter perguntado, mas já era.

— Porque era hora do recreio.

— Nossa! O que quer dizer com isso, que eu sou o lanchinho? — Ri baixinho e meu cachorro latiu, feliz por eu ter recuperado meu humor.

— Que isso? — Luis perguntou.

— Meu cachorro — respondi e me levantei pra ir à geladeira e pegar alguma coisa pra beber.

— Já tive um também — contou.

— É o melhor amigo do homem. Ele sabe quando está feliz ou triste e sempre te recebe na porta com a mesma alegria. Posso falar pra ele todas as coisas que ele não vai me condenar. Pensando por esse lado, isso é o amor, a gente não esconder nada e não deixar de dividir nada com alguém — teorizei.

— Nesse caso os amigos também podem se amar — completou.

— Podem, mas isso não tem o lado carnal que é inerente a paixão e etc...

— Isso vem como tempo, é natural e escrito desde sempre ou pode acontecer várias vezes? — perguntou.

— Não busco muitas explicações para o que sinto, simplesmente sinto, vivo, curto e pronto. O que as pessoas vão pensar, achar, julgar é problema delas. Se vou ter que arder no mármore do inferno é uma coisa que não me importo muito. Essa coisa de perseguição, peso na consciência e tudo mais é algo que não rola muito na minha cabeça. Simplesmente faço o que sinto impulso. Mas, tudo isso que acabei de falar não aconselho a ninguém porque em um dado momento chega a conta em casa para pagar.

— Seu filho não é uma conta pra pagar. — falou seriamente.

— Desculpe, ainda não consegui lidar com nada disso. — respondi, mesmo sem ter que dar desculpas a ninguém, falei antes de raciocinar o que estava fazendo.

— Você pode abortar, não é tão livre de consciência para fazer o que quiser? — Aquela sugestão com fundo irônico era um teste pra saber até onde eu iria, mas eu tinha certeza que não era o que Luis apoiava, pois já brigamos nos tribunais em um caso que tinha esse tema.

— Eu já fiz coisas erradas demais na minha vida, não quero que no meu julgamento final leiam: “E ela matou com um fórceps pedacinho por pedacinho o próprio filho que já tinha braços e pernas”.

— Mas, não era você que não pensava em julgamentos? — insistiu em me fazer cair nas próprias palavras como um ótimo advogado que não deixava de ser.

— Ok, agora penso nisso dia e noite como um tormento.

— Uma vez li um livro... — Luis começou a falar com uma voz suave, dando trégua ao duelo que parecia ter se iniciado. — ... não me pergunte o nome porque não lembro, faz muito tempo mesmo. O personagem principal estava sentado em cima de uma elevação e uma menina perguntava pra ele o que era o mundo. Ele respondia que o mundo era até onde ele poderia ver.

— Legal — comentei, esperando que ele explicasse onde queria chegar.

— O mundo do seu filho será feliz. Terá como mãe uma pessoa linda, doce, inteligente, carinhosa, amiga, sábia, experiente. O pai pode ser uma bonita foto na estante com memórias boas que você pode contar. O mundo dele será você, Priscila. Só perderá a amizade da sua amiga se lhe contar de quem era a criança...

Eu fiquei emudecida. Nunca tinha esperado ouvir aquilo. Luis era uma pessoa extremamente sábia e sensível. Não me sentia merecedora de tanta atenção e tempo que me dedicava. Meu alívio era saber que ele fazia aquilo mesmo sabendo quem eu era, eu não teria depois que ver seus olhos de arrependimento por nada.

— A minha existência é algo que não é de se oferecer, sou toda errada...

— Mas, pode mudar.

— Só que faltam forças agora.

— Vai precisar ter. Se precisar de ajuda, meu número já está no seu identificador de chamadas. — Brincou.

Ouvi um barulho de chaves.

Falei com Luis que precisava desligar.

Voltei pelo corredor e, na entrada da sala vi meu marido com três malas ao seu lado.

Ainda falei algumas palavras de boas-vindas, mas minha voz travou quando notei o papel do exame em suas mãos.

Hugo olhou o exame por longos quinze segundos. Não sei o que ele procurava inspecionando cada dado se o mais importante era o positivo ao lado do meu nome, que estava abaixo do cabeçalho “teste de gravidez”.

Não vi nenhum sorriso ou reação feliz, isso me indicava que devia me preparar para o terremoto.

Desejei não passar por isso. Melhor, na verdade senti, que não precisava passar por nada daquilo. Não tinha um relacionamento dos sonhos, era uma mulher independente, profissionalmente realizada, pra que eu precisava me desesperar com a opinião de outras pessoas sobre meus erros? Talvez, devesse considerar seus sentimentos visto que uma união civil nos selava. Mas nesse caso, pela falta de amor, esse senso me faltava.

Aproximei-me até seu lado e ele me olhou, profundamente, ainda com a mão segurando a folha no ar.

— É isso mesmo, estou grávida — disse-lhe e, ao dizer, senti o que deveria sentir, pena dele e vergonha de mim.

— Você sabe que isso não é possível, né?

Sim, era possível, óbvio. Sou uma mulher fértil, jovem, saudável. Mas, Hugo se referia ao fato de não ser possível o filho ser seu.

— É, sei. — Foi só o que consegui pronunciar.

Ele deu dois passos à frente e falou bem perto do meu ouvido com uma voz fria e grave. Eu esperei que jogasse meu computador, minhas roupas e sapatos pela janela, que me arrastasse pelos cabelos e batesse minha cabeça na parede, que me empurrasse escada a baixo, que gritasse para o mundo inteiro ouvir que eu era uma qualquer. Eu esperava reações impulsivas e passionais. Mas, Hugo, já era um cinquentão vivido. Desses que não perdem mais tempo e energia com desgastes. Só que sua experiência lhe permitia ser mais cruel do que eu imaginava:

— Já que você sujava a minha cama na minha ausência com qualquer homem, você tem o direito de pegar suas roupas e voltar para o subúrbio de onde te tirei. Lá, pode ter seu filho. Espero que ainda saiba fazer o que fazia pra ganhar as coisas caras que usava, porque acho que não tem mais esse pendor. E, depois que a criança nascer, provavelmente, só ficará o resto, um monte de pele e estrias. Sua beleza vai murchar, minha cara. Ai você ficará barata!

Ele amassou a folha do exame e jogou contra mim.

Eu estava trêmula e com o choro engolido quando olhou novamente nos meus olhos:

— Você tem vinte minutos, porque quando eu voltar, não quero olhar sua cara dissimulada.

Hugo virou as costas e saiu.

Não sei se aquilo era um princípio de infarto, mas, meu coração bateu tão dolorido no peito que julguei que fosse a morte vindo. Sentei no sofá sem forças pra qualquer reação. Fora um golpe, mas eu sobrevivera. O celular no meu bolso me lembrou que havia ainda uma pessoa com quem contar.

Disquei o número de Luis e ele não demorou muito pra atender.

— Oi — falou do outro lado, animadamente.

Lembrei da oferta que fizera em sua casa para me ajudar.

— Preciso de você — falei.

— O que houve?

— Ele descobriu tudo, tenho que sair de casa agora. Não sei pra onde ir...

— Comece a arrumar suas coisas que passo aí. Me dá seu endereço.

Não posso acreditar que Luis estava fazendo isso por mim. Eu realmente não mereço ajuda agora. Não sou uma mulher digna de pena, mas, preciso me agarrar ao que tenho e ser racional.

Isso vai acabar me custando caro, eu sei. Mas, não tem como ficar pior.

Ditei o endereço pra ele e depois desliguei. Tentei arrumar tudo o mais rápido possível. Limpei o guarda-roupa e a pia do banheiro. Gritei para a empregada Sônia liberar a entrada de Luis na portaria e pedi que ela me ajudasse a descer com minhas pastas e livros de trabalho. Logo o carro de Luis ficou completamente cheio. Voltei para buscar a última bolsa de sapatos e meu cachorro subiu em cima de mim.

— Pega o saco de ração dele — pedi pra Sônia que subira comigo.

— Vai levá-lo? — perguntou. — Seu Hugo gosta muito dele.

— Não mais do que gostava de mim, o que não significa muita coisa. Rick não vai ficar aqui sozinho esperando longas semanas até que Hugo volte de viagem pra lhe dar carinho. — Acariciei seu pelo e descemos pelo elevador de serviço.

— Vou ter que levar mais alguém — anunciei pra Luis.

— Ah! Ela já falou de você, amigão. — Luis passou a mão na cabeça de Rick que colocou as patas em sua barriga.

— Dona Priscila... — Sônia segurou meu braço, antes que eu entrasse no carro. — Eu acho que está fazendo a coisa certa. Eu via a senhora tão triste aqui. Vai lá e seja feliz — aconselhou. — O que eu falo para dona Andy? Ela vai ligar perguntando por você.

— Obrigada, querida. — Abracei-a. Ela atrás de todas as portas assistiu anos de minha vida. — Eu mesma falo com Andy, ok?

Entrei no carro e me senti melhor. O porteiro perguntou sorrindo se eu viajaria. Disse que sim, que iria fazer uma longa viagem.

Fechei o vidro preto com o insulfilme. Era uma longa viagem pra a nova vida. Não voltaria para o subúrbio ou patricinha que dava em cima de velhos ricos em festas caras. Aprendi a andar entre as pessoas importantes e fiz minha carreira de advogada. Não vou mais me julgar pelos meios que escolhi para ter dinheiro e pagar minha faculdade.

Agora eu podia voar mais alto e, não, aterrissar como Hugo pensava. Tenho uma carreira e acho que, no fundo, sempre imaginei que ela me sustentaria quando eu quisesse me libertar.

— Isso é parte do mundo novo que eu preciso construir — falei para Luis.

— Eu não disse que tinha forças?

— Pensei que não tivesse. Até me sinto mais livre... Porque agora eu estaria dando para um homem chato e impotente como uma boneca de luxo... Não sei como pode estar sendo legal comigo. Eu sou uma garota má.

— Por mais que a gente esteja lá no fim, sempre há uma fonte de forças dentro da gente que se renova — falou de uma maneira que dava a entender que já passara por algo tão dramático quanto, mas, sem se abater com minha autodepreciação.

— Eu pensei em ir pra algum hotel, enquanto não arrumasse uma casa pra alugar. Você tem uma sugestão?

— Então, eu tenho um ótimo lugar — falou.

Algum tempo depois, subíamos uma elevação que dava pra sua casa.

— Ah! Não, Luis, não posso aceitar.

— Eu não estou te dando, então, não tem que aceitar. Eu estou te emprestando, enquanto você não aluga uma — falou e abriu pelo pequeno controle o portão para entrar.

Quando ele desligou o carro eu disse que nunca poderia retribuir.

— Faz muitos anos que eu queria fazer isso — confessou e saiu do carro.

Sai também e perguntei o que queria dizer. Ele já estava abrindo o porta-malas quando respondeu:

— Há muito tempo eu queria estar perto de você. Não sob essas circunstâncias, mas, a vida não nos dá escolha sobre elas, apenas temos que saber aproveitá-las.

— Como assim aproveitá-las? — irritei-me e coloquei as mãos na cintura.

Luis largou algumas malas no chão gramado e deu dois passos até mim:

— A chance de aproveitar o momento para que veja que não sou uma pessoa ruim...

— falou com uma voz amável e paciente. — ... a chance de te ajudar a tomar um rumo novo e ser a parte inicial de uma história que vai querer lembrar, a chance de ficar mais perto de você.

Abaixei os olhos e senti vergonha por ter mostrado que tinha interpretado mal.

— E a chance de ver mais uma vez sua cara de brava! E de advogada que não sabe interpretar as coisas... — alfinetou brincalhão.

— Ah! Seu... — Puxei seu braço pela camisa social e ele, rindo, se virou. — Advogadinho petulante!

— Petulante?! — pegou facilmente meu pulso e colocou para trás de mim. — Quem perdeu os dois últimos processos?

— Não é hora pra competir... — falei-lhe.

— Tudo bem. Mas, os dois anteriores eu deixei você ganhar.

— Ahhhh! — Foi minha vez de pegá-lo pelos braços. — Muito convencido!

Luis não rebateu, sorriu, feliz de ter conquistado a reação que queria e se pôs a admirar minha irritação.

Eu sorri também e senti uma agradável sensação de estar confortável ao seu lado.

Uma energia boa emanava dele. Eu tinha dado uma reviravolta há poucas horas na minha vida e agora estava sorrindo por sua causa. Ele sorria com seus dentes brancos e os olhos de longos cílios estavam apertados e brilhantes.

— Quando você ligou e disse que precisava de mim, corri feito um louco. Até esqueci uma pasta no trabalho e vou ter que voltar para buscar — contou.

— Obrigada, mais uma vez e sempre...

— Você existir é o melhor agradecimento.

— Os advogados não são confiáveis.

— Eu não estou advogando agora. — Luis olhou pra minha boca e depois direto para os meus olhos.

— Como vou saber?

— Vai saber, você também é uma. — Piscou e voltou a tirar o resto das malas do carro.

Eu sorri e balancei a cabeça para os lados.

Abri a porta de trás e deixei Rick sair. Ele correu pelo gramado.

— É, parece que ele precisava de espaço. — Luis observou. — E essa casa sempre precisou de um cachorro. Quem sabe não estava esperando por ele, assim como eu esperava

por você?

— É só por um tempo.

— Espero que seja longo. — Ele pegou duas malas e começou a carregar em direção a casa branca de dois andares com telhado vermelho.

Olhei-o de longe e me perguntei se tudo aquilo acontecia mesmo. Eu não parecia merecer, mas já agradecia.



Sentada no sofá, com Rick ao meu pé, pensei que Luis nunca mais sairia do banho.

Fazia vinte minutos desde que fora para o quarto. Peguei-me ansiando para que ficasse por perto. Eu estava muito carente e desamparada.

Aquele dia tinha sido muito tenso. Não sei como Hugo deveria estar se sentindo agora, talvez me odiando mortalmente ou indiferente. Não importava mais, agora eu tinha que seguir com minha vida.

Enquanto pensava sobre isso, num piscar de olhos, tudo se apagou e se fez um breu. Assustei-me. Rick começou a latir. Pedi pra que ele ficasse quieto e o acariciei. Deve ter havido problema com algum transformador da rua, pois as luzes dos postes também se apagaram. Não dava para ver a casa dos vizinhos porque a de Luis tinha muros muito altos feitos de pedras, que ficavam longe.

Será que ele já havia acabado de tomar banho? A resposta para isso veio em sua voz chamando meu nome do andar de cima.

— Priscila, tudo bem com você? — Ouvi barulho de passos na escada.

— To aqui na sala — respondi.

Ouvi um barulho oco de alguma coisa batendo na madeira.

— Aiiii...

— Luis? Que houve? — falei no escuro.

— Aiii, droga, escorreguei da escada — disse baixinho, dolorosamente.

Segui o som da sua voz. Bati levemente a canela na mesa de centro. Tateei o sofá, depois o Buffet e, enfim, cheguei perto da escada.

— Bati minhas costas — explicou.

— Calma... — Encontrei sua mão e a segurei. — Vem. Vamos até a cozinha.

— Eu não sei onde tem velas, nem fósforo — falou.

— Não tem uma lanterna? — espantei-me.

— Não! Pior que não. Eu viajei e a minha pifou. E agora?

— O bicho papão pode vir te pegar de noite. — Brinquei.

Fomos tocando os móveis como cegos que acabam de ter que lidar com o mundo sem formas e cores.

— Eu preciso pegar gelo para colocar nas minhas costas, me machuquei... — Soltou minha mão.

— A geladeira está aqui. — Achei e abri a porta do congelador. Retirei um recipiente de pedras de gelo e o coloquei sob a água da pia. A temperatura ambiente fez com que as pedras caíssem pesadas. — Vem cá — chamei.

— Não ta pensando em encostar isso em mim, né?

— Anda, deixa de ser fraco! — Senti que estava perto. — Onde é?

— Aqui, nas costas...

— Como se eu pudesse enxergar... — Ri.

Estiquei a mão e encostei nas suas costas, na altura dos ombros, encontrei sua mão indicando onde doía. Pressionei as pedras de gelo enroladas em um pano de prato e, depois de alguns segundos, a área adormeceu e ele já não sofria com o choque térmico.

Ri de um pensamento que tive e ele quis saber se eu estava achando graça das suas condições.

— Não to rindo da sua dor, mas de tudo... Se fosse há um mês eu diria que foi você armou esse curto e que não caiu da escada de verdade...

Luis afastou-se e o gelo da minha mão caiu no chão.

— Hei, eu disse há um mês... Calma. Luis, cadê você? Arrrgggh. Droga. Luis?

Novamente tive que percorrer o labirinto de móveis até chegar à porta da varanda, onde Rick latia, denunciando Luis. Consegui vê-lo de lado, escorado na coluna da pilastra. Tomei fôlego. Ali fora, a lua servia como única iluminação.

— Que deu em você? — perguntei, já de frente pra ele. Pude vê-lo de bermuda branca, sem camisa e de cabelo úmido caindo na testa.

— Um pouco de saco cheio.

— Eu tenho que aprender muitas coisas sobre você e, uma delas, é tolerar essa mudança drástica de humor — falei ríspida. — Eu só estava pensando sobre como é tão estranho eu ter te odiado desde a primeira vez que topamos um com a cara do outro e, agora, estar aqui na sua casa... Eu só estava refletindo como, não faz muito tempo, você estava me

perseguido em Nova Iorque, tirando fotos minhas e do Marcelo para me chantagear... Eu só estava lembrando que tem as gravações que podem me fazer perder minha amiga...

— Eu não queria te prejudicar... — interrompeu-me e deu dois passos a frente.

— Você não usa bons métodos, então — falei sarcástica e caminhei até o gramado.

— Qual é o melhor método, então, pra você entender? — irritou-se.

— Entender o quê? Mas do que está falando?! — Alterei minha voz e me virei para olhá-lo novamente.

Luis desceu os dois degraus da varanda e veio na minha direção com passos firmes e convictos sobre o gramado. Meu coração não teve tempo de disparar para prever nada. Antes disso, ele já estava segurando a minha nuca:

— Para entender isso.

Ele beijou-me com tanta vontade que, enquanto eu processava o fato de que estava sendo beijada por ele, ia acompanhando por inércia os movimentos de sua boca ágil.

Minha mão perdida no espaço encostou em seu corpo, quando ele com as suas me puxou para si e me fechou em seu abraço.

Era isso que queria me dizer: o quanto gostava de mim. E aquele sentimento cresceu como um vulcão à tona e sua temperatura se tornou quase febril.

Só notei que não apenas ele que estava sem fôlego, quando afastamos nossos rostos.

— Desculpe, você provocou meus instintos... — Riu, ainda com a testa colada na minha.

— Pouco romântico isso, não? — falei, confusa.

Muita coisa acontecendo na minha vida ao mesmo tempo: perdi uma paixão, ganhei um filho, fui expulsa de casa, devo estar prestes de perder minha amiga e agora estou beijando meu inimigo?

— Claro... Foi a única forma de dizer o que você não entendeu desde Nova Iorque. Eu queria uma chance e, enquanto isso, você dava a chance para o cara errado. Aliás, você estava procurando o que queria com as pessoas erradas, seu marido não tem nada a ver com você. Marcelo era um drogado idiota que só queria seu corpo por desafio...

— O que sabe sobre mim, meu marido, minhas coisas...? — perguntei sem alteração ou rancor.

— A gente sempre busca saber o que verdadeiramente nos interessa. E você sempre foi o que me interessou, me instigou. Não existem muitas mulheres que tiram um homem de verdade do controle. E o homem sabe quando a encontra. Você me tira do sério, Priscila.

— Você sempre me surpreendeu também — contei. — Mas, é que ainda está caindo

a ficha, entende? De tudo... Pareço estar em um rodamoinho...

— Claro. — Ele afastou-se. — Tudo bem. Perdão, não era hora ainda de te beijar. Venha, vamos voltar para dentro... — Pegou minha mão e de dedos unidos me trouxe com carinho.

Fiquei ali sentindo o toque daquela mão firme, pesada, confiante. Era diferente de tudo que experimentara na vida.

Ele queria a garota toda errada que eu era. Sempre quis, desde a faculdade, desde que brigávamos em lados opostos dos processos.

Mordi minha boca lembrando do seu beijo e acho que gostei.



Quando acordei a luz já havia voltado, mas, nem precisava, porque o sol brilhava radiante e entrava pela sala, deixando tudo dourado.

Luis passou por mim no corredor e deu um oi seco, apressado e indiferente. Olhei para trás, mas, só o que pude ver foram as costas do seu paletó, se afastando.

Encontrei a mesa do café da manhã ainda posta. Sentei-me e tomei um suco.

Ele reapareceu na sala falando ao celular com os fones no ouvido e o aparelho no seu bolso. Remexia em uma pasta de couro marrom entre as almofadas do sofá. Parecia tão penetrado, que aposto que nem dava por minha presença.

— Ele fica assim quando é dia de julgamento. — Ouvi a voz da empregada ao meu lado.

— Ân... — Dei-me por sua presença. — É? — perguntei vagamente para parecer que estava dando atenção. A sua fisionomia era de admiração. — Não sabia...

Quem diria, eu estava ali vendo como ele se preparava, quando tantas vezes só o encontrei diante do juiz.

Mas, por que eu deveria ficar me lembrando que aquilo era inesperado? Será que era tão inviável assim pensar em nós dois juntos? Lembrei do beijo quente e forte da noite anterior.

Contudo, aquele homem perambulando pela sala não parecia em nada com o despojado e instintivo de ontem. Aliás, ele deveria ter esquecido o que houvera, haja vista a frieza com que me tratou. Também, o que eu queria? Que ele amanhecesse com o café em uma bandeja na cama?

— Dia importante? — perguntei.

— Hum hum.

— Isso é um gelo? — perguntei.

— Gelo? Ân? — Tirou os fones do ouvido. — Não, melhorei das costas, nem precisou colocar novamente...

— Não seja ridículo, entendeu o que eu disse.

— O quê?

— Nada... — Balancei a cabeça para os lados. — Vou me arrumar para trabalhar também.

— Ok — falou sem me olhar, arrumando os papéis na pasta, num gesto maquinal.

Parei no meio do corredor e decidi que deveria falar.

Voltei.

Ele ainda estava de costas quando eu desabafei:

— Desculpe se ontem não fui tão além do que queria, mas, é que não quero me jogar em outro lance tão rápido e me julgar uma mulher oferecida e desesperada. Estou saindo de um casamento que ainda vai rolar muito estresse. Não quero também te magoar, nem sei como te agradecer por tudo. Se puder ter calma...

— Hum hum.

— É isso o que me diz? — perguntei, vendo que ele continuava de costas.

Luis virou-se e falou no viva voz para a pessoa do outro lado da linha esperar um pouco e se dirigiu a mim:

— Desculpe, não te ouvi, está me chamando?— perguntou.

— Não, não estava. — Olhei-o longamente para descobrir se de fato não ouvira nada. Desisti e fui tomar banho.

Dizem que o instinto de caça é dos homens, mas discordo, ele é totalmente das mulheres. E elas são as que mais aguçam este dom.

Quando uma mulher quer comprar uma roupa específica para uma festa, é capaz de vestir todas as roupas de um shopping inteiro sem cansar até encontrar a que desejava. Quando ela pretende fazer um jantar em grande estilo, sai para o supermercado e escolhe minuciosamente todos os ingredientes. Quando o filho passa mal, é capaz de procurar sua cura nos chás, nas ervas, nas rezadeiras e homeopatias da vida. A mulher está sempre a caça de um alvo como a leoa, a rainha das caçadoras. Ok, vão dizer que isso é como “coletar frutas”. Mas, na selva que vivemos, coletar é pouco para nós!

Luis devia saber tudo isso. Ou, se não sabia, acertava por sorte. Achei-o bonito como nunca naquele terno. Só que o orgulho era meu calcanhar de Aquiles e eu não cederia. Se ele queria me ignorar, não iria me mostrar ferida. Por mais que meu coração se comportasse como

uma leoa salivando.

Arrumei-me para o trabalho e passei por ele na sala. Ainda falava ao telefone. Abaixei-me para ajeitar o sapato e, quando levantei, notei que me olhava. Mas, desviou o rosto, fez-se de ocupado. Sai com minha maleta sem olhar para trás. Chamei um táxi, visto que eu agora estava sem um.

No escritório começou o dia com meu chefe me chamando a sua sala. Algum grande caso deveria preocupá-lo e ele sempre confiava em mim nessas horas.

— Como foi seu fim de semana? — perguntei sorridente. — Viajou?

Se souber a viagem que foi a mudança da minha vida...

— Não. E bem que o sol merecia. — Sorriu e indicou a cadeira para que eu me sentasse também. — E o seu?

— ãnh... Agitado.

O que eu poderia responder? Será que ele arregalaria os olhos se eu lhe contasse que meu marido me mandara para fora de casa quando eu tive a certeza de estar grávida de outro? Outro esse que era marido da minha melhor amiga. Era muito enredo de novela, ele não suportaria.

— Foi bom... — respondi vagamente, mas, sem entusiasmo para que não quisesse saber mais a fundo.

— Eu te chamei aqui para uma conversa bem delicada.

— Pode falar, ultimamente nada me surpreende mais. — Ri.

— Priscila, eu notei que estive muito afastada nesse mês. Você perdeu quase todos os processos que pegou e isso significou grandes perdas para nós...

Fiquei séria, acompanhando seu raciocínio com um frio na espinha.

— Eu lamento, mas não posso só contar com minha admiração por você... — continuou com a cerimônia de quem está prestes ao golpe final. — ... Eu tenho que acatar as decisões que a maioria toma. Por isso, infelizmente... — Levou a mão ao peito em sinal de que falava de coração. — ... Tenho que dizer que não fará mais parte de nosso escritório.

Eu continuei olhando-o longamente, ali congelada no tempo. Aquela só deveria ser a cadeira do purgatório. Eu estava recebendo um castigo por dia para dar conta de todos.

— Imagino que essa situação é de tirar as palavras. — Ele agonizou-se com o silêncio.

— Não, não imagina. — Levantei-me com qualquer resto de orgulho que ainda tinha no fundo, bem no fundo da alma. Estendi a mão e engoli em seco para a voz não embargar. — Eu tenho certeza sobre a ótima profissional que sou. Mas, vou superar meus problemas particulares, no que precisar, estarei à disposição — cumprimentei-o em despedida.

Pelo contrato ser por pessoa jurídica, não havia auxílio maternidade e eu estava muito ferrada.

— Eu tenho certeza disso.

— Não... Não tem. Se tivesse, não teria reduzido três anos de trabalho em três semanas. — Desabafei e sai.

Peguei minhas coisas da mesa e comecei a reuni-las. Minha estagiária perguntou o que estava acontecendo. Expliquei-lhe que para o mercado somos uma máquina passível de ser trocada quando não opera em carga máxima, mas que eu iria para o conserto. Ela, provavelmente, não entendeu a metáfora, mas, pelas pastas que tirava da gaveta percebera que eu estava de partida.

— Lamento — disse baixinho.

— Não lamente — consertei-a. — Não lamente por quem tem a capacidade de dar a volta por cima e eu darei.

— Claro, vai dar — concordou.

Essa era uma hora em que ligaria para Andy e dividiria meu problema. Mas, ela estava longe, viajando para esquecer seus próprios problemas.

O táxi parou na frente da casa de Luis. Deixei todas as caixas e pastas junto das minhas malas no quarto onde dormia. Meus pertences eram aqueles próximos a cama. O que mais eu tinha de valor? Meus conhecimentos de advogada, meu corpo e a criança no ventre. De que maneira aquilo poderia diminuir ainda mais?

Tomei um banho e vesti um short jeans de barra desfiada com uma camiseta branca. O cabelo molhado ficou caído sobre os ombros. Quando descia, vi que Luis acabava de chegar.

Atravessou a sala com passos rápidos, deixou a pasta na mesa do escritório, puxou com força os fones de ouvido e deixou-os junto com o celular. Passou a mão na nuca e suspirou.

Abriu uma garrafa de bebida e encheu um copo.

Para que não percebesse minha presença, sentei-me no degrau de madeira da escada. Ele parou na porta do escritório, encostou a testa no antebraço direito que estava apoiado no portal e bebeu o líquido marrom. Seus olhos se levantaram e deram por minha presença. Eu estava de cabeça baixa, entre os braços cruzados sobre os joelhos.

Luis deixou o copo no móvel onde estava a bandeja de bebidas do escritório, tirou o paletó e o largou de qualquer jeito sobre uma poltrona do escritório. Caminhou na direção da escada e subiu os degraus enquanto afrouxava a gravata. Sentou-se ao meu lado.

— Um mal dia? — perguntei, virando meu rosto para olhá-lo.

— Perder é ruim... — Balançou a cabeça para os lados, incrédulo.

— Estou me especializando na consciência profunda sobre isso... Posso daqui uns dias dar palestras sobre o tema — ironizei.

Ele sorriu e foi o primeiro desde que chegara. Mas, um sorriso muito cansado.

— É assim que ficava quando perdia para mim? — quis saber.

— Não, era bem pior — ironizou. — Tinha um gosto mais amargo.

— E agora que não tem mais à vontade de revanchismo?

— Que vida sem graça, não acha? — Olhou-me em cheio. — Nós não podemos nos gostar nunca! Perde o efeito. Vira um filme de sessão da tarde! Eu acho que...

— Fui mandada embora hoje — falei secamente, cortando-o.

— Que droga — compadeceu-se. — Mas, por quê?

— Não estava rendendo... — Suspirei. — O que me falta? Eu ser atropelada amanhã e morrer também?! — Senti as lágrimas virem aos olhos.

— Não diga isso. — Ele tocou nos meus lábios. — Tem alguém te escutando.

— Não seja ridículo. Nem tem cérebro ainda. — Virei o rosto.

— Todas as células do seu corpo nascem, crescem e morrem. Todas são vidas. Se fizer um mal a uma delas, alterará todas as outras. Por isso, seu filho, que já é um apanhado de células, está recebendo todas essas informações.

— Desculpe, só tive um dia horrível.

— Não há dia que não possa ficar melhor depois do outro. — Levantou-se. — Vamos comer alguma coisa? Já estou sentindo o cheiro de comida vindo da sala.

Sorri, só ele para me fazer pensar ainda em ter esperança.

— Amanhã, acorde cedo, vou te levar ao escritório comigo. Vou te apresentar a umas pessoas.

— Jura? — franzi a testa.

— O que eu disse sobre um dia melhor que o outro? — Ofereceu a mão em cortesia.

Estendi a minha e aceitei-a.



Quando desci do carro de Luis, pude ver o prédio de mais de dez andares espelhado que ficava na Avenida Presidente Vargas. Eu sabia desde muito tempo que era ali que trabalhava e tinha uma pontinha de inveja. Por certas vezes, cheguei a pensar que toda sua luta contra mim era um plano cruel de me humilhar.

Lembro-me do dia em que perdi um grande caso para ele e corri para internet para saber o tamanho do meu opositor. E o tamanho dele era o daquele imponente prédio. Trabalhar para um daqueles escritórios era sonhar muito alto.

Ele me indicou a entrada e eu o segui até o elevador. Muda. Tudo ali me intimidava. Eu sou do tipo de pessoa que em situações extremas pode tagarelar sem parar ou ficar em estado silencioso de choque. Nesse caso, aconteceu a última coisa.

Luis caminhou pelo corredor do 16º andar cumprimentado várias pessoas, enquanto eu caminhava ao seu lado distribuindo um sorriso de “oi” também. Era a porta de entrada para o seu mundo mítico profissional de que sempre fabulei. Esperava me surpreender também, visto que no seu lado pessoal eu descobrira outra pessoa completamente diferente da que fantasiava na minha cabeça.

Luis apresentou-me a um homem gordo e de cabelo prateado em uma sala gélida e com paredes de vidro. Apertei a mão dele e lembrei-me instantaneamente do meu último aperto de mão pós-demissão. Que ironia é a vida.

Um dia você é mandada embora de um emprego por que deu seu sangue e já no outro é muito bem-aceita em um novo. Esse contínuo fluxo de queda e ascensão nos dá a chance de nos superarmos.

O problema é quando esse hiato entre as duas pontas da cadeia demora muito e corremos o risco de desacreditar. Uma pessoa que não crê mais em si mesma acaba provocando as mesmas reações nos que estão ao entorno. Mas, dessa vez, tudo fora muito rápido, graças a Luis. Em um dia eu já estava pronta para um novo desafio. Finalmente um acontecimento bom em meio a tantas punições.

Eu tentei parecer o mais animada e grata pela oportunidade possível. Não queria que aquele homem conseguisse perceber em mim nenhuma derrotada. Dei-lhe meu currículo com uma prece silenciosa de que gostasse porque dependia muito daquilo para retomar minha vida.

— O melhor currículo da gente, Priscila, é a vida. — Ele falou-me segundos depois de passo o olho dinamicamente na página.

Se isso procedia, então, ele podia me chutar dali por aquela janela mesmo. Nem olhei para Luis para não correr o risco de ficar vermelha. Continuei compenetrada no que ele queria me dizer:

— ...Mais importante do que os cursos e graduações que fazemos é o que falamos de nós — explicou.

Por enquanto todas as burradas que eu cometi estavam sobre a guarda apenas de Luis. Mas, se alguém descobrisse seria uma pulverização degenerativa completa da minha imagem.

— ... É o burburinho que nos impulsiona lá pra cima... — Apontou para o alto. — ... Ou lá para baixo. Somos um cartão de visitas ambulante e as pessoas que nos conhecem falam

por nós.

Ele se referia a alguma menção anterior de Luis? Por que enfatizava tanto isso?

— Já faz tempo que estou de olho em você. — Estalou os dedos, cruzou as mãos sobre a gorda barriga e se recostou na cadeira para me olhar melhor.

— É mesmo? — Tentei parecer presente na conversa, quebrando meu silêncio.

— Eu acompanho todos os casos e sei por que ganhamos e perdemos em todos. Aqui fazemos muitos relatórios para aprender com os erros dos outros. E já li muito sobre você.

Instintivamente olhei para Luis. Eu sabia que já havia derrubado-o muitas vezes gloriosamente. Como deve ter sido purgante para ele relatar os motivos das suas derrotas para a advogadazinha de um pequeno escritório.

— Acho que você tem muito que aprender com a gente, mas, também queríamos você.

Sorri, finalmente, em um golpe de alívio, suspiro e ressurreição.

— Aprenderei.

— Nós também — completou, em um sinal de humildade que me surpreendeu.

Era ali a verdadeira escola de Luis, o que tinha total coerência com suas atitudes comigo.

— Seja bem-vinda, então. — Apertou minha mão, de pé.

— Obrigada pela oportunidade.

— Espero que me agradeça todos os dias ganhando para nós todos os processos que puder. Porque aqui ninguém é tão forte que não possa perder, nem tão fraco que não possa recorrer e ganhar. — Riu.

Quando saímos da sala, Luis sorriu feliz em me fazer feliz. Quis abraçá-lo forte ali mesmo, mas me contive para não chamar atenção das pessoas que passavam.

— Obrigada mesmo! Você foi a maior surpresa da minha vida. Eu não acho que mereço. Seja lá o que é felicidade, é o que sinto agora. E você me entende por quê.

— Você vai trabalhar na sala junto comigo. Há uma mesa a mais lá e acho que dá para a gente se arrumar sem se matar. — Brincou.

Quando entramos na sala e ele fechou a porta, parei em sua frente e comentei que nem diria que isso aconteceria.

— Eu nunca achei impossível.

— Mesmo?

— Eu sempre tive gostos exóticos. — Alfinetou.

— Ah! Obrigada. — Ri.

Olhamo-nos em silêncio, uma energia boa fluindo entre nós. Eu poderia beijá-lo ali.

— Amor? — Ouvi uma voz estridente de mulher atrás de mim.

Virei-me para ver, mas o vulto que correu e se atirou nos braços de Luis foi mais rápido que meus olhos. Quando ela parou de agarrá-lo e ele a afastou, pude contemplar a patricinha vestida de rosa pink e óculos de abelha.

Levantei as sobrancelhas e franzi a testa, olhando diretamente para Luis.

— Prazer, meu nome é Kelly Victória Tunik. — Estendeu a mão cheia de pulseiras para mim.

Tunik era o nome que estava escrito na placa do homem que agora pouco me contratara. Luis namorava sua filha e, por isso, tinha o direito de pedir o que quisesse para ele?! Era isso mesmo?

— Hum... Você e o Luis são...?

— Amigos, namorados, amigos, sabe como é. — Deu uma gargalhada, chacoalhando o corpo para frente e para trás.

— Ah sim! Eu sou a amiga dele. Mas, só amiga. — Sorri e apertei sua mão. — Vou deixar vocês sozinhos. — Olhei para a mala também rosa que ela carregava. — Devem estar com saudades — comentei.

— Priscila. — Ainda ouvi a voz de Luis.

— Não, tudo bem. — Encolhi os ombros, abaixei a cabeça e sai.

Na verdade, eu não tinha para onde ir, nem com quem falar. Uma mulher vestida de copeira que empurrava um carrinho perguntou se eu queria água ou cafezinho.

Aceitei o copo de água para engolir aquela última. Luis era amigo-namorado-amigo da filha do chefe que acabara de me empregar! Ótimo, eu acabava de trancar com um cadeado de códigos de número meu cinto de castidade.



Voltei, à noite, sozinha para casa, Luis ficou para o Happy Hour de Boas Vindas da sua namorada- amiga -namorada, ou seja, lá o que isso signifique. Tomei um banho e descii. Sentei na cadeira de balanço da varanda com Rick aos meus pés. Fiz carinho nele, que, de repente, levantou a cabeça, balançou o rabo e correu.

Era Luis chegando. Os dois fizeram uma festa no gramado. Depois de alguns minutos, Luis subiu os degraus que davam para a varanda e seus sapatos fizeram barulho no assoalho de

madeira. Ele sentou-se ao meu lado enquanto Rick não parava de lambar seu rosto.

— Ele gosta mais de mim que você — comentou, afastando o rosto. — Senta, Rick, senta. — Ordenou e foi obedecido.

— Já tem gente demais gostando de você — falei e arrependi-me em seguida.

Luis que estava inclinado sobre Rick acariciando seu pelo, virou o rosto para o lado e olhou-me. Parecia tão surpreso quanto eu mesma estava com aquela frase que tinha vários significados e o principal deles é que estava com ciúme.

— Mas eu gosto de bem poucas. — Piscou o olho.

— Ainda são muitas. — Levantei-me com as mãos dentro dos bolsos da frente do moletom.

Luis veio até mim e ficou na minha frente.

— Eu gosto de você, sabe disso, qual o seu problema? — falou sério.

— Nenhum! — irritei-me. — Você não pode encarar nenhum joguinho de palavras bem, ah, me deixa...

— Não — enfatizou. — Você tem que aprender que não vai ser feliz enquanto estiver jogando, vai sempre quebrar a cara...

Parei na soleira da porta da sala de costas para ele e me virei para olhá-lo. Não acreditava que tinha sido tão grosseiro, pude enxergar ali o Luis com quem competi tantas vezes, com as garras de fora prontas para ferir e dilacerar.

— Desculpe... — Abaixou a cabeça e suspirou. — Mas, não vê o que faz consigo mesma? Você só procura homens impossíveis porque não quer na verdade ficar com eles, ou ficar profundamente. Seus joguinhos são maneiras de manipular a situação para mantê-los perto quando te interessar. E ainda se faz de sofredora.

— Eu não preciso ouvir isso.

— Não precisa mesmo porque você tem quem goste de você de verdade. E, quem tem uma pessoa assim, não precisa mais jogar com a sorte, desejando sempre perder para não ter que sacrificar nada, nem se arriscar. Porque, nesse caso, se joga no mesmo time. — Luis falou com uma voz afável e chegou bem perto, mas sem me tocar, percebendo que eu ainda estava na posição de ofendida e com olhar reativo. — Eu sei que você não sabe amar, que o mais próximo que chegou disso acabou frustradamente, que está com muito medo de que acabe tudo errado outra vez, te restando um monte de problemas para lidar... — Encostou uma mão na minha cintura, depois a outra. Olhei para elas e depois fixamente nos seus olhos. — ... Mas, não se deve desistir, quando se está bem perto de acertar.

Meu coração começou a disparar e, ele estava certo, eu tinha vontade de correr de medo. Medo de ser feliz. Porque quando se tem a possibilidade perfeita de ser feliz, às vezes,

pensamos que o melhor é fugir para não tentar e estragar. Quando a possibilidade fica cristalizada em um passado, ela se torna perfeita, como um belo quadro. Mas, a felicidade não é fixa como uma foto, mas fluída e contínua como um filme. Luis estava ali falando tudo que eu precisava ouvir e sua proximidade provocava reações físicas altamente térmicas no meu corpo.

Tirei as mãos do bolso e não sabia onde colocá-las. Se fosse um jogo eu não erraria. Nós sabíamos que não era. Então, eu deixei-as tocar a sua blusa branca, na altura do abdômen. Eu precisava aprender e ele ajudou, puxando-me mais para perto. Luis subiu a mão da minha cintura pelas costas e segurou minha nuca, entrelaçando seus dedos pelos meus fios de cabelo.

Permiti-me sentir a superfície da pele do seu rosto e toquei-a com a mão esquerda. Meu dedão acariciou-o. Luis não teve pressa, sua espera fora tão longa, que agora só lhe restava receber o prêmio por todo o esforço em chamar minha atenção e conquistá-la. Desculpe, não era um prêmio, eu tinha que entender que não era um jogo de adversários.

Encostei minha boca em seu pescoço e ele inclinou a cabeça para o lado direito, em um movimento involuntário de reação, fazendo meu rosto encostar completamente em sua pele. Aspirei seu perfume e quis mais. Minha mão sozinha buscou sua nuca para inclinar sua cabeça mais para frente. Ele acompanhou também beijando o meu pescoço. Sua boca úmida me tocando arrepiou-me. Estávamos abraçados, juntos, colados, um só. Esse era o sentindo do amor que ele queria me mostrar: quando nos fazemos um.

Degustando. Amor se experimenta. Paixão é fast food.

Encostei-o na parede, mas não abruptamente como presa. Fui delicada e firme, buscando ser consentida.

Ele aceitou e me trouxe pela cintura, colando a minha na sua. Senti as frequências e relevos do seu corpo e dei um leve impulso para ficar na ponta do pé. Queria estar mais acima, talvez ainda reflexo da memória de dominadora. Mas, não me reprimiu, aceitou e se deixou beijar em todo pescoço, agora mais rápida e intensa.

As moléculas começavam a se aquecer com o aumento da intensidade do contato e da fricção de nossas peles. Seus punhos fecharam sobre meu moletom suspendendo-o para que as mãos tocassem minhas costas.

Olhei sua boca entre aberta, de um vermelho carnal, cor de sangue, pronta para o beijo que eu lhe daria por vontade própria. Iria ali selar o meu *sim*, quando vi um clarão na parede e seu rosto ficou iluminado por uma luz extremamente forte, que ofuscou seus olhos. Ouvimos o barulho de buzina. Virei o rosto para trás, assustada.

— Meus pais. — Ele falou.

— Ân?! Seus o quê? — Virei-me e vi uma caminhonete parando no gramado.

— Eles sempre chegam de viagem sem avisar para fazer surpresa — explicou, não

parecendo nada entusiasmado com a surpresa dessa vez.

Ajeitei o meu cabelo para trás e arrumei a roupa. Cruzei os braços. Luis desceu para cumprimentá-los. Eu aproximei-me timidamente.

— Você deve ser a namorada dele. — Sua mãe, uma senhora de cabelos loiros e sorriso vibrante puxou-me para um abraço. — Como é seu nome mesmo? Kelly? — confundiu-me com a Barbie Perua do escritório. Pelo visto, não a conhecia pessoalmente.

— Não, mamãe, ela se chama Priscila. — Luis consertou, mas, seu “não” não foi extensivo para o fato de eu não ser sua namorada, dando a entender que o erro fora só na troca de nomes.

Pensei em deixar isso claro, mas, o pai dele, cumprimentou-me calorosamente com um abraço:

— Finalmente, ele te trouxe para conhecer os velhos. Ele sempre tem vergonha de...

— Papai, menos! — Luis tirou as malas do porta-malas da caminhonete preta.

— É verdade, Luisinho. — A mãe corroborou a opinião do pai.

Luisinho? Ri da situação. O casal ficou lado a lado comigo, me tratando como se eu fosse uma boneca que sempre quiseram ter. Agora mesmo que eu não teria o que falar.

— Ela está passando uns tempos aqui comigo. — Luis explicou.

— Uns tempos? — Os dois se entreolharam. — O mundo é outro, Alberto. É outro. — A mulher riu, sem ar de reprovação.

— É que eu estou procurando um apartamento novo. — Eu tinha que esclarecer algum ponto daquela história.

— Não se preocupe, minha filha. Fico mais tranquila em ter você aqui. As mulheres sempre tomam o controle e tudo acaba bem... — Ela defendeu-me.

— Você está vendo o que te espera? — O pai fez sinal para que Luis abrisse o olho e todos rimos.

Eles gostaram também do cachorro e, já na sala, arremataram que aquela casa realmente precisava daquela alegria e que formávamos um casal lindo. A mãe de Luiz tirou da bolsa a máquina fotográfica. Deviam viajar tanto que a própria casa parecia mais uma parada da viagem e, Luiz e eu, outra atração a ser registrada.

Eu havia entendido pela empregada que ele morava sozinho. Mas, acho que eram só “temporadas longas” de solidão.

— Fiquem juntos, anda. — Ela mandou, gesticulando para que nos aproximássemos.

Luis abraçou-me por trás e tiramos a foto mais casal que poderia existir, com a participação especial de Rick. Ela mostrou para o marido como tinha ficado e Luis falou ao

meu ouvido:

— Desculpe, isso não estava incluído no pacote da estadia.

— Seus pais ou nosso namoro de mentira relâmpago? — perguntei baixinho.

— Será duro de encarar?

— Você precisa contar a verdade — disse-lhe.

— Mas já é uma meia mentira. — Beijou minha bochecha e parou de me abraçar por trás. — Podemos sair para comer alguma coisa, que acham? — sugeri para os pais.

— Ótimo! Vamos até aquele restaurante que eu amo com rodízio de massas. — Ela recomendou, juntando as mãos e fazendo cara de deliciosas lembranças. — Luisinho já te levou lá? — perguntou.

Não, não me levou a lugar nenhum. Nós estávamos começando alguma coisa há alguns minutos quando vocês chegaram. Pensei, mas não falei, limitei-me a sorrir.

— Amélia sempre vai lá. Por que as mulheres têm ideias tão fixas, quando gostam de uma coisa e pedem sempre a mesma? Não importa que o cardápio tenha 30 sabores de pizza, elas sempre vão pedir a metade de frango com catupiri! — O senhor Alberto satirizou e todos rimos alto.

— Então, vamos nos arrumar. — Luis bateu palmas e eles se encaminharam para o quarto que havia no primeiro andar.

Ficamos só nós dois na sala, sob a luz forte e branca. Parece que passou por nós um furacão, quebrando completamente o clima quente, escuro e silencioso da varanda.

— Nunca trouxe a Kelly aqui? — perguntei.

— Não. Ela não era de se trazer.

— Como eles sabem dela?

— Kelly mandou presentes nas bodas dos meus pais e assinou como namorada. Depois, virou um mito de quem eu falava para que eles não se preocupassem, porque eu estava acompanhado enquanto viajavam e me deixavam sozinho.

— E eu agora sou a materialização do mito? Luis, eu só quero ser eu mesma.

— Tudo bem, vou desfazer o mal entendido — garantiu.

— Ok — aceitei. — Bom, então, vou me arrumar — anunciei e comecei a subir as escadas.

— Mas, Priscila?

— Hum? — Olhei para baixo.

— Uma mentira contada várias vezes vira verdade.

Prendi o sorriso no meio da boca e balancei a cabeça para os lados.



— Nós já disputamos vários processos juntos — contei, apontando para Luis e eu. Ele sorriu em cumplicidade.

— Ah! Juntos?! — Sua mãe levantou as sobrancelhas com um pedido de que contássemos mais.

— Não, juntos, não... — consertei, antes que ela pensasse que éramos parceiros. — ... Quero dizer, um contra o outro.

— Luis sempre gostou de desafios — orgulhou-se.

— Não sei quantos foram ao todo... — lembrei vagamente.

— Doze. — Luis falou.

— Veja só. — sua mãe apontou para mim. — Ele tem de cabeça.

— É porque eu ganhei 7. — Gabou-se em voz alta.

— Eu discordo, vou ter que refazer esses cálculos — interrompi-o, olhando agora tão perto seu rosto ao meu lado.

— E quando entra a parte em que vocês ficaram no mesmo time? — Seu pai perguntou, antes que nós dois começássemos com rivalidades.

Lembrei-me rapidamente das circunstâncias e senti um mal-estar. Era como manchar aquele momento puro e familiar com erros sujos do meu passado.

— Priscila saiu do escritório onde estava e começou a trabalhar no meu — explicou, como se tudo se resumisse a questões de trabalho e eu mesma tivesse tomado essa atitude sozinha.

— Então, ela é a filha do seu patrão? — Sua mãe franziu a testa.

Luis que havia caído em contradição percebeu que era hora de esclarecer aquele ponto:

— Não, mãe. Priscila é outra...

Outra.

Ser a outra é estar no lado vilão de qualquer história. E eu parecia ter nascido para o papel de outra em tudo. Mas, aquela palavra dessa vez não tinha um mal sentido. Tudo ali era singelo e agradável. Não lembrava outro encontro aconchegante como aquele.

A Família de Hugo, meu ex-marido, sempre me tratava como a oportunista, não importasse o quão graduada e elegante eu fosse. Sempre carregaria os estigmas que me colocaram. É difícil para as pessoas reconhecerem o crescimento e mudança. É sempre mais simples para elas criarem mitos e naturalizar os erros dos seus desafetos.

— Mas e aquela? — Quis saber, desapontada pela própria ingenuidade de ter entendido errado.

— Ahhh, aquela não importa mais... — Ele balançou a mão no ar em pouco-caso.

Então, eu é que importava.

A “outra” da vez.

Como a figura central, fui muito bem tratada durante todo o jantar. Rimos muito e conheci várias histórias da vida de Luis. Mas, em um dado momento, sua mãe reparou que no meu dedo esquerdo havia uma marca de sol da aliança recém-tirada. Seu olhar se encontrou com o meu. Eu fechei o sorriso. Luis e o pai travavam uma conversa animada e não se deram conta. Mas, a mulher não questionou nada. O sinal estava ali marcado na minha pele.

— Priscila? — Ouvi uma voz conhecida ao meu lado.

Era uma vizinha acompanhada pelo marido. Não adianta escapar, quando você tenta manter distância da sociedade, basta colocar o nariz que todos vêm ao seu encontro como se tivessem recebido convites com endereço e hora marcada.

Levantei-me para cumprimentá-los. Não os apresentei aos pais de Luis. Pelo contrário, afastei-os para longe e expliquei que estava dando um tempo com Hugo. Pedi discrição, mas era inútil, estava entregando a notícia na boca dos lobos. Ao sentar de volta à mesa reparei nos olhares de ofensa por tê-los ignorado. Era hora de esclarecimentos.

— Tudo está sendo tão rápido... — Eu ri. — ... Eu gostaria de falar em outro momento, mas, preciso contar uma coisa a vocês.

— Luis já nos contou. — A mulher sentada à minha frente adiantou-se.

Olhei para ele. Certamente sua mãe perguntara sobre a aliança no momento em que me levantara.

— Ele contou tudo? — perguntei.

— Contei que se separou e que estamos juntos. — Ele resumiu e deu sinal de que não falara do filho que eu esperava.

— Desculpem se chegaram e logo encontraram uma intrusa na casa de vocês, prometo que vou encontrar um lugar para mim. Foi tudo rápido, uma avalanche...

— Está tudo bem. — Ela aceitou, sem muito entusiasmo, mas com respeito e distância. Isso já era o suficiente.

— Mas, saibam que gosto do filho de vocês. — Ofereci a moeda de troca pela boa aceitação.

— Isso eu não tinha falado. — Luis brincou para amenizar.

— Ele é mesmo o garoto inteligente e esforçado que sempre foi na faculdade, é o homem perspicaz e obstinado que conheci nos tribunais e um excelente amigo e cúmplice.

— Vou me candidatar. — Tirou sarro da minha declaração. — Prometo pensar em um slogan de impacto. — Bebeu a sua bebida.

— Vamos pedir mais alguma coisa, então? — O pai pegou o cardápio.

Eu já não estava com a mesma fome de antes, mas tentei olhar pelo lado bom, poderia ter sido muito pior. Não podemos exigir que as pessoas nos amem com tanta rapidez, é necessário tempo e conquista. Eles, pelo menos, não insistiram no assunto no resto da noite.

Na volta, seus pais estavam muito cansados e foram logo dormir. Sentei-me no sofá para retirar as sandálias alta. Procurei com os olhos Luis, mas só vi a luz do escritório acesa. Caminhei descalça até lá e parei na porta.

Ele falava ao telefone de costas:

— Cara, não vai virar um maconheiro convicto, hen? Vê se estuda, hen? Não adianta voltar com o passaporte carimbado e só ter feito sac... ãnh... Ta pensando em ficar aí até quando mais? Quê?!

Ele parecia discutir com um rapaz mais novo. Levou mais uns minutos e desligou, quando viu que eu estava ali, sorriu e explicou que não é fácil ter irmão. Eu mostrei espanto, não sabia que tinha um. Luis explicou-me que é um primo que fora criado como irmão, pois os pais faleceram cedo.

— Nossa. — Levantei os olhos.

— Está nos EUA — disse.

— Parecia o pai falando com ele?

— Pareceu? — Fez careta.

— Hum hum. — Sorri e abaixei a cabeça.

— Eu entendo o que ele passou. Somos irmãos, por isso. — Mexeu em alguns papéis da mesa, fechou a pasta de trabalho.

— Como entende? Seus pais...

— Não são meus pais. Não como está pensando.

— Não? Nossas, você também tem muitos segredos.

Luis deu a volta na mesa e parou na minha frente com as mãos no bolso.

— Eu sou adotado.

Levantei as sobrancelhas e abri a boca para dizer algo, mas não consegui. Então, isso explicava por que ele tanto me apoiava e não queria que eu interrompesse a gravidez...

Aproximei-me.

— Não precisa sentir pena. Eu tenho muito mais do que poderia merecer — falou.

— Não estou com pena! — corrigi, vendo-o arredio.

— Eu estou surpresa, cada vez mais surpresa porque você não é nada do que pensei. Não sabe o quanto já te detestei...

Meus joelhos encostaram-se aos seus, já que ele estava sentado na beira da mesa. Luis descruzou os braços.

— ... Você era para mim alguém que me atrapalhava e, de repente, eu precisei de você mais que tudo ... — continuei. — ... Tudo foi como uma avalanche... — falei mais baixinho, olhando fixamente para sua boca. — ... Ainda acho que tem algo errado... — Desviei os olhos para os seus e engoli em seco. — ... Mas, nunca fui de perder tempo, pensando...

— Como agora? — perguntou, desafiador.

— É. Mas, é que ainda olho para você e...

— Parece incoerente sentir que quer... — levantou-se, ficando mais alto e mais intimidador, mesmo sem querer.

— Sim. — Dei um passo atrás.

Ele puxou-me pela cintura e me beijou.

Levei minha mão a sua nuca e afaguei seu cabelo. Abraçamo-nos mais forte, aquecendo um ao outro. O contato carinhoso era tão bom que senti uma grande paz. Quando afastamos nossos rostos eu disse-lhe que não queria que isso um dia virasse um erro também. Ele falou que nada que começa certo pode virar um erro.

Mas, é que na minha vida nada parece tão simples.

Não havia nada normal quando dois antigos inimigos caminhavam pelo corredor às pressas para o quarto de Luis. Isso seria impensável e lá estava eu borbulhando em desejo quando fechou a porta atrás de si. Andei de costas e cai em sua grande cama.

Ele suspendeu meu vestido justo e se colocou entre minhas pernas. Ai, enlaçando sua cintura com força, eu lembrava de nós dois duelando nos tribunais e chegava a conclusão de que nossa competição eram os momentos mais excitantes da minha vida.

Sem camisa, abracei suas costas largas e fortes e fui arranhada com sua barba rala, beijando-o enlouquecidamente. Era quente, forte, cheio de controle e vontade acumulada, um homem decidido a me ter.

Pela primeira vez tinha alguém que me desejava pelo que eu era.

E eu também o queria, sem segundos interesses ou desafios.

Logo as roupas caíram pelo chão como segunda pele e lá estávamos unidos, entrelaçados, imersos naquele cheiro de sexo, suor e paixão. Tentamos controlar os gemidos e respirações, mas, só afundando o rosto no travesseiro para não gritar de tanto prazer.

Quando desmaiei entre lençóis, ele recolheu meu corpo, abraçou-o e disse junto ao meu rosto que valeu todo o tempo que esperou desde a faculdade porque eu era a mulher dos seus sonhos.

Sorri, tomando a consciência de que eu sonhava com aquilo também, só não imaginava que poderia ter. E era incrível a sensação de proteção, envolvimento, ternura e contato pele a pele.



Quando Andy voltou das suas duas semanas de férias, como esperei, me ligou. Eu ansiava e temia por isso. Queria estar perto da minha amiga, mas essa vontade vinha carregada de sensações de culpa e tinha medo de não suportar isso. Marcamos de nos encontrarmos no café de sempre, próximo à praia.

Andy estava mais séria que o normal. Imaginei que me recebesse com abraços e risos, porém foi mais contida que isso. Ela pediu que eu fosse até seu carro que iríamos a outro lugar mais legal. Senti um frio na barriga.

Meu celular tocou e era Luis. Pediu para a gente se ver no almoço. Falei que não dava, que estava com Andy. Ele insistiu com voz grave e firme. Alguma coisa estava errada. Perguntou se ela estava normal comigo.

Eu disse que sim, até agora nada tão excêntrico acontecera. Olhei para ela dirigindo em direção as pedras à beira mar. Por que íamos para lá se combinamos de beber algumas coisas juntas?! Lá não tem bares. O que Luis sabia sobre aquilo?! Eu não poderia perguntar ali, ao lado de Andy!

— Aconteceu algum problema no escritório? — perguntei, torcendo para que percebesse que eu estava fingindo um diálogo com ele.

— Eu preciso te contar uma coisa — disse.

— Ân, fala.

— Depois, depois. Tchau — desligou.

Se eu já estava desconfiada da atitude de Andy, agora subindo em direção as pedras e com a ligação de Luis, ficava ainda mais apavorada.

— Por que estamos indo para lá? — perguntei.

— Tem um pôr do sol lindo. — Sorriu.

Aquilo estava parecendo filme de terror de verdade. Ela estacionou bem próximo ao barranco que dá para o mar.

— Vamos ter que esperar, como o horário de verão ainda vai demorar para o sol se pôr — comentei.

— É, vai... — Ela se inclinou para trás e pegou o DVD que estava no banco de trás do carro. Era uma pequena tela, dessas que se coloca presa no encosto do banco para o passageiro de trás assistir filmes.

— O que isso? — perguntei, já gelada.

— Eu levei para assistir na viagem e queria te mostrar. — Ela ligou o aparelho.

Eu não me mexia mais, estava petrificada, só minhas mãos suavam frio. De repente, se fez um chiado e a imagem das câmeras de segurança dos prédios localizados no portão de fora mostraram o carro de Marcelo. Em um dado momento, em que o veículo vira para entrar, ela parou a cena.

— Era você dentro do carro? — perguntou-me.

Não respondi, estava tudo ali, não precisava de depoimentos. Era eu, desfocada, em uma zona de sombra, atrás do vidro, mas quem me conhecia bem como ela, reconheceria. Andy viajara já sabendo disso? Fora para longe para digerir a situação e superar?! Sozinha! Ali caiu sobre mim o peso total da culpa.

Luis me ligara para contar a tempo que avisar a minha amiga que eu traía seu marido? Ele lhe dera a dica para olhar em outras câmeras, como as do seu prédio? Andy seria o golpe final. Como pude acreditar em se lado bom? Pior, ainda me envolver? Por que eu era uma mulher tão fácil assim? Por ser muito carente ou muito leviana? Luis tinha começado a gostar de mim e se arrependera do que já tinha feito?

Eu tinha muitos questionamentos, mas Andy com o vídeo na mão ainda esperava por uma resposta para a sua pergunta.

— Eu gostaria que não fosse — respondi.

— O que eu faço com você agora? — Ela me perguntou.

Me jogar do barranco com o carro? Aquela ideia mórbida me ocorreu.

— Nada vai diminuir a dor que está sentindo — disse-lhe. — E não sabe o quanto lamento por isso.

— Eu queria que você morresse, só para saber que depois do que fez não estaria por aí desfrutando da vida. — Ela confessou com a voz fria. A viagem deve ter lhe arrancado todas

as lágrimas.

— Eu também já quis isso — confessei.

— Enquanto eu esperava um carinho, um afeto daquele homem, ele vinha pra cá com você? — Gritou comigo.

— Talvez você pense que o melhor dele tenha ficado comigo e essa seja sua maior raiva...

— Que bom que vê tudo claramente.

— ... Mas não foi assim — corrigi. — Quando começamos a sair, eu também pensava que seria. Estava carente, sozinha... Enfim, isso não justifica nada. Mas, encontrei o mesmo cara vazio e drogado. Eu também não o quis, Andy. No final, o rejeitei. Quando sai daquele Motel, vi que não valia a pena um cara drogado. Ele ainda ficou lá cheirando uma carreira quando eu dei o fora... — contei tudo de uma vez para que Luis nem ninguém pudessem me chantagear.

— Pelo menos por essa parte não tive que passar — contou, recobrando o orgulho. — Ele não se drogava comigo.

— E por ter visto a grande besteira que fiz, por ter encontrado um cara que já estava no fim, eu quis cair fora. Naquele dia, sai de lá e o deixei sozinho. Depois, tudo aconteceu.

— Como pode ter ficado do meu lado, sabendo de tudo?

— Nunca deixei de ser sua amiga — falei.

— Então, agora é a hora. Saia do carro.

Aquela ordem era a mais dura de se ouvir. Abri a porta e sai. Pisei no mato, o mar abaixo. Ela ainda me olhou.

— Isso não é tudo, eu ainda estou grávida — falei-lhe, para não carregar mais nenhum segredo comigo.

— Você levou o meu marido, os meus bens, a minha alegria, mas o mal sempre estará com você — disse e partiu.

Olhei o mar na minha frente. Eu poderia me jogar dali, porém, não tinha vontade. Não conseguia nem me mexer. Estava sem forças. Fiquei ali até o pôr do sol, demorou, mas chegou, triste e laranja no horizonte.

Precisava partir a pé, antes que escurecesse. Comecei a caminhada pela beira do asfalto. Meia hora depois, estava próxima ao último posto da praia, onde havia um táxi parado.

Nem sei como cheguei à casa de Luis. Ele já estava lá e sua família também, ao redor da mesa.

Olhei-o e não precisava demonstrar o meu desapontamento, ele era bem inteligente

para saber que entre nós só haveria o mesmo sentimento de sempre.

Sem dizer nada, subi as escadas. Ouvi seus passos atrás. Fechei a porta do quarto, mas ele abriu depois. Peguei a mala no canto e comecei a colocar dentro o que estava espalhado.

— Priscila, eu posso explicar.

— Eu não quero ouvir a sua voz! — gritei. — Tenha um pouco de pena e me poupe.

Fui até o banheiro e busquei minha escova de dente. Luis fechou a porta.

— Eu vou embora, dá licença? — pedi.

— Não antes de me escutar.

— Eu não quero te ouvir! Eu não quero te ouvir! — Gritei.

— Priscila, o cara do Motel me ligou informando que a sua amiga foi lá buscar ver as câmeras. Então, ele quis mais dinheiro. Eu relutei um pouco e no fim ele confessou que nós íamos nos ferrar porque sua amiga mencionou para ele que já tinha cenas da câmera de segurança do prédio onde moravam... Não era algo que eu pudesse controlar... Ela vasculhou tudo. Provavelmente pensou que na própria ausência ele levasse mulheres para casa... Andy foi a fundo... Eu não tenho culpa.

— Luis, eu descobri que o cara que achava que gostava era um idiota, ele morreu e deixou a herança para mim, a minha amiga perdeu tudo e agora me odeia, o mundo vai ficar sabendo e eu vou ser considerada um verme. E ainda estou carregando um filho dessa história. Você pode sair da minha frente?! — pedi, chorando.

— Priscila, não importa, não importa... — Pegou-me pelos braços. — Eu amo você. Não vê tudo que eu fiz?

— Eu quero sumir, por favor.

— Não faz isso, não vai.

— Por favor... — pedi.

Ele me soltou e eu abri a porta. Do outro lado, seus pais apreensivos escutavam tudo, parados no meio do quarto.

— Desculpem. — Foi só o que pude dizer.

Peguei as malas para partir. Eles deviam estar satisfeitos do “mal” sair da sua casa.



Por ironia do destino, não importava para quão longe eu quisesse ficar de Luis, no dia seguinte teria que compartilhar a mesma sala de trabalho com ele. Abri a porta que ficava de frente para sua mesa e ele levantou os olhos do computador e me olhou diretamente.

O que se diz essas horas? Um “oi” comum e cordial?, pensei com sarcasmo e coloquei minha bolsa em minha mesa.

Luis ainda me olhava, senti que alguém me observava enquanto tirava minha agenda e telefone da pasta. Abri meu laptop e tentei me concentrar nas pendências que já havia no meu Outlook. Comecei a tomar nota de tudo fazendo uma lista de tarefas que não podia esquecer. Ele não disse nada e agradei por isso.

Eu faria de tudo para tentar encará-lo como só, e apenas, um colega de trabalho, apesar de seus olhos incandescentes, sua boca deliciosa e sua mão pesada incrível. Essa repulsão do pensamento acabou me provocando um sorriso. Olhei-o rapidamente para me certificar que não tinha captado isso. Não, não tinha, estava lendo uns papéis.

Nesse primeiro momento em que nos reencontrávamos, depois de sair de sua casa, quando tudo parecia pacífico, entra sem bater a querida filha do chefe, Kelly Victória. A fofurinha com um poodle branco nos braços, se reclinou sobre a mesa de Luis. Deixaram que subisse no prédio com um cachorro?! Como? Se bem que filha de quem era poderia aparecer puxando seu próprio filhote de elefante branco com um laço rosa na cabeça. O bichinho pulou de seus braços e saltitou na mesa de Luis, que se afastou.

— Não! Meus processos, Kelly! — Ele brigou, levando as mãos à testa.

— Calma, ela é limpinha e cheirosa. Acabou de tomar banho. Quer ver? Dá um carinho no titio Luis, Iuli, dá? — aproximou a cachorra do rosto dele.

Dessa vez, eu não tinha vergonha de fazer força para não rir. Era tão ridículo que seria inevitável a qualquer um gargalhar daquela cena tosquíssima.

— Tenho uma novidade para você... — Ela disse com voz de suspense e querendo que ele adivinhasse.

— Ân... — Luis juntou as folhas e verificou se nenhuma estava manchada com patas de cachorro.

— Vou trabalhar aqui. — anunciou.

— Trabalhar? — ele repetiu.

— É, e aqui!

— Aqui, como assim aqui? — Ele cerrou os olhos.

— Como assim digo eu? — Ela riu, se aguentando para não chamá-lo de retardado. Se era filha do dono, poderia estar sentada à mesa de Luis se quisesse. — Passei na faculdade e quero estagiar aqui. Como eu adoro você, pensei em estar aqui pertinho... — falou mais baixo.

Luis me olhou em pedido de socorro, eu sorri e abaixei a cabeça.

— Hum-hum. Então, o que o RH decidir...

— Não está feliz?!

— Estou, lógico!

Meu telefone tocou. Era um número não identificado. Atendi.

— Alô, Priscila? — reconheci pela voz, era a minha secretária, Tamires, do antigo escritório. A propósito, a irmã de Felipe, paciente com quem Andy se envolvera.

— Oi. Como estão as coisas?

— Bem. Eu estou ligando porque consegui passar na faculdade e sou a mais nova estudante de direito! Já posso virar sua estagiária de novo...

Eu fiquei assustada com tanta coincidência. Era justamente sobre isso que Kelly estava falando com Luis. E se eu pudesse ter uma estagiária também?

— Lá na empresa estão cortando custos e me dispensaram também. Te liguei porque pensei que talvez houvesse alguma onde está agora...

— Posso averiguar isso para você e te retorno.

— Jura? — Riu alto.

— Juro. — Ri também.

— Fico aguardando.

No departamento de RH me disseram que Kelly poderia dar conta do trabalho de Luis e do meu. Expliquei que preferia uma só para mim, porque o volume era enorme. Enfim, usei uma série de argumentos. Depois de uma hora de conversa, a mulher, que se chamava Joana, cedeu:

— Isso que dá trabalhar para advogados, vocês ganham sempre. — Sorriu. — Pode chamá-la aqui.

— Obrigada, Joana. — Sorri.

— Mas!

— ãnh.

— Ela terá que participar de um processo seletivo como qualquer outra e concorrer a vaga junto com a Kelly.

— Com a Kelly?! Ela é a filha... — procurei falar mais baixo.

— Eu sei. — Arqueou as sobrancelhas e escreveu algumas coisas no papel, parece que ninguém ali gostava do nepotismo da filha do patrão.

— Eu pensei que pudéssemos ter duas estagiárias...

— Isso fica difícil, já lhe falei que não temos duas vagas provisionadas. Mas,

podemos colocar as duas para fazer uma avaliação. Até por quê... — Foi a vez da mulher abaixar a voz. — Ela está diretamente ligada a linha hierárquica do pai, isso é contra as normas da empresa...

— Hum.

— Vamos ver. Eu te comunico.

— Ok. — Sai dali sem saber se podia ficar feliz ou triste. Só tinha a certeza que comprara uma grande briga!

Dois dias depois, Joana entrou na sala com uma pasta na mão. Olhou para mim e Luis e avisou:

— Chegou o resultado do processo seletivo.

— Que processo? — Ele perguntou.

— Não sabia? — Foi a vez de ela me olhar surpresa. Na nossa conversa eu acho que deixara transparecer que o desejo era meu e de Luis. — Priscila pediu para fazermos um processo seletivo para estagiária — explicou.

— Não. Eu pedi para ter uma estagiária só para mim e como não tinha vaga, abriram um processo seletivo formal, no qual a Kelly e outras candidatas tiveram que participar, inclusive minha indicada — expliquei melhor. Não queria que visse aquilo como qualquer tentativa de provocação.

— E assim foi feito. É, a garota era boa mesmo. — Ela olhou pra mim. — Vamos chamá-la.

— Que bom! — Bati palmas, muito feliz. — E a Kelly? — perguntei.

— Seu pai entendeu que é norma da empresa não deixar ninguém diretamente ligado a ele. Assim, serve de exemplo. A Kelly vai trabalhar em outro departamento.

— Não acredito que ganhei essa guerra — falei surpresa.

— Nem eu. Então, quer dar a notícia?

— Claro! — aceitei entusiasmada.

— Tchau para vocês — saiu.

Disquei o número da minha pupila e anunciei sua contratação como estagiária:

— Será que você ainda vai ter paciência para me aturar? — Brinquei.

— Jura, jura? — intuiui incrédula o motivo da minha ligação.

— Sim, vamos tomar muitos cafés da manhã juntas. — Ri. — Entra em contato com o telefone que vou te passar que eles vão te explicar tudo.

— Claro, muito obrigada, muito obrigada mesmo!

Desliguei o celular me sentindo muito bem por ter feito aquela boa ação. Encostei o aparelho no queixo, ainda com um sorriso no rosto. Virei-me e dei de cara com Luis em pé, atrás de mim. Assustei-me.

— Você adora a sensação do perigo, né? Do desafio, da adrenalina. — Sorriu.

— Do que está falando? — Voltei para a minha mesa.

— Comprou briga com a filha do cara para ter o prazer de colocar...

— Não é nada disso. Só queria uma pessoa competente para trabalhar comigo e...

— Não competir com você?

— Como competir? Apesar de ela ser filha do dono, eu ainda sou a advogada...

— Não é disso que estava falando... — Foi sua vez de voltar para sua mesa. Pegou uma pasta, o celular e o paletó.

— Do que, então? — Franzi a testa.

Era a primeira conversa longa em dias de mútuo afastamento.

— Não precisa brigar tanto pelo que já é seu. — Piscou o olho e saiu.

Competir comigo? O que já é meu? Luis estava achando que eu fizera isso para Kelly não ter chance de dar em cima dele? Lógico que não! Que ridículo. Imagina se eu ia ter ciúme daquela fedelha?!

Sim, eu tinha uma pontinha.

Sentei e fiquei apertando a tampa da caneta.

— Droga! Será que meu inconsciente foi movido por esse desejo?

Ótimo! Agora Luis estava se sentindo?! Arrrrhhh

“O que já é seu”...



A porta abriu e Tamires entrou com uma pilha de pastas repletas de arquivos. Ela tropeçou na ponta do tapete e caiu.

— Meu Deus, se machucou? — Levantei e corri para ajudá-la.

— Que nada! — Levantou-se. — Eu bem achei que não estavam tão arrumados... — falou para si mesma, vendo alguns fichários abertos e as folhas espalhadas pelo chão. — Eu preciso colocar óculos! — Não se envergonhou com o tombo.

Fechei a porta e chamei a atenção de Luis, que a todo tempo estava no computador.

— Não estava aqui de manhã quando a Tamires chegou. Luis, Tamires. Tamires, Luis.

Ela levantou-se e apertou sua mão. Luis a cumprimentou e perguntou se estava tudo bem.

— Óh, não se preocupe. Se vir amanhã todas suas coisas grudadas por aí com cola, não se assuste, é um plano de contingência para as minhas trapalhadas.

Luis riu. Tamires tinha esse brilho especial de iluminar o lugar a sua volta. Quando me telefonara, eu tive a lembrança sensorial de conviver com sua alegria intensa. Queria-a perto para ter novamente alguém que me fizesse rir de tudo, até das próprias trapalhadas. Se as pessoas soubessem que o diferencial está na energia que emanam...

— Tudo bem, com tanto que deixe o computador livre porque levo ele para todo lugar. — Luis brincou também.

— Claro, “deixar seu computador livre”. — Fingiu anotar na agenda.

Luis pegou seu paletó e se preparou para sair. Ele passou por nós e eu o acompanhei com os olhos. Quando a porta se fechou, me voltei para Tamires, que me observava.

— Que foi? — perguntei.

— Nada. — Sorriu para disfarçar o pensamento.

— Pode falar, fala.

— Eu vi... — Apontou para mim com os olhos semicerrados. — ... esses seus olhinhos de jabuticaba madura no pé focando bem ali, no meio, no centro... — Ela gesticulou como se estivesse apertando duas bolas de handebol.

— Que isso!!! — Fiz-me de rogada.

— Ah! Sim, sim, que isso? — Balançou a cabeça para os lados, fazendo seu cabelo castanho desfiado esvoaçarem. — A contento, a senhora focou a atenção na retaguarda. E agora, ad nutum, vem apelar para o disfarce? — ironizou. — Me poupe.

Eu ri e balancei a cabeça para os lados, sem negar. Tamires e eu tínhamos um relacionamento ótimo, desde o primeiro dia de trabalho no antigo escritório, fizemos uma grande amizade cooperativa, na qual tínhamos os limites de hierarquia, mas não deixávamos de dizer o que pensávamos. Isso contrariava o protocolo normal, mas nos rendia muito mais benefícios.

Uma pessoa bateu à porta quando eu já sentava. Ela atendeu. Era Kelly.

— Oi, você é aquela garota do processo seletivo? — perguntou para Tamires.

— Eu mesma. E você é a garota que passou para o departamento de relacionamento com investidores? — Bateu palmas. — Parabéns! Soube que está superbem lá. Já ouvi elogios

seus por aí.

— Jura? — Ela sorriu e mandou um tchauzinho para mim.

— Bonito. Fez luzes? — perguntou para Tamires. Será que ela se esquecia que estávamos em um escritório e que havia vida além do salão de cabeleireiro?

— Não, é de nascença. Minha mãe quando foi me batizar jogou um vidrinho de oxigenada 40 na pia. — Tamires fez uma pausa e depois riu. — Fiz sim, está muito aberto ainda, com os dias fecha a cor.

— Tenho que confessar que o meu também é.

— Está lindíssimo.

Kelly saiu se sentindo a Paris Hilton carioca e Tamires parou com a mão escorada na porta.

— Deus, eu já estava me vendo falando da capa da Caras?! Essa Lady Kate trabalha mesmo aqui? — Franziu a testa e impulsionou o busto para frente, chocada.

— “O pai dela tá paganuuu”. — Usei o bordão da personagem Lady Kate, aproveitando a referência de Tamires.

— Bem lembrado. — Tamires sentou-se.

Era incrível sua capacidade de conquistar a todos. Ela conseguia falar a língua de cada um como ninguém. Era uma menina brilhante. Cabelos castanho claro com fios dourados, sorriso grande, olhos mel e corpo esguio. Por ser mais alta que eu, devia ter cerca de 1,80. A pele levemente bronzeada lhe dava um toque de pecado e quebrava a angelicalidade.

Na hora do almoço, perguntei se gostaria de comer comigo em um restaurante natural na rua ao lado do escritório. Ainda não tinha muito companhia e era ótimo tê-la ali. Desde que Andy e eu brigamos, eu me sentia carente de amigas. Não ficava neurótica com essa coisa de perder a moral.

Pedimos nosso prato e aproveitamos o vento da varanda do restaurante para nos refrescarmos com um suco.

— Priscila, eu preciso te dizer uma coisa. — Ela pareceu mais séria do que o comum. — O meu irmão me contou que você e a sua amiga brigaram. Ele é paciente dela e agora um pouco mais que isso...

Abaixei os olhos. Aquele assunto era uma ferida em cicatrização.

— A Andy contou tudo? — perguntei.

— Sim. Tudo. Inclusive, soube que você está esperando um baby. — Sorriu.

— É. — Olhei para baixo.

— E você entrou para o clube que vai me pendurar no poste no dia de malhar o Judas?

— Se fosse, estaria aqui? — Não gostou da minha ironia. — Acha que eu estou aqui apenas pelo trabalho? Também, claro. — voltou ao seu lado brincalhão. — Eu fiz um teste do sofá superpauleira, literalmente, para conseguir essa vaga. E diga-se de passagem que foi páreo duro com aquela loira. Mas, eu fiquei com o papel no próximo filme das Brasileirinhas... Agora sério, me conta, que merda ter perdido a amizade com sua amiga, hen?

Eu ri da sua espontaneidade.

— Exatamente, que merda. Um passarinho deve ter feito caca na minha cabeça.

— Nesse caso, é sorte — consertou.

— Então, era de urubu. — Tentei achar o humor no meu drama.

Nossas saladas chegaram. O garçom nos serviu e eu comecei a comer meu prato colorido de legumes e verduras.

— O mundo parece que parou de girar — falei.

— Imagino, quero dizer, não faço ideia, mas tento imaginar...O que foi pior? — perguntou e, antes de me dar tempo para responder, se criticou. — Desculpe se isso está parecendo “No sofá com a Oprah”, mas é que perder o cara que se gosta e amiga de uma só vez deve ser barra — opinou.

— O pior foi descobrir que perdi uma amiga irmã por um cara que não era tudo isso. E agora, quando eu tento me livrar de todas as lembranças, começar tudo do zero, apagar qualquer resquício daqueles tempos, cresce dentro de mim o fruto do meu erro. Só pode ser um castigo. Deve estar me achando um monstro. Não me interprete mal... — suspirei.

— Você pode tê-lo considerado passageiro, mas, para Marcelo, pode ter sido algo muito mais forte.

Ela pronunciou o nome Marcelo com tanta propriedade, como se tivesse ouvido confissões dele no dia anterior, que cheguei a estranhar:

— Como pode pensar isso? — perguntei.

— Eu sei que não vai acreditar, nem estou aqui para obrigá-la... Mas, ele não está em paz com o modo como tudo acabou.

— Ele quem? Como assim?

— Ele falou comigo.

— Tá bom, Marcelo falou com você? — Balancei a cabeça para os lados. — Não quero ouvir, tudo bem? Não vai começar com suas loucuras! Eu tenho medo, tudo bem? Não quero ver água pelo chão da lavanderia do apartamento e achar que a garota do chamado vai sair da televisão.

— Eu disse que não precisava entender, deixa. — Ela continuou comendo.

Ficamos em silêncio por uns três minutos. Pedi mais suco e Tamires também.

— Você deve estar sentindo um peso muito grande pelo que fez. Isso mostra que está arrependida e não precisou de tempo, nem de mais sofrimento para chegar nesse grau de consciência. Agora, não adianta tentar se punir, se chibatar. Vai precisar se perdoar. Não são as pessoas que estão te condenando, é você. É importante que lide com o fato de que sofremos perdas e a vida continua. Só que ainda está viva para mudar o seu futuro. Acha que essa criança foi um castigo? Não, ela está aí porque será o caminho pelo qual você vai mudar...

As palavras doces, suaves e calmas de Tamires me fizeram esquecer a comida. Ela conseguira me hipnotizar e convencer.

— ... Nós podemos alterar o curso da nossa história. Ela não é feita pronta para nós encenarmos. Mas, quando um ator sai de cena, outro entra para nos ajudar a criá-la diferente. Até que a gente morra, vários atores passam por nós. O bebê que espera vai fazer você lembrar do quanto tem que se esforçar para dar a ele uma mãe feliz, bonita, bem-sucedida e que se ama.

— ... E quando eu olhar para ele... ? — Meus olhos se encheram de lágrimas.

— ... Você vai olhar e cuidar com muito carinho porque ele é filho de uma pessoa que te amou.

— Amou? — Franzi a testa.

— Você disse que não queria ouvir falar dele... Mas, Marcelo me visitou em um sonho e ele pediu para te dizer que está muito feliz que seu filho esteja com você e não com a Andy.

— Para! Está querendo melhorar as coisas...

— E ele disse que quer te ver feliz.

Enxuguei os olhos e bebi de uma vez o restante do copo de suco. Eu tinha medo de acreditar. Mas, já conhecia Tamires e sabia dos seus poderes de premunição.

— Parecia que ele sabia que eu engravidaria. Ele deixou tudo para mim. — Abri meu coração.

— Sim, eu sei. Meu irmão me contou sobre a parte da herança.

— Não foi justo.

— Entendo. Mas, você foi a pessoa que ele mais amou. Do jeito dele... Marcelo não soube lidar bem com seus próprios desafios... Vai precisar de tempo para ficar em paz. E você deve ajudá-lo, cuidando bem do seu filho. Foi por isso que sua herança está nas suas mãos.

— Como? Como ele sabia?! Ele premeditou?

— Nem tudo dá para entender, Andy. Ela é sua. Aproveite.

— Me sinto roubando isso da minha amiga. O advogado me ligou e disse que ela já saiu do apartamento. Deixou tudo, cada cadeira, cada xícara, tudo para mim.

— Lembra-se do que disse sobre ter uma nova chance para consertar? O dinheiro está em suas mãos, faça o bem a outras pessoas, já que não pode fazer para ela. E cuide-se, se ame, porque seu erro não é maior que a sua capacidade de se tornar boa para os demais.

Sorri e balancei a cabeça para os lados.

— Eu quero muito isso. Eu quero — disse-lhe.

— Então, não afaste as pessoas de você para se autoflagelar.

— Que pessoas? A Andy é que não quer mais me ver pintada — lembrei-a.

— Não falo dela. Andy superará sozinha. Falo do Luis.

— Luis?! — Franzi a testa.

— Eu vi o brilhinho no olho na hora que ele passou por você.

— Está vendo demais, mal chegou e está fantasiando. Isso aqui não é conto de fadas.

— Se acha que ele é o cara certo dessa vez, não fica brincando com as chances. A vida é breve, bem breve.

Tamires acabou seu horário de estágio e se preparou para ir à faculdade. Encontramos no corredor. Ela abraçada aos livros, disse-me que Luis estava bastante irritado na sala por ter falhado em uma defesa. Eu falei que era para não bancar a cupido. Mas, ela sorriu e explicou que tinha chegado em boa hora. Tinha que concordar, era um anjo. Pediu que eu explicasse a Luiz que havia coisas maiores que um caso perdido.

Fiz o que ela dissera e encontrei-o batendo as gavetas. Continuei parada à porta, vendo-o bufar, com os punhos fechados sobre a mesa, em posição de ataque, em pé. Fechei a porta de chave, sem que ele percebesse.

— É como os médicos, nem sempre se pode salvar as vidas — falei-lhe.

— É porque não é com você — falou agressivo.

— Já tinha me esquecido da sua cara de raiva. — Caminhei até ele e vi que o seu músculo da bochecha se movimentava com a pressão do maxilar cerrado. Fiquei em sua frente. — O que adianta? — Cruzei os braços e olhei através da janela. — Amanhã, o telefone vai tocar de novo e alguém lá embaixo vai nos ligar em apuros, pedindo que a gente interceda por eles. — Minha voz mansa e amigável fez com que sua respiração se tornasse menos rápida. — Mas, não há ninguém para interceder por nós, a não ser nós mesmos...

Levantei a mão e toquei em seu rosto. Luis tinha esperado sua chance quando éramos estudantes. Lutou para roubar minha atenção quando estava com Marcelo, esteve ao meu lado

quando fui expulsa de casa. Não devia mais desperdiçar as chances de aceitar seus sentimentos quando eu também compartilhava do mesmo amor.

Seus olhos se fixaram nos meus e a sua mão esquerda segurou a minha. Eu podia ler seu semblante transformado. Ele não pensava mais no julgamento. Estava concentrado nos meus lábios.

Dei o último passo que nos separava. Ele inclinou-se e me beijou com vontade. Seu cheiro forte de perfume seco, a gola dura da camisa, o pinicar dos fios curtos dos cabelos, a contração dos lábios úmidos, quentes e carnudos. Havia vida, muita vida a se provar. Abracei-o e senti seus beijos no meu pescoço. Paramos com as bochechas coladas e as bocas vermelhas, minutos depois.

— Eu senti sua falta — falei.

— Eu sempre soube que um dia você ia gostar de mim.

— Agora, não quero ficar mais longe. — Abri meu coração.

— Então, não vamos mais desperdiçar nenhum dia. — Sorri e estava realmente feliz.

— Todos com você são ganhos. — beijou-me mais forte e intenso. — Meu irmão chegou de viagem. Lembra que lhe falei dele? Estamos fazendo uma festa de boas-vindas. Não quer ir?

— Sim, vou adorar. Espero que seus pais não pensem tão mal de mim. Me importo com a sua família! — disse-lhe.

— Eles vão perceber o quanto estou feliz e apaixonado e só se importarão com isso... Te amo, Priscila e vou cuidar de você e seu filho. Não me importa as circunstância, eu esperei tanto para te ter comigo... Nossa última noite de amor foi incrível. Quero dormir ao seu lado todas as noites... — Apertando-me num abraço, me encheu de beijos rápidos e sorri, me sentindo muito feliz. — Traga algumas coisas para dormir comigo lá em casa essa noite, estou louco para te ter assim de novo.

— Não vou negar que também quero. Nunca pensei que seria digna de um amor como esse. É a primeira vez que provo disso... — confessei. — Como pude ficar já tão irritada com você e agora querer te beijar, hum? — Beije-o longamente de língua e o senti rígido, viril.

— Se não pararmos, vamos ter que ir para casa agora.

Rimos com nossas testas coladas, um acariciando o outro em admiração e felicidade. Deitei minha cabeça em seu ombro e fechei os olhos. Eu e meu bebê estávamos seguros agora em um ninho.

Queria tanto que Andy não o odiasse e fosse feliz também.

Como eu me arrependia de ter me aventurado com Marcelo!

Suspirei e desejei uma prece para que tudo ficasse bem para ela.

Parte 2 (Tamires e Vitor)

6.

O cavaleiro dos sonhos (Tamires)

O barulho do trote dos cavalos estava mais alto e mais forte. Toc, toc, toc. Podia ouvi-los se aproximar na floresta de eucaliptos. A qualquer momento desceriam a pequena elevação cobertas de folhagens. Já tinha visto e revisto aquela cena por diversas noites de sonho. Mas, dessa vez, alguns homens apareceram e os cavalos passaram por mim em alta velocidade. Não conseguia ver meu corpo. Era como se eu fosse apenas uma onipresença não física. Olhei para o lado esquerdo e vi que o primeiro cavaleiro tinha um forte braço musculoso e negro. Mas, eu que esperara dias para saber o porquê desse sonho recorrente, só pude me contentar com a visão daquele braço forte, porque logo os cavalos sumiram. Ouvi o choro de alguém e, antes que pudesse saber quem era, meu corpo foi sacudido e eu acordei.

— Tamires, você não está atrasada para o trabalho, não? — Era minha mãe com a cabeça em cima da minha e os raios de sol da janela cegando meu olho.

— Não, hoje eu posso chegar mais tarde. — Revirei-me para o lado.

— Ah! Tá bom, pensei que tinha perdido a hora. — Ela jogou o pano de prato nas costas e saiu, deixando a porta do quarto aberta.

Continuei com a cabeça no travesseiro, ainda sobre o efeito do sonho. Não adiantava dormir novamente. Quem sabe esperar pela próxima noite. Essa visão noturna se repetia.

De repente, enquanto eu olhava para o nada, vi um vulto passar pela porta. Apertei os olhos. Já estava acostumada com aquelas “visitas”, mas, dessa vez eu queria fingir que não fora nada e me espreguiçar. Virei-me para o lado oposto e dei de cara com ele. Assustei-me. Pus a mão no peito para recuperar o fôlego e apertei os olhos.

— Quer me matar do coração?! — Briguei, com a cara enfiada no travesseiro.

Marcelo estava parado na frente da minha poltrona rosa. Era só um vulto branco e quase transparente. Mas, mesmo que fosse bem nítido, ele só aparecia para mim. Não adiantava eu implorar para que as pessoas vissem ou me entendessem. Esse é um mistério que só me limitei a aprender lidar.

Levantei-me.

— Eu já falei com a Priscila. — Fui curta e objetiva. Não tinha tempo para seu mundo hoje, precisava tomar um banho e me arrumar.

Ele apareceu dentro do banheiro e eu resolvi parar e lhe dar atenção, afinal, não ia querer ficar no chuveiro com a inspeção de um espírito impaciente e cheio de pedidos. Respirei

fundo.

Marcelo parou ao lado do telefone e me olhou pedinte.

— Quer que eu ligue para alguém? — perguntei e pareci acertar. — Quem? Priscila? Para quê? Eu não disse que já falei com ela? Tudo bem, tudo bem.

Disquei o número do escritório e lá me avisaram que ainda não tinha chegado.

— Viu? Ela não está! — expliquei-lhe, mas não arredou o pé dali. Disse-lhe que faria uma última tentativa. Peguei meu celular e liguei para o dela. — Alô, Priscila?

Uma voz masculina do outro lado atendeu. Aquilo não parecia normal. Olhei para Marcelo e mordi o lábio.

— Oi, Tamires. É o Luis. Estou com o celular da Priscila. Ela não passou bem hoje de manhã.

— O que houve?

— Hum... — Luis hesitou.

— O que houve com o bebê? — perguntei, mostrando que já sabia do assunto.

Agora estava muito claro o motivo da presença de Marcelo, era seu filho em perigo.

— Está bem, mas foi por pouco... — falou aliviado. — O médico disse que é uma gravidez de risco e ela vai precisar ficar em casa. Já chamei para ficar na minha. Aqui posso dar todo apoio.

— Claro. — Olhei mais uma vez para Marcelo. Ele tinha acertado quando me pedira para ajudar o casal a ficar junto. Era a forma de ambos cuidarem do maior bem deixado por Marcelo nesse lado da vida. — Posso vê-la?

— Pode sim, acho ótimo. Vou te passar o endereço da minha casa.

Reclinei-me sobre a cômoda e notei tudo em uma agenda antiga. Desligamos. Quando levantei minha cabeça vi que estava sozinha no quarto. A cortina branca dançou com o vento.

Ufa, ele me deixou livre para correr para o meu banho.



Quando cheguei à casa de Luis, não havia ninguém para me atender na sala. A porta foi aberta por uma mulher de uniforme azul-claro e avental branco. Ela avisara que ia ver se Priscila não estava dormindo. Pediu que esperasse um pouco.

Tirei a bolsa transpassada do ombro. Estava vestida de maneira informal, jeans e camiseta branca. Hoje, não tinha faculdade, nem escritório. Olhei os porta-retratos em cima de um móvel cumprido de madeira escura. Havia muitas fotos de corridas de cavalo. Alguns

troféus e medalhas em uma grande cristaleira. Na parede, mais quadros sobre competições. Meu coração disparou e o sonho teve ligação com o presente. Os cavalos e o choro da mulher já estavam explicados. Mas, onde estava o cavaleiro de braço negro?

— Hei, girl? — Ouvi uma voz desconhecida que me pegou de surpresa.

Virei-me.

Era um rapaz negro e muitíssimo lindo, descendo a escada de madeira a minha frente. Seu braço era igual ao do sonho: forte, grande, musculoso. Meu coração estava na boca. Eu tinha pensado que se tratava de alguém que precisava de ajuda, mas, não, era uma pessoa *real*!

— Você é nova por aqui, né? Eu vou sair, dá um jeito no meu quarto, o pessoal fez uma bagunça lá ontem! — avisou e passou por mim como se eu não fosse ninguém, melhor, como se eu fosse uma empregada que ele desconhecia!

Oi?! Que almofadinha!

Pelo vidro da porta da sala, segui-o com os olhos. Ele estava vestido com uma calça com a cintura baixa, uma camisa regata branca e um lenço amarrado na cabeça, abaixo do boné.

Eu estava tão chocada por ver a materialização do sonho que nem conseguira explicá-lo que tinha me confundido com alguma empregada. Que carinha mais arrogante e mal educado!

— A senhora pode subir, que ela está acordada. — A mulher voltou para me avisar.

Subi as escadas e passei por um quarto que estava de porta aberta. Havia latas de energético no chão, duas caixas de pizza e uma bagunça sem tamanho.

— Não repare, Kali é muito bagunceiro. — Ela falou e apontou para o quarto.

— Não se preocupe. — Abaixei a cabeça e segui pelo corredor.

Lá, encontrei Priscila deitada na cama. Aproximei-me dela com um sorriso afetuoso e fraternal. Segurei sua mão e perguntei o que tinha acontecido.

— Que bom que está aqui, minha querida. — Ela me sorriu também. — Passei mal hoje de manhã, liguei para o Luis e fui ao médico. Recebi más notícias.

— Alguma coisa com o bebê?

— Por enquanto não, mas eu estou em uma gravidez de risco. Preciso ficar em repouso até ele nascer.

— E é isso que vai fazer, hen!

— Não posso!

— Como não pode? É uma vida que está em jogo, aliás, duas!

Priscila sentou-se e puxou o travesseiro mais para cima a fim de se recostar nele.

— Se eu ficar nessa cama à base de vitaminas, pães e televisão vou virar uma vaca inútil!

— Não acredito que está pensando na estética.

— Não, não, estou levando em consideração minha saúde mental! — Ela parecia muito aflita e desesperada, como se estivesse condenada a ficar presa dentro de um castelo.

Ela era a mulher chorando no meu sonho, aflita e angustiada. Eu tinha que ajudá-la.

— Bom, você não precisa ter overdose de Ana Maria Braga e enjoar de suco de cenoura, pode trabalhar aqui, deitada na cama... Mas, só para distrair.

— Aqui?! E os escritórios, os processos? E toda minha carreira...

— Priscila, você nasceu na era da Internet, do Home Office!

— Tá, mas acha que eles concordariam?

— Com tanto que você seja a ajudante do Luis e o ajude a ganhar todos os processos, não vão ligar se está aqui ou no Polo Norte...

— Pode ser...

— Você não tem escolha. E quando a gente não tem escolha, a hipótese mais arriscada é a mais segura. Aprenda a não dizer não, antes de tentar. Faz a máquina trabalhar ao seu favor sempre.

— Você tem quantos anos? 80? É a nova Benjamin Button?

Sorri e fiquei com as bochechas quentes.

— Que nada, só quero te fazer ver uma luz nisso tudo.

— E já está! Mas, vou precisar da sua ajuda aqui.

— Por mim, tudo bem.

— Vou te pagar por fora por algum favor “não profissional” que eu possa te pedir.

— Ok.

— Ai, não sabe como já estou me sentindo melhor e mais feliz.

— Que bom! — Sorri.

— Tamires, por que escolheu ficar do meu lado?

— Na verdade, eu não escolhi ficar do lado de ninguém, mas do meu lado. E aqui, desse lado, eu vejo que as pessoas podem mudar, podem ser melhores.

— Então, vamos agitar para trazer tudo para cá. Luis quer que eu fique perto dele.

— Uma curiosidade: quem é aquele rapaz que estava lá em baixo?

— É o irmão adotivo de Luis. Ele veio dos Estados Unidos e não sei até quando vai ficar, por quê?

— Nada. — Dei de ombros e fiz pouco-caso.

Por que ele estava nos meus sonhos?



Priscila e eu levamos alguns dias para conseguir trazer tudo que precisava para a casa de Luis. Usamos um quarto de hóspedes como escritório, onde ali colocamos uma mesa improvisada e uma cômoda que serviu para guardar as pastas e documentos.

Em cima, colocamos alguns livros. Priscila precisava ter um espaço que lembrasse um ambiente mais profissional possível.

Os pais de Luis foram embora, mas disseram voltar em um mês. Então, durante o dia ficávamos eu, ela, a empregada e o irmão de Luis, Kali.

Aliás, nosso primeiro contato foi marcado pela confusão em que pensou ser eu uma nova faxineira. Esse equívoco foi esclarecido quando Priscila me apresentou. Eu tinha acabado de entrar pela sala, carregando várias pastas, quando ela me viu da mesa do café da manhã.

— Chegou bem cedo. — Priscila franziu a testa e se ofereceu para ajudar a carregar.

— Nem pensar, você não pode pegar peso. — Balancei a cabeça para os lados.

— Ok. — Ela levantou as mãos em rendição. — Kali, essa é a minha estagiária, Tamires.

Ele, que estava sentado no outro lado da mesa do café da manhã, escrevendo alguma coisa em uma folha de papel, levantou os olhos e fez um ar de incompreensão. Estava certamente desconcertado por saber que me confundira.

Sorri e ficou ainda mais desconcertado, tentou abrir a boca para dizer algo, mas, não saiu. Eu fiquei vermelha e me odiei por isso.

— Querida, vamos trabalhar aqui na sala, porque o calor lá está infernal. Luis disse que vai providenciar um ar-condicionado novo porque aquele deu problema...

— Tudo bem — consenti com a cabeça.

— Deixa as coisas aí no sofá. Eu já volto, vou pegar o laptop.

— Ok. — Despejei a pilha na mesa de centro e, quando levantei o rosto, vi Kali na minha frente.

Fingi estar muito concentrada na minha organização.

— Desculpe por aquele dia, eu pensei que... — Riu, sem jeito. — Eu sou o irmão do Luis. — Estendeu a mão.

Olhei-a no ar, depois destinei um olhar longo e frio para mostrar que não sou nadinha fácil.

— Não se preocupe. Eu não ia ter tempo mesmo de fazer a faxina no seu quarto. — Sentei-me no sofá e cruzei as pernas com um processo no colo.

— Você faz isso há muito tempo?

— O quê? Faxina ou Direito?

— Vai me condenar até a morte? — Deu uma risadinha. Levantei os olhos, nada amistosa. — Me disseram que chegaria uma faxineira nova, aí, quando eu desço, encontro você na porta, pensei que...

— Vejo que já estão se dando bem, hen? — Priscila chegou com a voz animada, parecia muito feliz em voltar a trabalhar.

Kali voltou para a mesa e tomou a caneta para fazer o que parara quando cheguei. Como o sofá onde eu estava era de frente para ele, eu senti um leve desconforto, parecia que estava me vigiando.

As cenas do sonho não saíam da minha cabeça. Até ontem à noite eu não sabia quem era o homem negro que cavalgava velozmente.

Tomei coragem e levantei o rosto. Eu não tive um pressentimento errado. Kali estava me olhando.

Segurei o olhar no dele por alguns segundos e vacilei quando senti que alguma coisa dentro de mim despertara.

— Eu vou até a cozinha buscar água, você quer? — perguntei a Priscila.

— Não, obrigada. — Ela continuou compenetrada digitando.

Caminhei até a cozinha, que ficava no corredor do lado direito. Procurei um copo e abri a geladeira.

— Independente, essa garota. — Ouvi uma voz atrás de mim e tomei um baita susto.

— Quer me matar do coração? Coloca logo um desfibrilador nas minhas costas que vai ser mais sutil — falei para Kali. Ele iria me perseguir agora? Pedi desculpas, cruzou os braços e se recostou na pia. — O que posso fazer para acabar com o climão? — falou com uma voz de conquistador barato patética.

— Já disse para não se preocupar. Quando sabemos quem somos, não precisamos ficar incomodados com o que as pessoas pensam. — Deixei o copo dentro da pia.

— Hei... — Segurou minha mão. — Podemos conversar melhor?

— Vai pedir o telefone do meu cachorro também?

— Garota marrenta... — ironizou.

— Tamires — consertei.

— Ta-mi-res — repetiu de maneira didática com uma pitada de sarcasmo.

— Com licença, estou no meu horário de trabalho — falei-lhe, recobrando a compostura.

Kali colocou a mão na mesa, impedindo a minha passagem. Nessa posição, ficou tão perto, que nossos corpos quase se tocaram. Ele era mais alto e conseguia observar meu rosto alguns centímetros acima.

Abaixei a cabeça, evitando olhá-lo. Mas, como não arredou o pé, cedi e o encarei. Ele tinha o rosto perfeitamente liso e brilhante, olhos negros e lábios vermelhos, não tão carnudos, como é comum. A cabeça raspada e uma corrente no pescoço pendurando uma cruz. Saber que ele era o homem do sonho me trazia um inexplicável frio na barriga. Por que estava na minha vida?

— Está nervosa? — perguntou.

— Não! — respondi com uma careta.

— Você está piscando com uma frequência maior... — comentou baixinho.

— Eu estou ótima e já disse, preciso...

— ... Trabalhar — completou e levantou as mãos, agora liberando a passagem.

Passei a mão na nuca estava me sentindo quente, tensa. Não estava nos meus planos ter aquele tipo de rotina no dia a dia de trabalho.

— Tamires, preciso que leve isso aqui pra mim... — Priscila já estava me esperando.

Peguei o papel e anotei suas coordenadas.

— Eu vou para o centro da cidade, se quiser uma carona. — Kali interrompeu.

— Hum, ótimo. — Priscila gostou da oferta. — O que acha, Tamires?

Olhei para ela, depois para Kali, peguei minha bolsa e murmurei baixinho:

— Que *ótimo*!

Kali deu a volta e entrou no carro. Não abriu a porta para mim. Eu ainda estranhava?

Revirei os olhos e fiz isso por mim mesma. Como esperava cavalheirismo. No máximo ele era o cavaleiro do sonho, coisa bem diferente.

Reparei na porta do seu carro um adesivo de dois cavalos prateados correndo. Eram pequenos como a palma da mão, discretos, combinando com o metálico do veículo.

Entrei. Ele ligou o carro sem mais cerimônias e partiu.

— Você sabe bem onde vai ficar? — me perguntou.

— Tão bem quanto o caminho do meu quarto — respondi, revendo os papéis. Se tivesse esquecido algo, teria tempo de voltar.

— Se eu estivesse onde morava saberia me virar, mas não consigo me achar nessas ruas com nome. Deveria tudo ser numerado. É mais racional, cartesiano, colocar tudo dentro de retas, números, ângulos, quarteirões...

Fiquei em silêncio.

— Nada vai anular meu erro na nossa primeira apresentação? — Ele olhou-me, rapidamente.

— Eu já esqueci — disse-lhe educadamente, mas sem emoção. — O seu nome deve ter uma história. — Dei continuidade ao assunto.

— Não sei o significado, meus pais devem saber, mas não deu tempo de eu descobrir... — Ele deu de ombros. — Mas, eu tenho uma, bem grande. Grande no número de fatos, não na relevância, tenho uma existência bem pacata.

— Por quê? — perguntei, dando brecha para que respondesse o que quisesse.

— Eu nasci na África, depois fui adotado por um americano que morreu, então, meus pais que você já conhece me adotaram mais uma vez... E viemos para o Brasil. Acredite, fui adotado duas vezes...

— Você tem uma ligação forte com os EUA...

— Tenho, mas, alguma coisa me trouxe para cá.

Lembrei do meu sonho, mas, não contei. Ele não entenderia.

— Óbvio, fui transferido pela empresa onde trabalho. Mas, tem algo a mais...

— Por que os cavalos? — perguntei.

— Oh! Horses, i Love them! — Ele bateu no volante com a mão e mudou completamente o tom de voz. — Já montei por muito tempo. Deve ter visto as fotos lá em casa. Como sabe?

— Vi. Tem adesivo no seu carro.

— Oh, Sim. Eu adoro o vento na pele, correndo, correndo em alta velocidade, o corpo inclinado para frente, cortando o ar.

— Você tinha muitos amigos que corriam com você? — perguntei, já que no sonho havia outros homens.

— Tinha, como sabe? Olhou nas fotos lá de casa?

— É — aceitei a deixa.

De repente, em uma fração de segundos, Kali olhou para frente e freou bruscamente, cantando o pneu. Vi uma mulher parada no meio da rua. Iríamos atropelá-la. Ele jogou o carro para o acostamento, levantando fumaça. Eu tampei o rosto. Ouvi algumas buzinas dos carros que vinham atrás.

— Está bem? — Ele perguntou, tirando minhas mãos do rosto. — Tamires?

Eu virei o rosto para o lado e vi que a mulher ainda estava no meio da pista. Ela nos fitava.

— Por que você fez isso? — questionei.

— Desculpe, desculpe!

— Por que freou, Kali?! — Quase gritei.

— Você não está bem? Então, vamos embora. — Ele pisou no acelerador.

— Você viu o quê? — insisti.

— Eu? Não vi nada — continuou acelerando mais. Olhei para trás e vi que a mulher tinha desaparecido.

Franzi a testa.

— Você quer que eu te busque? Posso te esperar sair e te levar de volta... — ofereceu, falando apressadamente.

— Kali, você viu o espírito daquela mulher também? —

— Não — mentiu.

— Você também pode vê-los?

— Não!

— Está respondendo *não* automaticamente, isso é um *sim*?

Ele emudeceu e não falou mais nada até me deixar no fórum.

— Não adianta mentir. Eu sei como é isso também.

Ainda voltei aquele mesmo dia para a casa de Luis, a fim de entregar os papéis que Priscila pedira.

Não a encontrei na sala, mas lá estava Kali, sentado à mesa, digitando no computador. Aproximei-me por trás esperando que desse por minha presença, mas ele não se virou. Antes que falasse qualquer cumprimento, meus olhos se desviaram para a tela. Havia a foto da mulher que vimos na estrada quando ele desviara o carro.

— Eu já sei o que vai dizer — falou, mas sem se virar.

Engoli em seco.

Deve ter visto meu rosto refletido na tela do computador. Maximizou algumas janelas e com isso me deixou ver o resultado de suas pesquisas.

Eram arquivos de jornais que falavam da morte de um casal naquela via há dois meses. Uma criança sobrevivera. A mulher era uma empresária do ramo de calçados.

Kali levantou-se com as mãos nos bolsos e me encarou pela primeira vez, mas eu ainda estava concentrada nas manchetes.

— Você também pode ver? — perguntei, por fim, mesmo já sendo óbvia a resposta.

Ele suspirou com as mãos nos bolsos.

Priscila entrou na sala, olhou para nós dois e depois perguntou se eu tinha feito o que pedira. Entreguei-lhe os envelopes. Kali continuou parado no mesmo lugar e Priscila percebeu que tinha interrompido alguma conversa. Olhou para um e outro de novo.

— Bom, eu vou tomar um banho porque vou sair com Luis. Te vejo amanhã, não vá se atrasar para a aula.

— Claro — respondi-lhe com um sorriso.

Ela entrou de casa e eu coloquei a mochila nas costas.

— Hei. — Ele me chamou e eu me virei antes de passar pela porta da sala. — Já vai?

— Como ouviu, tenho faculdade.

— ãnh, ok. É... Posso te levar lá.

— Não precisa, obrigada. Posso me virar sozinha, tem um ponto de ônibus aqui perto.

— Preciso te falar umas coisas... — Ele olhou para o computador e depois para mim.

— Tudo bem. Mas, é perto, vai ter que ser bem conciso.

— Ok. — Desligou o computador e pegou a chave em cima da mesa.

Enquanto abria a porta do carro, eu vi que Priscila nos observava da janela. Não queria que pensasse que eu mal chegara e já estava dando em cima de seu cunhado.

Minha relação de trabalho era muito profissional, apesar de não estarmos no escritório, mas não adiantava explicar que Kali e eu tínhamos um segredo em comum, ela acharia maluquice. Era muito mais simples pensar que eu era interesseira.

Tudo isso me incomodava, mas não havia tempo de desfazer falsas impressões aquela noite. Entrei no carro e ele Kali perguntou por onde deveria seguir. Fiz um gesto com a mão para seguir pela direita.

— Por que as mulheres não falam “direita”, “esquerda”, sempre gesticulam?

— Para que vocês joguem na nossa cara que tem melhor senso de direção espacial?

— Não temos?

— Você ia me dizer algo...

— Agora sabemos que eu e você podemos ver mais que pessoas de verdade. Desde quando isso acontece contigo?

— Não lembro a data bem, mas desde garota. Não é nada como nos filmes de terror. Mas, às vezes, tenho que ajudar pessoas com orações.

— Eu posso ouvi-las — confessou.

— Eu já vejo mais que ouço. Sei lá, posso entender através de sensações... Não consigo prever coisas futuras, nem dar uma de Mãe Tamires... — Ri. — Se bem que... Isso já aconteceu uma vez — lembrei-me do sonho recorrente.

Kali não disse nada, continuou dirigindo. Ele tinha esse jeito de me deixar todo o espaço para falar.

— Eu te vi num sonho durante alguns dias, antes de te conhecer. Era um sonho com muitos cavalos. Havia outros homens. Pareciam todos com pressa, correndo em alta velocidade nos cavalos... Não sei explicar bem, mas me angustiava.

— Isso deve explicar algumas coisas.

— Quais?

— Eu jogava Polo. Não sei se saber, mas, é um jogo em que a gente corre sobre cavalos e bate numa bola com tacos. Mais ou menos isso, não tem muito aqui no Brasil. Enfim, tive um tombo muito feio. Quando estava no hospital, vi aquela mulher da estrada e ela me disse para eu voltar para cá. De alguma maneira, o universo, o cosmo ou sei lá o que nos aproximou.

— Para quê? — perguntei.

Chegamos à porta da minha faculdade. Ele parou o carro no acostamento e ligou a seta.

— Pode me achar maluco, ou X-Men, mas eu vou procurar a família daquela mulher da reportagem. Deve ter alguma coisa que eu precise fazer. Ou nós...

— Não tenho como fugir pelo visto. Nos vemos amanhã — disse-lhe.

Kali inclinou-se e beijou meu rosto no lado esquerdo. Nos olhamos e eu saí.

Oi? Você conhece uma pessoa, ela te dá carona e um beijo na bochecha? Por quê?



Kali acreditava que se entendêssemos por que a mulher da estrada aparecia para a gente, colocaríamos um fim naquelas visitas. Aceitei seu pedido e procuramos o lugar morava com sua família. Sabíamos que deixara uma filha. Supomos que algo tinha a ver com a menina. Mas, não tínhamos ideia do que esperávamos. Terminamos em uma estrada de barro que levava para uma fazenda.

— Eu não quero parar em uma daquelas casas abandonadas dos filmes de terror O Chamado, nem O Grito.

— Não seja medrosa — zombou.

— Falo sério! Eu vou ficar petrificada, cair dura e aí quem vai aparecer para te assustar sou eu.

— Você será minha fantasminha camarada?

— Engraçadinho... — Coloquei o cotovelo na janela e olhei a vegetação densa passando. — Meu Deus, onde você está me metendo.

— Se continuar resmungando eu mesmo vou te assustar e você não sabe a capacidade que os vivos têm.

— Ui, que medo de você.

— Eu poderia aparecer com um machado agora, cortar a...

— Para! Parou entendeu? Eu quero voltar.

— Tudo bem, fica quieta aí.

Ele ligou o rádio e só conseguimos sintonizar em uma rádio com música regional antiga.

— Isso está parecendo trilha sonora das cenas em que carros são parados por maníacos na estrada.

— Não vá dizer que sou eu que estou te assustando agora! — reclamou.

Paramos em uma porteira e vimos pela placa que ali era a fazenda “Jardim do descanso”.

Comentei que mais parecia nome de cemitério. Kali retrucou que minha mente tinha grande habilidade para roteirizar filmes de terror. Perguntei se íamos atravessar todo o gramado a pé para chegar até a casinha ao fundo, atrás das árvores onde saia fumaça da chaminé.

— Não, podemos atravessar de carro. Vou abrir a porteira. — Ele puxou um arame que segurava a viga de madeira e a empurrou para trás.

— Eu espero voltar daqui algumas horas.

— Já não posso garantir isso — adiantou.

— Que maravilha! — reclamei.

Quando descemos do carro, perto da varanda da casa, fomos recebidos aos latidos por um cachorro grande e preto. Olhamos para as janelas para ver se víamos alguém. Uma senhora apareceu de dentro da penumbra e pediu para o cachorro parar de latir. Inspecionou-nos de cima a baixo e depois sumiu.

— O que vamos dizer? — cochichei. — Ela não vai acreditar em nós.

— A fazenda está à venda. Vamos parecer compradores.

— Onde viu placa de venda? — perguntei com a testa franzida.

— Em um jornal da internet. — respondeu.

— Por que não me disse isso antes? — reclamei.

— O que querem? — Ela abriu a porta e se aproximou, andando com ajuda de uma bengala.

— Vi o anúncio. Ainda está à venda?

— Está — respondeu depois de analisar por alguns segundos se tínhamos cara de compradores. Não deveria aparecer muita gente interessada em comprar aquele lugar perdido com tantas casas mais bonitas no litoral. — Posso mostrar, querem entrar? — ofereceu.

Kali e eu nos olhamos e a seguimos. Na sala, logo vimos uma foto da mulher que morrera na parede. Estava com um chapéu de aba e um vestido rosa. Um look um tanto clichê, mas clássico. A senhora percebera que olhávamos para aquele ponto fixo.

— Bonita, né? Minha filha. Faleceu não faz muito tempo. Aquela pequena ao lado é minha neta.

— Ela ainda mora com a senhora? — perguntei. — Deve gostar de brincar nesse lugar tão bonito... — Tentei fazer o comentário parecer ocasional.

— Não, infelizmente não, levaram ela de mim... — Ela sentou-se na cadeira de balanço. — Quanto estão dispostos a pagar? — perguntou diretamente.

— Não disse que ia nos mostrar primeiro? — Kali tentou achar uma saída para adiar o assunto.

— Lá em cima tem um quarto grande com vista para o pasto. Um banheiro no corredor. Aqui em baixo uma cozinha grande e a sala. O resto vocês podem conhecer andando por aí. Devem estar interessado nas terras férteis, aposto.

— Vi que tem cavalos. — Kali comentou.

— Tem, vou deixar junto com a fazenda, afinal, não terei como levá-los. — Ela

levantou a sobrancelha.

— Hum, então, vamos olhá-los.

— Fiquem à vontade.

Kali e eu caminhamos até o estábulo. Ele desamarrou um dos cavalos e acariciou sua crina.

— Ela deve estar precisando do dinheiro. Por isso, vai vender a fazenda. Mas, para quê? Talvez brigar pela guarda da menina? — comecei a fazer as suposições.

— E por que teríamos que ficar do lado dela? Não vou tomar partido agora. A vida é bem mais complexa do que parece. — Ele montou o cavalo.

Porque Kali cismava em não enxergar o óbvio, queria crer em algo conspiratório, como uma trama de suspense policial. Eu estava a fim de sair dali logo.

Meu cabelo esvoaçava no vento e deslizava no meu rosto delicadamente. Cerrei os olhos pela luz do sol. Caminhei até o cercado. Debrucei-me sobre a madeira. Não era sonho, era bem mais linda a cena que via.

Kali tirou a camisa, amarrou na cabeça como se fosse um lenço. Com as mãos guiava bravamente um belo cavalo de pele brilhante. O animal saltou os obstáculos e seguiu seus comandos. Os dois pareciam ter sintonia de longa data. Kali aproximou-se montado no cavalo, segurou as rédeas e o conteve com os pulsos firmes.

Desci do cercado onde estava sentada e caminhei até eles. Kali desceu e acariciou a pele aveludada do bicho. Não pude deixar de observar os movimentos das largas costas musculosas de Kali.

— Não entendo uma coisa... — disse-lhe e ele se virou pra me olhar, parou com o dedão pendurado em um dos bolsos, o que fazia suas entradas ainda mais a mostra.

— O que não entende?

— Por que estava nos meus sonhos?

— Hum... Não é difícil as mulheres me desejarem, sabe? — Piscou o olho. — Elas me trazem em pensamento, às vezes, me sinto puxado em todas as direções...

— Ah! Tá bom! Por que ainda falo com você? — Virei de lado, pronta pra sair. Kali segurou minha mão. — Quer andar?

— Não, estou cansada... — Dei as costas.

— Hei, não ficou chateada, né? Estava só brincando... — Ainda gritou.

Agitei a mão no ar, sem me virar, apenas num gesto de pouco-caso.

Chegando à casa, vi a senhora tomando algo quente na caneca metálica. Balançava-se

na cadeira. Ao seu lado, uma outra cadeira e uma xícara fumegante na pequena mesinha de centro. Fiz menção para sentar-me nela, mas a mulher indicou para que ficasse no banquinho. Obedeci.

Havia um lindo pôr do sol nas montanhas. Era isso que contemplava antes de eu chegar. Quando me virei novamente, vi que a cadeira estava vazia, mas ambas se balançava em um movimento delicado.

Arrepiei-me. Olhei pra ver se Kali voltava. Percebi no corredor lateral uma linda cozinha de madeira em miniatura. Algumas panelinhas de barro, uma pequena mesa com cadernos e uma caneca cheia de lápis de cor. O vento virou uma página. Desenhos de bonecos-palito de um pai, uma mãe e uma criança no meio a caminho da escola.

Uma música infantil começou a tocar. Olhei através da janela aberta. A senhora sentada no sofá alisava o cabelo de lã de uma boneca.

— Qual será nossa missão? — Ouvir uma voz atrás de mim.

Me assustei. Pus a mão no peito.

— Não faz mais isso!

— Desculpe.

Eu sentei em um dos pequenos banquinhos junto à mesa de desenhar.

— O que estamos fazendo aqui? O que temos a ver com isso? — perguntei.

Um copo voou com o vento e caiu no chão. Olhei pra Kali.

— Não somos colocados no caminho de ninguém por acaso — explicou-me.

— Essa menina tem o que pra ver aqui? Só mato, animais, uma velha mulher... e, uns gatos que procuram ratos no porão...

— Só isso tudo? — Ele sorriu e olhou para o gramado. — Cresci em uma fazenda, com haras, mato, bichos, árvores, cheiro de comida de verdade vinda da cozinha, conversa em torno do bule... Depois é que fomos morar na cidade. Por isso curto tanto cavalos.

— Fala como se fosse um cinquentão nostálgico.

— Não é isso. É que consideramos nossas vidas de lasanha congelada melhor... Com café expresso, insulfilme e ar-condicionado no trabalho, não vemos o tempo passar. Chamamos isso de vida de verdade. Mas, o que é natural fica longe... — fez um movimento de mão para sinalizar distância.

— Definitivamente não te entendo. A gente tem ou não que trazer a menina de volta. Aliás, nem sei como poderíamos nos meter nisso.

— Não sei ainda, não vi a outra parte da história. Aliás, parece até que eu sou o advogado aqui. — Ele ironizou minha postura.

— Kali, quero ir embora, não vou ficar aqui essa noite, por favor.

— Como descobriremos o que queremos?

— O que você quer, por mim, eu vou embora. Por favor!

— Só mais um pouco. Nem tudo pode ser descoberto pela internet. Preciso saber onde a menina está. Vou lá dentro conversar com ela. Pode ficar aqui?

— Acho que sim, com tanto que daqui uma hora a gente esteja na estrada de volta.

— Vou ver o que posso fazer. — Entrou.



Voltamos para a cidade. Kali realmente não me deixaria em paz se não achássemos a casa da menina. Tivemos que fazer uma investigação. Com o seu celular, procurei na internet pessoas que fossem ligadas à mulher da estrada.

Foram muitos cliques naquela pequena tela. A única coisa que tinha em mãos era seu nome completo. Achei algumas pessoas com o mesmo sobrenome pelo Facebook.

Depois de algumas trocas de recados, conseguimos um telefone, o da avó materna da criança que procurávamos. Mas, infelizmente, não tínhamos o endereço. Contamos que éramos muito amigos do casal e queríamos ver a filha sobrevivente, mas senhora não se sentiu segura em dar para aqueles estranhos que ligavam.

Kali continuava dirigindo. Agora, em silêncio, pensávamos em uma saída.

— Tamires... — Ele me chamou a atenção.

Virei o rosto pra Kali, tirei o cotovelo da janela. Olhei pra onde apontava: o celular pendurado no centro do carro com GPS ligado.

Senti o braço arrepiar. Era a rota sendo indicada.

— Ele está seguindo que comandos? — perguntei, sem acreditar que o aparelho pudesse seguir comandos sobrenaturais.

— Vamos pra lá — respondeu, preferindo não questionar.

Foram duas horas de percurso. Até que chegamos a um bairro de classe média muito arborizado. Paramos na frente de uma casa antiga, com um telhado de telhas vermelhas.

— O que vamos dizer? Que a mãe dela nos trouxe até aqui? No mínimo vão fazer uma fogueira naquela pracinha e nos jogar dentro.

— Você não é a advogada? Eu dirigi, agora é sua parte...

— Muito engraçado, mas não foi você que achou o caminho.

Sáímos do carro. Kali tomou a frente e interfonou.

— O que vai dizer? — perguntei. Ele já tinha um plano e estava só me testando?

Kali conversou pelo interfone por um tempo com a senhora. Contou a verdade. Disse que tinha notícias da filha. Ela apareceu na janela e nos observou por uma fresta da cortina. Depois, sumiu.

— Lógico que ela não vai levar fé. Primeiro a gente aparece com essa história cabeluda, depois, dá de cara com nós dois.

Ouvimos o estalido da porta sendo destrancada. Assustei-me. Kali passou a frente. Segui-o. Subimos pelas escadas. Atravessamos um pequeno jardim e tocamos a campainha da porta da sala. Se fora a mulher que abrira o portão, por que ela não nos recebera?

— Como conseguiram chegar aqui? — perguntou ela de dentro.

— A porta foi destrancada, senhora. — Kali explicou.

Ela finalmente abriu.

Era uma senhora de cabelos grisalhos, gorda e com bolsas grandes debaixo dos olhos. Parecia aquela vovó do sítio do pica-pau amarelo.

— Já não são os primeiros — avisou.

Kali e eu nos olhamos. Então, outras pessoas já receberam a visita de sua filha?

— Outros já quiseram ver a criança. Mas, depois, vão embora... — suspirou.

A batalha foi vencida. Conseguimos entrar. A menina que procurávamos apareceu no fim de um corredor. Estava em uma zona de penumbra. Quando se aproximou, vimos seus cachos caramelo e os olhos de mel. Uma pele branca e alva. Abaixei-me e lhe sorri. Imaginei o quanto sua mãe deveria querer sentir sua presença.

— Oi, me chamo Tamires — acariciei seu rosto. Ela levantou os olhos e fixou-se em Kali, atrás de mim.

A senhora espiava, sentada em uma poltrona. Até ali, não chegáramos a um consenso sobre o que era melhor para a garota, nem entendíamos que mensagem sua mãe queria transmitir. Apenas sabíamos que a outra avó estava vendendo o sítio para ter dinheiro e gostaria de ficar com ela. Nesse ponto, estávamos do seu lado. Mas, ao pegar a mão da menina, percebi algumas cicatrizes. Perguntei o que era.

— Não sei, já chegou assim. — A mulher respondeu.

— Chegou assim? — Franzi a testa.

— Era como era tratada naquela casa. Tem coisa muito pior... — Balançou a cabeça para os lados. — Eu não vou deixar ela voltar nem amarrada. É a única coisa que resta do meu filho.

Olhei para Kali. Tínhamos que salvá-la de voltar para a fazenda. Oferecemos ajuda,

antes mesmo de conversarmos com Priscila. A menina nunca mais seria maltratada. Dessa maneira, sua mãe ficaria em paz.

Voltamos para casa com uma sensação de etapa cumprida. Mas, Kali estava em silêncio. Não me perdoara por eu ter insinuado que a mulher desconfiara dele quando nos olhou da janela. Descemos do carro. Tentei puxar assunto, falar sobre o custo do processo da menina. Mas, ele informou que simplesmente não deveria me preocupar com o dinheiro, que arrumaria. Passou a frente, subiu a varanda de casa e entrou.

— Esqueceu que eu não moro aqui? — falei-lhe.

— Pode dormir aqui. Não vai ser bom chegar tarde em casa. Não falou que ia dormir na casa de uma amiga? Então, finge que está. — foi prático.

Vi-me sozinha no jardim. Suspirei. Passei a mão na cabeça. Sentei em uma poltrona e ali adormeci. Todos já tinham ido dormir e não deram por minha presença solitária na varanda.

Uma mão tocou meu braço um tempo depois. Acordei com um susto. Kali colocou meu braço em volta do seu pescoço e com a outra mão segurou minha cintura.

— Vamos até meu quarto. — Guiou-me.

Ele me deixou cair em sua cama, exausta. Antes que fosse embora, segurei sua mão.

— Desculpe.

Ele saiu, sem qualquer palavra, gesto ou expressão, apenas com um último olhar profundo.

Dormi um sono pesado e cansado. Daqueles em que não há espaço nem para sonhos. Mas, fui acordada por alguns risos e vozes. Abri os olhos. Eram quatro amigos na entrada do quarto de Kali. Assustei-me e puxei o lençol em um ato involuntário, apesar de estar vestida.

— O que estão fazendo aqui? — Kali chegou. — Eu disse que era para irmos para a sala de TV.

— Ok... — Eles saíram ainda me olhando com curiosidade. — Não sabíamos que tinha uma gata na sua cama. — Ouvi mais risos do corredor.

— Droga! — resmunguei baixinho e me levantei. — O que diria para Priscila quando me visse lá embaixo? — Olhei para o relógio na cabeceira da cama. Era relativamente cedo.

Torci para conseguir sair sem ser vista.

Pé ante pé, cheguei até o banheiro do segundo andar. Lavei o rosto e prendi o cabelo com um elástico.

Ao sair, vi Kali começando a descer para o primeiro andar. Sussurrei seu nome e ele olhou para o lado. Fiz um gesto com a mão para se aproximar. Ele veio com um pequeno sorriso nos lábios. Aposto que estava se divertindo com a situação.

— Todo mundo já acordou?

— Já.

— Hummm... — Abaixei a cabeça e tentei pensar em uma solução.

— Não se preocupe, deita lá na minha cama. Priscila vai sair pra fazer uma ultrassonografia. Quando tiver limpo, te aviso.

— Pode ser... Obrigada. Ah, você explicou para seus amigos que eu só *dormi* lá, né?

— Ah, lógico. Eles sabem... — Encolheu os ombros. — Olhe pra você! Não temos nada a ver. Relax.

Vi-o descer as escadas e fiquei com uma interrogação na testa. Como assim o problema estava comigo? Mas, hei, que importância tinha. Eu apenas não queria ser confundida com sua peguete. Balancei a cabeça para os lados e entrei no quarto.

Quanto tempo eu teria que esperar? Sentei na cama mais uma vez. O quarto tinha alguns quadros que só agora pude reparar com a luz do dia. Kali está vestido de jóquei, montando um cavalo-branco. Levantei-me e cheguei mais perto. Em cima de uma cômoda havia dois grandes fichários com fotos. Folheei-os. Eram sobre os tempos em que Kali competia.

Meu coração quase parou quando cheguei a uma foto no meio do álbum. Senti as mãos gelarem. Olhei mais uma vez para ter certeza de que não estava enganada.

Ouvi o barulho da porta sendo aberta. Assustei-me. Era Kali. Suspirei aliviada. Ele estava com um pacote de sucrilhos na mão e, na outra, um suco de caixinha.

— Come alguma coisa. — Deixou em cima da cama.

— Por que não me contou? — perguntei.

— O quê? — Ele franziu a testa.

A porta ainda estava aberta, mas agora eu já não me importava tanto se alguém escutasse. Queria que Kali explicasse direitinho aquela foto. Apontei para o álbum e ele se aproximou. Eu não precisava dizer nada, ela dizia por si só. Talvez, nunca imaginasse que eu a acharia ou nem mesmo se lembrava dela. Tentou essa última opção comigo:

— Eu não me lembro disso... — falou baixo.

— Não se lembra de ter tirado a foto, mas sabia que conhecia aquela mulher quando a vimos?! Você a conhecia! Sabia da menina?! Então, tudo não passou de um trailer de filme investigativo...

— Não, Tamires. Eu não sabia nada dela.

— Como não?! E isso?! Ela está ao seu lado na foto!

Quem olhasse de fora poderia achar que era uma cena de ciúme. Mas, na verdade, eu me sentia enganada. Afinal, fomos parar no fim do mundo pra falar com uma velha superesquisita e assustadora, depois corremos atrás de uma senhora mal-humorada, pra ajudar a uma garotinha desconhecida... E Kali não dividiu comigo que já vira a mulher?! Eu estava irritadíssima.

— Ela trabalhava no jôquei clube onde eu frequentava. Esse dia eu ganhei uma medalha e tirei foto com todo mundo. Nunca mais a vi até o dia em que ela se meteu na frente do carro.

Respirei fundo, comprimi os lábios e pensei dessa vez no que dizer. Estava tentando digerir sua versão. Era passível de verdade, mas ainda não diluía meu estado inicial de desconforto.

— Desculpe, eu deveria ter dito.

— Eu já vou. — Peguei minha bolsa em cima da cama.



— Tamires, está prestando atenção no que eu estou te falando? — ouvi a minha amiga Gisele me chamar. Ela tocou meu braço e eu me virei para a realidade. Ainda estava segurando o saco que envolvia o hambúrguer meio mordido.

— Ân, desculpe. O quê? — perguntei, mas, antes que ela pudesse repetir, Kelly apareceu e se meteu entre nós.

— Oi. — Gi fez o mesmo, levantando-se. Colocou a mochila nas costas. — Tudo bem? Eu já estou de saída, tenho que tirar cópia de um texto.

Olhei pra Gi com uma cara de “você vai me deixar aqui sozinha?”. Ela sorriu e mandou um beijinho pelas costas de Kelly.

— Tudo bem — Kelly respondeu.

Olhei para o relógio para ver se podia dizer qualquer desculpa.

Não estou com saco para Kelly.

O clima lá em casa anda meio pesado. Meu irmão está aficionado em Andy e meus pais não estão gostando muito da ideia, temem que ela o faça sofrer. De repente, ele passou do patamar de homem precoce independente para bebê prematuro na concepção dos meus pais, sempre protetores.

— Então, como vai o trabalho na casa de Priscila? — perguntou-me.

Eu já podia sentir cheiro de algum interesse.

— Bem. — Levantei-me. — Você estava indo embora também? Podemos caminhar

juntas para o ponto de ônibus. — Mostrei a direção da rua com a mão, sabendo que ela jamais iria.

— Não, não. Eu não pego ônibus à noite, prefiro táxi, se não estiver com carro. — Deu uma risada de fragilidade tão ingênua que cheguei a ter pena daquela criatura encubada na bolha cor-de-rosa.

— Claro, você pode ser assaltada, queimada ou até estuprada, dependendo do horário — concordei, mas contendo o tom de sarcasmo.

— Não é? — concordou, levantando as sobrancelhas. Ela não percebeu minha ironia.

— Então, já que eu vou correr esse risco, é bom não demorar muito. Não quero perder o programa Aprendiz Universitário.

— Aprendiz Universitário? — Franziu a testa.

Em que planeta ela vivia?

— Tamires? — Ouvi uma voz masculina e me virei.

Era Kali.

O que fazia ali, aquela hora?!

Fiquei tão surpresa que nem consegui responder. Saiu do seu carrão e roubou alguns olhares dos estudantes na calçada. Mas, dessa vez estava vestido normal, sem parecer cantor de Hap Americano. Jeans, tênis e uma camisa branca com uma inscrição em relevo cinza no ombro direito. Discreto, exceto pelo cordão grosso no pescoço e o relógio prateado.

— Oi, tudo bem? — Ele riu e me toquei que estava com cara de estátua do museu de cera.

— Oi. — Ri, desconcertada. — É que é supercomum eu sair da aula e dar de cara com você. — Brinquei. Minha raiva já havia passado.

— Eu, na verdade, ia te ligar.

— Quando chegasse aqui?

— É... Eu estava passando mesmo. Tinha que deixar uns desenhos em um escritório ali na Rio Branco.

— Claro!

Arhhgh, idiota! Achando que fora por minha causa!

— O quê? Vai estudar aqui também? — continuei levando tudo pelo lado do humor.

— Seria uma boa ideia. — Ele olhou para o prédio espelhado. — Queria pegar um diploma, apesar de já saber bastante na prática... — falou vagamente.

— É importante para ter na gaveta.

— É, é... — Ele confirmou e voltou a me olhar. — Eu vim aqui. — Voltou o assunto pela sua motivação do encontro. — Você saiu de casa hoje correndo...

Correndo? Aff, eu tinha bancado o papel de boba, pelo visto. Eu perco a noção quando estou irritada.

— Hum... — Troquei o fichário de braço, enfiei a mão no bolso e olhei para o chão.

— Com licença. — Ouvi uma voz atrás de mim. — Você não é o irmão do Luis? — Kelly, que não tinha arredado o pé atrás de mim, decidiu nos cortar e se introduzir na conversa. Ela provavelmente, não conterà a curiosidade para saber quem era o dono do carrão que viera falar com a anônima mor da faculdade.

Mas, hei, se Kali nada tinha a ver com Luis fisicamente, já que eram irmãos adotivos, como ela o reconheceria?

— Sou — respondeu.

— Eu sou a Kelly. Uma vez saímos juntos para a night pra dançar, lembra? Antes de você viajar.

— Ah! Claro... lembro. — Ele fez uma cara de quem não lembrava, mas preferia fingir que sim.

Kali se inclinou e a beijou no rosto.

Seu perfume se espalhou pelo ar com o movimento. Acho que inebriou Kelly, que parecia ter ouvido uma piada de tantos risinhos que dava. Os dois frequentavam os mesmos lugares. Quem essa garota não conhece? Eles estavam falando de uma boate de riquinhos.

— Você estava com aquela loira, que também era minha amiga... Ah, desculpe, vocês terminaram...

— Tudo bem.

— Então, Kelly como eu estava dizendo, eu preciso ir... — Tentei fazê-la se tocar e dar o fora.

— Claro, querida. Pode ir, nos falamos amanhã.

Eu ri, olhei para o alto e respirei. Ela estava me expulsando?

— Você ficou quanto tempo lá mesmo? — perguntou com um tom de voz mais íntimo, me colocando de vez fora da conversa. Olhei Kali pelas costas de Kelly e esperei que ele fizesse alguma coisa.

Meu orgulho acendeu a luz vermelha de emergência. Virei as costas e comecei a andar rapidamente.

— Hei, Tamires, quero falar com você. — Ainda o ouvi chamar.

— Depois... — respondi, naquele estágio de indignação em que nem uma atitude adianta.

Eu não sabia se estava com mais raiva de Kelly por me fazer sentir fora da conversa, se de Kali por dar tanta atenção a ela, ou se por eu ser uma fraca que se aproveitava das situações difíceis para sair correndo com uma boa desculpa.

Fiz sinal para o ônibus que parou mais a frente. Dei uma corridinha e subi. Abri a bolsa e busquei meu cartão de transporte.

Passei na catraca e sentei na frente. Meu celular vibrou e fez um bip. Senti meu coração dar uma batida mais forte.

Sorri e abri. Era Gi. Suspirei.

“Quem era o gato? Não quis interromper. Beijos.”

“Um amigo. Kelly roubou a cena. Cai fora.”

Ela respondeu segundos depois:

“Filha da mãe! Depois me conta tudo. Bjs.”

Suspirei.

Mas, se eu pensava que Kelly era coisa do passado, que não teria que passar pela mesma situação mais uma vez, eu estava enganada. No dia seguinte, no final de uma aula, recebi uma mensagem de Kali. Só me dei conta quando fui olhar a hora do visor e vi o ícone de um envelope de carta amarelo na tela.

Ele perguntava se poderia passar aqui, como no dia anterior. Será que ainda dava tempo de responder? Não perdi a chance e disse que sim.

Do lado de fora, encontrei com Kelly.

— Oi, tudo bom? E aí? Como vão os preparativos da festa?

— Festa? — perguntei, olhando para os lados, eu queria ver se Kali chegava.

— Ah! O Kali não te falou ainda?

— Não. — Franzi a testa.

— Ele tem que organizar a festa de aniversário surpresa de casamento dos pais. Pelo que tinha me dito, ia te pedir ajuda.

— Ân... é?

Será que era isso que tanto queria falar comigo? Pedir ajuda pra promover a festa?

— Eu me ofereci, se não se importa, adoro festas!

— Hum, pelo visto, então, que ele está feito. — Cruzei os braços.

— Hei, olha quem vem ali. — Ela apontou.

Kali chegou e nós nos viramos para encará-lo.

— Olha, as duas juntas de novo?! — Riu.



Na mesa, Kelly e eu, lado a lado, aguardávamos a volta de Kali da cozinha. Ele chegou com um copo de água na mão, sentou e nos olhou reticente. Não acredito que esperasse que houvesse qualquer diálogo entre nós duas, ainda não entendia como podia achar fantástica a ideia de nos unir para organizar aquela festa. Eu poderia fazer perfeitamente sozinha e Kelly acreditava na mesma capacidade própria.

— Então, a grana é pouca, mas, vamos usar a criatividade... São cinco mil reais — anunciou.

— Com isso não dá para fazer uma festa no botequim. — Kelly riu sarcástica do cheque.

— Acho que podemos fazer mais do que imaginamos com esse dinheiro. É mais do que esperei — Menti, na verdade, contava com mais, vindo daquela família com posses, mas quis mostrar a Kelly que era mais capaz como promotor.

— É, podemos racionar. — Ela tentou não ficar para trás. — Nem sei por onde começar.

— Primeiro vamos escolher um tema para a festa. — Puxei meu caderno e apertei a tampa da caneta. — Eu gostei da ideia do botequim.

— Você só pode estar brincando. — Kelly ridicularizou.

Kali estava na posição de expectador, queria ver o circo pegar fogo. Parecia um teste para nós, ou, quem sabe, eu estava encarando a sim. Senti vontade de impressioná-lo, queria provar que era mais capaz, criativa e esperta.

— Meu pai gosta de lugares rústicos. — Ele deu o aval.

— E como pensa em fazer isso? — Kelly olhou-me em desafio.

— Bom... Podemos conseguir aquelas mesas metálicas de bar. Comprar os portaguardanapos de alumínio, fazer os cardápios de bar, trazer uns quadros com imagens de artistas boêmios, colocar uma vitrola, trazer umas luminárias, improvisar um balcão, servir comidas típicas como carne assada, linguiça, coxinha...

Comecei a desfilas todas as minhas ideias ininterruptamente.

— ... Se a gente souber caprichar, podemos fazer uma festa muito original e chique.

— defendi minha ideia. — Vamos para o mercadão Saara e comprar toda a decoração bem barata. Depois, a gente compra os ingredientes das comidas e contrata uma pessoa a mais pra ajudar a empregada daqui. Assim, economizamos. Kelly e eu podemos ajudar a fazer os doces.

— Mas, não vamos ter tempo de cozinhar. — Ela tentou se esquivar.

— Se não souber, aprende. Tem receita pra isso — ressalttei. — E... eu tenho um trunfo na manga. Conheço um pessoal da escola de samba que participo. E... Eu posso dançar também... — Aquela era minha tacada de mestre.

— Você é passista? — Kali riu e se inclinou mais sobre a mesa.

— Pode parecer que não. Mas...

— Então, vamos começar que temos pouco tempo... — Kelly me interrompeu, não iria mais dar espaço para mim. — Estou com meu carro aí, vamos fazer as compras... Por onde começamos?

Enquanto ela se levantava e tentava chamar atenção, eu sorria vitoriosa, roubando o último olhar de Kali.

As compras foram de baixo de sol, carregando sacolas enormes, tomando água em garrafinhas, comendo pastel de queijo em bar de chinês. Mas, para Kelly e um pouco para Kali, parecia um passeio por alguma feira exótica de outro país.

Nunca me senti tão à vontade e segura. Apesar de cansada, eu sentia que conseguia mostrar o quanto era capaz. Mas, confesso que uma pontinha de inveja batia quando me dava conta de que todos os homens olhavam para Kelly por onde ela desfilava balançando sua cabeleira loira. Era como se eu fosse sua sombra de meio-dia, praticamente imperceptível. Minha autoestima oscilava entre a segurança e a dúvida.

Kelly ficou em casa para um bom “banho de banheira” e matar a aula da faculdade. Eu não poderia me dar ao luxo, como bolsista tinha que fazer jus e ir. Kali iria me dar uma carona até lá, mas, antes, saiu do carro e a acompanhou até a porta. Ajudou carregar as sacolas que Kelly esconderia em sua casa. Na porta, conversaram por alguns segundos bem perto, captei alguns sorrisos, dois beijos, uma mão dela apertando mais forte seu ombro e um abraço.

Quando ele voltou, eu estava completamente mal-humorada. Parou o carro na porta da faculdade e eu já abri a porta.

— Tamires — chamou. — Obrigado. Você deu várias ideias ótimas, não sei o que seria sem você...

Quem me garantia que ele não dissera exatamente o mesmo discurso para Kelly?

— Que isso... — Dei um sorriso morno.

— Por que ficou assim?

— Assim *como*?

— Muda...

— Nada, só cansaço...

— Espera. — Ele inclinou-se para frente e deu-me um beijo no rosto.

Eu sorri, agora feliz. Acho que estou louca por esse rapaz!

Como pode as paixões repentinas nos tornarem ridículos?



Não importa em que chão de fábrica trabalhe, são os executivos que receberão os troféus. Foi assim com a tal festa que organizamos para os pais de Kali. Eu dei o sangue em mil compras, enrolando docinhos, montando decoração e ajustando luzes. Kelly ficou com o trabalho de telefonar para os convidados e fazer os contatos. Eu pensei que seria a melhor ideia do mundo deixá-la longe, em um canto, com seu caderno de capa rosa e caneta de pompom ao telefone. Ela estava totalmente ocupada para não atrapalhar o operacional do meu trabalho.

Eu só era bastante esperta para umas coisas e ingênua para outras: na verdade, ela estava fazendo o que era mais importante: aparecendo como a dona da festa. Quem queria saber sobre a responsável pelo operacional? Porém, se lembrariam da Promoter. Infelizmente, estava tão centrada em repassar os itens da lista de tarefas, que deixei pra cair na real na hora do evento.

Quando voltei da cozinha, encontrei Kelly recebendo os convidados com muitos sorrisos e desenvoltura. Ela tinha o porte e o perfume de dinheiro na pele. Isso a tornava mais qualificada para desfilar entre aquelas pessoas. Eu só podia admirar. E foi o que os pais de Kali fizeram quando chegaram.

O casal ficou muito surpreso. Adoraram cada detalhe, olhavam para toda parte apontando. Kali apresentou Kelly e, ao se virar de lado me viu. Então, não iria me apresentar? Ele fez sinal, mas, fingi que não vi. Meu orgulho sempre me põe a perder. Estava com ciúme dos elogios e do reconhecimento.

Caminhei para a cozinha. Perguntei sobre a bebida, a comida, os copos e para tudo ouvia uma resposta de que estava em ordem. Nesse momento, Kali entrou.

— Vem, quero que meus pais falem com você.

— Eu estou um pouco ocupada — disse, sem olhar para ele. Rejeitando o convite.

— O que deu em você? — insistiu. — São os *meus pais*!

— Está tudo bem! — falei, a primeira vez olhando em seu rosto.

— Agora é hora da festa. — Pegou o caderno da minha mão. — Não disse que ia dançar? Seus amigos chegaram com a bateria. Estão todos animados lá fora. Os meus amigos estão loucos pra te ver! Ân? — Fez uma cara de animado.

Eu me lembrei do samba e senti uma pontada de cansaço. Teria que me superproduzir com a fantasia, maquiagem, salto alto, muita purpurina. Quando na verdade só queria deitar na cama e apagar.

Kelly tinha passado o dia na estética, cuidando da beleza, dormindo. Eu tinha virado noite, ralado feito louca o dia todo.

— Ficou calada — comentou.

— Estou com vontade de ir embora.

— Quê?! A festa não vai ser nada sem você!

— Não se preocupe, está tudo no caderno — disse, passando a mão no cabelo.

— Dança, por favor, meu pai vai adorar. Não sei a minha mãe. — Riu.

— Cadê nossa passista? — Priscila perguntou, chegando justo agora.

— Está querendo abandonar a avenida. — Kali contou.

— Nem pensar! Vocês não viram o show que ela dá — elogiou.

— Kali, estão te procurando. — Um amigo dele colocou a cabeça na porta e o chamou.

Ele sumiu e Priscila chegou mais perto:

— Vai ceder agora?

— ãnh?

— Não acha que eu vou acreditar que fez a festa para os meus sogros. Você fez *pra ele*. Então, trate de ir lá e mostrar o quê que você tem de bom, mulher! — Deu um tapinha no meu braço. — Vai se arrumar para o show.

— Eu não sou só bunda não, viu! — recuperei o humor.

Fui até o quarto de Kali, onde estavam as peças da fantasia dourada. Era toda brilhante, com muitas pedras e plumas. Primeiro precisei passar purpurina na pele com ajuda de um óleo. Fiz a maquiagem dos olhos. Espirrei o spray de fixador nos cachos que estavam mel na raiz e mais dourados nas pontas. Vesti-me e calcei os saltos de tiras amarradas na perna.

Pronto, agora era só juntar as últimas gotas de energia e descer. Caminhei pelo corredor. De repente, ouvi vozes e risadas. Kali apareceu vendado com um pano preto nos olhos e dois de seus amigos atrás o guiavam para algum ritual. Nada sério poderia se esperar deles.

Fiz um sinal com o dedo indicador de silêncio e eles dois sumiram.

— Pra onde vocês vão? — Kali perguntou, ouvindo que a risada ficava longe.

Que brincadeira de criança era aquela no meio da festa?

Aproximei-me e toquei no seu braço. Ele segurou a minha mão.

— Kelly? É você? — perguntou.

O sorriso morreu na minha boca.

Kali se aproximou mais e eu não consegui fazer movimento de ação ou defesa. Ele beijou meu queixo, riu e depois seus lábios se encontraram com os meus. Eu podia me afastar do beijo que não era pra mim. Mas, fiquei. Não entendo, mas fiquei. Toquei no seu rosto direito e intensifiquei a força do beijo, tornando-o mais forte, úmido, macio.

Ouvi barulho de pisada nos degraus. Afastei meu rosto e foi o segundo que faltava pra ver Kelly. Ela não presenciara o beijo, mas vira que estávamos bem perto. Olhou para um e depois para o outro. Eu abaixei a cabeça e descii rapidamente os degraus. Não queria nem pensar em ele perceber que eu aceitara o beijo, sabendo que tinha falado o nome dela.

Cheguei atordoada na sala. Percebi que todos me olhavam. Lógico, eu parecia um pavão caído em um pote de cola e empanado com purpurina. Alguém deve ter avisado que eu chegara, pois o som da bateria se intensificou.

Balancei a cabeça para os lados como quem tenta colocar os pensamentos no lugar. Dei dois passos à frente, respirei. Fez-se silêncio. Ao som apenas da cuíca e de alguns instrumentos, eu entrei deslizando. As mãos graciosas oscilavam no ar como em um balé. O balanço lento do corpo no ar, em um contorcionismo sensual. Dei um beijo de princesa para alguns convidados, depois para outros. Ouvi muitos assovios e aplausos. A bateria ficou mais forte e rápida e os passos na ponta do pé mostraram o samba verdadeiro.

Esqueci o cansaço, dancei com vigor e graça. Muitos flashes e elogios. Olhares de cobiça e de admiração. Ali, eu era a rainha. Quando acabei, meu peito parecia que ia se rasgar sem ar. Ri, feliz por ter feito uma ótima apresentação que arrancou aplausos empolgados. Olhei em toda minha volta e não o encontrei.

— Quem diria hen? — Ouvi uma voz masculina atrás de mim.

Meu coração disparou. Quando me virei, vi Kali acompanhado de Kelly. Pelo sorriso dela o que deve ter acontecido? Continuaram o beijo?! Eu não podia saber, nem perguntar.

— A gente tem que ter um hobby — falei humildemente.

— A festa deu muito certo. — Kelly sorriu e passou a mão nas costas de Kali.

— É — concordei com um quarto de sorriso.

No dia seguinte, vi minhas fotos no álbum do Facebook de muitos amigos de Kali. Virei o ícone inusitado a se mostrar. Mas, apesar desse sucesso no grupo, eu continuava com a sensação de derrota.

Priscila também não ficara muito feliz com o desenrolar dos fatos. Na festa, ouvi uma

conversa pouco amigável com Kelly:

— O que você não faz para ser parte da família?

— Que quer dizer com isso? — Ela se fez de sonsa.

— Não está na cara que quer Kali, agora? — Priscila deixou em pratos limpos.

— Essas são as suas conclusões? — Fez pouco-caso e continuou andando. — Mas...

— Parou e voltou-se para Pri. — ... E se fosse? O que me impede? — questionou, no seu patamar de rainha de todas as situações.

Priscila olhou para o lado e me viu no outro canto da festa. Entendeu que eu tinha captado tudo. Abaixei os olhos e acariciei o copo úmido de bebida. Ela veio até mim com passos rápidos e me pegou pelo braço. Pediu para irmos até uma varanda lateral onde não havia ninguém:

— Não pode deixá-la fazer o que quiser!

— Hei, não fui eu que a coloquei aqui! — defendi-me.

— Não, não. Não quero ver essa ridícula aqui...

— Priscila, ela não é mais risco para você. E, se não a quer aqui, não precisa necessariamente me forçar a tirar o Kali dela, basta impor sua decisão. Agora está nessa condição. Só não me coloca no meio disso...

— Você não o quer?

— Está falando como se fosse uma disputa.

— Entenda, a vida é um jogo de conquistas. Não seja boba não, ou vai ficar chupando o dedo e se sentindo a fracassada — falou brava.

Subi até o quarto de Kali e abri a porta. Encontrei-o beijando Kelly, encostados na janela. Os dois se soltaram.

— Desculpe... Eu vim buscar a minha roupa.

— Não... Pode se trocar aqui... — Ele disse, puxando-a pela mão.

Agora eu sentia a mesma raiva de Priscila. E, ótimo, vestia a carapuça de boba. Peguei a minha mochila e descí. Despedi-me dos pais de Kali, que me agradeceram pela festa e fizeram o convite de viajar com eles para uma fazenda no próximo final de semana como retribuição. Desci um caminho íngreme pelo jardim, margeado de grama.

— Tamires. — ouvi a voz dele, mas, continuei caminhando. — Hei, já vai? Como vai? Tem carona? Nem se despediu de mim.

Virei-me para ele.

— Um táxi está me esperando. Estou cansada.

— Tem alguma coisa a mais, não está normal...

— Você é cego ou o quê? — perguntei, cheia de fingir.

Ele franziu a testa assustado.

— Nem parece que tirou as vendas ainda!

— Não estou te entendendo... — Riu, surpreso.

— Acho que tem que lavar seu rosto, tem purpurina demais aí. A não ser que tenha rolado sobre a minha fantasia, como espera ter arrumado isso? — questionei.

Desci os três degraus, abri o portão e entrei no táxi. Sem esperar que ele fosse concluir a lógica daquela questão.

Não sei se Kali entendeu o meu recado no fim da festa e se tocou que o beijo que dera com os olhos vendados fora em mim e preferiu não comentar nada. Ou se realmente não pescara a insinuação e continuava a ignorar meu interesse. Minha certeza era de que Kelly estava marcando em cima como atacante que não fez ainda um gol na rodada do Brasileirão.

Era de se esperar que ela também fosse convidada para a viagem a fazenda. O lugar ficava a algumas horas do Rio de Janeiro, em um município montanhoso e um pouco frio, chamado Petrópolis. Chegamos lá em duas vans lotadas de amigos de Kali e de seus pais. A propósito, ele fora em um carro e, eu, em outro. Claro, Kelly marcou o lugar ao seu lado. Comecei a sentir que não teria chance e, para minha dissonância cognitiva, disse a mim mesma que não deveria fazer tanto esforço, que não era para a minha vez.

Com esse pensamento triste e de derrota, olhei pela janela a vegetação passar. Os amigos dele estavam impacientes, falantes, deixando farelos de biscoitos por toda parte. Não gostavam de nenhuma rádio que escolhiam, o sinal não estavam bom. O rádio do carro, para decepção, não pegava pendrive. Um zum zum-zum.

Abri o bolso da frente da minha mochila que carregava no colo. Tirei minha gaita vermelha. Levei a boca e fechei os olhos. O primeiro sopro de ar fez o som de Love me Do começar a ressoar pela van.

Aos poucos todos foram se virando para me olhar.

Não quis perder a concentração. Fechei os olhos e continuei a tocar com o coração. Os dedos faziam movimentos como se vivessem na mesma sintonia das notas que saiam. A gaita ia e vinha, da direita para a esquerda na minha boca.

Seus olhos admirados e o silêncio deram lugar a palmas quando terminei de tocar. Quiseram ver o pequeno objeto metálico como se fosse alguma Esfera do Dragão ou pedaço de asteroide. Mostrei que se tratava de uma HERING FREEBLUES TOM C.

— Toca mais! — pediram.

Eu ri, pensei em outra que tivesse a cifra de cabeça e toquei. Foi assim por quase toda

a viagem:

— Uau, assim vou chegar sem ar! — disse, vendo que pareciam insaciáveis.

— Quando aprendeu? — Ítalo quis saber. Ele era o amigo de escola de Kali. Alto, moreno, cabelo castanho de caracóis, olhos miúdos, um óculos pequeno no rosto oval.

— Com meu pai. Ele é muito fera. Quando fiz dez anos não quis bicicleta, nem computador. Meu presente era um só: uma gaita vermelha como a dele. Treinei muito pra conseguir fazer isso... — falei com modéstia. — Passei por vários compositores de Blues, aprendi tudo de Bob Dylan.

— Toca uma dele. — Vitor pediu.

— Deixa eu ver... — Trouxe a gaita a boca e toquei I'm not There. Dessa vez, de olho aberto, vi-os contemplar aquele momento como um microcosmo musical. As janelas mostravam uma cidade nova que passava, mas eles queriam olhar para dentro: eu era alguém a ser descoberta. Vitor que queria ouvir Dylan, colocou o celular na altura do meu rosto e começou a filmar. Depois, disse que enviara para Kali, no outro carro, para ver o que perdiam.

Paramos para ir ao banheiro e tomar um café, na beira da estrada. Era um pequeno restaurante muito bonito, com uma pilha até o teto de compostas de todo tipo de doce. Parecia uma torre redonda colorida. Aproximei-me mais para ver um deles quando senti alguém muito perto. Instintivamente, virei meu rosto para o lado.

— Já soube que está fazendo sucesso... — Kali sorriu. Estava com um abrigo branco, de zíper e inscrições azuis em relevo. — Quer dizer que eu estou perdendo isso? — perguntou.

— Ah! Depois eu toco pra você, nada demais.

— Quero ouvir.

— Claro... — continuei olhando os doces de abacaxi em calda.

— Agora.

— ãnh? Agora? Mas... eu deixei lá no carro... — despistei. Eu iria provavelmente esquecer toda a música e seria um desastre.

— Por que não? — Deu de ombros.

— Tudo bem... Vem com a gente na próxima parte da viagem e te mostro — propus. Nem acreditei que tive coragem de fazer essa pequena chantagem emocional. O importante é que eu não perderia a chance de vender por um alto preço a minha habilidade.

— A artista é tão difícil assim? — perguntou em provocação.

— Você quem sabe... — Deixei em aberto e por sua conta a decisão. Peguei uma batata frita de uma prateleira e fui até o caixa pagar.

Kali negociou com Vitor ficar em seu lugar. Mas, seu amigo explicou que daria trabalho levar as coisas para o outro carro, que não entendia porque queria mudar.

Eu sentada só observava a negociação. “*Aiiii, Vitor! Você vai ver a próxima vez que me pedir para tocar!*”, pensei comigo. Era o que me faltava! Ele arrematou que não entendia porque ele deixaria Kelly sozinha lá. Desde então, entendi que já acontecia algo semioficial entre eles que eu ainda não sabia.

A mãe de Kali mandou que sossegasse logo porque queria chegar a tempo para o almoço. Ele aceitou, baixou a guarda e voltou para a outra van. No meu celular, recebi a mensagem: “*Ainda me deve*”. Eu sorri.

A fazenda era um lugar bem aconchegante, a casa toda feita de madeira com muitas varandas, salas enormes. Parecia uma antiga propriedade de um barão. Na verdade, era agora de um amigo dos pais de Kali, que cedera para que ficassem ali por alguns dias.

Arrumei minhas coisas no quarto e vim sentar em uma cadeira de madeira de três lugares com acentos de couro branco e almofadas coloridas. Cruzei as pernas que estavam bem aquecidas com as botas marrons e encolhi o pescoço no cachecol mostarda.

Michele passou com Vitor. Ela espirrara e ele dissera para ficar longe dos porcos por causa da gripe suína. Sem perder o tom da brincadeira disse que bem capaz de estar com a doença, pois estava gorda feito uma porca.

Eu sorri e balancei a cabeça para os lados. Kali apareceu com o convite de cavalgarmos e a ótima notícia de que Kelly não iria junto. Aceitei na hora e fomos acompanhados de mais três de seus amigos. Montamos e demos a volta na propriedade. Os meninos logo quiseram mais aventura e aceleraram a velocidade, fazendo os animais darem tudo de si. Cansei e, desci. Acaricieei o bicho, puxei-o pela rédea e este começou a comer a folhagem do chão. Meus ouvidos se abriram para o barulho dos trotes dos cascos na grama, em um som abafado e violento, como aquele original do meu sonho constante com Kali.

Ele, na próxima volta que passou por mim, parou o cavalo e deixou que os amigos seguissem. O animal que breou abruptamente e relinchou. Ele desceu e perguntou se estava tudo bem.

— Está. — Sorri. — Só não tenho o mesmo pique que vocês. — expliquei.

— O dia está lindo, não? — perguntou mais perto e senti que não faltava mais nada para a gente se beijar ali. Kali já estava até mesmo falando do tempo, deixando claro que já não tinha mais assunto para enrolar.

Seus amigos passaram por nós mais uma vez e o chamaram. Eu disse que podia ir, mesmo não querendo e ele tomou isso como uma expulsão e foi. Como eu era tão fraca!

Ao chegar na casa de volta, encontramos a mãe de Kali batendo palmas na sala para convocar a todos para uma rápida reunião. Contou que a noite teríamos uma pequena festa com

direito a fogo, comida e música. Nada mais mágico! Todos ficaram muito animados.

— Mas, não será aqui. — Fez um ar de suspense. — Vamos caminhar por uma trilha até chegar a um chalé na montanha. Será na outra casa do nosso amigo. Levem roupa bem quente porque vai fazer frio!

Todos se entreolharam. Os mais novos adoraram as novidades e a possibilidade de aventura.

O caminho não foi tão divertido para alguns. Kelly reclamou que estava com fome e disse que acabara de entrar no estado de autofagia. Para parar de ouvir seus resmungos, ofereci-lhe uma barrinha de cereal de banana.

— Obrigada, não ia aguentar ficar a base dessa fotossíntese — referiu-se ao sol que sustentava sob nossas cabeças um pouco quente, mas nada que a próxima sombra de alguma árvore não atenuasse. — A gente bem que poderia parar em algum lugar e encontrar uma máquina de café! — Ela começou a sonhar.

Enquanto caminhava, fiquei ao lado dos pequenos grupos que se formavam. Ora ao lado das meninas “geração saúde”:

— Eu gosto de correr no sol. Sabia que correr no sol 40 minutos vale correr no frio uma hora? E ainda dar para pegar aquele bronze. Eu moro perto da praia, tenho essa vantagem.

...Ora ao lado dos meninos fanáticos por carro:

— A gasolina tem maior combustão, é mais refinada que o diesel, é melhor para motores pequenos. E o diesel melhor para motores grandes, como é mais denso, gasta menos. O motor tem que ser mais resistente pro Diesel. O álcool tem combustão maior do que a gasolina. Por isso que o carro bi combustível, quando usa álcool, corre mais e gasta mais.

...Ora ao lado dos casais mais velhos:

— A gente passa a vida se estressando. Mas, quando a gente é jovem, não presta atenção que o estresse destrói as células. O hipocampo responsável pela área da memória produz células nervosas durante toda a vida. As pessoas depois do estresse continuam a produzir, só que essas células não duram muito.

... Ora sozinha.

Olhei para Kali de canto de olho e reparei que me espreitava também. Segurei com os polegares as duas alças da mochila e fixei a atenção bem no chão. Temi ter transparecido algum sentimento. Um frio cortou a barriga.

Quando chegamos ao chalé todos só queriam beber água e se jogar nos sofá, cansados. A grande lareira foi acesa por um casal de caseiros.

— Olha como estão os meus pés! — Kelly reclamou e fez todos se aproximarem para ver o quanto estavam inchados. — Eu tenho alergia a mosquitos e esqueci de passar o

repelente! Como pude ser picada? Aqui não é frio?!

Continuei à janela, alheia a sua crise. A vista era linda. Kali chegou perto, também querendo fugir da sua nova companhia. Ficou ao meu lado, admirou a vista também, virou o rosto para mim.

— Kali! — Kelly gritou.

Eu segurei o riso. Ele voltou-se para ela, com toda sua paciência.

— Eu tenho que descer para a cidade. Quero comprar um remédio.

— Voltar? Agora?!

— Não tem um motorista aqui?

— Não, o motorista do seu pai não veio junto! — Foi sua primeira vez de ser rude. As pessoas pararam suas conversas e ficou aquele clima. — Você quer ir embora? Então, vamos. Seu Antônio... — Chamou o caseiro. — ... Me empresta a chave da caminhonete.

— Onde vai Kali? — Sua mãe chegou da varanda e pegou a briga no meio.

— Já venho. — Limitou-se a responder, mas Kelly deu os detalhes para arrancar compadecimento da mulher, cuidando de usar uma voz de pobre coitadinha.

— Eu não consigo andar direito, me pega no colo? — ela pediu.

Ele não fez nenhuma objeção a seu pedido de garota mimada, parecia levantar uma caixa de legumes que queria descarregar em qualquer outro lugar.

Abruptamente a levantou no ar e saiu. Kelly com as mãos no seu pescoço, ainda olhou para mim com seu rosto colado no de Kali. Seu silencioso recado é que tinha conseguido levá-lo para longe, longe de mim.

Se sua presença irritante era chata, usar suas armas para tirar Kali era bem pior. Pelo menos, ele estava por perto e poderia ter um pouco da sua atenção.

À noite, chegaram um grupo de quatro cantores, que trouxeram violão e acordeom. Sentamos perto do fogo e tomamos muito vinho, enquanto comíamos várias pequenas porções de comida quente servidas em minipotes de cerâmica branca.

De repente, a porta no canto da sala se abre e Kali entra. Depois, fecha a porta e percebo que está sozinho. Meu coração disparou no peito. Estava tendo uma visão ou conseguira trazê-lo só com a força do meu desejo?! Não parecia muito feliz, subiu as escadas com o rosto sério e foi para o andar dos quartos.

— Tamires, me ajuda levar essas bandejas? — A mãe de Kali pediu e fomos até a cozinha. — Não parece muito feliz. — perguntou enquanto recolocávamos os potes cheios de comida nas bandejas. Entendi que usara a desculpa da ajuda para puxar assunto comigo. — Não está gostando da viagem?

— Estou! Imagina?! Tirei várias fotos, o lugar é lindo. Nunca vou esquecer... —
Tentei fazer uma voz mais animada. — Obrigada pelo convite!

Ela, que estava de frente para a porta da cozinha, sorriu por ver alguma coisa.

— Mas, acho que agora você vai ficar mais alegre — comentou e, em seguida, Kali veio ao seu encontro dar-lhe um beijo no rosto.

Aposto que Priscila havia contado do meu interesse por seu filho. Ou será que eu tinha dado tanta bandeira?! Fiquei envergonhada, mas, não deixei de olhá-los conversar, enquanto segurava a bandeja pesada.

— Levei Kelly ao hospital. A médica passou uma pomada. Ela não quis voltar. A gente discutiu, estava de saco cheio já — falou baixinho, como se eu não fizesse parte da conversa. — Depois disso, ela ficou mais irritada e cismou em querer pegar um ônibus na rodoviária só para que eu me sentisse um monstro — explicou, deixando claro agora para mim que ele também já enxergara os joguinhos daquela patricinha.

— E quem vai buscá-la na rodoviária quando chegar?

— Não se preocupe, ela tem bastantes empregados! Só que eu não sou um deles — disse.

— Então, vem comer alguma coisa. — A mulher caminhou em direção a sala.

Kali voltou a me olhar como se só naquele momento se tocasse da minha presença, eu fixei os olhos nos escondidinhos de camarão e segui atrás de sua mãe. Senti que ele me observava enquanto passei.

Estava com um pouco de frio. Fui até o quarto buscar meu cachecol. Subi as escadas e ouvi passos atrás, me virei rapidamente para olhar, em reação instantânea, e vi que era ele. Agora o coração batia forte como o salto da minha bota no assoalho.

Respirei fundo, entrei no quarto onde havia quatro camas de solteiro. Inclinei-me sobre a última delas e abri minha bolsa. Torci para que ele tivesse seguido para o outro quarto, pois estava muito nervosa. Mas, Kali já estava na porta. E agora *sem Kelly*!

Coloquei o cachecol em volta do pescoço, depois, fiz um nó colocando duas pernas dentro de um laço. Ajustei. Fechei a mochila novamente. O que ele queria aqui?

— E a nossa promessa? — perguntou com uma voz tranquila que eu ainda não tinha ouvido desde que começara a viagem.

— Qual? — Franzi a testa, fazendo-me de ingênua.

— Quero ouvir você tocar gaita. Todo mundo já me falou disso e eu não ouvi ainda! — Mostrou-se desonrado.

— Ah! Com aqueles caras feras lá embaixo me sinto até humilhada! — Ri.

— Tá, mas me prometeu — insistiu e se jogou em uma das camas com a cabeça apoiada nas costas das mãos.

Fiquei olhando seu corpo longilíneo e forte estendido relaxadamente sobre a cama e tive quase certeza que não lembraria nem das primeiras lições que meu pai me ensinara a tocar!

— Vamos! — incentivou-me e eu balancei levemente o rosto em um pequeno susto, tirada do torpor. Fiz um movimento rápido de sentar na cama e abrir a mochila, seguindo a ordem do seu pedido.

Ele virou-se de lado e apoiou a cabeça em uma das mãos. Não vi o resto porque tinha certeza que iria me desconcentrar. Fechei os olhos e comecei a tocar a música tema do filme Titanic.

Não poderia ser nada complexo quanto Dylan, mas que tivesse alguma emoção. Já no fim, fiquei me punindo por ter sido tão clichê! Titanic?! Abri os olhos com certo medo de ter sido boba e desapontadora.

Kali estava com um sorriso que não entendi. Olhava não só para gaita, mas pra mim. Eu não sabia o que dizer, nem onde pôr as mãos, toquei mais uma vez na falta de reação e medo de estragar tudo. Dessa vez foi *Luz dos olhos*. Ao terminar, ele fez uma observação, dizendo que a gaita tinha sempre um tom triste. Terminou a frase em tom de pergunta: “*Ou seria você?*”, se referindo a uma possibilidade de eu estar triste por algum motivo e passar isso para as músicas.

Não respondi porque me enrolaria em explicar como meus sentimentos estavam intensos, tristes e misturados. Coloquei a gaita na boca e puxei o tema de *A Pantera cor-de-rosa*, ao que ele soltou uma risada divertida.

Franzi a testa com um ar de “melhorou?”. Lembrei de mais uma e toquei Mortal Kombat para sua excitação e alegria, pulou da cama e sentou ao meu lado. Eu sabia que aquela musiquinha ridícula que aprendi para o meu irmão teria uma utilidade melhor.

— Você é muito boa! — Segurou minha mão e me impediu de tocar a próxima. Ainda segurando meu punho e com rosto muito perto, vi sua alegria.

— Gente, vamos comer? — Sua mãe chegou na porta e bateu palmas.

— Claro! — Pulei da cama, deixei a gaita no bolso da mochila. — Já estamos indo.
— Caminhei em direção a porta.

— Sim, já vamos. — Ele concordou, falando mais atrás de mim.

Podíamos ouvir os passos de sua mãe descendo a escada, já longe. Mas, antes de cruzar a porta, ele fora mais rápido e a trancara com um empurrão. Meu coração pareceu dar junto a última pancada.

Eu fiquei parada, como um daqueles bichinhos de pano cheios de areia, a escorar a porta. Estática em cima do último passo dado. No limite do nariz e a madeira. Ainda toquei a maçaneta, mas não girei. Podia e não fiz. Ele trancara por um motivo e era essa razão que me impedia. Kali escorou-se com as costas na porta e me olhou em cheio pela minha esquerda. Esperaria até o dia amanhecer para que eu tomasse a iniciativa de encará-lo e questionar sua atitude. Eu não demorei tanto, ergui levemente o queixo e o olhei pelo canto do olho.

— Vamos ficar aqui? — perguntei.

Sorriu, como se eu tivesse falado a coisa mais ingênua e boba do mundo. Enfiou as mãos no bolso, pensou, deu um suspiro e disse:

— Eu sabia que era você que me beijou quando estava vendado — contou.

— Hum...

— Eu já tinha beijado a Kelly antes e sabia a diferença.

— Obrigada por esses detalhes — falei sarcástica, perdendo um pouco da timidez, a raiva me dava mais impulso que a paixão. — Não foi o que pareceu.

— Eu não imaginei que toparia com você, nem que me beijaria.

— Eu? — Dei uma risada e aponte para o meu peito. — Está dizendo que *eu te beijei*? — Senti que minhas bochechas estavam mais vermelhas que a brasa do fogo. — Do que está me chamando?

— De nada! Hei, não vim aqui pra a gente brigar! — Tocou no meu braço.

— Quer repetir o beijo? — perguntei rápido e emendei para não dar tempo de falar. — Então, corre pra sua sei lá o quê. Já sabe a diferença e não vai confundir.

— Já sabe que não estou com ela — simplificou.

— Há quantas horas? — Olhei para o relógio no meu pulso. — Meia? Uma, duas? Duas!

— Ao menos sabe que não estou sendo um canalha jogando com as duas... — Elevou-se ao patamar de cara mais ético do universo.

— Quando a gente coloca um perfume de manhã, não é tão fácil tirá-lo ao meio dia, é preciso esfregar bastante para esquecer o cheiro — metaforizei. — Eu ainda sinto ela em você. Mulher não é interruptor que com um toque você desliga o de cima e liga o de baixo. Mulher é uma questão de tempo e o meu não é tão rápido assim.

— Você é ambígua — observou. — Uma hora é a passista mais despojada, depois a advogada mais corajosa e, de repente, mais que de repente, parece saída de uma país tradicionalista ortodoxo...

— Talvez por isso fez sua escolha pela Kelly, não se dá ao trabalho de entender, é

como cup noodles, vem praticamente pronto, só jogar água e ferver. Mas, para que saiba, a advogada vem dos ossos da profissão, a passista é a máscara...

— Ok. O que vou ter que fazer para te conquistar? — Tentou colocar em questões práticas.

— A segunda vez é sempre mais difícil. — Abri a porta.

Dessa vez, não ouvi os passos atrás de mim. Ele deve ter ficado para pensar. Eu queria muito aquele beijo que ficou perdido no limiar da porta. Mas, havia meu orgulho próprio. Não queria ser uma opção na noite, eu queria ser uma escolha. Kali precisaria me provar isso. Ou eu não abriria brecha para que me machucasse.

Sentei no sofá e acho que estava emburrada, pois sua mãe me olhou em cheio como se percebesse alguma coisa.

— Toca para gente, Tamires. — Vitor pediu.

— Agora? Depois... Temos esses artistas aqui! — falei. Não queria voltar lá em cima para buscar a minha gaita, não era tão fácil manter a minha opinião com Kali lá no quarto.

— Ah! Não seja chata, vamos! — Michele ficou impaciente com a dificuldade que eu estava impondo.

— Ok, vou pegar a gaita. — Sorri. — Enquanto isso, vão tocando... — aconselhei aos outros rapazes. Não queria correr o risco de eles perceberem minha demora, caso eu precisasse ficar lá por algum tempo.

Subi as escadas novamente. Meus olhos se encontraram diretamente com os de Kali, que acabava de sair do quarto. Atravessamos o corredor em direções contrárias e, no ponto de cruzamento, nos encaramos por um flash de segundos.

Desci novamente e sentei em uma poltrona amarela no centro da roda. A música parou. Comecei “Luz dos olhos” que agora pouco tinha tocado para Kali. Eles reconheceram e começaram a cantar. Os músicos me acompanharam. Meu coração estava no compasso da música e eu me empolguei, inclinando-me para frente, levada pelos movimentos das mãos e da alma.

Quando acabei, um músico observou com o dedo enriste e segurando uma palheta:

— Isso é coisa de quem toca com o coração. — Apontou para o peito. — E... — Fez um ar de suspense. — ... Está apaixonada!

— Ihhhh! Com quem será? Com quem será? — Todos começaram a rir.

Eu sorri e não respondi que sim nem que não. Quem deveria saber já sabia.

— Vou pegar mais lenha. — Vitor se ofereceu.

Eu precisava de um pouco de ar, sai também para ver a noite fria lá fora. Vitor desceu

e foi até uma pilha de pedaços de madeira.

— Nunca senti tanto frio! — falei.

Ele desistiu de pegar as pequenas toras e chegou mais perto.

— Não seja fraca. — Riu e fez carinho nos meus dois braços para me aquecer. Chegou mais perto. — Tem um jeito que esquenta mais rápido. — Segurou meu rosto com a mão e se preparou para me beijar. Ele estava a fim de mim e eu, tão ligada nas coisas que aconteciam entre Kali e Kelly, não me dera conta.

Eu, que estava de frente para a casa, vi Kali chegar na porta que deixamos aberta. Ele olhou para Vitor que estava prestes a me beijar com uma expressão tão fria quanto aquela noite.

Fez uma cara de quem estava entendendo por que eu havia dificultado as coisas entre nós no quarto. Devia achar que Vitor e eu mantínhamos algo por trás e eu não queria lhe contar, por ser seu amigo. Quando, na verdade, não era nada disso! Mas a cena valia mais que mil explicações que eu tentasse depois dizer.

Coloquei as mãos no peito de Vitor, antes que esse me beijasse, e falei que era melhor parar por ali. Pedi desculpas por não poder correspondê-lo. Vitor olhou para trás, percebendo que meu foco estava em suas costas, e viu Kali acabar de entrar, perguntou se era por ele que eu estava apaixonada. Meu silêncio serviu como resposta. Ele falou que “ok” e entrou com as toras.

Apesar do frio, eu não queria entrar também. Olhei para lua e pensei se estava frio lá em cima também. Por que eu me sentia tão angustiada?! Talvez por querer fazer algo e meus princípios dizerem ao contrário, que era para esperar.

Ótimo! Agora Kali devia achar que eu estava beijando Vitor!



Na segunda feira, Priscila tinha uma notícia para me dar. Foi com essas palavras que pegou na minha mão e pediu que sentasse no sofá. Eu já não esperava qualquer novidade boa de seus lábios tristes e sem sorriso. Disse que não sabia por onde começar, o que piorava ainda mais tudo:

— O escritório decidiu que não posso mais te ter como estagiária aqui — explicou.

— Como? Trabalhamos tão bem, ganhamos vários processos e...

— Eu sei. — Ela me interrompeu, abanando as mãos no ar, mostrando que nada que eu dissesse seria levado em consideração porque, provavelmente, já havia exposto esses argumentos.

— Então? — perguntei, na esperança de outra saída.

— Eles não vão renovar seu contrato. Lamento muito, mas eu não tenho o poder sobre tudo, bem que queria! Adoro você, nem preciso falar do seu trabalho...

— ... Mas, eu estou na rua? — Traduzi e olhei pro tapete peludo e branco do chão da sala. Passei a mão no cabelo. — Eu preciso desse dinheiro, dessa oportunidade... Não pode ser... Desculpe, mas não estou entendendo, ainda falta um mês...

— É, eu também penso o mesmo. — Priscila fez uma cara de impotência, de quem não me contou tudo.

— Pode falar, foi ela, não foi? Foi a Kelly. Muita coincidência acabarmos de voltar daquela viagem e me colocarem na rua!

— Não posso julgar. É uma decisão que não vem dela.

— Dela não, mas com a ajuda do pai... — ironizei.

— Não posso acusá-la de algo que não sei.

— Eu não tenho dúvida. — levantei com lágrimas nos olhos. — Desculpe, preciso de um tempo pra mim.

— Claro, nos falamos...

Eu coloquei a bolsa no ombro e passei pela porta da sala arrasada. Kali estava sentado na varanda. Não sei se ouvira, ou já sabia de tudo, mas veio falar comigo.

— Espere — pediu.

Enxuguei a lágrima antes que ficasse pesada para pingar, mas a voz tremeu e me denunciou:

— Oi — disse.

— Eu acho que não vamos nos ver mais — falou.

— Eu fui mandada embora da empresa...

— Eu vou voltar para os Estados Unidos — contou, explicando por que não nos veríamos mais.

— Por que eu perco tudo? Não podia ser uma coisa de cada vez... Sabe o que me deixa mais frágil? Saber que há pessoas com poder de mexer na vida de outras como quem pega uma marionete... Tudo por quê... — Segurei as palavras, mas Kali me olhava como se esperasse que eu continuasse a dizer que era por sua causa.

— Acha que tem a ver com as coisas que aconteceram na viagem...? — interrompeu.

— É uma questão de física, três corpos não cabem no lugar de dois.

— Não fala assim que vou me sentir culpado.

— Não se sinta, eu vou me virar... — Encolhi os ombros. — ... Você vai quando?

— Amanhã.

— Já?! — Franzi a testa.

— É. Tenho que ver algumas coisas para a empresa, reuniões...

— Então vai voltar? — perguntei.

— Depende... Pode ser — falou vagamente, mais para me dar esperanças.

— Então... — aproximei-me, fiquei mais na ponta do pé e lhe dei um beijo na bochecha. — Até um dia.

— Podemos nos falar, trocar e-mails...

— Ah, claro... — aceitei, sem animação.

Não eram e-mails que queria trocar com ele.

Parei para analisar que fora melhor nada ter acontecido na viagem. Eu certamente estaria agora envolvida e querendo ir junto, sem poder.

No caminho de ônibus para casa, meu celular tocou. Era um número desconhecido. Atendi.

— Sim, é ela.

— Oi, é o Vitor.

Nossa! Homem fareja quando o Leão Alfa rival está fraco e pode ser pego de surpresa.

— Oi. Como conseguiu meu telefone?

— Na verdade, o Kali me deu e pediu para te ligar.

Se não fosse a pronta explicação que me deu em seguida, eu teria pensado que devia valer bem pouco para ficar sendo “doada”, como quem viaja e divide com os amigos os objetos que não pode levar.

— Ele me passou seu currículo e pediu que te ligasse, caso tivesse algum contato a respeito de estágio.

— Ah! Sim... Estou precisando mesmo, acabei de sair de um. — Não falei que tinha sido “expulsa” de um.

— Podemos nos encontrar para falar? — perguntou.

Queria saber qual era a linha mais tênue entre o Vitor que me oferecia um emprego e o Vitor que me oferecia seu coração.

— Onde é a empresa? Posso ir aí. É onde você trabalha? — Tentei manter tudo dentro do campo profissional.

— É sim, temos um departamento jurídico aqui. — Sua voz me pareceu levemente desapontada com o fim da sua chance de me encontrar fora do ambiente de trabalho.

Marcamos de amanhã acertar tudo. Eu precisava agora agradecer ao Kali que intermediara isso pra mim em meio a seus compromissos de viagem. Liguei, mas dera caixa postal.

À noite, no final das aulas, tive a surpresa de encontrá-lo na porta, me esperando descer pelas escadas da faculdade.

— Nossa, é assim que costuma responder as ligações não atendidas? — perguntei com um grande sorriso no rosto. — Vindo pessoalmente?

Ele não me respondeu, viu alguma coisa atrás de mim, mas pediu para eu não me virar. Puxou-me rápido pela mão para continuarmos andando. Viramos uma esquina, até dar em uma rua não muito movimentada e com uma penumbra em um ponto.

— Que foi? — Ri, um pouco nervosa com aquele encontro não premeditado.

— Era Kelly. Não queria falar com ela — respondeu.

— Ah... Entendi.

Ele estava de calça jeans azul-marinho escura, blusa branca dobrada nas mangas, cabelo raspado à máquina, cordão no pescoço, um perfume leve e marcante no ar a sua volta.

— Eu não queria ir sem antes saber uma coisa — falou ainda mais perto.

— O quê? — perguntei.

Kali me pegou pelo cabelo da nuca, pela cintura, pelas beiras, pela boca e o resto não vi. Meus olhos se fecharam em um mergulho profundo no beijo quente, úmido, apaixonante. Meu braço envolveu seu ombro, a outra mão se prendeu à camisa. Não era completamente feliz, porque eu sabia que era o último, mas era por isso mais intenso, por saber que além de primeiro era único, sublime, esperado, entregue.

Não sei os minutos que se passaram porque estava anestesiada pelo fluxo contínuo de carícias, beijos e afagos.

Seu corpo forte, quente e sensual me envolviam de forma tão doce e romântica. Era a melhor sensação do mundo estar colada ao seu corpo e sendo desejada por aquele homem. Descolamos os lábios, mas os rostos ainda se roçavam. Minha mão acariciou sua face direita.

— Vou te levar em casa — ofereceu.

— Tudo bem.

Kali foi embora naquela noite e me deixou a sensação de que no dia seguinte poderia

chegar a sua casa e continuar aquele beijo. Mas, eu sabia que um avião o levaria para bem longe.

Acordei com o noticiário da manhã tocando no pequeno rádio metálico que minha mãe deixava quase sempre ligado no basculante da cozinha. Assim, ouvia enquanto lavava a roupa ou preparava a comida.

Sentei à mesa e peguei um pão do saco bege. Abri e tirei o miolo.

— Que cara é essa? — ela me perguntou.

— Sono, só isso — falei-lhe.

— Vai cedo para a casa da sua patroa?

— Não — respondi. Não estava com forças para lhe contar agora. Talvez, fosse melhor dar a notícia junto com outra boa. Esperaria a entrevista à tarde.

— Soube que um avião brasileiro desapareceu? Ia para os Estados Unidos e caiu na América Central. Deve ter caído porque não se desaparece assim um troço daquele tamanho...

Parei de mastigar o pão que estava na minha boca. O meu coração quase parou.

— Ai meu Deus! — Corri até o meu quarto com as pernas trêmulas, pensei até que não fosse chegar.

— Que isso, menina? — Minha mãe gritou.

Procurei o celular na minha bolsa. Joguei tudo em cima da estante. Lembrei que estava de baixo do travesseiro, engatinhei sobre a cama, peguei-o. Disquei o número da casa de Priscila. Sentada na cama e encostada a parede, sustentei a cabeça com a mão na testa e o cotovelo no joelho. O coração era uma bolinha de pingue-pongue rebatendo com força no meu peito.

— Eu sabia que não ia demorar e você ligaria. — Era Priscila e suas primeiras palavras. O que já confirmou no meu coração a suspeita de que Kali estava naquele avião.

— Por favor, não diga isso. — Minha voz não saiu mais e se fez o silêncio.

— Não sei qual era o grau de envolvimento que você tinha com ele, mas imagino que esteja sofrendo como nós...

Lembrei-me da noite anterior, quando me buscara na escola.

Kali me beijou com tanta vontade que não dava para acreditar em sua partida. Pensei milhões de vezes que poderia ter lutado antes para não receber aquele beijo de despedidas, mas não poderia perder tempo pensando, tinha que beijar e aproveitar mais. De volta pra casa, ele mandou uma mensagem de zap avisando que enviara um e-mail. Cheguei em casa e o abri:

— “Estou escrevendo do aeroporto enquanto aguardo o voo. Ainda está na boca o gosto, o seu gosto. Eu sempre fui uma pessoa pragmática. Larguei o Brasil e fui morar fora

sendo chamado de moleque. Voltei sem diploma, chamado de inconsequente, mas, voltei com o respeito das pessoas com quem trabalho, do lugar que conquistei no mercado. Faço o que gosto, que é desenhar carros. Para minha família não sou o queridinho, mas um caso perdido. Acho que volto pra lá pra ter a sensação de estar no caminho certo. Mas, agora é estranho, sinto que estou sozinho. Eu estava, mas não sentia, até você. Quantas palavras tolas e sem sentido, por favor, não ria, é aí que meu pragmatismo se perdeu... Eu queria estar perto de você e não sabia o que pensar de mim. Fui pelo lado prático ao ficar com Kelly, mas isso não me fez te tirar da cabeça. Você sempre foi tão petulante, tão irritante, que me deixava mais incomodado quando martelava aqui dentro. Eu tive que ir lá e te dar aquele beijo. Agora sei que não vai sair mais de mim. Isso não muda nada, estou aqui esperando o voo afinal. Isso muda tudo, já que pode me dizer qualquer coisa que corresponda a isso, pelo menos em parte... Meu voo, última chamada bye.”

— Tamires? — Era a voz de Priscila no outro lado da linha.

— Oi. Eu não posso acreditar. Ontem mesmo estava trocando um e-mail com ele! — desabafei, incrédula.

Assim que terminei de ler o que Kali havia enviado, escrevi-lhe, sem saber quando leria, agora nem sei se chegara a ler.

— “Eu posso dizer que muito antes disso você já existia em meus sonhos. Não como sendo sonho um pedido, ou desejo. Sonho mesmo, desses que temos à noite. Você vinha em um cavalo, em alta velocidade, com seus amigos e eu chorava. Não ria, mas era essa a cena. Parece um pouco com contos de fadas, só que triste. Nunca entendi porque eu chorava. Te conheci e comecei a sentir o mesmo, não saía da minha cabeça. Ainda tive que tolerar te ver entregar para quem não merecia o que eu silenciosamente desejava. Mas, até que ponto também não fui culpada por não ter tentado? Onde começa e termina a culpa das “circunstâncias” e a contribuição que nós damos a elas? Em que na nossa distância de agora a culpa foi bastante minha? Não preciso saber para me punir, mas pra não errar de novo quando a chance estiver tão perto. Quantos amores perdemos pra aprender? O gosto está aqui também. Até quando fica? Boa viagem. Será que ainda te vejo um dia fora dos sonhos?”

— Nós também estamos chocados. — Priscila falou. — A nossa esperança é que ainda não saiu a lista oficial. Pode ser a qualquer momento. Vamos aguardar.

Desligamos e eu fiquei nos sites de notícia, a todo instante dando F5 para atualizar a página e ver se uma nova havia entrado com a bendita lista. Minha mãe entrou no quarto e perguntou se eu não sairia hoje para nada. Lembrei da entrevista de emprego, mas ela se tornara desimportante. Tudo ficara nulo. A única coisa que eu ansiava era ver a lista pra acreditar. Eu não queria acreditar.

Agora o sonho fazia sentido. Kali fora alguém que passara em minha vida e, sua partida, era o motivo da minha tristeza e lágrimas. Preferia que nada tivesse acontecido, que eu continuasse na minha vidinha pacata. Mas, se fosse assim, não teria recebido aquele beijo tão

bom e intenso de ontem. Nesse caso, de alguma forma, tinha que ter acontecido sim. Por que isso tudo? Já não bastava não tê-lo? Poderia ao menos ter para quem mandar um e-mail. Pensei em como ironizei quando ele me disse uma vez que poderíamos nos comunicar via web. Não deveria ter desfeito de pouco quando isso é melhor que nada.

Enquanto minha cabeça desfilava tudo isso, em uma das minhas atualizações do site, a manchete anunciando a lista quase parou o meu coração.

Quando esperamos ver um nome em uma lista, buscamos com alegria, com o desejo de um sucesso. Naquele momento, eu só queria não vê-lo naquele tipo de lista. Digitei seu nome com a “ferramenta procurar”, que varreu a página. Sabia que seu nome não era comum e era a maneira mais rápida de desfazer a minha agonia. Um som mecânico de “pleeeerrrrmmm” seguiu a mensagem na tela “Nenhum item procurado encontrado”.

Comecei a chorar de alegria. Ajoelhei no chão. Agradei, implorei que fosse verdade. Peguei o telefone mais uma vez e disquei o último número.

— Você viu? O nome dele não está na lista! — falei atropeladamente, antes do alô. Priscila mal conseguia falar também, era grande o barulho de vozes se misturando ao fundo. — Estamos muito felizes e também com medo de haver uma nova lista.

— Vocês não conseguem falar com ninguém que tenha contato com ele lá?

— Não, ainda não. O celular dele não atende também. Nada.

— Eu não vou perder as esperanças.

Três horas depois eu ainda estava sem comer, sem parar de perambular por toda a casa com o telefone na mão. De repente, o aparelho soou alto. Assustei-me e atendi. Era Priscila.

— Ele ligou — ela disse.

Eu cai sentada no sofá e chorei feito uma criança.

— Calma, Tamires. Fique tranquila. Ele ligou, chegou muito bem. Kali explicou que por ter ido te ver ontem, acabou se atrasando muito e perdeu o voo, mas pegou outro. Ele está ótimo. Não imaginou que nós pudéssemos estar pensando que ele morrera.

— Que bom. — Sorri. — Que bom.

Desliguei. Meus pais que assistiam ao jornal local e almoçavam olharam para mim e sorriram. Já sabiam da minha angústia.

— Agora vem comer, né?! Vai esfriar!

— Vou comer sim. Tenho que ir a uma entrevista. — Puxei a cadeira.

— Entrevista? Como assim? — Minha mãe me passou um prato.

Expliquei-lhe que era a mais nova desempregada. Enquanto ela lamentava isso, eu só conseguia sorrir. Kali estava vivo. Eu não sei como faria para vê-lo, mas não deixaria a nossa

chance passar mais.



Estava no ônibus, a caminho da minha entrevista na empresa onde Vitor trabalhava. Ele entendera perfeitamente os motivos que me levaram a não ir à última. Como eu, também estava muito preocupado com o amigo. Só que foi preciso explicar isso na empresa. Felizmente entenderam.

Pensei em Kali tão longe daqui. Suspirei. Trocamos um e-mail depois daquela confusão do acidente. Deveria ter sido uma ligação, mas ele preferiu um e-mail. Isso fez um pequeno arranhão no meu ego. Mas, tentei não entender. Falei-lhe que queria muito tê-lo aqui. Confessei o quanto gostava dele. Resumindo: fui de peito aberto, letras a fundo. Ele disse que ia acontecer, não falou quando, nem deu promessas. Fácil não?

Comprei um pacote de balas com o vendedor que entrou no ônibus. Precisava estar com um bom hálito e dar um banho de glicose no meu cérebro. Cheguei ao escritório, no centro da cidade. O sol já estava quente, retirei o cachecol do pescoço. Em julho o tempo aqui fica assim, muito frio de manhã e um pouco quente próximo ao meio dia. Depois, à noite, volta a cair a temperatura. Onde eu o colocaria? Amarrei-o na alça da bolsa. Depois, pensei que não era chic para uma futura estagiária. Enfiei-o na bolsa, que agora parecia carregar um travesseiro dentro! E se eu voltasse com ele para o pescoço?

O elevador chegou e a grande fila que se formara atrás de mim apinhou as pessoas naquele cubículo, não dava mais para fazer nenhuma manobra com o cachecol. Pensei em ligar para Vitor e pedir que viesse até o corredor para me ajudar. Eu estava indefesa. Não podia me comportar assim! Dei três passos firmes à frente. Puxei a porta de vidro e abri todo o melhor sorriso que consegui para a secretária que estava do outro lado de um balcão. Expliquei-lhe quem eu era e que tinha uma entrevista marcada.

Ela pediu que a seguisse. Passamos por um corredor estreito, depois uma porta de madeira e, por fim, estava diante de um grande salão dividido em baias. Há quatro passos de mim, vi Vitor com um grupo de outros três rapazes junto à máquina de café. Eles me olharam como a carne fresca pendurada no gancho do açougue, pingando sangue. Odeio quando entro em um novo ambiente de trabalho e sinto que sou a atração circense dos homens. Será que eles escolhiam também pela aparência? Não duvidava.

— Tamires seu nome, certo? — perguntou a mulher.

— Sim.

— Esse é o senhor Fernando — apresentou a um homem vestido de camisa social branca com listas azuis e uma calça jeans.

— Oi, prazer. — Apertei-lhe a mão, que estava quente.

Sentei-me com seu sinal de consentimento. Mostrei-lhe meu currículo e a carta de referência escrita por Priscila e Luis, nada menos que esses dois pesos pesados. Mas, me pareceu que algo já estava decidido antes de mim.

— Olha, o trabalho aqui é sempre muito agitado. A gente trabalha muito integradamente e todo mundo tem que saber um pouco de tudo. Essa é uma empresa de assessoria empresarial. O que é isso? Damos suporte a pessoas que querem abrir suas empresas e também que nos entregam a contabilidade para cuidar. Fazemos desde o marketing de lançamento, até alguns eventos... Você vai pegar aos poucos.

Vou pegar? Já estou dentro? Sem esperar por ligações de convocação?

— Claro. Mas, essa vaga tem qual exigência? Eu estudo direito...

— Ah! Sim, você tocou no ponto que eu ia chegar. Nós temos clientes problemáticos, que bom! Isso paga nossas contas. Eles nos contratam para isso, fazem o que querem e depois nos ligam. — Riu.

Eu tentei rir também. Era uma explicação estranha, mas bem realista. O homem parecia extremamente simpático. Aquilo ali não era parecido com o que eu estava acostumada, mas, me parecia ter chance de crescer mais rápido, de ganhar confiança. Estava gostando.

— Nós temos dois advogados aqui, o Cláudio e Lourenço — apontou para os dois únicos homens de terno que estavam concentrados em seus computadores. Um era moreno, alto, forte, com alguns cabelos grisalhos e o outro branco, barrigudo e de bigode. — Eles precisam de uma ajudante e aí, entra você.

Ajudante? Repeti aquela palavra mentalmente. Não caia muito bem, porém, não me apressei a pensar mal do cargo. Poderia ser só uma visão dele.

— O que acha? — perguntou.

— Parece ser bem interessante. Por mim, estou dentro, podemos começar quando quiser.

— Que bom — apertou a minha mão.

A secretária, Rita, me levou até uma mesa no canto da sala, próxima a janelas de vidro. Ali havia um computador e algumas gavetas. Nada com luxo. Sentei-me.

— O Vitor vai te ajudar a configurar o Outlook. — Ela falou e logo o próprio apareceu.

— Hum... vai ficar com essa máquina? A mais rebelde. — Ele sorriu e colocou as mãos no bolso. Nada de dois beijinhos de cumprimento.

A secretária se afastou.

— E aí? Gostou?

— É... Vamos ver. — Sorri. — Acabei de chegar. Você faz o que aqui?

— Ajudo em tudo.

— Mas... — continuou. — Faço principalmente a manutenção dos computadores, rola uns trabalhos de fazer os sites das empresas, enfim... — Encolheu os ombros. — Já tá na hora do almoço. Eu vou descer pra comer, bora?

— Não sei, eu acabei de chegar, não sei se vão me passar alguma coisa...

— Relaxa, daqui a pouco isso aqui estará vazio. Eu vou perguntar para você. — Ele chegou à mesa dos dois advogados e perguntou se tinha problemas eu descer. Os dois me acenaram e, depois, decidiram levantar e me cumprimentar. Fiz o mesmo, me levantei e estendi a mão.

— Vamos nessa? — Vitor chamou.

— Na volta, conversamos, então — falei para os meus dois novos chefes.

O clima ali parecia muito tranquilo, nada perto do “agito” de que Fernando falara.

Os amigos de Vitor anunciaram que comeriam em um fast food. Eu fiz uma cara de pouca vontade. Estava evitando gorduras.

— Há outros lugares. Vamos no Spolleteo? — Vitor ofereceu. — Tem salada.

— Ah! Ótimo. — Gostei da ideia. — Hei, eles não vão com a gente? — perguntei quando o grupo virou para a outra esquina.

Meu prato foi o de sempre: salada grande, frango, molho de mel com mostarda. Pouco molho para não deixar tudo enjoativo. Sentamos frente a frente. Eu comecei logo a comer e Vitor esperou sua lasanha fumegante esfriar um pouco.

— Falei com Kali ontem no Facebook, ele vai ficar mais seis meses lá, né? — Puxou o assunto para o lado do amigo.

— Hum... — Mastiguei o meu alface, essa parte eu não sabia.

— Ele é meu grande amigo. Fizemos equitação juntos, dividimos apê lá fora... — Colocou a primeira garfada da sua massa na boca e sentiu que ainda estava muito quente. — Caracoles, minha língua derreteu.

Eu ri. Ele era muito espontâneo.

— Você também gosta de cavalos? — perguntei.

— Gosto. Mas, depois, a gente começou a curtir carro, são mais rápidos.

Um lampejo de lembrança me trouxe o sonho à mente. Não era só Kali que passava cavalgando veloz, mas alguns amigos também. Seria Vitor um deles?

— Obrigada por ter me indicado. — achei o momento apropriado para agradecer.

— Ou não... quem sabe vai querer se pendurar na janela nas próximas semanas.

— Não me assusta, é tão ruim assim? Ah! Pareceu-me tranquilo.

— É sim... to brincando. — Riu. — Eu tenho uma teoria sobre os acompanhamentos na lasanha. Escolha todos que são capazes de não derreter. É inútil, no fim vira tudo uma coisa uniforme misturada ao molho e ao queijo. Só restou a ervilha e o presunto. — comentou.

— Está boa? — perguntei.

— Prova — ofereceu.

— Não, que isso... — recusei muito sem graça. Vitor me conhecera na viagem, já me oferecera um emprego e agora queria que eu garfasse seu prato? Sem falar naquele beijo que quase ocorreu.

— Tudo bem, você ia me oferecer essa salada e eu não ia querer mesmo. Aposto que é do tipo que sempre pede salada com o mesmo molho de mostarda só para não variar. Não quer ficar ali na fila com as pessoas te olhando.

— Olha quem fala! E você que pede lasanha porque já vem pronta! — rebati.

— 1 x 0 pra você. — Ele semi fechou os olhos e apontou para mim com a mão que segurava o garfo. — Tenho que tomar cuidado com você, garota! Advogados não são confiáveis.

Eu ri e Vitor continuou na sua lasanha, agora mais fria. Ele tinha o cabelo liso e jogado para trás, olhos amendoados e grandes. Era um tipo normal, mas com muita desenvoltura para ser uma boa companhia.

Na hora de ir embora, no fim do dia, eu descobri uma coisa a mais sobre Vitor que não sabia.

Eu tinha acabado de sair do prédio e ia seguir para direita, a caminho do ponto de ônibus mais próximo. Ao passar na frente do estacionamento, um segurança estendeu o braço e pediu para eu esperar porque o alarme avisava que um carro sairia. Uma L200 prateada subiu a rampa e ficou ao nosso lado.

Eu, atrás do segurança, vi Vitor através do vidro, ao lado do senhor Fernando.

Eram pai e filho.



Seu Fernando chegou muito animado. Nós também estávamos, era dia 9 e amanhã seria feriado prolongado, com direito a emendar sexta-feira. Da minha mesa, busquei Vitor com os olhos. Sua baia ficava um pouco a minha frente, mas ele sentava de lado para mim. Ainda assim era possível ver seu computador. Estava em um site de jornal, vendo o resultado do jogo de ontem, totalmente alheio ao pai.

— Tamires, você está convidada também. — Seu Fernando apontou para mim e sentou-se.

Eu franzi a testa e, nesse momento, Vitor me olhou, lendo todas as interrogações em meus pensamentos e veio com a resposta. Mas, para isso, levantou-se.

— Todo ano fazemos uma festa para comemorar o aniversário da empresa no sítio.

“No sítio” indicava que além de tudo era no mesmo local, havia, então, uma verdadeira tradição. E, eu estava convidada para fazer parte dessa história?

— Hum, legal...

— Algumas pessoas vão se encontrar aqui amanhã pra ir juntas de carro.

— Se quiser, pode ir comigo — avisou Helena, uma mulher alta, bonita. Tinha cabelos ruivos e estava sempre elegantemente vestida. Era a tradutora. — Hum..., se bem que acho que não vai dar, meus três filhos são muito pimentas e eu ainda prometi levar meu sobrinho...

— Tudo bem.

Pelo visto, era o acontecimento. Mas, ninguém cogitara a possibilidade de eu já ter escolhido outra coisa para fazer. Temi dizer qualquer negativa, pois não participar da comemoração seria encarado como falta de sensibilidade.

— Eu passo aqui e te pego. — Vitor simplificou com uma voz de seca, sem mostrar entusiasmo, quase que comoalaria para qualquer um. Eu sempre estava buscando nele algum resquício daquele garoto que deu em cima de mim na viagem com a família de Kali. Mas, ele parecia ter esquecido tudo.

— Ah, obrigada... — Acho que ele não ouvira, ou não dera atenção, sentou de volta no computador sem olhar para o lado mais.

Um tempo depois, fui à máquina do filtro pegar água. Coloquei o copo e apertei o botão de “gelada”. Eu estava pensando em Kali enquanto ouvia o barulho da água batendo no fundo do copo e fazendo o pequeno objeto de plástico estremecer.

Eu sentia muito sua falta e nem os e-mails trocados matavam um pouco da minha necessidade. Ele sempre era divertido e atencioso nas mensagens, mas elas poderiam ser escritas para uma amiga. Contava sobre o trabalho, algumas viagens curtas, lugares interessantes e terminava com uma frase sobre saudade. Os meus começavam explicando o tamanho, a constância e consistência da saudade e terminava com um parágrafo curto sobre os eventos.

— Quer lavar as mãos também? — Ouvi uma voz atrás de mim e percebi que a água estava entornando. Apressei-me para apertar mais uma vez o botão de “gelada” para desligar, mas era muito sensível ao toque e acabou ligando novamente. — Calma. — Vitor esticou o

braço, tocando em um ponto do meu ombro por alguns segundos e desligou.

Eu puxei meu copo um pouco humilhada, com a mão pingando, parecia uma menina idiota que não sabe nem beber água sem fazer uma lambança. Quando olhei para ele estava com um grande sorriso de lindos dentes brancos.

— Eu sou muito desajeitada. — Deixei escapar.

— Fica bem assim. — Ele bebeu a água do seu copo e saiu.

Bem assim? Isso seria uma variante léxica para “bonita assim”? Continuei parada ao lado do filtro elétrico. Foi um elogio, uma cantada ou eu realmente precisava deixar de ser neurótica. Será que Vitor ficaria dando em cima de mim nessa viagem também?

Balancei levemente a cabeça para os lados e comecei a andar, antes que ele chegasse a sua mesa e sentasse de frente para mim. Não queria que visse que fiquei atingida pela frase. Com a mesma displicência passei por ele e voltei para o meu lugar.

Eu era uma mulher madura, se quisesse me desvencilhar de qualquer coisa, seria capaz! Finquei essa frase na minha cabeça como um prego sendo martelado. Deixei o copo ao lado do computador e apoiei o cotovelo sobre a mesa. A mão ficou atrás dos cabelos na nuca para esquentá-la. Estava um pouco frio e eu queria aquecê-la. Meus olhos pararam mais uma vez em Vitor. Eu devia estar muito aficionada na ideia de poder ser tentada que estava sendo condicionada a acreditar que era. Só podia ser essa a explicação para sentir vontade de olhá-lo.

Ele estava com uma calça jeans escura, um sapato marrom e uma blusa azul clara dobrada até metade dos braços. Usava um grande relógio quadrado prata e preto. Seus dedos passaram pelo cabelo, jogando-os para trás. Virou-se para falar com meu chefe e eu abaixei rápido os olhos para que não me visse observando-o. Meu coração disparou com medo de que tivesse percebido. Engoli em seco.

Abri um e-mail para Kali. Contei-lhe da viagem e da expectativa daquele fim de semana. Queria inundar todo o meu cérebro com suas lembranças para me sentir feliz e apaixonada. Mas, no fim, o que ficou foi uma grande saudade.

— Amanhã, te encontro aqui as oito, tudo bem? — Vitor apareceu na frente da minha mesa. Parei o que estava escrevendo.

— Tá. Acha que eu devo levar alguma coisa importante?

— Você. — Riu e mais pareceu uma piada que um elogio. Minha autoestima estava muito baixa, eu queria buscar em tudo um agrado, mas deveria ser só brincadeira mesmo.

Minhas bochechas ficaram vermelhas e voltei a ignorá-lo e olhar para o computador. Seu tom de voz mais afável mostrou arrependimento:

— É bem frio nessa época do ano. Leva um casaco e meias.

— Tá.

— ... Ah! — Ele virou-se ao se lembrar de algo. Continuou segurando a mochila nas costas pela alça direita. — Leva a gaita.

— Tudo bem. — Sorri um sorriso largo e tímido. — Mas... pra quê?

Ele só riu e foi embora para casa. Senti de repente que não precisava da jaqueta, uma pequena onda de calor percorreu meu peito e costas.



De manhã, riscos de chuva cortavam o céu. Minha mãe perguntou se eu tinha certeza que queria ir naquela viagem. Com a mala sobre o meu pé, eu nem quis lhe responder. Era óbvio que sim.

Gritei para que meu pai se apressasse. Apesar de não ter trânsito naquela direção hoje, não queria correr risco de surpresas. Encolhi-me em meu casaco vermelho parecendo uma astronauta. Estava muito frio, mas que o comum. Meu pai enrolou mais alguns minutos decidindo se iria de sapato ou tênis, depois, lembrou-se da chuva e se perguntou qual seria melhor nessas circunstâncias.

— Pai, você estará no carro! — lembrei-o.

Enquanto dirigia, começou a levantar possibilidades conspiratórias sobre eu viajar sozinha com um homem. Eu falei que seria com muitas pessoas e, torci para que todas estivessem lá quando eu chegasse e não me desmentissem. Mas, o inesperado veio à tona.

Uma filmagem de novela acontecia no centro da cidade e teríamos que retornar por outra direção. O que nos atrasaria mais. Bufei e procurei o meu celular na bolsa. Disquei o número e ouviu um “bip” antes do sinal de chamar. Olhei para a tela e li a mensagem “bateria fraca”, depois, a tela escureceu. Droga, eu tinha esquecido o meu carregador. Ri de desespero. Eu tinha essa fraqueza de começar a rir quando tudo saía do meu controle.

— Liga do meu. — Ele ofereceu e começou a pescá-lo do bolso com o dedo indicador.

— Não adianta, não tenho o número de cabeça.

— Você tem que anotar os telefones em uma agenda, não ter somente na agenda do celular. E se esquecer, for assaltada e se a bateria acabar, como agora e estiver... Antigamente...

— Tá, pai. — Fiz com que parasse de me deixar mais irritada.

Vitor ainda não era tão importante a ponto de ter seu número na cabeça ou anotado na agenda telefônica.

Aliás, eu realmente não andava com agenda. E não seria agora que pensaria nessa “falta grave” apontada por meu pai.

Quando paramos na rua da empresa, eu pulei do carro. A chuva muito fina umedeceu meu rosto. Minúsculas gotas grudavam em meu cabelo. Olhei para os lados, dando meia volta. Vi a traseira da caminhonete atrás de um carro.

Fechei os olhos, aliviada. Só poderia ser ele. Fiz sinal para que meu pai esperasse ali. Caminhei até o carro e olhei através do vidro. Não havia ninguém dentro. Seria dele? Eu não podia identificar pela placa. Cocei a cabeça. Ouvi passos atrás de mim. Era Vitor dobrando a esquina com um copo de café fumegante e mão dentro do casaco verde-musgo aberto, deixando a mostra uma camiseta branca.

— Oh, você aí... — Foi só o que ele comentou, com um leve enfado, mas sem irritação ou felicidade.

— Desculpe, tinha uma filmagem aqui perto, tivemos que dar uma volta enorme e...

— Vamos entrar ou vamos ficar molhados. — Abriu a porta.

— Eu preciso pegar a mala — avisei.

— Quer ajuda?

— Eu me viro, pai... — Andei a passos apertados até o carro do meu pai e pedi que abrisse a mala. Já sabia que estava pronto para me perguntar onde estavam as pessoas de quem eu falara. Depois, inclinei-me e dei-lhe um beijo na bochecha, disse-lhe que o amava antes que falasse qualquer coisa. Andei apressada até o carro de Vitor. Guardamos a mala. Acenei para o meu pai ainda ali e entrei.

Ele não tinha gostado da minha demora, visto que ficara calado, mas também não começou a resmungar ou brigar. Eu fiquei quieta, sem provocar ou tentar bajular. Quem sabe não era como meu irmão que de manhã fica mal-humorado?

— Meu celular descarregou bem na hora, por isso, não te liguei — expliquei.

Vitor parou em um sinal e abriu o porta-luvas com o braço direito esticado. Inclinou-se um pouco e senti seu perfume seco.

— Tem um carregador aqui... — procurou.

— Aqui? — inclinei-me também para ajudá-lo e seu nariz roçou os meus cabelos. Afastei-os para trás da orelha, o que foi pior, senti sua respiração quente no meu pescoço, levantando os pelos da minha nuca.

— É Motorola? — lembrou-se desse detalhe e olhou para mim.

Nossos rostos perto surtiram um efeito aspirador no meu cérebro, deixando o oco. Sua boca estava bastante vermelha pelo frio e podia notá-la até úmida.

— É. — Engoli em seco a saliva que surgia.

— Então, acha aí... — Ele afastou-se e acelerou. O sinal abria antes que eu

imprimisse meu atestado de afetação.

Peguei o fio de cordão espiral e alfinetei no dispositivo. Meu celular acendeu e vi que não havia nenhuma chamada perdida.

— Por que você não me ligou? — perguntei, curiosa.

— Não combinamos que nos encontraríamos? — respondeu com uma pergunta.

— Obrigada por confiar em mim — falei.

— Já te desculpei a alguns quilômetros atrás. — Sorriu.

— Hum... — Encolhi-me no casaco.

— Está frio? — Percebeu meu menor gesto de afundamento na poltrona.

— Um pouco. Mas, meu irmão diz que sou friorenta.

— Fale um pouco da sua família. Aquele era seu pai?

— Era. Eu tenho um único irmão e moramos todos juntos... Meu irmão sofreu um acidente de carro e perdeu parte das pernas e parcialmente o movimentos. Pensamos que nunca mais voltaria a andar, mas, uma fisioterapeuta o está ajudando muito e agora ele já consegue andar. Não, como antes, mas não precisa ficar preso na cadeira de rodas.

— Acho que já escutei um pouco sobre essa história — confessou.

— É? — Franzi a testa.

— Kali me contou sobre essa fisioterapeuta ser amiga da Priscila, que namora o Luis.

— Contou também do meu irmão?

Eu havia falado uma vez que meu irmão gostava de Andy, mas nunca imaginaria que seria assunto para dividir com seu amigo. O que mais eles falavam de mim?

— Vocês são muito amigos. — Deixei esse comentário no ar.

— Somos, apesar de um pouco diferentes. Mas, não precisa ser de um jeito ou de outro para ser amigo de alguém, não existe currículo para ser amigo...

— Mas, em toda amizade há regras ocultas. — Eu arrisquei muito em lançar essa frase.

— E quando um quebra uma dessas regras, o outro tem o direito de quebrar também. E aí deixa de ser regra — falou com uma voz seca e, pelo seu maxilar travado, percebi que estava na “sua vez”. Algo me dizia que Kali já fora o primeiro a ferir alguma *regra* e, mais, eu tinha o pressentimento de ter haver com uma certa mulher loira...

Ou será que Vitor achou que seu lance comigo foi interrompido por Kali? Mas, eu conhecia Kali há mais tempo! Como eu podia ser tão egocêntrica. Ele poderia estar se

referindo a outra pessoa ou até mesmo a outra situação extra-amorosa. Tinha que ficar só girando meus pensamentos como uma moeda que faz voltas em seu eixo. Não tinha intimidade para perguntar.

Mas, antes de Kali demonstrasse que queria ficar comigo, estava ficando com Kelly. Até, então, eu estava livre para Vitor. Ele quis me beijar e, logo em seguida, Kali partiu para “a quebra de regras”. Agora, Vitor voltava ao território da disputa, com a ausência de Kali. Afinal, regras quebradas não impõem mais regras! Por isso também eu estava em seu carro agora, tudo era parte de um plano...

Remontar uma teoria na cabeça me dava mais ansiedade. Aumentei o som um pouco e tentei parar de tramar uma rede conspiratória. Aquilo era só uma simples viagem de comemoração da empresa, sem nenhuma segunda intenção e eu estava grata pela carona de um amigo. Martelei mais esse prego. Daqui a pouco formaria uma coroa em minha cabeça.

Observei Vitor dirigindo, as mãos fortes segurando o volante e seu rosto triangular com uma barba rala. Olhei para o teto do carro e, depois, fechei os olhos.

Como eu podia estar me atraindo por ele como um ímã se até ontem eu chorava e só tinha meu coração para Kali? Isso acontecia pelo fato de que palavras não movem tanto o coração como atos. E agora, a pessoa que existia de verdade era Vitor. Kali era só pensamento, um desejo do que um dia aconteceria. Vitor não se comportava como quem queria disputar nada, isso certamente era fruto dos meus conflitos.



Chegamos depois da hora do almoço. A viagem levava longas quatro horas. A fazenda era realmente grande, com muito verde rodeando uma casa enorme, soltando fumaça pela lareira. Não há muito o que descrever. Todas as fazendas são iguais. Mas, aquele fim de semana fora diferente de todos os outros desde o início do ano.

Senhor Fernando avisou a Vitor que estava acontecendo uma coisa importante no curral e fez um certo mistério. Eu fiquei imaginando o que ele poderia considerar de importante? Um meteoro, um bicho de quatro cabeças...

Vitor perguntou se eu queria ir com ele descobrir o que era. Aceitei sua proposta de aproveitar para conhecer mais a fazenda. Caminhamos pelo gramado com minhas botas esmagando o gramado molhado.

Chegamos perto do estábulo e já havia a agitação de alguns peões. Vitor abriu a porteira e entramos. O que vimos me fez ter um choque. Uma vaca estava parindo com direito a sangue, placenta e o resto das coisas escatológicas que a cena teria direito.

Senti meu estômago revirar. Depois, veio uma sensação de perda dos reflexos, tudo ficou escuro, tateei o ar e senti minha mão tocar em um pedaço de pano que segurei com o

punho fechado. Ouvi o barulho da minha respiração ofegante e depois tudo ficou escuro. Minha pressão caiu completamente quando senti o cheiro de ferro e sal do sangue.

Acordei um tempo depois com a voz insistente de Vitor no meu ouvido e sua mão no meu rosto. Abri os olhos e fiquei ofuscada pela luz. Seu rosto em eclipse total bloqueou o brilho intenso. Não sabia o quanto tempo ficara desacordada. Apoiei-me nos cotovelos com a sua ajuda. Vitor passou o braço pelas minhas costas e me fez sentar. Estávamos em um grande campo gramado. Procurei o lugar onde estávamos. Olhei para trás e vi ao longe o estábulo. Como eu viera parar ali, a tantos metros de distância?

— Está melhor? — perguntou muito preocupado, com o rosto tenso, ansioso por saber sobre meus reflexos.

— Estou... Eu, de repente, não vi mais nada. — Senti a boca seca pelo frio, minha voz estava insegura, fraca.

— É, você caiu no meio do estrume das vacas. — Riu alto, com o rosto muito perto do meu. Aproveitou que eu já estava bem para me zoar. — Mandaram eu tirar logo dali aquela *patricinha fresca* — repetiu o tom e as palavras que os peões usaram.

— Ah, não! — Cai novamente deitada, agora com as mãos no rosto. — Por favor, eu vou desmaiar de novo, aí você me leva pra casa! — falei com a voz abafada pelas mãos.

— Eu te levo. — Ele riu mais alto da minha vergonha e puxou minhas mãos para ver bem de perto toda minha cara de sem graça. Segurou meus punhos. — Já pensou que também vai parir um dia? — Levantou as sobranceiras, me provocando.

— Primeiro que eu não sou uma vaca. Eu não vou parir, vou dar à luz. E, em terceiro, estarei bem anestesiada, com um lençol azul na minha frente para não ver nada! — expliquei-lhe com voz brava.

— Pode estar em um lugar ermo como esse e ter que fazer tudo em uma bacia com a ajuda de uma parteira, ou nem isso, com a ajuda de uma índia...

— Eu estou começando a ficar enjoada de novo. — Fiz chantagem emocional para que interrompesse aquela sessão de tortura.

— Tudo bem, eu parei. — Ele deitou do meu lado e ficou olhando o céu.

— Obrigada. Eu vou te poupar de vomitar em cima de você.

— Eu que te agradeço — disse.

Rimos daquele diálogo patético.

— Você é muito fraca — criticou sem mais nem menos.

— É, eu sou — concordei e, dessa vez, eu estava me referindo a estar ali ao seu lado quando eu deveria estar em casa, quieta, chorando e escrevendo para Kali. Tudo me parecia uma grande apunhalada em suas costas.

— Por que diz isso? — Quis saber.

— Não foi você quem disse primeiro? — Joguei com as palavras, mas, entendi que ele não esperava que eu tivesse aceitado a crítica por baixo.

— Por muitas coisas... — Fui vaga. — Como não ver parto de vaca. — Ri, tentando desviar o assunto do viés sério.

— Eu gosto desse lugar. Não tem aqueles garotos no sinal jogando água suja no retrovisor enquanto você faz um sinal de não como um alucinado; não tem descarga preta de poluição do carro da frente e você não tem que rapidamente colocar o ar-condicionado para circular internamente para não ficar intoxicado; não tem a professora de cálculo batendo com aquele maldito anel irritante no quadro para pedir atenção; não tem barulho...

— Não tem nada, você quer dizer, né? Só mato e vaquinhas! — ironizei. — Não conseguiria sobreviver aqui por muito tempo!

— Será? — Ele apoiou a cabeça no braço e se virou para mim. — Nunca tentou. Não sabe como é acordar tranquila, sem relógio, comer um pão quente feito em casa, cavalgar por aí respirando ar puro, depois, voltar para casa para ler. À noite, ficar juntos na lareira.

— Juntos?

— Juntos. Você não viveria aqui sozinha, teria uma família. Não tenho também um grau de bucolismo rígido!

— Não sei. — Encolhi os ombros. — E você?

— Depende com quem. Qualquer lugar é bom dependendo de alguém. Até a cidade.

— Você gosta de trabalhar com seu pai? — perguntei, a primeira vez tocando nesse assunto. Tratávamo-nos como se ele fosse um simples empregado da mesma empresa como eu.

— Muito. Quero tocar a empresa com meu pai, ser seu braço direito. Amo a minha família... Tenho uma vida perfeita. — Sorriu e realmente vi a felicidade em seu rosto. Ele parecia sempre bem em tudo que fazia, sem grilos ou estresses.

— Não te falta nada? — perguntei.

— O que me falta é porque ainda está a caminho — disse aquilo olhando dentro da pupila dos meus olhos, mas não fez nenhum gesto, contemplou-me por um tempo e depois levantou, oferecendo a mão. — É melhor chegarmos para o churrasco ou a gente vai deixar minha mãe muito irritada!

Segurei sua mão e levantei. Vitor ainda sustentou minhas mãos por alguns uns segundos, depois, nossos dedos deslizaram e se soltaram no ar. O cheiro gostoso da grama molhada, da terra úmida, do vento frio, tudo nos emergia em uma atmosfera de tranquilidade.

Lembrei-me da sua pergunta sobre morar ali. Talvez, minha vida estivesse agitada demais e eu nem sabia o que era realmente bom. Estar com Vitor agora era uma coisa

consideravelmente boa. Por um segundo, tive uma ciência psíquica de que tínhamos uma sintonia maior que o pouco tempo que nos conhecíamos oficialmente. Reparei isso pelos longos minutos que conseguimos caminhar lado a lado, silenciosamente.

Previsivelmente, quando chegamos para o grande e suntuoso jantar vestidos com a roupa informal do dia, a mãe de Vitor nos olhou em reprovação. Adiantei-me para um banho rápido e logo pude me apresentar melhor. Dona Iolanda perdera seu ar de repreenda e me tratou bem, perguntou bastante sobre minha família. Para eles, esse conceito era muito forte. O próprio clima da empresa era calcado nesse sistema. Ela me contou que seu marido tinha um lema: não trabalhava com quem não pudesse trazer em casa.

— Onde está o Vitor? — perguntei.

— Ele assumiu seu lugar. — Ela me puxou pelo braço e me chamou à janela da sala.

— Ân? — Franzi a testa.

Escorei-me no beiral da janela e vi primeiro o fogo no chão, a carne girando em cima de uma estrutura de tripés. Depois, Vitor, de costas, com uma luz dourada brilhante fazendo o contorno do seu corpo musculoso, de ombros largos. Vestia apenas uma camiseta, pois o calor ali deveria ser muito intenso.

Uma das crianças aproximou-se para pedir um pedaço de carne e ele cortou na tábua, em cima de uma mesa ao seu lado. O menino colocou na boca e lambeu os dedos. Vitor largou os espetos e pegou o garotinho pelos dois braços. Girou-o no ar com tanta força que este ficou praticamente na horizontal. A criança gritava de alegria. A cena atraiu todas as outras como formigas que ouvem o barulho do pote de açúcar se espatifar no chão da cozinha. A algazarra se fez.

Eu me peguei com um largo sorriso nos lábios e não conseguia tirar. Era tão divertido, puro e singelo de se ver. Sua mãe balançou a cabeça para os lados, tocou no meu ombro e pediu licença para dar atenção para os outros convidados.

Meu telefone vibrou no bolso do casaco. Deveria ser a minha mãe. Olhei no visor o nome de Kali e meu coração disparou. Atendi, tampando com o dedo o outro ouvido por causa do barulho.

Caminhei para a varanda, procurei um lugar mais longe, onde o som não chegasse. Mesmo assim, precisei colocar a ligação na viva voz.

— Como está? — perguntei.

— Estou trabalhando em uma empresa e metido em um projeto que precisa urgente ser entregue. Tenho que correr com isso...

Sua voz cansada e sem muito entusiasmo me trouxe em contraponto a versão de Vitor sobre viver uma vida relaxante no campo. Ele estava trabalhando, quando poderia estar ali comigo! Isso me trouxe uma indisposição de ser mais animada e melosa:

— Hum, entendi...

— Que barulho é esse?

— Estou em uma festa — respondi, sem levantar detalhes sobre estar na fazenda de Vitor, mesmo correndo o risco que esse lhe contasse pela internet na próxima conversa. Queria passar-lhe a ideia de que eu estava bem sem ele.

— Muitos concorrentes?

— Concorrentes? Seu vocabulário agora está muito corporativo — critiquei e me assustei por ter feito isso. Ele estava me ligando e eu bancando a chata?!

— Shiii... Eu sei que já perdi meu posto. — Riu, como se aquela brincadeira fosse inteiramente sem importância.

— Você também deve ir a muitas festas e ter muitas concorrentes por perto — falei com uma voz triste, tentando falsamente ser engraçada.

— Está certa, temos que aproveitar cada um onde está — respondeu de uma maneira que encarei como “sim, curto muito aqui mesmo”. E isso me magoou. Mas, por que eu o provocara?

— Sinto saudade — falei para atenuar.

— Também. Vamos nos falar. Eu tenho que continuar o trabalho.

— Tá. Beijo.

— Beijo.

Desliguei com todas as minhas cordas vocais enlaçadas em um único nó. As lágrimas explodiram nos meus olhos. Eu estava terrivelmente mal. Eu não queria falar, eu queria vê-lo, eu queria tocá-lo, eu queria viver!

Quando me virei, dei de cara com Vitor. Ele estava segurando um espeto e uma faca na mão, parado, vítreo. Certamente tinha escutado a curta conversa. Imagino que se aproximara para me oferecer o churrasco e não pode deixar de presenciar aquele diálogo morno e ríspido. Pior de tudo pra mim foi ter me visto chorar.

Abaixei o rosto e passei por ele sem nada dizer. Não merecia que o ignorasse, mas eu estava no meu limite. Cheguei ao quarto onde tinha deixado minha mala. Fiquei de cócoras, vasculhei tudo atrás dela. De repente, estava com muita necessidade disso. Procurei meu caderninho de partituras, onde colocava em cada página um recorte impresso de alguma música que pegava da internet. Estava tão carente, tão sensível que precisava me entregar a uma coisa que recebesse de bom agrado todos os meus sentimentos em fusão.

Peguei o atalho dos fundos da casa por um longo corredor que dava na porta da cozinha. Já o tinha visto quando chegara. Por ali conseguia acesso a uma varanda dos fundos. Não havia ninguém para me ver. Sentei em cima de uma mureta, flexionei as pernas e pus o

caderno próximo ao joelho, mas esse escorregou. Tive que, então, deixar as pernas esticadas. Abri em “Puzzle of my heart”. Não sabia se tinha ar suficiente para tocar. Franzi o rosto com o tremendo esforço inicial. Aos poucos, a melodia foi me acalmando. O ato de tocar me relaxava e levava as emoções à exaustão.

Enquanto tocava, parece que minha música o atraiu. Vitor parou a porta da cozinha e se encostou ali. Colocou a mão em um bolso e me contemplou longamente. Não parei o que fazia, terminei a música até o último verso. Ele desceu o degrau da varanda e parou ao meu lado. Eu recolhi minhas pernas, como aquela planta “dormideira” que se fecha com o toque.

— Vai tocar mesmo sem plateia? — perguntou.

Eu fiz uma careta e balancei o rosto para o lado. Ele pegou a minha mão e me puxou. Eu me desequilibrei e acabei descendo da mureta.

— Vamos nos divertir. — Puxou-me para a sala.

— Por favor, não quero.

— Não vou te deixar aqui no escuro de jeito nenhum! — Fez mais força e eu acabei tropeçando, a gaita caiu no chão.

Abaixei para pegar, sem conseguir soltar minha mão da sua que me apertava. Ele provocou mais uma onda de força que me fez levantar mais rápido do que devia e eu acabei me chocando com seu corpo. Minha perna encostou na sua e senti sua respiração. Segurei a minha o quanto pude e apertei a gaita com muita força na palma da mão.

— Eu só queria passar despercebida essa noite, por favor — pedi com toda súplica na voz.

— Como quiser. — Ele continuou a me puxar pela mão, agora pela lateral da casa, de modo que eu não passasse pela sala. Só consenti em segui-lo porque senti que o plano era outro.

Ele indicou uma poltrona vazia na outra varanda, onde a luz era fraca.

— Você já comeu alguma coisa? — perguntou, se inclinando na minha direção, com as mãos no joelho, como se falasse com uma daquelas crianças. Só faltou me pedir para me girar no ar. Essa ideia me fez sorrir. — Que foi? — Ele percebeu que algum pensamento engraçado atravessou a minha mente.

— Nada... — Balancei a cabeça para os lados e abaixei o rosto envergonhada.

— O que é?

— Você vai rir.

— Se eu já te fiz rir, valeu à pena. Me conte! — Não desistiu.

— Eu ia perguntar se vai me girar também no ar — revelei e quando terminei me

senti tão idiota quanto pensava que me sentiria.

— Ah! — Sorriu. — Vem cá que vou te mostrar uma coisa... — Ele falou, dando pouca importância para a minha revelação.

Inocentemente me levantei. Ele, que já estava de costas, desceu dois degraus, caminhou alguns passos pela grama e, sem dizer nada, sem sobreaviso, sem explicar qualquer coisa, inclinou-se um pouco, escorou-se no meu corpo, me puxou facilmente por uma das pernas e depois pela outra e me suspendeu no colo, com minhas pernas envolvendo sua cintura.

— Seu maluco. — Ri alto e dei um gritinho quando começou a me rodar. — Eu vou ficar tonta. — Me ponha no chão, agora! — pedi, quase o sufocando com meus braços em seu pescoço.

— Eu vou te jogar em cima daquela brasa para assar — correu comigo, fazendo meu corpo trepidar.

— Não, seu maluco! Tá louco. Ahhh!

Vitor me deixou descer já bem perto do fogo. Eu puxei o ar com dificuldade. Tentava não rir para conseguir respirar melhor. Meu sangue estava correndo muito forte pelas veias. Desfiz o nó do cachecol e me abanei.

— Eu também quero, tio Vitor. — Um garotinho que viu sua intrépida performance esticou os braços.

Vitor se abaixou e colocou as pernas do garoto sobre seus ombros como uma cadeira. As mãos pequenas do menino ficaram em sua testa. Fez uma pequena festa dando uns pulinhos. O garotinho deu uma grande gargalhada. A cena divertiu as demais crianças que se aproximaram novamente. Uma onda de risos e alegria ficou a nossa volta. Ao mesmo tempo que ele lidava com elas, não tirava os olhos de mim, como se dialogasse um outro assunto.

— Vocês querem saber o que a Tamires faz também? — Ele as instigou com uma espetacular voz de suspense.

— O quê? O quê? — perguntaram aos saltos.

Vitor deixou o garoto no chão, já cansado.

— Ela mesma vai mostrar!

Eu franzi a testa e fiz uma cara de interrogação. Não teria metade da sua força para girar o menor deles ali. Vitor aproximou-se, colocou a mão na minha cintura e quase encostou a boca no meu ouvido, com uma voz ofegante:

— Traz a gaita pra cá.

— Tudo bem — aceitei, sem acreditar que poderia estar muito feliz com a ideia, se cinco minutos atrás não queria ver ninguém.

Busquei a gaita na poltrona da varanda e, quando voltei, as crianças já estavam sentadas em cima de uma grande manta que armaram para elas, com vários pratos de plástico e bandeja de refrigerantes. Suas carinhas de ansiosas me fizeram rir de nervosismo.

Comecei com a pantera cor-de-rosa e eles logo descobriram. Foi uma festa, com suas cabecinhas balançando no ritmo da música. Meu coração estava aquecido como aquele fogo novamente. Elas não exigiam de mim nenhuma explicação ou encenação.

Aos poucos foram brincar de pique e eu fiquei ali sentada de pernas cruzadas. Vitor aproveitou a deixa e sentou-se na manta vermelha xadrez.

— Ah, por sua causa, quase torrei o churrasco! — culpou-me. — Esse trabalho exige concentração, não é pra qualquer um — valorizou-se.

— Não comi nada ainda — confessei e senti fome a primeira vez.

— Claro, como pude esquecer. — Levantou-se em um salto. — Como gosta?

— Ao ponto!

— Ótimo, é o que não falta aqui!

Ri e balancei a cabeça para os lados. Ele sentou-se com um prato ao meu lado e ficou me olhando comer. Seus olhos estavam brilhantes e o cabelo úmido nas pontas. Balançou a cabeça para trás em um jeito próprio de afastar os fios dos olhos.

— Devia cortar o cabelo — disse-lhe.

— Não gosta? — perguntou.

— Hum... gosto.

— Então?

— Ficaria melhor, o seu rosto poderia aparecer mais — comentei, pinçando outro pedaço de carne com um garfo. Não acrescentei que perderia mais ar de jovem.

— É? — Olhou para o fogo. — Entendi...

— Gosto do seu.

— Do meu?

— As pontas dos cachos dourados.

— É, faz tempo que fiz isso. Gosto muito dos cachos — confessei. Hoje, particularmente, meu cabelo estava com algumas tranças no topo e solto atrás.

— Não sabia que reparava no meu cabelo — comentei.

— Muito menos que reparava no meu também.

— Reparei só agora. Confesso que na outra viagem estava com um filtro nos olhos.

Não enxerguei nada. Quando a gente está com outra pessoa na cabeça, parece que usamos um filtro solar para os olhos que faz uma barreira protetora contra outros raios de luz...

Arrependi-me de ter dito aquilo, mas, estranhamente Vitor ficou calado e não comentou absolutamente nada. Isso me fez querer ter retirado ainda mais o comentário. Ele anunciou que levaria carne para os famintos lá dentro. Temi que fosse por causa daquele assunto que sumiu.

Enfim, a festa, o jantar, as pessoas, o novo ambiente, a viagem, tudo era novo demais para meu cérebro se adaptar de uma só vez. Parecia cansado de repassar tantas informações. Meus olhos pesavam e piscavam cada vez mais demoradamente. Eu, que estava sentada em uma poltrona na varanda, olhando a noite azul-marinho, senti uma presença atrás de mim, depois uma onda de calor e, em seguida, uma voz no meu ouvido:

— Vai dormir aqui fora? — perguntou.

Ajeitei-me na cadeira, esperando que meu coração voltasse a bater na frequência normal. Vitor disse-me que não haveria problema se eu me recolhesse, todos já estavam bastante altos para notar. Anunciou que havia um quarto especial para mim.

Despedi-me de seus pais e acenei para os outros. Vitor me acompanhou até o final de um longo corredor de piso e parede revestidos de madeira em tons diferentes.

Estava sonolenta, mas ainda restava alguma velocidade nas minhas sinapses cerebrais. Falei-lhe sussurrando que havia alguma coisa errada. Perguntou-me se não estava satisfeita, se queria algo a mais. Eu expliquei que só poderia ser um engano.

Havia tantas pessoas e eu dormiria sozinha em uma cama de casal? Vitor explicou que seus pais não dariam aos outros convidados o quarto do filho, para eles reservariam os dois quartos com beliches.

Eu fiquei ainda mais confusa, com a testa enrugada.

— Eu não estou incluída no grupo? — perguntei.

— Eles não dariam, mas eu, *sim*. — Sorriu, abaixando a cabeça em um gesto tão tímido e confesso que não consegui me soltar da maçaneta e entrar. — Vou ficar por perto. — Afastou-se e me deu a chance de decidir quando queteria me apossar do lugar.

Engoli em seco e entrei.

Era um quarto rústico, mas decorado com carinho. Havia uma espaçosa cama de casal forrada com um edredom branco. Um armário de três portas de madeira em cor cerejeira baixo. As paredes forradas de madeira, duas janelas viradas para o oeste, que davam vista para a mata. Três longas prateleiras com livros, duas curtas com fotos e alguns troféus. Minha mala já tinha sido trazida por alguém enquanto estava na festa. Aquela era uma casa de veraneio, mas parecia ter tanta história ali.

Senti que eu cheirava a fumaça de churrasco. Não queria deitar na cama como um carvão fedorento. Olhei para uma porta no canto esquerdo. Era um banheiro particular. Sorri como quem achando a saída de um labirinto secreto.

Tirei a roupa pesada e senti todos os pelos do meu corpo se eriçarem quando o primeiro jato d'água caiu no chão. Afastei os pés para que não me molhasse, mas o box era grande o suficiente para me manter encolhida, distante.

Abri mais o chuveiro e só me satisfiz quando comecei a ver a fumaça subir. Senti a temperatura com a mão e entrei. Fechei os olhos e deixei aquele líquido quente amolecer todos os meus músculos. Puxei o cabelo todo para trás e esfreguei o corpo com as mãos para o frio passar. De repente, tive aquela sensação conhecida de ter alguém presente. Virei o rosto bem devagar para trás. O vidro estava completamente embaçado. Tive medo do que poderia ver. Estendi a mão com cuidado, o coração em descompasso, deslizei os dedos úmidos sobre a superfície, aumentando a área translúcida. Não vi ninguém, felizmente.

Ao abrir a porta do box, surpreendi-me com uma toalha branca dobrada sobre a beira da pia. Então, alguém viera ali. Coloquei a cabeça no quarto, só que estava vazio.

Franzi a testa e me enrolei na toalha. Tentei fechar a porta, mas, percebi que não havia chave. Estranhei. Eu estava tão cansada que não me lembrara de observar isso anteriormente.

Percebi que não estava com frio. Normalmente, quando saía de um banho fervendo corria para de baixo dos lençóis para me acostumar com a temperatura do lado de fora do banheiro. Dessa vez, porém, estava tudo quente e agradável. Vesti-me no banheiro com uma camiseta preta de alças e uma calça de malha cinza, abaixo do umbigo. Pensei que dormiria como uma astronauta cheia de casacos.

De onde vinha aquele calor? Olhei no canto ao lado da cama um pequeno aquecedor aceso. Sorri. Quem havia ligado? Já estava ali quando eu entrara?

Apaguei a luz, me cobri com o edredom e fechei os olhos. Havia o cheiro de um perfume de xampu no travesseiro. Era de Vitor. Acaricieei o tecido felpudo. A luz da janela entrava e eu tive preguiça de levantar para puxar a cortina. Adormeci.

O barulho das folhagens voltou mais uma vez a ser ouvido dentro da minha cabeça. Eu sentia uma grande angústia e chorava, mas não via meu corpo.

O tempo estava frio, com uma névoa branca pairando. O barulho do trote dos cavalos vindos do oeste se aproximava até ficar quase ensurdecedor. Os animais passaram muito rápido, montados por seus cavaleiros. O último deles era Kali, que parou para me olhar por alguns segundos e depois, partiu. Eu comecei a soluçar alto e pedir que voltasse.

Então, um dos cavaleiros voltou e parou em minha frente. Tinha um capuz preto que deixava seu rosto em uma zona de penumbra. Desceu do cavalo, acariciou a crina do bicho, que começou a comer a grama.

Eu parei imediatamente de chorar e dei um passo atrás, mas o homem veio em minha direção. Engoli em seco, aflita, mas, ele pegou-me pelo pescoço com as duas mãos enluvadas de couro negro. O gesto não foi de violência, mas de um puxão delicado para si. Seu capuz caiu para trás quando seu rosto se inclinou sobre o meu.

Não pude vê-lo porque já estava me beijando com muita intensidade. Eu pegava seus cabelos entre os dedos e me sentia em paz. O beijo era extremamente real, tinha gosto, calor, vontade própria. Não conseguia parar mais, o ar começou a faltar e meus pulmões. Agora fui tomada por uma angústia de morte, de sufoco, suor.

Levantei sobre os cotovelos, tonta, agora acordada. Respirei com força e dor, como a primeira vez que o bebê sai do útero e enche o peito de ar. Fechei e abri os olhos. A escuridão se tornou mais clara e vi alguém na minha frente, em uma zona de penumbra e fagulhas de luz.

— Quem é? — Meu sistema de autodefesa achou a luz do abajur ao lado da cama rapidamente, acendi.

— Sou eu. — Vitor falou baixo e deu uma volta na cama.

Eu estava com os olhos de pânico e reprovação:

— Ficou maluco? Como entra assim? — Sentei-me, agora com metade do corpo para fora do edredom. — O que estava fazendo?

Ele sentou-se ao lado da cama e pegou minha mão, puxei-a apavorada.

— Calma... — Ele sorriu. — Você estava gemendo alto e dava para ouvir do quarto ao lado, só vim ver o que estava acontecendo! Não queria acordar a casa inteira, queria?

Eu não sabia se acreditava. Recobrei o fôlego, passei a mão na testa suada. Ele olhou diretamente para os meus seios e acompanhei o ponto de sua atenção. Cobri-me.

— Vou te trazer um copo de água. — Ele saiu e voltou em um minuto. Entregou-me com um sorriso formado por uma linha curva em seu rosto. — Eu pensei que tinha arrastado alguém pra cá — ironizou.

— Não seja ridículo. Na casa dos seus pais?

— Quem sabe fora dela? — Riu, mas acabou diminuindo o tom de voz.

Estiquei o braço para colocar o copo no criado-mudo ao lado da cama, mas ele o pegou da minha mão antes que encostasse na madeira. Explicou que sua mãe não gostava de móveis manchados e o deixou no batente da janela.

Estava com o cabelo molhado e seu perfume era forte. Vestia só uma camisa branca apertada ao peito e uma calça preta com listras brancas nas laterais. Repousou os olhos sobre mim, observando-me me recostar sobre os travesseiros mais uma vez.

— O que sonhou? — perguntou.

— Sonhos são secretos... — murmurei, sentindo os olhos voltarem a pesar.

— Não, se tiver meu nome envolvido.

Eu franzi a testa. Não me lembrava de ter pronunciado seu nome. Ele devia jogar uma verde para que eu caísse.

— Mas, pelo visto, era bem ruim. — Sua testa franziu gravemente. — Foi horrível te ver angustiada. Não sabia o que fazer. Tive vontade de pular sobre a cama e te sacudir, mas sei que não se deve acordar as pessoas assim dos sonhos...

Eu continuei em silêncio sem deixá-lo entrar no plano de fantasia dos meus delírios. Nem tinha conseguido absorver a nova informação do beijo. Nunca existira essa cena no sonho constante. Mas, era como se Vitor pudesse ter visto e lido meu sonho.

Ele tocou os cachos do meu cabelo que se estendiam sobre o lençol. Meu peito arfou com mais força, mas não puxei o lençol para esconder os seios rígidos. Fechei os olhos e abri novamente devagar.

— É melhor eu ir embora, não esperei tantos séculos... — murmurou para si, não falou para que eu pudesse ouvir ou entender. — ...Nada de colocar tudo a perder... Não posso... — Saiu com a mão na testa, puxou a porta com força e a deixou bater.

— O que disse? — perguntei.

Eu levantei-me com um pouco de esforço e fui atrás dele. Não sei por que tive aquele súbito ímpeto. Mas, o fiz em busca de alguma resposta. Como se essa sua última frase desconexa explicasse o meu sonho oculto e secreto.

Vitor andava mais a frente, com cuidado para não arrastar a bota com força sobre o assoalho, poderia acordar os demais. Seguiu pelo corredor até a sala com as mãos pendulando na direção contrária aos passos. Vestia uma jaqueta de couro preta, que deve ter pego no quarto onde estava dormindo. Ficava com os ombros ainda mais largos e volumosos. Senti-me ainda menor e indefesa.

Parei no meio da sala e ele ainda não havia me visto segui-lo. Pelo menos, era o que eu achava. Chamei-o e me olhou sem muita disposição, já sabia que eu queria ouvira suas últimas palavras sobre não cometer um erro.

— Está frio, volte pra cama. — Tentou me persuadir com uma voz calma a ir embora e esquecer. Apenas usou aquela expressão de bom conselheiro.

— O que você disse lá no quarto? — Cruzei os braços tremendo muito. A temperatura ali estava congelante. Se não houvesse aquecedor no quarto, não sei como conseguiria sobreviver, provavelmente acordaria com meus cabelos em formato de estalactites.

Caminhei até ele, não queria falar alto e chamar atenção dos visitantes. A bebida deve ter colocado todo mundo em sono profundo, mas não arriscaria mesmo assim.

Vitor deu um passo à frente e eu, em sentido contrário, acabei encostando à uma parede, que estava muito fria. Foi como se tomasse um choque, pulei para frente. Ele puxou uma manta que ficava sobre o encosto do sofá dando um charme a decoração. Sacudi-a como um toureiro espanhol e, depois, envolveu minhas costas.

Vitor tinha essa habilidade de transformar o que estava em sua volta em coisas úteis. Poderia ser um bom vendedor do programa Shoptime, demonstraria como aqueles cortadores conseguem picar, ralar, moer, triturar e fatiar os legumes de modo a fazer todos os pratos possíveis em trinta segundos.

Segurando as duas pontas do pano vermelho, me puxou mais para perto de si. Dei dois passos à frente, ainda tentando travar os pés no chão, o que fez meu corpo trepidar. Estava agora tão perto que senti faltarem moléculas de oxigênio suficiente para nós dois respirarmos ao mesmo tempo. Engoli em seco e tentei negociar:

— Se eu te contasse meu sonho, me explicaria o que disse?

Vitor sorriu abismado com minha desenvoltura em usar todo tipo de truque ou artifício para conseguir arrancar dele o que queria. Balançou levemente a cabeça, refletindo a proporcionalidade da troca:

— Explicaria o quê? O sonho? — questionou.

— Não, a frase que disse agora pouco — expliquei, parei e processei o que perguntara: — Ou poderia explicar o sonho também? — questionei, intrigada com a chance de ambiguidade em sua pergunta.

— Prefiro, então, ficar sem seu sonho. — Tirou um cacho do meu rosto e colocou-o para trás delicadamente. O toque dos seus dedos em meu rosto me provocou um leve arrepio no pescoço. — Agora volte para o quarto... — Mandou.

Estava desdenhando o meu objeto de troca para não sacrificar a explicação de ter dito que não “poderia sacrificar séculos”? Então, eu poderia achar que era bem pior do que imaginava.

— Aonde vai? — perguntei, ao vê-lo à porta de saída.

Vitor pareceu estranhar que eu pedisse satisfações, mas depois devolveu um pequeno sorriso no canto da boca de convencimento:

— Não se preocupe, já volto.

— Vai sair nesse frio? — contestei, me aguentando para não repetir a pergunta.

— Vou só ver se o bezerrinho está bem.

— Mas... Agora?

— Quer que eu te leve de volta pra cama? — perguntou tão docemente que eu poderia derreter e escorrer entre as frestas do chão de madeira.

Fiquei parada, envolvida na manta, em silêncio. O que ele faria se eu não respondesse nada e deixasse à sua escolha. Vitor não esperava por isso. Parou, conteve o passo para fora. Riu. Fechou a porta outra vez, rendido:

— Tudo bem? É o que quer? — Pegou na minha mão e me puxou de volta para o quarto. Eu o segui com passos de quem é levemente arrastada. — Te coloco na cama também? — Fez graça com a minha cara, mas, eu devolvi um olhar distante. — Que houve? — Olhou para direção que eu olhava.

— A cortina não estava fechada como agora, quando fui dormir. — observei. — Nem havia uma toalha em cima da pia quando eu tomava banho. — Lembrei desse detalhe também. — Além disso, não me convence que conseguiu escutar minha voz pelas paredes de madeira que absorvem perfeitamente o barulho...

Vitor fechou os olhos e jogou a cabeça para trás, como se estivesse tendo paciência para ouvir tanta abobrinha. Isso quase me convenceu de que eu bancava a idiota. Certamente o chateava muito.

— Você precisa dormir — enfatizou, supostamente querendo se livrar de mim.

— Está novamente fugindo das minhas perguntas... — irritei-me de vez.

— Eu estarei sempre por perto. Quando precisar, chame meu nome... — pediu.

Eu franzi a testa. Vitor estava muito misterioso. Partiu antes que eu insistisse mais.

Deitei na cama, mas, dessa vez, demorei a pegar no sono. Estava com medo. Não consegui fazer meus pensamentos estagnarem. Concentrei-me, fiz bastante força. Chegava a doer a cabeça tentar não pensar em nada. Não ia sonhar novamente e sentir o pânico da morte.

Ouvi passos se arrastarem sobre o assoalho, vinte minutos depois. Presumi que fosse ele, mas poderia ser alguém que acordara para beber água ou ir ao banheiro. Tomei coragem e o chamei:

— Vitor... — A voz era baixa o bastante para testá-lo.

Daí alguns segundos, ele apareceu na porta. Meu coração disparou. Era impossível que tivesse conseguido ouvir! Fiquei quietinha, o mais imóvel que pude, uma estátua de mármore. Será que ele conseguia enxergar na penumbra que eu estava de olhos ligeiramente abertos?

Vitor abriu a porta bem devagar, deu a volta na cama e abaixou-se onde havia o aquecedor.

— Está estranhando o sono? — perguntou e meu coração disparou, podia jurar que ele o escutava.

Continuei imóvel para enganá-lo. Mas, quando estava perto ir embora, não aguentei.

— Você me ouviu te chamar? — perguntei.

Sentou na beirada da cama. Acendeu o abajur. Seu rosto ficou iluminado pela luz dourada, deixando seus olhos castanhos claro. Acariciou o meu rosto com os dedos e afastou o cabelo.

— Por que não me responde? — Segurei sua mão com força no pulso.

— Por que você se sente tão insegura comigo? Fica me questionando tudo? — magoou-se.

— Não sei, você não é normal! — falei com desdém e irritação.

Vitor soltou uma risada abafada pela mão.

— Viu? É exatamente assim que você faz, finge que tudo é uma brincadeira! — Mostrei que não gostava nada como estava me tratando.

Seus lábios estavam intensamente vermelhos, como se tivesse usado o batom de sua mãe. O nariz e as bochechas também estavam levemente rubros pelo frio. Se continuasse com o rosto tão perto, eu teria uma súbita falta de cognição.

— Olha quem fala... — Foi sua vez de me alfinetar. — ... quem pode ver pessoas.

Meu coração contraiu em sístole e ficou travado. Levantei-me um pouco, apoiando as mãos na cama. Quanto tempo ele guardara aquele segredo para me jogar na cara na hora propícia?

— Kali te contou?! Ele não devia... — julguei, antes que me respondesse.

— Não, eu descobri sozinho.

— Sabe como? — surpreendi-me, como deixei que notasse?

Continuou naquele irritante sorriso de onisciência. Eu quis tampar sua boca com minha mão e cravar-lhe as unhas até que vertesse sangue. Aquele pensamento repentino me deixou chocada. O sentimento de raiva estava acima daquela situação.

— Eu estou sentindo coisas estranhas, não estou bem... — Levantei-me, caminhei pelo quarto escuro, tateei a janela em desespero, como um naufrago no navio cheio de água, querendo uma brecha para respirar, quase se afogando. Encontrei o ferrolho. Finalmente, abri.

Uma rajada de vento gelado entrou. Eu tinha que encher os pulmões para não sucumbir. Puxei tudo que pude, com as mãos agarradas ao beiral. Ouvi os passos de Vitor até mim. Não ousei me tocar, ficou me observando.

— Está com raiva por eu saber? — perguntou, com uma voz preocupada e doce.

— Estou com raiva de me esconder o que nem sei que esconde. Estou começando a ficar muito angustiada... — Coloquei a mão no pescoço, como se não conseguisse ter fôlego.

— Isso é fácil explicar — aceitou diminuir as incógnitas entre nós. — Eu escuto, assim como você pode ver... — confessou de olhos baixos e, depois, me olhou em cheio para

captar minha reação.

— Escuta?

— Você não vê o que os outros não podem ver? Já eu, escuto... — suspirou. — Mas, não considero isso nenhum poder ou anomalia — simplificou. — E você?

— Também não. — Encolhi os ombros e senti que a raiva diminuiu. Sua presença tinha o estranho poder de me fazer mal e bem, oscilar entre os opostos tão rapidamente.

— Como é isso? — Quis saber os detalhes.

Ele fechou a janela e puxou a cortina. Segurou minha mão e me trouxe para cama. Levantou o edredom e eu deitei. Cobriu-me até os braços. Depois, deitou ao meu lado. Ficamos em uma concha.

Não imaginei que estaríamos ali, nem naquele jeito em tão pouco tempo de conhecimento, mas tudo já estava tão fora dos padrões que nada me surpreendia. Eu aceitaria não repudiá-lo para entender melhor seu poder.

— Eu ouço conversas de pessoas que não vejo. Elas me distraem, às vezes. Ficam falando. Não tem hora para acontecer. Ontem, por exemplo, você estava sentada na manta, lembra? Eu ouvi algumas vozes de crianças que não conhecia. Olhei na direção leste e elas não estavam lá. E te peguei olhando também. O que havia?

— Eram outras crianças brincando também... Mas, em outro plano. Foi aí que percebi meu dom? — perguntei.

— Suspeitei e gostei muito de saber. Me senti menos esquisito.

— Mas, estranhamente uma coisa acontece em relação a você... — Riu baixinho, baforando sobre minha nuca o ar quente do seu hálito. — ... Eu te ouço também. E você está viva, o que é bem estranho, mas engraçado. Mesmo numa certa distância, posso te ouvir.

Tem tudo que pudesse ter escutado. Meu cérebro fez um rápido backup da lista. Minha conversa com Kali no quarto, durante a viagem com seus amigos. Do lado de fora da casa quando rejeitei o beijo de Vitor. No telefone agora à noite... Eu tocando gaita sozinha. Nossa, eu estava nua para Vitor enquanto abrisse a boca?

— Eu tenho uma teoria. Fiquei pensando sobre ela um bom tempo. Acho que é porque é sensível, não sei. Você começou a me chamar no seu sonho e eu acordei. Comecei a ficar preocupado. Tentei me segurar no colchão, mas não aguentei e vim rápido.

— Você escutou quando te chamei agora pouco? — perguntei.

— Hum hum... — Ele me envolveu com seu braço e senti seu corpo por cima do edredom bem junto ao meu. — Você estava me testando, não? — Seus lábios roçaram minha orelha até tocar no lóbulo. — Está melhor agora, mais tranquila? — questionou, sem tocar no assunto do sonho.

— Estou... — Sorri.

— Você tem sentimentos muito confusos; de repente, explode de emoções; em outras horas, fica como se estivesse oca por dentro, uma grande confusão que parece um vulcão que aquece, aquece...

— Como sabe? — Meus dedos se entrelaçaram entre os seus, a palma de sua mão pousada sobre a minha.

— Eu posso sentir a sua energia. Você fica extremamente agitada. Mas, agora, está tão calma... — Apertou-me mais ao seu corpo, até que sua cabeça se encaixou na minha. — Você é uma péssima atriz — zombo. — Sua respiração te traiu, óbvio que não estava dormindo quando entrei. Vi que seu corpo não se movimentava em um ritmo constante. — Riu da minha atuação pífia.

— Vou precisar ser melhor para te enganar.

— Espero que nunca precise — disse com tom vago e profético.

— Alguns minutos atrás eu quis te bater... — confessei e isso me fez bem, precisava lhe contar. — ... Me afastei para não fazer isso... E, agora, estou tão tranquila e serena... — Franzi a testa.

— Então, permaneça nesse sentimento. Não fique tentando entender.

— Mas, aposto que você sabe por quê!

— Eu não tenho respostas para tudo — falou como se conversasse com uma garotinha.

— Ou não as quer me dar agora — concentrei minha atenção em meus dedos entre os seus. — E como vai o filhote da vaquinha?

— Bem, vai ficar fortinho — contou.

— Vitor — chamei, já meio sonolenta.

— Hum. — O som da sua voz perto do meu pescoço me transmitia segurança.

— Posso pedir uma coisa? — falei baixinho.

— Se não for para eu responder mais perguntas...

— Fica aqui até eu dormir e depois vai embora?

— Que maneira mais gentil de pedir, ãnh? — reclamou.

— Tenho medo que cochile e alguém estranhe estar aqui comigo...

— Eu tenho muita insônia, não se preocupe, eu espero. — Ele esticou seu corpo sobre o meu, esticou o braço e apagou o abajur. No escuro, sua mão passou por um segundo sobre o meu seio, depois parou em meu braço. Ele tornou a me envolver em um círculo de calor.

Aquele movimento amplo pulverizou o ar com seu cheiro de desodorante. Eu dormi profundamente, sem qualquer esforço, sem nenhum sonho.

7.

Mudando o visual (Vitor)

Meu pai me deixava dirigir seu carro com uma silenciosa expressão no rosto de prazer e satisfação. Aquela caminhonete para ele era um símbolo de poder, status, virilidade e força. Entregá-la a minha direção lhe transmitia a segurança de que conseguira dar ao filho aquilo que não tivera um dia com sua família.

Eu me orgulhava de ser seu filho. Eu acho que não poderia dizer o mesmo sobre mim por todos os meus desajustes, mas eu era feliz por saber que, ainda sim, seu amor se superava. Nos últimos meses meu comportamento fora decepcionante.

Eu não cometera qualquer erro que lhe prejudicasse diretamente. Minha grande dificuldade em lidar com a partida da minha ex-namorada Heloísa o fazia concluir que eu era fraco para esses assuntos de amor. Mesmo sabendo disso, sentia que deveria ficar a margem da minha vida, esperando pacientemente que meu sofrimento resultasse em aprendizado e superação. Ver que eu não progredia era decepcionante. Mas, silenciava, entendia, esperava e cooperava.

O barro tingia a lataria do carro com camadas de poeira. Caminhonetes foram feitas para o pó avermelhado das estradas como o ruje para o rosto das mulheres. As árvores voltavam a ser verdes com a partida do outono e o ar fresco de fragrância vegetal entrava pelas janelas abertas. Cotovelos sobre os vidros abaixados, nossas mãos estendidas na vertical cortavam o vento.

— Sua mãe vai tomar um susto quando vir que cortou o cabelo. — Ele riu se divertindo com a cena que já projetava em sua cabeça. Conforme ganhava mais elaboração em sua mente, lhe rompia o riso. — ... Vai perguntar se tenho alguma coisa a ver com seu extreme make over, mas, me salve disso, por favor! — pediu.

— Não ficou bom? — Olhei meu cabelo no retrovisor. — Pedi para não ficar tanto Elvis Presley. Mas, até que o gel deu um style. — Mexi nos pequenos espetos que se tornaram o cabelo picado no topo da minha testa. — Vamos ver se passo no teste.

— Não espere, por isso, sua mãe, se pudesse, te deixava com o cabelo na cintura feito um índio e diria com orgulho que o DNA era todo dela. — Riu. Meu pai adorava demonstrar o quanto podia conhecer as reações de sua esposa.

Parei o carro e o ajudei a começar descarregar as sacolas. Tínhamos saído da fazenda cedo para buscar mais comida para abastecer a geladeira da fazenda.

Eu sempre tive a sensação de que minha casa era o cenário da bruxa do filme Joãozinho e Maria.

Minha mãe tinha uma mania de nos entupir de comida e conferir pelos ossos dos dedos minha magreza. Quando comecei a tomar albumina para ganhar massa na academia, ela veio com o pote para o meu pai como se mostrasse um papelote de cocaína.

Perguntou se fazia mal, se não me daria problemas cardíacos ou impotência. Eu precisei mostrar-lhe que era vendido em qualquer casa de produtos naturais. Não escolhi a melhor estratégia. Ela ficou magoada por eu não escolher engordar com as suas sopas de legumes ou bolos confeitados. Mas, se deu por satisfeita por me ver ficar mais forte.

Meu pai entrou primeiro na casa e a preparou psicologicamente com uma de suas piadinhas:

— Rosângela, encontrei um menino na rua e trouxe para casa — satirizou. Aquela frase bem poderia ser usada para falar de algum cachorro ou gato abandonado que lhe dera pena.

Agora, eu já começava a ficar envergonhado. Meu pai não precisava ter tornado o simples reencontro uma atração para todos os amigos.

De repente, pensei em Tamires e senti algo se mover dentro do meu estômago, era ansiedade ou fome? Pela hora, onze e meia, ela já teria acordado.

Nesse momento, toda minha vontade de aceitação se convergia em sua pessoa. E não era por menos, fora sua a ideia de mudar a minha cara. Não disse isso ao meu pai, que até desconfiou a princípio que eu quisesse fazer aquele corte na pequena cidade e, não, quando voltássemos. Eu tentei argumentar que homem que é homem vai ao barbeiro em qualquer lugar. Mas, tirando a teoria machista, lá no fundo, morri de medo que ficasse tão horrível que precisasse terminar com uma máquina zero.

Comecei a receber os elogios de alguns já na sala. Mas, enquanto sorria desajeitado para eles, exibindo meu novo corte curto, meus ouvidos se concentraram em uma conversa mais longe, vinda da cozinha.

Podia ouvir a voz de Tamires, mas estava com ruídos, não conseguia entender, como se cochichasse.

Fui até lá e deixei meus sentidos especiais de lado, aproveitei apenas do que minha mera humanidade era capaz de prover. Parei à porta dois passos antes, sem que pudessem me ver. Olhei de relance e a vi com minha mãe, sentadas frente a frente tomando uma xícara de café.

Minha mãe lhe contava sobre os porta-retratos de Heloísa que ainda estavam no meu quarto e como, segundo palavras de dona Rô, eu resistia a acreditar que ela me largara como um saco de batata palha em alguma gôndola de produtos de limpeza porque desistira de levar.

Uau, que comparação mais dramática!

As mulheres são as melhores roteiristas de filmes de terror trash! Mas, não podia negar que as fotos ainda estavam lá, nas prateleiras.

— Rô, aí está você! — Ouvi o berro de meu pai atrás do meu ouvido e com um safanão me empurrou para dentro da cozinha. — Veja seu novo filho, qualquer semelhança com aquele do café da manhã, é mera coincidência. — Bateu no meu ombro com sua mão pesada. Enfiei as mãos no bolso.

— De quem foi a ideia? — Ela fora tão rápida e objetiva quanto meu pai previra. Ele me destinou um olhar e apontou o indicador com uma lembrança de que tinha me alertado. Levantou as mãos na defensiva, balançou a cabeça em negativa e fez cara de inocente.

— O garoto está mais parecido comigo, mais bonito, mais galã... — Ele envolveu os ombros da minha mãe com seu braço e falou-lhe com a voz mais persuasiva possível. Não foi mais perfeito do que se eu tivesse pedido. Defendeu-me bem. — Olha só pra ele, vai até fazer uma fila de mulheres aqui na porta. Ah, Rô, deixa disso...

— Mãe, cresci já. — Beijei-lhe a bochecha e me senti infantil, mas essa era a maior arma de um homem, se fazer de indefeso.

— Tudo bem... — Ela tirou o polegar mordiscado da boca e pegou meu queixo.

— É só um corte de cabelo, não fiz uma plástica para mudar de sexo, arrrgh! — Virei o rosto para o lado.

— Estava tão bonito — lamentou. — Mas, se quer assim, ficou bom...

Aprendi com minha mãe que “bom”, “bem” e “legal” são palavras que designam tudo que é mais ou menos. Hiperbólicas como são as mulheres, o que realmente tem valor começa com super. Superlindo, Superfofo, Superelegante, Supergostoso. Eu estava bom, o que era acima de ruim. Ela sobreviveria ao choque.

Meus pais saíram para buscar o restante das sacolas na caminhonete. Tamires levantou-se para colocar a xícara na pia. Eu fiquei ali parado ao lado da mesa, um personagem empalhado de museu, esperando a perícia. Ela, ainda de costas, apoiou as duas mãos na borda da pia e, pelo leve tremor nos seus ombros, suspeitei que contivesse um riso mudo.

Minha imaginação formou vários balões de história em quadrinhos em cima de sua cabeça: “Você não levou a sério o que falei?”, “Você não acreditou em mim, né?”. Esperei em sofrimento que virasse de uma vez e desse a sentença. Eu estava preparando uma frase reserva de pouco-caso, se ela zombasse de mim.

O tempo infinito de segundos que ficou ali me permitiu observar como estava mais arrumada. Botas de couro até altura do joelho, jeans azul-escuro com uma grande etiqueta marrom na cintura e uma blusa branca de mangas comprida. O cabelo em cachos caía em cascata de um ponto preso no centro da cabeça. Pequenos caracóis cor de mel que terminavam

em pontas douradas no meio de suas costas.

Tamires voltou-se para a mesa, procurou qualquer outro objeto para levar de volta a pia, não encontrou nenhum, recolheu as migalhas com um pano de prato. O movimento de inclinação para puxar os farelos distantes deixou seu sutiã aparecer na brecha do primeiro botão aberto. O cordão de bolas coloridas bateu sobre a madeira, fez um estalido oco, rolou como bola de gude e silenciou entre o vale do seu colo volumoso quando se ergueu. O cordão tinha um nó na ponta, como se ela estivesse brincando com ele e decidira encurtar com um laço. Imaginei-o entre seus dedos, mas tentei acordar logo daquela elaboração onírica antes que percebesse.

Ela jogou no lixo os farelos de pão e, não tendo mais o que fazer com o pano, dobrou-o desnecessariamente. E eu ainda ali, fingindo displicência, escolhia uma maçã boa da fruteira que certamente não comeria.

— Não vai dizer nada? — Sufoquei e implorei, quanta fraqueza, meu Deus. Tentei no mínimo da dignidade parecer só curioso, com pouco entusiasmo.

— Ué... ficou como eu disse que ficaria. — Encolheu os ombros.

— Hum.

Ela deslizou o dedo pelo tampo da mesa de carvalho. Tenho certeza que se fosse de vidro, o barulho da sua unha provocaria um som agudo e estridente aos ouvidos. Mas, o trajeto retilíneo do seu dedo, que me pareceu uma materialização da linha do tempo do seu pensamento, acabou ao lado da minha mão. O queixo abaixado levantou-se junto com a cabeça que antes pendia para o lado e, seus olhos, na mesma linha dos meus, mostravam-se levemente puxados, enrugados, apertados por um sorriso que lhe comprimia as bochechas morenas.

Parecia agora verificar melhor o resultado do corte e aquilo me deu um calafrio. Eu entendia agora todos os conflitos dos camundongos de laboratório.

— Não tinha pensado nele tão bagunçado, espetado, jogado... — desfilou palavras para explicar o que suas mãos testavam com toques leves e hesitantes em minha cabeça. Sua proximidade deixava no ar o hálito de café. — ... E olha que deu outra cara? — Levantou as sobrancelhas por fim. — Gostei. — Pendeu a cabeça para o lado e bateu o martelo do veredicto. — Mas, por que cortou tão rápido? — Sua pergunta tinha um quê de desejo narcisista de carregar para si a honra de ser o motivo principal. Não lhe dei esse doce no céu da boca. Falei sobre a praticidade e uma vontade súbita misturada com a conivência da volta essa manhã na cidade. — Ân, entendi.

Aquele “*entendi*” saiu com tal decepção que, se meus pais não tivessem acabado de entrar, eu teria entregado tudo. Agora deixa como estava.

8.

O homem toalha (Tamires)

Uau, entrei no quarto e bati a porta atrás de mim com cuidado para não fazer barulho. Havia menos ar ali ou eu mesma estava me sufocando sozinha?

A imagem do novo rosto de Vitor agora pouco na cozinha quase provocara um colapso neural na minha cabeça. Não há nada mais confirmador do poder que você tem sobre outra pessoa que quando ela começa a mudar por sua causa. Era óbvio que levava em consideração minha opinião sobre seu cabelo.

Eu andei de um lado para o outro e depois sosseguei caindo sentada na cama. Meu coração estava rápido assim pelos movimentos bruscos ou eram minhas emoções? Lembrei que desde que acordara não pensara em Kali ainda. Começava a sentir culpa a cada vez que as borboletas se moviam no meu estômago e dançavam feito loucas.

Eu tinha que me concentrar em outra coisa. Peguei o controle e liguei a televisão. Passava a copa das confederações: África do Sul x Iraque. Arg, futebol definitivamente, não. Deitei na cama, tendo o cuidado para não deixar a bota encostar no edredom. Achei um ótimo filme de comédia que gostava. Seria perfeito para deter minha atenção.

Ouvi duas pancadas na porta. Vitor colocou a cabeça para dentro.

— Ora, você batendo na porta? — ironizei.

— E do meu quarto... — Ele imitou meu tom de deboche para mostrar que não precisava fazer isso.

— Ok, posso sair.

— Não, não precisa. — Abriu o guarda-roupa e tirou uma camisa verde-musgo.

Havia várias ali, mostrando que não eram poucas suas estadias na fazenda.

— Vai tomar banho? Posso sair — falei já de pé, controle na mão, desliguei a TV.

— Preciso... — respondeu maquinalmente e ligou a luz do banheiro — Tenho cabelo nas costas me pinicando.

— Ân... — Já na porta, o chamei e ele olhou. — Ficou muito bom... O corte. — Sorri.

— Obrigado. Que bom...

De volta à cozinha, dona Rosângela estava discutindo com seu marido por que não trouxera o papel higiênico que pedira. Ele afirmou que ainda havia no banheiro de Vitor.

— Querida, pode ver isso pra mim? — pediu. — Estou com as mãos ocupadas. — Estava fazendo uma massa em cima da pia de granito.

— Claro.

— Ela vai pegar para você, viu, querido. — Dona Rô avisou para Gilmar, um dos rapazes que trabalhavam no escritório e estava parado no canto da cozinha a espera do papel. — Querida, obrigada — agradeceu-me.

Lembrei-me que Vitor estava no banho, o que me exigiria alguma manobra para cumprir o pedido. Abri a porta do quarto e ainda ouvi o barulho do chuveiro, mas a porta ao lado estava só escorada. Respirei fundo, cocei a testa.

— O que eu faço? — murmurei baixinho.

— Tamires? — Ouvi a voz dele, vindo de dentro. O chuveiro parou de pingar.

— Droga. — Apertei os olhos. Esqueci que ele podia me escutar. — Oi, eu... — Comecei a falar junto da porta e, de repente, essa se abriu com um puxão para dentro. Acho que a sucção do ar levou junto minha alma, pois, nos segundos seguintes, eu era um corpo desprovido de raciocínio com o que acabava de ver.

Vitor estava molhado com uma toalha branca enrolada na cintura. Os fios desalinhados brincavam em sua testa. A fragrância do xampu de frutas pulverizado na nuvem de fumaça quente o envolvia. Podia ser perfeitamente um galã de comercial de perfume, desodorante, pasta de dente ou sabonete.

— Quer alguma coisa?

— Toalha... — respondi em um ato falho. Mas, em vez de sustentar que era isso mesmo, abrir o armário e pegar uma, eu tive a boçalidade de consertar. — Papel...

— Papel *toalha*? — Sorriu o maior sorriso que já colocou na boca, com dentes ainda mais brilhantes. Eu podia abrir um buraco no chão e me esconder agora mesmo. — Não seria, na cozinha? — Não perdeu a oportunidade de me torturar.

— Não, papel higiênico mesmo — falei irritada, entrando no banheiro agora sem melindres. Eu tinha a péssima fraqueza de demonstrar minha raiva quando pagava o papel de idiota, não era daquelas pessoas que sabiam usar a oportunidade para sair por cima.

Vitor afastou-se para o lado e ficou em cima do tapete para não molhar o chão. Pegou o desodorante e borrifou nas axilas. As minúsculas gotículas pesaram no ar e caíram sobre mim, justo na hora que eu erguera o rosto para dizer que não tinha papel higiênico.

— Ai, meus olhos.

— Tamires? Desculpe. — Deixou o desodorante sobre a pia rapidamente para me

ajudar e a tampa caiu no chão, provocando vários estalidos enquanto quicava. — Lava os olhos, vem... — Ligou a torneira.

Enchi as mãos e esfreguei rapidamente. Ele me deu sua camisa, na falta de outra toalha. Sequei e senti que podia enxergar novamente. A visão ficou menos turva, mas ainda ardia.

— E aí, tem papel? — Gilmar apareceu na porta.

— É pra você, cara? Pô vai lá, toma um banho depois e dá teu jeito... — respondeu.

O rapaz ficou parado, olhando para nós dois, esperando que ele dissesse que estava brincando. Foi o que Vitor fez, deu uma risada e pegou o papel do porta-papel de alumínio junto ao vaso e entregou-lhe.

— Vou ter que voltar na cidade para buscar. Por que minha mãe não colocou na lista? — Bufou com a mão na cintura, o que me fez observar as entradas vincadas no seu abdômen, mas parcialmente escondidas pela toalha branca úmida. — Está melhor? — falou junto de mim, com a sua beleza agora mais estonteante.

— Sim, obrigada. — Fugi do banheiro e procurei manter uma boa distância dele do almoço até o entardecer. Precisava desintoxicar meu cérebro de sua imagem fixa.

Dormi um delicioso sono e, quando levantei, vi o sol na janela, colorindo a parede de dourado. Escovei os dentes e encontrei bolo de fubá com erva doce na cozinha. Dona Rô ofereceu-me café também.

— Onde está o Vitor? — perguntei instintivamente e trai minha promessa.

— Saiu com os amigos, foram cavalgar. Por que não vai espiar, estão bem aqui perto. Você gosta?

— Está maravilhoso — falei, depois de mastigar o bolo.

— Não. — Sorriu. — Gosta de cavalgar?

— Não tenho tanta habilidade.

— Pede para o Vitor, ele é ótimo nisso.

— Ele já me falou. Ele é muito amigo do Kali, né? Os dois gostam de cavalos, carros... — perguntei.

— É. Na verdade, eu e sua mãe somos mais amigas que os dois. Nós duas combinamos de tê-los juntas, sabia? — Riu. — A gente queria passar por tudo na mesma época.

— E conseguiram?

— Dois dias de diferença. Vitor é um pouco demorado para as coisas, quis ficar mais um tempo. Ele sempre foi assim. Quando coloca uma coisa na cabeça, é duro tirar, fica

refazendo planos eternos, não muda o foco...

— Isso pode ser bom, o ajuda a cumprir metas e desafios. Ser perseverante não é muito fácil. — Tentei mostrar-lhe o lado positivo.

— É, mas quando persevera na coisa errada... — Ela suspirou e levantou as sobrancelhas com um semblante desapontado e triste. Eu sabia a que se referia. Essa manhã, me contara que ele sofrera muito com o término do último namoro. — Vai lá, minha filha, aproveita que amanhã partiremos. — Bateu na minha mão. Senti que estava me incentivando a ficar junto do seu filho, o que não era uma ideia tão boa assim para mim, cheia de confusões no coração. Não queria ser a próxima a quem ela lamentaria de ter conhecido seu amado e adorado filho.

— Vou dar uma volta por aí. — Levantei-me e a cadeira de madeira rangeu no chão.

Caminhei por uma trilha entre as pequenas elevações de um metro de altura, cobertas de relva baixa. Eles não estavam muito longe, podia ouvir o trote dos cavalos. Eu não tinha pressa para chegar. Cruzei os braços. Pensei em como estava bem, apesar de sozinha. Fiquei com uma ponta de orgulho de mim mesma.

Agora, próxima à cerca, vi que os rapazes já saíam com os cavalos para levá-los de volta a coxia. Vitor estava ainda montado, acariciando o pescoço do animal. Falei baixinho seu nome e ele, que estava de costas, virou-se. Fazer aquilo ainda me assustava. Meu coração começava a bater mais forte. Ele chegou mais perto.

— Quer andar um pouco? — ofereceu.

— Andar aqui em círculos? — Subi na cerca de madeira, escalei-a e desci do outro lado. Não era muito alta, exigia uma fácil manobra.

— Podemos fazer algo mais perigoso. — Riu e seus olhos faiscaram dourados com o sol.

Ele desceu do cavalo e deu três passos até parar na minha frente. A mesma cena do sonho. Isso me assustou e fiz uma cara de medo que o deixou na defensiva.

— Calma...

Andei para trás.

— O que houve?

— Nada... — Virei-me de costas e vi que não tinha como fugir, estava no limite da cerca. Apoiei minha mão na madeira.

— Quero te mostrar uma coisa. — Ele propôs.

Voltei-me para ele e perguntei o que era.

— Vai precisar vir comigo. Confia?

Eu fiquei parada. Olhando-o resplandecer em beleza, não aguentaria ficar tão perto por mais tempo sem deixar que meus instintos humanos me dominassem.

— É seguro — insistiu. — Vou devagar, prometo.

Dei um passo à frente, o que encarou como sim. Trouxe o cavalo para perto e me ajudou a subir. Ficou por trás, com as rédeas na mão. Pediu que as segurasse e me instruiu como guiá-lo.

— Espero que seja perto porque nesse passo...

— Quer acelerar? — perguntou.

— Não!

— Calma, tudo bem... — Segurou a minha cintura com sua mão e a outra pôs em cima da minha perna direita. Seu queixo sobre meu ombro bloqueava todo o meu pensamento.

— Prefiro que você faça isso... Quero descer — pedi quando já estávamos fora dos limites da cerca, ganhando o campo verde.

— Tudo bem. — Ele não gostou disso e senti uma leve secura em seu tom.

Desceu para me ajudar. Depois, subiu e ofereceu a mão.

— Segure-se em mim e... se quiser, feche os olhos — avisou como uma vingança repentina.

Eu temi o que estava por vir, agarrei sua camisa e o abracei.

— Eu tenho medo de andar em velocidade.

— Então, em frente. — Mandou rispidamente e urrou para o cavalo, batendo em seu lombo com os pés, soltou alguns beijinhos e o animal entendeu aquilo como um pisão no acelerador. Nunca pensei que pudesse ir tão rápido.

O meu pânico era tanto que minhas mãos suaram gélidas e minha voz sumira da garganta. Lembrei-me de seu conselho de fechar os olhos, mas não ajudava muito, meu corpo estava em estado de alerta para relaxar. Meu coração parecia uma bomba com hora para explodir. Não tinha mais ar.

Quando Vitor parou, quinze minutos depois, eu estava pálida, gelada, com a pressão baixíssima de pânico. Deslizei para baixo e nem sei como consegui atingir o solo, tonta, enjoada, trêmula.

— Tamires? — Ele pulou com muito mais facilidade para fora e apertou os olhos de preocupação. — Está chorando?! Como pode ser tão frágil assim?

— Eu quero ir embora daqui e não quero ir com você! — Consegui arrumar voz para gritar. Sentia tanta raiva por ter me feito passar por aquele pânico que só queria bater nele.

Levantei-me bravíssima. Perguntei onde estava sua promessa de ir devagar?

— Mas, eu... — Ele me pegou pelos braços.

— Me solta. — Mandeí, mas não aceitou, segurou mais forte e me virou para o outro lado.

— Eu queria que visse isso. — Mostrou.

Eu não resisti mais, fiquei parada, chocada, estática, em um silêncio profundo. O que os olhos agora podiam ver nenhuma palavra explicaria. O pôr do sol mais lindo que eu já presenciara em toda minha vida. O céu ganhava tons de vermelho, laranja e azul no vale. Estávamos em uma elevação que tinha um ponto de vista estratégico e único.

Vitor diminuiu a força e escorregou as mãos dos braços até segurar as minhas.

— Desculpe — falou baixinho no meu ouvido, mas eu estava anestesiada.

Meus olhos piscavam devagar e minha boca se entreabriu. Rapidamente acalmei-me e fiquei absolutamente serena. Era lindo demais.

Sentei-me no chão e ele fez o mesmo ao meu lado. Ficamos quietos, em silêncio. Só ouvíamos de vez em quando a respiração do cavalo atrás de nós.

— Não gostei do que fez. — Eu lhe falei sem parar de olhar para frente. — Você me fez me sentir horrível.

— Não foi a intenção, foi mal...

— Foi péssimo — ratifiquei.

— Posso fazer uma pergunta?

— Logo quem não gosta de perguntas? — ironizei.

— Posso?

— Pode, não garanto responder — disse chateada. Ele não estava na posição de quem podia exigir nada.

— Quando eu me aproximei quando chegou você fez uma cara de terror, por quê? Alguma coisa me diz que tem a ver com o que se passava naquele sonho, era a mesma cara de medo e...

— Eu não vou dizer nada se não me explicar a frase que falou quando saiu do quarto.

Ele silenciou.

— Tudo bem.

— ... — Suspirei. — Eu tenho um sonho constante. Desses que todos têm. Mas, não é muito comum — contei-lhe. — Há sempre cavalos, alguns homens correndo muito rápido com

eles. Estão com capas pretas, não posso vê-los. Mas, ontem apareceu algo inusitado. Um deles voltava, descia do cavalo e me puxava pelo pescoço... — lembrar daquilo me angustiava muito e me faltava voz. Parei por ali, não contei sobre o beijo.

— E o que isso tem a ver com sua cara de medo há uma hora?

— A cena estava muito parecida...

— Acha que eu seria um desses? — Riu.

— Ok, agora que já está se divertindo, é sua vez — falei-lhe aborrecida por não levar a sério, nem me ajudar em nada para desvendar.

— O quê?

— Como o quê? — Balancei a cabeça para os lados, era óbvio: — Conte a sua parte.

— Eu não prometi nada!

— Como não? Disse tudo bem!

— Tudo bem que não quisesse contar se não contasse. Aí você contou porque quis...

— Você é um homem sem palavra e deu duplamente prova disso! — Levantei-me e tirei as folhas da calça com as mãos.

Peguei as rédeas do cavalo, como se pudesse sair dali sozinha.

— Tudo bem, eu conto — cansou de relutar.

Olhei para trás para ver que estava falando sério. Meu cabelo esvoaçou com uma rajada de vento. Vitor estava com os olhos brilhantes e furiosos. Eu tinha conseguido o que queria e ele não faria de bom agrado. Temi não me dar todos os detalhes como também não o fiz. Seu queixo e maxilar estavam contraídos.

— Mas, antes vamos sair daqui. — Tomou as rédeas. — Não se preocupe, não vou descumprir minha palavra. — Ofereceu a mão depois de subir. — Não vou correr.

— E...

— E vou lhe falar. — Suspirou com irritação.

Esperei que me contasse no trajeto, mas, tudo foi feito em silêncio. Até que chegamos à fazenda e ele avisou a mãe que iria a cidade buscar o que faltava, mas, dessa vez, ela não deveria esquecer de anotar nada, avisou.

Vitor pegou a chave do carro e passou por mim com olhos frios:

— Vamos? — chamou.

— Vamos? — repeti e franzi a testa.

— ... — Ele olhou para os demais reunidos em torno da mesa, jogando cartas e

certificou-se que não poderiam nos escutar. — Não queria que eu cumprisse a palavra, então?

Vitor simplesmente não poderia fazer isso ali mesmo? Por que me levar para longe? Não adiantava buscar essas respostas, corri atrás para acompanhar seu passo e ele virou-se bruscamente, o que fez quase nos chocarmos:

— Use o cinto de segurança — pediu e abriu a porta da caminhonete.

Engoli em seco, entrei. Ele deu a volta no carro e bateu a sua porta. Eu estremeci levemente. Segurei-me a borda do estofado.

Vitor não se preocupou com a estrada totalmente escura. Parecia dirigir sob a luz do dia, se guiando apenas pelos faróis de um azulado intenso. Com uma mão só guiava aquele carro enorme a uma velocidade que me tirava a tranquilidade.

— Você está a cento e trinta! — comentei, mantendo o tom dentro da faixa amigável, sem parecer crítica para isso não lhe aborrecer.

— Cento e vinte, tá bom? — Diminuiu com ironia, mas para mim pareceu insignificante.

Gemi e ele olhou-me, entendeu que eu não estava confortável. Sabia muito bem como ficava meu estado de espírito quando ele passava dos limites. Ficava fisicamente sem controle e com humor insuportável.

— Nem mesmo tem radar aqui, Tamires! O carro foi feito para isso, o motor foi feito pra isso, é 4 X 4...

— Eu não fui feita pra isso — interrompi-o.

Aquela frase serviu como um freio, em pouco tempo ele estava a cem quilômetros por hora. Dei-me conta de que meu desejo não era apenas uma questão de controlar seu jeito de dirigir, mas de medir o quanto podia exercer influência sobre ele. Cheguei a essa conclusão por causa do prazer que senti ao ver que atendia ao meu pedido, da mesma maneira que fez ao ouvir meu conselho sobre seu cabelo.

Eu até um tempo atrás o considerava apenas mais um amiguinho de Kali que se aproveitou para querer me roubar um beijo. Agora, Vitor irradiava sobre mim um poder de persuasão e controle surpreendentes. Era preciso em certas horas evitar seus olhos para não me tornar seu Amagotai. Talvez, por isso mesmo, eu queria também saber do limite da minha interferência sobre seus atos. Claro que, se ele reduzisse, eu de quebra conseguiria respirar sem sufoco, afinal, não era nada legal a sensação de que podíamos deslizar na pista e cair em alguma ribanceira na próxima curva. Agradei por estar de noite, não ver os desfiladeiros me aliviava um pouco.

— Não precisa se exhibir para mim... — critiquei-o com uma alfinetada. Ainda não o conhecia tão bem para garantir que fora um momento de esnobação, mas queria de novo testá-lo.

— Se exibir? — Riu baixo, ofendido, balançou a cabeça para os lados mostrando que eu não sabia nada sobre ele de verdade. — Nunca faria isso com você. Eu dirijo assim sem perceber, você não está acostumada com velocidades, só isso. Ninguém pode te culpar por ser bonita. — Pausou alguns segundos, o que deu um verdadeiro peso a frase.

— Nem por ter status, poder, ou um bom carro. — Misturou com outros exemplos para generalizar. — É algo tão comum que não percebe.

— Você gosta de velocidade além da conta, mas, engraçado que sua mãe te vê ao contrário.

— O que disse?

— Deixa pra lá... — Balancei a cabeça para os lados e apoiei o braço na janela fechada, encostei a boca na palma da mão e tentei enxergar a vegetação atrás da película preta que revestia o vidro, mas era inútil.

— Pode falar — consentiu.

— Ela te acha muito persistente. — Tentei mostrar por esse ângulo, não queria que depois contasse a dona Rô que eu lhe fizera essa fofoca.

— Hum... Parado, cabeça dura, empacado? — ele traduziu da pior maneira que pode interpretar. Falava como se contasse uma ladainha conhecida. — Eu gostei do seu “persistente”. Você me parece um dicionário de sinônimos diplomáticos.

Vitor saiu da estrada de terra e entrou na via asfaltada. Logo avistamos as luzes da cidade. Ele anunciou solenemente que estávamos chegando. Eu senti um certo alívio, queria sair do carro e respirar melhor. Quando ele corria, sempre me deixava tão tensa que meus músculos depois pareciam fadigados de contração.

— Vamos até o mercado que é pra lá — apontou e apertou o dispositivo para fechar o carro. Ouvimos um “blennn” e as portas travaram.

Estacionamos em um posto de gasolina que tinha uma pequena lanchonete cheia de cadeiras e mesas amarelas. Os jovens se amontoavam em uma grande algazarra. Senti o olhar dos meninos fixos no carro e das meninas, em Vitor. Com seu novo corte estava ainda mais atraente. Eu coloquei o cabelo atrás das orelhas e segui mais atrás, na sombra do seu brilho, um pouco desamparada.

— Que agito isso aqui, não? — comentei.

Ele virou o rosto para trás para ver do que eu estava falando e concordou com um sorriso. Algum pensamento o detinha em outro plano. Será que isso tinha a ver com a revelação que ainda não chegara? Se fosse para que me desse mais atenção, eu até pediria para não falar. Mas, não ousei tocar nesse assunto e parecer chata.

Entramos no pequeno mercado e buscamos tudo que estava na lista. O lugar tinha um

cheiro forte de todos os produtos, talvez pela umidade intensa e o teto baixo de madeira. Os corredores apertados demonstravam que não muita gente passava por ali. As marcas regionais predominavam. Paramos na sessão de papel higiênico e Vitor demorou a pegar algum.

— Hei, isso não é um sapato que precisa provar... — Ri e puxei-o levemente pela manga do seu casaco. Senti vontade de tocá-lo, na ausência de suas palavras. Mas, recuei, não devia ser tão íntima.

— Ah, se isso tivesse resistores, placas-mãe ou algum chip eu teria mais facilidade.

— Eu vou te prestar essa consultoria, mas... — Fiz uma pausa para pegar um pacote na prateleira de cima. — ... Não vai sair barato! Você já está me devendo demais. — Coloquei na cesta vermelha que ele segurava. — Pronto, fino, macio com camada dupla.

— Obrigada pelo seu expertise em papel higiênico. Conhece tudo de papel toalha também?

Eu fiquei séria, ele só podia brincar?! Ainda lembrava do meu deslize naquele caso do banheiro e eu me sentia quase humilhada de tanta vergonha.

— Hei, tudo bem... — Ele leu meus pensamentos e colocou a mão no meu rosto. — Você só fica linda com essa cara de sem graça. — Riu.

Eu senti meu coração responder ao seu toque e tive medo de que sua mão percebesse o aumento do fluxo de sangue na veia do meu pescoço ou na minha pele cada vez mais quente. Definitivamente a sessão de papel higiênico não era o melhor cenário para que qualquer coisa acontecesse, se é que iria.

Na fila do caixa, eu fiquei escorada sobre o carrinho e ele, atrás, bem perto, esperava pacientemente também. Eram só três check out, mas o fluxo de pessoas era bem pequeno. Apesar de elas terem um ritmo muito mais lento para retirar os produtos do carrinho, como se ainda os estivessem escolhendo.

Percebi os olhos da moça que registrava os produtos da cliente da frente ora na máquina de registrar o código de barra, ora em Vitor atrás de mim. Eu peguei uma cartela de chiclete Trident melancia da gôndola e fingi ler o verso do rótulo da caixa como desculpa para ter um motivo de encará-lo e averiguar se estava também olhando para a garota.

Quando o olhei de canto de olho vi que estava me observando. Isso me fez me sentir superior. Nunca estive tão narcisista, que horror. Poderia até ler o nome químico dos corantes do rótulo para prolongar aquele momento, mas, nossa vez chegou. Ele adiantou-se para colocar os produtos no balcão e a garota não ativou a esteira. Deixou que dispusesse ali todos os itens e, enquanto isso, olhava seus movimentos. Eu a encarei com olhos felinos em uma guerra territorial.

Deveria já conhecê-lo pela frequência que vinha com seu pai e o tamanho da minúscula cidade, mas não podia me respeitar? E se eu fosse alguma coisa de Vitor? Ela

entendeu o meu recado e ativou a esteira. Acho que ele, infelizmente, percebeu, pois começou a colocar uma sacola de plástico dentro da outra com um pequeno sorriso no canto da boca. Não o olhei mais, comecei a fazer o mesmo.

— Veio de novo? — ela puxou assunto.

— Sempre falta alguma coisa... — Ele ficou com as duas mãos apoiadas no check out, de frente para ela. Tenho certeza que se o dispositivo de conferir os códigos de barra não fosse eletrônico, ela seria incapaz de digitar qualquer número com toda a atenção que dava a ele.

Não era bonita. Tinha um cabelo loiro tingido preso em um coque, usava aparelho de borrachinha rosa e um batom do mesmo tom, tão brega que eu poderia atirar uma das revistas de moda da gôndola em cima dela como gorjeta de misericórdia.

— Vai ficar mais tempo dessa vez? — Quis saber.

E desde quando Vitor precisava lhe dar satisfação? Hei, no mundo capitalista compramos, pagamos, pegamos e vamos embora. São relações comerciais. Veja bem que ela usou o verbo no singular. Eu, então, era um nada ali, comecei a me sentir preterida, uma mera ajudante, empregada. Tudo bem que não precisava dar satisfação a garota do que eu era, até porque não era nada. E por que eu estava me incomodando tanto com isso? Que orgulho idiota.

— Eu vou buscar o carro, você me espera aqui? — Ele pediu, segurando minha cintura para passar, certifiquei-me que ela viu esse gesto.

— Claro — concordei e fiquei parada com as sacolas sob meus pés.

Meu celular começou a tocar. Tirei do bolso de trás da calça. Era Kali. Fiquei olhando seu nome piscar na tela com um ícone de fone ao lado. Atendi. Havia uma música alta no fundo.

— Oi, como está? — perguntei com uma voz simpática.

— Estou em uma festa da empresa — respondeu como se eu tivesse perguntado “onde” ele estava.

— Ah, legal. Eu estou bem — falei e vi que o carro de Vitor estava já chegando, não queria que ele pegasse nossa conversa. — Preciso desligar agora, vou te escrever depois.

— Tudo bem, beijo.

Desliguei.

Vitor estacionou e desceu para pegar as sacolas. Adiantou-se para que eu pegasse o menos possível. A moça do caixa ainda gritou lá de dentro “tchau” e ele respondeu o mesmo com um de seus mais belos e caros sorrisos.

— Vamos comer alguma coisa? — sugeri.

— Pode ser — aceitei. — O que tem de bom por aqui?

Ele riu como se eu tivesse falado alguma besteira.

— Tem um cachorro quente ótimo da Tia Penha que tem o sabor da minha infância — revelou com tamanha simplicidade que eu senti já água na boca de experimentar. Eu não poderia querer um prato complexo naquele lugar além de sanduíches feito com queijo e presunto e condimentos da região. Mas, não estava brava por isso, pelo contrário, a companhia de Vitor fazia com que tudo fosse bom.

— Hei, você fala como se sua infância fosse remota. — Franzi a testa enquanto acompanhava seu passo rápido.

— É, mas não tenho 9 anos mais. — Ele sorriu e agora aquela bela moldura vermelha em seus dentes brancos e brilhantes era para mim.

Tia Penha era o nome de uma aconchegante lanchonete com estilo colonial. Havia alguns casais sentados em poltronas duplas acolchoadas e com uma luminária baixa.

— Era sua mãe aquela hora ou a minha já querendo saber quando vamos voltar? — Ele sentou-se de frente para mim e agora podia ver seus olhos amendoados tão perto que me deixavam burra e disléxica. — Você estava com uma cara...

A garçonete aproximou-se com a caderneta em mãos e uma caneta já no ponto de anotar o pedido. Ela o reconheceu e foi mais um momento de cumprimentos.

— Então, Vitinho, o cachorro quente de sempre e Coca Zero?

— Dois, por favor. — Ele acrescentou e ela levantou os olhos do papel para me encarar, como se só agora desse por minha presença.

Ele pontuou com um “só isso” para que ela nos deixasse a sós. Eu ainda a acompanhei se afastar com seriedade demais no rosto.

— Você é pouco simpática com as pessoas — disse baixinho, mas sua carinha de provocação deixava claro que não era uma repreensão, mas uma demonstração de que percebera que eu não era muito amigável com quem puxava muito papo com ele.

Semi cerrei os olhos e bufei.

— Então, como me aguenta? — desafiei. — Está aqui por que quer — falei com mágoa, ah, como eu deveria aprender de vez a não me afetar tanto.

— Como te aguento? — Ele repetiu a palavra que usei e não respondeu, senti que era melhor mesmo que não falasse, poderia me desarmar totalmente. — Aguentando... — Foi evasivo e pegou os nossos pedidos que chegaram. Empurrou o meu prato para mim.

— Sabia que o benzeno no refrigerante zero está em um nível preocupante? Além do recomendado. Isso pode provocar câncer. O ácido ascórbico se mistura com o ácido benzoico e dá uma mistura muito ruim.

Vitor bebeu um grande gole:

— Você está estudando demais... — Mordeu seu cachorro-quente.

Eu encolhi-me na minha jaqueta. O frio ali era cortante demais, muito abaixo da temperatura da fazenda.

— Acho que se tiver que morrer, vai ser de frio. — Ele limpou a mão com guardanapo e disse que já voltava. Virei a cabeça para trás e me diverti com sua corridinha até o carro. Voltou com um casaco que deixou cair no meu colo. Estava com as bochechas e o nariz levemente avermelhados pela noite gelada lá fora.

— Obrigada, você parece estar sempre perto quando preciso de alguma coisa — falei com a voz abafada enquanto fazia o malabarismo de enfiar os braços no abrigo de grossa camada de forro de algodão. — Olha, nem preciso de luvas. — Balancei a ponta das mangas que sobraram — Vou ficar com seu perfume — disse sem pensar e ele sorriu com seus longos cílios apertados, parece que essa simples frase lhe trouxera satisfação, a mesma a que eu me referia agora pouco. Ele também via que provocava em mim sensações novas.

— O que estávamos falando antes de pedir? — perguntou e achei que sabia, só fazia o tipo que não se fixava em um assunto para não dar bandeira. Testei isso dizendo que não lembrava, mas ele se entregou: — Ah, estava te perguntando se era sua mãe no telefone.

— Não. — Abaixei os olhos para o meu prato, não mastiguei outro pedaço. — Era Kali. — Acho que a voz saiu com muita solenidade, não devia ter dado tanto tempo de suspense.

— Ele me ligou também — confessou e senti que queria me contar isso, só buscava a oportunidade. — Eu falei que estava aqui.

— Você disse isso a ele?

— Por quê? Falou que estava em outro lugar? — Franziu a testa, não gostando da possibilidade de eu ser uma mentirosa.

— Não! — respondi rápido.

— Então?

— Eu só omiti. Mas, agora ele deve estar pensando... Não devia ter falado.

— Hei, o namorado é seu, eu não sabia que não contava tudo pra ele...

— Ele não é o meu *namorado* e deve ser seu amigo suficiente para saber disso! — falei em um golpe só, único, certo, partindo todo o clima ao meio. Pronto meu humor ficara novamente amargo e triste.

Nem um dos dois tocou no restante do cachorro quente nem ousou continuar o assunto para não nos machucarmos mais. Alguns minutos depois, voltamos a comer sem nos encarar mais. Era aquela oscilação assustadora que nos levava do carinho intenso a repulsão.

— Eu não tenho nada com isso, desculpe. — Vitor ponderou.

— Tudo bem. Não há nada. — Meus olhos cintilavam, eu não deixaria que ele os visse. Levantei-me para ir ao banheiro.

Chegando diante da pequena pia de louça, lavei o meu rosto.

— Ai, Kali, por que eu fui conhecer você? Por que não consigo me livrar de você? Por que foi embora sem eu ter tentado nada. Por quê? — Olhei-me no espelho e vi que mais alguns soluços e meu rosto ficaria inchado. — Onde está agora? Em alguma festa com aquelas garotas de lingerie? Eu não estou a fim do seu amigo, ta? Então, você trate de voltar pra cá porque não vou conseguir fazer nada da minha vida enquanto não tiver nenhum ponto, nem que um ponto final... — Fechei a torneira, peguei o papel e sequei o rosto. Respirei fundo, ajeitei o cabelo. Pronto, a catarse tinha sido feita.

Eu não poderia despejar isso em Vitor ali na mesa, ele não merecia. Nem ao menos eu tinha o direito de ser grossa. Eu precisava me virar sozinha com meus sentimentos e lidar com eles.

Meu coração estancou no peito. Meu Deus... Nossa... Ai não. Fechei os olhos ao me dar conta de um detalhe. Vitor podia me ouvir! Não, não!

O que eu faria? Ficaria ali trancada para sempre? Viraria uma daquelas senhoras que vendia papel por umas moedinhas? Tentei me controlar e me forcei a acreditar na possibilidade dele conversar com outra pessoa, ou estar bastante desligado. Seus sentidos não deveriam funcionar sempre...

Voltei para a mesa, que já estava limpa e vazia. Vitor estava na entrada, com as mãos nos bolsos de costas para mim. Se ele me ouvira, saberia que eu estava voltando.

Foi ridículo, mas tentei não fazer nenhum barulho com os passos. Mas, quando cheguei atrás dele, Vitor desceu o degrau e caminhou para o carro. Fechei os olhos, sim ele me ouvia sempre. Droga...

E, pelo visto, estava bastante mexido, não olhara um minuto se quer para mim. Isso era ainda pior do que minhas emoções em parafuso. Eu nem ao menos podia me certificar de que ele estava bem.

A noite acabara e eu estava sem a resposta para a pergunta que nos trouxera ali.

No carro, a noite entrou com seu escuro e silêncio. Não reclamei que corresse dessa vez, queria também chegar logo e ir para a cama.

9.

Agora, é sua vez de lutar (Vitor)

Entramos em casa, passamos pela sala, pelas pessoas, pelos meus pais e batemos a porta dos quartos, mas não conseguimos fugir de nós.

Sentei na cama, arranquei a camisa com o imenso calor que comecei a sentir, atirei-a como bola para longe. Segurei a cabeça com as duas mãos. Podia ouvir suas palavras ainda ressoando no banheiro. Seus gemidos eram como pequenos punhais me torturando. Eu me contive com toda a força para cravar os pés no chão da lanchonete e não correr para arrombar aquela porta.

Eu não sabia o que era sentir a dor de outra pessoa como se fosse na própria carne e aquela potência do sentimento me descontrolava.

Ela entregava o melhor de si a quem não dera importância e eu tinha que presenciar com a frieza que já não me restava.

No quarto ao lado, ela chorava. Fechei os olhos e quis não ter aquele poder. Comecei a suar e as gotas escorriam sobre o peito. Segurei o cordão de corda com o amuleto na ponta que carregava no pescoço. Liguei a televisão, troquei os canais. Mas, de repente, ouvi um som peculiar entre os ruídos do talk show. Desliguei a TV e percebi que era sua gaita.

— Não faz isso... — pedi baixinho.

Eu conhecia bem aquela música. Aproximei-me da janela, mas não abri. Sabia que ela estava ao lado, tocando para a noite.

Eu achava que depois da minha ex, não entregaria fácil meu coração. Mas, não fui eu que lhe dei a Tamires, foi ela que entrou em mim e invadiu todos os cantos. Não conseguia mais me livrar da sua presença.

Deitei na cama e fechei o punho com força. Aquela música era torturante.

Eu poderia abrir a porta com força, caminhar descalço como estava, com passos firmes, puxar-lhe para mim e ... O pensamento não se completou. Havia meu amigo. Não adianta amar quem não se pode. É viver sozinho um sentimento frágil demais.

Quando a casa se aquietou, vesti meu casaco sem camisa e caminhei descalço pelo corredor. Abri a porta da sala e sentei na cadeira de balanço.

— Meu rapaz, está difícil? — Ouvi a voz de meu velho amigo Felício. Eu já não podia vê-lo, mas sempre aparecia para conversas longas...

Sorri.

— Eu estou perdido... — Ri e apoiei minha cabeça para trás. — Ela está tão perto e tão longe! Será que sempre foi assim? Eu não acreditei naquilo que tinha me falado... Mas, começo a acreditar.

— Ela chegou...

— Só pode ser... Tudo aquilo que falou não tinha a ver com a minha ex, não era ela... Quando conheci Tamires, tudo bateu... Mas, que droga, eu não posso, eu não posso... Será que não vai ser dessa vez?

— Já foram muitas e muitas chances... Essa é mais uma delas...

— Ela me contou de um sonho — falei-lhe os detalhes.

— Deve ser resquício da memória eterna. Ela ainda lembra de você em outro tempo...

— De mim?

— Você era um dos cavaleiros.

— Podia ser Kali também — lembrei.

— É, seu destino está muito atrelado ao dele... Mas, é preciso lutar agora, é a sua vez.

— Mas, ele é meu irmão quase. Nascemos juntos!

— O destino não é o mesmo para as pessoas. É você que está aqui ao lado dela.

— Só que o seu coração não é meu.

— Não subestime a sua capacidade de encantá-la.

— Eu não quero perder de novo.

— De novo? Você não perdeu ainda o que é mais importante, então, lute, seu pequeno covarde.

A porta gemeu e eu não ouvi mais a voz dele, olhei para trás e vi que Tamires estava em pé, parada, olhando-me. Seu cabelo estava semipreso, com algumas tranças na frente e o resto caindo sobre os ombros. Os fios esvoaçavam com o vento. Parecia uma guerreira medieval, ao mesmo tempo tinha a elegância e beleza das divindades. Seu ainda corpo de menina-mulher logo se transformaria tão majestoso como todos os outros que já lhe vestiram a alma. Seus olhos verdes estavam escuros e os lábios entreabertos.

Levantei. Preocupado que tivesse escutado o que eu dizia.

Subi o degrau da sala com as mãos no bolso, sem perder-lhe o olhar.

— Não acredito que estava conversando sozinho! — Ela riu um riso tão baixo e tão nervoso que era puro medo.

Passei ao seu lado e ela acompanhou-me virando o rosto sobre o ombro.

— Se eu posso ouvir, quem dirá você que pode ver...

Caminhei em direção ao corredor, quando ela perguntou:

— Você não acredita que era um dos cavaleiros do meu sonho, né? — achou um absurdo.

Eu virei, olhei-a sério por um tempo:

— O sonho é seu. — Virei-me de costas.

10.

Você é real (Tamires)

Acordei com uma vontade de parecer mais bonita. De repente, eu tinha anseio por ser vista, coisa que já não acontecia desde que Kali partira. Eu sentia que seria errado desejar isso enquanto não fosse ele a me admirar. Mas, conforme os dias se passavam e se tornavam semanas, meses... eu me convencia, ou ao menos me enganava, que deveria lutar sozinha, sobreviver. Quem sabe isso o atrairia de volta. Quanta tolice, talvez, porém não era nenhum ato inconsequente, então, ao menos traria benefícios.

Abri a caixa de sapatos que minha mãe me dera. Ela fazia sempre isso quando me via mal, tentava me arrancar um sorriso com presentes. Não contara tudo sobre Kali, mas meus olhos tristes e débeis lhe comunicavam o quanto sofria. Era só o sinal que precisava para entrar em ação. Eu poderia retribuir usando-os hoje. Fiz questão, então, de dar-lhe um beijo na cozinha antes de ir para o trabalho e mostrar-lhe os pés.

Foi como eu previra. Ela exultou e sentiu-se recompensada pelo sacrifício da economia, não tinha preço para ela me ver bem. Queria que os sapatos também tivessem poderes sobre meu coração para anestesiá-lo ao ponto de não sentir que fazia parte do meu corpo, sustentá-lo no peito sem Kali era uma tarefa tão cansativa e inútil. Era só um calçado e iludiam minha mãe, já conseguiam ser mais do que podiam.

Suspirei e vi o sol no meu rosto, não voltei para buscar os óculos escuros. Era bom tê-lo na pele, aliviava o frio do inverno. Evitei passar pelas sombras. Caminhei até o ponto de ônibus e fiquei ali parada segurando a bolsa, os livros e as duas pastas. Podia ser um perfeito cabide deslocado no meio da calçada, petrificado. Devo ter perdido alguns ônibus enquanto pensava nele. A lembrança da sensação de que podia ter morrido surtiu como um soco na boca do meu estômago vazio sem café da manhã. Trouxe rápido o pensamento de que estava seguro, o que não melhorou em nada. Kali não me tinha. Não podia me ter.

Contei para Gisele, minha amiga da faculdade, sobre as impossibilidades. E ela expôs sua opinião, sem deixar de ponderar que podiam não me satisfazer, nem convencer, mas era como ela via as coisas de fora. Segundo Gi, a palavra *poder* não era a mais certa. Poder é algo que envolve chances. Ele tinha chances de escolher estar comigo. Não era impossível arrumar um emprego no Brasil, se quisesse. Mas, ao contrário, preferia tomar antes todas as suas decisões para um dia voltar a estar comigo.

Sua opinião me fazia sofrer tanto quanto a ideia da morte. Em ambas, havia a distância dele. Queria Kali comigo, fazendo tudo que nunca fizemos. Sobre esse ponto também

Gi tinha uma teoria. Segundo ela, eu estava projetando um passado com base em um futuro. Sentimos saudade de tempos e fatos que vivemos. Eu não tinha muito que lembrar de nós dois juntos, então, minha falta era projetada em fantasias solitárias.

Gi era muito dura e sábia, seria coisas dos orientais? Eu não estava recuperada o bastante para encarar isso. Ela se respaldava dizendo que quem vê de fora com mais clareza. Os homens na maioria das vezes são seres muito distantes do que montamos para serem, podemos passar uma vida ao lado de um imaginário, sempre brigando e relutando para que não tenha aquela mania, não tenha aquele defeito e não deixe de parecer o que queremos, explicou. Eles são que tem que se adaptar ao seu par imaginário. E não nosso homem ideal se adaptar ao real, alertou ela.

Eu pedi que fosse mais prática e tangível, pois viajava demais. Não devia ter solicitado isso, foi muito pior aguentar a dureza de suas verdades que fingir acompanhar seus raciocínios filosóficos.

— O Kali não é nada seu, nem fez questão de ser antes de partir, para ele não tinha tanto significado. Só que na sua cabecinha, existe um Kali superapaixonado e sofredor. Ele está sempre em festas, em compromissos quando te liga. Este é o real e, para ele, você fica colocando a roupa do imaginário. Gisele criticou-me, sem deixar de metaforizar no final.

Agora eu precisava mesmo prestar atenção no ônibus para não me atrasar. Meu pé começou a latejar e veio a dor física. Tinha esquecido o quanto é difícil calçar sapatos novos de couro. Aquela dor ainda era pequena, comparada a grande ferida das recordações de Kali. Cada vez que ouvia na minha mente seu riso e suas palavras, eu me sentia um pó que poderia se pulverizar com o vento, inútil, abstrato. Eu tinha que me esforçar para me valorizar mais. Ele não voltaria, ou não tão cedo. Só que os sapatos não foram um bom começo. Agora, doíam mesmo, mais e mais, quase insuportável. Até gostei daquela penitência, prendia minha atenção a minha matéria física.

Desci do ônibus e voltei a andar agora com muita dificuldade. Fiz uma careta e parei. Não era muito forte para dores. Entrei na primeira farmácia que avistei. Atravessei-a com o deslizar de uma bailarina do Municipal e encontrei logo na entrada uma longa fila e, ao final dela, um lindo rapaz com um Listerine na mão. Gemi dentro de mim. Não poderia aparentar a dor súbita que sentia. O ambiente por si só já evoca que você foi buscar uma droga para atenuar alguma coisa ruim. Eu, que estava socialmente e, até posso dizer, elegantemente vestida, me dirigi ao balcão e pedi uma caixa de band-aid. Uma caixa, notem o desespero transparecendo pelo ato falho! Minha dor só se atenuaria no meu cérebro com uma caixa inteira. A mulher dirigiu-se para o fundo da farmácia entre as gôndolas e temi que devesse segui-la. Engoli em seco e andei com o roçar afiado do couro sobre a camada final e sensível da epiderme exposta. Quando parei ao seu lado, já estava no ponto de pedir um anestésico local. Ela com as mãos no bolso, olhou para frente.

— Nossa! — Levantei as sobrancelhas.

— Você pode escolher — falou e sumiu com as mãos dentro do jaleco branco.

Eu por um segundo esqueci os calcanhares latejarem. Aquilo era para mim naquele momento um cofre aberto cheio de barrinhas douradas e reluzentes de ouro. Nunca vira tantas marcas de curativos de todos os formatos, tamanhos, cores, texturas, aderências. Duas prateleiras inteiras enfileiravam mais de vinte marcas com suas variadas ofertas de caixas. Escolhi uma grande com 40 unidades. Não importava ali o preço, poderia custar 500 reais que eu perguntaria se facilitava quantas vezes no cartão de crédito. Hei, o que era isso? Nas prateleiras de baixo havia alternativa, quero dizer, 10 delas. Esparadrapos longos, curtos, grossos, finos, transparentes, brancos. De todas as marcas. Comecei a pegá-los e achei o transparente incrível. Estava com os braços cheios de produtos e me recordei que não era uma loja de roupa, mas uma farmácia. Devolvi tudo e fiquei só com a caixa.

Meu coração apertou quando vi as costas do rapaz bonito ainda na fila. Voltei com a cara e desenvoltura artística de bailarina e acho que o som do toc toc do salto ou a grande energia que emanava em sua direção o fez virar. Ou será que apenas queria medir quantos havia atrás dele. O fato é que virou, abaixei imediatamente o rosto, tendo a certeza que minha habilidade dramática era extremamente limitada. Escondi a caixa abaixo do grosso livro que viera lendo no ônibus.

Agora já pago, eu tinha que fazer o caminho do calvário. Duas quadras até o prédio do trabalho. Não era uma cruz, mas podia sentir que sangrava. Na minha fragilidade me senti ironicamente muito forte. Era possível suportar a dor e enfrentá-la com coragem.

Usei de todos as técnicas, pisar mais para frente, mais para o lado, chutar o ar, pisar como soldado. Cada vez provava o que menos doía. Isso me distraiu até chegar a porta do edifício. Agora só falta o elevador. Depois, o banheiro com sua “porta da esperança” luminosa. Entrei em uma das divisórias, abri a caixa com o furor de um viciado em cocaína, rasguei um dos pequenos e delicados band-aid e acabei colando-o nos dedos. Eu tinha que ficar mais calma, já conseguira atravessar todo o campo de batalha!

Até então eu não tinha visto como estava meu pé. Sabia que se tivesse a ideia fotográfica da dor ela seria mais intensa e intransponível. Levantei a barra da calça, com o pé apoiado na tampa do vaso, tirei o sapato. Ali estava uma ferida aberta, sangrando. Limpei com papel higiênico apenas encostando e puxando logo após. Colei dois band-aid, um ao lado da extremidade do outro. De repente, uma onda de alívio se sucedeu como se uma descarga leve de morfina vascularizasse no meu sangue.

Toda a dor passara e eu me sentia cansada pela luta. Podia sentar ali no vaso e sentir meu suor ficar frio. Respirei profundamente, guardei a caixa na bolsa. Temi o primeiro passo, mas não doeu tanto. Era muito mais suportável agora com uma nova camada protetora.

Cheguei a sala do escritório agora com a cabeça livre para outra ansiedade: Vitor. Antes de abrir a porta seu retrato em minha mente se fez. Podia já imaginar que, ao abrir, ele levantaria seu rosto branco, de lindo sorriso e sobrancelhas grossas e perfeitas para me ver.

Meu coração disparou com a ideia. O prazer de antever a onda de satisfação era incrivelmente maior. Mas, esse segundo não veio. Ele não estava, ao menos não em seu lugar.

Passei o olho ao redor e ficou confirmado. Cumprimentei a todos e liguei meu micro. Mais uma vez fitei seu lugar vazio e senti a sala triste. Mas, era meu coração decepcionado. Aquilo deveria ser a falta trazida por muitos dias de convivência intensa.

Não perguntei imediatamente se sabiam sobre ele para não ficar tão na cara minha decepção. Podia muito bem ter atrasado, comecei a torcer silenciosamente por isso. Demorei mais do que costume e do que devia para começar a ler meus e-mails. Concentrei-me e esqueci meus pés, já descalços sob a mesa.

Três horas depois, ouvi uma voz bem longe risonha. Meu coração foi quem reconheceu primeiro e saltou pulsando como um sapo coaxando na minha garganta. Segurei com toda a força a cabeça para não olhar. Mas, não foi possível conter o canto do olho que o vi chegar para sua mesa. Sentou-se. Levantei alguns insignificantes graus para rapidamente contemplá-lo. Era o mínimo de alegria que eu merecia depois de um começo de dia tão árduo. Estava ali, de lado, arrumando sua mochila no chão. Nenhuma e qualquer palavra para mim.

Continuei escrevendo no meu caderno as tarefas do dia. Não conseguia me lembrar nem das mais urgentes. Fazia um esforço tremendo como se estivesse no mais difícil teste de raciocínio lógico. Ser ignorada por Vitor era o pior incentivo para minha cognição.

Ele mudara assim desde que eu o pegara conversando na varanda com o espírito de um velho senhor. Sabíamos que só nós dois poderíamos percebê-lo, no caso, eu via e ele ouvia. Nossos sentidos eram complementares. Só agora me ative para esse detalhe. Eu fizera uma leve provocação naquela noite quando perguntara se acreditava mesmo ser alguém que eu conhecia há tempos, há séculos e se isso significava ter vivido em alguma das vidas como um cavaleiro. Pelo visto, a ideia era indiscutível e eu tinha cometido o crime de contestar seu dogma. Como punição agora eu era para ele um dos espíritos que só poderia ouvir, mas não enxergava. Fui deletada de seu campo de visão.

Eu queria unicamente viver todas as minhas fantasias de amor-perfeito com Kali. Mas, Vitor era agora meu amigo, que aquecia meus dias e me fazia sorrir. Era muito egoísmo querê-lo sempre me abastecendo de forças, se isso também demandava guardar sozinho os sentimentos que devia nutrir por mim. Eu aceitei esse meu lado mal e pensei em mim quando abri um e-mail endereçado a Vitor e lhe perguntei se estava tudo bem, afinal, demorara para chegar. Não queria nem ouvir meu superego falando que isso era uma bandeirona de torcida organizada que podia ser vista de um satélite. Eu tinha vontade de mudar o clima e iria fazê-lo.

Ele respondeu secamente: “Estudei um pouco mais para uma prova”. Comentei no segundo e-mail que ele “podia ter estudado durante o feriado.” Para o que devolveu “Não valia à pena”. Abri uma segunda tela de e-mail e comecei a escrever para Kali como prometido.

“Oi, Kali.

Não pude lhe atender àquela hora, infelizmente. Queria que você soubesse que pensei em nós durante todo o fim de semana. Gostaria muito de estar ao seu lado. Quando voltará ao Brasil? Me conte tudo como vão as coisas aí. Beijos. Tamires.”

Ao enviar o e-mail, senti que as palavras tinham sido carregadas demais, confeitadas além da conta, até beirar o enjoativo. Na verdade, eu o estava enganando, a maior parte do tempo minha mente estava em Vitor. Enquanto por um segundo eu pensava nos efeitos daquela mensagem, meu cérebro leu o texto automático da minha ferramenta pessoal de e-mail. “Sua mensagem foi enviado com sucesso para Vitor”. Eu senti que o computador se transformou em três na vista desfocada. Eu deveria ter lido errado. Abri a caixa de itens enviados. Sim, eu tinha colocado o endereço de Vitor automaticamente, já que antes mandara e-mails para ele. Seu nome estava de tal forma impregnado na minha cabeça que cometera esse erro mortal.

Ele ainda estava sentado lá. Precisava deletar aquela mensagem em seu computador. Pensei em ligar para a recepcionista e dizer que havia um telefonema para ele. Assim, se levantaria e daria tempo de eu correr até sua mesa. Não, isso poderia ser transferido pelo ramal. Hum... E se ligasse da portaria? Alguém reconheceria minha voz. E se pedisse para uma amiga ligar. Não, Vitor me ouviria com seu poder. Eu poderia derrubar sem querer um copo d’água no seu computador, chutar o estabilizador, pegar uma jarra e quebrar em sua cabeça, cortar a luz do prédio.

Enquanto eu estava em total estado de pânico, ele levantou para ir ao banheiro. Fiquei de pé e quase esqueci que estava descalça. Eu iria até seu computador e deletaria. Não queria saber das consequências. Não haveria nenhuma pior do que se ele lesse. Jamais gostaria de vê-lo sofrer por mim. Era evidente que sentia algum afeto e não desejava destruí-lo porque gostava do modo como cuidava de mim.

Parei na frente do seu computador e vi que o ato já tinha sido consumado. O e-mail estava marcado como lido na sua lista. Fechei os olhos por um segundo e me odiei tanto por ter sido tão descuidada. Agora eu me sentia duplamente má. Quando abri novamente os olhos, ele já caminhava em minha direção como um boneco de cera vindo do museu, duro, pétreo, frio, inexpressivo.

— Eu te mandei um e-mail errado. Desconsidere, por favor — pedi secamente.

— Eu percebi. — Sentou-se de costas para mim. — Pode deixar. — Com um clique fez o objeto da minha condenação a sua indiferença sumir da lista. Eu tinha certeza, porém, que não havia nenhum dispositivo dentro do seu coração para apagar tudo que lera com tanta facilidade.

Voltei para minha mesa e vi uma resposta para essa maldita mensagem. E era do próprio Vitor, que possivelmente mandara antes de ir ao banheiro, enquanto eu bolava um plano para jogar seu computador pela janela. “Acho que mandou para a pessoa errada”, dizia e imaginei o incômodo que sentiu para me avisar.

Se eu ainda trabalhasse com Priscila, usaria da nossa amizade para pedir-lhe o dia de

folga. Eu estava totalmente fora do eixo. Mas não era o caso e prometi a mim mesma que afastaria todo pensamento que levasse a Vitor, eu tinha que trabalhar!



Minha amiga Gisele foi a primeira pessoa confiável que eu vira hoje desde que saíra de casa. Perguntou-me que cara horrível era aquela e se sentou ao meu lado na escadaria da faculdade. Contei-lhe o erro da troca de endereços de e-mails e ela voltou a perguntar mais enfática “se eu estava bem”. Não precisava colocá-la a par do significado que Vitor representava agora no meu hall de pessoas a quem tinha consideração porque isso já fizera na longa ligação que tivemos por telefone quando eu chegara de viagem.

— Eu não quero te fazer se sentir pior, mas ele podia ter passado sem essa hoje. Como pode demonstrar dessa maneira que gosta de outro? — Jogou na minha cara minha perversidade que eu tentava atenuar com esforço, dizendo-me que todos podem errar.

— Tudo bem que ele não precisava saber, mas é o que sinto pelo Kali.

— Sente mesmo? — Desacreditou e seus olhos puxados de oriental desconfiaram.

— Lógico. Eu quero que ele volte.

— Sinto que fala isso para se convencer.

— Não me confunde mais a cabeça, por favor — pedi quase chorando de fraqueza, não tinha mais forças para nenhuma aula hoje, estava me arrastando. Mostrei-lhe o pé todo destruído. — Não posso nem andar. Inchou, está todo machucado...

— Que coisa horrível. Onde comprou esse sapato, em sexy shop na sessão fetiche sadomasoquista?

— Pois é. Nem me pergunte como aguentarei pegar o ônibus, ir para casa e ainda andar quatro quarteirões. Eu vou ter que fazer isso descalça...

— Vem, a aula vai começar e esse professor é um carrasco com o horário da chamada.

Ela me puxou pela mão e fui mancando. Vi que estava ruim mesmo e liberei para que corresse na frente e pegasse dois lugares ao fundo. Naquela aula, as últimas carteiras eram os lugares mais disputados.

Gisele cochichou baixinho, enquanto o professor fazia um esquema na lousa:

— Não tem ninguém que possa vir te buscar de carro? Estou com pena de você. Se calçassemos iguais, eu poderia trocar contigo.

— Obrigada. — Sorri-lhe pela solidariedade.

— Não é possível. — Ela pegou o meu celular em cima da mesa e começou a vasculhar minha lista de contatos. Perguntou por alguns nomes e ouviu uma impossibilidade

para cada um. — E esse? — Virou o celular para mim. Parei de escrever na folha do fichário e olhei o nome de “Vitor” no visor. Meu coração reconheceu aquela palavra com uma pancada mais forte.

— Ele não é o meu motorista particular.

Eu acho que o único antídoto para ficar bem era o próprio veneno que ferira meu dia: Vitor. Ele era a dor e a cura, essa ambiguidade tão atraente. Se pudesse tê-lo perto sem provocar nenhuma consequência, não escolheria outra coisa e ligaria imediatamente. Mas, não havia atos sem efeitos.

— Hum... Vocês de quebra poderiam resolver a situação do clima chato... — Ela começou a teclar nos botões do aparelho.

— Não ouse fazer isso ou eu nunca vou te perdoar.

Ela me ignorou, mas fiquei tranquila. Não seria capaz de enviar nenhuma mensagem para Vitor. Sua brincadeira tinha um limite e destinava a me fazer sorrir e levantar meu ego.

— Veja se ficou bom. — Mostrou e eu tentei pegar. — Ân-h-ân-h — Afastou e eu franzi o queixo de irritação, mas aceitei ler sem tocar. Dizia “Vitor, preciso muito de você essa noite, me ligue, por favor.” — É só mandar.

— Deixa eu ver se caiu algum parafuso seu aqui no chão, hei, está ali — Aproveitei para ironizar quando o professor se virou novamente para o quadro.

— Você tem que batalhar mais pelas coisas, Tatá. — Ela tentou vencer-me pelo cansaço.

— Batalhar é uma coisa, me atirar nele é outra. Será que não entende, eu quero o outro.

— Não é assim que vemos aqui fora. — Ela falava tão baixo que eu precisava virar o rosto para o lado pra escutar, fingia que fazia isso para pegar uma melhor posição para escrever. — Você fala do Vitor com um brilho e sorriso nos olhos e do Kali, sempre com uma cara desmotivada — explicou como a melhor avaliadora da relação que todos entendiam, segundo ela, menos eu.

— Claro, queria que fosse o contrário? Ele está em outro país e Vitor está aqui perto.

— Goste de quem está aqui perto!

— Meu coração não é uma máquina programável! — murmurei sem mexer muitos os lábios.

— Pense rápido quem realmente queria que estivesse agora aqui, contigo, só essa noite.

Silenciei, a imagem de Vitor aparecia em primeiro lugar. Mas, eu dei a desculpa para mim mesma de que estava condicionada pela culpa de estarmos estranhamente naquela fase

oscilante da repulsão. Quando entrasse no período de cumplicidade eu só pensaria em Kali em primeiro lugar.

— Por favor, pare de me torturar — pedi.

— Senhoritas Tamires e Gisele, poderiam compartilhar com a turma a análise que estão fazendo egoisticamente sozinha do caso exposto? — O professor falou solenemente e todas as cabeças que não estavam dando a mínima para aquela aula extremamente chata voltaram-se para trás.

Senti um novo bolo no estômago. Eu limitei-me a abaixar a cabeça e mesmo assim poderia vê-lo caminhar em nossa direção. Sabia que seríamos humilhadas e expulsas para o restabelecimento da ordem e do seu poder. Continuei a escrever na folha para demonstrar-lhe que estava fazendo uma cena desnecessária, que eu seria hoje inofensiva a sua aula. Só que meus dotes teatrais não o convenciam. Ele já tinha começado sua encenação maior.

— Tudo isso por causa desse telefone? Já não disse que não quero esses aparelhos em sala de aula? — pegou-o.

Gisele olhou para mim com um semblante de terror que me fez tremer. Ele começou a apertar os botões como se quisesse aprender o manuseio de um controle remoto que acabou de comprar.

— Não sei desligar isso. Enfim... — Começou a voltar para o seu lugar, o que me aliviou muito. Não seríamos expulsas. Não estava com disposição física e psíquica para aquilo. — ... Vou deixar aqui em cima da mesa. Se alguém ligar, eu atendo pra você, tudo bem?

Ouvi algumas risadinhas da turma e só me restou olhar mortalmente para Gisele. Ela escrevia rapidamente em uma folha rasgada de papel que atirou para mim:

— Eu ainda não tinha apagado a mensagem. — Li e amassei o papel com força.

O ar-condicionado jogava o ar frio em cima de mim e congelava até o meu pensamento. Meus olhos ficaram fixos no aparelho em cima da mesa. Meu coração praticamente não batia em letargia. O estado de exaustão me petrificou. De repente, o celular começou a vibrar. Eu conhecia muito bem aquele som trêmulo. Fechei os olhos e ouvi o primeiro toque baixo. Depois médio e o último bem alto foi interrompido. Quando abri novamente os olhos, o professor já estava com ele no ouvido.

— Alô? — Ele colocou a mão no bolso e virou-se para a turma a fim de compartilhar aquele momento de piada com todos. — Sim, sim, esse é o telefone da senhorita Tamires. Quem fala?

Algumas das cinquenta cabeças a minha frente viraram-se para assistir as minhas reações. Nada tão diferente e sensacionalista havia acontecido naquela disciplina até o dia de hoje. Não era uma coisa a se perder com todo o requinte de detalhes.

— É o Vitor? Ân... —

Eu virei-me para Gisele e esta ficou em silêncio, eu podia ler seu pensamento sobre eu não lhe perdoar se aquela mensagem fosse enviada.

— Aqui é o professor dela de Direito Penal. Você pode ligar em um horário que não atrapalhe a aula? — pediu com um tom de educação extremamente falso e irônico. — Mas, se quiser deixar um recado, eu posso dar. — Ele cruzou os braços e ficou olhando para o teto. — Não? Tudo bem. Disponha. Tchau... — Apertou alguns botões e, desistiu, jogou o aparelho na mesa como uma casca podre de banana. — Ele ficou meio assustado. É seu namorado? Se for, vai ter que explicar que eu era seu professor mesmo.

Todos riram, menos eu, pétrea, destinando-lhe o meu olhar mais ferido e mortal possível.

— Ficou brava? Fiz alguma coisa séria? — Agora sua voz era realmente humana e preocupada. — Qualquer coisa, se precisar estou aqui. — Voltou-se para o quadro. — Turma, voltando aqui... Tamires... — Ele interrompeu mais uma vez seu raciocínio. — Foi só uma brincadeira, tá? Quero que entenda que você estava atrapalhando a fluência da minha aula. Mas, vamos lá...

— Desculpe, amiga... — Ouvi o desespero de Gisele ao meu lado, mas a ignorei.

Eu estava tão humilhada, tão cansada e dolorida, que nada me atingia mais. Esperei os minutos que faltavam e, quando a aula finalmente terminou com a chamada, eu levantei. Gisele tentou se desculpar novamente, mas eu apliquei-lhe o golpe de Vitor essa manhã e fingi que ela era invisível.

Caminhei pelo corredor com muita dor nos pés. Segurei a bolsa pesada no outro ombro e as pastas com dois livros grossos no braço direito. Desci vagarosamente a escada. Cada degrau era uma lamentação. Eu pensava que Deus não me puniria com dois erros no mesmo dia. Mas, era justo meu castigo. Eu estava mexendo com os sentimentos de duas pessoas ao mesmo tempo. Nem acreditei que cheguei ao nível da calçada.

Quando olhei para frente, vi uma miragem. Era Vitor, parado ao lado do seu caríssimo carro preto reluzente. Estava levemente inclinado como um modelo de peça publicitária de fabricante de carro.

Não queria aceitar que aquela mensagem enviada errada e toda a humilhação e chacota na sala tinha aquela consequência positiva do meu coração disparando pancadas como uma metralhadora.

Vitor estava ali na minha frente. Ainda sério, frio, mas tão lindo quanto eu podia me lembrar. O cabelo com alguns fios brincando em sua testa, o casaco branco e o jeans azul-claro com uma pequena trama desfiada no bolso direito onde tinha a mão aquecida do frio. Um relógio prateado brilhante.

— Eu não sei nem por onde começar... — Suspirei, já bem perto. — Se vai acreditar ou não... Mesmo assim vou contar. Eu estava na aula reclamando da dor nos pés... — Quando

comecei minhas palavras saíam com uma voz tão trêmula, falha, ridícula. — ... e uma amiga pegou o meu celular para ver quem da lista poderia vir me buscar. Foi quando ela achou o seu número. Eu já tinha falado de você pra ela. — Aquela observação era totalmente dispensável, mas já tinha saído e eu não poderia retirar. O seu efeito foi um começo de sorriso no canto da boca de Vitor. — ... Eu disse a ela que de modo nenhum. Você não era meu motorista e eu podia me virar sozinha. Foi aí que ela, para mexer comigo, escreveu aquela mensagem. Era só uma brincadeira porque eu estava meio triste! — Está aí outro detalhe em excesso, mas continuei de peito aberto. — O professor acabou tomando o aparelho e apertou algum botão. A mensagem foi enviada. Eu juro que não estou mentindo. Parece realmente mirabolante, nem eu seria capaz de inventar algo assim. Se me contasse, eu também não acreditaria. Mas... você mesmo falou com ele ao telefone. — Nunca pensei que pudesse agradecer ao professor ter feito aquele teatro todo. Serviu-me muito bem como uma carta de credibilidade. — Eu sei o quanto seu tempo é valioso, que tinha uma prova hoje, que deve estar cansado da viagem, que acordou cedo para estudar, que não é meu motorista, que nem precisa estar aqui. E... — Engoli em seco, estava já com a garganta sem saliva. — ... não tínhamos o direito de ficar brincando para te trazer até aqui por engano — Suspirei. — É isso. Agora, desculpe, mas pode ir.

Vitor levantou as sobrancelhas e abriu um largo e grande sorriso. Aquele que eu pedi intimamente para ver o dia inteiro. A pergunta de Gisele era pertinente: “Quem você queria ver se pudesse hoje?” A resposta estava materializada e confirmada na minha frente: “ele”. E eu não sentia mais raiva alguma de minha amiga, ela tinha me proporcionado isso. Era certo estar feliz em ver o Vitor se amava Kali? Mas, se não ia voltar, eu teria o direito a uma felicidade pequena, boba, simples, como ver um amigo?

— Acabou seu discurso de defesa? — Brincou e senti tanto alívio e saudade de seus zombamentos comigo. Gi estava certa, sentimos saudade reais do que vivemos.

— Eu poderia reescrevê-lo melhor se me desse tempo. — Soltei o ar dos pulmões que segurava por muito tempo.

— Apesar de toda essa história... ãnh... mirabolante... Posso saber a verdade?

— Qual?

— Você precisava de mim? — perguntou.

Meu coração disparou. Eu sabia a resposta que ele queria. O mínimo que eu podia fazer era não lhe negar isso. Não era mentira que precisasse dele, de sua companhia, de sua alegria, do seu belo e encantador sorriso.

— Eu não sei como vai interpretar isso, mas... Que bom que está aqui.

Vitor virou-se de lado, olhou para a rua, sorriu se sentindo acima dos humanos. Destravou o carro com um aperto polegar na chave e destrancou a porta.

— Eu juro que posso ir sozinha. — Tinha que deixar claro que não era aproveitadora.

— Vai fazer eu ter vindo em vão? — Abriu a porta pra mim.

— Tem certeza? — Desci no nível do asfalto, coloquei a mão na parte superior da porta e hesitei antes de entrar.

— Tem certeza que não quer ir? — Seus olhos na mesma linha dos meus, brilhavam mais escuros, mas ainda sim belamente amendoados.

Entrei. O celular vibrou no meu bolso. Enquanto Vitor dava a volta, eu abri a mensagem de Gisele: “Desculpe se atrapalhei. Mas, se ajudei, você me deve essa.” Sorri, estava me sentindo extremamente leve e feliz agora. Olhei para a faculdade, não a achei. Ela deve ter nos visto de algum ponto.

— Onde está a caminhonete? — perguntei.

— É do meu pai, esse é o meu. — Ele olhou para trás para tirar o carro da vaga. Levantou o braço para apoiar no encosto do meu banco e seu perfume estava maravilhoso, me deixando com os pensamentos embaralhados.

— Cuidado, aqui há radares, hen... — Brinquei.

— É, por isso que gosta tanto da cidade. — Ele riu.

Gisele estava certa, meus momentos com Vitor sempre me faziam feliz. Não 100%, mas uma boa maioria sim, o que se podia chamar de “sempre”.

Vitor estava em carne, osso, músculos e beleza impactante me pedindo para ajudá-lo a se guiar para minha casa. Isso era como um passe de mágica entre uma aula torturante e um momento maravilhoso. Expliquei-lhe com detalhes e ele observou que era caminho da sua. Eu falei com alívio que ficava contente de não lhe dar tanto trabalho, então.

— Você disse que tudo começou com seu pé? — Ele franziu a testa.

— É, ganhei um sapato que me machucou muito. Não conseguia nem andar... — Aquelas palavras me lembravam da dor e fiz uma careta.

— Deixa eu ver.

— Não...

Ele já tinha ligado a luz e estávamos em um sinal fechado. Mostrei-lhe.

— Meu Deus, você é de alguma seita que sacrifica as pessoas? Coloca giletes nos sapatos?!

— É sempre assim, depois o couro amolece e fica ótimo.

— Esse é o método? Já ouviu falar de um spray que faz isso?

— Já... — Revirei os olhos. — ... Mas, hoje sai com tanta pressa, não deveria ter estreado dessa maneira... — Minha voz saiu muito cansada.

Vitor virou na esquina errada. Expliquei-lhe que não era esse o caminho. Mas, pediu para me acalmar, que sabia o que estava fazendo. Parou na esquina de uma farmácia. Pediu para esperá-lo ali dentro e deixou o pisca alerta aceso. Pelo que eu lembrava das suas habilidades com escolha de papel higiênico, eu poderia dormir no banco. Vitor ficaria perdido naquela sessão de curativos. Devia ter lhe dito que já tinha aqui uma caixa de band aid na bolsa. Ele me surpreendera tanto com essa parada repentina que, quando lembrei, já estava longe.

Tentei ligar, mas o seu celular vibrou no porta-moedas. Ele deixara aqui. Peguei o seu iPhone nas mãos e imaginei sua cara quando a mensagem enviada na aula chegara. O que estava fazendo no momento, o que pensou, o que sentiu? Minha primeira pergunta quando voltou, e nem demorou tanto assim, foi como sabia que eu estudava lá.

— Você está falando com um hacker, não foi muito difícil usar o Google maps e as informações da sua ficha no trabalho.

— Não estava na faculdade naquela hora?

— Sim, mas liguei para o trabalho e peguei seus dados.

— Uau, encarou como um desafio — comentei e senti que ele ficara sem jeito, hoje eu estava terrível com a escolha das palavras.

— Trouxe umas coisas para minha convalescida.

Foi a primeira vez que usou o pronome possessivo “minha” para se referir a mim. Confesso que gostei. Eu não era de ninguém e ser parte de algo de Vitor mexia com meu ego. Ele também era uma parte boa dos meus dias.

— Pensei que só entendesse de duas coisas, placas-mãe e motor 4x4 de carro.

— Eu tinha muitos machucados também quando era menor e fazia equitação, as botas novas eram horríveis...

— Você era tipo, como se chama, um jóquei?

— Hum... isso — respondeu e abriu o lacre acrílico de um spray, senti que não era bem isso que entendia como o esporte que praticava. — Deixa eu ver.

— O quê?

— Como o quê? O motivo para sua ligação para o 192. — Brincou.

— Não vai jogar isso em mim. — Meus olhos estavam amedrontados.

— Não arde, te garanto! — falou um pouco impaciente com minha fraqueza.

— Nem pensar, não acredito em você, não tem palavra... — falei aquilo sem pensar, para variar e me arrependi logo após, mas já era tarde.

— Não diga mais isso. Eu cumprio tudo o que faço. — magoou-se.

Algo em sua voz dizia que a ênfase no “eu” se referia a seu amigo Kali como o outro descumpridor de promessas, ou era uma livre interpretação da minha cabeça? O fato é que não era justo tratá-lo assim, depois de tudo que fazia por mim. Tinha que agradecer por não sofrer em algum ônibus agora.

— Jura que não arde?

— Se arder, pode me cobrar o que quiser!

— Hum... — fechei os olhos e encolhi o pé para cima do estofado do banco. Ele apertou o jato que umedeceu o local. — Aiiiiiiiiiiiiiii...

Ele arregalou os olhos assustado.

— Brincadeira. — Ri. — Não doeu nada mesmo.

Vitor soltou o ar, aliviado. Eu o tinha realmente assustado.

— Era só para poder pedir o que quisesse depois — falei timidamente e deixei sem medo que colocasse no outro pé.

— Ok, dependendo, eu deixo pedir. — Abriu o esparadrapo e tirou um pedaço com um canivete pendurado em seu molho de chaves.

Será que se eu tivesse escolhido o esparadrapo não estaria com dor agora? Bem, mas também não estaria sob o cuidado das mãos dele. Que pensamento mais macabro!

— Pronto, você vai sobreviver, o benzeno deve ser bem pior — lembrou-se da história que lhe contei dos refrigerantes zero.

— Você lembra de tudo que falo?

Vitor não respondeu. Guardou tudo em um saco e colocou no meu colo. Falou para a flanelinha que não ia pagar nada porque já estava de saída. Eu tinha que parar de fazê-lo perceber que dava muita importância para mim. Não era bom para Vitor conviver com essa ideia e ler coisas apaixonadas que escrevia para outro. Eu tinha que ser minimamente uma boa amiga.

— Como voltamos para nossa rota? — perguntou.

Expliquei-lhe. Quando parou na porta da minha casa, eu sentia que a diversão tinha acabado. Começava a ficar já com saudade da sua presença calorosa. A chuva caía bem fina.

— Não sei o que posso fazer para agradecer. — Sorri.

— Pensei que era você que podia fazer o pedido — falou com a mão ainda no volante.

— Eu não tenho o direito de pedir mais nada...

Se não fosse a existência de Kali, eu teria colocado minhas mãos em seu cabelo,

puxado seu rosto para mim e beijado seus lábios com toda a vontade para provar se era quente. Queria sentir sua mão na minha pele enquanto provava sua língua, seu gosto, seus lábios... Não precisava ser um beijo de amor, mas de carne, de toque... Só um beijo que eu esqueceria se não fosse importante.

Fechei repentinamente os olhos para apagar a imagem. Abaixei a cabeça, peguei a sacola dos curativos, a minha mochila, livros, pastas, sapatos. Não tinha mãos para abrir a porta, mantive-as bem ocupadas para não tocar nele em nenhum ato impulsivo. Vitor esticou o braço e abriu, sem deixar o seu último golpe sobre mim, um olhar tão perto da minha boca que, se não tivesse fugido, teria feito o mesmo que se passava em sua cabeça.

— Boa noite, Cinderela — sussurrou com uma voz de anjo.

— Boa noite. — Sorri já do lado de fora, não ligando nem um pouco para a chuva que me molhava. Não era difícil imaginá-lo como um príncipe.

— Para te buscar todas as noites eu vou ter que comprar um sapato desses para você?

Eu balancei a cabeça para os lados e me virei para entrar.

Em casa, minha mãe me perguntara se eu estava bem. Respondi que sim, que era só um sapato novo e corri para o meu quarto. Queria logo ficar sozinha e ter a privacidade de abrir aquele sorriso que me entregava. Abri as mãos e deixei tudo desabar no chão. Deitei de costas na cama, senti o coque do meu cabelo me incomodar. Soltei-o. Abri o zíper da calça e a tirei com pequenos chutes no ar. Estava mais livre para respirar.

Meu Deus, eu estava terrivelmente cansada.



Aquela manhã, meu irmão e eu estávamos de mau humor e não era a rabugice típica do início de todos os dias. O motivo estava em cima da minha bancada de estudos no quarto: meu, nosso, computador. Desde que o dele quebrara, o meu era o único subterfúgio, com as devidas regras, claro: eu tinha o direito de usar no período da noite.

Dessa vez, a pane não escolhera privilegiados. Estávamos ambos offline. Sentíamos-nos como habitantes das cavernas friccionando gravetos com as mãos. Mamãe não podia mensurar o quanto a tela do monitor abria uma janela para um mundo fantástico. Agora ela estava fechada e interditada para nós.

As contas a pagar desciam o conserto para a prioridade 25 da lista da minha mãe. Que fizéssemos pesquisa na biblioteca e escrevêssemos os trabalhos a mão, colocou como alternativa. Troquei um olhar complacente com meu irmão e demos um desconto a ela dê um sermão sobre como aquele universo estudantil não existia mais.

— Quando seu pai e eu nos conhecemos não tinha e-mail, nem celular... — lembrou-nos com uma voz de superioridade enquanto lavava um grande tabuleiro de bolo de alumínio de costas para nós.

— Nem Twitter, nem blog, Facebook... — murmurou ele, certo de que só eu poderia ouvi-lo.

— Os jovens jogavam bola, soltavam pipa. A gente sabia flertar. — Ela virou-se abruptamente com a esponja de louça na mão, esparramando gotas de espuma para todos os lados. Pareceu nos revelar uma tendência superavançada que não alcançaríamos em nossa geração.

Se ela soubesse tudo que a gente sabia fazer, ficaria com os pelos da nuca eriçados. Essa realidade me fez sorrir. De início pensei que meu irmão pudesse ter lido meu pensamento, porque sorria agora também, mas depois vi que era só o começo luminoso de um grande plano que tivera. Este envolvia, claro, uma competição entre nós. Ele sempre em busca de emoções:

— Ta, que tal um desafio? Quem conseguir alguém para consertar o computador primeiro tem prioridade — sussurrou para que minha mãe achasse que ainda escutávamos suas lições do tempo moderno.

— Não é justo. — Fiz uma careta de quem não admite ser tida como idiota. — Eu não ganhei meu salário ainda.

— Aí está o desafio, garota. — Atirou uma pequena bola de miolo de pão em meus braços agora cruzados na defensiva. Inclinou-se ainda mais e pendeu a cabeça para o meu lado. Fui obrigada a me aproximar para conseguir ouvi-lo. — Será de graça.

— Aposto que já tem alguém em mente. — Ri, irônica, ainda não tinha me soado como um desafio, mas como um massacre bem justificado.

— Pior que não... — negou. Eu conhecia quando falava a verdade. — Mas, me diga que você também não tem amigos nerds? — Quis me convencer da igualdade competitiva.

— Hum... — Olhei para o alto e passei uma rápida lista mental, não lembrei de nenhum específico, mas meus registros indicavam intuitivamente que sim. — Ok. Qual o prazo?

— Quatro dias?

— Não tenho tempo livre, eu trabalho, eu estudo, eu...

— Não espera ficar mais que isso sem internet, né? — irritou-se. Aquela era uma conversa entre dois dependentes, deveria implicar o menos tempo possível. Ainda mais que eu precisava entregar uma resenha amanhã. — Quatro dias é o limite. — Não quis mais saber minha opinião, apenas esperou o olhar de consentimento.

— Certo. — Peguei minha pasta em cima da mesa e saquei o celular da bolsa. —

Você vai me implorar para usar — desafiei.

— Então... — Levantou-se também, se espreguiçando todo. — ... É melhor limpar a sua bancada porque ele vai para o meu quarto. Terá mais espaço livre no seu.

— Ha-há. Essa vamos ver... — Forcei um riso e me preparei para sair. Dei um beijo em meu pai que lia o jornal na sala.

No ônibus, eu repassei toda a minha lista telefone com o polegar esquerdo pressionado na seta apontada para baixo do celular. Ainda embebida em uma onda de frustração, uma cena cruzou meu pensamento, Gisele fazendo o mesmo procedimento para encontrar alguém que me buscasse em casa por causa dos meus sapatos novos. Meus pés agora estavam confortavelmente acomodados em uma sandália macia e tinha muitos band aids nos locais machucados. Demoraria para cicatrizar, visto que não suportava ficar sem eles e, ao mesmo tempo, tendo que usá-los pela maior parte do dia, impedia que ficassem ao ar livre para fechar.

Passei pelo nome de Vitor, depois retrocedi. Parei e sorri abobalhada. As borboletas alçaram o primeiro voo matinal em meu estômago. Perder Kali fora um grande rompimento, mas ganhar Vitor como amigo fora um curativo atenuador.

Cheguei ao trabalho e, dessa vez, ao abrir a porta, ele estava lá como pensei. Fez o gesto esperado de levantar a cabeça sobre a baia e me destinar o primeiro olhar sorridente, com algumas rugas de expressão nos cantos. Eu me virei de costas para fechar a porta a fim de ter um campo cego em que não pudesse perceber minha recompostora. Puxei o ar e segurei para não rir, encontrei minha face séria e sóbria. Cumprimentei os outros, tentando evitá-lo.

Uma simples visão do seu rosto me quebraria todo o esforço. Sentei à minha mesa e apertei os botões do computador, abri a agenda, peguei uma caneta. Até eu acreditaria na minha encenação, não fosse meu coração com jatos de pressão bombeando meu corpo de sangue entorpecido de adrenalina para apagar o incêndio nos picos da minha euforia repentina. Esses descontroles físicos não estavam ao meu alcance controlar, pelo menos tinha que evitar aparentá-los.

Meu primeiro e-mail era de Gisele cobrando minha parte no trabalho para entregar. Minha missão de consertar o computador teria que ser concluída em um tempo menor ou eu teria problemas com o professor e meu irmão.

— Vitor? — Ouvi meu chefe chamar seu nome e isso borbulhou novamente meu coração quando eu já estava quase concentrada. — Como faço para colocar aquele aviso de ausência temporária no Outlook? Eu sempre te pergunto isso, né? — Riu.

Vitor levantou, passou pela minha mesa e, ao meu lado, inclinou-se sobre a do meu chefe, deu alguns cliques no mouse e concluiu aquela pequena e ridícula tarefa. Passei a mão na nuca e esqueci por alguns segundos o que escrevia. Já que seu corpo bloqueava o campo de visão de todos, poderia olhá-lo de costas sem que ninguém percebesse. Estava de calça jeans

escura, sapatos marrom e uma camisa branca para fora, despojadamente. Seu cabelo mais curto e úmido brilhava pelo provável gel que passara discretamente. O perfume era seco e amadeirado.

Seu corpo ficou ereto novamente e eu abaixei minha cabeça para minha agenda. Ainda assim, pude ver quando sua mão se apoiou na minha mesa. Acho que a mangueira das minhas veias murchou porque nenhum jato de sangue fluía mais, o coração estagnou no peito. O incêndio descontrolou-se e espalhou as chamas pelas paredes da minha pele.

— Como se sente? — perguntou diante de mim, mas não estava possibilitada a olhá-lo, seria um desastre completo.

Se ele pudesse ler meus pensamentos como conseguia ouvir minha voz a distância se surpreenderia. Eu me sentia exultante com sua proximidade, alegre por tê-lo como amigo. Grata também pela gentileza de ontem e, era sobre isso a que se referia.

— Foi só um machucado no pé... — Eu ri e o olhei, já achando que podia. Que tonta, quando vislumbrei seu rosto luminoso e com um lindo e grande sorriso aberto, entendi que ainda não tinha o controle absoluto sobre sua energia irradiada sobre mim.

— Não foi o que me pareceu quando pulou do carro descalça e meio tonta.

— Eu estava tonta? — Fiz uma careta e verifiquei se alguém tinha ouvido. Ufa, não tinha.

— Não... — Ele deliciou-se com meu constrangimento. — ... não estava. — Agora mentia para não me deixar sem graça, o que me irritava ainda mais.

— Hum... — Tomei coragem. — Vitor?

— Ân... — Continuou parado em minha frente. Eu poderia demorar mais que o necessário só para que não fosse embora tão rápido. Mas, tentei elaborar uma frase objetiva para não parecer que queria puxar assunto demais. — Eu...

— ...Desculpe interromper. — Meu chefe levantou a voz, furando a bolha em que estávamos.

— Claro — respondi baixinho.

— ...Vamos essa tarde na reunião, né? — perguntou.

— 4 horas? Sim, vamos, vamos... — Ele respondeu e voltou-se para mim. — O que ia dizer?

— Nada...

— Anda, menina... — impacientou-se.

Menina? Que visão estranha que tinha de mim. Devíamos ter a mesma idade e ele me considerava menor. Se levar em consideração que ele era mais forte, largo e experiente, bom...

eu até poderia ser uma menina. Mas, sua entonação denotava que eu era para ele alguém mais frágil, boba... Comecei com aqueles estranhos pensamentos de inferioridade. Algumas linhas apertadas na minha testa o angustiarão.

— Que foi? — perguntou.

— Nada... — Abaixei a cabeça definitivamente para a agenda e ele se foi.

Era bom mesmo que ficasse longe de mim. Vitor exercia um campo magnético ao nosso redor que descontrolava todos os meus mecanismos de reação e defesa. Não iria importuná-lo com uma aposta. Senti-me ridícula pela ideia e aliviada que tivesse evitado abrir minha boca.

Ele saía mais cedo do escritório e pareceu que a noite entrara mais rápido pela janela. Não era apenas a nebulosidade da tarde fria, era o brilho intenso que levava com ele. Podia agora olhar sem pânico de ser pega para sua cadeira vazia. Tomei minhas coisas nos braços e parti para a faculdade. Estava me sentindo vazia outra vez, com um buraco negro dentro de mim, onde eu caía girando em loops. — Ainda está muito brava comigo? — Gi sentou-se ao meu lado e eu, deitada com o queixo afogado na mochila, fechei os olhos brevemente e fiz que não. — Que bom, eu nunca ia querer te fazer nenhum mal.

— Eu sei, amiga... — Estiquei-lhe o braço e nos tocamos. — ... Foi até bom.

— Hummmm. O que isso quer dizer? — Seus olhos brilharam.

— Apenas me levou em casa! — Cortei suas elaborações que disparavam atrás de suas pupilas negras. — Não há nada entre Vitor e eu. — Tentei usar a voz mais tranquila que encontrei na garganta, mas sabia que não era verdade. Nada era muito pouco para o modo como reagia ao seu lado.

— E o outro? — perguntou para mostrar interesse forçado.

Engraçado como para ela Kali era o outro. Quando, na verdade, se tinha um outro, era Vitor. Se bem que esse posto não se encaixava para ele. Vitor era alguém muito especial, com seu lugar próprio e singular em minha vida.

— Respondeu que está muito bem nos EUA, trabalhando muito, fazendo algumas pequenas viagens de carro...

— É o que sempre diz... — Ela não quis completar, mas eu pedi que o fizesse. — ... Se ele somasse todas as pequenas viagens, já daria para ter vindo te ver.

Aquele cálculo foi assombroso. Expliquei-lhe que isso faria demorar mais, que não era simples, tinha que trabalhar...

— Ta, se ele quisesse mesmo, se atirava no oceano e vinha a nado.

— Ai sim que demoraria. — Ri para quebrar o clima, não deixando ver que suas palavras fortes e amargas eram pequenas agulhas enfiadas até o fundo do meu coração.

Meu celular vibrou na bochecha. Assustei-me e abri o bolso da frente da mochila. Tirei-o e vi que era uma mensagem. Vitor. Já não me surpreendia pega sorrindo:

“Se seu pé não estiver melhor, poderia ao menos mentir?”

Dei uma sonora risada e recostei-me para trás na cadeira, lendo mais três vezes para saborear o que cada letra produzia nas micro células nervosas do meu corpo.

— Deixa eu adivinhar, Kali se jogou no oceano? — Gi me fez lembrar que estava ali ao meu lado, eu estava tão absorta que esquecera as paredes da sala e os alunos alvoroçados. Mas, sua ironia denotava que já sabia por que eu mudara completamente de humor instantaneamente. — Ou é *seu* Vitor?

— Ele não é meu... — respondi sem tirar os olhos da tela que abrira para resposta.

— Sim, ele já é seu, Ta. Se você não quer tomá-lo para si, é uma recusa a que tem direito. Mas, ele já é inteiramente seu... — Sua voz não era animada. — Como pode não perceber?

Suas lições contiveram meus polegares. Ela fazia com que a relação leve e descompromissada entre Vitor e eu se tornasse um pacto de vida e morte. Não deixaria que me subtraísse aqueles segundos de prazer. Empurrei suas frases para a caixa das memórias menos relevantes da minha cabeça. Eu só viria a entender depois que nenhuma palavra é atirada ao ar para quem ama e as recebe com esperança.

“Toda mentira piedosa será perdoada...”, respondi.

Desci a escadaria da faculdade com pequenos pulinhos de felicidade. Parei na calçada e não vi seu carro preto e reluzente. Segurei o ar com a boca já aberta para soltá-lo. Uma breve e rápida angústia de desamparo quebrada por duas mãos sobre meus olhos. Relaxei os ombros com o ar liberado e o alívio fluindo como anestésico. Toquei com minha única mão livre uma das suas. A minha estava mais fria, mesmo assim apertei a sua e me virei. Ali ninguém nos pegaria se eu sorrisse completamente.

— Como foi a aula? — perguntou tão perto que ficava bem difícil a sobriedade.

Desde que me escrevera não lembrava mais de aula alguma, ansiosa pela hora de correr e ver seu carro me esperando. Meu coração não ia resistir muito tempo se eu não me acostumassem logo com sua companhia.

— Bem — respondi olhando sua camisa, não era a mesma que estava no escritório. Nem o cabelo ficaria molhado por tanto tempo... — E como foi a sua? — sondei se estava vindo direto da faculdade.

— Não tive. Estão consertando o sistema de luz que deu uma pane com a chuva de ontem...

— Ân... — Mordi a parte interna da minha boca com a primeira conclusão que me

ocorreu. Então, ele estava em casa, trocou de roupa e quis vir me buscar? A segunda não me trouxe felicidade: sendo assim, não poderia contar com isso mais? Por que eu queria tudo se já podia ter mais do que esperava? — ... Bom, obrigada, então, por ter vindo... Eu queria mesmo vê-lo — Deixei escapar tão fracamente que isso me fez estancar. Vitor começou a sorrir satisfeito com o que revelara que me desesperiei para emendar outro assunto. — ... Lembra que eu ia te falar uma coisa no escritório?

— Hum, lembro...

Como fazer agora com que não parecesse que só queria vê-lo por interesse? Tentei pensar em alternativa rapidamente. Não consegui e fiquei com uma cara completamente confusa.

— Fala — incentivou.

— Bom... Isso não tem nada a ver. Nem sei por que me lembrei disso agora... — Ri, tentando tirar todo o peso de conexão entre o que ia falar e meu desejo de vê-lo e esperei com toda força que se esquecesse daquela minha frase boba. — ... É, eu estou em apuros...

— Hum...? — Levantou suas duas sobrancelhas grossas e sorriu. Eu estava me comportando completamente infantil? — ... E eu entro para te salvar em que parte?

Eu abaixei os olhos, agora realmente tímida e com vergonha de pedir.

— Não, deixa... — Balancei a cabeça para os lados em transtorno. Ri, nervosa e comecei a gesticular. — Onde está mesmo seu carro? — Virei de costas para a rua.

— Está pra lá... — Não apontou qual direção, respondendo maquinalmente, ele não desistiria agora de me arrancar o que eu relutava em pedir. — Fala o que é!

— Lembra que ontem, no carro, me deu direito a um pedido? — perguntei. — Então, esquece e vamos...

Vitor já devia intuir como me desarmar. Puxou meu braço direito e me trouxe para perto deixando um espaço em que havia pouco ar para mim, estava quase tonta.

— Vai gastar seu pedido dessa maneira? — Ri e seu rosto inteiro se franziu. — Agora vai falar! — Foi mais enfático e enérgico.

— É... — Engoli em seco. — Por favor, não me ache uma aproveitadora... — pedi antes. — ... Eu sei que você entende tudo de computadores... — Tentei colocar daquela maneira para valorizá-lo. — ... O meu está ruim e eu preciso de ajuda.

— Era isso? — Ele me soltou e riu alto, aposto que todos que passaram ouviram.

Fechei a cara e bufei. Caminhei em qualquer direção e ele me puxou para que fosse para o lado oposto, apontou para o seu carro. Reafirmei que tinha certeza que me acharia uma boba, mas que não era nada que estava pensando, eu não queria explorá-lo. Pisava forte no chão que meu salto marcava a marcha até o veículo.

— Hei, hei... — Esperou que eu parasse junto a porta. — Eu não estou pensando nada! É claro que posso consertá-lo. Não estou aqui? — pendeu a cabeça para o lado e senti que se pedisse qualquer coisa esdrúxula, intocável, impossível ou até amaldiçoada ele buscaria nos confins do mundo para mim. Esse poder sobre ele era o que Gisele tentava me alertar. — Para quando você quiser...? — Apoiou a mão no teto do carro, mantendo o braço do meu lado como uma barreira, na altura do meu rosto. Seus olhos pousavam sobre mim com expectativa.

— ... Quando você puder... — respondi, mas lembrei do prazo do meu irmão. Aquela aposta idiota ainda devia ser levada em consideração. — ... Na verdade, eu preciso mesmo logo, tenho que fazer um trabalho e estou sem computador!

— Ân... Agora eu estou em época de provas... — comentou em voz alta como se estivesse organizando consigo as circunstâncias e, não, como se desse uma desculpa.

— Claro... — Coloquei a mão em seu peito. — Tudo bem...

Não estava tudo completamente bem porque perderia o desafio ao meu irmão e teria que servi-lo de lanches e suquinhos toda vez que quisesse me humilhar para usar o micro.

— Mas, eu posso fazer um pouco cada dia. — Não achou a ideia inviável, como um beija-flor que pode apagar o incêndio da floresta com uma gota de água por vez. — Às vezes, não é nem algo complexo assim... — Simplificou otimista. Para mim tudo era um grande desafio obscuro, já para Vitor havia os problemas técnicos grandes, médios e pequenos. Ele só não sabia o tempo que levaria, mas seja lá de qual tamanho, estava compromissado a assumir o conserto. — ... O que não resolve seu problema dois — lembrou-me e vendo minha confusão, explicou: — ... Não terá como fazer seus trabalhos...

— É. — Franzi a boca para o lado. — E tenho que entregar...

— Posso te emprestar o meu. — Arregalou os olhos.

— Como? — Quase dei um gritinho. Que ideia era aquela?

— Não vamos até sua casa agora? Eu pego, levo para minha e, amanhã, te levo meu laptop. Não se preocupe, lá em casa há o do meu pai e o da minha mãe, eu posso sobreviver.

— Ân... — O que dizer quando as palavras esvoaçaram de minha cabeça como folhas secas de outono em uma revoada de vento. Engoli em seco. — Mas... eu preciso entregar amanhã, à noite — impus essa dificuldade para medir o limite de seu alcance.

— Ótimo... — Não se deixou abater. — ... Vamos até a minha casa, pegamos agora, depois, passamos na sua. — Resolveu tudo.

— Você existe? — perguntei e não me arrependi de ter feito isso, não tinha como aguentar aquele pensamento crescendo dentro de mim. Isso o fez ficar estático, não esperava, ou tinha medo de contar com qualquer coisa, sabia quais eram as regras entre nós. — Você é real? — Toquei no seu rosto e sua pele era quente e macia. Senti uma energia maravilhosamente relaxante percorrendo meus dedos, pulsos e chegando até o meu coração.

Seus lábios se abriram para que pudesse respirar devagar. — Obrigada. — Dei um leve impulso para cima e alcancei colocar meus braços em torno dos seus ombros. — Obrigada... — Encostei minha cabeça em seu peito e demorou alguns segundos para que suas mãos hesitantes se fechassem atrás de mim e me apertassem. Fechei os olhos e aspirei o seu perfume. Vitor era um porto tão seguro para ancorar. Um anjo lindo, doce e alegre que me oferecia seus braços sem pedidos, sem escolhas, sem pressa.

— Deixa de ser boba, menina... — falou docemente com a boca entre meu lóbulo esquerdo e o canto do maxilar. — ... Senão, eu desapareço e verá que não sou real.

Afastei o rosto e o encarei com horror. Era a pior coisa que poderia sair de seus lábios. Não aguentaria perder mais ninguém. Nunca mais queria ouvir aquela brincadeira.

— Não repita isso! — Briguei com toda a mágoa e raiva nos meus olhos.

— Como quiser, desculpe. — Sorriu e esqueceu-se de me soltar, como se fosse comum desde sempre estarmos assim unidos, no calor de um círculo reconfortante. Abaixou a cabeça envergonhado. Senti seus olhos já fixos na minha boca e isso soou um alarme não apenas dentro de mim, pois me alertou. — É melhor irmos agora.

— Vamos — aceitei a passagem pela porta aberta e entrei.

11.

Vou te levar para casa (Vitor)

Estacionei o carro na garagem do subsolo e subimos. Meus pais estavam jantando. Perguntaram se vínhamos para isso, pois não estavam esperando. Disse que podiam ficar à vontade e levei Tamires comigo antes que ela passasse por qualquer interrogatório. No corredor do segundo andar, ela parou na frente dos quadros da época em que eu montava e competia.

— Você e Kali eram adversários? — perguntou com a testa franzida.

— Não deixávamos as competições de polo entre nós. Sempre fomos amigos — garanti-lhe.

Agora havia uma outra coisa entre a gente que abalava a certeza da amizade: Tamires. Mas, eu não deixaria que isso acontecesse. Não faria nada que ferisse nosso laço de irmão. Só iria até onde não pudesse prejudicá-lo.

Tamires entrou no meu quarto e pareceu gostar. Surpreendeu-se com a quantidade de livros. Se ateve a alguns quadros, mas gostou mesmo da grande varanda que ficava de frente para uma mata fechada.

Parado na soleira da porta, a contemplei de costas, com as duas mãos levemente repousadas no ferro que sustentava o vidro divisor. Braços abertos, seus lindos cabelos cacheados dançando com o vento em minha direção, como se fossem atraídos por um campo magnético que eu emanava.

Era como receber a visita de uma grande deusa em meu lugar-comum de mortal, pois não era possível alguém apenas de carne osso produzir toda ordem de sensações em mim ao mesmo tempo, um estado de extasia e alvoroço que só experimentava agora. Vinha, porém, junto um pânico de perda. Eu sabia que deveria aproveitar as migalhas que caía da mesa porque uma hora aquele banquete acabaria. O dono da casa se recolheria e a levaria, expulsando de vez o intruso para longe. Tentei não refletir sobre essas possibilidades, elas dificultavam muito minhas percepções.

Não sei o que Tamires via na mata verde-musgo e escura a sua frente, mas esperei que achasse mais interessante do que eu podia enxergar e se demorasse a tal ponto que eu conseguisse gravá-la na minha mente naquela posição para sempre.

Enquanto estava de costas, eu podia ser mais natural. Não veria nos meus olhos o desejo ardente e febril, isso a assustaria como um monstro a arranhar-lhe o vidro da janela de se quarto de madrugada. O amor que não se pode corresponder é afugentador, eu devia domá-lo. Meu corpo não ajudava muito, era ainda jovem e selvagem para se contentar apenas com o que podia vislumbrar, tinha a necessidade de senti-la.

Caminhei com passos leves para não lhe pegar de surpresa, mas também denunciar que eu chegava.

— Eu teria medo de dormir aqui... — Sussurrou. — ... Não saberia o que poderia pular daí para minha janela.

— Alguns mosquitos e lagartixas? — Brinquei seguindo a mesma altura do seu tom, um passo atrás, bem perto da sua nuca.

Ela riu e abaixou a cabeça. Me achava um bobo! Arghhh. Depois, voltou a ressaltar que tinha medo. Ergui a mão e contornei o arco do seu braço direito, evitando tangenciar a epiderme. O monstro não estava preparado para batalhas tão grandes, se feriria. Ela deixou a cabeça meneada para o lado direito, sem recusa, em silêncio, contemplativa. Já não fora a primeira vez que suspeitei sobre a sua expectativa de ver até onde podia chegar. Se ela soubesse o quanto era arriscado... Mas, esse era o objetivo: deixaria unicamente comigo as armas do crime e sairia incorruptível.

Em alguns décimos de segundo, as micro vibrações naturais da minha mão tocaram os finos pelos do seu antebraço. Em reação, afastei mais um pouco da superfície. Ao chegar ao ombro, não suportei mais a ansiedade de tatear a pele e toquei com a ponta dos dedos, que se fecharam em um punho rígido em seu cabelo. Afastei-o para o lado esquerdo com um gesto demorado e leve, escorregando as palmas das mãos em suas costas. Não queria estremecê-la com nenhum contato desmedido. Não foi meu o primeiro passo que uniu nossos corpos, mais seus pés regredindo alguns centímetros atrás. Esse sinal me guiou para fechar o laço dos meus fortes braços sobre os seus, finos, delicados e frágeis. Não devia lhe apertar muito para que não perdesse o ar.

Suas costas poderiam sentir meu coração tamborilando no meu peito, por certo. Estava agitado demais para que não se denunciasse. Mas, não havia nenhuma palavra. O silêncio tornava o ato puro, ingênuo, natural. Uma só explicação nos levaria para a posição de condenados. Só podíamos isso e já parecia muito.

Ela sentia o meu cheiro como eu aspirava também a fragrância dos cabelos? Fechei os olhos e guardei mais essa lembrança sensorial em um lugar fácil de buscar sempre dentro de mim. Só eu estava quente, ou não tinha frio no meu abraço carinhoso? Desejava muito lhe perguntar se via o que via, mas eu era um mudo diante de uma bela paisagem sem poder exclamar nada.

— Desse jeito, vou dormir aqui... — Com a voz sonolenta e doce, ela riu baixinho. Isso fez meu coração vibrar. Um sinal de que ela ficava confortável ao meu lado. Não aspirei

grandes significados daquela frase arrastada, já me contentava em ter a confiança de deixar tocá-la.

Não lhe negaria meus braços para que adormecesse neles por aquela noite, se me permitisse. Eu resolveria meu problema de insônia, pois descobriria que não havia por que dormir. Gastaria todo o tempo livre para admirá-la repousada. Aquela simples brincadeira alusiva me enchera a cabeça de fantasias e, em contra ponto, a consciência disparou alarmes de alerta. Só ficava mais tranquilo porque pensar não era proibido, não prejudicava ninguém além de mim com minhas ideias obstinadas por ela.

— Então, tenho que te levar para casa. Ainda há um trabalho a fazer — lembrei-lhe não gostando nada de bancar o chato.

Tamires gemeu de reclamação e se virou rapidamente, grunhindo baixinho que não queria. Só por aquela carinha de insatisfeita eu teria aprendido as leis e fórmulas jurídicas para fazer seu trabalho. Se isso me fizesse com que me devesse cada vez mais, quem sabe um dia teria um valor alto para requerer um segundo de uma realidade inviável?

— Você já tem o computador. Agora, preciso pegar o seu. Vamos? — chamei-a para entrar novamente para o quarto. Ela segurou pelo meu antebraço para se guiar e depois o soltou, já acostumada a ficar descolada de mim. Era tão fácil para ela.

— Onde conserta os computadores? O meu não deve ser o primeiro — perguntou enquanto descíamos a escada que dava na sala, mas não pude lhe responder. Eu via agora meus pais sentados no sofá trocando um olhar sorridente. Estavam torcendo por aquilo ser o começo do que queriam. Mas, coitados, não podiam ter aquela esperança e logo eu deveria comunicar isso. Se minha mãe soubesse que Tamires era a garota de Kali, seria capaz de proibir sua entrada na casa. Ela e a mãe do meu amigo eram como irmãs, eu cometeria o crime imperdoável de roubar um pertence de valor de seu sobrinho postiço.

Aquela noite pelo menos minha mãe ficaria pensando que eu esquecera minha ex de vez para ser feliz.

— Está tudo bem? — Tamires segurou minha mão e o contato quente e inesperado me sugou com força do túnel de pensamentos. Devo tê-la abandonado ao me resignar a andar em silêncio ao seu lado.

— Claro. — Sorri. — Eu conserto ali. — Mostrei que prestava atenção a sua pergunta.

— Naquela porta? — perguntou com uma voz e um passo à frente de curiosidade.

— Te mostro a próxima vez que voltar. — Abri o carro. Não lhe entregaria tudo, a faria se perder pelo labirinto com minha voz doce e confiante, a guiaria em voltas para que não pudesse sair. O quanto prolongasse minhas chances de estar com ela, usaria de todos os mistérios. Nada pode ater mais uma mulher que sua curiosidade.

Chegamos a sua casa já sobre avisados por Tamires para não pegar ninguém de surpresa. Pela hora, deviam estar prontos para dormir. O que encontramos, porém foi uma casa pequena e amarela muito ruidosa.

A sala era do tamanho do meu quarto, de móveis simples de madeira. Uma manta azul-marinho amassada sobre o sofá e seis almofadas desbotadas desarrumadas. O que mais me atraía fora o cheiro forte de comida.

— Hoje, é véspera de casamento, a noite está só começando... Que bom que não conseguirei dormir. — Ela sorriu e a acompanhei até a cozinha.

Era um amplo ambiente azulejado de branco com uma mesa de oito lugares forrada com um plástico de desenho de frutas. Quatro mulheres de lenços na cabeça e luvas cirúrgicas nas mãos tinham no colo enormes bacias de massa. Tagarelavam a uma altura e, ao mesmo tempo, que não sabia como se entendiam. Eram doceiras de Buffet de festas.

— Oi, gente! — A voz de Tamires quase gritando as interromperam. — Cadê os docinhos para eu provar? — Ela pulou para o lado de uma bandeja grande onde uma senhora arrumava os pequenos e delicados brigadeiros nas forminhas de papel-celofane franzido.

— E por acaso você é noiva para fazer degustação? — A mulher deu-lhe um tapa na sua mão de leve.

— Mas, vou ser em breve... — Ela riu e roubou um.

A mulher olhou para mim como se a frase tivesse haver comigo, parado no meio da cozinha despido pelo olhar das demais. Tamires apressou-se para me apresentar:

— Ah, mãe, esse o Vitor, um amigo que não conhecia ainda. Então, ele vai consertar o meu computador, acredita?

— Meu filho, a não ser que queira docinhos e salgadinhos como pagamento... — Ela riu e limpou as mãos que pareciam já perfeitamente limpas no pano de prato. Abraçou-me com dois beijos ruidosos na minha bochecha.

— Prazer... — inclinei-me um pouco e sorri para sua afetividade e simpatia. — Não se preocupe...

— Ao menos que queira levar essa aí como recompensa... — Ela riu e deu um tapa de leve na bunda de Tamires. — Larga esses doces, senão, vai virar uma noiva enorme um dia, eu vou ter que confeitá-lo com uma bola de futebol em cima no lugar da boneca da noiva!

— Poxa, mãe! Não fala que engorda, olha só, já destruiu tudo! — Ela resmungou e fez um teatrinho que nunca tinha visto, mudando a voz. — Ta vendo? Agora sua informação vai passar para o meu cérebro... — gesticulou e apontou para a cabeça. — ... que vai processar e acumular tudo aqui, aqui, aqui... — Colocou o doce na boca. — ... Que droga, agora eu vou engordar mesmo...

As mulheres soltaram uma sonora risada coletiva e senti todos os olhos a idolatrarem. Eu podia fazer o mesmo que não me descobririam.

— Tamires, eu vou te trancar no quarto! — Sua mãe cerrou os olhos quando ela roubou mais um.

— Mas não é para mim, você não pode dar para a visita? Que coisa feia! Tsi Tsi — Ela pôs um dos seus braços em volta do meu e se fez de vítima. — Você não disse para mim que ia pedir um assim que chegasse?

Eu sorri, ela estava magnificamente linda falando alto e afetada.

— Arggh, você também não sabe nem mentir. — Ela fingiu ficar com raiva.

— Vitor, leva essa menina daqui, por favor?! Aproveita e leva ela para casa... — A mulher nos empurrou pelas costas para o corredor. — Ela só me dá prejuízo, pode levar...

Tamires entrou na porta ao lado e estávamos em um cômodo ainda menor que a sala. Devia ser seu quarto. Ouvi fechar a porta atrás de mim. Ela correu para cama e se atirou. Eu fiquei parado em pé, sem jeito. Admirei-a de barriga para cima segurando o doce. Era tão divertida a cena que eu comecei a rir. Se pudesse, realmente a levaria para muito longe, para outro país. Cobri-la-ia de tudo que desejasse.

— Viu como minha casa troca o dia pela noite? — Ela levantou-se e sentou com as pernas cruzadas. — Toma? — Estendeu o braço.

— Pode comer... — Não quis lhe roubar aquela saciedade.

— Não, era pra você mesmo! Não engorda nada — mentiu.

— Tudo bem, pode comer. — Sentei de frente para ela e olhei o quadro de ferro azul em cima da cama. Tinha dezenas de fotos presas por ímãs coloridos.

Quando voltei a olhá-la, vi que mastigava o pedaço de doce e me fitava. Uma corrente elétrica passou pelo meu corpo. Seu rosto era tão investigativo que temi ter entendido tudo, sacado qual era a minha. Será que começaria a gritar para que eu sumisse? Lambeu um dos dedos e me hipnotizou com aquele movimento entre seus lábios úmidos. Como deviam estar adocicados e macios com gosto de chocolate.

Estendeu-me o outro pedaço novamente e aceitei, na miséria de meus contentamentos. Comer o brigadeiro era o mais perto que poderia chegar do sabor que seria provar em sua boca. Amassei o papel, aquela não tinha sido uma ótima ideia. Agora mesmo eu estava com muita vontade, segurando o monstro pelos braços inutilmente, era muito mais forte.

— Bom, né? — Riu com olhos brilhantes. Devia ter pescado meu rosto de prazer e se divertiu.

— Esse é o computador? — Virei-me para frente e me levantei. Quando chegávamos aquele ponto eu tinha que manter distância para não agarrá-la. Se começasse, não poderia

parar, seria mais violento que eu. O ímpeto de tê-la era carnal.

— Pré-histórico, mas é...

— O que ele tem?

Ela deu uma gargalhada e eu tive que me virar para olhar, o que tinha falado de idiota agora que a fazia se contorcer em uma alegria inebriante?

— Você falou igualzinho a um médico de pronto-socorro agora.

— Eu sou o médico dos computadores, vejo as placas, os circuitos... — Parei, aquilo sim era idiota, o doce devia ter algum alucinógeno.

— Então, pode levar seu paciente para internar, é todo seu! — Apoiou a cabeça na mão flexionada sobre a cama. — Depois vou visitá-lo. Só não vai poder me levar junto como minha mãe quer porque preciso estudar.

— Ah!... já entendi o recado de expulsão — comecei a desplugar os fios da torre.

— Hei. — Ela saltou rapidamente da cama, vindo parar ao meu lado como um sapo que dá um só salto. — Não foi isso que quis dizer. — Pegou meu braço. Levantei o rosto para ela. — Eu adoro estar ao seu lado... claro que também preciso fazer o trabalho... — Não gostou da realidade.

— Eu sei... Também te adoro. — Usei a voz mais maquinal e lavada de sentimentos, contorcida e estranha por causa da posição inclinada para desconectar o computador.

— Não é o que parece! — reclamou.

Ela estava terrivelmente perversa, testando cada gota minha de sofreguidão. Eu tinha que agora lutar bravamente com muita força para não tomá-la nos braços e sossegá-la com um beijo sufocante.

— Tudo bem, já entendi... — Ela se afastou com alguma cara de bravo que fiz. Eu tinha uma facilidade incrível de assustá-la também. Caiu de volta na cama, mas, com a menor menção de eu que já ia embora, pôs-se de pé. — Vou te levar até a porta.

— Você está descalça! — Ri, quando a vi parada ao meu lado na rua.

Ela olhou para seus pés como se não tivesse reparado e sorriu também, balançou a cabeça em despreocupação e deu de ombros. Escondeu as mãos no bolso, que pena, não poderia ter um último toque. Mas, eu não ia dirigir bem desse jeito. No movimento mais rápido que podia projetar, inclinei o rosto para o lado e a beijei na bochecha.

— Da próxima vez, te levo comigo. — Fechei o porta-malas.

— Minha mãe vai adorar. — Sorriu. — Ah! Uma coisa, seu computador tem senha para entrar?

Meu rosto congelou e eu senti formigamento nas mãos, meu sangue deve ter parado

de fluir. Não sentia meu coração.

— Tem ou não?

— Tem — respondi com dificuldade.

— Então, vai precisar me dar.

Eu continuei em silêncio. Como não me lembrara desse detalhe? Tamires reduzia meu instinto de autopreservação. Meu cérebro parecia só ter energia para se importar com as coisas periféricas e mais urgentes. Não sabia com que palavras lhe dizer aquilo.

— É... Virgínia. Em minúsculo, sem acento — expliquei.

Ela fechou o sorriso e espelhou o meu rosto sério. Deu um passo à frente e isso era bem pior. Ia me consolar. Devia saber que não podia me tocar quando eu estava frágil.

— Eu vou trocar a senha. Já tinha que ter feito isso — Dei-lhe a garantia.

— Eu sei como é... — Ficou bem perto. — Mas, já deu o primeiro passo, já tirou as fotos.

Ela reparara?

— Desculpe... Não devia...

— Tudo bem, eu te ouvi falar com a minha mãe.

— Hei, vamos lá, vamos lá... — Bateu palmas para nos acordar daquele clima e usou sua voz mais animada. Não foi difícil sorrir novamente.

Apoiou-se no meu ombro com as duas mãos e repetiu o gesto com um beijo em minha bochecha.

Eles são quase irmãos
(Tamires)

O trabalho não rendeu tanto quanto meus pensamentos, que intercalavam cada análise jurídica que escrevia. Foi difícil me concentrar. A única coisa que me fez aumentar o grau de esforço era o sono chegando, o que indicava menos tempo para a conclusão. Quando caí exausta na cama tive certeza de que não seria capaz de levantar bem. Mesmo muito cansada, ainda dava tempo para rever as últimas cenas da noite.

Depois de me buscar na escola, Vitor guiou-nos até sua casa. Saímos da grande avenida e subimos por um trecho extremamente íngreme. Não era possível ver os imóveis, apenas grandes muralhas de pedra cercadas por fios. No máximo, a visão de alguns telhados. Do lado esquerdo, mata fechada e, mais acima, também floresta. Ele morava em um paraíso incrustado na cidade. O silêncio era mítico, apenas as luzes amarelas de alguns postes e o farol azulado abrindo caminho.

De repente, ele atravessou o carro na pista. Senti a sensação de que a qualquer momento outro automóvel viraria a curva e se chocaria contra nós, na contramão. Mas, ele parecia muito confiante com o que fazia. Ali não existia um grande fluxo.

A porta de madeira se abriu, inclinando-se até ficar totalmente na horizontal, sobre o topo do teto da passagem que dava para uma rampa. Descemos para um pavimento no subsolo onde havia mais dois carros, a caminhonete de seu pai e outro Audi prata.

Subimos por uma escada de cinco degraus e abrimos uma porta que dava na cozinha da casa. Era quente e aconchegante. Armários de madeira com de cerejeira, uma bancada de granito verde-musgo no centro, onde estava embutido um fogão, uma geladeira prata de duas portas e muitos outros utensílios perfeitamente acoplados entre as dezenas de portas e gavetas. Na mesa de madeira, uma garrafa de vinho, taças e alguns pratos.

— Chegamos na hora da comida. Eu já comi antes de sair, você quer algo? — perguntou.

Eu não sentaria à mesa com o meu patrão e bater um papo amistoso. Não tinha o menor cabimento. Aliás, eu não tinha nem jeito para estar naquela casa. Poderiam pensar o pior de mim, como uma aproveitadorazinha que dá em cima do filho do chefe. Encolhi-me com as mãos agarrando as alças da mochila como um amuleto protetor que dá força e coragem.

Vitor deslizou naturalmente pelo corredor e o segui mais contida e temerosa. Quando o alcancei, ele já tinha explicado o que viera fazer e me reapresentado. Sorri para sua mãe e seu pai e pedi licença quando Vitor me puxou para subirmos até o segundo andar. A sala era

tão gigante que poderia caber toda a minha casa dentro. A frente era de vidro e as laterais pintadas de um tom chá e relevos de gesso vermelho. O lugar era dividido em quatro ambientes minuciosamente decorados. Vitor explicara que fora tudo assinado por sua mãe arquiteta. Aconselhou que eu não tirasse nenhum objeto de sua posição, já que o menor deles tinha um significado para manter a harmonia do todo. Falou isso com muita ironia e diversão.

Era bom vê-lo à vontade em sua casa. Fazia questão de apresentar-me tudo com detalhes e pequenos trechos de histórias familiares. Eu era verdadeiramente sua convidada. Nunca sentira isso na casa de Priscila, talvez não fosse culpa de Kali, era meu lugar de trabalho.

Meus olhos pesaram agora, lembrando daquela incrível casa no alto da montanha. Adormeci tranquilamente. Sem a dor aguda de uma saudade que eu quitava a cada prestação e se tornava mais leve. Os rodopios na minha cabeça diminuía gradativamente e eu já via claramente a vida embaçada que levava.

No dia seguinte, eu estava bastante alvoroçada para o fim do último tempo de aula. Fechei o fichário ruidosamente e o tomei nos braços. Gisele perguntou aonde eu ia correndo naquele horário. Tentei disfarçar com qualquer desculpa sobre ser sexta-feira e eu precisar descansar. Mas, ela apertou mais ainda seus olhos orientais e seguiu meu ritmo. Não pude lhe esconder o motivo daquele meu entusiasmo, só que dessa vez não fora as palavras que me traíram, mas meu sorriso aberto no rosto. Ela olhou na direção em que eu fitava. Vitor estava parado na frente do seu carro preto, mas, não estava a sós, o que me tirou toda a alegria e vida do coração.

— Ouu... — Ela abaixou a cabeça e coçou a testa. — Figurinha repetida no álbum.

— O que Kelly está fazendo ali? — Virei o meu rosto para o lado e tentei não ver a cena para não vomitar, me dava náusea saber que tinha aquela ridícula na minha cola. Já não bastava ter ficado com Kali antes de mim, de ter arrancado meu emprego? — Ela quer acabar com tudo que é meu?

— Não se esqueça que foi por causa dela que conheceu o Vitor. — Gi conseguia ler meus pensamentos como se visse letras nas minhas pupilas.

— Ela quer ele também agora? — quase gritei, sentindo a garganta secar.

— Qual o problema? — A ironia leve na voz de Gisele me indicava que estava prestes a armar um enigma para eu resolver.

— Preciso realmente responder? — Olhei para os dois à alguns metros de distância. Ela jogou o cabelo para trás com a mão e deu uma risada, inclinando o corpo para ele como faria uma perfeita cobra peçonhenta para dar o bote.

— Ela está no direito dela... — Gi defendeu e eu tive que olhá-la, não podia acreditar que estava do lado daquela lambisgoia loira.

— Pode repetir o que falou? Acho que a raiva afetou meu aparelho auditivo.

— Quando ela ficou com Kali, você estava lá, podendo competir pelo mesmo posto. Tanto é que depois ficou com ele.

— Um beijo e depois ele foi embora. Ân... continue.

— O que não quer dizer que você não poderia ter chegado na frente.

— E?

— Agora, o Vitor veio aqui buscar você e ela está lá, competindo... Se não quiser, saia fora. Se afaste dele imediatamente, é a única solução entregar os pontos. Não pode iludi-lo. Mas... sei que não é o que quer.

— Minha vida não é o Brasileirão em que se decide onde será a partida, em casa ou no estádio do rival. Quem vai usar a camisa oficial...

— Não, Tatá. Não é, é bem mais simples, justamente por não ter regras! Por isso, que digo, está no direito dela. Quem não dá assistência, abre espaço para a concorrência.

— Ouviu essa frase no caminhão que acabou de passar? — ironizei, muito magoada. Ela usava o método mais drástico para me ferir.

— Eu quero que você vá lá e fique com ele. Vitor é o cara real. Ta, ele não bate no seu coração do jeito que Kali faz. Óbvio, você divide agora boa parte da sua vida ao seu lado, não precisa ficar aflita. Agora, como o outro está lá na Cochinchina, você fica aí montando esse romance sofredor na sua cabeça. Adorando cada mensagenzinha. — Sua voz estava bem perto do meu rosto, mas eu olhava Vitor e Kelly na calçada. — Isso um dia vai te doer tanto, amiga, que eu lamento ter que segurar sua barra. Sei que é totalmente contra seus princípios. Você é ética demais. E está certa... O que não quer dizer que vá ser feliz com isso.

— Ele não é meu. Você está certa — engoli em seco.

— E isso não é uma coisa fadada a acontecer. Você pode alterar o futuro.

— Kali me mandou um e-mail ontem, à noite. — Suspirei e falei bem baixinho. — Ele disse que acha que vem no fim do mês.

— Ele acha? Já ouvi essa duas vezes, mês passado. Agora ele... — Gisele pegou no meu braço. — É real. E lindo.

— Eles são quase irmãos... — Aquilo quase não saiu da minha boca, veio do fundo mais ferido de mim, podia até conter sangue nos meus lábios só de proferir.

— Não tome essa decisão para si. Hei! — Ela puxou meu braço agora na direção contrária, para si. — Ta... — falava quase como se eu tivesse em outro plano, inconsciente e não pudesse escutá-la. — ... Deixe que os dois duem por você! E fique apenas como prêmio final.

Lembrei do sonho, dos cavalos ruidosos, do meu choro. Eles duelariam, por certo que sim.

— Eles vão se ferir. E não sei se vou querer ficar com quem vencer...

— Sinal que já se decidiu.

— Eu queria só ir para casa essa noite, dormir e pronto. Posso deixar a minha felicidade para pensar amanhã?

— Se ela deixar? — Fez um sinal com a cabeça para frente.

Virei-me de costas e vi Kelly tocando o braço de Vitor, aquilo me irritava tanto quanto meu irmão abrindo minha bolsa, ou bagunçando meu quarto. Vitor não era meu! Mas, Kelly mexia nele como revirasse uma parte minha sensível.

— Vai lá, não pense muito... — Tamires me deu uma pancadinha no ombro. — Ela já se foi. Mas, não acredite que não vá voltar...

— Até. Bom fim de semana.

— Tchau.

Desci as escadas sem pulinhos, sem sorriso no rosto. Limitei-me a aparecer em sua frente sem sinais de surpresas por ter aparecido sem avisar. Eu estava esvaída de expressões. Podia lembrar a alegria que sentia no fim da aula, mas não havia como senti-la. Isso provava o quanto tudo se agravava. Queria muito ficar feliz de novo.

— Eu não te avisei por quê...

— Eu já sabia que vinha — interrompi e me arrependi. Não devia ter feito aquilo, soou como se ele fosse um cachorrinho atrás de mim.

— Uau, estou tão previsível assim? Diga ao menos alguma coisa, que gostou.

— Sabe que adoro estar com você. — Dito aquelas palavras mágicas, qualquer coisa se apagava como fumaça.

— Eu não quis atrapalhar sua conversa com sua amiga — ele falou.

— Nem eu com *a sua* — rebati mais rápido. — Hei, como sabe que estava falando com Gi...? — Minha interrogação ficou mais fraca até terminar sem som, abafada, perplexa. Ele ouvira o que eu falara para Gi de longe?! Não!!!

Torci para que seu dom tivesse alguma limitação como agir sobre determinadas condições de pressão, altura, temperatura, distância, intensidade, calor...

Ele não respondeu, como se seu semblante relembresse todas as frases que eu acabava de discutir com minha amiga. Fechei os olhos e não pensei em outra coisa além de abrir a porta do quarto. Agora do que nunca eu queria dormir e só.

Vitor deu a volta e sentou-se no lado do motorista. Nenhuma palavra até a minha casa. Deixou apenas a música do rádio como pano de fundo dos nossos pensamentos.

Quando chegamos, pensei que só me restava descer, mas ele começou a falar. Desligou o carro, em um sinal que alterava processo comum de me deixar.

— Eu não concordo com o que sua amiga disse.

Era muito estranho que pudesse se referir a uma conversa que não participara.

— Com qual parte? — perguntei, olhando-o.

— Que deve se afastar de mim.

— Eu não faria tal coisa... — Sorri-lhe e quis abraçá-lo para garantir isso.

— Eu só te faço bem.

Não podia negar.

— ... E podemos sim ser bons amigos, sair, trocar ideias. Eu não fiz nada condenável.
— justificou-se.

— ... Nem eu. E, não somos de ninguém. Somos livres. — Aliviou-me olhar daquela maneira.

— Então, vamos provar isso continuando como está. As pessoas não precisam entender que somos só amigos. E não vai passar dessa fronteira. Eu não sou como um irmão para Kali exatamente. Posso ser para você. Prometo não ferir isso.

— Tudo bem... — Toquei-lhe em sua mão para acalmá-lo, estava ligeiramente atordoado com a insegurança de que pudesse sumir de sua vida. — Eu tenho que ir.

— Ta? — Chamou-me assim pela primeira vez. Virei-me, já do lado de fora do carro.
— ... como prova disso, vamos sair amanhã? Vai fazer sol e quero te mostrar um lugar.

— Amanhã, vemos... — Sorri e entrei.

Sentei na minha cama e uni as duas mãos no rosto. Meu irmão surgiu nesse momento mais impróprio para sentar ao meu lado e lembrar que eu tinha vencido a aposta. Eu ri, a aposta parecia tão ridícula perto dos meus conflitos.

Eu apostava que não tinha tanta força assim para agir com a irmãzinha de Vitor. Apostava que ele não conhecia o ímpeto dos seus extintos para propor aquilo. Apostava que Kali apareceria no pior momento. Apostava que gostaria de sua volta. Apostava que já estava tremendamente ferrada.

Tirei o sapato e dormi como estava. Não suportava mais nada. Queria outro dia, novo em folha, com muito menos dilemas. Este começou com meu celular tocando na bolsa ainda esquecida no canto da cama. Atendi, era Vitor.

— Bom dia, te acordei?

— Hum... mas tudo bem... Fale. — Tirei o cabelo do rosto e olhei o relógio.

— Ora, pediu para te perguntar se queria dar aquela volta comigo.

Lembrei sobre a teoria de Gisele de deixar que eles mostrassem para mim o quanto estavam a fim. Eu deveria deixar o barco ser levado pelo alto-mar e ver no que dá.

— Ok, eu topo. — Ri de mim mesma, havia algum pedido seu que eu já negara?

— Então, fico aqui fora esperando.

— Como? — Franzi a testa, rolei pela cama e andei até a janela. Afastei a cortina. — Você é completamente maluco... — Olhei-o parado na frente da minha casa, escorado no seu carro, com o cabelo molhado e uma blusa branca perfeitamente apertada em seus braços. — ... E se eu tivesse dito que não?

— Seria apenas 50% do risco — respondeu e pude ver sua boca falando ao telefone.

— Você é muito convencido.

— Otimista — consertou rapidamente, me cortando.

— E se agora eu não quiser mais? — ameacei.

— Posso ir embora, não farei nada que não queira, lembra? — Quis fazer parecer que eu estava no controle.

— Então... — Pensei alto.

— Mas, sei que quer. — Quis manipular, antes que pulasse fora.

— Seu convencimento é irritante. — Entrei para o meu quarto. — Espere-me aí que já vou.

— Ok. — Riu, vencedor.

Desliguei. Atirei o celular na cama e este quicou. Soltei o ar dos pulmões.

— Por que faz isso comigo? — Murmurei e fechei os olhos, lembrando de um detalhe. Nada de falar enquanto estava por perto.



Chegamos à ampla casa silenciosa. Perguntei onde estavam todos. Vitor disse que “todos” tinham ido passar o final de semana na casa de veraneio de um amigo. Então, eu era sua companhia, imaginei. Sentei-me no sofá e foi uma questão de segundos para ouvir um barulho estridente tocar.

— É a campainha. Eles chegaram... — Vitor correu até o interfone e liberou o portão.

Eles eram Maikon, Pedro, Sandro, Márcio. Entraram enfileirados, todos vestindo bermudas floridas descuidadamente caindo abaixo da linha do elástico da cueca e blusas de surf costuradas à pele. Eram muitos músculos e um nível alto e intoxicante de testosterona na sala. Eles espalmaram suas mãos em soquinhos e apertos codificados. Os cabelos queimados nas pontas já indicavam que o lugar para onde íamos era alguma praia com muitas ondas.

— Tamires, vocês já conhecem. — Vitor apontou para mim no sofá, na zona do gargarejo.

— A da gaita. — O mais alto e loiro sorriu e trocou dois beijinhos.

Senti aquilo tão redutor, ainda mais vindo de homens que desafiavam ondas. Eu era inteligente, bonita, engraçada, esperta, sexy, um pouco convencida, talvez, mas eles só lembravam da “gaita”? Fiquei com esse pensamento conflituoso na cabeça enquanto os via atacar o armário da dispensa. Enfiaram os pacotes de biscoitos, doces e pães em dois sacos grandes. Eu perambulava perdida entre a sala e a cozinha, deslocada. Acho que um deles percebeu e perguntou se eu surfaria também. Devia ter uma boa explicação para estar ali, só não estava comigo, quem sabe Vitor a guardava.

— Não... — Ri da ideia de eu me espatifando contra os paredões de água salgada e comendo areia. Olhei para Vitor, torcendo e implorando silenciosamente para que me ajudasse a explicar tudo.

— Ora, ela vai com a gente. É minha amiga — explicou com tanta veemência que ninguém contestou. Mas, todos os pares de olhos repousados sobre mim me faziam apostar que se questionavam se eu não era a amiga de Kali...

A bela prancha de surf branca e amarela de Vitor estava já em cima da caminhonete. Os outros não vieram com a gente, estavam em seus próprios carros. O dia ensolarado ardia de tanta beleza. O caminho começou pela beira mar até acabar o último posto da orla. Depois, subimos por uma montanha totalmente verde. O caminho era forrado de pedras justapostas.

Não falávamos, havia muito o que olhar. As ondas arrebentavam tão altas e fortes que enchia o seu rosto de êxtase. Vitor parecia dirigir para o céu. Uma criança faminta querendo logo pular para dentro da fábrica de chocolate.

— Está vendo lá embaixo? Vamos surfar lá — apontou.

Agora, descíamos outro morro e eu podia enxergar pequenos pontos pretos, como peixinhos em um aquário azul. Era uma legião de surfistas. Eu ainda não entendia qual a minha participação nisso. Mas, estava tão impressionada em contemplar a paisagem paradisíaca que só tinha a agradecer, mesmo não compreendendo meu grau de contextualização naquele programa.

Quando chegamos, estavam todos eufóricos, parafinando suas pranchas. Eram crianças grandes em um parque de diversões. Eu não tinha muito que fazer, foi nesse momento que Vitor tirou da sua sacola azul-marinho que segurava nas costas e me deu. Era para eu

segurar? Eu viera ali para ficar de cabide?! A minha cara de nojo segurando o objeto suspenso no ar o fez sorrir paciente:

— É para abrir — explicou a razão de ter me entregado.

Os amigos correram para a água, cavando a areia com os pés firmes. Vitor nem os olhou partir. Estava bastante até a mim. Desfrouxei o cordão da sacola e tirei de dentro um livro.

— Hum... “Comédias para ser na escola?” — Li. Eu esperava algo mais extraordinário que um livro.

— Vai gostar muito — pegou uma cadeira de praia e um guarda-sol da caminhonete e pediu para que eu o seguisse. Olhei para os lados, ainda esperando que uma coisa ultrafantástica acontecesse. Nada veio do céu, resignei-me a rastrear sua sombra.

Vitor fincou com toda a força o cabo do guarda-sol na areia. Depois, puxou-o para cima e tirou a areia que preencheria o espaço oco do fino cilindro. Repetiu o gesto umas cinco vezes até que o buraco estava fundo o bastante para cravá-lo sem que tombasse. Tampou com areia em volta e comprimiu com algumas pisadas. Depois, encaixou a parte superior. Eu me mexi para ajudar, abri a cadeira e sentei.

— Bom, se quiser alguma aula de surf inicial, estarei ali — Agachou-se na minha frente.

— Vitor... — Eu ri. — ... O que significa isso? — perguntei, fazendo uma conexão rápida entre a minha cama desarrumada e a praia ensolarada.

— O mar... — Olhou para a frente. — ... As montanhas. — Apontou para atrás de mim com o nariz em riste. — ... O sol. — Apertou os olhos para admirá-lo. — ... um bom livro. — Encolheu os ombros. — Decepcionada?

Eram tão brilhantes e claros seus olhos caramelados que podiam ser uma bala no ponto certo de condensação. O rosto tão pacífico apontando a simplicidade de uma manhã de sábado feliz. As mãos que preparavam um canto tranquilo e gostoso para eu repousar em segurança enquanto estivesse longe se divertindo. O segredo que eu tanto investigava era óbvio: Vitor me queria ao seu lado, seja lá qual o programa.

— Está ótimo. — Sorri e abri o livro para demonstrar-lhe isso. — Obrigada por lembrar-se de algo que ocupasse minhas mãos.

— Eu penso em tudo. — Piscou o olho e voltou para o carro a fim de buscar sua prancha.

Não me contive para observá-lo por cima das folhas do livro, seu corpo de ombros largos e fortes disparou para a água. Eu entendia agora perfeitamente a perfeição.

Eu estava me recuperando da tristeza totalmente. Será que o fim dessa viagem

dolorosa terminaria sem Kali no meu coração? Eu aprenderia a viver sem pensar nele? Aquelas questões eram extremamente desgastantes. Com Vitor, era bem mais simples, uma realidade constante, infinita, eterna. Suspirei e comecei a ler o primeiro capítulo. O sol devia derreter meu coração definitivamente.

O dia não ficaria tão monótono na cadeira de praia. Almoçamos, às três horas, em um restaurante que servia frutos do mar. Depois, voltamos para casa, onde eles se trancaram no quarto de computadores. Foi uma parte interessante de se descobrir. Poderia existir um clã raro de surfistas inteligentes.

A sala era repleta de peças de computadores empilhados como decoração em algumas prateleiras da parede. Um ar-condicionado deixava o ambiente fresco. Uma enorme TV curva exibia clipes. Só eu assistia, sentada a uma poltrona. Todos os pares de olhos se grudavam aos próprios laptops. Eu não me sentia um peixe fora d'água, como deveria. Vitor conversava comigo baixinho, enquanto tratava dos problemas graves com meu computador.

— Qual vai ser a boa de hoje? — Márcio soltou a pergunta no ar e isso fez o barulho dos teclados se acelerarem. Eles buscavam tudo na internet? Sim! Começaram a ditar todos os eventos do dia ao mesmo tempo.

— Hei, não podemos sair para beber e dançar em qualquer lugar? Precisa ser algo tão complicado? — Eu falei mais alto e os olhos se levantaram das telas. Até Vitor parou de mexer nos circuitos e olhou-me com uma pequena placa verde na mão cheia de pontos dourados. — Claro, se quiserem que eu vá. — Mostrei como se fosse uma decisão a ser julgada pela maioria.

— Lógico! — Eles gostaram e eu sorri para todos satisfeita que fosse considerada parte do grupo. — Posso até ligar para algumas amigas... — Mostrei como poderia retribuir

— Ahhh, melhor ainda! — Urraram com um prazer quase animalesco.

13.

Pode me pedir o que quiser (Vítor)

Ela pediu que a deixasse em casa para se arrumar. Eu imaginava isso como uma pequena produção que envolvesse uma roupa menos confortável e algum daqueles truques de maquiagem que as meninas fazem. Mas, quando apareceu novamente no portão, pensei que a tivesse buscado direto da fábrica de onde saía quando nascera. Parecia com outra pele, ainda mais linda, brilhante, endeusadora. O sol seria medíocre demais para ter lhe fornecido todo aquele efeito em sua perna. As luzes da rua brilhavam em qualquer direção que seus músculos se movessem.

— Que foi? — perguntou não gostando nada do meu modo de admirá-la. Provocava nela uma apreensão de insegurança. — Está demais?

Olhei seu vestido preto com alguns brilhos em torno do seu busto, o bracelete dourado adornando o braço direito, na altura dos seus seios, como usavam as gregas antigas. O cabelo estava semi-improvisado, com fios impossíveis, faceiros, brincando no rosto e ombros. Os olhos verdes envoltos em uma sobra preta eram duas esmeraldas raras. Por mim, estava tudo demais para a humanidade. A tarefa de respirar ao seu lado era dispensável.

— Para mim, parece perfeito. — Encolhi os ombros e mantive as mãos nos bolsos.

— Ah, pensei que dava para perceber o óleo.

— Óleo? — Abri a porta do carro.

— É. Passei um pouco na perna — contou o segredo para a luminosidade irradiante da sua pele morena.

Dei a volta no carro e ocupei meu lugar ao volante.

— Não sabia que as mulheres precisavam de óleo como os carros. — comparei, tendo certeza do efeito que isso provocaria.

— Ah! Tinha que ser você, Vitor. — Riu. — Nós não bebemos óleo. E eu não sou comparável a um carro... — Sorriu, sabendo que adorava provocá-la.

— Hum... — Olhei pelo retrovisor para ver se podia sair com o carro. — ... Eu tinha até uma cantada boa para isso.

— Nem quero saber... — Ela retocou os lábios, admirando-se em um pequeno espelho de uma porta batom de couro vermelho. — Se bem que estou com muito bom humor, fala.

— Gata... — aguentei-me para não rir. — Seu pai é sócio da Ortobom?

Ela fez uma pausa, franziu a testa e, ainda segurando o batom na mão, virou-se.

— Por que me arrepia o final? Hum... que tem meu pai ser sócio da Ortobom? — Sorriu.

— Nada... Ah, você estragou tudo. Esquece. — Fiquei sem graça. — Faz parecer uma experiência científica, você não sabe entrar no clima... — Eu admito que ela me deixava um pateta.

— Por favor, não posso dormir hoje sem saber a importância do meu pai ser sócio da Ortobom — persuadiu.

— Porque você tem um “colchão” — disse sério, sem sensualidade na voz, sabendo que não iria me deixar em paz.

— ... — Ela deu uma gargalhada forçada. — ... Ai como você é ridículo! — reclamou com doçura. — ...Para onde vamos? Já decidiram?

— Qualquer lugar com cerveja, música... Não foi assim que disse? Espero que tenha convidado toda sua lista telefônica. Meus amigos levaram a sério.

— Eles vão revezar durante a semana as caronas que vão me dar. Serei mimada até a morte... Não vão se arrepender de confiar em mim.

Eu não achei a ideia divertida. Ter só um único dia para lhe pegar era desproporcional.

Quando descemos, Tamires encontrou seu grupo de amigas alvoroçadas. Nenhuma tinha a impávida beleza estonteante, nem fazia a fila se virar para vê-la passar. Podia sentir uma repugnância subir a cada par de bocas que se abria para arrepiar-se com seu corpo escultural.

Os grupos de homens começaram cochichar e a quebrar o pescoço. Quantas coisas obscenas deveriam ser coletivamente elaboradas. Fiquei impotente com o descontrole dessa situação.

Eu consegui entrar primeiro com meus amigos. Seu bando liderado pela deusa estava impedindo de seguir em frente. Elas eram expostas a mais tempo de espera puramente como marketing da boate. Era bom que os passantes de carro vissem as gatas que lotariam a casa.

As garotas conversavam animadamente, muito pouco irritadas. Será que gostavam ou tinham consciência daquele modelo de zoológico humano?

Desse lado, já estava sendo projetada a estratégia de ataque. Eu não escolheria nenhuma de suas amigas. Contentava-me com um só problema de levar a garota do meu amigo para sair, ficar com a amiga dela seria me condenar a voltar na próxima vida como um verme.

O sexto sentindo delas devia ligar o alerta para quando estavam em alta na cotação do

mercado masculino, pois entraram sorrindo e orgulhosas de si. Tamires passou por mim e inclinou-se no bar com o cartão levemente parado entre os seus seios. O garçom hipnotizado deu-lhe prioridade. Seu sorriso e os olhos que se abaixaram rapidamente me deram a certeza que se vangloriava por isso. Depois, fez o pedido. Não conseguia lhe achar metida, era como se lhe tirasse o direito de ser naturalmente estonteante.

Espalhamo-nos e me vi margeando um grupo de casais quase recém-formados. A música de hip hop pareceu não lhe animar muito. Eu não vinha ali para observá-la! Mas, não tinha muito o que me ocupar. O ritmo trocou para algo mais eletrônico e isso acendeu a sua chama, ou era meu corpo que estava como uma tocha viva quando começou a dançar diante dos meus olhos mortais? Era alguma coreografia oculta de sacrifício, pois eu tinha certeza que se me mexesse perderia o controle dos pés. E meu copo ainda estava na metade.

Maikon deu um leve puxão na minha camisa. Fomos até o lado de fora, em uma varanda cheia de mesas. Pedi mais uma bebida ali no bar.

— Cara, você sabe o que está fazendo? — perguntou.

— Como assim? — Fiz-me de desentendido para ganhar tempo e já bolar respostas para suas perguntas.

— O Kali a deixou completamente livre?

Engoli o máximo que consegui e fiz uma careta.

— Você sabe que não pode, né? Ela praticamente um homem para nós. Por mais, que todos queremos rasgar a sua roupa em fiapos.

Eu olhei-o severamente. Que “todos” falava? Senti meu fígado reagir.

— Não sei se é forte, cara. — Deu-me uma pancada no ombro. — Tem muita carne fresca por aí, nada de caçar selvagens.

— Nesse caso, é como comer carne de vegetarianos... — Segui suas metáforas. — ... Não se pode ter tudo.

— Se pode ter todas... — Ele apontou com a cabeça para dentro da boate. — Vamos.

Eu jurei que não a olharia mais uma só vez. Puxei a primeira garota mais bonita que cruzou meu caminho e falei-lhe qualquer idiotice inaudível em seu ouvido.

O primeiro beijo, como o segundo e o terceiro fora muito simples, a caça sem aventura ou entusiasmo. Ela ainda estava ali, mais indecentemente sedutora, um apocalipse fantástico. Não lhe tiraria a magia com nenhuma garota que me agarrasse, isso não a atingia. Porque eu queria lhe provocar ciúme se seu coração já tinha espaço.

Escolhi outra companhia melhor. Sentei no bar e enchi o copo. Agora sim conseguiria apagá-la da minha cabeça. Foi uma questão de mais umas três doses e não lembro em que parte minha consciência desapareceu. Acordei, no dia seguinte, na minha cama ainda fedendo a

bebida e fumaça de cigarro. Apertei os olhos. Puxei meu celular do bolso de trás e liguei para Mikon. Eu perguntei antes que dissesse alô:

— Eu acabei de acordar na minha cama e não sei se isso é bom... O que aprontei?

— Até onde sei, nada. Mas, passou da conta ontem.

— A minha cabeça me dá certeza disso. Vocês a levaram para casa, diga que sim!

— Não.

— Vocês são uns inúteis.

— Tinha uma blitz da Lei Seca. Seríamos pegos. Rachamos um táxi e nossos carros ficaram lá. Já fui buscar o meu hoje.

— Que bom... Então, ela foi de táxi? Mais seguro. — Já podia me aliviar. Tamires não merecia isso, nem sei se teria sua desculpa, ao menos estava a salvo.

— Não, também não — arrancou-me o início de alívio.

— Com alguma amiga? — Sentei-me na cama, era a última hipótese que me ocorria.

Senti minha bexiga pesada. Arrastei-me até o banheiro do meu quarto e levantei a tampa. Abri o zíper.

— Ela foi com você.

— Como? — Mijei a tampa do vaso. — Não diga que eu dirigi, mas a blitz...

— Ela te levou! Não está aí?

— ãnh... Não sei... Hum, te ligo depois. — Fechei o zíper.

Deslizei pelo corredor só de meia. Lembrei-me do meu tênis agora, certamente bêbado tirá-lo não me ocorreria. Tamires? E o que mais? Arrastou-me pelo braço até o segundo andar? Dirigi meu carro e eu não estava lá, não ao menos consciente, para vê-la ao volante?

Parei no meio da escada e a encontrei sentada no sofá, lendo uma revista. Sentei o mais silenciosamente que pude no degrau e abaixei a cabeça, rendido. Eu estava um lixo.

— O café preto já está pronto. — Ela falou com a mesma voz que minha mãe usaria, dura, fria, imparcial. Tudo sem levantar o rosto.

Não conseguiria me defender naquela imagem de traste que estava. Tomei um banho demorado e escovei os dentes. Ela estava esperando para dar um sermão e sumir para sempre? Se fosse assim, por que não me deixara lá aos cuidados de algum amigo? Desci com um frangalho de esperança, um pouco mais recomposto. Roupa limpa, perfume, mais decente; a cara que não deu para mudar muito.

Lembrei-me do café e peguei um pão. Depois de comer, já preparado para a guerra

com a promotoria, parei na porta da cozinha e fiz uma carinha de coitado. Como eu estava sendo tão baixo? Que alternativa?

— Você pode me cobrar para sempre o que quiser, sobre quaisquer condições, pode ser? Já imagino que teve que dizer que dormiu na casa de uma amiga para seus pais...

Ela abriu um sorriso pequeno, mas já era muito para alguém em minha posição. Estava tramando alguma recompensa impossível ou era só sua alegria matinal incrível e contagiante? Eu exigiria aquela garota como condição prévia para minha existência a partir de então, se houvesse essa chance.

Tamires jogou a revista para o lado e aquele foi o sinal de reconciliação muda. Sentia-me absolvido e muito aliviado. Soltei o ar dos pulmões, fechando rapidamente os olhos.

Estarei sempre por perto
(Tamires)

Ele mergulhou no sofá como faria em uma onda com sua prancha de surf. Mas, ao contrário, não havia o mar gélido e fluido, apenas a espuma acolchoado e macia da poltrona de seis lugares onde eu estava sentada. Foi inesperado para mim, impulsivo e oportuno para ele. Deitou a cabeça na almofada vermelha que eu segurava no colo, como se a posição fosse a mais comum entre nós.

Eu ainda mantive as mãos suspensas no ar, sem saber o que fazer com elas diante de seus ombros largos e queimados tão próximos. Um gigante repousava com tranquilidade em minhas pernas e meus músculos enrijeceram se retendo de qualquer movimento. Vitor veio em meu socorro e me ajudou puxando uma delas para frente e a beijou em agradecimento por não tê-lo deixado para trás na noite anterior.

Soltei o ar bem aos pouquinhos para que não denunciasse meu nervosismo.

Eu sorri. Ele estava grato por não tê-lo abandonado?! Como se precisasse de mim mais que aquilo! Na hora, não ficara nada feliz em ter que segurar toda a barra, mas agora parecia ter dissolvido dentro de mim como um chocolate na boca. Não sentia nada além de vontade de estar exatamente daquele modo, tão unidos.

O sol dourado invadiu a sala penetrando os vidros. Fachos de luz coloriram o piso de granito cinza, tornando-os espelhos. O som alegrava uma música calma e tranquila. As plantas nos cantos da sala balançaram com uma leve revoada de vento, felizes também. A quietude era tão pacífica que bem poderia ser o céu. E, naquele instante, pensei que o céu poderia ser em parte feito de Vitor.

— Você é demais. Se eu perdesse a carteira, teria que ouvir tanto, mas tanto meu pai...
— Ele brincou com meus dedos entrelaçados nos seus. Não se importava nem um pouco com as centenas de reais que arrancaria do bolso, o relevante era a bronca.

Repousei a minha outra mão sem ocupação na almofada e, ao ser espetada pelas pontas do seu cabelo úmido recém-lavado, se arrastou como uma aranha de finas patas e chegou a sua nuca. O toque de seda era tão agradável, dedilhei penteando em sentidos contrários. Não satisfeita, baguncei tudo. Não me dei conta de que a brincadeira experimental o fez se calar.

— Dormiu? — perguntei baixinho, inclinando-me para frente, queria ver se suas pálpebras se mexiam.

— Não... Só estava lembrando o quanto isso era bom. — Sua boca roçou a minha mão que guardava consigo e eu me arrepiei. Estaria se lembrando da ex...?

— Pode pedir isso para a garota que deixou o telefone — alfinetei.

Ele, que estava de costas, se virou em direção ao meu abdômen e eu não gostei daquilo, assim não daria para pensar. Para uma mulher, essa posição evoca o significado arquetípico da grande mãe universal que carregamos conosco desde as primeiras brincadeiras com bonecas. Não há entranha de mulher que não estremeça despertando todos os hormônios maternos quando alguém lhe estende os braços em pedido de proteção. Vitor agora estava aninhado e satisfeito com nosso encaixe. Tentei lembrar-me dele sentado em sua mesa de trabalho, vestido formalmente e tratando de negócios. Não parecia a mesma pessoa e me questionei se, no dia seguinte, me trataria com indiferença profissional.

Seus olhos castanhos estavam apertados, buscando na memória um vestígio sobre a garota a que eu me referia. Como eu previ, sua curta atuação de Dom Juan não tivera nenhum marca psicológica, apesar dos miligramas avançados de álcool.

— Ela deixou o telefone no meu bolso. A loira com quatro peitos, quero dizer — gesticulei para mostrar o tamanho da comissão de frente da garota e isso lhe provocou uma sonora risada. — A ruiva também e, no final, aquela de cabelão veio correndo atrás de mim, pareciam loucas desesperadas como em comerciais...

Vitor cerrou os olhos desconfiado de minhas hipérboles e admiti que a última parte fosse exagero e, sem pensar, volvei com a mão em sua nuca, agora com antebraço roçando sua bochecha de barba bem rala.

— Você se machucou? — Vi que suas axilas estavam avermelhadas.

— É a fricção com a roupa de surf. Está tudo bem. — Fechou os olhos brevemente.

— Ficou todo chamuscado. Você tem pele sensível, não pode deixar o sol estragar assim... — Escorreguei os dedos pela vermelhidão do seu ombro, o que o fez fechar os olhos. — Dói, né? Desculpe. Tem que passar um creme para hidratar.

— Bem lembrado, estou com a boca seca. — Lambeu os lábios.

— Vá beber água,oras.

— Hum... não, eu posso aguentar... — Gemeu, preguiçoso.

— Tá maluco, eu vou buscar. — Empurrei-o bruscamente.

— De jeito nenhum, não precisa! — Segurou meu braço com força já sentado.

— Deixa de bobeira, eu vou cobrar com juroseveros. — Atirei-lhe a almofada.

— Hum, ok — continuou na mesma posição para caso eu desistisse e pudesse dizer que tudo bem, eu não precisava lhe fazer aquilo.

Voltei com o maior copo que achei na cozinha cheio de água e ele deu uma tapinha no sofá, indicando meu lugar de volta. Deixou o copo vazio na mesa de centro e voltou a se aninhar no meu colo. Em um gesto involuntário, abri as mãos para recebê-lo.

— Não era para eu ter te segurado por muito tempo aqui... — Sua voz soltou-se de seus lábios com arrependimento triste, quase uma declaração humilhante de fraqueza. Parou por uns instantes para ver não sei o quê nos pelos do meu braço e quis saber: — Mas, não foi tão ruim assim, foi?

— Não tem por que se preocupar de ter me sufocado, na verdade, praticamente não nos vimos ontem, você estava bastante ocupado marcando território em todas as colunas da boate.

— Hei, do jeito que está falando, parece que fiz xixi nelas! Não fiz, né...

— Xixi, não, mas beijou todos os seres que se mexiam e usavam brincos. Ah, exceto eu, claro. Não cairia nessa, você é nojentamente piegas. — Fiz uma careta.

— Nem se eu dissesse... — Mudou o tom de voz. — “Gata, se fosse um sanduíche, seria X-Princesa”? — Usou uma careta sensual.

— Ahhhh, Meu Deus. Licença, vou vomitar!

— Hum, tenho outras melhores... — divertiu-se. — ... Mas, não vou te contar, pode ficar terrivelmente abalada e não se controlar.

— Claro, com certeza! Não seja tão cruel comigo, eu não posso sobreviver a isso, é forte demais... — Pus a mão no peito. — ... Você é tão ridículo... — Balancei a cabeça para os lados e afaguei mais forte sua nuca, isso lhe tirava um pouco o controle, sua face ficava perfeitamente relaxada. Havia algum dispositivo ali atrás que o desarmava.

— Você é das que leva para casa a conta dos “não” que deu como glória.

— Eu? — Uni minhas duas sobrancelhas. Quando tivera tempo para fazer essa observação?

— É, isso mesmo. Eu me sinto um fantasma. Chego na garota e falo minha cantada mais elaborada e ela continua olhando através de mim como se eu fosse transparente. Depois, chego junto e ela passa ao meu lado indiferente — contou levantando um pouco para gesticular melhor, nossos rostos agora a alguns centímetros. — Ai, a vontade é dizer: “Sua gorda medonha!”

— Então, era isso que você diria pra mim? — Franzi o rosto com uma cara de desprezo.

— Não, para você não, eu teria que ser bem pior... — Deitou no sofá. — Mas, lembre-se que já me deu um “não”. Mas, não se preocupe, não tento mais, agora eu só quero você como a minha cúmplice, isso é terrivelmente pior — advertiu.

— Claro, eu tenho que te arrastar para casa, te dar banho, te ver vomitar... Elas não precisaram.

— Eu fiz tudo isso?! — arregalou os olhos.

— Estou só prevendo o futuro e pintando o quadro.

— Ah, bom... Que tela sombria, hen?! É tão horripilante?

— Quantas vezes vou dizer que não? — retruquei para convencê-lo de vez. Seu prazer era ouvir com mais veemência.

— E seus sapatos? Acho que vai precisar de outros.

— Ah, não se preocupe, eles vão para o cemitério dos sapatos ingratos de baixo da minha cama.

— Não... Eu quero dizer, vou precisar de te dar outro.

— Daqueles bem torturadores?

— Como vou poder te buscar na faculdade sem uma desculpa decente?

— Não diz nada, aparece lá e abre a porta. — Encolhi os ombros, tudo podia ser tão simples e eu queria mostrar isso a ele. — Não há nada de mal nisso. Exceto se estiver se sentindo obrigado... se te atrap...

— Quantas vezes vou dizer que não?! — Era sua vez de se irritar por minha desconfiança.

— Ok. — Levantei as mãos em rendição. — Pode me buscar quando quiser... Aliás, eu...

— O quê? — Não gostava quando eu desistia de lhe contar algum pensamento secreto que escapara.

— Essa sexta, eu senti que você faria isso, sem avisar.

— São nossos sentidos aguçados — explicou e não parecia brincar dessa vez.

— Vitor. Acha mesmo que o meu sonho tem aquele significado? — Não quis pronunciá-lo.

— Isso te preocupa? — Puxou um dos meus cachos.

— Não é uma preocupação, mas... um incômodo.

— Por quê? Não tem nada demais, acontece com todos... — Acho que ele não entendia o que eu queria dizer especificamente sobre pessoas se encontrarem em diversas vidas. — Não gostou de conhecer meus pais, a família do Kali, o Kali, eu...?

Eu, óbvio que tinha gostado. Mas, o problema era justamente os dois virem em um

pacote só, quando minha necessidade pedia apenas um deles para cada vida. Vitor não sabia de todo meu sonho. Eu lembrava bem de seu beijo forte e intenso. Nada comparado aos que distribuíra na boate, ontem. Era como se fosse um beijo existencial, extrassensorial que me fazia acordar como vítima de afogamento, sufocada de ar, mas repleta de prazer.

— Se pudesse não ter conhecido um dos dois, teria preferido? — Quis saber e eu supus que se seguiria com uma segunda questão pior: qual deles preferia ter ou não conhecido. Antes, sai pela tangente e garanti que, se houvesse opção, ainda assim, gostaria que fosse igual, afinal, os dois eram importantes em sua medida.

— E você? Gostou de ter me encontrado nessa vida? — aproveitei para investigar.

— Como pode me perguntar uma coisa tão boba... — Franziu a testa. — ... Já nos conhecemos a tantas outras! — falou com muita certeza. — ... Não sente? Não sente a energia girando entre nós, como se fôssemos velhos amigos, de todos os séculos?

Não respondi, estava séria demais, olhando o nada atrás de seus ombros.

— Só sei que está aqui de novo porque fazemos uma boa parceria juntos. — Deixou daquele modo para que servisse a qualquer tipo de interpretação.

Quis colocar o nome de Kali na conversa para entender seus sentimentos e intenções, mas Vitor não tocava no amigo, tudo que se referia a “nós” não o incluía. Eu podia entendê-lo. Kali não existia dentro daquele elo novo entre Vitor e eu. Não cabia no meio da nossa amizade. Era um completo desconhecido que eu tinha a liberdade de gostar em outro departamento da minha vida. Se Vitor houvesse feito uma só restrição a isso, já teria fugido. Mas, sua tranquilidade em lidar com isso me atinha.

— Pelo visto, tínhamos que nos encontrar de qualquer modo... — Pensei alto. — Qual foi o marco inicial que cruzou nossos caminhos? — propus o enigma.

— Hum... Eu conheci você na casa do Kali.

Eu não me lembrava bem de Vitor naqueles primeiros dias. Desde quando ele passara a prestar atenção em mim? Nada de perguntar, havia questões totalmente proibidas.

— Eu conheci o Kali através da Priscila — continuei o raciocínio lógico, formando em voz alta a cadeia de fatos. — ... Mas, eu conheci a Priscila por causa do meu irmão. Ele falou para a fisioterapeuta sobre mim e ela me indicou. E... Meu irmão a conheceu por causa do acidente. Foi aquele acidente horrível que cruzou nossas histórias. — Achei o ponto marco sozinha para minha própria questão. — Como uma coisa tão horrível, tão dolorosa pode...

— Hei... — Ele segurou minha mão contraída, meu rosto franzido deve tê-lo assustado. — ... Está tudo bem agora. — Acariciou minha bochecha por alguns segundos com o dedão. — ...Há encontros que começam dolorosamente mesmo.

— Estranho dizer isso... — Sorri da clareza da conclusão repentina que explodira em minha cabeça. — ... O acidente horrível fez meu irmão conhecer a Andy, sua

fisioterapeuta. Ela rompeu com a amiga por causa de um amor comum das duas. Eu conheci a Priscila em um momento como esse...

— E você me conheceu por causa do Kali. — Chegou à minha frente no ponto final da questão e colocou o fato dentro do contexto ruim que eu levantava. Abaixou os olhos e não consegui pensar em nada para dizer, foi então que me encarou novamente. — Mas, nós íamos nos achar de qualquer outra maneira.

— Por que insiste tanto nisso? — perguntei docemente, curiosa e, não, irritada.

— Temos uma missão de crescimento. Você vai provocar alterações no meu destino e, eu, no seu, como Kali, Priscila, a fisioterapeuta, seu irmão...

— E, se meu irmão, naquele dia, tivesse acordado um só minuto mais tarde... Eu não gostaria que ele tivesse se machucado. — Mordi o lábio.

— Pode ser tudo uma viagem... — Ri.

— Acha que pode? — Afastou o cacho do meu rosto e sua mão roçou minha maçã do rosto.

Uma porta se bateu com força lá em cima. Assustei-me. Vi um vulto branco passar pela porta da varanda da sala. Apertei mais os olhos e fixei a visão, só havia os facho de luz iluminando a poeira em suspensão. Pedi licença para Vitor e me levantei. Caminhei até a porta da varanda e vi que era Marcelo. Estava tremendamente aflito. Meu coração disparou.

Vitor apareceu atrás de mim. Sabia que podia ouvir. Colocou sua mão em minha cintura. Eu me virei para ele bastante pálida quando Marcelo desapareceu. O meu celular começou a tocar na bolsa. Trocamos um rápido olhar até eu correr para pegar o aparelho. Era do celular de Priscila.

— Alô? — ouvi a voz tensa masculina do outro lado. — É o Luis, Tamires.

— Ah! Oi, está acontecendo alguma coisa? — apressei-me para perguntar, meu pressentimento era muito forte de que não me ligariam por boa coisa.

— Está. Priscila entrou em trabalho de parto — avisou.

— Que ótimo — falei sem entusiasmo, a vibração da sua voz não era boa, logo se seguiria alguma notícia ruim. Passei a mão na testa e depois segurei o meu quadril.

— Mas, ela não está bem, nada bem... — avisou e parecia tão desesperado quanto Marcelo. Ele pela mulher, Marcelo pelo filho. — ... Ela está chamando seu nome.

— Me dê o endereço do hospital que vou pra aí agora. — Procurei com os olhos algum papel e Vitor veio em meu socorro com um papel e caneta. — Hum... Ân, entendi. Te telefono para esse número assim que chegar. Ok, ta, ta. Fique calmo. Beijo, tchau. — Desliguei e fiquei parada, digerindo a situação.

— Ela vai morrer? — Vitor achava que eu podia ter ciência de tudo.

— Me leva lá? — pedi e imediatamente ele sacou a chave do carro em cima da mesa da sala.

— Vou lá em cima vestir uma camisa. Dois segundos. — Pulou de dois em dois degraus e apareceu logo depois enfiando a gola pelo pescoço. Passou na frente em direção a garagem.

No carro, olhei pelo retrovisor. Vitor fez o mesmo e virou o rosto para mim, seguindo meu ponto de atenção. Marcelo estava impaciente demais para nos deixar, o que aumentava meu nível de preocupação a um ponto de sobrecarregar o meu coração com um trabalho intensivo.

Saltei do carro quase ainda em movimento e corri até a recepção. Vitor estacionou e me encontrou. Não tive tempo de dizer-lhe palavra alguma, já nos apressávamos pelo corredor cumprido. Eu mais a frente, louca para encontrar respostas para a presença ostensiva do espírito de Marcelo.

Luis levantou a cabeça quando ouviu nossos passos, ficou de pé e olhou-me com um pânico de morte. A mesma angústia de Marcelo. Priscila estava correndo riscos de vida, informou-me. Eu fui amparada por Vitor, que me segurou para não cair. Ela era muito importante para mim, não queria que partisse. Sabia que era muito egoísmo interferir o curso natural do destino e deixá-la encontrar a paz e a luz. Abracei Vitor com a boca em seu ombro. Foi sua vez de fazer carinho em minha cabeça. Puxou-me até o canto de uma janela aberta.

— Ela deve estar sofrendo muito... — Tentou usar as palavras sem grande carga de emoção.

— Aposto que não está entendendo nada, ela não é como nós... — suspirei. — ... Se tiver naquele estágio de rompimento com o corpo físico, deve estar muito apavorada, olhando-se de fora. Será bem mais difícil.

— Não sei se eu, apesar de ter consciência disso tudo, também não estaria enlouquecido... — Ele não escondeu as próprias limitações. — Ainda temos muitas coisas a realizar.

Olhei para o lado e não vi Marcelo. Esse seria um sinal a que se temer? Vitor notou o meu rosto vago e os olhos perdidos em outra dimensão. Puxou-me o queixo para ele.

— O que podemos fazer? — perguntou. — Nada? — Ele sabia a resposta.

Abracei-o com força e seus braços enlaçaram-me consoladoramente. Respirei fundo. Queria que Kali estivesse ali com sua família. Mas, eu só podia contar com seu amigo.

As horas foram intermináveis. Eu já estava sonolenta com a cabeça apoiada na parede quando uma enfermeira apareceu. Seu caminhar era lento e o semblante totalmente inexpressivo. Senti as lágrimas já começarem a transbordar das comportas do meu coração. Vitor apertou minha mão muito forte entre a sua.

— O bebê está bem. — Ela falou para Luis. — Mas, sua esposa está... ainda inconsciente. Ela passou por muitas complicações. Não poderá vê-la de perto.

Deixei o ar dos meus pulmões se soltarem bem devagar. Vitor encostou sua testa na minha, podíamos ter esperança. Sorri com o pouco de felicidade a que poderia me prender. Apertei sua mão com força no meu colo.

Três horas depois de muita súplica, consegui ver Priscila através de um vidro. Estava em coma. Fechei os olhos e pedi que a legião de anjos viesse cercar sua maca. Falei-lhe no silêncio que precisava ser forte. Senti uma leve pressão no meu braço. Abri os olhos e encarei Vitor ao meu lado, ele estava com o rosto virado para uma mulher que acabara de chegar. Meus lábios se entreabriram.

Era muito inacreditável para ser verdade. *Andy!*

A enfermeira deixou que entrasse. Tudo foi feito em silêncio. Devia conhecer alguém importante no hospital para conseguir aquela permissão extraordinária. Só eu sabia o significado daquele reencontro.

Meu irmão foi o próximo a aparecer, parou ao meu lado. Ele era mais um que entendia a magnitude daquela cena. Fora dele que Andy deve ter recebido a notícia depois que liguei para casa para avisar onde estava.

Andy abaixou a cabeça com as duas mãos na beirada da maca. Ficou assim por um longo tempo. Elas tinham se machucado muito, mas aquele rompimento estava acima do que podiam tolerar. Eram como irmãs, mesmo que distantes.

A palavra irmã lembrou-me Kali. Todas as pessoas a quem eu me referia nessa manhã sobre os destinos marcados estavam ali. Priscila, Vitor, Felipe, Andy, Kali em meu coração e eu. Soltei o ar dos pulmões, não sabendo se aguentava muito mais.

Andy virou-se de costas e saiu. Meu irmão a acompanhou até a saída. Não havia nada além do tempo a esperar. Quando Vitor me deixou em casa, ainda perguntei para mim mesma em voz alta:

— E se meu irmão tivesse se atrasado um minuto aquele dia?

— Eu não estaria aqui, agora — Apertou minha mão sobre a coxa. — Tente dormir.

— Obrigada por tudo... — Beije-lhe a bochecha direita. Ele inclinou a cabeça para o lado e meu rosto encostou-se ao seu ombro, aspirei um resquício de perfume ainda do banho matinal.

Sai do carro com a sensação de que fora mais que dois dias, parecia uma eternidade que nós éramos amigos. Suas palavras começavam a me dar certezas também. “Eu não estaria aqui, agora”. A frase ressoou na minha cabeça como um zumbido incômodo. A possibilidade tiraria toda a beleza do quadro. Não ter Vitor seria viver um vazio ainda maior que o de Kali. Este partira sem me deixar lembranças concretas, já o primeiro imprimia em mim todos os dias

muitas marcas fortes.

Virei a cabeça para ver seu carro tomar velocidade. Mas, sim, ele existia.



Vitor viajara à negócios para negociação com um fornecedor de tecnologia, segundo seu pai me informara, e ficara, por isso, longe do escritório por uma semana. Por causa disso, não aparecia na faculdade quando as aulas terminavam. Mas, não fui para casa de ônibus durante esses dias. Ele escalara o batalhão dos seus amigos para essa tarefa. Eu sabia que todos os dias iria descer os degraus e ouvir meu nome em um timbre diferente. No começo, encarei bem, mas hoje, eu não queria mais essa brincadeira!

O último fora Maikon e, agora, era Márcio de moto. Eu não era prisioneira, não podia ser controlada! Senti a claustrofobia daquela jaula invisível limitando meu espaço. Não ia deixar isso acontecer... Minhas mãos tremiam de raiva quando disquei seu número no celular. Joguei o cabelo pra trás e o segurei com a mão para que não caísse na testa, meu queixo estava enrugado de raiva. Minha voz seria de um grito, antes que seu alô saísse da garganta. Ele não perdia por atender.

Márcio continuou fumando ao lado da sua reluzente moto. Estava pacientemente esperando que eu subisse. Não havia a chance de negar-lhe isso. O que será que ganhava como recompensa de Vitor pela tarefa de me levar em casa? Uma peça nova para sua moto? Qual fora a promessa feita dessa vez? Meu pensamento se manteve ocupado com essas especulações enquanto a ligação continuava suspensa. Respirei forte, com as narinas se apertando ao osso do nariz. Márcio pegou seu celular e olhou-o por um instante, apertou dois botões e depois voltou a pô-lo no bolso.

— Vamos? — perguntou, como se eu tivesse acabado de descer pela escada com um lindo sorriso no rosto. Não me enxergava. Poderia ser um perfeito serial killer, frio e alheio a minha rebeldia. — Eu prometo ser bonzinho e ir devagar. — Riu e colocou o capacete, contando que eu não bateria mais o pé e o obedeceria. Vitor deve ter feito referência ao meu medo de velocidade. Grande confiança a sua em me prover logo uma moto, capaz de correr mais que muitos cavalos! Pensava que eu era uma Maria Gasolina?! — Você me ajuda, eu te ajudo, amanhã você se resolve e pronto. — Ele arrastou aquela frase como se puxasse uma corda frouxa que uma hora se esticaria ao limite e puxaria meu pescoço. Não havia muita racionalidade na sua proposta, apenas um apelo emocional para o meu cansaço evidente no rosto. Poderia fechar os olhos e estaria em casa em cima daquela máquina negra, brilhante e feroz. — Tome. — Passou-me o capacete.

Engoli em seco, o objeto pesando na minha mão direita. Precisei respirar fundo duas vezes para que meu cérebro se oxigenasse o bastante. Eu apostava que, ao roncar dos motores, eu entraria em coma. Não foi nada diferente do que imaginava, o pânico, o sufocamento, o

frio, a adrenalina em overdose, exceto pelo que vi quando abri os olhos. Não estava perto de casa, nem em nenhum lugar que conhecia.

— Que houve? A moto quebrou? — perguntei.

Ouvi o riso abafado por trás da espuma interna do seu capacete. Eu devo ter dito algo muito idiota, como insinuar que aquele brinquedo não tivesse uma vida útil brutal. Isso não explicava em nada aquela rua residencial, com um bar de porta de vidro e luz amarelada.

— Ele quer falar com você — disse, agora com o rosto para o lado, olhando-me de canto de olho.

— Você não pode me levar até em casa? — perguntei, imaginando a cara de Vitor esperando.

— Não dificulta, menina. A última parada é aqui. Já fiz minha parte.

O que ele era? Parte de uma legião oculta de seguidores de Vitor?! Será que passava um ônibus ali para minha casa ou eu teria dinheiro para um táxi?

— Vem. — Ele tocou meu braço e me olhou fundo nos olhos para não deixar dúvida de que era uma ordem. Essa não devia ser parte da “missão”, mas uma garantia de que fizera o trabalho bem-feito. Ele não estava seguro com meus olhos percorrendo o lugar em busca de maneiras alternativas de escapar. — Vou acompanhá-la. — Soou tão cavaleiro para quem me obrigava a seguir o plano.

Saltei da moto, entrei no bar e fui guiada até uma mesa no canto do fundo. Era uma adega de vinhos. A luz amarela envelhecida, os quadros retro e o chão de piso português preto e branco jogavam um pano de fundo antigo chique nos meus sentimentos afetados. Parei diante da mesa onde Vitor estava digitando no laptop. Uma luz forte descia por uma luminária quase na altura do topo de sua cabeça. Senti-me uma mocinha entregue ao vilão, pronta para ser atirada aos tubarões, tendo que decidir se iria sozinha atravessar a proa ou precisava de um empurrão.

Márcio fez um sinal de despedida e virou-se. Não tinha mais nada a fazer. Acompanhei-o com os olhos até chegar à porta e, depois, me virei para a mesa e Vitor estava de rosto levantado, a me contemplar por cima da tela. Será que mandava dali suas ordens via satélite, perfeitamente capitadas pelos celulares de seus amigos?

O ambiente era bem adulto para uma garota de mochila nas costas. Ele puxou uma cadeira ao seu lado e o ruído agudo me arranhou os ouvidos. Fiz uma leve careta e sentei. Tudo que eu mais tinha certeza era de que aquela seria nossa última conversa.

Vitor veria tão claramente como uma advogada pode usar o poder das palavras para destruí-lo que nunca mais iria querer olhar pra mim.

— Eu quero falar com você... — comecei por qualquer ponto, todos levariam ao ataque final de raiva, não importava de onde partisse.

— Por favor... — Eles estenderam a mão para uma garçonete, que prontamente pegou o bloco de notas. — ... Um sanduíche desse... — Apontou no cardápio. — E um guaraná zero — pediu e pareceu ser para mim, como não iria me perguntar?! Agora, ditaria o que comer, onde dormir, o que usar?! Isso estava passando dos limites. — ... Não vai tirar a mochila? Eu sei que, quando começa, não para... — Voltou a digitar no computador, depois apertou uma tecla e abaixou a tela. Parecia um pai calmo e pouco abalado. Ele não distinguia um olhar dominado pela repulsa de um fraternal? Eu estava bufando! — ... vamos lá? — Puxou lentamente a mochila para que a soltasse dos ombros, tudo em um gesto calculado, sabia que eu podia suspender a mesa e espatifar os pratos a qualquer momento.

Não sei por que, mas me dei mais um minuto de autocontrole. Não seria só a mesa, mas todas as garrafas do bar e os vidros, uma reprodução sombria do filme de terror Carry. Mordi a parte de dentro do lábio e me contive para não me mastigar. Os pés sob a mesa corriam milhas naquele pique trêmulo.

A garçonete serviu o refrigerante e colocou o sanduíche na minha frente. Saiu em seguida, meu rosto pareceu lhe assustar. Vitor tocou com a ponta do dedo indicador o prato e o arrastou lentamente até mim. Disse lamentar não ter suas vísceras no cardápio. Ele brincava com o perigo e não parecia em nada perturbado com a possibilidade de eu excomungá-lo da minha existência. Eu parecia ser tão fácil assim de domar? Teria que apelar para mostrar os dentes também?

Vitor inclinou o rosto mais um pouco, o movimento perfeitamente arquitetado, podia ver ângulos opostos e triângulos ocultos se formando naquela mecânica perfeita de hipnose. Deve ter saído de algum livro de física avançada. Buscou a voz rouca e baixa que tinha no abissal da sua alma para sussurrar:

— Estive ocupado com um negócio, mas não sabe quanto daria para ter eu mesmo lhe buscado, se o dinheiro em jogo fosse meu...

Não virei o rosto, apenas os olhos se espreitaram pelo canto. Não baixaria a guarda por causa de uma simples menção a dinheiro. Precisaria de mais que o barulho titilante de moedas caindo em meu pensamento para adoçar o amargo da boca intoxicada de palavrões guardados.

— ... Eu sei que acha que pode se cuidar sozinha... — Mais alguns centímetros e tocaria meu ouvido, estremeci de leve e recolhi a cabeça junto ao ombro. — ... Mas prometo não lhe deixar mais desprotegida por aí. A moto não foi uma boa ideia, concordo.

— ... A constituição me dá o direito de ir e vir. — Dei um gole no refrigerante.

Ele sorriu. As suas regras estavam fora daqueles padrões.

— ... Não sabe como é difícil negociar quando minha mente está em você... — Suas sobrancelhas se uniram e ele fechou os olhos para se recuperar da lembrança. Puxou o ar. — ... Eu posso trabalhar bem, exceto quando está a salva. — Abriu os olhos de mel.

— Não precisa se incomodar. Posso ir...

— Vai ser pior. Muito pior... Tenho que te ver bem, segura, não me pergunte por quê.

— Você deve ter sido meu guarda-costas em outra vida e eu era uma atriz famosa.

— Com sua péssima capacidade de atuar?! Só em outra vida mesmo. — Riu baixinho para não me humilhar totalmente.

— Se sabe que não posso disfarçar, já imagina tudo que quero dizer!

— Claro, claro... Come primeiro — pediu.

— Eu te acho petulante, ridículo, presunçoso... — Minha voz não tinha sua mesma magia controlada, era natural e trêmula. — ...um convencido, controlado, um...

— Eu já lhe pedi desculpas por não poder ir te buscar, não já? — Segurou meu rosto pelo queixo com delicadeza. — Desculpe. Eu juro que gostaria de estar lá. Mas, estava muito ocupado.

Meu riso saiu apavorado. Eu não conseguia me fazer entender, nem lhe irritar.

— Eu não quero que ponha seus amigos para se revezarem. Eu estava brincando quando falei aquilo. Se queriam ficar com as meninas, eu não cobraria nada por isso, nem uma carona. — Mostrei como podia ser mais altruísta e menos aproveitadora.

— Você venceu. E está certa! Eu mesmo farei isso, o trabalho não está acima de tudo, não é o que dizem?

— Vi-tor! — Sibilei, no ápice da didática. — Eu estou com raiva de terem vindo me buscar.

— E se fosse eu todos os dias? — Segurou meu rosto para que não virasse, a verdade se denunciaria pelos meus olhos. — Estaria feliz agora?

— Não saberei. Aconteceu como aconteceu. — Tentei colocar como imponderável.

— Garota... — Deu um riso sarcástico bem perto, pude sentir seu hálito de vinho. — ... Não sabe do que sou capaz.

— Você já me deu algumas amostras grátis.

— Não é nada até onde posso chegar. Eu não vou te deixar sozinha nunca mais... — Prometeu e eu franzi a testa, não era bem ele que precisava me dizer isso. — ... Até nos conhecermos, eu tenho uma desculpa, mas, desde então, farei tudo que tiver ao alcance. Tu-do. — Sua voz soou grave, rouca, profética.

— Com seus amigos atrás de mim, do jeito que está pondo, começo a me sentir como a única humana da terra que nasceu com um poder de cura surpreendente e vão tirar todo meu sangue.

— Desculpe. — Ele sorriu sem mostrar os dentes, prendeu os lábios em uma meia lua. — Eu só estarei por perto... Deveria ter colocado dessa maneira. Melhor? — Ergueu as sobrancelhas. — ... Podemos fazer as pazes agora? — Puxou-me os ombros inesperadamente com sua força esmagadora. Beijou minha cabeça. — ... Não precisa se irritar, amanhã eu mesmo estarei lá. — Voltou com aquele assunto, insistindo em ver daquele ângulo. Não discuti. Uma parte de mim estava muito satisfeita em saber que me buscaria e teríamos vinte minutos de conversa animada até eu chegar a minha casa. — ... Agora, deixa eu ver só um dos seus sorrisos? — pediu.

Ri e senti-me muito melhor trocando os sentimentos ruins pelos melhores que tinha por Vitor. Balancei a cabeça para os lados, totalmente fraca.

Tamires, você é uma fraca!

— Vo-cê... não me merece! — Apontei o dedo para o seu nariz.

— Eu sei, eu sou um corrupto completo, um traste... — debochou de si mesmo.

— Ah! É. — Peguei o sanduíche e dei uma mordida. Não estava mentido, ele estava se corrompendo a cada vez que teimava em me cercar. — Agora fala sério sobre...

— Estar sempre perto? — Roubou as palavras da minha boca. — Ao menos que me peça para ir embora...

— Nunca lhe pediria tal coisa — garanti, mas ele abaixou os olhos e vi que não acreditava. Havia um motivo de quatro letras fortes o bastante para temer que era possível sim perder minha companhia. — Você é meu amigo, não há nada que deixarei destruir isso... — Larguei o sanduíche e rapidamente envolvi seu pescoço com meus braços. — Que perfume é esse? — perguntei. — Muito enjoativo!

— É... — Riu, timidamente. — Não é o dos seus preferidos — explicou. — Não precisa fazer essa cara de que estou com cheiro de cachorro molhado.

Dei uma grande risada. Já tínhamos tido longas conversas sobre tudo, inclusive seus perfumes, seus gostos por marcas, sapatos, comidas. O tempo que parecíamos nos conhecer se multiplicava em uma progressão geométrica a cada dia.

— Eu posso aguentar. — Pisquei o olho e escorreguei os braços de seus ombros, mas foi sua vez de me apertar com um abraço muito forte e temeroso. — Preciso respirar! — Brinquei, mas não fui tão rápida em escapar quando afrouxou. Dedilhei o cabelo da sua nuca e lhe beijei o cabelo e a bochecha. — Você não deve acreditar em tudo que digo! — referia-me a raiva inicial. — Eu sou meio explosiva mesmo...

— Você disse uma ogiva nuclear! Quando entrou, pensei que pegaria a faca e passaria no meu pescoço.

— Ai, Vitor, não seja tão exagerado! — Terminei de comer.

— Seu aniversário está chegando — comentou.

— Como sabe? — surpreendi-me.

— Não é um número cabalístico ou escondido pela CIA. Está no seu Facebook, no mural do trabalho, na sua testa...

— Eu quis dizer, como se *lembra*?

— Ora, por isso... está gritando em todos os lugares...

— Desculpe, por que se lembrou? — Achei agora a pergunta específica.

— Lembra de “*sempre estar por perto, saber tudo, cuidar de tudo*”...

— Como cuidar de tudo? Não precisa...

— Na verdade, já falei com a minha mãe.

— Sua mãe... — repeti, tomando o último gole do meu refrigerante, queria acompanhar seu raciocínio, mas temia o que estava armando.

— Pode ser lá em casa.

— Quê?! — Tossi, acho que engoli uma pequena pedra de gelo. Bati no peito e pigarreei no final.

— Deixe eu contar tudo aí me tira as asas, ok?

— Hum... — Eu podia aguentar até ele acabar, mas já sabia a resposta.

— Minha mãe gosta muito de você. Sabe que ao chegar lá em casa ela te mima como se fosse uma bonequinha de pano que pode vestir, dar de comer e levar para passear... Então, ela quer oferecer o espaço. Sua mãe disse que faz os doces, o bolo...

— Hei! Você falou com minha mãe?! — Não me contive e quase gritei com ele. — Que traição é essa, tudo pelas minhas costas...

— Não! Não! Pode participar de tudo, eu sabia que ia gostar... Pode fazer a lista dos convidados, imaginar a decoração do jeito que quiser, eu não tenho muito tempo, mas posso colaborar com...

— Pare! — Coloquei a mão estendida no ar. — Eu não quero nada, Vitor. Nada que venha de você.

— Está me ofendendo.

— Desculpe, estou péssima com as palavras hoje. Não quero nada que se esforce, eu não gosto dessa posição...

— Qual? — Abaixou o rosto para achar meus olhos.

— ... De aproveitadora.

— É isso? — Riu. — Não se sintá assim.

— Não é o que pensam...

— Quem pensa o quê? — irritou-se.

— As pessoas do trabalho... Já ouvi algumas... — falei baixinho.

— Eu sou o patrão, eu que mando... — Estava furioso. — As regras sou eu que dito. E faço o que bem entender... quem não gostar...

— Esse não é você! — Assustei-me e segurei suas mãos. — Vitor? — Trouxe-o para a realidade da nossa conversa. — Está tudo bem que pensem assim, eu talvez acharia o mesmo. Cheguei ontem e já estou na sua casa...

— Nos conhecíamos *antes* disso! — lembrou-me.

Flashes rápidos e desfocados da época em que o vi algumas vezes na casa de Kali e, depois, a viagem com o quase beijo passaram por minha mente. Não eram tão claros quanto às memórias recentes.

— Está usando como desculpa. — acusou. — Não precisa convidar nenhuma delas, se não quiser.

— Isso o faria muito feliz? — perguntei e seus olhos se iluminaram. — Eu não tenho como relutar, você fará surpresa mesmo assim?

— Não tenho nenhuma arma escondida de você? Que volúvel.

— Bem pequena, ok? Minúscula — impus.

— Só um DJ, umas luzes.

— Ân?! Eu disse pequena. Quais as suas referências de tamanho?

— Não se preocupe, o DJ vai sair de graça, é um amigão.

— Arghhh — grunhi. — Tudo bem.

— E seu presente?

— Nada de nada, sem presente, já está fazendo o inimaginável...

— A festa? — cuspiu aquilo como um favor ridículo. — Isso é tão insignificante... Eu posso muito mais...

— Já entendi, estar sempre perto, sempre que eu precisar... — repeti revirando os olhos.

— Pegou o espírito da coisa.

— O que gosta?

— Ok. Presente “feito” — respondi.

— Hum... Eu sabia que você não seria fácil quando podia ser bem difícil — aceitou a tarefa. — Vou tentar não queimar todos os meus neurônios até lá.

— Não, não, não tem que se esforçar, não precisa, Vit...

— Já disse que é “de fazer”, está por acaso duvidando do que sou capaz?

— Não! — Bati com a mão na testa, vencida, entregue. Guarda baixa. — Como quiser. Vitor... Você sempre consegue tudo! — Gemi com todo o meu fracasso de persuadi-lo. — Me sinto a aprendiz de advogada mais incapaz do mundo.

— Não é. Você é muito, muito capaz. — Sorriu. — Você conseguiu transformar muitas das minhas opiniões e virar de cabeça pra...

— Quando? Como. Por quê? — Usei todas as formas de interrogação para não ter tempo de colocar uma a uma por acerto e erro, estava curiosa demais.

— Talvez esteja certa. — Suspirou. — Quero te proteger porque você é a única na Terra que tem a cura... — Parou, refletiu, mas decidiu confessar. — ... Que tem a cura contra a mim mesmo.

— Não entendi... — Balancei levemente a cabeça para os lados.

— ... Você me faz me sentir bem, só isso... — Mais uma vez colocando com palavras mais simples para não me assustar.

— Ah, então, não sou a única.

— Sim, é.

— Não... você também é. Quem consegue me fazer querer matá-lo e querer beijá-lo em pouco tempo.

Ele levantou os olhos ansiosos, eu não devia ter usado o verbo “*beijar*”, surpreendi-me na mesma proporção. Beije-o repetidamente na bochecha, segurando com a mão a sua outra maçã do rosto.

— É, só você! — Riu e pagou a conta. — Vamos, se não te deixar em casa, corro o risco de sua mãe não topa com sua festa.

— Hunf... — Aquele assunto de novo. Daria tempo de dissuadi-lo? Mas, não queria fazer isso agora.

Vitor puxou-me pela cintura e me suspendeu quando eu ia descer o degrau, o que me provocou uma risada. Achei seu carro preto com os olhos e senti uma sensação muito boa, ele estava absolutamente certo. Se tivesse me buscado, estaria mais feliz. Era sua falta que não podia suportar.

— Vitor? — Virei-me na ponta dos pés para ele e quase nos chocamos. Meus olhos

brilhavam faceiros e alegres. Ajeitei a gola da sua camisa. — Desculpe se fui estúpida?

— Hum... Claro. — Ele sempre parecia frustrado por esperar outra coisa quando eu me preparava demais para falar. — ... Eu já gosto de você petulante mesmo.

— Aiiii...

— E chantagista. Não faça essa carinha.

— Hum... — Sorri de lado.

— Por favor, entre — pediu, sério, eu devo ter passado do seu limite.

Joguei a mochila no banco de trás e comecei no rádio.

— Estão todos aí que gosta — falou, enquanto olhava o retrovisor para retirar da vaga. — Se me roubarem o carro e eu perdê-los, não quero nem saber como vai resgatá-los ou conseguir outros iguais! — Vitor tinha deixado para minha diversão os que eu mais apreciava na estante de sua casa. Isso me entretinha muito.

Recostei-me no banco confortável e o olhei dirigir com o braço na janela fechada, quieto. Seu perfume estava fixado no ar. Não era meu preferido, mas já o marcava. Podia senti-lo em qualquer lugar e teria a sensação de que Vitor se materializava.

Surpresa insuperável (Vitor)

Nossas mães estavam completamente envolvidas com aquela festa. Mas, a verdadeira dona do dia não parecia tão animada assim com a data.

Sua folga deixou a mesa e a cadeira do canto do escritório vazias. Não havia seus olhos sobre mim, mesmo quando eu só os sentia. O dia se estendeu pesaroso e insignificante sem um só dos seus sorrisos. Nunca estive tão incompetente com a menor das tarefas.

Meu alento é que era sexta-feira e o expediente não se alongaria mais. Desci para o estacionamento com a chave quicando na mão. Só, então, comecei a me entusiasmar. Se tivesse sorte com o trânsito, a veria em menos de uma hora.

Desci do carro com o celular já no ouvido. Anunciei minha chegada e Tamires pediu um momento. Um minuto depois, apareceu no portão de calça jeans e um casaco de gola alta branca. Nos pés, chinelo e no rosto, nenhuma cara de vibração.

— Parabéns. — Sorri e quis agarrá-la no ar, beijá-la inteira, bagunçar seu cabelo, fazer algazarra. Mas, continuei no ponto morto, à espera de sua coordenada. Ela estendeu os braços e me puxou com uma necessidade que nada tinha a ver com aniversário. — Eu já te dei o parabéns, mas vale o pessoal... — disse-lhe, citando minha ligação a meia-noite e um. — ... Eu pensei que já estaria pronta — comentei, vendo que não me soltava. — Tudo bem? — Afastei-a do meu peito. — Aconteceu alguma coisa? Era para estar feliz, não?

— Não sei porque... — Foi vaga. — Vamos entrar? — Virou as costas para me negar os olhos e isso era péssimo sinal. — Todos já foram, não tem ninguém... — Fechou a porta da sala atrás de nós. Desligou a televisão com o controle remoto e se jogou no sofá. Sentei-me ao seu lado. — ... Podíamos ficar aqui, eu faço uma pipoca no micro-ondas, a gente...

— Kali não te ligou ainda? — perguntei, sentindo o peito queimar, como aço líquido borbulhando no fogo.

Não queria continuar a ver seu rosto sem o sorriso, faltava a melhor parte nela! Que relação à distância mais estúpida levavam!

Tanto que eu tinha avisado a Kali por e-mail e Facebook, só para que não esquecesse e estragasse as coisas para o meu lado. E, agora ainda tinha que juntar forças para defendê-lo para fazê-la feliz.

— Não. Mas, que importa? — Suspirou. — A pipoca ainda está de pé?

— Nem a pipoca, nem essa roupa... Nada disso, se levante, se arrume, porque tem muita gente te esperando.

— Muita? — Gemeu como se lhe oferecesse uma colher de remédio amargo.

— Vamos? — Levantei, estava sério, me controlando para não pegar o celular e xingar meu amigo de todos os nomes que lembrasse. Kali tinha um poço de petróleo no quintal de casa, uma mina de diamantes no jardim e preferia ignorá-los?!— Quero vê-la incrivelmente bonita.

— Ah! Hoje não vai ser possível... Estou um horror... — Fechou os olhos com a cabeça enfiada no travesseiro.

— Não me faça ter que dizer que sempre está bonita. Ok, eu digo. O que mais para se levantar?

— E meu presente? — Abriu o olho de repente, se iluminando inteira.

— Pensei que não se importasse...

— Não com o de comprar...

— Sim, eu lembrei seu presente “feito à mão”. E está lá em casa, por isso, levante-se daí!

— Hum, e o que é?— Tamires ficou de pé.

— Já ouviu falar de surpresa?

— ãnh... Mas o dia já é hoje!

— Não até eu ter essa boa desculpa para levá-la daqui.

— Fala como se pegasse um osso de galinha e arrastasse por um anzol. Já estou me vendo como um cãozinho correndo atrás com a linguinha de fora! — comparou e nos fez rir. Já estava recuperando seu estado de humor e isso era ótimo.

— Vem pra cá. — Ela abriu a porta do seu quarto. — Eu vou me trocar no banheiro e já venho — Pegou o vestido no cabide que estava pendurado na porta.

Deitei em sua cama e cruzei as pernas. Apoiei a nuca na palma da mão direita.

— Vamos ver como posso mudar essa cara... — Sentou-se na penteadeira de costas pra mim. — Como foi o dia hoje lá sem minha presença?

— Normal... — Menti. Para mim, tinha sido um tédio insuportável.

— Nossa, que insignificância. — Ela parou com o lápis de olho na altura do nariz e fez uma careta. — Nem uma pontinha de saudade?

— Sabe que eu preferia você lá. Sinto sua falta sempre, como o ar. — respondi do jeito que ela queria, carregando de um tom de sarcasmo para aplacar o platonismo.

— Eu também sinto a sua, Vitor — respondeu baixinho, sem emoção, enquanto escolhia o tom da sombra. — Sonhei mais uma vez aquele sonho hoje. Quando conseguirei sublimá-lo de vez? — Balançou a cabeça para os lados e procurou alguma coisa na bolsa de maquiagem vermelha de bolinhas brancas, parecia conversar sozinha.

— Quando realizá-lo? — Acho que matei a charada ou lhe propus algo extremamente desconcertante, pois me olhou pelo espelho e sorriu muito sem graça. — Já está bonita... — começava a me cansar.

— Pra você, eu bem poderia ir de rosto lavado.

— Exatamente, é linda de todo jeito.

— Pra mim, você também.

— *Lindo?*

— Gosto de você como é. Principalmente, descabelado, quando surfa.

— Isso ainda não quer dizer *lindo*...

— Deixa de ser convencido!

— Só pode responder?

— Simmmm, você é lin-do de *qualquer* jeito.

Sorri, satisfeito. Adorava arrancar-lhe o que queria. Éramos tão parecidos nessa arte.

— Acho que o melhor presente já ganhei. — Ela virou-se na cadeira e me encarou de lado. — Priscila saiu do hospital. O bebê também está ótimo! Não vejo a hora de visitá-la. Quer ir comigo?

— Claro, quando quiser — aceitei prontamente e depois medi os riscos de cruzar com os pais de Kali. Eles pensariam o que da minha amizade com Tamires? Aliás, essa noite eu deveria estar muito atento. Todos os pares de olhos me vigiariam.

— Que foi? Ficou quieto. — Ela reparou. — Me dá o seu pensamento, hoje é meu dia.

— Estou pensando em uma data livre para irmos — respondi logo para não ser pego na mentira.

— O seu preferido, o clássico ou esse novo? — Mostrou os frascos de perfume.

— O meu preferido — Gostei da importância que me deu a sua escolha.

— Só essa última ajuda e pronto. — Veio sentar na beirada da cama de costas com o colar para eu abotoar. Sentei-me e demorei para engatar o fecho. Fingi cegueira, falta de unha, inabilidade, tudo que estendesse o contato próximo as suas costas seminuas e o pescoço

perfumado. — Está difícil aí, hen?! Quer que eu tente?

— Consegui. Pronto — Abotoei. — Você fica se mexendo — Culpei-a.

— Como estou? — Virou o corpo e abriu um sorriso brilhante e hipnótico.

— Quer que eu diga mais uma vez? — Bufe.

— Diz com outras palavras, então... — Deu de ombros e pegou no meu relógio para ver as horas, segurei seus dedos e, depois, sua mão. Seus olhos cintilantes não esperavam exatamente um elogio, mas que eu provocasse nela a sensação de que era a garota mais querida do mundo e eu sabia muito bem de quem era a culpa por sua insegurança!

— Como quer... — Segurei sua nuca e fiz um afago com os dedos em seus cabelos. — Que você é tão fascinante quanto uma deusa?

— Parece letra de pagode, Vitor! — desdenhou. — Deusa?!

— Ok, Tchuka? — Ofereci outra opção mais esdrúxula e ela soltou uma risada sonora. — Sabia que ia gostar mais dessa.

— Adoro vocêêêê! — Alongou a última vogal e bagunçou meu cabelo, afastei-me para trás e seu corpo acompanhou meu movimento. — Está certo... — Parou inclinada sobre mim, desistindo da guerra de braços. Apoiei o cotovelo na cama. — ... Não é normal isso entre nós. — Ela abaixou os olhos para a minha camisa branca e desenhou qualquer coisa abstrata no meu peito. Se ao menos eu pudesse usar um só movimento para virá-la e tomá-la... Engoli em seco e sustentei minha passividade. — ... Eu me sinto tão eu mesma ao seu lado. Poderia perfeitamente ficar aqui comendo pipoca e ouvindo suas bobagens.

— Bobagens... — repeti.

— É... Isso de me achar uma deusa e tal.

— Não é... — Levantei o corpo e a segurei nos braços. Não, Vitor! Não se exceda mais que isso! Ela é proibida, uma voz ressoou dentro de mim com um grito agudo. — ... Eu te acho incrível. E isso não é um sentimento de agora, é mais antigo, quase secular, diria. Uma força de um furacão...

— Sim, teríamos pipoca e *seus exageros*! — Ela beijou minha testa e se levantou.

Soltei o ar devagar, cansado demais por correr a maratona parado no mesmo ponto.

— Vem, minha Deusa, até agora você só está me enrolando. — Puxei-a pela mão.

— Mas, só retocar o...

— Ding Doinnn. Tempo esgotado. — Puxei-a para a saída.

— Lavou o carro? — Foi a primeira coisa que falou ao bater o portão. Nosso grau de convivência estava subindo para a potência preocupante e eu gostava na mesma proporção que temia.

Chegamos em pouco tempo na minha casa e a rua estava repleta de carros parados no acostamento. Tamires se deu conta disso e pareceu aflita, não fez nenhum movimento para sair. Peguei em sua mão e falei que não ficaria ali a noite toda. Depois, soltei e sai do carro. Ela fez o mesmo e sorriu, sem parar de olhar para a casa completamente acesa. Alguns amigos nos avistaram da sacada e avisaram que tínhamos chegado.

— Não vai colocar o carro lá dentro? — perguntou.

— Não, a garagem está ocupada com uma surpresinha... A noite está só começando.

— Não me assuste. — Riu, nervosa.

Entramos pelo portão do estacionamento e descemos a rampa que levava a garagem do subsolo.

— Meu Deus... — Ela suspirou e me olhou incrédula, não sabia o prazer que me dava com isso.

Meu amigo DJ tocava na sua mesa de mixagem e nossos amigos se divertiam dançando na pista que improvisamos com luzes, alguns panos coloridos. Dois garçons faziam os drinques com Vodca e frutas. Alguns isopores com cerveja à vontade.

— Isso deve ter custado uma fortuna... — Tamires pegou meu braço e arregalou os olhos.

Fale em seu ouvido.

— É muito pouco para ver você feliz.

— Eu não mereço *tudo* isso... — Riu e começou a ser cumprimentada pelos amigos da faculdade e do trabalho. Todos estavam gratos pela festa e queriam parabenizá-la. Sua amiga Gisele, que já tinha os braços de Márcio por sob seus ombros veio contar que fora a responsável pelos acréscimos a lista modéstia de Tamires.

— Vitor arrasou, não? — Ela gritou para que pudéssemos ouvir. — Vocês estão lindos *juntos*! — disse já meio bêbada.

Eu me sentia satisfeito de ser querido entre as pessoas que lhe importavam. Mas, nós dois partilhávamos da linha limite que cercava as fronteiras de nossa amizade. Tamires abaixou os olhos, ignorou a animação de Gisele e apressou-se a abraçar uma outra conhecida que lhe entregara uma caixa com um presente embrulhado em papel vermelho.

— Posso falar com você? — Gritou.

— Vem comigo... — Atravessei a pista até a escada que levava à cozinha. Subimos e, ao fechar a porta, o som ficou abafado.

A mãe de Tamires e a minha conversavam animadamente junto à bancada da cozinha repleta de comida. As duas vieram enchê-la de beijos e carinhos.

— Parece que estão se dando bem... — comentei.

— Ah! Sim, sua mãe é tão adorável quanto você. — Dona Rô sempre ótima anfitriã. — Seu pai está lá na sala, vai lá falar com ele. — Dirigiu-se a mim e pediu que eu deixasse Tamires um pouco com elas.

A sala estava com uma música ambiente mais baixa, a mesa repleta de petiscos e salgados. Os parentes de Tamires estavam confortavelmente acomodados. Tudo saíra tão perfeito que eu me sentia realizado. Minha mãe merecia que eu lhe fizesse o que pedisse por muitos anos para agradecer a sua empolgação e empenho. O dinheiro também fora muito bem empregado, não me arrependia de uma só moeda.

— Tudo isso é pra mim? — Ouvi sua voz e me virei sorrindo. — Falta alguma coisa para ficar mais incrível? Não consigo pensar! — Brincou. — Eu preciso te falar...

Seus parentes fizeram fila para mais abraços. Avisei-lhe ao ouvido que tomaria banho e já voltava. Eu precisava tirar a roupa do trabalho e me arrumar. Fiz isso o mais rápido que pude e, quando já estava quase pronto, ouvi três pancadinhas na porta.

— Posso entrar? — Ela pediu.

— Pode, estou pelado...

— Engraçadinho! — Fez uma careta e foi sua vez de se espalhar na minha cama, entre as almofadas. — Preciso respirar, nunca tive que lidar com tanta gente! Posso ficar aqui um pouquinho? — pediu.

Essa não era uma pergunta apropriada a responder. Por mim, ficaria ali, naquela posição onde poderia alcançá-la quando quisesse para sempre. Sentei-me ao seu lado para calçar o tênis.

— Está com o rosto vermelho... — comentou.

— Estou um pouco cansado...

— Te dei muito trabalho, né?

— Faria tudo de novo. Agora não podemos ficar aqui...

— Só uma coisa...

— Sim, você ia dizer o que mesmo? — lembrei-me.

— Hum... Eu queria te agradecer... — Tamires achou alguma coisa no meu cabelo que lhe tirou a atenção da fala, que ficou arrastada e desconcentrada. — ...Você pensou em tudo para me alegrar. Nem parece que... — Começou a dedilhar os fios dos meus cabelos e arrumá-los em diversas direções. Mal sabia que esse simples toque me impedia de pensar ou ouvi-la. — ...Eu estava em casa agora pouco sem saco pra nada. Agora estou aqui, louca pra curtir tudo... — Parece que gostou do resultado bagunçado que conseguira. — ... Obrigada — resumiu.

— Como você gosta do meu cabelo, hen? Ou, não, porque vive tirando do lugar!

— Não sei... Agora está bom. — Cerrou os olhos, ameaçou esticar as mãos mais uma vez e eu me afastei.

— Eu não sou sua boneca! — Ri.

— Meninos... — A voz da minha mãe no corredor me fez levantar abruptamente. Tamires franziu a testa e continuou no mesmo lugar, só um pouco menos relaxada. — Ah! Estão aí... — Olhou para Tamires e depois investigou nos meus gestos qualquer vestígio de algo que eu pudesse lhe esconder. — Venham ver quem chegou. — Ela sorriu, animada.

Só havia uma pessoa que a faria ficar daquela maneira. Meu coração vacilou no peito. Tamires perguntou quem podia ser, mas encolhi os ombros. Era melhor não pronunciar nomes para que não se tornassem verdade, pensei. Da escada, tive certeza. Eram os pais de Kali. Seguravam uma caixa do tamanho de uma pizza gigante embrulhada em papel prateado, com um laço vermelho.

— Pra mim? — perguntou ela, apontando para seu peito. Agradeceu e perguntou rapidamente sobre a saúde de Priscila e do bebê. Estavam bem, responderam. — Quem ótimo! Queria tanto vê-la — suspirou.

Eu cumprimentei o casal e me dirigi à mesa de frios. Não queria proximidade deles aquela noite. Não podia controlar meus olhos e mãos ao lado de Tamires.

Mas, não pude deixar de reparar na sua cara de estupefação com o que vira dentro da caixa. Ficou parada, olhando para dentro, com a boca aberta. Mastiguei o queijo espetado no palito e senti a minha curiosidade forte o bastante para arriscar me aproximar.

Estiquei o pescoço e vi que ela lia um papel: “Abra perto dos nossos amigos.” Pedia. Tamires levantou a mensagem, havia outra caixa menor. Sorriu, fascinada.

A essa altura, Gisele, que aparecera na sala, já estava animada para compartilhar o presente. Arrastou Tamires para a pista de dança e fez o DJ parar. Chamou atenção de todos. Eu fiquei estático à porta, sentindo enjoar.

Meus pais e parentes apareceram sobre meus ombros, respirando também ansiosos atrás de mim.

Cada movimento de puxar uma alça do laço de fita vermelho era como se suspendesse uma veia do meu coração e me tirasse o sangue. Comecei a temer aquilo mais que uma bomba relógio.

Meu medo era claro de que o presente fosse de Kali. Como ainda duvidava da obviedade de situação? Seus pais não lhe trariam nada misterioso além de brincos, uma blusa ou uma bolsa. Mas, ele seria capaz de dar-lhe algo tão inovador quanto sua criatividade pudesse inventar para suprir sua ausência.

Sim, meu pânico estava nesse ponto: seu presente iria fazê-la esquecer todos os sentimentos de desprezo que sentira o dia todo. O entendimento das minhas pulsões me deu nojo, eu queria, então que ela sofresse? Que egoísta eu podia ser. Eu nem vira ainda o que se escondia entre as fitas vermelhas e já tinha raiva. Tamires se deixaria levar por qualquer objeto e considerá-lo o cara mais sensível do mundo?! Os humanos nesse ponto eram tão vulneráveis ao teor simbólico das situações. Mas, não era um colar de diamantes que a aguardava, afinal, para que a necessidade da plateia e do silêncio ao redor da caixa exigidos naquele bilhete?

O suor nas mãos e a secura na minha boca me constrangiam. Ao menos ninguém percebia além de mim. Estavam tão obcecados em desvendar o segredo que eu podia aproveitar alguns segundos de anonimato. Mas, será que o que viria iria questioná-los de alguma falha minha? A festa estava acontecendo na minha casa, Tamires era tratada pelos nossos pais como se fôssemos “namorados não oficialmente declarados”. O carinho e sintonia que trocávamos eram fortes, não deviam ser cegos para notarem.

— Oh ... — A exclamação ecoou mais rápido do que eu pudesse analisar o que também vira. Não que à distância de onde eu estava não me permitisse distinguir o presente. É que meu cérebro tentava fazer milhares de conexões com as atitudes típicas de Kali a fim de desvendar o que aquilo tinha a ver com a necessidade de ela mostrar o presente em público. Agora eu me tornava ainda mais preocupado que antes.

— Meu Deus! — Gisele vibrou. — É um computador Apple novinho! — Ela deu um gritinho.

Meu cérebro se dividiu em duas zonas de concentração. A primeira fazia uma varredura ainda em todos os padrões de comportamento de Kali e a outra parte procurava os olhos de Tamires para medir a sua felicidade. Outra vez me senti sujo. Como poderia desejar que estivesse triste? Pior, que monstro eu era para ter dado um sorriso como aqueles quando entendi que o presente não era o que esperava. Ela gostava de coisas que fossem feitas com exclusividade. Não conseguia enxergar no incrível aparelho a mesma emoção dos demais, ele poderia ser perfeitamente comprado por um bom preço em alguma loja nos EUA, a pedido de Kali pela sua secretária. Essas avaliações mentais me divertiram malignamente por um segundo e me deram o sorriso que eu precisava para disfarçar.

— Mas... O presente não é esse. — A voz que partiu do meu lado parecia ter lido meus pensamentos, assustei-me e temi ter falado qualquer coisa em voz alta. Arregalei os olhos e encontrei a mãe de Kali já perto de Tamires. — Abra.

Era o que eu temia e previa, Kali não deixaria o brinquedo High Tech ser entregue sem nenhuma carga maior de significado. Eu só tinha que aguentar firme e ficar com o sorriso congelado. Não movi a cabeça para não encontrar os olhos dos meus pais em algum ponto do meu campo de visão.

A condenação que viria seria difícil demais de suportar. Eu nunca afirmara que namorava Tamires, mas era o que desejavam e queriam acreditar. A prova disso fora aquela

incrível festa. Magoá-los com aquela frustração seria um impacto como de um acidente de carro. Não queria que suas tristezas caíssem sobre mim como pequenos pedaços de vidros estilhaçados. Cortar-me-ia a alma. Eles não mereciam que lhes proporcionasse aquela notícia dessa forma. Se era ruim, podia ficar pior. Agora sim minha mãe teria de primeira mão o fato: “Eu estava sendo afetuoso com a garota do filho da sua melhor amiga”. Para ela seria como seu estivesse em um incesto com minha irmã.

— Eu não sei mexer nisso. — Tamires voltou a ter os olhos iluminados pela esperança e isso me corroía por dentro, amargando a minha boca. Onde estava meu sorriso? Podia me deleitar de alguns segundos sem ele, todos estavam novamente hipnotizados, eu era insignificante e devia aproveitar bem isso. Precisaria

— Vitor... — Ouvi alguém chamar meu nome. Não, por favor, não me peçam para mexer no presente, eu posso não me controlar e parti-lo. Meu coração iniciou um processo frenético e doloroso de batidas descontroladas, eu entraria em síncope se outra pessoa não se predispusesse.

Tamires seguiu a voz e me olhou pela primeira vez. O sorriso, onde estava o meu sorriso?

Abri-o com a força que não tinha e este saiu como o sorriso natural de uma fera maldita e asquerosa que trama destroçar a mocinha inofensiva. Que animal eu era para lhe oferecer essa alegria falsa?! Quem sabe, ao contrário, que abnegado eu estava me comportando para esconder meu inferno e não atrapalhar sua felicidade? O outro ângulo me fez relaxar um pouco mais os músculos, só que trouxe o terrível fel da pena. Eu tinha piedade de mim mesmo e isso era tão ridículo. Eu, Vitor, o cara que podia ter todas as garotas! Todas não, exceto uma. Se a auto piedade era humilhante, prever todos os pares de olhos destinando o mesmo sentimento para mim foi um golpe silencioso no estômago.

— Eu ajudo. Meu pai tem um. — Sandrinha ligou o aparelho. Eu devia agradecer-lhe por isso depois de alguma maneira.

Dei quatro passos atrás, devagar para que fossem imperceptíveis. Eu sabia que a bomba estouraria. Não os machucaria, não os faria mal, mas me mataria. Escondi-me na zona de sombra, afastei meus olhos do seu campo de visão. Eu era mal por querer que ela não tivesse aquela felicidade. Eu era bom porque não deixaria que tivesse pena, que sua alegria fosse diminuída em nenhum micropedacinho de vibração por minha causa. A minha dualidade era sobre humana, mas me dava esperança de salvação.

— Na verdade, ele pediu para você abrir esse vídeo. — A mãe de Kali projetou na televisão o vídeo do seu celular.

A mãe de Kali lhe contara da festa e meu amigo aproveitara para mandar o presente. Será que ele não estranhara nada? Eu dando a minha casa para comemorar o aniversário de sua garota?

Acho que seu interesse por mim era criação de minha cabeça.

Os olhos de Tamires se iluminaram e seu sorriso se abriu.

Um vídeo deu lugar à apresentação de fotos. Meu estômago se revirou e senti que meu equilíbrio tinha sido atingido. Era Kali, escorado em um capô de um carro. Alguém segurava a câmera um pouco trêmula.

— Oi, linda. Bom, estou aqui muito longe, mas queria estar aí ao seu lado. A festa deve estar incrível, meus amigos te dando atenção, mas eu aqui, do outro lado do mundo...

— Ohhhh... — As meninas se emocionaram em um coro.

Revirei os olhos?

Tamires só deixou uma linha reta e imóvel nos lábios, mas seus olhos eram tão cintilantes que nem poderia duvidar da emoção que se derramava dentro dela.

Como são tão superficiais! Elas não sabiam o quanto Tamires era triste quando a conheci. Seu coração estava espedaçado e não havia nenhuma felicidade, qualquer sorriso, qualquer sinal de vida... Tudo culpa do mesmo homem que agora elas achavam um máximo por causa de um vídeo. Ele não estava ali para ampará-la, não a conhecia de verdade! Idiotas!

Para tolerar mais um pouco, tive que parar de encarar Tamires, desviei o olho para o lado e assustei-me quando me dei conta de que outra pessoa me vigiava da mesma maneira, Gisele. Já ouvira sua conversa com a amiga, era minha fiel e única torcedora.

— Minha amada...

Fechei os olhos, golpeado e, quando abri, Gisele estava ao meu lado. Abriu a boca para dizer algo, enquanto já tocava meu braço para segurá-lo.

— Por favor, não faz nada — pedi sem praticamente mover a boca, entre os dentes, com as duas mãos no bolso. — ... Não diz nada. — Travei o maxilar, não conseguia falar. Eu ia romper, faltava muito pouco. — Me dá licença, por favor... — Tentei não ser rude, mas só firme, era meu último pedido.

Ela aceitou, mas sem desviar os olhos, desconfiada se eu podia ser realmente forte.

— ...Eu te mandei o computador, já que você estava precisando de um. O seu já estava bem nas últimas... — Ele riu.

Esse era o meu presente, aquele que ele debochava agora. Eu o tinha equipado com tantos upgrades de placas e softwares que seria muito mais potente que aquele Mac. Tudo feito pelas minhas próprias mãos, como pedira.

Tamires meneou a cabeça para o lado, concordando, precisava mesmo. Que diferença teria feito em sua expressão se eu tivesse antes lhe dado o meu presente? Ainda bem que não mostrara, a minha cara é que seria de um pateta completo.

— Eu não vou me estender muito, já que a festa aí precisa rolar. Só tenho uma notícia boa para te dar! Daqui dois meses, estarei de volta ao Brasil. De vez.

Dois meses. De vez. Repeti aquilo mentalmente. Minha linha de chegada ou, ironicamente, poderia dizer, de partida? Não havia espaço para nós dois. Kali tomaria seu lugar devido, justo.

Tamires riu, feliz. Pronto, ganhara o presente dos seus sonhos, embalado com fitas vermelhas. Toda a festa, as demonstrações de carinho e preocupações durante aquelas semanas se esfumaram e perderam a significação. Será que lembraria ainda meu nome?

Eu estava com muito ciúme. Sua felicidade era agora, para mim, injusta.

— Amor, você está aqui no coração. Me espera, viu? — pediu.

Se meu amigo não te atrapalhar. Imaginei a voz de Kali na minha cabeça com toda a ironia. Eu ainda era sádico. Merecia! Quem mandara chegar tão perto do proibido?

— Agora, eu também mandei outro presentinho. É a sua cara. Pai, você trouxe, né? Eu sei que falou que podia não caber na mala do carro. — conversou com seu pai como se estivesse ali entre nós.

As pessoas procuraram o homem ao seu redor e não encontraram.

— Sim, ele trouxe! — A mãe de Kali anunciou.

— Então, é isso, Amor. Curta muito seu outro presente. Um beijo. Ah, amigos, já estarei de volta. Beijos para todos. Feliz Aniversário, Tamires!

— Cadê o outro presente?! Cadê? — Todos começaram a pedir em voz alta.

— Calma, calma. Vamos até a entrada ver. — A mãe de Kali guiou a multidão e, quando o lugar começava a ser evacuado, sobraram duas pessoas em pé. Meus pais. Eles deram dois passos à frente e eu atrás. Não queria que me amparassem.

— Você sabia disso? Você ajudou a armar isso? — Os dois perguntavam ao mesmo tempo nas minhas costas.

Eu acompanhei a pequena aglomeração de pessoas. Não iria responder nada agora.

Havia uma caixa envolvida em um papel. Era de tamanho médio, com um laço vermelho em cima feito de um material esponjoso.

— Abre! Abre! — Bateram palma.

— Eu ainda acho você melhor. — Gisele soou quase infantil ao meu lado.

— Não seja idiota... — falei baixinho, irritado. Agora sem preocupação de magoá-la. — To fora... — Dei as costas, eu precisava voltar para a cozinha e beber algo.

Já estava pronto para disparar para a cozinha quando ouvi um grito, depois outro e já

não era possível distinguir os sons além de urros, gritos, aplausos. Virei-me e levou alguns segundos para o choque contrair todos os meus músculos como um choque elétrico de um relâmpago, capaz de enrolar minha língua. A visão ficou turva, eu estava tonto mesmo? Nunca me previra aquele estado de síncope quando imaginava que esse dia chegaria e lá estava eu, atônito.

Kali. Ele era o presente, pior, o que ela queria ganhar. Nem que eu criasse com as minhas mãos qualquer objeto fantástico valeria a sua felicidade.

Tamires agora estava com os braços envolvidos em seu pescoço enquanto ele a suspendia pela cintura. Senti minha visão turva.

Abri a boca para respirar, pois o nariz instantaneamente congestionara. Eu me sufocaria se não corresse. Mas, meu corpo ficava, tentava me fazer ver para aprender de uma vez por todas a lição.

Não me dei conta de que Gisele ainda estava ao meu lado, presenciando o terremoto no meu corpo, que tinha o coração como epicentro. Só a notei quando sua mão pousou novamente no meu braço.

— Vamos sair daqui. — Se não tivesse me arrastado para o caminho inicial, eu esqueceria que era uma forma de vida humana, parada no meio do estacionamento. — Você está precisando de alguma coisa para beber... — Pensou alto e me fez parar diante da bancada de granito da cozinha. Olhou todas as garrafas de bebidas para achar a mais forte. Eu pensei ironicamente no veneno de baratas no armário da lavanderia. — Forte, não? — Ela fez uma pequena careta quando cheirou o que colocara no copo. — É bom para esquentar.

Ela notara que eu estava gelado pelo contato com a minha pele? Pois eu realmente sentia que meu sangue não vagava mais por minhas veias. Olhei o copo e não tive vontade de esticar o braço, era o mesmo que um refrigerante agüado, fraco demais para diluir aquele sentimento de devastação. Ela leu meu pensamento de recusa e suspendeu na altura da minha boca. Peguei-o, ainda sem coragem, absorto.

— Confia em mim? — perguntou.

Poderia, mas só nela.

Em mim, nunca mais! Não depois disso, de ver que eu parecia o menor de todos os homens, um animal, um bicho das cavernas com os sentimentos mais sujos, vis, sórdidos, nojentos. Como odiava o meu amigo se ele era o irmão que mais poderia amar. Como odiava Tamires se ela era a criatura mais adorável? Como eu podia estar tão irado com as duas pessoas que mais significavam na minha vida?

— Confia? — A voz de Gisele me fez lembrar que ainda estava na cozinha. Eu sentia que era um espírito flutuando. — Ela gosta de você.

Eu sorri com muito sarcasmo e engoli de uma só vez a bebida.

— Eu quero dizer, ela gosta, mas ainda vai *mostrar* que gosta. — Sua convicção parecia ter algo que ver com alguma ideia de obrigar a amiga a querer isso.

— Obrigado. — Agradei mesmo assim pelo que nunca receberia. Sua proposta era só para me devolver algum sinal de vida ao rosto que eu precisava esconder.

— Onde está o Vitor? — Ouvi a voz da minha mãe. Rapidamente fiz o trajeto mental de correr pelas escadas e me trancar no quarto antes que ela cruzasse a porta da cozinha. Se pedisse ajuda a Gi ela cuidaria para entretê-la. Só havia um problema no meu plano: Como explicaria a Kali que fugira de reencontrá-lo? — Oh, você aí! — Ela pareceu preocupada e, não, ansiosa para convidar-me a ver a pequena histeria dos convidados. — Posso falar com ele rapidinho? — pediu a Gi, que abaixou a cabeça e saiu. Minha mãe entenderia se eu pedisse que me desse uma hora, antes de despejar tudo sobre mim? Ela teria essa paciência de guardar a fúria que eu já via em seus olhos? — Eu só quero saber uma coisa! — Levantou o dedo na direção do meu nariz. Se eu não tivesse barba me bateria, sem dúvida. Meu pai chegou por trás e segurou seu braço, lembrando-a com alguma frase que eu não pude ouvir para se acalmar. Isso a fez mudar da raiva para a fraqueza e seus olhos cintilaram. — Me responda. — ela se controlou. Eu já poderia lhe confirmar, antes que terminasse. Mas, precisei daqueles segundos. — Você sabia que Kali e Tamires eram *namorados* à distância?

Namorados? Não, mãe, não são bem namorados. Eles são parte de uma relação obtusa, suspensa no ar, separada pela América Central. E eu sou o lado dessa história que ela encontrou abaixo do Equador, mas que, agora, não tinha importância alguma com sua volta.

Porém, todos os fatos que minha mãe vira fora um casal se beijando, qualquer palavra minha poderia mudar as imagens mentais que a atordoavam? Seria inútil. Dei o silêncio de derrota.

— Você é um idiota completo?! — Estranhei que não me abraçasse, beijasse e tentasse me provar que havia pessoas capazes de me amar por todas as mulheres do mundo que não me dessem valor, mas não, ela estava irritada com minha fraqueza. — Você nasceu pra ser um...

Meu pai disse um basta em um tom alto o suficiente e pediu que ela subisse para o quarto. Olhei-a partir, esfregando as costas das mãos no rosto. Era difícil demais para ela entender que eu fosse capaz de construir com as minhas próprias mãos o buraco onde me jogaria. Seria muita burrice atrair alguém que não ia me querer. Mas, não havia nada se quer de racional no que eu sentia por Tamires, era acima, muito acima de vida ou morte, atemporal, um estado permanente e imutável.

— Tem a parte mais difícil ainda... — Meu pai pegou um pouco de bebida, precisava também. Só não havia rancor algum na sua voz, nem pena, nem decepção. Parecia falar com o tom de quem já passara por tudo na vida. — ... Que vai ser você descer, sorri e ir abraçar seu amigo.

Ele olhou para a porta e eu tinha certeza que agora calculava se eu era forte o

suficiente. Parecia me apontar para um abismo onde eu deveria pular e mergulhar na água turva. Eu ri. Ele segurou o copo na altura da cintura e me estudou.

— Que merda, hen? — Foi a coisa mais empática que ele poderia expressar.

— Eu procurei por isso, eu mereço. — Aceitei minha condenação. Suspirei, olhei a porta com pesar, era o momento da minha punição. — Está escrito na minha testa “idiota perdedor”, né?

— Não, se abrir um sorriso bem grande, reproduzir alguma cena que lembre de vocês dois nos melhores momentos, não olhar para ela e depois dar um jeito de cair fora...

Desci a escada e procurei fisicamente como era sorrir, abrir os lábios e mostrar os dentes mecanicamente.

Não era nada fácil de montar, então, me lembrei da dica de meu pai. Rememorei os tempos que vivíamos fora, bebendo, saindo, azarando todas as garotas, zoando... Eu tinha que reavivar algum sentimento dentro de mim. Não foi possível dessa maneira também. Eu podia dar um passo atrás e subir os dois degraus outra vez, alegar qualquer desculpa barata. Teria cinco minutos para planejar?

Foi quando o mais natural aconteceu. Kali largou Tamires e me olhou. Eu sorri e ele correu entre as pessoas. Seu abraço forte e pesado me fez cambalear para trás.

— E aí, cara?! Como dá uma festa e não me convida?! — Bateu no meu peito.

— Você sempre entra de bico — cumprimentamo-nos com um aperto de mão.

— Como estão as coisas? — perguntou.

— Ótimas. — Não menti completamente. Até aquela hora eu estava dando uma festa ótima para a garota que eu gostava. Nós gostávamos. — Resolveu vir *do nada*?

— Não, eu já sabia que ela faria aniversário. — Kali olhou para o motivo das suas novas escolhas se aproximar e parar ao seu lado. Meus olhos cravaram por tempo demais nas mãos que se uniram furtivamente entre o jeans de sua calça e o leve tecido daquele vestido. Uma voz gritou dentro de mim: Pare! Levantei o rosto e tentei encontrar algum ponto de coerência nas frases que ele dizia, mas eu não ouvia. — ... Ai, eu peguei o voo correndo e vim pra cá. Eu volto amanhã de manhã mesmo. — Ele apertou o queixo de Tamires que acabara de fazer um beicinho. Agradei por não me olhar, eu poderia parecer que ia vomitar.

— Então, cara, aproveita — falei e fiz sinal para o DJ voltar a tocar. — Fiquem à vontade. — A minha voz deve ter soado por trás da minha cabeça, pois eu me virei o quanto antes pude.

Não cheguei ao meu quarto sozinho. Atrás de mim apareceram Maikon e Márcio, sem que eu pudesse fechar a porta em seus narizes.

— Eu estou bem! — Aquela afirmação era a própria prova do contrário. — Falo

sério! — Ri e pareceu mais fácil oferecer-lhes um sorriso mecânico.

— Você quer que o Márcio te dê um soco e te apague? — A proposta de Maikon saindo naquele tom de voz tão sério era quase chocante e crível. Olhei o punho realmente fechado de Márcio.

— Vocês estão loucos?! — Franzi a testa e dei uma risada sinistra.

— Nós temos um plano pra te tirar daqui. — Maikon fechou a porta.

Eu passei meus olhos de um para o outro duas vezes, sentindo ruir minha máscara de falsa segurança. Sentei-me na cama, limitando-me ao silêncio. Então, eles tinham um plano B pra caso isso acontecesse? Senti a mesma ira da minha mãe e tive vontade de perguntar com o dedo em riste se já sabiam desde o começo também da surpresa? Não, eles teriam me avisado. Se não, não estariam aqui tentando me salvar da provável auto delação. Meus amigos fariam a mesma coisa se fosse Kali. Como é que eu deixara-os fazer parte disso? Eu deveria me responsabilizar sozinho por tudo!

— Não tem jeito, você terá que parecer sair por vontade própria e, não, porque está fugindo?

Onde estavam me observando que conseguiram perceber minha vontade de correr da festa? Eles eram capazes de entender que algumas horas para mim seriam como dias? Sim, de alguma maneira. Por esse motivo queriam me poupar, não tinham o coração ruim para me desejar nenhum mal, nem aproveitaram para qualquer julgamento, talvez depois, não naquele momento de colapso não.

— A ideia é você sair com a Sandrinha.

Arregalei os olhos.

— Chega de gente nisso! — Tentei tomar o controle do plano. — Ela não merece isso, não é justo com ela.

— Não está com cara de quem vê sentimento de ninguém, Vitor. Então, levante-se daí antes que comecem a bater à porta. — Márcio tomou a palavra a primeira vez. Eles queriam me safar, apesar da consciência do meu erro. Provavelmente, eram suas honras que planejavam manter limpas. Kali seria rápido para ligar todos os pontos e vê-los como cúmplices. Eu devia, no mínimo, isso a eles.

— Ela se amarra em você e é bem fácil... Não vai achar nada estranho se não ligar no dia seguinte. — Maikon tentou fazer soar o mais prático, limpo e indolor.

— Não tem outro jeito. — Suspirei.

— Não se preocupe, quando isso acabar, nós te colocaremos a quilômetros de distância daquela garota! — Maikon bateu no meu ombro e me deu o primeiro olhar de companheirismo e dessa vez aquilo serviu como estímulo. Mas, contraditoriamente, suas

palavras me anunciavam uma realidade que poderia ser mais dolorosa do que ter Kali e Tamires de baixo do mesmo teto essa noite: a vida sem ela. Eu resolveria depois.

Onde estava a chave do meu carro? Comecei os processos mecânicos de reação. Eles ficavam por perto, prontos para ajudar em algo que não fosse capaz de fazer sozinho. Senti-me em uma bicicleta de rodinhas com mãos ao meu redor, prontas para me agarrar pelos braços se tombasse.

— Vitor? — Ouvi a voz primeiro, depois vi seus olhos fixos em mim, que descia a escada. — Onde se meteu? — Ela estava sem Kali agora, para que precisava de mim? Pensei com muita amargura.

Meus dois amigos passaram pelo meu lado direito e esquerdo, desceram na frente e me olharam por cima de seus ombros quando já estavam nas costas de Tamires. Eles queriam dizer com isso “Não demore muito, você consegue”. Eu estava devendo a ambos aquela ajuda, não me renderia por muito tempo.

— Fui ao banheiro — respondi com uma voz fria e displicente. Passou pela minha cabeça sorrir, mas o corpo respondeu com uma dor no estômago que isso era inviável. Não com ela, o centro de tudo.

— E o meu presente?! — Seu sorriso doce afagou alguma parte dolorida dentro de mim, onde eu me ferira. — Estou curiosa, você não disse que fez? — Sua voz estava excitada demais. Seria uma armação para me fazer um pouco feliz, uma migalha do seu carinho para não parecer que ela era uma vilã? Ou eu não queria enxergar que estava simplesmente feliz por que chegara quem queria? — Vitor? Onde está? — Passou a mão na frente dos meus olhos, como se esfregasse um vidro invisível que nos separava.

— Posso entregar amanhã?

— Amanhã não é mais meu aniversário... — Fez um charme que tentei conectar com algum primeiro que recaíra sobre mim. O que mesmo nela me despertara aquilo tudo no início?

— Mas, não deixa de ser seu presente.

— Por que eu não posso tê-lo agora? — impacientou-se.

— Por que quer tudo?! — Minhas palavras pularam da boca e não havia como recolhê-las de volta, puxando-as por fios. Já haviam sido lançadas com toda a carga de segundas intenções possíveis e indesejadas por mim.

Ela piscou os olhos, abriu a boca e juntou as duas sobrancelhas no centro da testa.

— Mas... não é meu? — Quase não saiu sua voz, estava magoada com minha frieza.

Chega disso! Pensei. Vi meus amigos a me espreitar da varanda, queriam dizer o mesmo com a postura guardiã.

— Claro... Mas é que ainda não terminei. Se importa se eu te der amanhã, por favor?

— a voz agora conseguiu sair mais calma, suplicante, diria.

— Lógico! — Aceitou de bom agrado.

— Eu estive muito cansado, ocupado arrumando a festa, não deu tempo de terminar tudo... — Usei a mentira mais boazinha e mais errada que vasculhei no lado vil do meu cérebro. Óbvio que estava prontíssimo há dias, fora meu projeto antes mesmo de ela marcar seu aniversário na própria agenda.

— Ah! Sim... — Sua voz fez que entendeu, mas seus olhos um pouco mais apertados vasculhavam algo a mais nas minhas feições para acreditar completamente.

— Eu só te dei trabalho... — Ela sorriu e não me deixou sair, me prendendo com aquela conversa que se alongava.

Se todo meu trabalho pudesse significar a recompensa que eu queria, teria feito tudo de novo com ainda mais esforço. Mas, não dera em nada, até saíra pior do que pensei. Agora ironicamente eu teria que fugir da festa que produzira para estar com ela.

— Licença... — Virei as costas, enquanto a olhasse, não conseguiria ter forças para sustentar a farsa de bom amigo, acabaria a machucando.

Márcio e Maikon me acompanharam até a pista de dança.

— Seu erro foi ser bom demais. — Márcio resmungou do meu lado. — Até parece que se esqueceu como os homens fazem... Elas gostam de caçar também. — Lembrou-me mais para me provar que eu estava usando as armas erradas e traindo a imagem masculina que para me incentivar. Ele sabia no fundo que o erro era ter me metido entre ela e meu melhor amigo.

— Já falei com a Sandrinha. — Maikon adiantou.

— Como “já”?

— Não se preocupe com esse detalhe, ela vai aceitar bem se chegar nela — explicou.

Kali aproximou-se e colocou o braço em volta do meu ombro.

— Ele já arrumou para hoje. — Márcio avisou.

— Aê, cara... Quem? — Fez a pergunta para os outros dois.

— Ela ali... — Márcio indicou com o queixo a garota que dançava lascivamente, roubando os olhares de todos.

— Sandrinha? — Kali riu e procurou em mim crédito naquele enlace estranho. — Não é você quem diz...

— Ah! É só pra zoar... — Desfiz qualquer afeto que ele previa para não me encher com mais perguntas que eu não teria criatividade para elaborar desculpas.

— Hum... Eu também já vou me mandar com a minha gata, se é que me permitem roubar a aniversariante... — Ele deu uma risada tão longa para os meus ouvidos que me deixaram zozinho. Limitei-me a piscar o olho. — Nossa, cara, está tão nervoso assim? É só a Sandrinha... Vai lá. — Deu-me um empurrãozinho.

Respirei fundo e comecei a dançar com a garota que aceitou prontamente, sem qualquer recusa. Agradei os planos de Márcio de garantir previamente minha intenção com ela, eu não teria resistência para suportar joguinhos.

Peguei-a pela cintura sem perder muito tempo e lhe falei ao ouvido que a festa poderia ficar melhor longe dali e que a chave do meu carro estava no meu bolso. Ela bebeu um pouco mais da bebida com muito gelo em seu copo e sorriu, fingindo cogitar. Claro que aceitaria. Eu não mentia, a partir de agora, sair da minha própria casa melhoraria muito para o meu lado. Precisei pedir “vamos?” e tomar delicadamente o copo de sua mão. Pisquei o olho para os meus três amigos quando Sandrinha deu as costas para mim em direção a porta. Fiz o melhor papel de pegador que lembrava já ter encenado algum dia. Tudo parecia um script que eu repetia com uma mecânica pesadosa e vazia de emoções.

— Vitor, e o bolo, quando vamos partir? — Era a voz de Tamires, antes que eu alcançasse o patamar da porta da rua. Entreguei as chaves para Sandrinha e beijei-lhe o pescoço.

Sabia que Tamires olharia e eu quis machucá-la. Não chegaria nem perto do buraco doloroso que ela abria em mim. Só queria uma pontinha qualquer de sofrimento nela também. Disse a garota para seguir na frente que me despediria da aniversariante.

— Desculpe. — Virei-me para Tamires e ela estava séria, com os lábios entreabertos, aposto que para respirar. Seus olhos se perdiam atrás dos meus ombros, na figura que devia agora abrir o meu carro do outro lado da calçada. — Você me perdoa, se eu sair cedo?

“Você me perdoa” essa é a típica frase que meus amigos taxavam como a parte errada da minha estratégia de ser sempre bonzinho. Só não soou mais fraternal porque foi carregada de um leve, bem leve, tom de canalhice. Isso era para confundir sua segurança sobre eu estar sempre por perto a querendo sob quaisquer circunstâncias. A essa altura não era possível que já não tivesse sacado tudo.

— Não, eu não perdoo — surpreendeu-me quando cruzou os braços. Ela estava usando seu último argumento.

Eu sorri, feliz por negar-lhe algo. Ela não fazia o mesmo comigo? Aproximei-me dela. Respirei para acalmar o bicho dentro de mim grunhindo como uma fera.

— É que eu já tinha programado outra coisa, entende? — Fiz parecer um plano preconcebido. — Acabou demorando o parabéns... Você guarda um pedaço de bolo pra mim?

“Guarda pra mim?” Arrrrhhhhggghh, idiota, pateta, seu fraco! Travei o queixo, era bom que calasse a boca e partisse.

— Eu não vou ficar feliz, mas se é o que quer.

— Vai ser só um pouquinho menos da *grande* felicidade que está sentindo essa noite com o amor da sua vida.

Eu agora não tinha dúvida que devia correr, porque não podia dominar minha própria boca que se ligava ao coração sem qualquer válvula de interrupção.

— Nada disso impede de eu querer que fique. — Fincou o pé.

“Disso” seria a surpresa da presença de Kali? Ou “disso” nossa amizade intensa e forte totalmente separada nas gavetas do seu coração onde havia uma para o amor e uma para o afeto puro? O meu guarda-roupa interno era bem mais bagunçado e era isso que ela poderia entender e ser boazinha me deixando cair fora logo.

— Desculpe. Vou lá...

Desculpe?! Outra vez, seu bundão, não tem que se desculpar por nada!

— Ok. Amanhã, ao menos verei meu presente? — Ela levantou o humor em sua voz.

Lembrei-me o anúncio de Kali de que sairiam dali para curtirem sozinhos. Ela ainda no outro dia, depois que ele pegasse o voo de volta, iria querer me ver? Isso era tão pouco e me fazia feliz que contrariamente me deu tristeza.

— Pode ser — respondi encolhendo os ombros, com as mãos nos bolsos.

— Você vai mesmo sair sem me dar nenhum beijo de despedida? — reclamou.

Eu suspirei, em agonia. Cada segundo a mais perto dela era um suplício porque significava que eu tinha que me afastar na direção oposta, contra todas as forças contrárias dentro de mim que queriam apertá-la junto ao meu corpo.

Dei dois passos a frente.

— Um beijo eu não posso te dar... — falei, mas não me arrependi, curti a onda de interjeições por trás de suas pupilas, isso a incomodava e era bom que fosse assim.

Ela entendeu bem e não cedeu, trocou de requerimento:

— Um abraço está bem assim? — Sua voz saiu com tanta ironia e rancor que até cogitei se queria mesmo. Calculando isso, demorei demais e ela esticou a mão e tirou a minha do bolso. O toque de sua pele me contraiu o rosto, eu não poderia reagir como um troglodita se ela estivesse em contato comigo.

Olhei rapidamente para o lado, em pânico de que alguém visse aquilo. Era só a mão dela puxando a minha para si, mas meu coração batia tão forte que não devia ser impossível ouvir. Felizmente, havia uma parede que impedia todo o campo de visão de quem dançava na pista. Era um abrigo completamente cego. Ela previra isso também?

Seu corpo se encaixou no centro do meu abraço e eu a envolvi por instinto, a mão lhe

afagou o cabelo e a sua mexeu no meu, apertando-o levemente com o punho que devia estar fechado.

— Você é incrível, Vitor — disse-me e eu afastei o rosto para olhá-la.

— Nem tanto. — Quis completar “*pra você*”, mas consegui pela primeira vez controlar-me. O que era bravamente heroico visto que estava aspirando todo seu perfume e fisgado por seus grandes olhos verdes.

— Você não me merece... — Brincou com um grande sorriso. Aquela frase poderia ter sido retirada daquele momento para que terminasse perfeito. Sim, eu não a merecia, não nessa vida, não era para mim. Que não entendesse, mas enfrentasse. — Mas... Eu gosto de você mesmo assim, não devia... — Mais ironia para esconder seus verdadeiros sentimentos. — ... Mas gosto — suspirou.

Eu podia dizer-lhe ali tudo de uma vez, aproveitar que estava presa aos meus braços e abrir as comportas, despejar sobre ela as palavras comprimidas em minha garganta. Mas, havia meu amigo que poderia parecer a qualquer momento. A lealdade a ele era forte demais para chegar ao golpe final.

— Você é... — Falei com a minha boca entre sua bochecha e o lóbulo esquerdo, quase rouco. — ...a única. — Foi a palavra que encontrei. Era preciso me virar e correr, estava me tornando seletivo e específico demais, a entrega seria quase inevitável nos próximos minutos. Fechei o portão mantendo-a em segundo plano desfocado na minha visão.

***Quero viver o que é real
(Tamires)***

Quando Vitor desceu as escadas meus olhos prontamente se ergueram para adorar a imagem de seu corpo se balançando a cada degrau que descia. Era uma figura divertida de se ver, quase infantil, aos pulinhos. Guardei o sorriso pela metade, os pais de Kali poderiam perceber e eu não queria que achasse que ignorava a conversa. Mas, era impossível não buscar seu rosto lindo atrás do cabelo molhado e solto sobre sua testa. Queria brincar como de costume e mexer até encontrar todas as posições e nenhuma delas, só pela simples desculpa do toque. A camisa branca com um desenho abstrato azul marinho e o jeans claro lhe caiu bem, aliás, duvidava de alguma coisa que não lhe deixasse com ar de modelo de cartaz de loja. Seu perfume se espalhou como fumaça pela sala rapidamente. Controlei a sede de meus pulmões para não aspirar com muita vontade, puxei bem devagar, deixando-o me contaminar inteira.

Mordi o lado interno da minha boca para prender o sorriso que teimava em rasgar no meu rosto agora com seus olhos fixos em mim. Não via a hora de aproveitar a festa ao seu lado. Eu me sentia completamente feliz.

Incrível como a vida havia se ajustado melhor do que eu poderia arrumar, como um sapato que começa doloroso e depois se molda ao nosso pé até quisermos repeti-lo sempre!

— Querida, esse é seu presente! — A mãe de Kali me estendeu uma caixa prateada. Eu gostaria de logo abraçá-la em agradecimento, desenlaçar a fita vermelha e correr para junto de Vitor o mais rápido possível. Precisava controlar tanta ansiedade!

— Pra mim? — expressei surpresa e abri, agora com uma boa desculpa para ser ágil: uma cara de curiosidade estampada. — Aposto que a Priscila tem a ver com isso! Como ela está? — perguntei, deixando o papel na mesa de centro.

— Bem, bem... Mas, o presente *não* foi comprado por ela.

Franzi a testa e não fiz mais perguntas, o que me esperava no fundo da caixa era suficiente para me desacelerar a ansiedade. Uma folha dizia em letras garrafais e impressas: “*Abra perto dos nossos amigos.*” Kali. Só podia ser seu presente! Foi como se um botão dentro de mim tivesse girado em outra direção. Dessa vez, sem êxtase ou euforia. Uma leve nostalgia triste. Não quis abrir. Que estranho, por que eu rechaçava justo algo que viesse dele? Acho que eu sentira tanta dor que qualquer pequeno objeto seu me dava a sensação de que começaria outra vez.

— Que isso? — Gisele parecia mais animada que eu, pulando para o meu lado. —

Olha só! Surpresa?! Vamos abrir lá em baixo...?!

— Não... — Minha voz quase não saiu, horrorizada com a ideia, detestava chamar a atenção daquela maneira.

— Que nada! — Gisele me arrastou para a pista de dança e eu quase me segurei no portal da cozinha como gato com medo de banho frio.

O pesadelo tomou o lugar do sonho em poucos instantes. A linda festa pareceu um set de filme de terror. Tentei fazer o pior ar de decepção possível para que Gi me tirasse dessa, mas já estava bêbada demais para observar qualquer alteração do meu humor.

Engoli em seco, desprotegida com todos aqueles pares de olhos interrogativos. Não havia outro remédio a não ser tirar-lhes a curiosidade. Abri o zíper da bolsa acolchoada azul marinho que estava abaixo da folha de papel. Meu coração acelerou quando o tato reconheceu o objeto: um laptop!

— Meu Deus! — Gisele agitou meu ombro. — É um Mac da Apple novinho! — anunciou estridente para os demais como se visse um dinossauro filhote.

— Mas... O presente não é só esse. — A mãe de Kali parecia eufórica também. — Abra — pediu.

Se eles queriam me mostrar as maravilhas daquelas tecnologias, que eu arrumasse, então, a mesma animação dentro de mim logo ou estranhariam. Não entenderiam minha opinião sobre Kali tentar “comprar” cotas de “presença” com aqueles brinquedos. Não podia engolir que me considerasse tão boba que qualquer presente me alegraria!

Logo na TV apareceu uma música romântica e fotos que tirei com Kali. Senti um golpe na barriga. Desesperada, procurei pelos pais de Vitor. Eles estavam estáticos atrás, mas em uma distância suficiente para entender tudo. Eu queria poder dar stop e explicar-lhes que... Explicar o quê? Eu *não* namorava o filho deles, nem pedira por aquela festa! Mas, eu sentia que precisava deixar claras algumas coisas. Porém, dentro de mim os sentimentos estavam tão turvos que não conseguiria ser coerente se tentasse.

— Oi, linda. — Agora Kali aparecia no vídeo. — Bom, estou aqui muito longe, mas queria estar aí ao seu lado. A festa deve estar incrível, meus amigos te dando atenção, mas eu aqui, do outro lado do mundo. Minha amada, eu te mandei o computador, já que você estava precisando de um. O seu já estava bem nas últimas. — Riu. — Eu não vou me estender muito, já que a festa aí precisa rolar. Só tenho uma notícia boa para te dar! Daqui dois meses, estarei de volta ao Brasil. De vez. — Amor, você está aqui no coração. Me espera — pediu. — Agora, eu também mandei outro presentinho. É a sua cara. Pai, você trouxe, né? Eu sei que falou que podia não caber na mala do carro.

Os pais de Kali sorriam abertamente e eu estava com a face congelada. Ainda havia mais?

Vitor, onde você está?

Achei suas costas se virando para a cozinha. Gisele o acompanhava. Isso era bom de sua parte, mas não o suficiente para desculpá-la. Eu não precisava estar no centro das atenções agora!

— Venha ver o que é, querida! — A mulher puxou-me com carinho pelo braço.

A outra caixa que me esperava era maior.

Eu temi que não pudesse suportar mais surpresas. Puxei a tampa e os gritos ecoaram ao meu redor. Ele, o próprio, em pé. Kali! Levei as mãos a boca e fui puxada para um abraço forte. Minha cabeça encostou-se a seu peito e ali havia outro perfume, outra batida, outro toque. Os assovios e aplausos eram altos demais para me deixar raciocinar.

— Gente, ela precisa respirar! — Kali pulou da caixa em que estava encolhido e me agarrou com força. — Está feliz?! — Seu sorriso branco e lindo me deixou tonta, ou seria a falta de ar mesmo?

— Claro... — Engasguei, arregalei os olhos e soltei o ar. — ... Não acredito... — Ri alto e me senti feliz. Queria muito revê-lo. Era um sentimento sufocado dentro de mim por meses.

— Não é por muito tempo... Só algumas horas. — Segurou meu rosto. — Vou precisar voltar ainda hoje — falou para que só eu ouvisse. — Você está linda como eu deixei. — Beijou-me a boca longamente para o delírio de todos.

Depois, ele abraçou todos os amigos fazendo uma grande algazarra e estardalhaço. Pareciam um pouco animalescos aos saltos, socos, braçadas, mãos espalmadas. Quanta testosterona. Lembrou-se de mim de braços cruzados e voltou a me puxar pela cintura como se eu fosse uma pena sem peso e colocou sua boca na minha. O que eu mais sonhava era com seu beijo? Então, porque não estava lhe correspondendo?

— Vou ter que te raptar essa noite — disse ao meu ouvido e me arrancou um risinho. — Vamos ter nossa festinha particular! — Piscou o olho e me beijou novamente com seus lábios quentes.

— Eu pensei que tivesse morrido naquele voo — lembrei da angústia.

— Ainda não, girl. — Apertou meu queixo.

— Como conseguiu vir?! — perguntei.

— Incrivelmente hoje tive uma reunião aqui no Brasil. Coincidência, né? Volto com a comitiva amanhã, no voo das dez.

— Ah... — Levantei as sobrancelhas e abaixei em seguida. Então, não havia tanto esforço assim para me ver? Fora uma grande coincidência?! Isso diminuía bastante o brilho e encanto.

— Quando acha que podemos ir? — perguntou ansioso.

— Hei! Ainda estamos na minha festa. Temos que partir o bolo!

— Sim, claro. Mas... Pode ser logo?!

— Calminha, esperou tanto... — Pisquei o olho. — Agora, eu preciso ir ao banheiro. Por que não fala com seus amigos?

— Pode ser. Não demore! — pediu.

Eu tinha que achar Vitor. Sentia urgência em me certificar de seus sentimentos. Achei-o descendo as escadas, da mesma maneira que na hora em que eu abria a primeira caixa. Mas, agora, havia uma dureza em suas mandíbulas travadas e o queixo franzindo que um arrepio passou pelo meu corpo.

— Vitor? Onde se meteu? — perguntei, vendo seus dois amigos a escoltá-lo. Desceram mais à frente e esperaram parados na porta da cozinha. Pareciam balizá-lo de mim.

— Fui ao banheiro — respondeu corriqueiramente.

— E o meu presente?! Estou curiosa, você não disse que fez? Onde está?

— Posso entregar amanhã?

— Amanhã não é mais meu aniversário... — Usei do meu encanto, visto que o ânimo não parecia a parte mais ensaiada do roteiro louco da minha vida.

— Mas, não deixa de ser seu presente. — Achou uma brecha ao seu favor.

— Por que eu não posso tê-lo agora? — insisti.

— Por que quer tudo?! — irritou-se e eu abaixei meu tom de voz, assustada. — Mas... não é meu?

— Claro... — Balançou a cabeça, percebendo que estava sendo estúpido desnecessariamente comigo. — Mas é que ainda não terminei. Se importa se eu te der amanhã, por favor?

— Lógico! — concordei.

— Eu estive muito cansado, ocupado arrumando a festa, não deu tempo de terminar tudo... — detalhou.

— Ah! Sim... — Eu só te dei trabalho... — encabulei-me.

— Licença... — Virou-se de costas e me deixou sozinha.

Arregalei os olhos e balancei a cabeça para os lados. O que aqueles seus dois amigos fizeram com ele no andar de cima?! Deram algum remédio que o tornara meu inimigo? Não! Eu me queria sentir tão viva e feliz como quando chegara.

— Amiga, temos problemas... — Gisele me puxou pelo braço até a varanda. Fechou a porta de vidro.

— Não se preocupe, eu não vou me espantar. — Ri, sarcástica. — Nada vai me assustar! — Minha voz era vazia de ânimo.

— Vitor não está bem...

Revirei os olhos. Não me contava nenhuma novidade. A reação de repulsa que acabava de presenciar era boa prova disso.

— ... Sua mãe veio me perguntar com qual dos dois você estava. Eu disse que você não terminou oficialmente com o outro nem assumiu nada oficialmente com esse. Enrolei bem?

— Nada pode ficar mais enrolado que isso.

— Os pais dele também estão muito chateados.

— Isso é péssimo... — Gemi, cansada de tantas dificuldades.

— E seus amigos não parecem querer mais compactuar com isso. Já arrumaram uma boa companhia para ele.

— Quem?

— Sandrinha.

— Arghhh... Bem o tipo para essa situação! Eu disse que tudo era previsível!

— E vai ficar aí parada?! — pediu-me uma atitude.

— Eu posso sair pela porta dos fundos e correr para casa?

— ãnh-ãnh. Não. — Balançou a cabeça para os lados. — Mas, pode correr atrás de Vitor. antes que ele se mande.

— Eu não posso fazer nada. Não, hoje. Não é certo com os dois... Eles se virariam um contra o outro. Acho que eu devo sumir.

— Não somos feliz quando sumimos. Você tem que escolher. Infelizmente, um deles não ficará satisfeito. Não faça sua opção pelo mais fraco por pena. Ouça seu coração! — falou profeticamente. — Mas, por favor, corra atrás do Vitor porque eu mesma não consigo olhar pra ele! — Apontou sua preferência clara, o que me fez sorrir. Eu entendia sua vontade.

Puxei a porta da varanda para abri-la e peguei-o antes de sair acompanhado por aquela peituda.

— Vitor, e o bolo, quando vamos partir? — Tentei lembrá-lo da importância de sua presença.

— Desculpe. Você me perdoa se eu sair cedo?

— Não, eu não perdoo. — Bati o pé.

— É que eu já tinha programado outra coisa, entende? — Apontou com a cabeça para fora.

— Eu não vou ficar feliz, mas se é o que quer.

— Vai ser só um pouquinho menos da grande felicidade que está sentindo essa noite.
— estava sendo sarcástico.

— Nada disso impede de eu querer que fique.

— Desculpe. Vou lá... — Não mudou sua decisão por mim.

— Ok. Amanhã, ao menos verei meu presente? — Sorri para atenuar o desespero.

— Pode ser.

— Você vai mesmo sair sem me dar nenhum beijo de despedida? — reclamei, triste pelo abandono.

— Um beijo eu não posso te dar... Um abraço está bom assim?

Aceitei sua mão esticada e nos abraçamos forte. Nossos corpos se colaram em perfeita atração. Chegara a hora de acariciar-lhe o cabelo como esperava, só não queria que fosse bem na despedida.

— Você é incrível, Vitor — disse-me e eu afastei o rosto para olhá-la.

— *Nem tanto.*

— Você não me merece. Mas... Eu gosto de você mesmo assim, não devia... Mas gosto. — Soltei sua mão.

— Você é a única. — Acariciou minha bochecha com o polegar e fechou a porta.

Eu tinha um problema maior que o dele. Eles eram dois!

Kali começou a dirigir empolgado demais, exatamente como Vitor fazia quando motivado por alguma ideia. Seu velocímetro devia estar ligado ao coração. A diferença é que Kali não me deixava a par da trajetória. Nada para ele era uma opção decidida comigo, mas imposta. Toquei-lhe o braço e pedi pra me levar para casa.

— Por quê?! — Freou. — Não quer? Pensei que também estivesse com...

— Kali, estou cansada. Também estou super, superfeliz em te ver... — Virei-me para olhar seu rosto. — Mas, você não veio dos Estados Unidos para dar uma rapidinha comigo, né? Minha cotação ainda está mais alta...

— Não! Não é isso que estou pensando! Eu...

— ... Não é o que pensa, mas como eu me sinto! Quando você for embora só vou ter o

seu cheiro no travesseiro para me contentar. Já foi bem difícil catar todos os meus pedacinhos quando partiu, não quero brincar de corte e colagem do meu coração de novo. Dá bastante trabalho remontar a figura frágil que ele era!

— Uau! Que fora mais consistente! — Sentiu-se ferido no orgulho masculino.

— Entenda. Você não fez a escolha de vir morar no Brasil por mim, você veio a uma reunião. Então, quando se...

— Eu venho para o Brasil em breve. Não ouviu quando eu disse?! — achou o argumento que faltava para me oferecer.

— Então, quando estiver aqui entraremos para um plano mais profundo.

— Não precisa se fazer de difícil comigo... Nós sabemos o que sentimos...

— Não estou fazendo nada. Só quero acreditar nos fatos, só para ficar bem. Ok?

Ele voltou a pegar a avenida, em silêncio. Eu estragara tudo. Não tinha lhe feito bem aquele banho de água gelada. Mas, eu estava orgulhosa de ter me dado valor. Eu estava aprendendo bem as lições.

— Você ficou ao menos feliz em me ver? — perguntou ao me deixar em casa.

— Claro! — Sorri, carinhosamente. — Só quero viver o que é real, entenda.

— Não se preocupe, eu vou voltar logo.

— Ok. — Sorri e o beijei antes de sair forçadamente.

Hei! Eu acabava de sair do carro de Kali e não me sentia tão feliz quanto queria. Na verdade, estava tudo bagunçado. Quem sabe uma boa noite de sono ajudaria, mas sem sonhos com os dois dessa vez!

O beijo que (nunca) aconteceu (Vitor)

Cheguei a casa ainda quando a empregada varria a sala. Apesar das oito da manhã, meus pais já haviam pulado fora. Não queriam estar ali para ver a poeira levantar. Preferiram tirar o dia para passear e voltar com tudo no lugar. Eu poderia me considerar no meio daquela faxina como uma coisa que devia estar ajustada em seu retorno. Era evidente que me pediriam explicações, espero que não venham também com proibições nem condenações.

Estava com um pouco de sono, mas sem vontade de dormir, que reação física mais estranha. Tomei um banho para tentar me livrar das marcas da festa comemorada do lado de fora. Vesti uma camiseta leve e chinelos. Precisava comer, desci para a cozinha e levei um prato com sanduíche até o quarto da garagem.

De lá, ouvi a campainha tocar. Se fosse meus amigos, não queria atendê-los, se fosse Kali, não estava preparado para reencontros... Antes que terminasse minha cadeia de possibilidades, a empregada apareceu na porta.

— É a Tamires, peço para ela descer? — perguntou.

Meu coração respondeu antes da boca, como um cachorrinho idiota aos saltos com a chegada do seu dono! Só um transplante me salvaria, esse já não respondia a meus comandos!

— Claro — respondi, feliz por dentro, irritado comigo mesmo. O que diria? Para expulsá-la dali? Meu coração pararia, se eu fizesse isso?

Ela apontou a cabeça na porta e seus cachos cor de mel e pontas douradas penderam no ar. Seus olhos estavam apertados pelo sorriso branco, doce e brilhante. Os lábios levemente iluminados por algum brilho que os umedecia além do limite natural. Era algum cosmético aquele efeito?

— Permissão para invadir seu território? — Sua voz era afável como o mel concentrado que borbulha dos poros do favo. Havia chance de dispensar esse anjo se ele obliterava qualquer lembrança da noite anterior?

— Já invadiu. — A minha parte decepcionada com minha fraqueza foi quem respondeu. Abaixei os olhos para não ficar sob seus efeitos.

— Se não quiser... — Com meio corpo já para dentro ela ainda esperava que eu lhe desse as boas vindas como merecia, nunca aceitava que eu não a recebesse com todo o desejo.

— Entre, sabe que pode entrar... — Suspirei. — Lógico que pode.

— Ahhh, assim está bom. — Está vendo como ela gosta da declaração completa e clara? Fechou a porta e apoiou as duas mãos em cima da mesa onde eu mexia em uma placa de circuito. Começou a tamborilar os dedos até que eu largasse a chave de fendas irritado. Isso a fez dar uma gargalhada. — Uma Tamires incomoda muita gente, duas Tamires incomoda muito mais...

— Ok! — Levantei, suspirei, passei as mãos no rosto e parei na sua frente. Ainda devia ter ficado sentado de cabeça baixa, enfrentar o inimigo era mais arriscado. — O que quer de mim? — perguntei quase com raiva.

Seu sorriso se fechou e ela abaixou os olhos de longos cílios, as pálpebras pintadas de verde-musgo. Desenhrou no tampo da mesa.

— Nada... se ainda quiser que eu vá...

— Eu já não disse que pode ficar? — Agora era minha voz calma, gentil, amiga, fraca, boba, rendida, besta, idiota. Ugh!

Seus olhos levantaram-se para acreditar e ela mordeu o lábio.

— Tem uma coisa que ainda me deve.

— Eu sempre estarei em dívida com você? — Sorri, meu primeiro sorriso e era incrivelmente mágico como bastava esse pequeno gesto para provocar efeitos elétricos em seu corpo. Ela agitou-se e pulou na minha frente com as mãos juntas em excitação.

— Onde está o meu presente?!

— Eu devia ter previsto que ia dar tanta importância assim, agora estou até sem graça...

— Anda, Vitor, para de me enrolar! — Tocou-me o braço.

— Ok — Afastei-me delicadamente, disfarçando para que não entendesse que precisava tirar sua mão de mim. Isso complicava meu raciocínio. — E se não gostar?!

— Você vai fazer uma boa propaganda para eu gostar! — ela sentou-se em cima da mesa, colocando o vestido florido entre as pernas. Balançou os pés como faria uma criança emocionada.

— Bom... — Cocei a cabeça. — Acho que nem vai precisar mais dele.

— Argghhh! — Revirou os olhos. — Dá pra falar logo?!

— Então, eu andei trabalhando muito nisso, ultimamente. — Comecei a propaganda. — Você me entregou seu computador praticamente morto! Eu tive que fazer um trabalho de ressuscitar um Frankenstein. — Seus olhos rapidamente olharam no seu computador ao meu lado e seu sorriso começou a se abrir. — Dupliquei a memória, coloquei uma placa de vídeo

incrível, instalei tantos programas que vai levar a vida inteira para usar todos e consegui uma tela slim grandona. Ai, comprei também umas coisinhas engraçadas...

Ela saltou da mesa e correu para ver. Abriu rapidamente.

— Ahhhh que acessórios fofinhos — Gritou e deu três pulinhos. Enquanto observava sua reação me dava conta de que eu estava também sorrindo, muito feliz. — É um mouse, uma webcam e duas caixinhas de som de pinguim.

— Uau, é tão clichê, né? — Coloquei as mãos no bolso.

— Não! Eu amei! Como disse, eu vou levar a vida para usar tudo que tem aí, você me deu uma nave espacial! Obrigada! — Jogou-se sobre meus ombros e me abraçou forte. — Obrigada, eu amei, foi demais!

Ri, tímido com tanta gratidão. Não lembrava de ter visto essa reação quando ela ganhara seu Mac na noite anterior.

— Mas, por que achou que eu não ia precisar? — Ela afastou o rosto e franziu a testa, acabando de se recordar do que dissera agora pouco.

— Ah, você ganhou um Mac...

— Não seja bobo! — Ela revirou os olhos. — Vitor, eu posso ter perfeitamente os dois. Eu vou continuar a usar o meu computador, agora ultra mais potente e lindo. E, quando precisar levar para algum lugar, eu pego o Mac. Mas, isso só depois de aprender a mexer nele...

Kali e eu não éramos muito diferentes de computadores nas mãos daquela garota, ela acharia uma utilidade para cada um, sabendo o lugar apropriado para acomodar os dois, sem dispensar nenhum e nenhum outro.

Tirei uma mão do bolso, considerando que a leve tristeza no meu coração me impediria de sentir alguma coisa com aquele toque inocente. Então, tirei um cacho e afastei de seu ombro. Ela encostou a testa em meu peito e deixei meu queixo no topo da sua cabeça.

— Gostou da sua festa? — perguntei baixinho, desenhando círculos em suas costas com as pontas dos dedos.

— Hum-hum... — Não usou palavras e eu sabia que isso era uma negativa. — Você nem quis ficar para o bolo... — reclamou infantilmente.

Sorri e deixei que entregasse o peso do seu corpo sobre o meu apoiado na mesa. Logo o calor da sua face aqueceu meu peito. Ela suspirou e encolheu os braços junto ao seu corpo.

— Você não deveria estar com seu namorado?

A última palavra a fez levantar a cabeça, irritada. Aquela palavrinha era tida como provocação para ela.

— Não. Ele vai voltar com a comitiva — respondeu, olhando para o lado, sem me encarar. — Ontem, só me deixou em casa.

Levantei a sobrancelha.

— Só — Ratificou. — Mas, disse que volta no fim do mês de vez.

— Hum. Que bom... *para você*.

Ela deu de ombros. Queria tanto ler seus pensamentos. Prever seus planos, decifrar seus sentimentos. Por que era tão incógnita?

— Agora, podemos levar o meu computador? — Mudou de tom, de assunto, de ânimo.

Eu que há alguns minutos nem sabia se ela devia entrar já estava pronto para colocá-la no meu carro e ir para sua casa. Que dominável! Hunpf.

— E você? — Afastou-se e pegou dentro de si a voz mais teatral que encontrou para debochar de mim, seu esporte favorito: — Se divertiu com aquele travesti?! Aquilo não é uma mulher, Vitor!

Soltei uma gargalhada e a peguei pelos braços como se simulássemos uma briguinha de irmãos.

— Hei, não brinque com isso, hen?!

— Vai dizer que ela não tinha nenhum efeito surpresa?!

— Claro que não! — Baguncei seu cabelo e isso a enfureceu. Ela, em defesa, me empurrou de leve para cima de um armário de ferro que sacudiu, fazendo todos os objetos vibrarem. — Cuidado.

— Aposto que ela vai aparecer amanhã na televisão e dar entrevista... — Segurou o riso, o que ia dizer parecia ser engraçado demais para reproduzir em palavras. — Ele sabia que eu era um travesti...

— Escuta aqui, mocinha! — Puxei-a para trás com facilidade, não medindo a força que usava contra seu corpo frágil. Tamires estava desarmada e pareceu leve como um papel que poderia cair no chão. Fui mais rápido e fechei meus braços ao seu redor em proteção, antes que suas costas se chocassem com a beirada da mesa. A possibilidade de machucá-la me afligiu.

Senti suas mãos apertaram os meus ombros, assustada com seu próprio desequilíbrio. Felizmente, voltou a respirar, levou uma mão para trás a fim de tatear o tampo da mesa. Suspendeu uma perna e depois a outra para se sentar. Mas, suas mãos ainda presas a mim me atraíram para si. As pernas se fecharam entre as minhas. Abri minha boca e a umedeci com a língua para controlar a secura por causa da respiração ofegante. Meus braços escorregaram de suas costas e caíram sobre suas coxas. Não ousei olhá-la, apenas vi quando meus punhos se

fecharam no tecido fino e florido. Segurei o ar o quanto pude nos meus pulmões tentando desoxigenar meu cérebro. Isso me desacordaria?!

Seu hálito quente estava no meu pescoço oscilante. Ela também tentava não respirar, nem dar vida ao próprio corpo. A Adrenalina correndo em minhas veias quase me anestesiava. Fechei minhas mãos com mais força, quase sentindo minhas unhas. O fino pano velava o templo sagrado que eu queria invadir, minha vontade era arrancar-lhe com fúria. As suas mãos pousaram sobre as costas das minhas como incentivo e permissão que eu precisava. Suspendi alguns centímetros o tecido e vi os finos pelos dourados junto ao joelho. Os polegares se desprenderam do tecido e sentiram a pele quente e macia.

Meu Deus, eu estava rodopiando no ar, em espiral, caindo e caindo, em parafuso naquele infinito azul, sem gravidade. Não bastava o roçar, eu queria saber a consistência, o volume. Apertei com vontade.

Foi sua vez de experimentar também aquela explosão de endorfina. Suas unhas roçaram minha camiseta, depois os dedos se fecharam e trouxeram o tecido para si, arrastando o meu corpo para o intervalo curto que ainda sobrava entre nossos peitos.

A alça fina do seu vestido escorregou do ombro de um marrom reluzente e brilhante. Seu rosto inclinou-se para apontar a direção do vale. Ela queria me dizer “siga por ali”? A incerteza disso fez com que eu, a primeira vez, procurasse os seus olhos.

Ela, então, fechou-os e virou o rosto para o outro lado, abrindo ainda mais a concavidade do pescoço em oferecimento. Eu me atirei ali, beijando-o inteiro. Meu corpo começou a queimar violentamente. Fechei os braços ao seu redor e a grudei completamente a mim enquanto devorava aquele pescoço com lambidas, beijos, mordidas. Sorvi-lhe a pele ao redor até parar do outro lado. A outra alça também caiu pelo seu encolhimento e eu descii a boca faminta pelas clavículas.

Mas, não pensem que eu fui o único culpado de tudo. A responsável pelo meu pecado também tinha suas fomes pessoais. As pequenas mãos agarraram-se ao meu cabelo e me fizeram abaixar mais a cabeça. Cheiro, beijou e sorveu a pele delicadamente.

Afastei-a pelo punho fechado nos cabelos de sua nuca e a inclinei para trás a fim de vê-la completamente. Engoli em seco. Os olhos me encararam longamente. Vi neles a barreira espiral de arames pontiagudos. Afastei-me. Não achei que nada contivesse meu descontrole animal, mas seu rosto me lembrava do grande erro que poderia cometer. Minhas mãos morreram e andei para trás abruptamente, puxado por um elástico invisível, me chocando novamente contra o armário de ferro. Fechei os olhos:

— Você precisa ir... — Fiz uma careta para conseguir falar. — ... Antes que a gente faça uma besteira.

Ouvi o ranger da mesa, os seus saltos chocando-se contra o chão. Depois a porta bateu.

Eu escapei por pouco, muito pouco de cair no fogo efusivo do inferno. Meu amigo estava ali, na minha mente, quando vi aqueles olhos. Eu já sabia que não havia como me controlar mais perto dela. Precisava mais que nunca decidir o que fazer.



Eu poderia ver perfeitamente minha vida permeada pela sua, mas não que isso dependesse de sua infelicidade. Se ela tinha uma felicidade pronta para começar no fim do mês, era hora de eu bater em retirada. Ceder e presenciar o que deixava para outro era pedir demais a minha humanidade. Por isso, que sentei à mesa do café da manhã hoje com o propósito de manejar minha partida do modo mais profissional possível. Meus pais não facilitariam muito a tarefa de ludibriá-los.

— Pai, você não está sempre adiando a abertura do escritório em São Paulo? Temos que economizar com viagens para lá. Nossos clientes não podem mais ser tratados online, temos que ter corpo presente nesse negócio...

Minha mãe ainda com a xícara na boca desviou o olho para o canto a fim de captar a reação de meu pai. Mas, este só se recostou na cadeira com um franzido na testa.

— ... Eu posso morar lá. — Cheguei ao ponto e nenhuma prerrogativa até então. Continuei. — ... Já vi até algumas faculdades boas para me transferir. Depois, lá há pós-graduações excelentes. Quero emendar logo...

— Trabalhar em São Paulo, enfrentar aquele trânsito, a fumaça, trabalho, trabalho, mergulhar em estudo, emendar em pós... — Meu pai recapitulou meu discurso, colocando as ideias em outra ordem para ter um sentido que queria encontrar. — Afundar em trabalho? — pareceu se aproximar de uma conclusão. Droga, eu subestimara o grande conhecimento que tinha sobre mim. — Não, não faremos isso enquanto quiser o trabalho como rota de fuga. Prefiro você aqui sobre meus olhos.

— Por que não me dá um crédito? — Tentei levar para o patamar da confiança. Era óbvio que ele já me achava maduro o suficiente para morar em qualquer buraco inóspito do mundo. — Eu estou focado na nossa empresa como sempre me ensinou...

Meu pai começou a balançar a mão no ar como se afastasse uma nuvem de poeira. Calei-me e me afundei levemente na cadeira, ele tinha lido algum Led nos meus olhos. Para que gastar meu português?

— Vamos ser claros: por que quer ir?

Ele não tinha ouvido tudo que eu acabara de argumentar?! Engoli em seco.

— Eu não preciso gostar do motivo, mas, se for suficiente para você, eu vou entender... — Seu rosto era firme, compreensivo, experiente.

— É. É bastante forte — admiti.

Minha mãe me encarou, depois fez a mesma inspeção no semblante reticente de meu pai, que acabava de jogar o guardanapo na mesa em aceitação. Ela estava muito agoniada com aquele diálogo obtuso, preferia tudo em forma de exclamações quando eu pedia um ponto final.

— Voltem aqui vocês dois! Querem me deixar louca?!

Meu pai pegou seu casaco e a pasta. Eu busquei a chave do carro em cima do aparador ao lado da porta. A imagem da minha mãe com muita mágoa se refletia no espelho onde eu ajeitava o meu cabelo:

— Você não vai me deixar! — choramingou.

— Lógico que não! — Beijei-lhe a testa em socorro. — São duas horas de voo, chego aqui antes que consiga enfrentar a hora do rush! Vou estar sempre para o almoço de domingo, ãnh?

— Ela vai levar seu leitinho na mamadeira toda noite! — Meu pai ironizou e deu-lhe um beijo nos lábios rapidamente, para o que ela correspondeu com um olhar fuzilante. De repente, parecia que a culpa era toda de meu pai. Sorri.

— Tchau, mãe! — Pisquei o olho pra ela.

— Vai ser bem mais difícil do que pensa. — Meu pai puxou o cinto de segurança e deu partida.

— Ela tem que entender que estou grande — comentei.

— Não falo dessa despedida. Não é só dela que vai se despedir... — Ele olhou-me, mas só captei pela visão periférica, não desviei em nenhum grau meu queixo. Ainda tinha chance de interpretar bem o papel de desentendido. — Me admirou sua mãe não culpar Tamires. E não se assuste se ela chegar com essa reclamação no jantar.

Suspirei e balancei a cabeça para os lados.

— Vai ser bom pra mim — falei com força cada palavra.

— Ok. — Virou a esquina e pegou a avenida principal. — Só posso dar minha opinião?

Bom, ele tinha aceitado eu sair de casa sem ter que expor meu interior em caos, era o mínimo a ceder. Eu podia suportar.

— Acho linda... — Carregou de ironia o “linda”— ... a amizade que tem com Kali, foram criados juntos praticamente. Mas, ele está bem longe, né?

Eu já tinha feito aquele raciocínio centenas de vezes. Ou ele achava que não repassava as possibilidades todos os dias para ver se em algum eu tiraria uma solução boa para todos os lados?

— Hum.

— Ela não pode se decidir a viver a vida dela por aqui... com você?

Uma das linhas da minha tese, aliás, a preferida, tinha Tamires como a peça central para resolver tudo. Era só entregar em suas mãos a decisão fatídica. Porém, continuamos com duas escolhas. Um sairia perdendo. Pelo visto, meu pai não a odiava como minha mãe, por saber que ela era a “quase-namorada” de Kali.

Eu ri de repente. Meu pai estava justamente querendo entender o que eu dera por encerrado, jogando de lado aquele brinquedo que não funcionava. Olhou-me, testando a minha sanidade.

— Você já experimentou? — perguntou tacitamente.

Fechei o sorriso e molhei a secura da garganta com a saliva que brotava. Era imoral nos referirmos a qualquer experiência com Tamires como se fosse uma comida. Mas, eu não era nada menos que um animal a rondando por meses.

— Não como deve estar pensando.

— Então, não pode medir o que está perdendo? — pareceu bem confuso.

— Eu não perco o que não é meu — lembrei-o.

— Onde está escrito que é de Kali? No braço dela? Não vi nenhuma tatuagem no braço.

— O quer que eu faça?

— É que eu me envergonho de ver que você está fugindo! Você é parte de mim e eu não fugiria...

Ah! Ele estava se envergonhando de si mesmo na minha imagem refletida? Que rumo cansativo aquela conversa levava.

— Eu vou pra São Paulo, se não se importa.

— Já disse que *não*. Primeiro me mostre que fez tudo que podia e tente ficar com a garota que gosta.

Quando cheguei ao trabalho, vi o sorriso de Tamires. Eu não pude lhe retribuir, a minha parte que gostava tanto dela precisava necrosar até ser extirpada e só sobrar um buraco.

Ela sentou-se ao meu lado com uma pasta de papel, claramente para despistar.

— Sobre ontem... — Meneou a cabeça para o lado e folheou um arquivo.

— Não aconteceu nada, não se preocupe — facilitei, o que a fez levantar o queixo. Lamentei por magoar-lhe. Desviei meu rosto para o monitor. Tamires levantou-se rispidamente, arrastando a cadeira.

Enviei-lhe um e-mail.

— “*Vou levar seu computador, hoje, depois da faculdade. Te pego. Tenho uma coisa para te dizer*” — escrevi, depois, deletei a última frase. Isso a deixaria ansiosa. Reescrevi, por que lhe limitar a dor se a minha era maior? Enviei.

— “Ok” — respondeu secamente.

As horas se arrastaram pesadas para mim e imaginei que agonizantes para ela, à espera da nossa conversa. Esperei dentro do carro que saísse da faculdade. Tamires abriu a porta e sentou-se, apertou o cinto e manteve o rosto para frente. Não me olhou em nenhum momento. Como podia ser tão bonita até quando o sorriso inexistia em seu rosto? Liguei o carro.

Descarreguei todos os equipamentos que compunha seu computador na bancada do seu quarto. Antes, recebi os beijos molhados de sua mãe e o aperto de mão de seu irmão. Todos me tinham como o preferido. Mas, a cara fechada de Tamires não demonstrava que íamos bem, como eles desejavam.

— Que bicho a mordeu? — Sua mãe perguntou.

— Vitor? — Ela gritou e eu corri da cozinha, carregando um folheado que roubara.

— Eu — respondi, entrando em seu quarto.

— Você pode montar isso? Eu não sei... — Ela segurava o saco de fios como se fossem cobras vivas.

Ri alto e quase me engasguei. Bati as mãos para me livrar dos farelos do salgado.

— Isso é fácil. — Separei os cabos e pluguei nas entradas correspondentes.

— Se importa se eu trocar de roupa? Já volto. — Usou da formalidade para limitar nosso perímetro de distância. Fechou a porta e retornou quinze minutos depois de short jeans e camiseta cinza.

— Pronto, novinho em folha. — Sorri e apontei para o computador.

— Obrigada, afinal, é o meu presente. — Fechou a porta atrás de si.

— E o outro computador? — perguntei.

— Está com meu irmão, no quarto dele. Eu sabia que o meu ia voltar pra cá.

Senti toda a duplicidade naquela disposição. O meu lugar sempre estava guardado. Quis acreditar nisso.

— Ia me dizer? — perguntou, seriamente. — Mas, antes, deixa eu lhe dizer uma coisa... — Não aguentou e apontou o dedo na minha direção. — Eu não gosto quando me trata daquele jeito... — parece ter evitado o assunto o dia todo e agora explodia.

— Jeito? — Ganhei tempo, franzindo a testa.

— Como fez hoje no trabalho. — Seus olhos estavam inflamados contra mim.

— Hum, desculpe... Não vai acontecer novamente.

— Fala sério! Só por causa... — Perdeu as palavras, levantei as sobrancelhas em espera, ela voltou a fechar a boca, tomar fôlego. — ...daquilo? — Encolheu os ombros. — Eu também concordo... Não aconteceu nada! — repetiu minhas palavras. Quanto tempo tentou digerir nossas carícias no dia anterior? Minha conclusão lhe fora suficiente para acreditar?

— É, não foi nada. — Minha voz saiu partida, como um engasgo. — O que eu tinha a dizer é simples. Eu vou me mudar para São Paulo. — Saiu fácil dessa vez porque me coloquei em terceira pessoa como um corpo desligado da minha alma. Eu falava da vida de outra pessoa que tinha meu nome. — Vamos abrir uma sede lá.

— Quê? — Tamires pareceu vacilar, seus braços cruzados caíram sobre seu corpo. — Não.

— Não vou ser mais nada, aliás, nem sei se já fui. — Ri, sarcástico. — Eu vou me mudar.

— Não! De novo não! — Ela cruzou o meu caminho e parou do outro lado do quarto.

— De novo? Não fui eu que fui embora antes — ressalttei seu ato falho.

— Eu não quero ficar sozinha de novo. — Balançou a cabeça em horror.

— Ah! Não vai, seu namorado está chegando aí.

— Vai embora por que ele está voltando? — Franziu a testa. Eu teria que ouvir aquela pergunta de minha mãe também quando chegasse? Era melhor que treinasse a resposta.

— São só negócios — devolvi-lhes, sabendo que para minha mãe não a convenceria. Até lá no caminho pensaria em algo mais consistente.

— Então, eu tenho que acreditar que não tem nada a ver comigo, com a gente...?

— Houve qualquer coisa entre nós?

— Qualquer coisa? — Feriu-se ainda mais.

— Tamires, desculpe, mas eu já trouxe seu computador, já me despedi...

— Não se faça de maluco... — Agarrou-me os braços, sem calcular as unhas cravadas na minha pele, agitou-me. Ela sabia que podia acordar o louco dentro de mim. — ... Nem tente me confundir!

Suspendi facilmente o meu braço contra sua força ridícula, não para agredi-la, mas para afastar seu cabelo. Meu coração flamejante não demoraria a entrar em combustão.

— Se eu pudesse pedir só uma coisa, só uma... — falei suavemente, mas não

adiantou, ela afastou-se com medo. — ... Se você tivesse várias, várias dessas coisas, tantas que não teria como calcular... e pudesse me dar só uma. Ninguém saberia. Ninguém veria. Seria algo que nunca aconteceu. Nunca.

— Você conseguiria fingir que nunca aconteceria? Nunca? — Ela entendia minha lógica e respondia com perguntas.

— Estaria tão guardada, tão bem escondida que, sim, eu poderia...

Seu olhar desceu para o chão e vacilou. Dei um passo à frente. Ela fez também um movimento, mas atrás, sempre na defensiva, até esbarrar na cama e cair sentada. Assustou-se e voltou a ficar de pé, agora em pânico pela falta de espaço para retroceder.

— Se me disser que não pode dar... — Enfiei as duas mãos no bolso para me tornar menos amedrontador.

— Vitor... não... — Fechou os olhos, fraca demais para resistir, querendo dizer sim.

Só mais três passos e ela ainda tinha tempo para mostrar que não seria capaz de guardar aquilo como uma experiência unicamente nossa.

— Você vai dar centenas de beijos nele, eu poderia ter só um? Isso nunca vai ter acontecido. Nunca vai precisar explicar a ninguém porque só as paredes verão.

— Não, Vitor! — falou alto, mas eu não aceitei ainda como sentença final, não acreditava em suas palavras. Segurei o primeiro braço a se mover no ar, depois o outro. Ainda a deixei se debater contra meu peito, como passarinho se machucando contra a grade da janela quando o dono tenta libertá-lo. Ela socou-me, relutou. Eu podia esperar seu cansaço vir. — Eu disse que *não*!

— Se alguém tem tantos, em tanta fartura, seria tão vil o meu pecado se eu roubar?... — falei olhando para sua boca, seus olhos de pavor lendo o que estava por vir. Não acreditava que eu tivesse coragem porque não tinha.

— Por favor, não... Vai ser horrível ficar sem você... — Brigou, mais eu sabia que era consigo mesmo que lutava.

— Eu já te amei... — Tirei seu cabelo do rosto e segurei o maxilar com uma das mãos. — Eu não posso mais estar limpo disso... Tudo que eu faça será só parte do meu erro...

— Vitor... — Gemeu baixinho, afastou-se para trás e não tinha mais para onde fugir, caiu na cama, engatinhou para trás sob o colchão. Ajoelhei-me no espaço entre suas duas pernas. Ela apoiou-se nos cotovelos e suspendeu o peito para ganhar equilíbrio e empurrar o meu. Mas, àquela tentativa de luta só a deixou mais perto do meu rosto. Abaixei a cabeça e ela afastou na direção contrária, até encostar-se ao edredom. — Eu não vou conseguir te esquecer...

— Feche os olhos, não verá nada... — expliquei-lhe como se tratava de uma cirurgia

indolor.

— Por favor. — Pediu e eu não me mexi, sentindo o seu hálito já na minha boca.

— Entendi. — Levantei-me, me pondo de joelhos. Como se a puxasse por cordas invisíveis, seu corpo se ergueu também. Sentou-se sobre as pernas dobradas. — É muito miserável o meu coração que te ama, se contentar com apenas um beijo... — resmunguei amargo.

— Eu não sei o que posso sentir... — Ela abaixou o rosto. Estiquei o braço e toquei seu queixo com meus dedos, depois senti seus lábios na ponta dos polegares. Desenhei as curvas da sua face. Um suspiro e ela já estava quieta, olhando diretamente para minha boca. Tomei seu rosto com minhas duas mãos, inclinei minha cabeça para o lado, nossos narizes se roçando. Pela primeira vez arrastou-se sob os joelhos alguns centímetros a frente.

— Nunca vai ter acontecido... — Sussurrei aspirando as palavras.

Ela abriu os lábios e deixou espaço para mim. Era só encaixar minha boca, mas não podia ser com a pressão errada, nem na velocidade desmedida. Seria único, não o gastaria de qualquer forma. Isso tornava minimalista o derradeiro momento. Eu sabia desde o princípio que a beijaria um dia. Eu só sofri o que era minha parte sofrer, mas não sairia sem provar.

Eu ficara pelas beiradas, espera todos os momentos errados acontecessem para preencher os buracos, as ausências. Agora era o único lance em que eu estaria no controle. Meu corpo recebia a preparação ardendo a minha pele, trepidando meu coração, inebriando meu cérebro com endorfina.

Nossos hálitos quentes se confundiam, até que o ar respirado era o mesmo. A superfície mais fria, rígida e seca da película dos meus lábios se chocou com a maciez úmida de sua boca. Eles se permearam naquele fluido quente até deslizarem para dentro. Prenderam-se a primeira vez e se abriram novamente para um mergulho mais profundo. Sua mão espalmada tocava meu rosto, orelha e cabelos. Os dedos se entrelaçaram entre os fios e se fecharam com delicadeza. Meu coração bombeava mais sangue do que eu precisaria para fugir ilegalmente pela fronteira de um país. O que seria aquilo senão atravessar o caminho proibido? A adrenalina jorrava tanto quanto eu precisaria. Envolvi-lhe as costas para protegê-la da queda que meu impulso para frente provocaria. Foi tudo tão rápido que quando caiu afundada entre as almofadas, já estava de lábios abertos outra vez.

Beijei-lhe com vontade. Dessa vez retribuiu e participou também. Nossas línguas e salivas se misturando, as mãos agarrando minha camisa com puxões e sua respiração cada vez mais rarefeita. A satisfação era tão grande que toda a culpa que carregaria se tornaria justificada. Não me arrependeria, apesar de não ter orgulho do que fazíamos.

— Eu te amo. — Descolei meus lábios e puxei o ar. — Eu não vou mais te confundir, nem atrapalhar... — Suspirei e beijei-lhe de leve. Foi com olhos fechados que me levantei e meus braços escorregaram para soltá-la. Não guardaria a visão da despedida, queria manter

apenas a lembrança do êxtase. Fiquei de pé e sai.

Ouvi o tchau de Felipe no sofá. Abri a porta do meu carro com minhas veias pulando no pescoço. Agora era só enfrentar a parte da despedida em que minha alma deveria romper todos os elos que nos unia.

Durante a semana, não trocamos nenhuma palavra e bem poucos olhares no trabalho. Não sabia se fazia isso comigo para respeitar minha escolha, para mostrar mágoa ou porque não sentira nada mesmo e ficara com raiva do beijo... Era tanto silêncio que caberia tudo ao mesmo tempo. Mas, no sábado de manhã, esse padrão de hostilidade foi quebrado. Meus pais tinham ido a praia e eu estava acessando a internet no sofá da sala. A empregada abriu a porta para ela e bastou reconhecer seu perfume para meu rosto se virar na direção que vinha.

Tamires parou na minha frente séria e hesitante. Seus olhos se preparavam e não atrapalhei sua concentração, devolvi-lhe o silêncio.

— Se eu pudesse te pedir uma coisa, você me daria sem querer nada em troca, conseguiria fingir que nunca existiu?

Levantei-me, deixando o computador de lado.

— O quê?

Tamires engoliu em seco, precisando de ajuda agora para completar o plano que a trouxera até mim.

— O que eu posso te dar, sem querer nada em troca, sem que nunca acontecesse? — repeti.

— Nada em troca — Enfatizou o ponto que mais lhe importava.

— Não tenho nada, é fácil.

Ela puxou o ar, procurou alguma coisa. Pareceu achar, caminhou até o aparador ao lado da porta. Segui-a e vi quando pegou a chave do meu carro, colocou na palma da minha mão e segurou-a por um momento antes de revelar...

Eu já fiz minha escolha
(Tamires)

Meu corpo ainda estava vaporizando o suor e meus olhos presos no teto buscavam nitidez em meio a vertigem. O beijo de Vitor fora como uma colisão contra uma parede rochosa, todas as minhas células estremeceram e saíram do lugar por um instante. Seus lábios eram tão doces e quentes quanto eu sempre especulava. Suas mãos me apertavam e alisavam, em uma alternância de pressões como se tivesse receio dos próprios limites. Ele saíra do quarto e eu ainda tinha seu cheiro pairando em torno do meu corpo. Queria poder levantar, correr, prolongar nossa união física, mas eu precisava conceber que nada acontecera. Ninguém vira, ouvira, testemunhara, portanto, nunca existiu. Meu coração era o último a se convencer, socando a parede do meu peito como um lutador de boxe no saco de areia.

Meu irmão colocou a cabeça na porta e perguntou se estava bem, comentou que vira Vitor sair rápido demais. Eu só respondi com um pedido para apagar a luz.

Quando o breu se fez, tampei o rosto com as duas mãos e tremi com o soluço que brotou de dentro da minha angústia. Se Vitor podia, eu não conseguiria separar. Eu também era alguém nos olhando, observando de fora. Eu viro nossos corpos se abraçando, beijando! Como negar para mim mesma? Tampei a boca com a mão para não fazer nenhum barulho.

Recurvei o corpo e quase abracei meus joelhos. Dormi como uma bola no edredom. Antes disso, pedi que todos os anjos de luz rodeassem a minha cama e fizessem um círculo de energia ao meu redor para que eu relaxasse. Senti a presença deles e minhas pálpebras pesaram. Murmurei um agradecimento e o escuro de fora se igualou ao de dentro.

O som dos cavalos começou como o tamborilar de dedos em uma base de madeira. Depois, cresceu gradativamente até que podia sentir a qualquer momento que atravessariam a trilha em que eu andava. Afastei-me o quanto pude e, no segundo seguinte, os cavaleiros cortaram o ar, montados em seus animais ferozes.

Minha cabeça se movia rapidamente para reconhecer algum deles dentro dos capuzes negros. Um estrondo forte ao meu lado e eu pulei para trás. O último cavalo partiu e o homem ficara desfalecido aos meus pés. Ajoelhei-me e puxei o capuz. Ele tinha sangue na testa e estava gelado como uma pedra fria do leito de um rio. Virei o rosto para mim e reconheci o semblante lívido e branco de Vitor, tirei-lhe os fios da testa vermelha.

— Fale comigo, por favor... — Pedi, sem forças para suportar a perda. Perdê-lo era a dor do mundo ter acabado. Debrucei-me e o ninei como faria uma mãe com seu bebê. Gemi

uma cantiga de sons produzidos pelo meu choro enlouquecido.

Acordei vinda de uma região abissal. Puxei todo o ar que pude e toquei meu coração, eu devia enfartar. Peguei meu celular ao lado do travesseiro e não consegui produzir o movimento de pinça com o polegar e o indicador. Minhas terminações nervosas perderam o controle das extremidades. Respire. Respire. Fechei os olhos e afoguei o rosto no travesseiro. Só um sonho, só um sonho ruim.

Mas, que se repetiu pelas quatro noites seguintes. O medo do que estava por vir me fez adotar métodos de ocupar a cabeça. Livros, trabalhos da faculdade, seriados, tudo que me levasse à exaustão. Mas, a cada dia o sonho ganhava detalhes. No último deles, acordei molhada de suor, quase em asfixia. Eu tinha que contar isso a Vitor e romper nosso silêncio respeitoso.

Uma visita inusitada, porém, trouxe mais clareza aquele enigma. Era um senhor que já parecia ter visto. Ele estendeu a mão e rapidamente aquilo me acalmou. Fechei os olhos. Era o mesmo senhor que conversava com Vitor na fazenda! Forcei as pálpebras para abri-las como se tentasse empurrar janelas dobradiças contra a força do vento. Perguntei-lhe se buscava Vitor. Ele disse para não me preocupar que tudo ficaria bem. Eu fiquei ainda mais desesperada e pendulei entre a realidade escura e delirante e a vigília frágil e cansativa do primeiro estágio do sono. Pela primeira vez, cheguei à conclusão quer revelar a Vitor meus presságios não era uma boa ideia. Ele se assustaria. Guardar aquele segredo me mataria, porém.

A possibilidade de Vitor morrer me tirava o centro de equilíbrio. Eu estava tão distante de todos no trabalho, em casa e na escola que me esquecia de falar. Agora o sonho dominava parte do meu dia em meus pensamentos depurantes. Queria parti-lo em microfragmentos de segundos para remontá-los em todas as posições como uma calçada de pedras portuguesas. Deveria existir um meio de impedir o destino. Perguntei a mulher mais sábia que eu nesses assuntos. Na verdade, ela me forçou a consultá-la.

— Minha filha, onde está todos esses dias? — Minha mãe tocou as costas da minha mão, polvilhando-a de farinha. Voltou a enfiar a sua na bacia, pegou um cubo de queijo e enfiou em uma rodela de massa do tamanho de uma moeda e depois moldou até virar uma bola perfeita. — O que está te deixando assim? Brigou com o Vitor?

Qualquer conflito com meu melhor amigo seria um forte motivo para alterar meu humor, mas dessa vez era algo maior. Eu podia perdê-lo.

— Eu tive um sonho repetidas vezes que está me deixando louca... — parei o que seria o início de contar o que ocupava minhas visões noturnas e minha mente foi cortada rapidamente por um anseio de resposta. — A gente pode alterar o destino?

Ela levantou os olhos da bacia e fixou-os em mim até atingir a parede da minha alma, lá no fundo. Sabia agora que eu não vira algo bom.

— Conte-me o sonho — pediu, antes de responder e eu o fiz. — Quer saber se pode

evitar que ele morra?

— Existe uma hora para se morrer?

— Não tenho todas as respostas... — falou com humildade, mas eu quase podia duvidar. Nesses quesitos minha mãe era a mulher que mais sabia sobre esses assuntos. Uma leitora voraz, um espírito elevadíssimo. — ...Mas tenho fatos. As pessoas deveriam prestar mais atenção no que é óbvio. — Ela estava se referindo a mim como uma delas, claro. — ... O Vitor ama você. Ele, sim, quer ficar com você. Não conheço bem aquele outro... — Apontou para o lado com o dedo e mudou a voz para um rancor. — ... Mas, posso dizer que o seu amigo realmente se importa com você.

E me deu o beijo mais maravilhoso que já pude ganhar! O que complica mais.

— ... Se há algo por vir, você terá dois resultados — continuou, agora parecendo me mostrar algo que eu ainda não conseguira concluir. Animei-me. — Um: ele vai morrer de fato. — Meu coração estancou no peito e se retorceu como roupa antes de colocar na corda. — Dois: você pode conseguir convencer todo o universo que conspira para isso que não é a hora... — Sua voz reticente me indicava que aquilo era só a parte da constatação, ainda viria o que eu deveria fazer. — Agora, independente disso, você deve ficar perto dele. Seja para aproveitar todo o tempo possível que resta. Seja para mudar os caminhos dele e fazer com que esse fato não esteja naquele curso.

— Então, sim, podemos mudar o destino!

— Podemos... — Meneou a cabeça para o lado. — Podemos, mas não te garanto que consiga. São forças tão grandes, como se transportasse uma montanha.

Agora eu sentia que poderia colocar uma cordilheira rochosa nas costas. Sorri em quatro dias a primeira vez. Eu só queria ter uma chance! Por ele eu era capaz de tudo! Foi inevitável comparar com Kali. Hei, eu também podia ter corrido atrás dele, me mudado, cometido qualquer loucura. Mas, eu não queria tanto quanto agora. Eu não conseguia nem raciocinar, era um querer que tinha vida própria.

Levantei, arrastei a cadeira para trás ruidosamente. Minha mãe pediu para eu voltar a sentar, que não tinha acabado. A adrenalina já me preparava para correr, mas eu tinha que ser respeitosa, atendi.

— Essa chance é muito, muito pequena. Se prepare para não conseguir. Agradeça por ter a chance de ver. Caso contrário, você continuaria dispensando ele para segundo lugar. Aí, quando o pano sobre seus olhos caísse, não teria mais tempo. O resto da humanidade perde suas chances porque acha que sempre há tempo. Então, faça bom proveito da dádiva que foi enxergar o que está por vir.

Eu não queria que nada viesse, nem morte, nem sofrimento. E eu também não o dispensava! Pelo contrário, tudo que podia ver claramente era meu coração se entregando a Vitor todos os dias. Eu passava todo meu tempo ao seu lado, dividia todos os problemas e

alegrias. Nosso sentimento preexistia antes do beijo.

— Mãe, eu vou precisar estar fora o fim de semana.

— Tudo bem. — Ela entendeu que isso tinha a ver com nossa conversa. — Eu falo com seu pai.

— Eu te amo, obrigada. — Beije-lhe a cabeça.

— Eu ligo.

No quarto, joguei a mochila sobre a cama e coloquei tudo que precisava dentro e não esqueci a gaita e do meu caderno de letras. Abri o guarda-roupa e puxei do cabide uma blusa branca e um coletinho colorido de lã curto. Vesti uma calça jeans justa e escura e coloquei um cordão cumprido. Uma bota de cano baixo escondida na barra da calça, brincos, relógio, pulseiras e, por último, um toque no cabelo. Era o recorde de tempo para me arrumar! Parti para casa de Vitor. Eu tinha um plano. Se ele não aceitasse, eu não carregaria a frustração de não ter tentado.

Tirei a mochila dos ombros assim que cheguei a casa dele, e deixei no chão da varanda. Não queria assustá-lo. E, se não topasse, eu poderia pegá-la de volta discretamente. Torci para não encontrar seus pais e acho que era uma ajudinha do universo, não estavam.

A empregada atendeu a porta e mostrou que ele estava sentado no sofá. Meu coração ficou feliz, terno, calmo. Vê-lo me enchia de paz, era encontrar um porto seguro depois de dias de angústia. Parei em sua frente. Ele estava sem camisa, apenas com uma bermuda chumbo com desenhos de palmeiras azuis turquesas. Seus olhos quase translúcidos pela claridade intensa do dia penetrando por todas as paredes de vidro.

Agora ele iria querer uma boa explicação para eu ter mudado do silêncio e distância absoluta para ter vindo visitá-lo. Era uma considerável alteração de comportamento. Engoli em seco. Aquilo era o que sentira antes de me pedir o beijo? Eu estava prestes a lhe propor também uma coisa que não era certa, rezei para os anjos não me punirem por isso! Que ainda estivesse dormindo nas nuvens àquela hora.

— Seu eu pudesse te pedir uma coisa — comecei direta para não perder a coragem. — ... você me daria sem querer nada em troca, conseguiria fingir que nunca existiu? — usei da sua própria estratégia.

Ele levantou-se e sua voz parecia de bravura.

— O quê? — Quis saber o teor concreto do meu pedido. Isso ainda não era um sim.

Engoli em seco. Eu estava prestes a saber se conseguiria mudar o seu destino.

— O que eu posso te dar, sem querer nada em troca, sem que nunca acontecesse? — Vitor perguntou desconfiado.

— Nada em troca — relembrei-o dessa parte.

— Não tenho nada, é fácil — ponderou.

Era verdade, ele só teve um beijo que, para nós, ficou combinado que não existia. Mas, agora eu iria lhe dar a chance de ter mais que isso para alterar o seu futuro e impedir de perdê-lo para sempre.

Virei de costas para pensar melhor em como começar isso. Respirei para ventilar meus pulmões. Meus olhos encontraram as chaves do carro de Vitor em cima do aparador. Caminhei e tomei o chaveiro nas mãos. Quando voltei a ficar de frente para Vitor, ele já estava tão perto que me assustara. Engoli em seco e estendi a mão, a sua levantou e pegou o que eu oferecia. Tocávamo-nos em contato com aquele objeto simbólico que abriria as portas do caminho que iria salvá-lo.

— Eu quero só um fim de semana sozinhos. Depois, esses dias nunca terão existido.

Ele parecia assistir uma tela cheia de cenas na frente do meu rosto, demorou a responder, apertei levemente sua mão para que viesse para a realidade. Eu sabia que Vitor entendia aquilo como uma chance de “curtir dois dias com ele” e depois voltar para Kali. Ele iria para São Paulo e eu começaria a namorar. Porém, meus planos sobrepunham aquele quadro prático e previsível que pintava com cores berrantes. Eu queria impedir que sofresse qualquer encontro com a morte. Sentia que era nesse fim de semana. Tudo depois eu poderia lidar.

Vitor soltou minha mão e achei que nela estava algum cordão ligado ao meu coração que pareceu repuxar no peito. Ele não aceitaria? Seria compreensível para qualquer um que tivesse o mínimo de orgulho. Mas, ele bem dissera que não tinha nada a perder. Eu propunha o esquecimento completo dos dois dias, ninguém saberia. Tentei calar a voz dentro de mim que me lembrava que fora impossível eu esquecer o beijo. Gritei mais alto que a vida de Vitor era mais importante que minha consciência. A voz calou.

Ele pegou o celular atrás de mim, no aparador, e apertou alguns botões. Estava tremendamente sério. Se chamasse uma ambulância para me levar em uma camisa de força, não seria surpreendente, eu propunha uma coisa errada, louca, sem sentido. Mas, era tentadora e isso me dava esperanças.

— Alô, pai? Vai precisar da caminhonete hoje? Não? Ótimo, eu vou para a fazenda.

Soltei o ar dos pulmões. Ele iria me agradecer um dia.

— Não... — Ele olhou-me. Aquela deveria ter sido uma resposta em referência a uma pergunta sobre mim. — É. Sim. — Ele contava que estava comigo? — Ok. Tchau.

Desligou e me olhou sério, nada de pulinhos, abraços, beijos. Seus sentimentos estavam blindados contra qualquer dano.

— Me sinto estranha... — Franzi a testa e confessei, contraída pela timidez súbita. Nunca havia passado daquela linha limítrofe.

Vitor deu um passo à frente e eu me afastei, olhando a empregada atrás dele. Voltou sua cabeça para trás e entendeu. Avisou que demoraria pouco tempo para fazer sua mochila. Voltou vinte minutos depois com um jeans claro, tênis, uma camisa e um casaco verde-musgo na mão. Estava com o cabelo molhado.

— Vamos? — Abriu a porta. Passei e peguei minha mochila no chão.

— E se eu tivesse dito não? — perguntou quando viu que eu estava preparada. Abriu a porta da caminhonete para mim.

— Eu corria o risco.

Ele meneou a cabeça para o lado e aceitou. Bateu a porta e deu a volta.

— Eu espero que tenha trazido sua gaita porque vai tocar para mim aquele caderno todo de partituras, hen! — Abriu a porta da garagem com um dispositivo eletrônico.

Eu sorri, ele já esperava mil coisas só para ele. Eram dois dias exclusivos. Não senti nenhuma repugnância, como se eu estivesse me dando para alguém que não quisesse. Eu estava apenas muito nervosa. Juntara tanta coragem e força para vir que esquecera da parte depois do sim.

Quando Vitor já estava na avenida eu senti que começava ali os dias nunca aconteceram. Estendi a minha mão e toquei a sua coxa sobre o jeans.

— Nossa, que mão fria! Está morrendo, Tamires?!

Puxei como um choque a minha mão, na verdade aquela frase não me trazia boas lembranças. Ele se sentiu rude, falou que era brincadeira e a procurou enfiada entre as minhas duas pernas. Puxou meu pulso, sem tirar os olhos do trânsito. Quando cedi, ele repousou novamente sobre a sua perna e fez círculos sobre as costas da mão, aqueceu-a rapidamente com a sua.

Achei uma música que ele sabia ser minha obsessão na rádio e comecei a cantarolá-la baixinho.

— Não se cansa? — Franziu a testa e reclamou como de hábito.

— Quer que eu troque? — Dessa vez estava disposta a ceder.

— Não... — Sorriu, fixado no trânsito. — Faça tudo que quiser.

— Olha lá hen... — Recostei-me no banco e senti que agora seu rosto estava virado para mim. Ouvi uma risadinha, sorri com isso. Não era só eu nervosa.

Abrimos as janelas parcialmente; o vento agradável e fresco preencheu o interior do carro. Fechei os olhos por uns instantes para senti-lo refrescar a pele e preencher os pulmões. Quanto mais distantes da cidade e dos olhos alheios, podíamos ser nós mesmos, à vontade. Bem, estar tranquilos não era tão fácil. Nos acostumamos tanto a esconder, disfarçar e fingir que não éramos bons em ser espontâneos nesse quesito. Não forcei nada, o silêncio não me

incomodava. Eu conseguia ficar ao seu lado quieta, com meus próprios pensamentos sem tentar iniciar nenhum diálogo.

Vitor pediu que parássemos para comer alguma coisa. Não que eu estivesse com fome, dei de ombros. Seria bom movimentar as pernas e descansar. Disse-lhe que lembrava daquele lugar pela torre de compotas de doce. Era o mesmo caminho por onde passamos quando viajamos a primeira vez com Kali. Ele confirmou que sim com um sorriso pequeno e um olhar vago. Deve ter conectado a imagem da lanchonete com tudo que passamos naquele fim de semana.

Eu lhe negara o primeiro beijo que tentara roubar de mim e, ironicamente, agora eu desejava uma nova oportunidade para repetir o beijo do meu quarto, só não sabia como fazê-lo. Enquanto olhávamos o painel luminoso com os sanduíches, nossos braços e ombros se tocaram. As laterais das mãos também se roçaram e grudaram como ímãs. Sua palma passou primeiro sobre as costas da minha mão e os dedos se entrelaçaram. Aquele simples toque desacelerou meu cérebro. Toda minha energia vital convergia naquele ponto.

— Pão de queijo? — sugeriu, virando o rosto para mim.

— Ân? — Pisquei os olhos e molhei os lábios, engolindo em seco. — Pode ser.

— Pode pedir outra coisa, o que quiser... — Mostrou que o controle estava comigo.

— Hum... — Levantei o queixo e encarei o cardápio na parede agora com bastante atenção. — Pão de queijo. — Escolhi.

Vitor pareceu soltar uma risada que estava segurando. Abaixei o rosto e sorri, tímida, enfiando o polegar no outro bolso esquerdo, enquanto a mão direita já estava presa na sua calorosamente.

— Para beber? — perguntou, novamente me colocando em posição de escolha. — Suco, refrigerante ou café?

— Toddynho. — Achei a pequena caixinha na geladeira de porta transparente atrás dele.

— Está brincando, né?

— Por quê? — Fiz uma careta de conflito e vergonha.

— Nada... — Ele abriu a carteira e balançou a cabeça para os lados, afastando algum pensamento paternal. — Por favor, dois combos de pão de queijo, um café expresso e... Um Toddynho. — Apontou para a geladeira como se precisasse ajudar a atendente a entender o que pedia. Hei! Eu não estava querendo nenhum drinque elaborado!

— Ainda não entendi a graça. — Questionei quando ele me deslocou para sentarmos em uma mesa branca de cadeiras vermelhas. Eu não tinha outro assunto mais interessante.

— É só meio infantil. — Mexeu a colherzinha na xícara.

— Ah... — Encolhi os ombros e rasguei o plástico que envolvia o canudo. — Olha que estranho. Na caixa, o desenho do canudinho tem listas horizontais vermelhas. Mas, se você reparar, ele não é assim. — Mostrei. — As listas são verticais! Será que quem desenha essas caixas nunca reparou nisso?! — Dei um grande gole e deixei a caixa na mesa.

— Acho que deveria escrever uma carta para a fábrica, hen?

— Hei! Mau humor, hen? — Amassei o guardanapo e joguei nele. — Parece um velho!

Vitor levantou os olhos da sua porção de pão de queijo e se assustou com o que eu acabara de dizer. Eu estava brincando, não era levar tão a sério ou ficar com ofendido. Antes mesmo que explicasse isso, ele abriu um pequeno sorriso e não entendi dessa vez como oscilara do assombro a satisfação tão rapidamente. Comi meu primeiro pão, certa que logo viria à explicação.

— Minha alma é velha. — Deu de ombros como se não pudesse se livrar de um pé grande, uma mancha na bochecha ou qualquer outra fatalidade física que já vem de nascença.

— Bem parece mesmo. — Ri para atenuar o clima. — Eu sinto que você tem o dobro da minha idade, às vezes! Como agora pouco quando pedi meu Toddynho! — Aquela última frase soou magoada. Não esperei que saísse assim da minha boca, mas foi expelida sem tempo de filtrar.

— Eu sei. — Mais uma vez pareceu tranquilo e conformado com o fato. Não era isso que queria provocar, ele poderia devolver a bolinha de papel na minha testa, zombar da minha cara de moleca, por favor, eu precisava urgente que parasse de levar tão a sério tudo.

— Está fazendo de novo! — Não consegui aprisionar o sentimento dentro de mim, ele pulava pela minha boca e se transformava em palavras de irritação. Eu tinha um instinto muito selvagem de vez em quando.

— Desculpe, eu te irrita? — Afastou a xícara.

— Não. — Fechei a cara, fixa no cesto de bolas de pão de queijo. Era óbvio que meu coração começava a se sentir desconfortável e eu não entendia por quê. Isso significava que eu queria ficar quieta para passar logo.

Vitor sabia quando não podia usar palavras comigo, então, esticou o braço e sua mão pousou em cima da minha, quente, macia, um pouco maior. Uma sensação de proteção e conforto acalmou o meu ser inteiro. Era disso que eu não podia ficar longe, da sua propriedade de me acalantar em qualquer momento de desespero ou agonia. Sorriu. Será que sabia dos seus poderes?

— Eu sou mesmo uma alma velha. — A voz era tão pacífica, escolhida para não me perturbar, um tom que bem podia ser de um ancião. Peguei-me no meio daquela comparação e rapidamente apreendi o que tentava me fazer perceber.

— Você...? — Inclinei a cabeça mais para frente para que ninguém pudesse ouvir nossa conversa. Se limitou a assentir com a cabeça. Ele, então, já passara por muitos séculos de experiência? Por isso, eu ficava tão segura protegida por sua paternidade! — Eu tenho muita dor nas costas... — Não reclamava de um problema momentâneo. — ...É o peso que recaí sobre os ombros. Mas, é o de menos.

Não ousei dizer qualquer palavra, meus olhos deviam estar muito arregalados, pois Vitor usava de bastante cautela.

— Eu tenho a sensação de que estou em um corpo muito jovem, mas por dentro pareço ter décadas à frente. Eu admiro as pessoas mais velhas e consigo sentir sintonia com o estágio da vida delas mais que com o meu! Ok, vamos falar de um assunto mais ameno, devo estar te aborrecendo, o que dizia sobre o canudo? — Juntou as duas sobrancelhas e enrugou toda a testa quase em dor, ele estava apavorado com a rejeição.

— E o que eu sou? — perguntei. Eu tivera a resposta exata enquanto ele narrava a sensação temporal entre corpo e alma, só queria ter a confirmação dupla.

— Há almas jovens evoluídas ou não. E almas velhas evoluídas ou não... E você é claramente... — Ele deixou seus dedos deslizarem e se afastarem dos meus. — Uma alma muito jovem ainda. — Aquele era o vale enorme que nos distanciava. O “ainda” queria dizer muito tempo para alcançá-lo. Porém, quando conseguisse isso, já estaria na minha frente mais uma vez. — Mas, é uma jovem evoluída — disse como em elogio.

Lá estava novamente meu coração inquieto e desamparado. Ele, então, era uma alma velha que não tinha paciência nem atração por minha alma jovem?

— Isso é uma alma papa anjo!

Vitor deu uma grande risada e eu ainda estava chateada e séria, apesar da piada que eu tentara construir da situação. Não conseguira me divertir como eu pensara ao tentar alegrar a conversa. Talvez porque estivesse decepcionada demais com minha incrível distância para alcançá-lo.

— Está querendo saber por que nos atraímos? — perguntou, sabendo que a resposta era sim. Até achei que se divertia com isso. — Eu me sentia parado na minha rotina trabalho faculdade, remoendo um amor ranzinza, sem qualquer sobressalto ou grandes anseios quando você apareceu. Eu lembrei-me do quão jovem eu podia ser. E tudo ficou inquieto e agitado... — Gesticulou com uma careta. Era sua primeira grande declaração.

— Eu me sinto muito assim. Fico louca, pareço uma chaleira, quero explodir, agarrar, matar... já pensei até que pudesse matar! Não tenho tanto autocontrole. Trabalho muito isso. — Atropelei as palavras, ansiosa.

— Vem com o tempo.

Aquele tempo era muito maior que os anos de uma só vida. Isso não era muito

motivador.

— Vamos voltar para o carro? — pediu.

Eu quis dizer não, queria o dia todo ouvindo todos os detalhes, aprender tudo de uma só vez. A ansiedade acelerava meus batimentos. O pior que agora aquele ritmo do meu cérebro tinha uma explicação. Mas, eu não importunaria Vitor. Eu devia me conter. Segurei cada pergunta quando ela estalava no dente e se debatia por dentro da minha boca, a engolia de novo.

— Não contei isso para que ficasse muda — reclamou, dirigindo. — Está preocupada com alguma coisa?

— Por que eu vejo coisas e você só ouve? — Lá estava eu, a boa e incontida Tamires desatando a tagarelar.

— Velhos não veem bem mesmo. — Sorriu, mas era só uma brincadeira, não ainda a resposta. — Não sei. Você é bastante evoluída. — Aquilo soou para ele como bastante contraditório. — Suas ligações não foram totalmente rompidas.

— Eu não queria saber de certas coisas... — Olhei para minhas mãos juntas, entre as pernas. Achei que não tivesse ouvido, minha voz se abafara com o queixo quase colado na blusa.

— Somos sortudos por ter uma visão do todo. As demais pessoas sofrem mais quando só veem tudo claro depois da morte. A gente tem uma percepção do passado, presente e futuro nítida. — A temporalidade novamente parecia ser ainda mais longa que alguns anos ou séculos.

Vitor não entendia que eu falava dos sonhos que tivera em perdê-lo. Afastei o pensamento, não estragaria nada.

— Por que nos encontramos? — Virei o rosto para o lado e quis que me encarasse, mas era preciso que dirigisse atento à estrada.

— Podemos discutir essas coisas complexas quando chegarmos? — pediu com a didática de um pai.

— Claro — aceitei, sem rebeldia. Obedecê-lo agora era tão coerente.

O carro parou duas horas depois na frente da grande casa que liberava fumaça pela chaminé. Vitor fez questão de pegar sozinho as duas mochilas.

— Hei, me dá aqui isso, seu velhinho! Vai ficar depois reclamando... — Ri e tentei tomar pelas alças. Ele deixou que caíssem no chão as duas sobre a relva úmida.

Os olhos de Vitor estavam claros e cintilando com o brilho do dia. Sua alma podia ser velha, mas tudo que eu via era um rosto jovem e lindo que eu queria olhar para sempre. Os braços fortes e a pele perfeitamente macia e uniforme. Mas, agora eu lia sua expressão e

compreendia com exatidão o significado da sua equação. Não era apenas sua beleza jovem que eu amava, mas o comportamento protetor e paternal desde a primeira carona por causa do meu sapato, depois o livro para eu ler na praia, a festa do meu aniversário. Vitor proporcionava para mim tudo que me trouxesse a felicidade, sem ter garantias de retorno. Só uma alma abnegada e que mantivesse o egoísmo sobre controle suportaria esse tipo de relação que nos ligava. Mas, não fora sempre assim na última vez em meu quarto...

Ele não resistira e me dera nosso primeiro beijo com a compreensão sábia e conformada de que seria o último. A maneira afoita com que me fez lhe dar aquilo não era ansiedade, era apenas medo de não conseguir. Nenhum desses sentimentos eu tinha agora. Nossas energias funcionavam de maneira oposta. A minha era jovem e selvagem, borbulhava quente, explodindo lavas pela boca do vulcão. Meu ímpeto era muito apressado, afoito, impossível de controlar. Eu queria para sempre, sem pensar em consequências. Ainda mais agora, totalmente reclusos e sobre a zona de sombra do universo. Ninguém nos via.

Naquela mancha verde das terras da extensa fazenda, havia duas que não eram de ninguém, além de si mesmas. Constatar isso anulava minha culpa. Eu podia sim amar Vitor, meu coração era livre. Sorri. Era tão inebriante quando abrimos todo o espaço do espírito para o sentimento espremido se expandir.

Sem palavras, nos entendemos com um olhar. Três passos nos afastavam e os dois deram o mesmo impulso para frente, o que nos fez nos chocar. Eu teria machucado colidido nosso rosto com minha pressa, mas ele mais rápido segurou o meu com as duas mãos.

Nem mais um segundo, puxei com os punhos fechados a camisa que forrava seus ombros e seus lábios desceram úmidos até a altura dos meus. As testas se encontraram primeiro, depois os narizes roçaram. Inclínamos para direções diferentes a cabeça. O desencontro permitiu que tomássemos novo fôlego.

Flashes de memória zapeavam freneticamente em minha mente trazendo cenas de nós dois evitando-nos. As mãos que se chocavam e recolhiam, os rostos próximos que tinham pânico da falta de controle e se viravam. O dia mais vulnerável na pequena sala do subsolo com sua boca em meu pescoço. A angústia da recordação de tantos instantes de energia contida eletrizou meu corpo inteiro. Eu só agora admitia que nunca seria capaz de resistir ao seu beijo porque era o que eu mais precisava. Talvez só aquela primeira tentativa na viagem com Kali, pois ali ainda não o conhecia. Imaginei o quanto Vitor teve que ser paciente para esperar sua oportunidade, a chance oportuna quando o amigo pedira para me oferecer um emprego. Agora eu retornava a mesma posição, frente a frente, dessa vez sem recusa.

Vitor tomou o comando e, com a mão em meu maxilar direito, inclinou minha cabeça levemente para trás e me beijou. Pousou ali sua alma inteira, não havia nada seu que eu não estivesse bebendo. Era o amor mais profundo e completo. Essa devia ser a resposta para minha pergunta, nos encontramos porque só com a nossa combinação a equação se equilibrava. Envolvi-lhe o pescoço com meus braços e afaguei os fios sedosos do cabelo da nuca com todo carinho. O crepúsculo poderia chegar que nem perceberíamos. Aquele beijo profundo e

apaixonado não fora feito para acabar nunca mais. As nossas línguas experimentavam o tato e o sabor uma da outra e os lábios carnudos e deliciosos recolhiam e se ofereciam para o deleite ora meu, ora dele. Aquele beijo era a alternância da entrega e da busca.

— Vamos pegar uma insolação. — Ele sorriu e terminei beijando seu sorriso. — Eu vou ficar um pimentão!

— Vou te adorar de qualquer jeito. — Aquelas palavras doces e ternas foram do meu coração para seus ouvidos como o curso natural de um rio.

Ele se inclinou para pegar as duas mochilas e andou mais na frente, abrindo caminho. Acompanhei mais atrás, confiante por ter achado a quem seguir.

Enquanto Vitor deixava as bagagens no quarto, senti que precisava relaxar. Mas, quando ainda me sentava no sofá, já estava de volta. Veio diretamente para ponta da poltrona e me pegou em seus braços para que pousasse a cabeça em seu peito enquanto eu esticava as pernas. Estendi a mão e toquei seu rosto inclinado sobre mim em um semblante de contemplação.

— Não consigo imaginar nada mais perfeito que isso — confessei.

— Nem eu. Nada mais forte. — Suspendeu um cacho do meu cabelo, depois deixou que caísse de seu dedo e fosse para trás de meus ombros. — Eu... — Apoiei uma mão no sofá e dei um impulso para frente, levantei o busto para que nossos olhos ficassem na mesma linha. — ... Achava que podia ficar longe de você e testava isso para ter certeza. Eu resolvi mudar de estratégia.

— Quis ficar comigo de verdade para ver que nunca experimentou uma emoção tão boa quanto essa?

— Sim, sabe tudo. — Sorri. Ele já tinha consciência disso ou fora sorte na adivinhação. Não importava, ficava mais lindo quando acertava nas suas interpretações. — O que vamos fazer?

— O que quiser. — Acariciou meu rosto roçando o polegar nas minhas maçãs. Eu queria gastar toda minha energia, mas apostava que Vitor ficaria ali no sofá pelos dois dias. Ao mesmo tempo, me seguiria se eu pedisse. Eu injetava nele minha impulsão e vivacidade. — Que tal uma corrida com cavalos? — propôs o desafio para testar minha vontade.

Eu ri, mas rapidamente fiquei séria quando o sonho cortou minha mente.

— Não! — Gritei, com a imagem de Vitor caído do cavalo e morto sobre meus pés. Fechei os olhos.

— O que houve? — Puxou meu pulso para ver meu rosto.

— Nada...

— Você está escondendo alguma coisa? — Sua voz plácida e carinhosa pareciam

irresistíveis, mas não queria que minhas palavras não materializassem o que tentava evitar.

— Sonhos?

— Não é nada.

— Se não fosse, não pareceria com tanto medo. Me conte. — Levantou meu queixo.

— Ân?

Abracei-o com força e proteção.

— Eu não quero te perder! — A voz saiu partida em vários pedaços cortantes e pontiagudos que me rasgaram enquanto passavam por minha garganta.

— O que viu?!

— Que eu te perdia...

— Isso não vai acontecer! — Sorriu como se eu falasse uma besteira. — Não há como perder o que é parte sua. Você perde sua cabeça por aí? — Agora ele estava sendo bobo para me fazer rir e conseguira. — Então? Eu estou aqui. — Envolveu-me com os braços e me aninhou em seu peito. — Ahhh, como *eu te amo*, garota. — Beijou minha têmpora. — Isso é muito mais do que eu poderia pedir, apesar de querer muito mais do que nem pense ainda...

Uma linha se formou em minha testa.

— Eu também estou muito feliz. Vamos, então, andar a cavalo — animei-me. O simbolismo do meu sonho era só uma sublimação, eu não acreditava que fosse assim que perderia Vitor.

— Mas em cavalos separados para que não fique me controlando a andar feito montado em uma tartaruga!

— Tudo bem. — Levantei também. — Vamos levar comida e uma manta, que tal assistirmos o pôr do sol naquele lugar?

— Ótima ideia! — Tocou a ponta do meu nariz e sorriu.

Fiquei na ponta do pé e pousei meus lábios nos seus em um beijo delicado.

— Ah! — Meus olhos se arregalaram com a ideia que tive. — Vou buscar uma coisa para levar. — Corri até o quarto onde estavam nossas mochilas.

O pôr do sol era caramelo e quente. Isso porque o assistia nos braços de Vitor e com seus lindos olhos sobre mim. A paisagem éramos nós. Mesmo assim, não podia negar que a vista a nossa frente fosse tão triunfante, linda e quieta. Estava sentada entre suas pernas, com a cabeça recostada em seu ombro. Não podia imaginar um lugar mais tranquilo que o topo da colina para ver o dia trocar de turno com a noite. A brisa era refrescante, mas a manta ao nosso redor nos mantinha dentro de um casulo confortável.

Perguntei por quanto tempo a comida duraria, pois eu ficaria ali pelo tanto que fosse

possível. Ele sorriu encostando sua bochecha na minha testa. Respondeu que podíamos viver de luz. Então, seria preciso o dia amanhecer, o escuro já abocanhava o céu. Levantamo-nos com meu gemido de reclamação pela diversão que acabava. Dobramos juntos a manta verde, cada um unindo duas pontas. Encontramos nossas mãos na altura dos ombros e os dois se deram conta da proximidade de nossos rostos. Não sei quem beijou primeiro, mas logo a manta caiu de meus dedos e eu envolvi seus ombros com os braços. Vitor sustentou minhas costas com uma das mãos.

Cavalgamos por mais quarenta minutos até chegarmos a casa. Meu corpo dava sinais de que precisava se recuperar, mas meu coração extremamente feliz não se incomodava de continuar bombeando fortemente meu sangue o quanto precisasse, nem meu cérebro se fazia menos rogado, registrando cada instante. Não podia ser totalmente má com a minha própria carne, ao menos lhe ofereci uma retribuição. Coloquei tudo que encontrei na geladeira em cima da mesa e comecei a comer com bastante vontade.

— Vai ter que treinar muito para viver de luz. — Ele deu um gole em seu copo de suco.

Ri e mastiguei o pão recheado de queijo, presunto, orégano e manteiga. Tomei também do suco e abri o pote de mel para passar em biscoitos. Salivei antes de ouvir o crash que meus dentes fizeram no cream cracker. Quando já não havia mais espaço, recostei-me na cadeira, parecendo uma grávida. Será que fora uma porca desvairada? Vitor parecia continuar a me admirar com a mesma devoção, o que me fez sorrir de satisfação. Seu amor era o maior elogio que eu pudesse merecer. Meus olhos começaram a pesar e calculei se teria forças para um banho.

— Há aqui aqueles vaporizadores para lavar roupa? Eu preciso me lavar sem que eu tenha que me mexer.

— Eu posso pegar um balde de água e jogar em você agora mesmo.

— Andar de cavalo não faz bem para o seu cérebro, você chacoalha demais essa sua cabecinha. — Levantei e peguei os primeiros frascos para levar de volta a geladeira.

— Deixa que eu guardo. Pode tomar banho lá no meu quarto, a água é mais quente. — ofereceu e eu me senti realmente grata. — Onde vou dormir? — perguntei, voltando a pôr a cabeça na porta.

— Pode ficar com a cama também. — Fez uma voz pesarosa de quem já cedia demais. Ri da minha própria majestade.

Tirei uma calça cinza de moletom que trouxera e uma camiseta baby look branca da mochila. O banho me despertou um pouco, mas logo que a fofura do travesseiro e a maciez do colchão me acolheram, eu não pude lutar. Agora o sono viria como um grande prazer de entorpecimento.

Senti dedos quentes sobre minha testa, afastando meu cabelo. Forcei as pálpebras para

cima e vi seus joelhos cobertos pelo jeans escuro. Estendi a palma da mão, mas não tinha força para expressar nada. Um peso ao meu lado desestabilizou meu corpo que rapidamente ficou mais quente. Ele acabava de se deitar ao meu lado e eu sorria. Senti um peso sobre a minha cintura, era seu braço me envolvendo. Não ouve sonhos perturbadores a primeira vez aquela semana. Adormeci completamente com Vitor me aninhando em seu corpo curvado e aquecido.

A claridade e o calor do sol aqueciam minhas bochechas. Abri o olho e fiquei cega por alguns segundos. Virei o rosto para o outro lado e percebi que a cama estava vazia e o dia clareara. Quanto tempo eu estava apagada? Perdera toda a manhã de sábado dormindo inutilmente? Senti que jogara fora o que de mais precioso eu tinha: o tempo para ficar às sós com Vitor. Talvez, se o visse ali quando acordasse teria ficado menos desapontada. Pus-me de pé, calçando as havaianas brancas de correia cinza fina. Escovei os dentes e amarrei o cabelo para que se comportasse. O cheiro de café e bolo frescos formava um caminho invisível na linha do nariz até a cozinha.

Perguntei a mulher que catava o feijão em uma grande bacia no colo onde estava Vitor. Respondeu que tinha ido à cidade. A primeira imagem que se formou em minha cabeça foi da caixa do supermercado. Ele estava fazendo compras por aí sozinho? Uma sensação de impotência me tirou o humor. Queria mais que tudo Vitor para mim. Quando o ronco da caminhonete apontou na porta da casa, fui recebê-lo sorridente. Ele bateu a porta e trouxe as sacolas em um só braço. A sua força fazia parecer que as todas elas carregavam algodão. Estava ainda mais lindo agora que eu podia vê-lo com a clareza do dia e da minha mente sem sono ou cansaço.

— Eu pensei que ainda a pegaria dormindo. — Beijou-me os lábios e sua boca e a ponta do nariz estavam frios.

Vitor deixou as compras na mesa da cozinha e depois caminhou até o quarto. Segui-o para todos os lados e comecei a achar engraçado. Ele tentou tirar o casaco, mas pareceu se enganchar na manga. Apressei-me por trás e o puxei delicadamente, até que já livre, se virou para mim, apenas com a camisa branca. A porta bateu estrondosamente com o vento, desviei o rosto para olhá-la assustada e quando me virei para frente, Vitor já estava tão perto que bastou um passo para nossos corpos se encostarem.

Ele desenhou o meu rosto com contornos invisíveis feitos pela ponta dos dedos. Puxei a camisa na altura da sua cintura para que nos colássemos, mas não pareceu o bastante para senti-lo da maneira que eu necessitava. Dei dois passos atrás e me encostei a uma cômoda de seis gavetas. Agora, quanto mais o trazia para mim, menos espaço e fôlego havia, estranhamente não era ainda satisfatório. Aceitei sua boca sobre a minha e seu beijo era intenso e com a mesma vontade de extinguir qualquer distância entre nós. Suas mãos afagando minha nuca inclinaram-me para trás e minhas costas se curvou. Com a mão presa a borda da cômoda derrubei algum frasco de vidro. Desviei o rosto para olhar e a boca de Vitor parou em meu pescoço. Estremeci e senti que já não era minha cabeça que respondia, os movimentos chegaram ao ponto involuntário. Coloquei uma mão em seu peito para empurrá-lo em direção

a cama, mas ele fincou o peso do corpo no chão e resistiu. Ainda com a boca me queria, mas sua força contrária me fez lutar. Nossos lábios se descolaram e puxamos o ar, sufocados. Questionei com os olhos pegando fogo por que parara.

— Não podemos — disse com muita dificuldade.

— Quê? — Ri nervosa, depois vendo que não brincava, ri mais alto. Fechei o punho em sua camisa, molhei a garganta engolindo em seco. — Não?

— Eu quero. — Apertou os olhos, me ver com raiva era como uma punição por sua escolha. — Mas não é a hora...

Soltei-o e recuei o pouco espaço que tínhamos avançado até voltar a encostar à cômoda. De queixo baixo e meus olhos fuzilantes, esperei que me encarasse.

— Lembra do nosso pacto? — perguntei com a voz fria que subiu por minha garganta petrificando meu interior que a pouco estava em lavas.

— Mas, isso não cabe...

— Seria muito mais do que já fizemos, dissemos...? — Eu agora estava muito irritada, a rejeição quebrara o encanto. — Não há como voltar atrás mais...

— Não vamos voltar atrás, só que para seguir adiante eu quero da maneira certa.

— E qual é a maneira certa?

— Quando fizer a sua escolha...

— Pensei que não falaríamos de nada disso — cortei-o.

— Não precisa falar. Mas, sabemos que veio aqui para fazer uma escolha.

— Eu vim para ter certeza, a escolha já havia sido feito — revelei sem calcular se merecia que lhe confessasse depois de ter me repellido. — Era você que eu sempre quis. Eu conheci o Kali primeiro, mas tudo que busquei estava em você. Eu vim aqui para saber se... — pausei. O que adiantava parar de lhe contar tudo, se era o momento? Continuei, abrindo totalmente o meu coração. — ...eu sou o que quer. Se valho o preço de arriscar sua amizade. Se não valer, mesmo assim, não poderei voltar atrás, como bem disse. A escolha já está feita, eu não quero mais começar nada com Kali. Seria errado realizar com ele o que desejaria que fosse com você. Prefiro ficar sozinha...

— Não fale em ficar sozinha... — apressou-se sobre mim e sacudiu a cabeça. — Eu nunca vou desistir de ter você!

— Então? — Levantei as sobrancelhas.

— Então... — Abaixou o rosto. — ...Vamos fazer do modo certo. Você vai dizer-lhe que quer ficar sozinha. Eu vou embora... — Vitor colocou os dedos nos meus lábios quando ia questionar a necessidade de partir. — ... mas, eu volto quando o tempo já tiver apaziguado os

corações. Ele não vai gostar da mesma forma, mas ao menos terá sido limpo. E, se você tiver o espaço para desistir e querer mudar de ideia, eu estarei longe para não ver.

— Eu quero você! — Segurei seu rosto e a raiva se dissipou.

— Eu também te quero desde o dia em que coloquei meus olhos em você. Quando tudo isso for feito e provado, aí teremos tudo que quiser...

— Provas? Você quer provas?

— Eu acredito em atos, Tamires, eles são mais fortes do que palavras.

Ele ia partir como Kali fizera, mas havia um princípio que os distinguiam. Vitor esperava de mim ações, enquanto Kali sempre se contentava com minhas palavras, sua certeza de que eu ficaria aqui como uma cachorrinha que espera seu dono na porta dava como certo nosso futuro relacionamento.

— Eu não quero que vá embora! — Abracei-o com força e desespero.

— Vai ter seu tempo.

— Eu não quero tempo!

— Vai precisar. — Agora era aquela voz de homem maduro que não casava com seu corpo jovem que me fazia calar.

— Podemos não falar mais nada disso? — pedi e ele sorriu condescendente.

— Vai valer a pena esperar porque agora eu já te encontrei — aproximou a boca do meu ouvido para dizer com voz bem baixa como música. — Então, seremos só nós dois. — Aquela visão doce e linda me trazia a premonição de uma fase de paz em minha vida, sem divisões.

Vitor beijou-me delicadamente e disse que tinha uns filmes no computador que trouxera na mochila. Não era exatamente o que eu desejava fazer alguns minutos atrás, mas estava satisfeita em tê-lo perto de mim. Deitamos no sofá e assistimos ao vídeo com minha cabeça repousada em seu peito. Fechei os olhos, ouvi as batidas de seu coração. Compreendi que não havia saída para ser feliz ao seu lado sem fazer uma escolha, ao menos tentaria seguir o caminho correto, apesar de mais longo, íngreme e difícil.

No caminho de volta, a estrada estava recém-molhada. Uma névoa atrapalhava a visão. Coloquei a mão sobre a perna de Vitor e ele a afagou. Comecei a sentir um aperto no peito. Eu não estava bem, uma vontade de chorar fechou minha garganta. Nem podia explicar a ele o que se passava porque eu mesmo desconhecia a causa. Foi quando lembrei o sonho. Agora o pânico aumentou porque comecei a pensar que poderia provocar um incidente ruim com aquela ideia. Tentei mentalizar nossos beijos, abraços, risos, instantes felizes. Fechei os olhos, precisava me concentrar.

— Tamires, está tudo bem? — Senti sua mão agarrar meu pulso quando eu tocava

minha testa com a ponta dos dedos.

Levantei o rosto, puxei o ar e olhei Vitor apreensivo. Foi um segundo apenas de clareza, silêncio e contemplação. Depois, a buzina alta do caminhão aproximou-se com um estrondo ensurdecedor. Reagi levantando o braço na frente do rosto e não pude ver nada, pois a luz cegou-nos. A colisão pareceu deslocar todos os meus ossos das juntas e micro pedaços de vidro voaram como uma chuva de diamantes brilhantes sobre mim.

Eu não conseguia mover minhas pernas, meu braço sangrava com o ferro que entrara na lateral. Mas o choque não me fazia sentir dor, vi que ainda respirava, então, não estava morta. Puxei o ar para encher meus pulmões vagorosamente. Fechei a mão com força para ajudar a bombear o sangue e não ser engolida pela escuridão. Virei o rosto para o lado e o vi com a cabeça caída e sangrando.

“*Estão vivos?*”, ouvi uma voz gritar do lado de fora, mas eu não conseguia mais enxergar nada. “*Moça, responda!*”. Minha mente ainda registrava os gritos, mas eu não podia me mexer. Comecei a fazer o que fora interrompido quando aquilo nos esmagou, rezei: “*Por favor, deixe-o ficar. Não levem ele de mim. Eu sei que já é a hora, mas eu não vou suportar esperar outra chance. Por favor, me deem mais alguns anos, por favor, eu o amo.*” Senti a energia quente e forte vibrando ao nosso redor. Os anjos estavam ali e eu não podia vê-los como de costume. Era assim o dom de Vitor. Ele apenas ouvia, será que podia estar consciente como eu? “*Não deixem que o seu coração pare, eu estou dentro dele e vou morrer também se isso acontecer*”.

Eu tinha que conseguir abrir os olhos, era só focar com toda a força e levantar as finas pálpebras.

“*Ela está viva!*”, ouvi um grito masculino. Segurei as duas membranas abertas como se sustentasse um teto de concreto que ameaçava desabar sobre mim. Vi Vitor do lado de fora do carro, em pé, com as mãos nos bolsos, lindo, a salvo, seus olhos mel fitando-me. Sorri por dentro, não sei se minha boca se mexeu, eu queria abraçá-lo.

Mas ele não devia estar tão longe na estrada... Como conseguia ficar em pé tão rápido? O nó foi fechado na minha garganta com uma torção impossível de se desfazer e o ar parou de fluir. Eu ainda estava em meu corpo e ele, não!

— Não! Por favor, não o levem de mim! — Gritei e gemi alto. — Nãooo!

Vitor não foi embora, nem me deixou. Continuou em pé, com o rosto pacífico e sério. As lágrimas rolaram quentes nas minhas bochechas e eu sabia que estava viva, o coração pulsando com toda força. Não podíamos nos tocar, a barreira dos dois mundos nos separava, mas ele não se foi.

Um fio invisível nos unia. Esse cordão flexível e resistente se distendeu a primeira vez que tentei me livrar de seu beijo. Eu não podia correr em direções opostas sem puxá-lo para mim. Logo eu estava trabalhando na empresa de seu pai, tão perto quanto era o tamanho

daquela linha que começava no meu coração terminava enganchada no seu. Eu sabia que ela não se romperia nunca mais, porém agora estava comprida o bastante para que nenhum pudesse exercer força mais sobre o outro.

Fechei os olhos mais uma vez, não querendo acreditar. *“Por favor, eu quero ficar com ele, me levem, me levem, eu quero ir também.”* Meu coração não deixava, retumbava no peito. Prendi a respiração para que parasse. *“Tragam Vitor para mim ou me deixem ir com ele, por favor”*.

Depois, foi como o sono, pesado e profundo, sem luz, sem sentidos.

19.

Fique comigo (Vitor)

Eu tinha perfeitamente tudo sob controle na mesma linha: o carro, meu coração, minha garota. Nem um era meu: o carro do meu pai; o coração dela e Tamires de Kali. Sorri da ironia. Foi por um segundo que seu rosto me transmitiu um presságio ruim.

Ela estava tendo uma visão, mas esta não tinha som, porque eu não podia ouvir. Não era bom, agarrei seu braço e agora não havia nada sob controle, nem o coração, nem Tamires e, por fim, nem meu carro. Voltei a prestar atenção na estrada outra vez e vi um caminhão enguiçado na pista em que seguíamos. Meu cérebro rapidamente calculou a distância, a velocidade, a força, o impacto, a massa, a aceleração, todos os fatores se posicionaram em uma equação desastrosa.

Tentei desviar para a pista da esquerda e, na tentativa de ultrapassagem, o clarão na contramão me cegou. A buzina ensurdecadora fez nossos corpos estremecerem. Reagi instantaneamente, virei o volante e retomei a posição na pista onde eu me aproximava agora incontrolavelmente rápido do caminhão quebrado. Meus pés ainda tentaram frear e evitar o choque.

A L200 acabara de vencer esse mês o Rali dos Sertões, ou seja, era uma máquina voando sobre rodas! Isso significava também que a reação em nossos corpos seria na mesma proporção. O choque na traseira do veículo da frente provocou uma chuva prateada de vidros reluzentes sobre nós como se fossem arroz em dia de casamento. Estranho como as pessoas jogam coisas em momentos cruciais de nossas vidas. No batismo, a água; no casamento, arroz; na morte, terra. Naquele instante, o nosso amor recebeu um punhado de cristais de vidro. Eles encobriam a nossa separação.

Minha cabeça se chocou contra o encosto do banco bruscamente. Meu corpo se deslocou da alma. Vi meus braços semitransparentes acima da superfície da pele. Tentei mantê-los na mesma posição do braço físico a fim de colá-los novamente. Não havia mais respiração, eu devia sentir o cheiro da fumaça e da chuva, mas eles não entravam em minhas narinas. A próxima coisa que percebi foi a ausência de movimento no peito, nenhuma batida no coração. Ao mesmo tempo, eu não sentia nenhuma dor como se tivesse tomado uma anestesia geral. Isso era tremendamente injusto quando a vi gemer ao meu lado. Estiquei o braço quase translúcido e não pude sentir o toque na pele de seu rosto. Sua careta não era a correspondência aos meus dedos em sua bochecha umedecida pelo sangue, mas uma contração por ossos quebrados ou rupturas internas.

“Estão vivos?” A voz atrás de mim, na janela, me fez virar o rosto. *“Oh! Desculpe por ter atingido seu carro. Por favor, peça ajuda! Ligue! Precisam tirá-la daqui logo!”* Pedi, mas o homem continuava a olhar o rosto de Tamires, voltei-me para ela a fim de encontrar alguma reação nova que confirmasse sua consciência. Seus lábios estavam azulados pelo frio. Uma fina chuva molhava o interior do carro e sua blusa. Mas, eu não sentia nada, estava aquecido, só podia ver.

“Por favor, deixe-o ficar. Não levem ele de mim.” Ouvi sua voz. Ela estava bem?! Por um segundo, exultei, mas me dei conta de que os lábios de Tamires não se moviam. Como eu podia ler seus pensamentos? *“Eu sei que já é a hora, mas eu não vou suportar esperar outra chance. Por favor, me deem mais alguns anos, por favor, eu o amo.”*

Afastei-me com toda força na direção contrária e vi meu corpo ultrapassar a porta e parar em pé do lado de fora. Na verdade, meu corpo continuava no carro sentado, era... só a minha alma que saltara assustada. Duas fontes de luz se aproximaram em socorro a minha agonia. O campo iluminado e quente em que elas estavam me envolveram e tudo ficou mais calmo.

“Não deixem que o seu coração pare, eu estou dentro dele e vou morrer também se isso acontecer”. Sua voz era doce e fraca. Naquele estado eu não podia chorar, mas a minha dor era ainda mais forte, mesmo que não se formasse lágrimas nos meus olhos.

Seu coração não vai parar. Eu pensei, sem mexer os lábios também. Você precisa ficar. Seus pais, seus amigos e... Kali estão a sua espera! Havia um modo de eu deixar de existir por completo? Porque mesmo sem o coração bater eu sentia que ia morrer para sempre com aquela fronteira entre os dois mundos.

“Ela está viva!”, o berro do homem emocionado me trouxe uma fagulha de alegria. Tamires era forte. Eu não. Seus olhos verdes se entreabriram e entendi como era quando ela via o outro lado do mundo porque eu sabia que agora podia me enxergar. Era tão fundo e fixo aquele olhar que senti o mais próximo que podíamos chegar.

“Não! Por favor, não o levem de mim!” Dessa vez sua boca se mexeu e ela berrou, era um grito gutural que fez o homem parar de falar ao telefone. Aproximei-me e os dois anjos me acompanharam. *“Nãooooo”.* A voz atingiu o grau mais alto e teve um corte seco, sufocado. *“Por favor, eu quero ficar com ele, me levem, me levem, eu quero ir também.”* Agora Tamires pedia em silêncio. Eu fiz o mesmo: *“Não! Não é a sua hora! Cale-se! Você não pode vir, tem coisas a completar! Eu prometo não te deixar!”*

“Tragam Vitor para mim ou deixem ele comigo, por favor”. Foi a última prece que ela conseguiu fazer com toda a força que restava. Eu tinha que lutar também. Convergi toda a minha energia em um só pedido: *“Me deixem voltar! Se isso aconteceu para que não ficássemos juntos, eu prometo não errar mais. Só quero estar perto dela...”* Pedi. Mas, pareceu pouco, egoísta. *“Deixem eu voltar, por favor, e eu me afastarei.”* Voltei a fazer a prece. Um puxão sugou-me para o carro e minha cabeça chocou-se contra o banco novamente, depois se

colou com o limite do rosto. Tum. Tum. Tum. Meu coração era uma bomba em meu peito mais uma vez. O sangue quente circulou em minhas veias e o pulmão encheu-se até o máximo de sua extensão, estufando para frente. Arregalei os olhos e acordei de volta desse lado. Agora podia sentir o cheiro forte de sangue, uma mistura de odor ferroso e sal. Também havia a fragrância da terra molhada de chuva. Uma fina agulha alfinetava meu braço.

Virei o pescoço e vi que Tamires não se mexia mais, seu cabelo escondia o rosto. Mais atrás de sua cabeça caía chuva lá fora. Todo meu corpo doía, a falta de sentidos de antes tomara lugar de agulhadas, formigamentos e queimação vindos de todas partes. Eu quis lhe dizer que ainda estava ali e meu coração voltara a bater por ela, mas não tinha forças.

Os bombeiros serraram a porta e tiraram Tamires das ferragens. Outro par de braços me puxaram para fora. De um lado do carro, eu estava imobilizado em uma maca. Virei o rosto antes que aprisionassem meu pescoço com o colete. Tamires também estava no chão, do lado oposto. Podia ver seu corpo pelo vão abaixo da caminhonete alta.

Eles a estavam perdendo. Usaram mais uma vez o desfibrilador e insistiram com a massagem cardíaca. Agora escorriam quentes as gotas dos meus olhos. A dor humana do amor que se perde é física. Nenhuma parte rompida e destroçada do meu corpo era tão insuportável como vê-la partir. Os anjos a esperariam. Eu só a veria do outro lado algum dia.

Aprisionaram meu pescoço e o que me restou foi fechar os olhos.

— Fique comigo... — Minha voz saiu estranha, rouca, inteligível.

A cabeça que estava sobre mim, carregando a maca, olhou para trás na direção do carro.

Por que eles tinham pressa de salvar o meu corpo? Eu não poderia mais sentir o seu perfume, tocar seus cachos, sentir sua pele em meus lábios, ouvir sua música. Eu tinha de volta todos os sentidos e não havia motivos para usá-los.

Era melhor que eu tivesse ficado lá para esperá-la. Será que entendia o que aconteciam, tinha medo ou precisava de ajuda? Não havia nada que eu pudesse fazer. Os anjos não queriam nós dois do mesmo lado. Eles cumpriram sua parte e me fizeram voltar, era minha vez de fazer a minha e manter distância, o que não seria difícil em estados diferente de existência. Eu era matéria e ela, puramente luz.

Como humano, eu sentia todo o meu corpo chamá-la. Os braços queriam ser agarrados, minha boca precisava do seu beijo, os meus olhos queriam seu rosto. E isso doía em cada músculo, cada nervo, transmitindo minha dor de um neurônio para o outro.

Seu corpo se libertara do casulo e agora devia voar livre, pacífico, pleno, leve, translúcido. Não havia mais o que se preocupar, temer, sentir. Ela saía do campo frágil das experiências humanas e o deixara em aberto para mim com todos os planos que sonhara para nós. Um dia, novamente outro dia, quem sabe. Onde eu havia errado? Em que parte do jogo eu alterara fatalmente a posição das peças? Aqueles dois dias que escondemos de todos mereciam

uma punição tão severa? Eu não tinha o direito de desejar Tamires, era isso que devia aprender uma vez por todas? Só existia interrogações e as vozes dos médicos respondendo a perguntas técnicas que uns dirigiam aos outros para acompanhar minhas reações físicas.

— Isso vai diminuir sua dor... — Ouvi a enfermeira falar perto de mim quando a ambulância já se movimentava. Ela levantou a seringa e espirrou um líquido através da agulha. — Vai passar... — Garantiu gentilmente e espetou minha pele. Deve ter pensado que a dor em meu rosto vinha das contorções de espasmos físicos, mas, na verdade, era a minha alma aprisionada no corpo querendo escapar e correr até a dona do meu coração. A enfermeira pressionou a seringa com o polegar e a agulha fina atravessou a veia, injetando o anestésico. A dor física passou completamente, inativando qualquer movimento, mas minha mente ainda se movimentava. Ali, não havia nenhum remédio que apagasse o grande vazio negro e silencioso da dor de quem fica. Só.

***Eu não quero partir
(Tamires)***

O túnel de luz me deixou cega por um tempo e achei que chegaria ao outro lado de algum lugar, mas fui deixada exatamente na estrada chuvosa onde já estava. Agora, fora do carro, em pé. A mudança não tinha sido de lugar, mas de estado, como a água que evapora da chaleira, eu era vento, ar, invisível. Alguns anjos se aproximaram acolhedores. Eu já os conhecia e pensei que seria muito fácil quando estivéssemos na mesma forma de existência, mas não era. Eles me entendiam pelo pensamento e mantiveram a distância respeitosa de que eu precisava para aceitar que saíra da casca. O corpo moreno, de cachos mel com pontas douradas pendia amarrado ao cinto.

Não encontrei Vitor, ele já havia partido? Para onde? Olhei para os anjos, mas estes continuavam vítreos, encarando a cena se desenrolar a nossa frente. Aquilo foi uma forma de resposta, me virei e fitei o corpo de Vitor sangrando dentro da caminhonete. Uma ambulância vermelha parou e eles saltaram desesperados para nos tirar de lá vivos. Inútil, pensei. Primeiro socorreram-no, afinal, era o que mais sangrava. Colocaram o dedo sobre seu pescoço para encontrar sinal de vitalidade. Eis que um deles fez um gesto positivo de que ainda havia tempo de salvá-lo. Adiantei-me, minha alma deslizando pelo espaço. Para mim pareceu muito tempo, mas, na verdade, foram só alguns segundos em que tudo se passou. A temporalidade pós-morte é difícil de adaptar-se.

Estava ao mesmo tempo feliz por Vitor ter sobrevivido e triste por não ter acontecido o mesmo comigo. Eu havia pedido que qualquer escolha nos fizesse ficar juntos, foi a hora de me virar para os anjos enfurecida. Eu só os olhei e eles entenderam em onisciência que eu não queria deixá-lo. Precisava muito tomar ainda uma decisão naquela vida e essa chance me foi tirada! Tudo bem que eu fora fraca por protelar, como somos idiotas e presunçosos, achamos que poderemos decidir pela felicidade a qualquer hora quando ela está ao nosso lado. Agora sabia disso, mas do que me adiantava, se eu não podia mais tomar nenhuma atitude para lutar por Vitor?! Como conseguiria ficar em paz sem seu cabelo para mexer, suas mãos fortes e macias, seu beijo quente e intenso? A eternidade é cruel quando vazia e solitária. Eu preferia, então, alguns dias a mais como humana só para tê-lo em meus braços.

“Por favor, eu quero ficar com Vitor, eu o amo, eu sempre o amei, o amei desde todos os tempos!” Pedi apressadamente. A luz ficou mais perto conforme os anjos se juntavam dos meus dois lados. Depois, a claridade se transformou em um túnel de luz e eu voltei ao meu corpo físico. O intervalo entre um paramédico buscar a pulsação de Vitor e a minha fora de alguns segundos, mas pareceu ter passado horas para mim. Eu tinha revisto desde o dia que o conhecera, passara pelos momentos na casa de Kali, a viagem, o quase-beijo renegado, a

contratação, nosso primeiro almoço, as caronas, a festa, nosso beijo intenso em meu quarto, a viagem à fazenda. De repente, nossa história parara abruptamente e eu não queria aceitar essa sentença. Foi, então, que me deixaram voltar.

Senti o desfibrilador no meu peito. Meu corpo reagiu na terceira tentativa quando um dos médicos disse perto do meu rosto “*Vamos lá, garota. Ele sobreviveu!*”. A potência daquela frase era ressuscitadora. Eu também queria viver para amá-lo fisicamente. Senti o cheiro de terra e mato molhados pela chuva. O gosto de sangue na boca e a dor intensa era uma sinestesia intensa demais de se apreender de uma só vez. E eu me sentia feliz! Estávamos mais uma vez no mesmo plano.

Instinto de proteção
(Vitor)

Senti uma mão quente em minha pele, uma leve fricção. Entreabri os olhos e minhas narinas arderam com o cheiro do éter. Minha mãe me acariciava ao lado da maca. Balancei ligeiramente o rosto para os lados a fim de me sintonizar naquele novo espaço. O quarto de hospital era silencioso, a minha esquerda uma janela com a persiana fechada, mas a claridade do sol passava em fachos dourados pelas frestas horizontais.

— Que bom que está vivo. Eles amam você. — A voz era de Tamires surgiu em minha cabeça. Mantive os olhos fechados para me concentrar e poder ouvi-la mais. — Eles estavam tão preocupados com você quanto eu. Mas, agora está bem.

Meus lábios se curvaram em um breve sorriso de reconhecimento e uma lágrima caiu do canto do meu olho, escorrendo pela face. Para mim estava bem, mas não completo. Era como voltar para uma casa vazia depois de um dia exaustivo, o mundo sem ela não passava de uma casca oca.

— Está sentindo dor, meu filho? — Ouvi minha mãe a primeira vez.

Sentia, mas era bem maior que a dor a que ela se referia. Eu não podia pedir remédio para esse tipo de transtorno. Uma mão mais forte pressionou o meu braço. Abri os olhos, meu pai.

— Vamos ter que escolher um carro novo. — Ele sorriu.

— Não fale disso agora. — Minha mãe reclamou, mas eu havia gostado. Meu pai sabia manter o bom humor em todas as horas. — Eu rezei tanto para vocês ficarem bem.

— O que fizeram com ela...? — balbuciei, sem muita articulação.

— Eles conseguiram reanimá-la. Teve que fazer algumas intervenções, mas já está fora de perigo...

— Ela está viva? — Abri totalmente meus olhos e apertei as mãos de meus pais, cada um de um lado.

— Claro! Está sim — respondeu minha mãe confusa pela minha dúvida.

— Como pode... eu a vi...mor...? — perdi o fôlego.

— Consegue virar o rosto? — Minha mãe saiu da minha frente e eu vi na maca na minha direita Tamires adormecida.

Então, a sua voz que eu escutara não tinha sido mais uma voz?! O aparelho que media suas batidas fazia bip bip. Seu corpo suspendia delicadamente e abaixava a cada movimento respiratório. O sangue corria quente e vivo por suas veias. Como tudo acontecera? Eu tentava me lembrar da sequência exata, mas estava muito fraco.

— Pai, eu preciso te pedir uma coisa. — Voltei a fechar os olhos e a molhar a garganta. Apoiei a nuca de novo no travesseiro. Levantá-la bruscamente parecera o maior esforço do mundo.

— O que quer?

— Ninguém pode saber de nada, ninguém pode saber que estávamos juntos — falei-lhe com muita angústia. Aquilo soou como se abríssemos o nosso plano inicial para mais pessoas participarem.

— Os pais dela vão chegar a qualquer momento, o que quer que eu diga? — aceitou fazer como eu desejava. Para quem quase perdera o único filho, a mentira era a menor coisa a ser exigida.

Não conseguiria enganar os pais de Tamires. Eles sabiam que nossa amizade era uma fachada para um amor maior. Eu teria que estender a sua família nosso segredo. De repente, pareceu cada vez mais difícil protegê-la.

— Eu não quero que ninguém saiba... — expressei meu desejo, mas não sabia como concretizá-lo. — Me ajudem...

— O que aconteceu lá? — Meu pai aproximou-se de meu rosto.

— Agora não... — Minha mãe o conteve.

Abri os olhos e busquei o rosto dele.

— Pai, preserve-a de qualquer escândalo. Preserve-a — pedi.

— Faremos isso. Mas pode ser que já tenham espalhado para outras pessoas. Quando liguei, disse que estavam juntos. Não podia mentir... Talvez, se soubesse antes...

— Tudo bem. Faça o que for possível. — interrompi-o.

— Farei. Diremos a todos que foram para uma reunião de negócios em outro estado e acabaram se acidentando.

— Obrigado — agradei.

— Vitor... — Ouvi um sussurro daquela voz que nunca mais pensei vibrar em meus tímpanos outra vez. Virei o rosto e minha mãe afastou-se, percebendo que eu procurava alguma coisa atrás de si.

— Oi, estou aqui — respondi com uma voz mais firme.

Meus pais saíram para nos deixar a sós, minha mãe puxando o braço de meu pai com

carinho. Voltei a focá-la fixamente agora, mas não se mexia, apenas os lábios. O rosto voltado para o teto de olhos fechados. Ainda estava anestesiada? Eu queria poder pular da maca e abraçá-la gentilmente. Mas, logo uma enfermeira entrou e administrou o remédio no soro. Ela caiu no sono absoluto e o cansaço me fez também mergulhar no mesmo mundo nebuloso.

Você dá todo sentido a minha vida
(Tamires)

O perfume pairava no ar e entrava por minhas narinas, ou era o contrário? Vinha do fundo do meu pensamento e era registrado como uma fonte externa de um odor seco, amadeirado? Aquele cheiro era a memória olfativa dos melhores momentos já vividos. Sorri e senti novamente os músculos da face. Depois, consegui engolir e respirar mais rapidamente. Encolhi os ombros e fechei os dedos na palma da mão. A única coisa que ouvia era um bip bip constante.

Entreabri vagorosamente as pálpebras e a vi o teto branco de uma sala, abaixei-os mais e surgiu uma porta com uma pequena janela de vidro onde médicos passavam. Era um hospital. Agora podia distinguir o cheiro do éter. Virei-me para o meu lado esquerdo, a maca vazia, a janela fechada com a persiana levantada até a metade.

A chuva batia no vidro intensamente, ainda era noite. Bip Bip. Ergui minha cabeça para o topo direito e vi um aparelho que registrava as condições do meu coração. Minha visão focou no segundo plano ao fundo que era apenas um borrão e vi Vitor sentado em um sofá branco de dois lugares.

Fechei os olhos e respirei fundo para buscar mais forças. Recostei a bochecha no travesseiro e abri as pálpebras. Ele dormia com as mãos encolhidas nos bolsos da jaqueta de couro marrom escura. Vestia uma calça jeans azul-marinho e tinha o cabelo caído na testa. O seu perfume exalava suavemente por todo o quarto. Meu coração começou a bater forte e o Bip Bip acelerou-se. O sorriso saiu como início de riso e ele se mexeu e acordou. Seus olhos foram pegos pelos meus a admirá-lo.

— Vitor... — sussurrei.

Ele levantou-se e caminhou até mim rapidamente. Inclinou-se sobre a maca, a mão com que tentei tocá-lo estava presa por fios e esparadrapos. Seus dedos encostaram nos meus e fizeram com que ficassem repousados.

— Eu voltei... — disse-lhe e sabia que podia entender perfeitamente o significado. — ... Eu voltei *por você*.

— Você se meteu nisso por minha culpa. — Sua voz era fria e triste.

— Não. Foi ideia minha a viagem, eu não me arrependo...

— Eu devia ter te protegido. — Ele balançou a cabeça para os lados, afastando a chance de se perdoar.

— Vitor, era a hora. Eu já sabia, eu tinha visto.

Seu rosto voltou-se para mim e me fitou com perplexidade. contei-lhe que achava que seria nosso último fim de semana. E fora, apesar de agora ser só o primeiro de muitos. A vida pode parecer muito louca mesmo, mas...

— Mas, vamos fazer o certo, agora — cortou-me.

— O certo?! — Juntei toda a força para levantar minha cabeça, o aparelho começou a soar um bip mais próximo do outro. — Como... como pode?! — Minha careta de aflição o assustou, me empurrou delicadamente pelos ombros para me deitar. — Não... — Balancei a cabeça para os lados. — Você não vai me deixar, nunca mais, nunca!

— Eu nunca vou deixar... de te amar. — Seu rosto agora estava bem acima do meu. Beijou-me o topo da cabeça. — Mas, não será agora.

— Eu te amo — disse-lhe o único argumento que me faltava e toquei sua bochecha. — Eu vou lutar por isso...

— Eu sei, mas vai precisar fazer sozinha. — Juntou sua mão em meu peito. — Será bom que eu não esteja aqui.

— Não acredito, não...

— Voltamos, não? — Sorriu e seu rosto inteiro se iluminou, mas eu não me sentia feliz como ele, não dissociava minha felicidade de estar perto dele. — Parece que isso não significa nada para você.

— Não diga isso. — Riu. — Você agora é o motivo central de tudo.

— Hum... E vai me deixar?

— Eu nunca vou te deixar, eu estou dentro do seu coração.

— Eu o quero ao meu lado!

— Esperamos tanto... tanto tempo, podemos fazer da maneira certa. — Sua voz era serena, amiga, conselheira. — Kali vai chegar em poucos dias.

— Poucos dias? Quanto tempo estou aqui?

— Você dormiu bastante. — Acariciou meu rosto. — Falei para seus pais que fomos ajustar o que faltava para o escritório em São Paulo e, no caminho, houve um acidente. Eles não contestaram. Contaria se perguntassem, mas não questionaram. Para a família de Kali, dissemos a mesma coisa. — Ele contava tudo como um plano que já estava premeditado.

— Ainda vai morar lá? — perguntei.

Ele me devolveu o silêncio e acariciou meu queixo com o polegar. Depois seus olhos amendoados me encararam com um sim.

— Vou. E estará livre e com espaço para decidir tudo o que tiver que fazer. Eu estarei pronto, te esperando, como sempre estive.

— Eu posso te ver antes de ir, por favor?

— Claro, tudo o que quiser... — Sorriu e estava mais lindo que nunca.

Vitor não se esquecera de cumprir sua promessa. Dois dias depois, telefonou-me. Eu estava deitada no sofá assistindo a um programa idiota de culinária quando o celular vibrou. Eu aguardava o momento que nos despediríamos e agora tinha muito medo.

Corri até o portão e o abri. Lá estava ele, escorado com as pernas cruzadas em seu novo carro, um outro carro preto reluzente. A música ligeiramente alta e os vidros abaixados.

Seu cabelo molhado e desalinhado contrastava perfeitamente com seu rosto branco e lindo. Os olhos castanhos cintilavam com a claridade do dia. Eu quis ir a sua direção, mas segurei o passo quando ele mesmo caminhou até mim.

Parou a poucos centímetros e olhou meus ombros descobertos pelo vestido de alça florido. O mesmo do dia em que me beijou no pescoço. Aposto que se lembrou da cena, pois ficou alguns segundos absorto, até que sorriu.

— Eu voltei com poderes de uma hipervisão... ou você está mais linda mesmo? — A voz grave e o hálito tão próximo do meu rosto me arrancavam os pensamentos.

— Então, devo estar com hipervisão também... porque nunca te vi tão lindo. — Toquei seu peito e a mão subiu por seu pescoço e já ia tocar seu rosto quando a recolheu para beijá-la.

Desde o acidente, ainda não tínhamos nos beijado. Vitor parecia evitar. Fazia parte do pacote “*do jeito certo*”.

— Eu te amo — falei primeiro.

— Eu também. — Aproximou-se até seus lábios ficarem bem próximos, agarrei a grade do meu portão com as duas mãos e apertei com força. Seu braço esquerdo envolveu-me e o rosto inclinou-se para o lado e as bochechas se colaram. — Depois disso, eu prometo que nunca mais vou conseguir resistir — sussurrou no meu ouvido e sua boca roçou o caminho da bochecha até antes de chegar o canto dos meus lábios e sorriu. — Se cuida, moça.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Ele se virou e abriu a porta do carro. Entrou, ligou o motor e partiu.

O meu coração apertou forte. Fechei os olhos e ainda senti o seu perfume que restara no ar.

Depois, era só o vazio e o calor da manhã ensolarada.



Priscila e Luis ninavam o bebê e o enchiam de carinhos com as pontas dos dedos. A felicidade de ambos era tão emocionante. Peguei-me a olhá-los absorta. Ela percebeu e entregou a criança para Luis. Veio sentar ao meu lado no outro sofá. Eu tamborilei com os dedos no copo de refrigerante já morno em minhas mãos.

— Ansiosa? — Sentou ao meu lado e me abriu um largo sorriso maternal.

— Sim.

— Isso soou como um “*não, mas se sim é o que quer, sim*” — ironizou com uma careta, procurando falar baixinho.

Priscila era uma mulher incrivelmente linda, inteligente, amiga e doce. Vi em sua história o meu espelho. Ela perdera sua amiga por causa de um amor que nem valera à pena, mas que lhe rendera um filho. Eu tinha mais certezas sobre isso, amava verdadeiramente Vitor. Mas, será que poderia garantir que ele também ficaria sem sua amizade com Kali?

— Eu vi o quanto ficou desesperada quando pensamos que ele tinha morrido no acidente de avião — lembrou-se. Eu realmente sentira que perdera a chance de estar com um cara por quem me interessara. Mas, o que eu tinha naquela época? Apenas um beijo na porta da faculdade. Agora, com Vitor, havia uma história real de amizade, companheirismo e amor. — Ele está de volta! — Tocou na minha mão e eu não sorri. — Hum... Saquei, tem alguma parte da história que não sei? Oh vida, eu estou realmente em dívida com você, querida. Tanto trabalho, ainda tenho que cuidar... — culpou-se.

— Está tudo bem. — Sorri afável, eu não poderia cobrar nada dela.

— Por que não vamos lá para o escritório? — apontou com a cabeça para a saleta à nossa esquerda e anunciou a Luis que ia me mostrar uns livros de Direito que queria me dar.

Ele não prestou atenção, continuou fazendo caretas e vozes de desenho animado para arrancar risadas do bebê em seus braços.

Quando Priscila fechou a porta atrás de si, senti certa claustrofobia. Não teria para onde correr e ela não aceitaria minhas palavras. Lambi os lábios, respirei fundo e decidi contar-lhe tudo que havia se passado desde a ida de Kali até sua chegada a qualquer momento. Ela já sabia algumas partes vagamente, mas agora eu pintara o quadro com riquezas de detalhes.

— Essa não... — Ela gemeu quando se deu conta das proporções que tudo tomara. — ... Posso dizer que ele foi bem maduro e prudente. Se afastar foi a melhor coisa que fez.

— Tá. Mas, não planejo ficar assim para sempre. Eu quero conversar com Kali primeiro e depois ficar com Vitor.

— Nada disso diminuirá o sentimento do Kali de traição. Eu sei que vai fazer do jeito certo e tal. Mas, querida, quando ele vir que o amigo conseguiu o que era para ele conseguir, adiantará bem pouco todos seus planos. O homem é competitivo, não adianta.

— Exceto se...

— Exceto o quê? — Ela franziu a testa. Sabia que para todos os casos havia uma brecha.

— Se Kali também estivesse a fim de outra pessoa.

— O que te fez leva a crer nisso?

— Ora, ele esteve sempre distante, é bonito, inteligente, extrovertido... Pode perfeitamente ter saído com outras mulheres lá...

— Mas, ele está de volta! E, lógico, não vai te contar se ficou com alguém. Afinal, é muito confortável o papel de vítima.

— Ele também já foi um dia embora! — rebati. Estar de volta não atenua a quão desamparada já estive um dia. — E não quer dizer que todas as suas decisões tome por minha causa. Ok, não tenho que me apoiar em esperança nenhuma, o fato é que agora meu coração é inteiramente de outro.

— Vejo que o Vitor tem muito amor por você. Não é fácil se retirar de cena para te dar espaço de “fazer a coisa certa”. O nosso coração não escolhe a quem amar, mas nossa cabeça consegue escolher a melhor maneira de levar isso adiante. Não é porque você está apaixonada pelo amigo dele que vai fazer tudo pelas costas. Nesse ponto, foi muito prudente os dois darem um tempo e ficarem bem longe. Assim, será mais fácil, ou mais certo, acho que fácil não é...

Suspirei e fiquei olhando o tampo da mesa em silêncio. Eu não me sentia bem, tudo que queria era sair daquela casa e me livrar logo da missão de encerrar o caso por completo. Eu tinha urgência para ser feliz com quem queria. A vida que me trouxera de volta tinha um relógio contado. Não desperdiçaria nada com hesitações.

O aviso da mãe de Kali batendo na porta nos fez levantar. Quando chegamos na sala de jantar, Kali já abraçava o irmão. Quando me viu, atravessou a sala a passos largos e me puxou para um longo abraço. Beijamo-nos rápido nos lábios e aquilo foi muito estranho, pouco íntimo, fora de contexto, uma formalidade.

Fiquei todo o jantar tensa, olhando furtivamente para o relógio, fingindo sorrisos, focando meus olhos nele para prestar atenção nas histórias de suas viagens. Na verdade, meu pensamento estava muito longe, em Vitor. Ele essa hora devia estar no apartamento novo. Gostaria de poder tocar sua campainha com uma pizza e passar a noite abraçada, curtindo um filme, uma música, uma conversa, um vinho, qualquer coisa ao seu lado.

— Vai querer que eu te leve em casa? — A pergunta de Kali era retórica, mas inevitavelmente me deu brecha para comparar com o modo como Vitor me conduzia carinhosamente para seu carro, transformando a gentileza em “*parte da relação natural da nossa amizade*”. Não havia cogitação de não me deixar à pé.

— Vou adorar — aceitei e desconfiei que ele estava ansioso por um momento sozinho comigo. Eu também estava, por outros motivos, claro. Da última vez, eu lhe cortara quando quisera curtir a noite ao meu lado, agora tudo se tornara mais possível e eu queria justamente acabar com suas esperanças quanto a isso. Tudo que sempre pedi vinha a se tornar realidade e eu me debatia contra a correnteza.

Tentei dividir meu cérebro em dois e não misturar aqueles dois homens em minha cabeça.

— É... — Limpei a garganta com uma tossidinha quando parou o carro na frente da minha casa. — Eu sei que está muito cansado, mas precisamos conversar. — Mordi o lábio interno.

— Eu já chego e quer conversar? — Fez uma careta e se aproximou para me beijar. Então, ele preferia que eu ficasse calada com meus próprios conflitos e entregasse meu corpo. Como se alma e pele fossem coisas dissociadas ou ao menos deveria se comportar assim.

— É, precisamos. Até para não restar dúvidas que fiquei te enrolando para falar...

— ãnh... — Ele voltou a se recostar no banco, com cara de tédio. — Arrumou outro? — As duas palavras que formavam a acusação em forma de pergunta conseguiram cair sobre mim como ácido. Eu levava meses para sublimar o fato e ele me resumia como uma mulher que poderia perfeitamente ter me relacionado com outro nas suas costas? O que acontecera com Vitor não fora fácil assim.

— Não é nada disso. Tem a ver comigo e com você.

— Hum... — Quis mostrar que se esforçava para prestar atenção, mas já achava uma besteira.

— Eu fiquei aqui sozinha quando você foi embora. Segurei a barra e aprendi que podia lidar bem com isso, até que me vi erguida de novo. Eu não te critico por ter ido embora, mas não me cobre por não ter sofrido todo tempo, é isso que se espera de quem fica. Eu estou bem e quero ficar sozinha. É uma coisa que acontece aqui dentro e... me desculpe, te acho muito legal, mas, quando certos relacionamentos não se passam no tempo certo, eles não virão mais acontecer. Eu quero te dizer que estou feliz que tenha conquistado mais espaço na multinacional que trabalha, que agora esteja perto dos seus pais, mas não se pode ter tudo. Não faço isso com raiva ou por vingança, mas só porque desejo estar sozinha. É isso... — Suspirei aliviada.

— Ok, acho que posso compreender. — Limitou-se a responder, sem me olhar, estava bastante distante em alguma aparente recordação. — Eu realmente estou cansado, se quiser conversar mais sobre isso, pode ser amanhã?

— Isso era tudo. Mas, se precisar de algo, estou aqui como amiga.

— Ok. — Ele ligou o carro novamente como deixa para eu cair fora.

Seu carro virou a esquina e eu continuei parada na calçada.

Tinha sido tão fácil: falei tudo que ensaiei e ele aceitou. Sem acusações, perguntas ou palavras duras. Eu não deveria desejar sofrer, mas o orgulho e a vaidade estavam feridos. Olhei-me de fora do meu corpo e imaginei que se estivesse ainda no papel da garota caindo de paixão por Kali, estaria me iludindo, afinal, ninguém que gosta aceita tão fácil uma despedida. Não houve luta, o que me fazia ficar com muita raiva. Eu pedira com todas as forças para que fosse o máximo fácil aquela conversa, só não esperava ser dispensada com tanta cordialidade.

Fechei a porta do meu quarto atrás de mim e senti que estava nauseada. Cai na cama e fechei os olhos. Ainda bem que Vitor estava distante, arrumar a casa com os dois a minha volta seria demais. Eu de fato precisava estar sozinha por um tempo.



O barulho dos passos de Vitor, no corredor do segundo andar, era como batidas fortes no tambor que se tornara meu coração, pulsando violentamente no peito. Foi preciso engolir em seco e puxar mais a respiração. Mal podia esperar para reencontrá-lo. Desde que recebera seu telefonema, nesse sábado pela manhã dizendo que chegara a cidade, eu só pensava na hora de ir até sua casa e revê-lo.

Todos os meses de tensão máxima, de nervos em frangalhos para me manter neutra havia acabado. Agora, eu estava livre e era tão assustador.

Meus olhos ansiosos olhavam o primeiro degrau do topo da escada para ver quando ele apareceria depois daquele tempo de distância e quatro e-mails apenas trocados. Eu aguentara firmemente e fizera tudo como pedira. Conversei com Kali, esperei que entendesse, deixei a situação se estabilizar como encerrada e pronto: lá estava eu no centro da sala da casa de Vitor, pronta para ser inteiramente sua. O que chamávamos de “nós” agora era finalmente um ser duplo indivisível.

Entrelacei os dedos e os estalei em agonia. Os segundos pareciam intermináveis. Uni as mãos na altura do queixo e levantei os calcanhares, inquieta. Sua última visão em minha mente era de Vitor me envolvendo pela cintura no portão de casa e, depois, partindo em alta velocidade no carro preto. Mas, também poderia lembrá-lo me empurrando para a mesa da saleta dos computadores, me tomando para nosso primeiro beijo, o pôr do sol na fazenda... Lembrar ocupava minha mente, mas aumentava a ansiedade.

Meu nariz sentiu primeiro sua presença. O perfume que vinha do corredor era tão delicioso que fechei os olhos e o aspirei com vontade. Ao abri-los novamente, encontrei o rosto mais lindo que poderia existir no primeiro degrau. Seu cabelo molhado e espalhado pela testa era a moldura mais perfeita para sua expressão descontraída. A camisa branca e o jeans azul. Simples e estonteante. A emoção começou a formar uma cortina de lágrimas nos meus olhos e minha garganta se fechou para qualquer palavra.

Ele me observou com admiração. Eu tinha escolhido entre todos os vestidos o mais alegre para representar meu estado de espírito. Era um com decote tomara que caia, franzido, feito de um tecido florido escuro. Brincos pequenos e o cabelo perfeitamente cuidado. Refiz as luzes nas pontas e uma mega hidratação que deixara os cachos encorpados. Sorri-lhe e isso lhe provocou o ímpeto de descer a escada e sair da sua posição de observador, mas o fez vagarosamente. Acompanhei seu percurso com os olhos e a cada passo a adrenalina aumentava.

Já no nível do chão da sala, vi que estava descalço. Parecia deslizar no ar e rapidamente estava diante de mim. Esperei alguma palavra, cumprimento, exclamação, mas seu sorriso ainda aberto retratava a mesma felicidade que eu emanava com os olhos brilhantes. Um movimento foi seguido do outro. Eu estiquei o braço para puxar sua camisa e ele envolveu minha cintura. Meu rosto se inclinou para a esquerda e o seu para a direita. Seguramo-nos por dois segundos, disputando o mesmo ar. O perfume agora adocicava meu corpo por dentro à medida que eu inspirava. A bomba relógio regressivamente chegou ao limite zero e explodimos em um beijo de saudade, procura, desejo, encontro. Dedilhei seu cabelo e senti suas mãos passeando nas minhas costas enquanto nossas bocas se consumiam com fervor.

Ouvi uma tossidinha atrás de nós. Vitor afastou o rosto e eu olhei para trás. Sua empregada avisou que estava tudo pronto e que já iria embora. Ele consentiu com a cabeça e quando a porta se fechou, voltou a me olhar com paixão, ainda enlaçado a mim.

— Como eu te amo! — falei baixinho e o beijei levemente, delicada e serena agora.

— Foi quase insuportável ficar longe esse tempo todo... — Sorriu, encostando sua testa na minha, acariciou meu queixo com seu polegar. — ... Nem acredito que estou aqui com você assim, podendo te ter inteira para mim!

— Eu também não. — Ri, nervosa, era incrível para mim também.

— Meus pais saíram e só voltam no domingo à tarde... — Sussurrou.

— Hum... — Sorri, timidamente.

Aquela casa silenciosa me parecia exatamente o que eu tinha em mente. Como ele podia me conhecer tão bem para saber o que me fazia feliz?

— Espero que goste. — Olhou para o lado e, em seguida, me puxou gentilmente pela cintura até a mesa do canto da sala. Estava ricamente posta com pratos de porcelana, talheres de prata, guardanapos vermelhos e branco. — Nosso primeiro jantar oficial.

Ri alto e isso o deixou apreensivo, com umas rugas na testa.

— Adorei. É que a ficha não caiu ainda, talvez a garrafa de vinho ajude. — Sentei-me e ele também.

— Vai ajudar... — Ele riu e aproveitou para abri-la. Depois, entregou-me uma taça servida. — À nós! — Brindou e bebemos um longo gole.

Inclinei meu rosto e provei o gosto de seu beijo doce e etílico.

— Eu acho que vou ficar bêbada disso hoje. — Brinquei e o beijei mais depois do segundo gole.

— Vamos comer?

— Está tudo lindo! — Elogiei e peguei o guardanapo para abrir no meu colo.

Nos servimos de uma massa com muito queijo e carne feita com um delicioso molho. Não conversávamos, apenas havia um doce silêncio e nossas mãos se acariciando a todo instante. A nossa sintonia era perfeita. Ao terminar, levei a garrafa para a mesa de centro e apoiei nela as duas taças. Enquanto isso, Vitor apagou as luzes da sala e deixou apenas dois abajures ligados no canto. Não esqueceu a música baixa no som do armário. Ele tinha lido o roteiro daquela noite magnífica em algum site ou livro sobre 10 maneiras de se agradar uma mulher em um encontro romântico?!

Tudo estava no ponto, temperatura, luz, forma e sabor certo que poderia ser um sonho. Mas, era incrivelmente real, pois senti suas mãos quentes me puxarem para o sofá. Beijei-lhe com o amor que preenchia todo meu coração, com a gratidão por sua espera e com admiração por seu respeito a minha relação anterior. Ele merecia que eu fosse inteiramente sua agora.

Era isso que havia do outro lado do morro que tive que escalar para chegar ao seu encontro: paz, felicidade, realização. Nossa entrega foi a conquista do cume de uma amizade que, na verdade, era amor.

Suspendeu os braços para que eu tirasse sua camisa. Atirei-a no chão e ele sacudiu a cabeça para os lados, afastando o cabelo dos olhos. De joelhos, fiquei mais alta. Beijei seus lábios e depois minha boca escorregou pelo queixo até se perder na pele macia e cheirosa do pescoço. Suas mãos impacientes também puxaram para baixo meu vestido que o impediam de chegar a pele nua e bronzeada dos meus ombros e colo.

Em seguida, as mãos pesadas e fortes suspenderam com muita urgência o tecido enrugado do vestido que encobria minhas coxas. Gentilmente me reclinou no sofá e engatinhou por cima de mim até os olhos felinos fitarem diretamente minha boca sedenta. O cordão que sempre usava pendulou no ar e roçou o vale entre os meus seios. Senti um leve arrepio. Sua mão segurou meu rosto e o polegar acariciou minha bochecha e pressionou meu queixo. Estiquei os braços e puxei sua nuca, afagando seu cabelo. Lentamente, sua cabeça inclinou-se para o lado e os nossos lábios se umedeceram, deslizando em uma degustação vagarosa, depois se consumiram famintos.

— Vem comigo — chamou-me se pondo de pé. Deixei que me conduzisse pela mão para o andar de cima. Quando a porta do seu quarto fechou-se atrás de mim, ousei brincar:

— Com quantas já não fizeram esse trajeto?

— E com Kali também...? — Sua voz saiu roca e ofendida, mas em desafio.

Sentei-me no centro da cama e arrastei-me pelos calcanhares de costas para chegar mais perto da cabeceira:

— Você é melhor do que qualquer cara com que já estive... — Minha voz saiu tão sedutora que poderia ser o canto de uma sereia. Vitor ajoelhou-se sobre a cama e engatinhou apressado até apoiar-se com as duas mãos sobre o colchão. Nossos narizes se roçaram.

— Com nenhuma foi como é com você... — sussurrou. — Eu voltei a viver porque ainda precisava sentir isso... — Beijou-me com força e vontade e minha cabeça recostou-se sobre as almofadas e travesseiros macios.

Fechei os olhos, o corpo inteiro queimando em brasas, pulsando, vibrando, se contorcendo de desejo. Tínhamos toda a noite para novos sabores, afagos, confissões secretas ao pé do ouvido. Até que chegamos a um êxtase sufocado que se silenciou com um sono profundo. Dormimos com braços e pernas entrelaçados e corações sobrepostos. Já éramos eternamente um.

Senti, duas horas depois, dedos mexendo nos meus cachos. Sorri e meus lábios devem ter provocado cócegas em seu peito nu. Perguntou se me acordara. Puxei o lençol mais para cima e percebi que ainda era noite e estávamos em seu quarto. Beijeí sua pele cheirosa e macia. Abracei com mais força e necessidade.

— Eu queria te propor uma coisa.

— Hum... — murmurei, sem mover a minha cabeça.

— Vem morar comigo em São Paulo?

Fiquei em silêncio, processando suas palavras. Primeiro relutei contra as amarras que me prendiam: família, faculdade, amigos, trabalho. Depois de ver que para tudo isso tinha uma solução cabível, senti medo do novo desafio. Por fim, resenti a paz de estar em seus braços, o aconchego daquele amor-perfeito. Sorri, aliviada.

— Ainda está aí, acordada? — perguntou.

— Hum-hum...

— Eu estou terminado de estabelecer o escritório, me escrevi em uma nova faculdade... — Começou a contar e me pareceu que estava montando uma argumentação. — ... Não quero ser alguém que vai partir da sua vida de novo. Se for para ficarmos juntos, eu posso voltar e deixar tudo para trás...

Levantei o rosto para olhar o seu e isso fez com que ele parasse de falar, em atenção. Ergui-me mais e apoiei o corpo no cotovelo. Abri um sorriso delicado.

— Não quero ficar mais nem um minuto longe de você, seja em qualquer lugar — respondi.

— Nem eu! — iluminou-se ao entender isso como um sim.

— Vou precisar organizar tudo, falar com a minha família, mas eu quero ficar ao seu lado para sempre. — Segurei seu rosto. — Eu te amo muito, Vitor. Você é o cavaleiro que eu estava esperando...

— Eu também te amo — recostou-me no travesseiro outra vez. — Você dá todo sentido a minha vida... — calou-se com os beijos que me cobriram.

Fechei os olhos e novamente nossos corpos se despertaram para o amor. Senti meu sangue esquentar e meu centro pulsar por ele.

Havia muito desejo retido por Vitor e precisaríamos mesmo de tempo para matar toda aquela saudade.

Enquanto me amava, eu sentia orgulho e certeza da minha decisão de estar com o homem gentil e cuidadoso que sempre estive ao meu lado se preocupando com meus sentimentos e reputação. E agora ele queria construir sua vida ao meu lado. Eu era muito sortuda!

Mas... acho que agora não estou conseguindo mais pensar...

Parte 3 (Kali e Rebeca)

23.

Um trabalho temporário (Kali)

(Alguns meses atrás...)

O escritório estava agitado como sempre em seu volume abafado: sorver de café, teclados enfurecidos, clics de mouses, impressora cuspidando papéis, dezenas de diferentes tipos de toques de telefone e um zum-zum de discursos entrecortados. Girei o punho fechado sobre a alça da mala de rodinhas. Contive o passo antes que me notassem em pé à porta de vidro da entrada do grande salão dividido em baias !!br0ken!! Eu estava de volta aos EUA depois da minha estadia na casa dos meus pais.

O voo do Brasil tinha sido bastante cansativo, principalmente porque me despedir de Tamires fora desgastante, como deixar em aberto um caso que não havia previsão de acontecer. Não devia ter escrito aquele e-mail sobre meus sentimentos, isso só atrapalharia meu futuro, se eu não quisesse mais voltar. Ela era uma garota esperta, logo se arranjaría no emprego que eu lhe conseguira na empresa do meu amigo Vitor. Ele a entrevistaria em breve. Agora, eu tinha que focar em mim, estava pronto para voltar ao trabalho.

Assim que entrei, vi as cabeças subirem sobre os monitores. Alguns gritinhos, aplausos, tapinhas nas costas. Ri alto, eu era o único capaz de quebrar a paz e ordem do ambiente. Levava um tempo para conquistar o espaço, mas agora ele era meu.

Tamires não compreenderia isso, será que um dia conseguiria explicar-lhe o quanto queria voltar?!

Meu amigo Mark aumentou a música que acabara de soltar das caixinhas de som e eu balancei a cabeça para os lados, negativamente, eu sabia reconhecer o quanto aquele contador era um excelente DJ nas horas vagas! Vivia de fones no ouvido balançando a cabeça para os lados, mas ninguém reclamava do seu estilo de trabalho, já que era a sua maneira se saía muito bem. A filosofia da empresa é que cada um tinha direito de ter suas próprias esquisitices, se isso rendesse lucro e inovação.

Saíamos nos fins de semana e eles conheciam o quanto eu gostava de street dance. Já havia até participado de concursos locais. A música de Mark era uma provocação para verem se eu era o Kali de sempre. As duas secretárias: Sue e Tina, bateram palmas.

Sorri e olhei para a porta de vidro da sala da chefona. Mark abanou a mão explicando que estava longe. Tirei o paletó lentamente, fazendo charme de quem estava muito intimidado.

Isso só aumentou o frisson. Ok, era só eu e meus vinte colegas de trabalho, podíamos nos divertir um pouco. Pisquei o olho para meu amigo Sam que devia estar nos olhando pelas câmeras de segurança.

Inclinei a cabeça para o lado e fingi tocar com o dedo indicador na ponta de um chapéu invisível teatralmente, depois estiquei os suspensórios imaginário e o soltei. O pé direito se apoiava só no calcanhar, quando remexi os ombros e depois fiz movimentos rápidos com as pernas e braços, arrancando suspiros e risadinhas de admiração. Rodopiei o corpo e, quando me preparava para fazer um passo no chão, ouvi duas palmas secas e arrastadas.

Os pares de olhos aterrorizados imediatamente se fixaram em um ponto atrás de mim. Parece que foram puxados por uma corda amarrada em seus pés. Abruptamente sentaram à procura da primeira folha, agenda ou pasta que viram pela frente, em disfarce.

Não ousei me virar imediatamente, eu já sabia quem era: *Rebeca*, a Temida. Peguei meu paletó em cima da mesa, calmamente.

— Vejo que está com *energia* para trabalhar. — A voz era enérgica e ácida.

Encolhi os ombros e depois o projetei para frente para encaixar o paletó. Ajeitei a gola com as mãos.

Rebeca sabia que perdera seu melhor assistente quando eu voltara para o Brasil e devia estar bastante feliz de tê-lo de volta.

A minha diferença para os demais é que eu sabia o quanto ela precisava de mim, mesmo que nem Rebeca se desse conta disso.

Elegantemente me virei sobre os calcanhares e encontrei seus olhos negros e de cílios compridos. Era mais baixa, porém, seu salto alto nos igualava.

O rosto branco e liso pareciam mármore gélidos. O cabelo castanho escuro estava para trás, amarrado em um rabo de cavalo que parecia feito para um casamento, sem nenhum fio desfrisado.

Um par de brincos de pedras grafites.

O terno preto justo parecia costurado ao seu corpo. Ela tinha um copo de café na altura do queixo, me analisando.

— Estou *bastante* motivado. — Sorri abertamente e dei um chutinho na bagagem. Na verdade estava sendo sarcástico, eu não sabia qual hotel me reservaram.

— Ótimo. — Ela inclinou a cabeça alguns poucos graus para o lado e pareceu passar mentalmente uma lista de tarefas impossíveis para me punir. — Já sabe o que tem que fazer. — Caminhou para sua sala e a seguiu.

Senti alguns olhos pelos meus ombros em adoração. Eles me tinham como um herói, mas eu não via grande dificuldade em lidar com aquela leoa alfa.

Deixei a mala no canto da sala e vi que minha mesa estava intacta, sem qualquer modificação. Passei o dedo no tampo, peguei uma caneta e suspeitei que ninguém havia ficado no meu lugar. Por que não aguentaram ou por que ela não quis? Instantaneamente busquei uma resposta olhando para Rebeca, como se ela pudesse ler meu pensamento.

— Quer que eu te mostre suas gavetas? Vamos! — Estalou os dedos para eu acordar. Quase tive certeza que percebeu minha surpresa.

Atirou sua agenda na ponta da mesa e a peguei antes que caísse no chão. Abri na data de hoje e vi que daqui dois dias tinha férias compulsórias. Rebeca vivia tanto para o trabalho que só tirava férias quando obrigada. Duas semanas apenas.

Não era possível ficar longe por um mês inteiro, era um cérebro importante demais para se afastar por tanto tempo. O que tinha de rude, fria e insensível, tinha de genial.

O telefone tocou, apertou o botão do viva voz e continuou a digitar no computador. Ela era o tipo que comia, falava ao telefone, digitava e lia ao mesmo tempo em sincronia.

— Alô? Rebeca? — A voz infantilizada a fez saltar ferozmente sobre o aparelho para apertar o botão que desabilitava o viva voz, mas esse pareceu não funcionar. — E, aí, mana? Preparada para as férias em família? — A garota deu uma gargalhada sinistra.

Rebeca fez sinal para eu sair, visto que não conseguia desligar. Suas bochechas ficaram levemente vermelhas por baixo da camada de pó. Aproveitei para buscar um copo duplo de café, precisava conter o sono. Liguei para os meus pais para avisar que havia chegado bem. Eles estavam aflitos, pensando que eu estivera em um voo que caíra, mas felizmente o mal-entendido fora desfeito. Pedi que aliviassem Tamires da angústia de não saber meu paradeiro.

Quando voltei para a sala, Rebeca estava em seu celular. Aposto que decidira ligar para a irmã a fim de ocultar parcialmente a conversa. Sentei à minha mesa e liguei o computador. Ajustei à hora local e abri meu e-mail.

— Eu não vou levar o meu namorado... — A voz sussurrante de Rebeca era um chiado quase irritante no fundo da sala, mas algumas palavras chamaram minha atenção. A primeira delas foi “namorado”. A dama de ferro estava sendo traçada?! Ótimo, eu a teria bem-humorada todas as manhãs. — Não! Eu não tenho que levá-lo na festa da... Não! Eu não vou levar! — Agora estava gritando. Levantei os olhos da tela e a peguei me fitando com a boca entreaberta. — Ok, ok, você venceu! Eu não vou deixar a vovó morrer sem o gosto... — Parecia repetir ironicamente a fala da irmã. — ... Não! Eu não estou debochando de você! — justificou-se, cansada de lutar agora. — ... Eu vou levá-lo, já disse!

Peguei meu copo de café e tomei um gole. Rebeca só perdia o equilíbrio com a própria família. Isso me deixava bastante curioso. Eles deveriam ser as pessoas mais conservadoras, chatas e exigentes do mundo!

— Eu preciso trabalhar. O que quer mais que eu diga?! — Ela cruzou os braços no

peito. — Quer que eu o descreva? Não está acreditando? Hum... Ele é alto, forte, simpático, hum, negro...

Franzi a testa e levantei as sobrancelhas. Ela disse *negro*?

— Ele é atlético, é... ah, que bom que já está suficiente pra você! Sim, namoramos há um bom tempo... Qual é, você acha que eu vivo só para o trabalho?! Vocês verão, estaremos aí em breve. O nome dele é Kali.

Derramei o café nas minhas pernas e empurrei a cadeira para trás. Eu tinha acabado de fazer ovos fritos e acho que nunca mais poderei recuperá-los, mas a confusão mental sobrepôs minha preocupação com a queimadura.

— Vocês vão *amar* conhecê-lo!

— Não! — Sussurrei, gesticulando com as mãos.

— Claro que Kali poderá ir, coincidentemente, ele também estará de férias. A gente sempre programa as coisas *juntos*.

— Está maluca?! — Fiz caretas.

— Beijos, querida. — Desligou.

Corri até sua mesa e, antes de abrir a boca, ela levantou a mão no ar:

— Será só um trabalho fora do escritório. Vou precisar de você ãnh... — Ela deu uma tossidinha, tentando fazer a voz soar o mais profissional possível. — ... para um servicinho. É sempre bom receber um salário extra.

— Hei! Eu estou aqui para ser um ilustrador. Se bem que até agora eu fico fazendo “servicinhos”... — Nunca tinha tocado no assunto daquela forma. — Mas... já que esse é especial, minha bonificação também será especial.

— Nunca me surpreende, Kali. — Balançou a cabeça e suspirou pesadamente, já escrevendo meu nome em sua agenda.

— Quando voltar, vou trabalhar como editor de arte da campanha de carros da...

— Hei! Quem escolhe aqui sou...

— ... Você me escolheu primeiro para uma coisa quem nem me consultou, agora... será uma troca justa. — Olhei-a em desafio.

Rebeca estava tremendamente furiosa, mas sabia que estava metida em uma enrascada. Como cumpriria seu trato com a irmã depois de descrever especificamente o seu falso namorado?

— Ok. — Engoliu em seco como se estivesse que comer uma bola de pano.

— Por que eu? — perguntei.

— Porque é exatamente o que eu preciso...

Ela estava me tratando como uma embalagem plástica, ou um display inovador, mas minha preocupação não era nessa objeção e, sim, no motivo exato de pensar em mim. Se sua família era tão conservadora, eu seria uma afronta perfeita? Imigrante, negro, sem formação formal, palhaço, dançarino de street dance? Eu era a piada para atirar na cara dos pais?

Se esse era o preço, Rebeca teria que me pagar à altura. Era inegavelmente arriscado, mas tentador. Qual o poder que eu teria depois de guardar os segredos da leoa alfa?!

— Temos um jantar de negócios muito importante! Vamos comprar uma roupa para você no caminho. — Pegou sua pasta, sem nem me perguntar se eu suportaria mais trabalho depois de chegar de viagem.

Entramos vinte minutos depois em uma loja de roupa masculina social e Rebeca estendeu o cartão de crédito para a vendedora antes de qualquer coisa. Disse que queria uma blusa da cor tal, tamanho tal, tecido tal, calça tal, tecido tal, tamanho tal, calceio tal e apontou para mim, sem me olhar. Depois, sentou-se em uma poltrona redonda vermelha no corredor das cabines.

— É assim que sempre compra roupa para seus namorados? — perguntei com ironia.

— Não seja ridículo — respondeu sem ênfase, clicando com a caneta em seu palm. — Se tivesse um namorado ele não precisaria de mim para isso, nem compraria aqui...

— Hum... — Abri os botões da camisa.

— Aquelas cabines são feitas para isso. — Apontou, surpreendendo-me como conseguia prestar atenção em mim e no computador ao mesmo tempo.

— Senhor, trouxe aqui algumas peças... — A vendedora aproximou-se.

— Ande, Kali. — Rebeca bateu com a unha no vidro do relógio.

Troquei um olhar com a vendedora que segurou o risinho no canto do olho. Eu me sentia um boneco ridículo e manipulável.

Abri com força a cortina do trocador e depois a puxei quase deixando cair o bastão que a segurava. Vesti-me e tudo caiu perfeitamente bem, como se Rebeca soubesse desde sempre minhas medidas. Eu tinha escrito algo sobre isso nos formulários do RH algum dia?

— Kali, você não vai desfilar! — A voz de Rebeca soou atrás do pano vermelho. Puxei-o.

— O que acha do seu namorado? — perguntei com sarcasmo.

Seus olhos desceram do meu cabelo ao dedo dos pés descalços duas vezes.

— Não repita mais isso! *Não é meu namorado!* — falou sem prestar atenção no que dizia. Abri o único botão que fechava da camisa e a puxei rapidamente para trás. — Não faça

isso! — Ela umedeceu os lábios e tentou não olhar para o meu peito. — Esqueceu que vamos à reunião?

— Sim, claro. — Voltei a vestir.

— Como pode ser tão narcisista? — Bufou. — Se eu não gritasse, estaria aí encantado com o próprio reflexo! Argh... — Irritou-se e eu franzi a testa. Ela estava maluca?! — Três minutos para me encontrar no carro!

Já sentado ao lado de Rebeca, voltei a pensar na sua família. O que a fazia se sentir tão desconfortável? Era uma mulher muitíssimo inteligente, bem-sucedida e era até... posso dizer, bonita. Não sexy, não conseguia vê-la como mulher, era quase um homem de tanta força e atitude. E se a família que temia era tão conservadora quanto ela, por que eu?! Acho que a resposta era bem simples: Rebeca poderia me descartar. Qualquer outro cara de nome reconhecido não aceitaria tal proposta.

— O que devo levar para a viagem? Acho que tenho que comprar roupas novas? Temos que falar sobre isso...

— Não! — Ela aumentou o tom de voz, preocupada com aquela minha súbita ideia. — Deixe tudo como está, não mude nada em você. Está perfeito!

— Rebeca, você está me levando para fazer o papel de bobo da corte? — perguntei para que pudesse enxergar que o dinheiro ou as recompensas de cargo não estavam à altura de uma grande humilhação.

— Não... — Balançou a cabeça para os lados. — Você vai entender. — Sua voz saiu triste e cansada. — Podemos nos concentrar na reunião? — pediu. — Estou cansada, só quero que o dia acabe logo... — Consegui vê-la tão frágil naquele momento. Eram poucos assim, mas às vezes ela era bem indefesa.

“*Alto e forte*”, foram um dos predicativos que usara para me descrever. Será que Rebeca precisava de alguém para lhe dar forças?! O que me aguardava? Eu começava a ficar muito ansioso com isso.



A viagem já passava da quarta hora quando Rebeca parou o carro no acostamento vagarosamente. Virei e a vi sair sem dar explicações, o que não me surpreendia depois de uma trajetória inteira só em companhia da rádio que tocava. Provavelmente esquecera que tinha companhia. Ela parecia ver no asfalto a sua frente algum filme tão interessante sobre a própria vida que me ignorara. Agora eu estava curioso sobre o motivo de sua brusca parada. Faria xixi agachada ali mesmo, vomitar ou fumar? Não, ela não fumava. Rebeca era tão imprevisível, capaz de mostrar que qualquer atitude fria ou obscena era normal, se pudesse chegar ao fim desejado. Mas, ela não abaixou sua calcinha no terreno barrento avermelhado. Abriu a

maçaneta e me encarou.

— É... — Procurou as palavras para parecer gentil. — Você pode dirigir agora?

— É uma pergunta? — Levantei a sobrancelha. Era mais natural que me questionasse isso enquanto ainda estava ao volante e, não, dar a volta e me destinar uma expressão de “cai fora”.

— Por favor? — Achou que era só uma questão de palavrinhas mágicas. — Já estamos chegando, nem vai demorar muito — argumentou, olhando para a cidade já à frente.

— Ok. — Desci e repassei sua última frase “já estamos chegando”. Algo me dizia que preferia interpretar o papel de mulher indefesa que tem o namorado como motorista.

Nada incoerente, visto que sua família provavelmente lhe passara as primeiras lições de como o mundo deve seguir as mesmas regras desde sempre em nome dos bons costumes.

— Não acha que seria útil a gente saber o mínimo um do outro para não sermos pegos em contradição? — Levantei a urgência do assunto a fim de fazê-la falar.

— Hum... não vai ser tão difícil. Você já sabe tudo de mim e eu de você.

— Você? — Dei uma risada alta e longa.

Rebeca virou o rosto para me encarar e aquilo me pareceu uma expressão de constrangimento se iniciando.

— Ora... já trabalhamos juntos faz um bom tempo, se considerar a carga horária... — Tentou mostrar que tinha muitas oportunidades para saber mais sobre mim.

— Sim, sim... mas estou rindo pela sua presunção de achar que me conhece! — Balancei a cabeça para os lados sem achar o fim para a gargalhada.

— Você nasceu no Brasil. Seus pais são adotivos, mas é como se não fosse. Seu irmão casou-se com uma mulher que tem um filho de um cara que já morreu. Você ama desenhar carros. Deixou no seu país uma garota que não deve gostar muito...

Meu sorriso morreu e eu dividi minha atenção entre o GPS, a estrada e o seu rosto absorto. Como ela era tão observadora? Ouvira meus telefonemas, vigiara meu Facebook, me seguia no Twitter. Hei! A privacidade estava se tornando cada vez mais artigo de luxo!

— Como pode falar que não gosto dela? Ela é linda, inteligente, divertida...

— Você não está vendendo carros, Kali, não precisa de tantos atributos. — Olhou-me em cheio e isso me desconfortou. — Por que não disse simplesmente “Eu a amo?”

Franzi a testa, Rebeca e eu estávamos falando de amor? Ela só sabia oscilar do tema da bolsa de valores e as próximas tendências do mercado!

— Eu não preciso amar para gostar!

— Então, faz toda a diferença. — Cruzou os braços em vitória. Aquilo lhe dava algum prazer? O tema ou o tom de disputa era o motivo da satisfação? — É por isso que está aqui.

— Pra ficar longe dela?

— Nãooooo. — impacientou-se. — Está aqui porque a vida é feita de escolhas e você quis o que lhe faz mais feliz. Você abdicou dela. Não se pode ter tudo.

— Podemos parar de falar disso? Me lembre, quando sairmos daqui, que se eu precisar de terapia, não me consultar com você!

— Tudo bem... — Suspirou e olhou a janela. — Você que começou com o papo de nos conhecermos melhor.

— Estava certa, não quero te conhecer.

Ela riu baixinho, inclinando o queixo, coçou a testa e forçou fechar o sorriso, escondendo seu rosto timidamente. Acho que preciso de descanso, estou vendo coisas. Quase achei que ela estava doce.

Atravessamos uma pequena cidade de comércio bastante familiar. Todos se cumprimentavam e trocavam acenos. Era tudo muito bonito, como em um livro de fábula. Pequenas choupanas de madeira e muitas flores.

— É daqui que você veio? — perguntei de testa franzida.

— Não é tão cinza quanto imaginou? — Sorriu e encheu.

— Realmente, não. — Levantei as sobrancelhas.

— Atravesse toda essa estradinha e vamos até aquele vilarejo de casas ao fundo. A da minha família é quase a última, pintada de vermelho — indicou e eu o fiz.

— Ok. — Aumentei um pouco a velocidade.

— Hei! É aqui! — Gritou e eu freei.

— Mas, essa é roxa!

— Devem ter pintado. — Agora sua voz era de desprezo e vergonha. Quem tinha uma casa roxa de janelas verde limão?! Eu estava esperando ver no máximo um cinza clássico ou azul-piscina.

Saltamos do carro e Rebeca começou a colocar para fora as suas seis malas, enquanto eu peguei as minhas duas.

Segurei uma risadinha quando vi a sua dificuldade em caminhar no gramado com aqueles saltos altíssimos de agulha afundando na terra fofa e úmida. Vestia uma calça social grafite escuro um pouco acima da cintura e uma blusa branca de gola alta com alguns babados. Poderia ser perfeitamente uma roupa para enfrentar um dia de reunião de negócios e, não, para rever a família. Ou quem sabe seus pais também estariam assim e sua mãe calçasse aqueles

sapatos em casa? Era isso.

Trouxe a maior parte das malas, enquanto ela abria a porta destrancada. Entramos em um salão aconchegante. Dois sofás brancos de quatro lugares com o acento um pouco amarelado, muitos objetos de artesanato local colorindo os móveis, uma grande mesa de madeira, tapetes pouco modernos, quadros antiquados e uma televisão ligada no canal dos esportes. Na verdade, a casa era muito ampla e bonita, só nada combinava, nem tinha bom gosto.

Ela passava os olhos conferindo tudo e começou um sorriso que de repente, murchou. Virei o rosto para olhar na direção da porta oposta a nós. Um rapaz vestido de abrigo de futebol, provavelmente com quinze anos, se jogou no sofá com tênis e tudo. Abriu uma lata de cerveja e gritou:

— Mãe, Rebeca chegou. E aí, mana? — Ele pegou o cinzeiro e na mesa do abajur e tragou o cigarro que tinha deixado ali.

— Oi. — A voz dela saiu triste e eu nem quis testar a minha. Levantei a mão e acenei.

— Olha só quem chegou, Josh! — Berrou pelo marido uma mulher gorda e de avental que correu para abraçar Rebeca com força. — E você deve ser o namorado. Sou a Mary, sua sogra. — Segurou meu rosto com as mãos quentes e cheirando a temperos. — Seu pai deve ter saído de moto para comprar mais cerveja. — dirigiu-se a Rebeca. — Sua irmã foi no médico hoje, aquela barriga cresce tanto que parece que vai ter um dinossauro!

Pai de moto, irmão que fuma e bebe, irmã grávida?

— Você tem certeza que não há outra casa vermelha na rua? — perguntei baixinho quando a mulher foi até a cozinha ver a sua panela.

Rebeca olhava por uma janela. Aquela não era uma família que tinha a ver com seu estilo de vida. Isso explicava por que partira e se transformara. Ou será que sempre fora assim, como um patinho em um ninho errado? Era chocante demais para convidar outro cara a acompanhá-la? Lembrei-me de ter me explicado que eu era perfeito para o público-alvo. Então, claro, eu parecia o cara normal, negro, imigrante, descolado e pouco conservador que combinava com sua família...

— Se conseguir não sair correndo. — Ela sussurrou e entendi o silêncio no carro. Deve ter refletido sobre como era difícil apresentar o seu mundo anterior para um colega de trabalho como eu. Cogitado sobre a possibilidade de eu correr e zombar dela. Mas, talvez, tenha dado um voto de confiança de que eu seria o único a entender e se adaptar.

— Onde podemos deixar isso? — Olhei para as malas, não queria ver meus músculos atrofiarem como estátua na porta.

— Na verdade, meus pais são hippies e vamos dormir em cabanas no gramado e comer churrasco em fogueiras... Brincadeira! — Riu, eu devia estar com uma cara bem

assustada. — Venha por aqui. Minha irmã deixou o quarto dos fundos. Ela está grávida e precisa ficar mais perto do banheiro para fazer xixi toda hora — explicou enquanto eu a seguia com o trem de malas.

Quando parei à porta do quarto lhe perguntei como dividiríamos uma cama de casal. A resposta foi tão clássica quanto à cena piegas: você fica com o sofá. Eu lhe disse que pelo tamanho era mais justo que fosse ela a dormir ali retorcida. Então, me indicou a alternativa menos luxuosa: o tapete. Por fim, lembrou que o sofá da sala era mais espaçoso e poderia explicar a sua família que eu tinha alergia a tapetes e quartos fechados, por isso, ficaria na sala.

— Não se preocupe, não ficarão chocados com absolutamente nada. Se quiser dormir aqui, no chão, na varanda, dentro da geladeira...

— Fala como se fôssemos fantasmas de uma casa mal-assombrada em que os moradores não nos enxergam.

— Então, eu estive morta aqui por muito tempo... — A voz de Rebeca saía muito baixa, enquanto se abraçava a alguma coisa na prateleira. Aproximei-me por trás e vi rapidamente a silhueta de uma bailarina, que logo foi atirada dentro de uma gaveta batida com força.

— Quer sentar, explicar um pouco, falar... — esforcei-me para abrir um canal de diálogo. Não era fã de debater situações, mas via que precisava de um pouco de dados para saber onde era o terreno dos próximos dias.

— Aqui tudo fala por si só. Até eu. — Mordeu o lábio interior com força e pensei que fosse se machucar. — Eu sou igual a eles, exatamente porque sou diferente. Cada um é tão excêntrico que ganham o quesito necessário para fazer parte da família! — disse com bastante ironia. — Só que nunca fui à divertida ou interessante. — Encolheu os ombros e já ia longe demais, quando parou. — Mas, sou bem-sucedida, tenho dinheiro, poder... — Enumerou seus predicativos enquanto tirava de uma maleta seus produtos de beleza.

— Isso tem importância aqui?

— Tem *para mim*. — Deu de ombros outra vez, seu gesto mais comum desde que chegamos. Quanto tempo levava para encarar tudo com indiferença.

— Então, qual o motivo de me trazer? — Cruzei os braços e ela levantou os olhos do rótulo de um pequeno pote de creme.

— Minha avó está com uma doença degenerativa. Queremos fazê-la feliz todos os dias. E... eu preciso contribuir com minha parte. Ela é das que acham o relacionamento um indicativo de sucesso. Vou dar-lhe isso.

— Hum... Eu sou um presente? Vou ser entregue de cueca de couro preta, uma gravata borboleta e um pouco de óleo?

Rebeca soltou uma risada descontraída e balançou a cabeça para os lados.

— Eu vou recompensá-lo — garantiu, se pondo no meu lugar e achando que eu via tudo como uma grande tortura. Na verdade, estava era curioso e intrigado, mas não chateado.

No jantar, a família se reuniu em volta da grande mesa da sala e conversaram animadamente sobre o dia de cada um, as notícias da cidade e dos eventos locais. Havia neles a liberdade de escolha. Cada um podia ser o que queria sem repressões.

Sentamos no sofá para tomar um café e, dessa vez, nós fomos o assunto. A avó de Rebeca, a grande motivadora para nossa história de direcionou sua bengala para nós e começou a fazer perguntas. Era uma velhinha bem engraçada e moderna, ao estilo daquela família. Tivemos que brincar com suas deixas e criar situações, personagens e histórias para nosso relacionamento fantasioso. Não podemos deixar de começar pelo nosso encontro.

— Eu conto? — perguntei para Rebeca, mas preferi não lhe dar essa chance, eu poderia carregar muito mais nas cores. — Ok, eu conto. Ela estava dirigindo no trânsito mega engarrafado com uma cara muito brava. Eu parei de moto ao seu lado.

— Moto? — Seu pai levantou a sobrancelha e apontou o indicador para mim em aprovação.

— ... Exato. Eu estava de óculos escuros e de jaqueta preta. Rebeca me olhou e ficamos assim até que o sinal abrisse e todos comessem a buzinar. Eu lhe disse “Vamos parar ali na frente para beber alguma coisa?” Ela fechou o vidro muito brava e disse que tinha namorado. Mentira, só queria se livrar de mim. Falei que não seria tão obsessivo quanto ele e que não importaria de dividi-la. Segui seu carro e insisti, mas ela disparou. Depois de alguns dias, aconteceu uma coisa... Não sei posso contar...

Rebeca tomou a palavra:

— Ah! Tudo bem, eles não vão te julgar mal. Todo mundo já teve essa fase rebelde, vai? Kali estava em um rali de motos com os amigos em uma rua um pouco vazia do seu bairro. Ironicamente, eu havia me perdido por ali para achar a casa de uma amiga que se mudara. Quando vi, estava metida no meio de motos em alta velocidade. Acabamos nos trombando e meu carro ficou quase destruído. Eu saí do carro e comecei a gritar que iria denunciá-los, que eles pagariam tudo. Mas, saíram asap e me deixaram ali feito uma idiota. Mas, Kali apareceu para zombar de mim, ele estava de longe assistindo tudo. “Isso que dá ser mal-educada”, teve a cara de pau de me culpar. Eu ignorei. O sinal do meu celular não pegava ali, nem havia qualquer mecânico por perto.

— Aí, ele te ofereceu uma carona e você, orgulhosa, recusou? — A irmã de Rebeca completou.

— Isso mesmo. — Rebeca sorriu e me olhou, ela sabia que eu pensava a mesma coisa: todos gostamos de fabular histórias de amor. — Mas, não tinha outro jeito. Aí, depois, acabei tendo que agradecer e... Cá estamos — resumiu.

— Bem radical pra você hen, mana, sempre tão careta. — Seu irmão torceu o nariz.

— Rebeca careta? Ela é... Surpreendente. Vocês deveriam visitá-la mais vezes. — Apertei meus dedos em seu ombro com o braço que mantinha ao redor dela. Inclinei meu rosto para beijar-lhe a bochecha, mas Rebeca encolheu o ombro e aspirei-lhe o perfume do pescoço, em seguida virou o rosto assustada e meus lábios correram por sua mandíbula até parar no canto da sua boca. A possibilidade de um beijo acidental a fez afastar a cabeça rapidamente.

— Vou dormir, tantas perguntas estão me deixando zozona. — Riu e se pôs de pé. Tive quase certeza que se referia ao toque de nossas peles e boca agora pouco, porque eu estava sobre o mesmo efeito. Acompanhei-a até o quarto.

Rebeca jogou dois travesseiros no chão e uma manta.

— Isso é pela sua criatividade! — Grunhiu e foi puxar a colcha do lado da cama para se deitar.

— Me desculpe, mas o seu pagamento vai começar por agora!

Ela arregalou os olhos e entendi a interpretação dúbia que dera a frase naquele contexto. Peguei o travesseiro e o cobertor do chão e os coloquei na cama.

— Não se preocupe, não é disso que estou falando. — Puxei o lençol do lado direito. — Eu não tocara em você, ao menos que queira. — Dei uma risadinha provocadora e me deitei. — Vou dormir aqui, é o mínimo que mereço depois desse dia e tanto. Meu cérebro precisa se recuperar.

Rebeca ficou ainda em pé, indecisa. Mas, se satisfez com um edredom retorcido como uma muralha da China entre nossos corpos separados e deitou também.

— Como pode falar que eu andei de moto? — Ela estava rindo sozinha quando eu já pegava no sono. — Eu morro de medo!

— Então, vou guardar essa parcela da minha dívida de amanhã para você quitar. Vamos andar de moto!

— Eu prefiro te dar uma novinha a isso!

Abri os olhos e vi-me para olhá-la.

— Não vai me pagar com nada que o dinheiro possa comprar. E eu vou dificultar bastante as coisas para você.

— Consegue fazer piorar? Me sinto em frangalhos. — Bateu a mão na testa. — Como fui parar nisso?!

— Imagina como eu me pergunto a mesma coisa a cada minuto?! — Voltei a fechar os olhos.



Ouvi cochichos de duas vozes femininas e senti a luz entrar pelas minhas pálpebras quando me movi na cama. Acordei e vi Rebeca sentada ao meu lado, enquanto sua irmã em pé repousava a mão na barriga.

— Eu preciso que me ajude! — implorava para Rebeca.

— Algum problema, garotas? — minha voz saiu extremamente grave.

Rebeca estremeceu e se assustou. Virou-se para mim e os facho de luz que seu corpo bloqueava anteriormente em eclipse com a janela me cegaram. Coloquei a mão no rosto.

— Está tudo bem. — Garantiu e voltou a cochichar. — Eu não sei fazer isso!

— É por que não tentou, sei que é a melhor! — A moça parecia muito angustiada e isso não me convencia que estava tudo bem. — Minhas alunas ficarão sem ninguém hoje. A professora faltou! Por favor, eu estou implorando, por favor.

Rebeca levantou as mãos no ar e pediu que parasse para pensar. Inspirou profundamente encolhendo seus ombros. Depois soltou devagar o ar.

— Ok. Eu vou te ajudar, mas eu não prometo saber fazer certo! — Inacreditavelmente aquelas palavras vinham da mulher mais segura do universo.

— Ótimo, vou buscar suas coisas. Ah! Só que tem um problema...

— Qual? — Sussurrou, achando que eu tinha voltado a dormir.

— Papai precisou colocar o carro no conserto. Então, pensei em ir ao médico no seu carro. Por que não vai de moto com Kali?

— Muito engraçado, Michele! Você acha que eu...

— Claro que eu posso levar Rebeca de moto. Vou adorar, o dia deve estar lindo... — Espreguicei-me.

— Ótimo! Que bom que escolheu o cara *certo*. — Ela saiu saltitante.

— Nem pensar que vou de moto. — Rebeca levantou-se e prendeu o cabelo com as mãos, depois, na ausência de uma presilha, o soltou nos ombros. — Por favor, não me olhe, estou um monstro da Tasmânia.

— Você acha que a maquiagem ajuda? Não vejo muita diferença! — levantei e os olhos de Rebeca se fixaram no centro do meu corpo rebelde com o amanhecer. — Não se preocupe, é só o efeito matinal. — Arrastei-me até o banheiro do corredor puxando os chinelos para fazer xixi.

Quando voltei para o quarto, vi Rebeca de meia calça e collan pretos de costas para a porta, mexendo em um baú. Franzi a testa, uau, quem era a dona daquele corpo lindo em que ela se metera? Seu cabelo já estava perfeitamente arrumado em um coque fixo.

Eu a analisava parado no meio do quarto quando, sem dar por mim, ela se levantou e

caminhou olhando para o baú.

Inevitavelmente trombou no meu peito e deu dois passos para trás. Seus olhos oscilaram para os lados e fugiram dos meus, enquanto eu sorria.

Os seios arfaram tensos e rígidos como duas luas cheias em seu colo coberto pela malha de lycra.

Era uma visão sensual e delicada. Um vale estreito por onde caia uma corrente de dois fios de ouro que se encontravam no abismo do seu peito.

— Você vai trabalhar assim? — perguntei indo do seu cabelo a ponta dos dedos.

— É... — Engoliu em seco e passou a mão na nuca. Estaria suando de ansiedade? — Vou... — Balançou-se nos calcanhares e pontas dos pés.

— Essa é uma roupa de bailarina.

— Parece? Jurava que era de bombeiro. — Olhou-se em tom de brincadeira, mas sua voz trêmula a denunciava. Ergueu o queixo e sorriu abertamente, o sol fazendo uma curva brilhante em torno dos seus ombros. Os olhos na zona de sombra continuavam negros e penetrantes. — Eu *sou* uma bailarina. Danço quando não trabalho, por mais que não acredite — falou baixinho, delicadamente, como se me contasse a verdade sobre sua imortalidade ou feitiço.

— Só acredito vendo.

— Não! — Esticou a mão, mas não me tocou. — Eu posso ir sozinha de táxi, você fica...

— Eu faço questão. — Peguei a jaqueta pendurada na cadeira.

— Não! Não precisa! — Segurou meu braço atrás de mim, virei e ela se afastou, comecei a achar que temia a proximidade. — Por favor... — Abaixou o rosto humildemente. Nunca tinha visto aquela Rebeca. Aquela casa roxa tinha poderes fantásticos de transformação.

— Tudo isso é medo?

— Eu não sou boa nesse negócio de andar de moto.

— Bom, quem vai dirigir sou eu, então, não tem o que se preocupar.

Michele nos acompanhou até a garagem e isso ajudou Rebeca a não relutar, precisava fazer uma pose. Depois de dois minutos, já com a moto ligada, surgiu com um saia curta preta e uma jaqueta jeans de um azul-claro desbotado, quase branco, dobrada nas mangas. Os sapatos pareciam daqueles de sapateado, fechados com uma fivela no tornozelo. Carregava uma mochila nas costas. Dei-lhe a mão, mas mostrou que podia subir sozinha e agarrou a minha cintura.

— Qualquer coisa, liga. — Michele acenou.

Nós já estávamos na estrada arborizada. As folhas esvoaçavam quando passávamos a toda. Rebeca apertou-me mais e não reclamou das curvas fechadas e inclinadas. Testei sua resistência.

Quando paramos no lugar que apontou, ela desceu e cambaleou. Estava nitidamente zonga e branca quase translúcida. Sua mão tremia quando agarrou a alça da mochila. Os lábios ressecados foram umedecidos pela língua. Engoliu em seco.

— Meu Deus! Você podia ter infartado e nem avisou?! — reclamei.

— Eu não quero... — A voz começou a sair. — ... nunca mais andar nisso.

Desliguei o motor e desci. Dei dois passos a frente e tentei tocá-la, mas Rebeca se afastou com a testa franzida, me vendo como perigo.

— Hei! Eu não sabia que tinha esse pânico todo. Desculpe se corri...

— As crianças já devem estar me esperando... — Apertou a chave da porta já nas mãos. Olhou as pequenas alunas acompanhadas de suas mães sentadas na varanda. — Não precisa ficar, posso voltar sozinha.

— *Não quer voltar comigo?*

— Eu tenho que entrar. — Deu um passo de costas e virou-se. Nunca havia notado que seu andar era elegante e leve como de uma bailarina. — Olá, meninas! Eu sou a professora que vai dar aula pra vocês hoje! — Rebeca cumprimentou as mães, depois empurrou delicadamente as meninas pelos ombros, tangendo todo o rebanho para dentro. Ainda olhou-me por último e fechou a porta.

As mães passaram por mim desconfiadas. Não deviam me conhecer na cidade. Não me importei com isso. Caminhei pela lateral do antigo casarão de dois andares, rodeado de um pequeno jardim. Havia uma escada com uma porta preta no segundo andar. Subi por ali e destranquei. Naquela cidade ninguém se preocupava com segurança? Fiquei a espreita em um mezanino.

O salão amplo era feito de um piso de madeira, as paredes de tijolos marrons. Todas as paredes espelhadas multiplicavam o espaço em dezenas de projeções. Olhei para a porta, onde havia um letreiro “*Escola de Balé Rebeca*”. Por que levava seu nome? O sol entrava das janelas atrás de mim iluminando tudo.

As meninas sentadas no chão a olhavam deslizar de um lado para outro. Eu segurei o riso. Era o mesmo jeito que ficava antes de uma reunião, enquanto empresários e executivos entravam na sala de reuniões. Só que ali havia apenas garotinhas vestidas de collan.

— Meninas, quem de vocês gosta de balé? — perguntou. — Vamos, levantem as mãos!

Elas timidamente levantaram a ponta dos dedos e se entreolhavam. Não era óbvio?

— Vou contar uma história para vocês. Quando era bem pequena, eu fiz balé na casa de uma professora. E sabe onde ela morava? Bem aqui! Ela já morreu, mas tudo que me ensinou está vivo dentro de mim. Então, minha família comprou essa casa e minha irmã resolveu dar o meu nome a esse lugar lindo. Aos poucos, comecei a gostar de outros jeitos de dançar. Então, fui para a cidade grande, beeeem longe daqui. Mas, lá descobri outras coisas de que gostava e não virei uma bailarina profissional. Só que ainda sou uma bailarina, treino todas as semanas, afinal, isso não é uma coisa que a gente deixa de ser. Na vida... — Rebeca rodopiou no próprio eixo agilmente. — ... precisamos de equilíbrio. — Sorriu e flutuou com os braços no ar. — E leveza! Às vezes, é preciso correr e saltar, se arriscar, como aqui no balé. Mas... tem horas que é necessário ser suave... — Inclinou-se para o lado e movimentou os pés e mãos delicadamente. — ... como uma pluma para ter jogo de cintura. O balé é um conceito que vão poder levar para a vida toda!

Rebeca sentou-se na cabeceira da roda e olhava-as dentro dos olhos.

— Tem mãe que obriga a gente a fazer balé só para a vizinha ver, né? — Fez uma careta. — Parece até uma dança muito antiga, ninguém dança balé na TV! — Revirou os olhos. — Certo? Errado!

Sua voz soava tão empolgada que parecia a melhor contadora de histórias de princesas.

— Os gestos, a leveza, a força, a elasticidade... tudo do balé está em outras danças! — Gesticulou e ficou de pé. — Vamos aquecer?! — Bateu palmas. — Todo mundo para a barra!

Rebeca afastou-se, colocou as mãos na cintura e olhou para cima. Desde que momento tinha percebido que eu a espreitava? Balançou a cabeça para os lados e não fez nenhum gesto que chamasse mais atenção, voltou para a aula que demorou mais uma hora para acabar e foi carinhosamente aplaudida. Ainda a peguei com um sorriso nos lábios quando já se encontrava sozinha entre os espelhos.

— Não está enferrujada como eu pensava! — Cruzei os braços na altura do peito e sorri. — Mas, aposto que não salta mais.

— Não me amole com provocações... — Balançou a cabeça e começou a arrumar a bolsa. — Você não está no grupo dos pares que eu confiaria. — Revirou os olhos em ironia.

— Vem! — chamei com um gesto de mãos. — Se arrisque.

Suas mãos agarravam a alça da bolsa com força, hesitaram e depois a deixaram cair sobre o banco. Seu corpo ainda oscilou para frente e para trás, em dúvida. A distância era suficiente para um ótimo impulso. Conferiu a porta para se certificar que ninguém veria aquela prova estranha.

Foi quando a inclinação para trás e a projeção para frente do seu tronco e as pernas perfeitamente esticadas deram o sinal da sua disparada. Uma breve corrida e ela voou pelo ar a

minha frente, onde a segurei em suspensão sem nenhum erro no cálculo da força. Seus olhos arregalados e a narina arfando indicavam a explosão física e emocional.

Impulsionei-a para cima como se jogasse uma bola para o alto e depois a peguei nos dois braços, o que a fez gritar.

— E ainda tem medo de andar de moto? — falei baixinho.

Suas mãos em volta do meu pescoço delicadamente repousadas pareciam desde sempre terem sido feitas sob medida para mim, como uma joia de encomenda.

— Achou... — Pensou na pertinência da pergunta. — ... legal me ver dançar? — quase não completou.

— Pergunta para mim?! Eu adoro dançar! Não, desse jeito de cisne.

Rebeca soltou uma gargalhada e jogou um pouco a cabeça para trás, quando voltou para frente seu rosto ficou ainda mais perto do meu.

— Está tão... jovem, que parece ter uns 10 anos a menos!

— Ok, você está querendo uma *promoção*.

— Eu não sabia que era tão linda. E acho que as outras pessoas também não sabem.

— O que importa é que sabe... — Sussurrou olhando diretamente para minha boca.

— O que disse?

— Eu... — Esperneou e saltou do meu colo bruscamente. — ... Nada. Acho que rodopiei demais. — Correu até a bolsa e jogou sobre os ombros, começando a conferir se tinha apagado as luzes e deixado tudo como encontrara.

Ela se importava com a minha opinião? Não... Rebeca gostava de mim?!

Do lado de fora da escola de dança da família, a irmã de Rebeca e seus pais nos esperavam cada um com um grande sorriso. Pareciam nos apreciar, peguei a mão dela para parecermos um casal.

— Vocês podiam viver aqui... — Michele acariciou a barriga, enquanto falava. — Vou poder dobrar o número de alunas... — Sorriu. — E o Kali pode ir aos encontros de motoqueiros com o papai.

— Eu ia adorar. — Ri e olhei para Rebeca sorrindo sem olhar fixamente para algum ponto. Deveria imaginar Não parecia gostar ou reprovar, acho que o fato de ser inclusa nos planos da família era o mais surpreendente e importante para ela. — Onde vamos agora?

— Beber alguma coisa ora! — Michele falou alto. Definitivamente, não é o que se espera de uma grávida esse tipo de convite.

Perguntei quem iria com a gente no carro e todos riram. Rebeca me explicou que não

precisávamos de carro e apontou o bar do outro lado da rua. Ela entendia como para nós enfrentar trânsito para atravessar algumas quadras era parte da rotina, nada parecia perto. Ali, é como uma extensão da casa, se saía da farmácia e estava dentro do mercado ou padaria.

A música estava baixa e tranquila. A família de Rebeca começou a conversar animadamente com um grupo de conhecidos que encontraram sentado no canto oposto do bar. Sentei em um banco junto à janela que me deixava com os pés fora do chão. Coloquei ao meu lado o pequeno copo de madeira com vinho. Respirei fundo e me senti bem. Estava longe do meu país, da garota que achava ter começado a gostar, da minha família, mas me sentia centrado.

Às vezes, é preciso ir para longe e encontrar o seu lugar. Aliás, para mim esse lugar é o próprio movimento. Sou uma pessoa sempre em busca. Lembrei de Tamires, na verdade, refleti sobre o fato de pensar menos nela do que imaginava. Ligara algumas vezes pra ela, mas não tinha vontade de correr para o Brasil por sua causa. Eu queria muito ficar e curtir minha vida aqui.

Rebeca deixou a roda da sua família e caminhou em minha direção. Ficava tão jovial vestida com o collan justo e a saia preta curta. O agasalho de time de futebol lhe dava o ar de estudante secundarista. O cabelo solto, fora do coque estava desalinhado.

— É melhor tirar essa roupa de líder de torcida ou eu posso te confundir... — falei em tom brincalhão e ela riu, abaixando a cabeça e levantando em seguida com um lindo sorriso rosado. Toda a luz da janela iluminava seu rosto. Perguntou-me o que aconteceria se eu a confundisse? — Você que tem que me dizer... — Entrei no jogo das palavras certo de que não levaria a nada, era só mais uma brincadeira intelectual para exercitar seu cérebro.

— Como vou saber? — Rebeca começou a fazer uma trança com metade do seu cabelo voltado para a frente.

— Definitivamente não combina com você! — Meus dedos se enroscaram nos seus, ela deixou-os escorregar e eu fiquei com eles entre os cruzamentos dos seus lisos e grossos fios sedosos. Desfiz o primeiro trançado com um leve deslizar do indicador, depois o próximo. Poderia ficar todo o tempo desfazendo seu penteado, mas logo acabou e só me restou o cabelo cascadeando em minha mão. Tentei desvencilhar a mão passando por cima do ombro, mas virei a curva errada, querendo me perder no caminho e encontrei sua nuca, afaguei.

Sua família não prestava atenção em nós, então, porque ela não corria ou zombava de minha ousadia? Seus olhos estavam mais uma vez fixos na linha da minha boca. Rebeca deu só um passo à frente, mas pareceu um movimento de levitar sobre o chão, tão delicado e sereno como o de uma verdadeira bailarina.

O que eu via era uma linda garota jovem, sexy, de boca hipnotizante... Mas, era minha chefe, aquela tão temida que ficara dentro de alguma mala que provavelmente esquecemos no carro!

— Kali, Kali, tsi tsi, atrasado mais uma vez? — Sussurrou colocando magia e encanto no tom de voz quase cântico. Usava a mesma repreensão que me fazia com desdém quando eu ficava preso no trânsito. Agora, tinha um significado de leve impaciência.

— Você é a chefe. — Sussurrei. Não tomaria atitudes e depois ser despedido de seus planos. Um dia, alguém iria se lembrar quem começou. — Você é quem decide as coisas.

— Eu estou com cara de chefe agora? — perguntou bem baixinho. Pareceu não gostar, como se eu tivesse a chamado de feia. Talvez não quisesse se lembrar de sua posição e sentir por um momento só uma estudante.

— Não. Mas, ainda tenho medo da morte. — Ri.

Rebeca cansou, agora definitivamente desapontada, e começou o movimento de virar-se quando a segurei com os dois braços e a trouxe para mim, suas mãos pararam sobre minhas pernas. Inclinei a cabeça para o lado e afastei seu cabelo com as duas mãos para beijá-la. Mas, a voz de Michele nos chamando me fez engolir em seco bem antes de minha boca tocar a sua. Piscamos duas vezes e ela recuou, procurando pela irmã.

Desci zozinho do banco. Mulheres, vinhos e chefes na mesma linha do coração são drogas pesadas para o dia. Eu tinha que largar essa vida. O pai de Rebeca ofereceu a moto para voltarmos juntos apreciando a paisagem. Ela não recusou. Acho que a ideia de ficar no carro comigo em silêncio era mais assustador que andar de moto. Precisava diminuir o impacto do que acabara de acontecer dando um bom intervalo de tempo. Subimos na moto e arranquei. A casa ficava bem perto e Rebeca não sofreria muito. Assim que chegou, ela seguiu para o quarto sem nem me olhar. Agradei a seu pai por deixar dar uma volta e devolvi as chaves.

Encontrei Rebeca de costas, tirando o brinco em frente a uma cômoda do quarto. Ela virou-se de repente e ameaçou começar o discurso que estava ensaiando. Mas, aquilo não era uma conferência com diretores. Eu não queria planejamentos, nem palavras. Joguei a jaqueta que acabava de tirar na cama. Seus olhos conferiram a porta que eu já me encarregara de fechar ao entrar.

Não estava representando para sua família, nem ali era seu funcionário. Isso a deixou ansiosa, mas tentou não transparecer, virou-se e voltou a tirar o outro brinco da orelha.

Puxei-a pela cintura e, como em um passo de dança, ela girou perfeitamente o corpo pelo meu braço até parar em meu peito. A pérola do brinco voara pelo espaço e a tarraxa acho que nunca mais encontraremos. Dei um passo a frente e Rebeca ficou encostada à cômoda. Nossas pernas estavam uma entre a outra como em um passo sensual de tango. Passei a mão pela meia calça preta fina e sedosa que cobria sua coxa e ela fixou os olhos negros nos meus, sem vacilar. Então, queria mesmo a mim.

— Vamos ter que filmar, se quer que eles vejam — murmurei e inclinei todo o meu rosto, roçando o nariz no seu.

— Ninguém vai ver porque estaremos de olhos bem fechados... — O frágil braço

sobre meus ombros fechou-se em um laço por meu pescoço e ela se pendurou, agora na ponta dos pés.

Eu quero beijar minha chefe.

Beijar.

Minha.

Chefe.

As palavras se fixavam em minha mente e me excitava.

Penso em Tamires longe. Mas, aqui, não há uma garota e, sim, uma mulher que mexe comigo e me tira o fôlego.

Suspendi-a levemente quando meus lábios encontraram com força e desejo os seus, tomando-a inteiramente para mim.

Ela riu e me dei conta de que a estava girando no ar enquanto a beijava com vontade.

Respirou fundo, acariciei seus braços para que ficassem na mesma posição estendidos e não retirasse as mãos em volta do meu pescoço. Levemente dançávamos uma melodia que só existia em nossas cabeças. Era a música da felicidade que nos faz oscilar como pêndulos para um lado e outro.

Eu não queria que o encanto acabasse, puxei-a novamente pela cintura e a beijei mais, querendo sentir novamente sua boca quente e receptiva.

Nosso abraço se encaixou perfeitamente e a envolvi com carinho. Entendi ali que eu também quis muito antes esse beijo, mas nem me permiti pensar nisso com a hierarquia nos separando.

Acariciei sua pele sedosa e a senti firme em minhas mãos. Eu queria Rebeca sem hora de saída, sem crachás, sem salas nos separando. Afastei seu cabelo e continuei o beijo como se fosse só o começo da melhor parte.

Suas mãos frias tocaram minha cintura por baixo da camisa e entendi que precisava de um pouco de minha pele também para ter o prazer tátil. Porém, isso foi como passar a marcha e eu comecei a lhe tirar todo o ar e, por mais que escalasse o meu pescoço, ela parecia não acompanhar e se sufocou.

Afastou um pouco a cabeça e vi o contorno rosado em sua boca, era muito frágil a qualquer toque mais intenso. Não queríamos parar, era nossos corpos evaporavam suor e hormônios.

Estava pronta para mais uma vez receber meus lábios afoitos, fechou os punhos nas minhas costas, levemente suspendendo com isso a camisa.

— Reb... — Michele entrou no quarto, mas fechou a porta novamente.

— Tudo bem, pode entrar. — Ela afastou-se de mim e engoliu em seco, olhando para a irmã com a cabeça na porta.

— Só queria pegar uma jaqueta que está nesse guarda-roupa.

— Claro. — Rebeca passou a mão na nuca e olhou para o chão todo o tempo até que sua irmã saiu e fechou a porta.

Caminhei até ela e tirei o cabelo do seu ombro e antes de lhe beijar a bochecha disse para não se preocupar e isso lhe abria margem para qualquer interpretação que quisesse dar. Deixei-a sozinha. Sua cabeça devia estar muito pior que a minha.



— Kali? — Michele apareceu na porta dos fundos com uma voz de urgência. Eu que estava sentado na varanda, assustei-me e me virei bruscamente da cadeira de balanço. — Você sabe para aonde Rebeca foi? Ela saiu correndo...

— Ân? — Pus-me de pé em um pulo. Algo me dizia sempre que um dia o autocontrole de Rebeca entraria em colapso. — Qual o problema?

— Passou por nós disparada com roupa de corrida e tênis.

— Ela estava com roupa de corrida e foi dar uma volta por aí? — repeti tudo pausadamente, como se falasse com uma criança pequena sobre astronomia. — E isso é terrivelmente preocupante? — Tentei manter a ironia em um nível ambíguo, mas era difícil crer que ela estava preocupada com uma coisa tão normal. Acho que a família justamente não aceitava bem comportamentos corriqueiros.

— Eu sei que vai achar ridículo, mas ela tinha um olhar estranho... — Fez uma careta.

— Um olhar estranho? — repeti de novo. Desde quando ela catalogara os olhares de Rebeca, se mal se viam! — De que tipo?

— Kali, eu sei o que deve estar pensando. Nós não somos uma família que se pode dizer unida... Rebeca não se dá tão bem com a gente... — Ela explicava tudo rapidamente para me convencer o quanto antes a seguir a irmã. Se tudo era claro para eles, o que eu fazia naquela casa? Rebeca não precisava de muletas de apoio. — ...Mas, eu lembro de uma vez em que ela fez uma apresentação de balé fantástica na escola e meus pais não foram, não deram bola. Ela calçou o tênis e saiu correndo feito louca... Acho que conseguiu fazer um périplo em todo o estado. Quando chegou, à noite, estávamos muito preocupados. Mas, ela não falou nada. Parece que alguma coisa se resolveu dentro dela, enquanto fugiu. Depois disso, começou a estudar, largou o balé e foi embora com uma incrível bolsa de estudos que conseguiu. Eu não sei o que se passou na cabeça de Rebeca aquele dia, mas decidi que não seria um de nós... Será que ela pensava que nós precisávamos que se tornasse uma mulher tão poderosa para gostarmos dela? Bastava que tivesse ficado aqui... — Se perdeu, olhando para o chão a sua

direita. — Kali, ela estava com o mesmo jeito de revolta daquele dia quando saiu correndo, alguma coisa aconteceu. Vocês brigaram?

— Não... — Minha voz quase não saiu e eu começava a ficar contaminado pelo pânico da garota. Uma parte de mim me chamava de idiota pela preocupação tola, outra me deixava em dúvida. — Ok, vou alcançá-la, preciso de um tênis também e um short — aceitei, sentindo-me ridículo. — Se isso a tranquiliza. Rebeca não tem idade mais para cometer reviravoltas, não se preocupe.

— Por que não? — Ela entregou-me um par de calçados e uma calça de corrida do irmão.

Não respondi. Enfiei rapidamente os pés nas meias e fiz um nó nos cadarços. A tarde caía e eu me perguntava agora o que Rebeca queria se arriscando ao sair por aí, à noite, sozinha. Tudo bem que era só uma cidade pequena, mas nem medo dos animais do bosque tinha? Que mulherzinha implacável. Não sei por que sua irmã se preocupava.

— Siga por essa trilha que vai dar no rio. Não há outro caminho. — Apontou.

— Ok — comecei a correr lentamente, depois, meu corpo aquecido explodiu em milhões de microrreações químicas. Será que o prazer da endorfina que o corpo produz, o coração batendo na velocidade máxima e o ar entrando e saindo freneticamente dos pulmões eram o que Rebeca precisava? Então, por que eu tinha que correr atrás dela? Poderia compreender perfeitamente que qualquer ser humano precisa dessa descarga elétrica em algum momento. Talvez quisesse privacidade.

Parei diante de uma descida brusca, meus pés brecando na terra coberta de folhagens. Segurei-me em um tronco fino de árvore. Lá estava Rebeca, perfeitamente salva, sentada em uma pedra, com a cabeça nos joelhos e as pernas flexionadas. Usava um short curto preto e uma camiseta branca cavada. O cabelo preso em um rabo de cavalo frouxo. Suas pernas eram fortes e bonitas, bem como os braços. Será que malhava? Eu sempre suspeitei que ela não dormia como nós seres humanos de corpo vagabundo e frágil. Onde arrumava tempo para ler todos os jornais, saber tudo de política e cultura? Só podia ser enquanto dormíamos! Mas, aquela garota encolhida, fixando sua atenção no rio não transmitia tanto poder. Era quase pecado quebrar seu momento solitário.

O barulho da folhagem sob meus pés a fez virar o rosto para mim. Levantou-se e saltou da pedra. Passou por mim e pegou a trilha de volta. Estava bastante suada, o que deveria explicar sua corrida feroz que assustara a irmã.

— Hei, eu vim te resgatar, poderia ao menos fingir quando a gente chegar que está bastante aborrecida e que te tirei de apuros? — Brinquei, caminhando na mesma velocidade de seus passos rápidos. — Michele pode ficar bastante desapontada.

— Kali, vamos acabar com isso? — Ela parou, de repente, sem sobreaviso e eu, que continuara no mesmo ritmo por alguns segundos, parei alguns metros à frente. Virei-me para

entender o que tinha acontecido.

— O que começamos? — Levantei as sobrancelhas.

— Isso. Isso tudo! — Abriu os braços e fez um meio círculo ao seu redor com as mãos. — Não está dando certo mentir, definitivamente.

— Eles perceberam alguma coisa? Para mim, pareceu bem verdadeiro.

— Esse é o problema — falou baixinho. — Não pode ser assim, Kali. Eu não posso ficar fingindo... Porque, se eu pudesse fingir, aí sim tudo estaria bem.

— Olha, eu acho que a corrida tirou seu cérebro do lugar. — Tentei usar das nossas agressões para pôr algum parâmetro em sua racionalidade, nem que fosse para ter raiva de mim, ao menos era mais coerente. O efeito conseguido foi o contrário e pareceu se magoar. Começou a correr loucamente. Eu não sabia o que dera nela, mas precisava alcançá-la, o que não fora difícil. Eu tinha o dobro de massa muscular e resistência. — Pare, Rebeca, precisamos conversar...

— Não! Está tudo certo! Você pode pegar... — Puxou o ar dos pulmões com toda dificuldade. — ... um carro alugado, eu te dou o dinheiro...

— Está me mandando embora? Só por causa do beijo?! É? — Gritei e a segurei pelos ombros com ímpeto de sacudi-la, mas os olhos de Rebeca estavam tão frágeis, úmidos e miúdos que eu estanquei. De repente, entendi o que tentava explicar: não era fácil fingir porque para ela tudo era verdade, gostava de mim. — Não precisa me botar para fora.

— Sabe que preciso — continuou a andar.

— Sei? — Franzi a testa e segui atrás. — Hei! Pode parar quando falo com você? — Peguei-a nos ombros e a carreguei o restante do curto caminho de volta a sua casa. Encontrei sua irmã, sentada na cadeira de balanço.

— Que bom que estão bem... — comentou, mesmo vendo a irmã em meu ombro. Aquilo para ela era a normalidade.

— Tem alguém em casa? — perguntei.

— Não, foram ao jogo, estamos nas finais do Colégio...

— Ótimo, fechei a porta por onde passamos e ignorei o pedido de Rebeca de colocá-la no chão. — Vamos esfriar a sua cabeça.

— Kali, você não seria maluco! — Coloquei-a no box do banheiro e abri o chuveiro, ainda tentou escapar, mas o pouco espaço fazia meu peito se tornar um paredão. Dei uma risada alta da sua cara molhada e o cabelo ensopado. — Você não sabe o que está provocando! — Bateu-me com os punhos fechados. Agora a reconhecia, era a Rebeca mal-humorada de sempre.

— É sempre bom um banho depois da corrida.

— Isso é assédio! — apelou.

— Ok. — Levantei as mãos em rendição, ela estava com a ira em níveis belicosos.

Retirei a camisa semi molhada e fui até a cozinha beber água. Encontrei Michele e pedi desculpas por estar com o peito nu, mas ela se fez indiferente.

— Descobriu o que deu nela? — perguntou com um tom de quem já soubesse.

— Algo me diz que me mandou lá para constatar alguma coisa.

— Não se preocupe, o resto da família acreditou bastante nas ceninhas dos dois, mas eu já imaginava que Rebeca não é do tipo que nasceu para conquistar ninguém. Aposto que deve usar uma armadura por baixo.

— Foi você mesma quem disse que ela pode ter uma reviravolta.

— É. Acho que aconteceu isso. Ela está mexida, eu não via aqueles olhos desde aquele dia... Rebeca era tão doce, delicada, frágil. — A descrição me fez lembrar de seu olhar no bosque quando a agarrei pelos braços. — Mas, se tornou quase uma boneca de aço. O que você é dela?

— Trabalhamos juntos, na verdade, ela é minha chefe.

— Entendi agora porque precisava correr para ficar sozinha e colocar a cabeça no lugar — disse.

— Então, por que me mandou segui-la?

— Por que ela me pareceu precisar de você. Kali, Rebeca precisou de alguém, não é incrível?

Não respondi, não gostava de colocá-la em uma categoria paralela à da nossa espécie. Entrei no quarto e a encontrei vestida de calça jeans e uma blusa branca de seda de botões, um tanto formal, mas sóbria. O cabelo molhado caía em fios retos.

— Ficar de cabeça para baixo por um tempo ajudou? — Brinquei.

Ela tirou da mala uma caixa de perfume e espirrou atrás das orelhas, fingindo não me ver. Depois, pegou um livro no criado-mudo e fez menção a ir para a varanda se deitar na rede. Segurei seu pulso e disse que não acreditava que fosse capaz de ignorar a própria vida, como se fosse possível estar fora do próprio corpo.

— O que quer?! — Gritou e atirou o livro longe como um pássaro louco voando pelo ar, até parar estrondosamente no chão. Levou a mão a testa e procurou recobrar o equilíbrio. Estava mesmo a ponto de chorar? — O que está fazendo? — irritou-se e colocou a mão na cintura, indignada. — Com que direito está invadindo tudo?! — Seu queixo franziu. — Eu não consigo controlar meus próprios pensamentos! — Sentou na cama e se inclinou, tapando os ouvidos. — Sai daqui! — Eram suas palavras de derrota.

Eu estava imobilizado. Como podia me tratar feito um vírus letal? Esperei a hora que levantasse a cabeça e falasse qualquer coisa coerente.

— Está impossível conviver com você. Juro, para mim não dá mais, não dá! Chega.

— Ok, se não dá mais, então, por que não para de brigar com isso?

Rebeca engoliu em seco, fechou e abriu os punhos. Depois de um tempo longo, progrediu dois passos em minha direção. Não me mexi para encorajá-la. A ponta dos seus dedos percorreram a pele da minha cintura quando ameaçou me tocar, mas ficaram suspensas no ar, flutuando, o que provocou um arrepio. Não aguentei mais a sua hesitação e a trouxe pelos dois braços, bruscamente, sem muito jeito. Perguntei o que não conseguia mais vencer e forcei sua mão sobre meu rosto. Ela pela primeira vez voluntariamente ergueu a outra mão e me trouxe pela bochecha para a altura da sua boca. O perfume era gostoso e o aroma de xampu do seu cabelo úmido e frio era inebriante. Eu queria ser beijado por Rebeca e gostava da sensação de ser desejado por ela. Experimentar esse status em seu coração me deixava orgulhoso, com a vaidade em alta.

— Acho que preciso tomar um banho, você está tão limpinha e, eu, suado — falei afavelmente, eu estava bastante repugnante.

— Ah! Tudo bem... — Encolheu-se e se afastou. Sugeri que fossemos a cidade juntos e ela consentiu com a cabeça. — Eu dirijo — disse. — Nada de moto.

Eu sorri e a achei muito bonita descalça e sem maquiagem pesada. Não demorei muito no banho, queria manter no ar o clima. Peguei o casaco e caminhamos em silêncio até o seu carro. No bar, pedimos vinho e ficamos no canto da janela, sentados em uma pequena mesa redonda que nos fazia ficar lado a lado, nossos joelhos se tocando.

— Vamos ver se você é boa de todos os assuntos, o que diria agora? — testei-a, tentando fazê-la falar a partir de uma provocação.

Rebeca levantou os olhos do copo que alisava com a ponta dos dedos e me encarou com uma resposta facilmente pronta.

— Seu sorriso é lindo — falou intimamente que achei ter lido seu pensamento. — Ele é a melhor coisa para se começar o dia. Às vezes, você chega com ele atrasado. — Riu baixinho.

— Eu achava que o mau humor era pelo café atrasado. — Tentei levar na esportiva e não reconhecer que Rebeca acabara de se declarar.

— Você me faz produzir melhor.

— Uau, que romântico! — debochei. — Nada mais capitalista.

— Talvez porque meu coração bata o dobro de vezes quando está perto e eu tenha o dobro de energia canalizada para o trabalho.

— Eu sabia que ia achar um viés científico. — Bebi o vinho e devolvi o copo à mesa, ruidosamente.

— Mas, não é certo, só resta deixar tudo como está.

— É você quem diz isso — provoquei.

— Kali, eu sou sua chefe! E te meti nessa...

— Você não é a minha mãe. É só uma mulher normal, qualquer cara te olharia assim aqui.

— Mas, não, você. — Pareceu triste com a conclusão a que chegou.

— Deveria fazer mais por si mesma como faz para atingir as metas da empresa. Nesse caso, você fica sozinha com o bônus do lucro.

— Dessa vez, é você que está sendo racional. — Levantou-se e cruzou os braços, olhando pela janela o pouco movimento da rua lá fora.

Na cidade, aquele seria um lugar barulhento, escuro, cheio de fumaça e sem visão externa. Ali, o bar tinha uma música baixa, uma luz fraca, cheiro de comida e muitas janelas altas, que batiam na nossa cintura. Estávamos quase sozinhos, as pessoas deveriam estar em suas casas assistindo ao jornal local e jantando.

Levantei também, produzindo um ruído da cadeira no chão e me pus atrás de Rebeca. Toquei seus ombros e acariciei os braços até chegar em suas mãos, desarmando-a do nó em torno de si. Ela se deixou facilmente tocar, fraca de qualquer resistência.

Abracei-a com força e carinho e nossos dedos ficaram entrelaçados, como a cabeça encaixada em seu pescoço. Uma estranha sensação de paz percorreu meu corpo e espírito.

Ela girou-se dentro do laço que a envolvia até ficar de frente para mim, não esperou mais nada, trouxe meu rosto com uma das mãos e me beijou. Aceitei, fechando completamente seu corpo grudado ao meu. Segurei sua nuca, com os dedos em seus cabelos.

Seus lábios tinham o sabor do vinho e estavam gelados. Mas, em pouco tempo a fricção de um contra o outro fez com que se aquecessem. O álcool e a energia daquela toque subiam a temperatura de nossos corpos. Eu não pensava em nada, como se meu cérebro se desligasse. O mundo era longe dali.

Não existia chefe, nem responsabilidades, nem o Brasil, só ela. Quando afastamos nossos rostos, Rebeca sorriu, feliz.

— Eu nunca senti falta do seu sorriso porque nunca conheci. Nem tive vontade de fazer isso porque nunca me deixou me aproximar. Você quis tudo sozinha... Mas, agora, durante esses dias, conheci uma mulher doce, bonita, carinhosa... E não vou conseguir esquecer... — avisei.

Ela mordeu o interior dos lábios e não disse nada, só quis mais beijos. Eu também

queria continuar a sentir-nos tão íntimos. Eu já construía a memória do amor. Esse é o primeiro passo para se amar, ter saudade do que já sentiu e gostou.

Em casa, enquanto seus pais contavam o jogo de futebol na sala, fui até o quarto ligar o computador. Tamires estava online. Conversamos brevemente, mas senti que ela não estava mais tão empolgada. Provavelmente, encontrara outra pessoa no Brasil e eu não tinha raiva por isso, estranhamente. Também não tocávamos no assunto. Despedi-me, desejando que ficasse bem. Ao fechar o programa de conversa, voltei a realidade e senti uma presença atrás de mim, era Rebeca. Ela ainda olhava para tela. Sorriu o sorriso da compreensão dolorosa.

Não quis tocar no assunto de Tamires, a minha realidade agora era o que acabava de acontecer com minha chefe.

Mas eu apostava que Rebeca se sentia para trás, magoada. Eu só supus porque ela não falou nada, limitou-se a puxar o edredom da cama e colocar como barreira no meio do colchão. Deitou-se, ajeitando a cabeça no travesseiro. Era uma mulher madura e sem pressa. Quanto tempo deve ter ruminado aqueles sentimentos, analisado todos os pontos, sem impulsividades até se declarar? Desde que eu entrara na empresa?

Tirei o casaco e coloquei em cima da cadeira. Engatinhei sobre a cama, puxei seu cabelo do rosto e beijei seu pescoço. Ela levantou a mão e acariciou meu queixo, mas sem se virar. Entrei de baixo do edredom, trouxe seu corpo para mim como quem pega um travesseiro leve de plumas. Ela riu e entrelaçou os dedos e dormiu quieta dentro dos meus braços, sem mais exigências.

Quando acordei, estava sozinho. Abri mais os olhos, o sol já estava alto. Levantei e escovei os dentes no banheiro. Não havia ninguém na casa. Voltei para o quarto e encontrei uma grande bandeja de prata com um enorme café da manhã. Sentada na cama, comendo uma torrada estava Rebeca de cabelo preso.

— Está com tanta fome quanto eu? — perguntou.

— Era para você? Ah! Pensei que fosse para mim. — Sentei e peguei um biscoito amanteigado.

— Você não se importaria se eu comesse também, não é? — Piscou e inclinou-se para beijar-me rapidamente os lábios e sorriu. — Vamos fazer um piquenique no rio?

— O dia deve estar ótimo! Claro. — Tomei o copo de suco. — E já começamos aqui, certo? — Ri, sentindo-me feliz. — Dormiu bem? — perguntei.

— Hum-hum. — Balançou a cabeça e deixou o mel pingar na boca em um fio denso vindo do pegador boleado na ponta. Riu com a falta de jeito, ou aquilo tudo tinha sido premeditado porque vários pingos estavam em seu queixo? — Eu não poderia nascer uma ursa, não levo jeito para mel. — Riu alto e procurou o guardanapo. Sorri e beijei seu rosto de falsa inocente, lambi a área de armadilha e logo fiquei prisioneiro do seu beijo adocicado.

Tirei a bandeja da minha frente e pus em cima do criado-mudo, antes que com meu corpo grande e pesado derrubasse com uma só braçada.

Seus olhos cintilavam em expectativa. Puxei sua camiseta e ela engatinhou em minha direção, se divertindo. Beijou-me com a cabeça acima da minha, brincando de descolar sua boca, sem aviso. Levemente bravo, virei-a sobre o colchão e preendi seus pulsos, beijando seu pescoço para o que ela teve uma crise de riso. O barulho da sua gargalhada feliz era tão alegre que eu sentia sair de dentro dela a mulher mais linda do mundo.

Sua irmã bateu à porta perguntando se poderia entrar e ela gritou que não.

— Ela vai ter que esperar — falou baixinho e eu sorri maliciosamente. — Eu já esperei muito tempo. — Acariciou o meu rosto. Fechou a mão na corrente de prata que pendia do meu pescoço. — Você é lindo, mais lindo ainda de perto. Eu desejei tantas vezes estarmos assim... — Riu e escondeu o rosto com a mão. — Não sabe o quanto quero você.

— O quanto?

— O quanto pedir. — Sorriu Rebeca, a mais implacável negociadora da empresa.

Sorri também admirando o quanto podia ser bonita e a beijei com uma vontade já acumulada. Sua irmã bateu mais uma vez e ela fez um grunhido de irritação, rolando para o lado da cama e mandou que Michele abrisse. Diverti-me com a situação e peguei uma torrada da bandeja. Caminhei até a janela e vi o dia ensolarado que fazia lá fora.

Depois de resolver o assunto de Michele, Rebeca trancou a porta e correu na minha direção e me abraçou por trás, era tão pequena perto dos meus ombros largos. Olhei para o lado e sorri, puxando-a para frente. O sol produzia um tom cintilante em sua pele. Envolvi-a nos braços e a beijei com toda a paixão que esperava e que meu coração começava a lhe entregar de boa vontade, conquistado.



Caminhamos em direção ao rio de mãos dadas, sem pressa, respirando o ar úmido e fresco de terra. Rebeca estava radiante, tagarela, risonha. Parecia ter se escondido por muito tempo dentro da casca. Deitada em minha perna, já acomodados sobre a manta estendida no gramado, ela me confessou que, na verdade, evitava ser mais extrovertida comigo com receio de sem querer demonstrar que gostava de mim. Afinal, era minha chefe e havia todos os protocolos.

— Além disso... — Pensou se deveria explicar-se. — ...Eu não achei que pudesse chamar sua atenção. Mas, confesso que não imaginava que estaria tão feliz como agora, aqui, tão perto de você. Posso sentir o seu coração, as suas mãos, o seu calor... — Sentou-se e acariciou o meu rosto em devoção. — Não sei o que tem em você que me faz sentir

emocionada.

— Ótimo, eu te faço chorar?! — zombei.

— Não, me faz sentir com mais força tudo. Como seu eu visse os tons em rosa choque. Desculpe, devo realmente estar te assustando. Não quero que se sinta cobrado a corresponder. Eu sei que tem uma namorada no seu país e uma hora vai voltar para ela... — Abaixou a cabeça e perdi um pouco a sua voz, que se abafou. — Eu senti muito quando partiu. Irritei-me facilmente com a secretária que me arrumaram e mandei que ela não tocasse em sua mesa. É ridículo, mas eu queria ver sua mesa todo dia como deixou para ter a impressão de que a qualquer momento entraria com o meu café na mão.

— Eu senti que devia voltar. Não sei explicar por quê. Eu estava bem no Brasil e, até tinha começado a gostar da moça a que se referiu, mas eu queria loucamente estar de volta para o espaço que conquistei.

— Eu não posso ter o prazer de saber que voltou por mim, mas estar aqui de novo já considero como um ganho muito grande. Aliás, um empréstimo, afinal, não será para sempre.

— Como não sou de ninguém, isso pode ter seu lado positivo.

— Mas e o seu coração? Ele pertence a alguém? — quis saber.

— Não posso te responder. Várias pessoas podem pegar nosso coração e amá-lo. Mas, só quereremos que uma o ame verdadeiramente.

— Está me dizendo que ama o fato de alguém te amar? — Franziu a testa.

— Acho que é ambos os lados devem despertar o mesmo sentimento de gostar de ser amado. Pode parecer narcisismo, mas é preciso admirar quem nos ama.

— Você me admira? — perguntou, inesperadamente.

— Por algumas coisas, sim, por outras, não. Você se portou incrivelmente doce esses dias, mas é capaz de ser amarga, fria e impiedosa. Essa face é a que mais conheço.

— Eu não queria ser assim. Mas, aos poucos descobri que fui crescendo com essa metodologia e não quis mudar para não perder o ritmo... Só que ao ver que isso não me fazia conquistar você eu ficava triste e ainda mais má... Nossa, eu sou um ser humano horrível. — Deixou-se cair de costas na manta, dramaticamente.

— Não é o que eu vejo. — Acariciei-lhe os cabelos. — Mas, será difícil admirar uma pessoa todos os dias quando o resto do mundo não sente o mesmo. Acho que sabe o que quero dizer. Quantas vezes viu os funcionários da empresa virem a minha mesa, brincarem, me convidarem para as festas e finais de semana? Você não admirava a devoção que tinham a mim, um cara sempre palhaço, extrovertido e tranquilo? Então, eu também vou acabar te vendo pelo olhar das pessoas.

— Kali — interrompeu-me com uma voz séria e solene. — Eu sou capaz de mudar

para ser isso que espera.

— Não precisa ser tão bruscamente, eu só falei... — Comecei a rir, seu amor potente me assustava bastante.

— Ok. Eu vou te mostrar. — Profetizou e buscou a cesta de comida. — Deitei sobre sua perna, como me pediu, depois de comermos. Ela fez carinho na minha cabeça, rosto e braços com muita ternura. — Você é o que quis por tanto tempo, eu te admiro muito, Kali. Todas as noites que fechei a porta do escritório, desejei em pensamento com toda força em te ver na manhã seguinte. Eu te atraí de volta. — Sorriu.

Quando voltamos para a cidade, eu temi que Rebeca continuasse a ser fria e calculista como se mostrava antes da viagem. Mas, ela realmente iniciou as mudanças que prometera.

Começou a dar “bom dia” e a aprender o nome dos funcionários menos importantes na hierarquia da empresa. Reservou tempo para reuniões de motivação para equipes que atingiam resultados. Logo começou a ser realmente o assunto de todas as conversas.

A conspiração do momento era *quem* tinha roubado seu coração, pois nada seria forte o suficiente para transformá-la. Mas, a maior prova de todas se deu na manhã que ela me viu conversar com meu irmão sobre o aniversário de Tamires.

Rebeca sentou-se em sua mesa e se manteve aparentemente calma como era de se esperar de uma mulher sensata e madura. Desliguei e ainda olhei o aparelho em minha mão por um tempo. Avisei-lhe que teria que tirar uns dias para ir ao Brasil. Ela perguntou burocraticamente se eu já tinha procurado o presente certo.

— Eu... — Não soube o que lhe responder. Não queria lhe oferecer isso em troca, depois de tanto amor e trabalho para me conquistar.

Ela levantou e pegou uma caixa em cima do armário atrás da mesa.

— Ganhei de um fornecedor que queria alguns privilégios, não é muito ético, mas... são coisas da profissão. — Deu-me. — É um bom computador. Ela é jovem, vai gostar. — Sorriu um sorriso que não era seu, parecia comprado em uma loja na sessão “*como demonstrar que pode engolir a namorada dele*”.

Rebeca também era jovem e bonita também, aliás, era poderosa. Ninguém, em seu lugar, se portaria desse modo respeitoso e sem cobranças. Senti-me pior por isso.

— Aproveita e se esconde em uma grande caixa com uma fita vermelha. Salta de dentro no meio da festa. Imagina o impacto! — Piscou para mim em uma fina ironia.

— Pare, não precisa fazer isso...

— Tudo bem. — Pegou uma pasta que estava na mesa e sua caneta dourada. — O voo fica por nossa conta. — Dirigiu-se para a saída e não pude segurar seu braço para impedir.

Esperei que voltasse tarde da noite para buscar sua bolsa. Não sairia sem me despedir.

— Rebeca, eu...

— Tudo bem, não precisa se esforçar para falar. Eu já te vi partir, Kali. E sempre soube que aconteceria de novo. Espero que você também encontre suas certezas... Eu preciso ir. Ah! Eu prefiro que saiba essa notícia por mim, primeiramente. Acho que não podemos ficar na mesma empresa. Sabe que estamos sobre um código de ética que não aceita isso... Eu posso conversar com o RH para transferi-lo de setor. Só que não é o que quero... Acho que tem potencial de uma coisa muito maior. Já fiz alguns telefonemas. As propostas vão chegar e só terá que escolher.

— Você moveu mundos e fundos para que me afastassem de você?

— Não, Kali. — Sorriu, triste por ver que ainda pensava mal dela. Suspirou. — Eu fiz de tudo para que o mercado reconheça que é bom. Não posso prendê-lo aqui como meu amuleto da sorte. Você é mais que isso, é um homem que quer ser reconhecido. E, se eu gosto de você, tenho que ser a primeira a mostrar dessa maneira. Você é como um pássaro que pousou perto de mim, eu posso admirá-lo o quanto for possível, mas uma hora vai voar. — Sua voz embargou ali, respirou. — Eu vou precisar tirar só a sua mesa da sala, não dá para conviver com ela.

Eu não tinha palavras, nem podia me aproximar. A sala de vidro tornava tudo público, exceto nosso diálogo.

— Eu preciso ir... — falei baixinho.

— Eu sempre soube. — Sorriu e saiu.



A viagem para o Brasil fora pouco entusiasmante. Eu fiz tudo como deveria ser feito e o que se esperava de mim. Levei o computador comigo, pesava no meu colo mais que seu volume físico, pois representava a dor de Rebeca em me perder.

A festa surpresa estava tão agitada como deveria ser e eu tentei aparentar o mais animado possível. Mas, infelizmente, o disfarce estava me deixando incomodado naquele figurino. Tamires não me pareceu tão interessada quando propus que terminássemos a noite do seu aniversário juntos. Disse ter gostado do vídeo que eu tentara fazer no “pacote surpresa” e agradeceu.

Deixei-a em casa e não acreditei muito que estávamos assim, naquela relação meio morna, quando era para ser excitante!

Sozinho no volante do carro, disquei o número de Rebeca e esperei chamar. Ela atendeu.

— Como está? — perguntei.

— Alguém te contou?

— O que eu deveria saber?

— Minha avó não está bem. Levei-a para uma clínica. Está se recuperando lentamente. Não vou ao trabalho há dois dias. Ela é mais importante agora... Desculpe, como foi a festa de aniversário da sua namorada? — perguntou, como por obrigação.

O que eu poderia lhe dizer? Que fora uma festa com muita música, comida, uma garota distante de mim e um grande vazio.

— Logo estou de volta. Já perdi minha mesa?

— Recebeu algum retorno dos lugares que te indiquei? — preferiu mudar de assunto.

— Sim, nem sei qual escolher. — Ri. — Mas, não é isso que importa agora. Eu... quero *te ver*.

— Deve ter um voo a sua espera — falou docemente.

— Vou correr para não me atrasar.

— Aceito chegar atrasado com meu café.

Desliguei sentindo-me melhor e com um sorriso nos lábios. Eu estava muito cansado quando desembarquei, mas só precisava pegar um táxi para chegar ao endereço do hospital.

Encontrei-a no refeitório, tomando café. Sentei ao seu lado e a abracei com toda saudade. Falei em seu ouvido que estaria ali para apoiá-la.

Beijei-lhe os lábios e segurei sua mão com força.

Sua avó se recuperara, mas outra pessoa ficara mal dessa vez. Um acidente no Brasil com Tamires novamente abalou as certezas de Rebeca, apenas alguns dias depois da minha volta.

Eu já estava desempregado quando recebi a notícia, por isso, tinha mais tempo livre para visitá-la. Embarquei novamente para o meu país. Sentia-me um pouco culpado por não ter dado a Tamires a atenção que merecia desde que a deixei.

Fiz indevidamente promessas, desesperado com a possibilidade de perdê-la com alguma morte repentina e ver aumentar minha culpa. Mas, eu estava errado, ela não queria de mim mais do que eu também sentia. Depois de uma última conversa, explicou-me que desejava estar sozinha. Suas palavras me libertavam finalmente para poder só enxergar claramente Rebeca em minha mente. Era difícil amar quando ainda se tem um parêntese não fechado no coração.

Mas, dessa segunda vez, será que a teria me esperando? Eu não merecia, depois de ter feito a opção de regressar para ver Tamires. Veio um frio na barriga e medo de não ver mais em seus olhos todo amor que me mostrara e eu ainda queria.

Quando toquei a campainha da casa de Rebeca de manhã, senti receio de encontrar os

olhos frios e afugentadores da chefe que todos aprenderam temer.

A empregada atendeu e pediu um instante. Depois, recebeu autorização para abrir. Subi pelo elevador do prédio até o vigésimo andar. Quando abriu, a mulher parecia visivelmente agitada, nem mesmo esperou que entrasse e correu para a cozinha dizendo exclamações em espanhol. Fechei a porta assustado e segui atrás.

Rebeca estava reclinada, se apoiando na beira da bancada de granito. No chão, havia sangue por toda parte em grandes poças e vidros espalhados. Seu pé descalço se esvaia em sangue como uma goteira, mas Rebeca pareceu esquecer-se disso quando nossos olhos se encontraram e se sustentaram por alguns segundos. Ela voltou a olhar o chão e pulou em um pé só para buscar o pano de prato em cima da pia, mas não o alcançou.

— Quer que eu chame o médico, senhora? — A mulher estava realmente assustada com a quantidade de sangue, mas Rebeca pareceu não se estranhar com isso e disse que estava liberada por todo o dia. Sua voz não era fria, apenas distante e cansada.

A empregada pegou o casaco e saiu, ainda pouco convicta de que Rebeca ficaria bem.

— Não deveria cuidar de outra pessoa? — perguntou-me com mágoa, esticando ainda o braço para alcançar o pano.

Caminhei com os sapatos por cima do vidro e ela se recolheu, intimidada pela proximidade. Facilmente a suspendi nos braços. Ainda estava de camisola de seda branca e tinha o cabelo úmido, caindo nos ombros. Estava com o rosto fechado. Não se sentia feliz por me ver? Eu tinha voltado!

Tirei o vidro da sola do meu pé e fiz um curativo com algodão e esparadrapo que encontrara em uma caixa no banheiro por sua indicação. Quando terminei, ajoelhado em sua frente, levantei os olhos e encontrei os seus mais serenos.

— Você precisa de alguém que cuide de você... — falei baixinho, com o rosto próximo ao seu.

— Eu não posso precisar... — Seus olhos cintilaram, úmidos. — Porque quando você vai embora, eu fico quebrada como esse copo e com meu coração sangrando.

Eu sorri, a imagem era demasiadamente trágica para uma mulher tão pragmática, mas atingiu em cheio minha emoção pela sinceridade com que confessava.

— Nunca mais vou te ferir — Afastei seu cabelo do rosto com as duas mãos. — Eu quero que seu coração me ame. Eu estou solteiro e vim para ficar de vez... E quero de confessar que eu... te amo, Rebeca.

— Mas... — Ela ousou argumentar, mas beijei-a matando suas palavras de dúvidas com meus lábios.

— Eu senti tanto a sua falta. — Abraçou-me. — Eu nunca mais vou renunciar você

para ninguém. — Segurou meu rosto. — Kali, ninguém te ama mais do que eu.

— Então, eu quero todo seu amor. — Coloquei seu braço ao redor do meu ombro e a tomei novamente nos braços até o quarto.

Beijei-a, sendo completamente seu agora.

Abaixei as alças e beijei seus ombros e seios com tanta vontade e curiosidade. Não havia mais nenhuma mulher em minha cabeça e coração que não fosse ela. Eu estava feliz por ter deixado Tamires bem e agora poder voltar para viver o amor que tinha por minha ex-chefe.

— Ah! Kali, eu te desejo assim desde o dia que te vi pela primeira vez... Quero você inteiro... — Ajudou-me a arrancar a blusa com força e olhou meu corpo com devoção... — Hum... Sua pele é melhor que chocolate... — Cheirou, lambeu, mordeu, arranhou.

— Então, me dê beijos de chocolate. — Ri e já livres de tecidos, deixei que sua mão me explorasse meu abdômen como quadradinhos de barras de chocolate. — Eu também tenho vários desejos secretos com você... — confessei, mas, minhas palavras morreram quando sua boca chegou lá e sugou gota a gota todo ele.

— Karen! — Gemi e a trouxe para mim, não querendo ficar mais nenhum segundo longe dos seus beijos e suas pernas.

Caímos exaustos e a abracei com força e proteção. Estava tão pequena e frágil em meu abrigo que eu me sentia mal por ter cogitado um dia em deixá-la para trás. Nunca mais faria isso. Seria para sempre seu par. E ela, minha bailarina workholic!

Fiz carinho em seu cabelo e lhe prometi amar para sempre em seu ouvido, provocando seu riso baixinho e sonolento.

Parte 4 (Andy e Felipe)

Meu coração lhe sorriu
(Andy)

Como se volta para casa se não há quem te espere, nem casa pra voltar? Descubro que só tenho ao meu corpo. Logo meus bens seriam confiscados e dados a Priscila e seu filho. Eu estava tão abalada que tinha medo do que a solidão produziria em mim. Se me esquecesse no sofá, poderia nunca mais achar coragem para levantar.

A viagem de férias me afastara fisicamente do lugar onde aconteceram os fatos, mas não dos fatos em si, todos eles estavam vivos e presentes na minha cabeça, bastava o efeito dos calmantes passarem para emergirem como bolhas de ar subindo para a superfície.

Entreguei-me ao trabalho depois de um mês afastada. Eu já perdera as ambições, mas meus pacientes precisavam de minhas mãos e dos conhecimentos ainda guardados na minha mente. Eu não sentia que tinha motivos para viver, porém, eles precisavam ser ajudados e isso me dava um rumo.

Na manhã que retornei à clínica, fazia um sol claro e esbranquiçado, raiando pelas árvores molhadas de chuva. Ele se mostrava para mim como exemplo de que é possível surgir luz após a tempestade. Não consegui sorrir nem pela imagem bonita da manhã. Meu corpo movia-se em linha reta maquinalmente para a porta de vidro da entrada.

Abri-a com meu jaleco pendendo no braço direito. Assinei minha presença na ficha da recepção. Devolvi o livro e percebi que era observada com olhos arregalados pelas funcionárias. Todos deviam saber da minha vida como a novela das oito que publica o resumo semanalmente no jornal.

Deixei-as com a pena que sentiam de mim para trás e segui rumo a minha sala. Guardei a bolsa e vesti o jaleco. Procurei meu crachá na gaveta e encontrei um rosto desenhado, olhando para mim, como um reflexo. “Até”, estava escrito abaixo do autorretrato que Felipe desenhara para mim. Pressionei um lábio contra o outro, como pude beijá-lo? Isso teria arriscado meu emprego! Logo o que tanto precisava agora!

Bati a gaveta de volta. Não, eu nunca mais o olharia daquela maneira. Respirei fundo diante do salão cheio de crianças se exercitando. Conferi a pasta com os prontuários. Sabia fazer aquilo, bastava desligar minha mente e usar apenas o raciocínio médico estritamente técnico.

O primeiro paciente do dia foi uma menina de dez anos acompanhada da mãe, que empurrava sua cadeira. A garotinha estava emburrada, sem qualquer vontade de começar a

fazer mudanças. Um quadro com o qual já estava muito acostumada. Bateu um medo de também não ter nada a lhe oferecer psicologicamente. Era um vaso vazio. Sua mãe encarou-me esperançosa e isso piorou bastante meu pânico.

Aquele horário estava especialmente reservado para crianças. A clínica era conceituada pelo seu alto padrão de atendimento com piscinas de grande porte, equipamentos de ponta importados, profissionais renomados e um ambiente de verdadeira recuperação.

Oferecíamos cursos artísticos, palestras sobre os direitos dos portadores de deficiências, oficinas e encaminhamento para unidades para esportivas. Eu me orgulhava de fazer parte daquele plano maior de desenvolvimento humano. Isso valia mais do que os prêmios e troféus que acumulávamos nas prateleiras. Senti vontade repentina de empreender um projeto de pós-graduação e defender esse tema através de uma pesquisa formal. De repente, me dei conta que havia tempo e liberdade para tudo que desejasse agora.

Por hora, eu tinha uma paciente emburrada e uma mãe ansiosa me olhando. Quando abri a boca para falar-lhe, seus olhos se arregalaram e as covinhas ficaram fundas com o sorriso que começava a abrir até que deu uma gargalhada. Sua mãe também ria. Franzi a testa e ergui meu tronco inclinado sobre a menina. Quando olhei para trás, tomei um grande susto. Um homem vestido de palhaço, com o rosto pintado de branco, uma bola vermelha no nariz, sapatos de bobo da corte e uma flor no jaleco me imitava. Pus a mão no peito para respirar e ele fez o mesmo. Eu não estava sabendo dessa novidade na clínica. Contrataram um “médico da alegria”?

Eu procurei uma colega com os olhos e balancei a cabeça em pedido de explicação. Ele percebeu e correu até ela. Gesticulou como quem quer saber de algo e depois apontou para si mesmo, achando a própria resposta e fez uma grande expressão de espanto. Marchando feito um soldado afetado, chegou até mim e estendeu a mão para apertá-la. Eu aceitei, mas ele apertou meu nariz. A garotinha riu alto ao meu lado.

O palhaço foi até o canto oposto, pegou o peso que um menino usava para fazer a série e fingiu que caíra bruscamente de sua mão como se fossem toneladas. Agachado, como fazem os levantadores de peso profissionais, tentou erguer os halteres. O palhaço fez uma cara de que algo ocorreu com sua calça. Virou o rosto para trás e a gargalhada foi geral. Levantou o jaleco e lá estava o rasgo mostrando a sunga de bolinhas vermelhas. Toda a sala estava hipnotizada com seu pequeno espetáculo. Sempre admirei o humor do cinema mudo, quem conseguia com trejeitos e caretas montar personagens e cenas era o artista verdadeiro!

Agora, minha paciente estava disposta a tudo e eu nem precisara fazer esforço. Aquele anjo bom enviado por Deus conseguira arrancar o sorriso da pessoa mais triste de todas ali, eu. Quando isso aconteceu ele me ofereceu a flor do seu bolso. Peguei-a e um jato de água espirrou no meu rosto. Então, ele puxou um lenço gigante que nunca parava de sair. Ri ruidosamente e senti os olhos cintilarem, eu estava sensível demais.

Mostrei a minha paciente como deveria fazer sua primeira série e corri para a sala.

Precisava beber uma água e me equilibrar. Engoli sem vontade, mais para obter um efeito psicológico calmante e me apoiei contra a mesa, fitando o chão. A porta se abriu e o palhaço entrou.

— Oi. — Virei-me de costas para que não visse meu rosto. Joguei o copo fora e comecei a lavar minhas mãos. Engoli em seco para desentupir minha garganta do grande nó de choro. — Parabéns pelo trabalho que fez! Essa clínica inventa todo dia uma coisa nova. Qual o seu nome? — Olhei para trás rapidamente para mostrar naturalidade e vi que ele não se desarmara do personagem. — Hei, o que está aprontando? — perguntei, secando a mão no papel. Atirei-o no lixo.

O palhaço veio até mim com um medidor de pressão. Com um ar categórico, puxou uma cadeira e me fez sentar. Senti-me ridícula, mas disposta a participar da brincadeira. Argumentei que precisava voltar e ele fez que não com a mão enluvada de branco. Colocou a faixa no meu braço e encostou o medidor redondo metálico na minha testa.

— Acho que não é aí! — Fiz uma careta e ri. Ele bateu na cabeça e revirou os olhos para me mostrar que devia ter lembrado desse detalhe. Depois, pousou-o no meu peito, em cima do meu coração. — Vou te ajudar, você coloca no pulso...

Ele não tirou o aparelho do meu coração. Inclinado com o rosto bem próximo do meu, senti que estava hipnotizada. Deve ter escutado o quanto meu coração disparava. Então, deslizou o dedo indicador enluvado nas maçãs do meu rosto, parecendo recolher uma lágrima imaginária. Inclinou a cabeça para o lado com semblante de questionamento. Puxei bruscamente a faixa do meu braço e retirei sua mão do meu coração. Levantei, abrindo passagem com meu corpo. Tossi duas vezes, havia sido extremamente grosseira e bruta. Peguei um copo plástico e novamente o enchi de água. Não estava mais com sede, mas tinha que dissimular naturalidade. Virei e o vi me olhando seriamente, sem expressões de palhaço.

— Preciso voltar a trabalhar, não vai me dizer seu nome? — perguntei, forçando na cordialidade.

Não respondeu. Seus olhos, seu silêncio...

O copo cheio de água caiu da minha mão.

Ele sorriu.

Intercessor (Felipe)

A primeira vez que vi Andy, assim que nos conhecemos na minha primeira consulta, ela estava do outro lado do vidro da sala, brincando com uma menina em cima do tatame. Quando fomos apresentados, já sentira logo um descompasso ao me deparar com aquele rosto bonito, seus olhos negros e os cabelos compridos sobre os ombros.

Andy me ajudara a querer andar novamente, respeitara meu tempo e entendera como ninguém meus sentimentos. O resultado disso foi que, com muito trabalho e vontade, dominei novamente o movimento nas minhas coxas e me adaptei bem as próteses. Porém, não eram só minhas pernas que ganharam vida, meu coração também se sentiu grato por pulsar outra vez.

No dia em que nos beijamos, eu voltara a ter vontade de falar e lhe disse o quanto a achava linda. Porém, Andy não estava nada lúcida e provavelmente se esquecera. Depois do beijo, em que eu pensava ser o começo de algo, ela desaparecera.

Procurei arrancar informações das outras médicas da clínica, mas tentaram manter reserva absoluta. Eu não podia explicar que era mais que apenas paciente. Os jornais, no entanto, logo me deram todas as respostas. O seu marido havia sido encontrado morto por overdose em um motel medíocre. A fisioterapeuta da alta sociedade que trabalhava por amor e por autorreconhecimento agora precisava se esconder de todos.

Eu tinha certeza de que um dia ela encontraria forças e eu queria estar lá para revê-la. Pensei em uma maneira de não me afastar da clínica. Foi quando ouvi uma das médicas comentarem sobre um trabalho de voluntários que se vestiam de palhaços para motivarem os pacientes. Ofereci-me a aprender e implementar na clínica. Ninguém entendeu minhas motivações, mas concordaram que seria bem inovador tentar. Dessa maneira, eu teria uma desculpa perfeita para ficar por mais tempo no lugar para onde Andy regressaria, eu só não sabia quando.

Não foi nenhum esforço ajudar aquelas crianças a sentirem novamente vontade de sorrir, era um meio de eu me lembrar que ainda estava vivo e tinha a chance de fazer o bem. A espera por Andy se tornava cada vez mais produtiva até que já me esquecia de perguntar sobre ela insistentemente. Foi em uma manhã chuvosa que escutei na recepção o comentário de que ela voltaria ao trabalho. Meu coração acelerou e eu fiquei nervoso enquanto me produzia no banheiro. Será que me reconheceria por trás da maquiagem, peruca vermelha e chapéu?

Pensei que me sentiria feliz, mas, na manhã que vi o rosto de Andy na sala, enquanto tentava arrancar-lhe algum sorriso com a brincadeira do medidor de pressão, senti uma profunda tristeza. Seu coração passava pela minha mão uma energia depressiva, como se me

usasse como um fio condutor. Ela se afugentou. Porém, ainda não havia me reconhecido. Nunca esperaria que eu me recuperasse tão bem e me tornar um palhaço voluntário na sua ausência.

Depois da morte do marido nas circunstâncias dramáticas, não havia mais luz, nem sorriso, era perfeitamente uma mulher na zona de sombra. No seu dedo já não tinha a grossa aliança que tantas vezes me lembrou de que eu não podia me aproximar dela. No seu pescoço não pendia a grossa letra “M” de ouro. Estava magra, extremamente branca e frágil.

Espantado com o que fizeram com ela, esqueci de sorrir também. Foi neste momento que Andy reconheceu meu rosto e deixou o copo cair no chão. Sua mão segurou a cadeira ao seu lado e ela se sentou.

Uma médica abriu a porta e nos olhou. Veio avisar sobre a paciente que Andy deixara lá fora. Fiz um sinal discreto de que não ia ser possível para Andy. Ela entendeu e respondeu que poderia cuidar disso. Deixou-nos sozinhos outra vez.

Andy olhava fixamente para a poça no chão, parecia não nos ouvir. Puxei outra cadeira e me sentei ao seu lado em silêncio. Ela tinha as palmas das mãos voltadas para cima sobre os joelhos, em uma postura de fraqueza e recolhimento. Uma lágrima caiu de seus olhos e a apanhei com o indicador na maçã do seu rosto. Andy segurou-a e fechou as pálpebras por alguns instantes. Retirei a luva branca aveludada e agarrei sua mão com a minha, deixando-a sentir o aperto quente e macio. O toque a fez levantar os olhos para mim.

— Eu acho que não sirvo para trabalhar hoje, nem pra ficar aqui... — Esfregou o rosto com as costas da mão livre. — Vou embora.

Eu queria lhe dizer que para mim Andy servia de qualquer maneira, que tinha esperado tantas semanas para revê-la que poderia ficar toda a tarde amparando-a. Mas, respeitei seu desejo e abri passagem. Ela apanhou a bolsa da mesa e a pôs sobre o ombro. Parou por um segundo e me encarou.

— Eu não sei se... se foi coisa da minha imaginação. — Riu. — ... Deixa, agora não tem importância... — Balançou a cabeça para os lados. Fiquei de pé e ela recuou alguns centímetros, temerosa. Olhou para minhas pernas perfeitamente firmes, engoliu em seco. Não estava acostumada com a situação inversa em que ela precisava de amparo. — Eu... eu tive a impressão de que da última vez você falou...

Sorri largamente.

— ... Desculpe, eu estava... meio alta — confessou baixinho. — Mas... ouvi você dizer alguma coisa... Você voltou a falar também?

Ri agora me divertindo por saber que tinha alguma lembrança daquele dia. Acho que a envergonhei por isso porque se precipitou rapidamente para sair. Virei o rosto para trás e a vi já de costas.

— Eu não só falei, ou esqueceu? — disse-lhe com a voz grave, quase rouca.

Andy forçou um sorriso de despedida, fechou a porta, acho que preferia não lembrar do beijo. Mas, eu não desistiria.

No começo meus pais me apoiaram sem questionamentos a iniciativa de fazer trabalho voluntário na clínica. Qualquer coisa que me tirasse de casa e me fizesse voltar com um sorriso era válido para eles. Mas, quando cheguei com a nova notícia, eles estranharam. Depois de tentar voltar ao meu emprego no jornal sem sucesso, pois a minha vaga já havia sido preenchida, eu decidi dar um rumo novo na minha vida. Aliás, a vida já se encarregara de mudar minha rota, eu apenas estava me acostumando com o novo trajeto.

Na clínica, aqueles que já estavam praticamente recuperados podiam frequentar aulas de natação na grande piscina que havia l . Uma vez superadas as deficiências dentro da água, era encaminhado a um clube próximo, onde havia equipes de pessoas como nós. Havia algumas crianças muito desmotivadas que tinham um processo mais lento de recuperação. Suger  a coordenadora da clínica que a brincadeira do Médico da Alegria tivesse intervenção t mb m na piscina. Assim, incentivar amos as outras crianças a quererem participar. Ela achou ótima a ideia, porém, me advertiu que, se desse muito certo, precisaria que eu fosse mais qualificado para estar à frente das aulas. Foi por causa disso que tomei uma nova decisão:

— Eu vou começar a fazer faculdade de educação física — anunciei no jantar.

Senti que, quando trocaram os olhares, estavam telepaticamente se questionando se eu não sofreria ainda mais com a falta de uma mobilidade natural durante um curso que me exigiria certas habilidades físicas. Antecipei-me a garantir que gostaria de aprender para trabalhar nesse campo específico com foco nos portadores de necessidades especiais. Perceberam que eu falava a sério e não se intrometeram.

Minha irmã Tamires mais tarde se sentou na minha cama e apoiou a cabeça na mão. Sabia que viera debater o assunto.

— Gostei da sua ideia. Mas, ela tem a ver com a sua fisioterapeuta? — perguntou.

— Não sou mais seu paciente — respondi rabiscando um desenho no caderno, sentado na poltrona do canto do quarto.

— Hum... E por que a está desenhando?

Levantei os olhos do caderno.

— Foi só um chute, você tem essas fixações. Poderia fazer uma série para cada mostra de autorretrato das suas namoradas.

— Vou pensar nisso — continuei rabiscando com o lápis.

— Gosta dela?

— Gosto — respondi sem entusiasmo, esfregando o dedo para esfuma ar um traço.

— Muito quanto?

— O que está pegando, Tamires? — encarei-a.

— Há algumas coisas que, se gosta muito dela, vai precisar saber para ajudá-la.

— Do que está falando? — perguntei, curioso. Queria saber tudo que fosse possível para ficar mais perto de Andy.

— Você sabe tudo que aconteceu com ela? — perguntou.

— Não falamos do assunto. Só o que foi noticiado. Imagino que deva ter mais pela sua cara...

— Tem. — Fez um rosto tão grave que eu larguei o caderno de lado e me inclinei para frente da poltrona, a fim de dar-lhe toda a atenção e não perder nenhum detalhe. — Eu comecei a trabalhar com a melhor amiga da Priscila. Quero dizer, ex-melhor amiga.

— Sim, aquela advogada. Que tem?

— Ela tinha um relacionamento secreto com o marido da Andy. E... não foi só isso, está grávida.

— Andy sabe de tudo?

Minha irmã balançou a cabeça afirmativamente. Eu estava chocado, isso explicava o estado de ânimo sempre apático de Andy, ela parecia ter levado uma pancada forte na cabeça, se esquecia de nomes, horários, rotinas. Uma dispersão estranha a seu estilo sempre responsável.

— E não para por aí. Agora vem a parte que envolve nós dois. — Apontou para mim e depois para o próprio peito. — As duas estão fazendo uma verdadeira bagunça cósmica e eu estou servindo de mediadora. Não tenho mais paz. O Marcelo, o falecido marido de Andy, não consegue descansar, as duas chamam por ele o tempo todo e não diminuem com isso seu sofrimento. Já me pediu auxílio, mas eu não tenho como amparar os dois lados. Vou precisar de você.

— Claro — respondi, absorto, já tentando imaginar uma maneira de me aproximar de Andy para tocar nesse assunto. Rapidamente concluí que seria uma tarefa bastante difícil. Não havia esse grau de intimidade. Se bem que, ganhar intimidade era justamente meu propósito. — Não sei quanto tempo vou precisar, mas tentarei.

— Obrigada. Eu acho que nós dois fomos atraídos para as polaridades opostas da situação como almas intercessoras.

— Entendo... — Pensei na cadeia de circunstâncias que entrelaçaram nossas histórias, começando pelo acidente que levara minhas pernas, mas me trouxera Andy. — Eu sinto que, quando estou com ela parece que já a conheço, como se tivesse sido um grande amigo, um irmão... não sei dizer.

— Às vezes, você não foi um dia uma pessoa boa para Andy em outra vida e é o momento de ajudar para evoluir. No fundo, ela deve ter um pressentimento inexplicável disso também.

Meu novo colega de trabalho (Andy)

Já havia saído do meu apartamento e alugado uma pequena casa no subúrbio com jardim e uma garagem. Era bem modesta, mas espaçosa e localizada em uma vila de casas iguais a ela, onde pessoas sentavam no portão no fim da tarde para verem as crianças brincar. O bairro era um pouco afastado do trabalho, mas era arborizado, simpático e bem cuidado. Eu estava começando a me sentir melhor, com uma sensação de vida nova. Hoje, no trabalho, estive mais atenta e empenhada. Tudo ia bem, só por um detalhe, eu começava a ficar irritada com meu antigo paciente Felipe, que virara o centro de tudo na clínica.

Todos gostavam da maneira cativante como brincava com as crianças vestido de palhaço. As mães o abraçavam, agradeciam e lhe enchiam de presentes. A coordenadora da equipe médica já o indicara para algumas entrevistas em jornais e revistas especializados no tratamento de deficientes.

Eu tinha que reconhecer que estava com muito ciúme do seu destaque. Ele era só um paciente que não andava e me devia a ajuda por alguns conselhos. Agora era livre e independente de mim. Pegara algumas das minhas advertências contra seu pessimismo e transformara em uma revolução de coragem e ânimo que pulverizava em todos que passava. Ainda era bastante calado, mas não precisava de muitas palavras, sabia se expressar com os gestos e caretas em uma sintonia perfeita com as crianças.

Não é certo e até feio, mas, eu estou com ciúme e irritada.

Sua pele desbotada pelo abatimento dera lugar a um bronzeado brilhante e bonito. Os braços se tornaram fortes, cortou o cabelo, começou a se vestir melhor e ficou de pé. Tê-lo a minha altura, se movendo como eu, o tirava do posto de paciente para o de um colega de trabalho.

Quando passava por mim, tinha vontade de olhá-lo. Começava a me punir por isso. Não ficaria com mais ninguém quem dirá com um rapaz cinco anos mais novo. A cada vez que ele produzia em mim uma necessidade de estar próxima, mais eu me sentia uma fraca.

— Já viu o novo professor de natação? — Uma colega apontou para a piscina e me pegou pelo braço para ver.

— Uau, só pelas costas já aprovei. — Ri baixinho e chegamos próximas a borda da

piscina onde um homem usando calça azul larga e uma camiseta branca colada escrita “Educação Física” apitava.

— Oi. — Ela o cumprimentou para chamar a atenção.

Engoli em seco.

— Vamos lá, Rodrigo. Levanta a cabeça para respirar! — Felipe gritou e depois se virou para nós duas. — Oi. — Sorriu e senti minha colega apertar o meu braço que segurava.

— Shiii, meu paciente chegou ali, já vou. — Soltou-se de mim e me deixou sozinha.

— Não sabia que podia dar aulas de...

Felipe sorriu abertamente de uma maneira quase punível. Como podia ser tão bonito?!

— Eu não sabia que podia fazer muitas coisas e, por não saber, fui lá e fiz. — Riu. — Não gostou? — percebeu que eu tinha esquecido de rir.

— Que legal. — Levantei as sobrancelhas.

— Você não acha que deveria se desligar um pouco daqui e procurar voltar para a sua vida normal?

Péssimo.

Totalmente dispensável o que falei.

Não me reconheço mais.

Ele não deve mais me reconhecer!

Felipe não respondeu e seu sorriso diminuiu. De repente, percebi o quanto tinha sido grosseira e mesquinha. Meu rosto começou a esquentar de vergonha e arrependimento.

— Mais duas voltas, campeão! — Felipe animou com palmas o garoto que acabava de chegar a borda próxima aos nossos pés. Depois, voltou-se para mim. — Por que você também não vai embora depois que ajuda algumas pessoas?

— É o meu trabalho.

— Agora também é o meu — respondeu friamente. — E, desculpe se não posso mais voltar para a minha vida normal — disse ironicamente e ferido.

Eu queria dizer um milhão de coisas para reverter a situação, mas nada ajudaria.

— Felipe, eu...

— Que moleza, pessoal, vamos, vamos! — Apitou longamente até irritar meus ouvidos propositalmente para me afastar.

Virei as costas e sai me sentindo péssima, um monstro. Esperei que ele acabasse sua aula para ter uma oportunidade de dizer o quanto eu não queria ter dito aquilo. Encontrei-o na

lanchonete da clínica, debruçado sobre o balcão, conversando baixinho com a funcionária. Ela tinha um olhar de adoração e soltava suspiros. Revirei os olhos e pedi um pedaço de bolo da vitrine a fim de cortar o papinho dos dois. Senti o olhar de Felipe sobre mim, mas me mantive firme.

— Posso conversar com você? — perguntei, enfiando o garfo com força na fatia.

Procurei a mesa mais distante e próxima a uma janela. Ele me seguiu mais atrás, ao puxar a cadeira, seu caderno velho cheio de orelhas caiu do seu braço e parou no meu pé. Inclinei-me para pegar e o vi aberto. Fui mais rápida e o puxei da mão de Felipe. Folheei. Havia vários desenhos do meu rosto em diferentes ângulos. Levantei os olhos com o coração embevecido. Ele estava arranhando o tampo da mesa absorto. Delicadamente tomou de volta e tirou o lápis enfiado no fino espiral. Sem qualquer explicação por ter me tomado como objeto de reprodução artística, voltou a rabiscar.

Mordi meu pedaço de bolo e tentei processar melhor meus sentimentos antes de falar. Sorri, eu parecia ter comido algum ingrediente de felicidade no bolo, sentia-me alegre.

— Minha irmã disse que eu devia montar uma exposição. — Ele riu, como que conversando consigo em voz alta, balançou a cabeça para os lados.

— Felipe, desculpe pelo que eu disse àquela hora — disse-lhe.

Ele encolheu os ombros e continuou rabiscando. Só havia entre nós o barulho metálico do garfo no prato e do seu lápis arranhando a folha de papel.

— Eu fui estúpida. Eu achei por um momento que seria melhor você se afastar daqui e retomar o que fazia antes...

— Eu estou bem. — Ele me cortou.

— É, eu sei. Está muito bem mesmo. E consegue transmitir isso para todo mundo. O trabalho que está fazendo é incrível. Não há uma só pessoa que não vem falar de você para mim.

— Menos você. — Olhou-me em cheio e senti o bolo parar na garganta, engoli com força.

— Ân?

— Sempre me evita, parece resistir.

— Eu? — Ri, atingida. Franzi a testa, balancei levemente a cabeça para os lados, olhando para baixo, remexendo na cobertura do bolo. — Nada a ver...

Felipe colocou os braços sobre a mesa e se inclinou completamente para frente, trazendo para perto seu cheiro bom de desodorante e xampu.

— Então, eu quero cobrar a atenção que me renegou.

— Como? — Levantei a sobrancelha.

— Hoje, quando acabar de atender seus pacientes, vamos dar uma volta. — Sentenciou e se levantou para não dar tempo de eu processar o que acabara de dizer.

Senti medo e ansiedade pelo convite. Devorei com facilidade o resto do bolo e rapidamente passei na cabeça quantos pacientes faltavam. Voltei ao trabalho e, no final, já estava apressada para terminar. Vi-o apoiado em uma pilastra com um dos ombros, a mochila transpassada no peito, o cabelo molhado e as pernas com próteses.

Meu coração começou a acelerar como se me preparasse para uma maratona e meu corpo disparou adrenalina pelas veias como se eu fosse correr um grande risco.

Retirei o jaleco branco e me olhei no espelho do banheiro. Desabotoei o primeiro botão da blusa branca. Não! Envergonhei-me por isso. Abotoei novamente. Puxei os grampos e soltei o coque. O cabelo caiu sobre os ombros com um formato ondulado. Passei um gloss rosa claro e olhei-me de costas. Pus a bolsa no ombro e abri a porta.

Felipe estava conversando com a mãe de um de seus mais novos alunos. Trocamos um olhar apenas, continuei andando em direção a porta de saída. Logo depois, senti seus passos atrás de mim, sorrir. Estávamos no jardim externo, frente a frente.

Seus olhos intensos me contemplavam. Será que depois me transformaria em mais um desenho da próxima folha do seu caderno? Lembrei-me do nosso beijo naquele dia em que eu estava completamente louca e isso subiu a temperatura do meu corpo. Afastei a lembrança para não enrubescer.

— Qual é a ideia agora? — perguntei.

— Tem uma praça aqui cheia de árvores e bancos. Podemos... — encolheu os ombros. — Caminhar. Que ironia meu convite! — Riu alto.

— Que ótimo ouvir isso, vamos... — Sorri.

Se sentindo uma criança
(Felipe)

Com as duas mãos no bolso, meu cotovelo roçou no braço de Andy, enquanto caminhávamos pela praça que ficava no centro de um pequeno parque cheio de árvores. Ela respirava o ar úmido e parecia querer sempre mais, movendo o peito em busca de mais oxigênio. Olhava os pés enquanto andava e depois mirava o céu, fechando os olhos por causa da luz. Pensei que fosse tagarelar como fazem todas as mulheres, mas estava quieta consigo. Eu não sabia se a conduzia para algum lugar ou era ela que me levava, caminhando lado a lado lentamente. Uma hora se pegou agarrando os cabelos que entrelaçou em uma trança frouxa pendendo sobre o ombro direito. Não havia com que amarrar, por isso, naturalmente se desfazia com o roçar dos movimentos. Parece que se cansou, sentou no banco abraçando-se em proteção, fixou um ponto na sua frente por uns quinze segundos e depois virou o rosto para mim.

Seus cílios longos deixavam a luz passar e reluzir em todos os micros espelhos de sua íris. Ainda não tinha rabiscado nenhum desenho daquele foco em grande angular. O nariz magro e fino apontava para lábios rosados e brilhantes. Era tão linda quanto uma daquelas deusas que me ensinaram a copiar das revistas em quadrinhos no curso inicial de desenho. Os traços sensuais e robustos também lhe conferiam um quê de guerreira. Era ambigualmente boa e má. Seu sorriso era a calefação do meu coração, mas também suas palavras pedindo para me afastar petrificavam-no dentro do peito. Será que não enxergava que a minha energia agora era estar perto dela?

— No início... — Ela sussurrou, com o queixo apoiado no ombro inclinado para mim, olhou o banco de cimento e depois levantou as pálpebras fixando suas pupilas brilhantes em cheio em mim. — O seu silêncio me angustiava. Depois... — Sorriu, aflita por contar um segredo bobo. — ... Eu me acostumei. Agora que você voltou a falar, eu ora esqueço, ora lembro e fico angustiada. — Riu. — Diz qualquer coisa que esteja pensando.

— Eu queria desenhar seu olho — disse.

— Ân? — Riu alto e o som daquele riso soou como um canto alegre dos pássaros. — Eu vou te achar um maníaco... Que fixação é essa com o meu rosto? Vou te proibir de me desenhar enquanto me olha.

— Não precisa, está aqui. — Apontei para mim cabeça e ela seguiu o movimento do meu indicador, fechando o sorriso. — Eu desenho para lembrar de onde a conheço.

— Acha que podemos nos conhecer antes do seu acidente? De onde?

— Talvez eu nunca lembre — Em qual vida nos cruzamos no passado? — Mas... eu não vou esquecer mais.

— Você cuidou da sua cabeça tão bem quanto da sua perna?! — Apoiou as duas mãos atrás do corpo, esticou as pernas e começou a girar o pescoço se alongando.

— Só esqueci de uma parte.

— Qual? — Fechou os olhos e ficou com o rosto virado para o sol fraco e amarelado da tarde que caia.

Não respondi, apegado em prestar atenção nas fagulhas de luz atravessando os fios lisos e grossos do seu cabelo negro dando tons de chocolate como se pudesse queimá-los. Os seios levantaram-se tudo que puderam, enchendo-se como balões e depois se recolhendo para dentro da cavidade do ângulo formado pelos seus dois ombros. Eu fora tímido nos últimos traços, não precisava ser tão modesto com seu colo, poderia delinear o volume que merecia. Era o mais perto que podia tocá-los.

— Te fiz uma pergunta... — lembrou-me, virando o rosto em minha direção com o sol fazendo curvas douradas nas ondas do perfil da sua face como uma áurea. Como ainda podia me torturar com perguntas se eu só tinha olhos, ouvidos e corpo para admirar. — Esquece... — desistiu, sendo piedosa com minha fraqueza.

— Andy... — Chamei-a pelo nome levando a língua ao céu da boca e depois semicerrando os dentes para pronunciar, como se ela pudesse ser provada e depois o desejo por mais fizesse o animal feroz ranger os dentes afiados. Assim era toda voz que se dizia o seu apelido de duas sílabas.

— Hum... — Fechou e abriu as pálpebras mais lentamente ou seria só o modo como meu cérebro processava as imagens em slow motion para captar todos os frames com mais emoção? A inclinação da sua cabeça quase pendendo para trás, mas encostada sobre seu ombro me deixavam as mãos no ponto de ampará-la. Se começasse o gesto a tomaria para mim e não tinha permissão para isso, que as enfiasse nos bolsos e apertasse o jeans com as unhas.

— Como você está? — perguntei.

Ela deu uma gargalhada e eu me encolhi, o que tinha dito de errado? Entoara demais a voz grave? Precisa controlar a ronquidão, isso podia assustar as pessoas.

— Parece que está falando ao telefone! — zombou.

— Desculpe, eu só queria saber...

— Olha! — Mostrou as palmas das mãos como um gesto para que eu ficasse calado. — Vamos brincar disso? — Abriu as pernas e colocou cada uma de um lado do banco de cimento retangular, ficando de costas para mim. — Acha que consegue? — perguntou e eu só

queria saber o que aquele anjo pretendia fazer comigo.

Com ajuda das mãos ajustei meu corpo desengonçado na mesma posição oposta. Não gostava de perder a chance de olhar seu rosto, mas agora tinha como provar um toque que valia a mesma experiência. Nossas costas se tocaram e nossas nucas também. Cada um sentia a respiração do outro. Eu faria o que propusesse por aquilo.

— Podemos falar no telefone agora... — Sua voz saiu risonha, virada para a minha direita.

— Estou me sentindo uma criança — reclamei sem mau humor.

— Eu pensei que você fosse o palhaço — lembrou-me.

— Hum, então, como está? — perguntei.

— Agora melhor — respondeu e deixei que tivesse o tempo que precisasse para prosseguir. — Eu me sinto vazia, como uma casa em que se mudaram. Mas, eu também sinto que estou livre... E entra luz por todas as janelas... — falou baixinho. Eu podia apostar que estava de olhos fechados. — Nem todos foram embora sozinhos, alguns eu tive que despejar...

— Fala da sua amiga? — perguntei.

— ... — Girou a nuca e nossas maçãs dos rostos quase se roçaram. — Esqueci que sua irmã foi trabalhar com ela. — Balançou a cabeça para os lados e continuou a olhar para frente. — Te contou tudo?

— Contou.

— Por isso está aqui? Para me consolar? — Sua voz amargou-se.

— Não. Vim por outra pessoa.

— Se veio trazer o recado da Priscila... — irritou-se e ficou de frente, fiz o mesmo, movendo meu corpo no próprio eixo para encará-la. — Eu não quero nem saber...

— Não, também não. — Puxei minha perna para sentar novamente na posição inicial de frente. — Talvez seja melhor falar isso outro dia.

— Do que quer falar? Acha que não estou preparada para falar? — desafiou com o rosto bem perto do meu.

— Acalme-se, estou em missão de paz, Andy.

— Desculpe. — Bufou, irritada com a perda do próprio autocontrole.

— Andy, eu preciso lhe dizer algumas coisas, mas queria que me ouvisse...

Ela sorriu e disse que era uma ironia eu lhe pedir isso. Quando iria se acostumar que eu falava? Será que me passava como uma pessoa tão calada, ao mesmo tempo que minha cabeça parecia travar dezenas de diálogos simultâneos comigo mesmo?

— O seu marido não está bem... — disse devagar, medindo suas primeiras reações, ela se segurou firme apenas deixando o sorriso morrer. — Ele veio pedir ajuda para minha irmã, que é sensível.

— Agora precisa? Espero que pague por todos os seus pecados... — condenou-o, sem querer saber como eu tinha ciência disso. Eu acabava de lhe dar uma informação do outro lado e tudo que comentava era seu desejo por ele sofrer? Andy sempre me surpreendia.

— Não diga isso! Pode ser pior para todos.

— O que sabe sobre ser pior? Pior que isso?! Que a minha vida?! — explodiu, sufocando-se com um soluço que não saiu da garganta. Parece que seu discurso sobre lidar bem com tudo não contivera toda a verdade.

— Você ainda está viva e pode mudar as coisas... — falei baixinho com a voz mais doce e menos grave que encontrei para que se acalmasse. Ela entre abriu os lábios e respirou, pois o nariz vermelho já devia estar congestionado. — Mas, o seu marido tem a eternidade para aprender a lidar com o fato de que não consegue mudar o que lhe aconteceu. Está vagando por aí, angustiado, triste, impaciente, transtornado, pode estar agora aqui querendo falar com você...

— Foi ele quem procurou isso!

— Você também o traiu comigo! — acusei-a.

— Ele a engravidou...

— Mas, você também quis outro homem. — Tentei não tornar as palavras mais duras, era difícil encarar-me como só um personagem daquela história.

— Eu não fui tão longe... — Balançou a cabeça para os lados em negação.

— Eu não estou te cobrando... — Toquei pela primeira vez o seu braço. — Mas, ele está se cobrando e muito. Você e Priscila lembram-no com raiva e ressentimento. Chamam a todo tempo seu nome. Assim, ele não se convence que não pode atravessar a barreira que separam vocês e, com isso, fica por perto, entrando no campo das duas. Isso só te faz ficar mais fraco. Ele está sugando toda a sua energia sem que se dê conta!

— Como sabe de tudo isso? — perguntou-me com medo.

Sorri-lhe em alívio por perceber que cedia aos poucos.

— Um dia falaremos disso... Eu sei que não quer mais nenhuma ligação depois do mal que lhe provocou. Então, não pense mais nele, não mova nenhum pensamento que o chame. Provavelmente, os anjos devem estar tentando colocá-lo para dormir a fim de não nos escutar. Mas, há horas que ele acorda e nos ouve. Dessa maneira, não irá se curar nunca das feridas.

— Fala como se estivesse em um hospital vivo.

— Ele está vivo e em um hospital, mas não da maneira que é estar vivo aqui, nem

como imagina um hospital. Mas, a associação é bem perto disso. Andy, você também precisa afastá-lo.

— Eu já estou fazendo isso. Me mudei do meu apartamento e levei somente as minhas coisas. Senti-me muito mais leve depois disso. Eu queria poder deitar em uma cama de um hospital como fala e dormir por muito tempo... — Suas lágrimas caíram e eu amparei seu rosto com as minhas duas mãos levantando-o para mim.

— Não diga isso... — Franzi a testa. — Você ainda pode mudar o rumo da sua história! Não quero dizer que é melhor estar do lado de cá. Um dia vai morar em um lugar sem dor, sem fome, sem ansiedades, sem conflitos, iluminado e pacífico. Mas, só poderá desfrutar quando todos aqui mostrarem que podem lidar com a sua partida. Não será feliz ouvindo os gemidos dos que estavam ligados a você. É isso que o Marcelo está passando agora. Era Marcelo seu nome, não? O “M” que carregava no pescoço. Então, Andy, ainda está viva e pode ter um pouco da felicidade nesse mundo. Precisa selecioná-la no cesto de verdades falsas, de mentiras, ódio e raiva. As pessoas têm a felicidade, mas preferem escolher outros sentimentos.

— Se é tão sábio, por que parecia tão triste quando sobreviveu? — pôs-me em provação.

— Porque eu não sabia como ficar aqui com metade de mim. Agora eu sei.

— O que sabe?

— Que vale, porque posso tocar... — Segurei seu rosto e com o indicador rocei a maçã rosada do seu rosto. — ... e sentir... — Respirei o cheiro do seu cabelo, roçando-o com meu nariz. — E eu ainda não estou preparado para me desapegar disso.

Andy reclinou a cabeça para baixo e tocou meu peito com as duas mãos, afastando-me delicadamente para que pudesse ficar de pé, anunciando sua partida.

— Obrigada... Obrigada... Já está escuro. Tem como ir embora? Quero dizer, como costuma voltar?

— De ônibus. — respondi e me pus de pé, pegando a mochila.

— Posso te levar em casa, em agradecimento? — encolheu os ombros.

— Não prec...

— Por favor, eu ainda não me desculpei por hoje...

Toquei com o polegar os seus lábios para que parasse de falar.

— Já se desculpou, não fique remoendo seus sentimentos. Deixe sua áurea limpa, fica tão mais bonita assim... — Olhei-a ao redor.

— Você fala coisas estranhas...

— Hum... Dizer que *é bonita* é estranho? — Ri.

A garota do beijo de chocolate (Andy)

Eu precisava celebrar a minha nova casa. Na verdade, queria fortalecer as amizades para que não me sentisse sozinha!

O Open House caiu como uma luva. Convidei minhas três melhores amigas da clínica. Quero dizer, três amigas e Felipe. Como poderia deixá-lo de fora, se cada sim para o convite era seguido do conselho: “*Não esqueça o Felipe!*”.

Tentei reforçar que ele tinha vinte cinco anos e era muito novo para mim. Algumas reviraram os olhos, outras deram um grunhido de impaciência. Todas reafirmaram o grande atributo do rapaz: era bonito de doer e agora estava com um corpo super malhado e tentador. Ouvi isso em diversas versões, mas, sempre me posicionei ao final que era apenas meu pupilo, um ex-paciente de quem posso me orgulhar por ter aprendido a lição.

Mas, é claro que não o admirava apenas pela beleza e virilidade. Depois de perder parte das pernas, Felipe nitidamente reforçou os atributos e função das demais partes do corpo. Sua voz estava sensual; A mão, sempre quente para segurar nossas costas e dar passagem; O olhar, cada vez mais fixo e observador. Não sei se sou eu que ando mais curiosa de tanto que suas novas fãs lhe fazem referência, ou ele está mesmo mais sexy e convidativo a cometer loucuras. Mas, era nítido que nunca parava de me olhar e me seguir com conselhos protetores. Minhas amigas sempre me apontavam isso com cotoveladas ou risinhos de “*ele não tira os olhos de você*”.

Era como se eu tivesse um anjo protetor que se preocupava comigo o tempo todo e isso não o tornava um chato. Talvez, se eu não sentisse interesse, até poderia ficar chateada. Pelo contrário, quando não estava em algum horário esperado, eu me sentia agoniada, carente.

De qualquer forma, não estava nos meus planos iniciais chamá-lo até minha casa. Eu tinha imaginado uma coisa *mulherzinha*.

Por isso, não fiquei tão solta. Pelo contrário, comecei a me sentir aflita com a roupa, maquiagem e cabelo certos para que me achasse bonita. Era como se eu desejasse compensar minha idade.

Sentia que, se fosse vê-lo, não poderia ser com a mesma roupa que sentaria no tapete da sala com as amigas, comendo pedacinhos de frango empanado com cerveja. Com ele, eu deveria imaginar uma taça de vinho, queijos e velinhas perfumadas? Que fotografia de encontro romântico mais velha! Ele era um anjo! No mínimo, eu teria que pegar um copo

duplo de leite quente com Nescau e umas bolachas. Quem sabe um pão na chapa, se o menininho preferisse? Ri mentalmente com todo sarcasmo. Eu era tão idiota em ter esses pensamentos impuros com ele.

Só não me dei conta de que nunca tivera que cuidar da cozinha em dias de festas. Era só contratar uma empresa, justamente para o que eu não tinha dinheiro agora.

Não devia ser difícil cozinhar uma massa com molho pronto. Não é assim que falam “*servir uma massa*” prática?

Eu só descobri olhando para as folhas de receita que imprimi da internet molhadas em cima da pia que um cirurgião não aprende fazer um parto na hora da cesárea com um livro ao lado da mesa de instrumentos. Aquela arte deve exigir algum tempo de prática e vestibulares porque o macarrão grudou completamente formando uma massa de amidonojenta.

Senti desespero, estava suada, nem tinha escolhido uma roupa ainda e já eram sete horas.

Foi quando o telefone tocou a primeira vez.

Vânia me informou que seu filho estava gripado e iria levá-lo para fazer uns exames, afinal, a influenza A estava por aí para nos alarmar. Suspirei. Que pena que não viria, mas, pelo menos, não veria o vexame da minha comida. Ela era o tipo de pessoa que em uma etapa da carreira poderia perfeitamente se contentar em abrir um restaurante chique que seria um sucesso.

Quando eu tentei lavar a massa no escorredor como se fosse um balde de roupa que precisa tirar o sabão, o celular vibrou.

Agora, era Cláudia se desculpando por um coquetel surpresa da empresa do marido.

Depois Paola que substitui às pressas uma amiga em um plantão.

Larguei o escorredor na pia e desisti do macarrão.

Atirei o telefone no sofá e puxei com raiva o avental pelo pescoço, que deixei em cima do armário. A cozinha ficava ao lado da sala como um anexo, separada por uma bancada de granito cinza.

Eu ligaria para pedir uma pizza pequena com guaraná e tentaria achar algum filme pipoca no Netflix. É isso, está decidido. Comemoraria *sozinha* minha “*grande nova vida*”.

Começou a chover lá fora.

Cai no sofá entre as almofadas e me senti sonolenta. Era bom continuar na camiseta branca curta e short jeans. Não teria que tomar banho logo, nem me arrumar correndo.

Poderia dormir...

Mas, ainda havia o cara da pizza.

Forcei abrir os olhos e procurei minha bolsa.

Era bom separar o dinheiro e deixá-lo na mesinha ao lado da porta. Enquanto me precavia disso, o celular tocou.

Quem seria?

Franzi a testa e, ao pegar o aparelho nas mãos, senti um frio na barriga.

Felipe!

Elas armaram para mim! Essas cretinas cancelaram para me deixar sozinha com ele?!

A ficha caiu!

— Alô? — Equilibrei o celular entre o ombro e a bochecha.

— Oi, Andy. — Sua voz quente e masculina tornou meu coração quase líquido. — Ainda está de pé?

— Hum... Hei. Como assim “*ainda*”? — perguntei. Ele já sabia que não haveria?

— Liguei para a Cláudia agora e ela me disse que vocês tinham desistido...

— Elas não puderam — consertei, um pouco mal-humorada.

— Oh, tudo bem, então...

Ouvi o ronco do motor de uma moto que passava a toda velocidade na rua e, coincidentemente, escutei o mesmo barulho abafado vindo do fundo da ligação de Felipe.

— Onde está? — perguntei, afastando a cortina.

— Bom... tentando saber se sou bem-vindo, ainda... — falou com uma voz risonha do outro lado do portão da rua.

Fechei a cortina rapidamente e meu coração pareceu pipoca de micro-ondas explodindo em todas as direções no peito e melado de manteiga. Felipe estava ali fora e eu ainda não tinha nada para comer, estava vestida com uma roupa de dia de faxina e a sala um pouco bagunçada.

— Se não quiser que eu entre, tudo bem, é que estou na chuva... — Ouvi sua voz alta do outro lado.

Pisquei os olhos e procurei qualquer coisa para dizer.

— Oh, tudo bem, eu vou aí abrir para você — Peguei a chave e coloquei na porta. Atravessei o pequeno jardim segurando um guarda-chuva azul-marinho de flores, onde se abrigou logo que entrou. — Não estava esperando também pela chuva? — comentei, esticando o corpo para fechar o portão, sem tentar sair do abrigo, o que fez nossos corpos quase se grudarem. Seu perfume estava tão bom e atraente. — Vem, vamos para dentro... — convidei.

Assim que chegamos na sala, sob a luz amarelada, vi seu cabelo úmido, caindo na testa, a blusa ensopada nos ombros e o rosto sorridente. Tentei apreender tudo aos poucos. Sua boca muito vermelha, os dentes brancos, a sobrelha perfeita, o rosto triangular e adorável.

— Andy? — Estalou os dedos. — Tem um cara chamando lá fora. Está esperando mais alguém?

— Ân... — Balancei a cabeça para os lados. — Deve ser o entregador de pizza.

— Eu pego para você. — Ofereceu-se e eu ainda em letargia, entreguei-lhe o dinheiro.

— Hei, o guarda-chuva! — Lembrei-o, mas já estava no portão, pegando a caixa.

— Pelo cheiro, parece ótima. — Colocou em cima da mesa. — Você tem alguma blusa que não seja de babadinhos, nem com decote, principalmente, nem rosa, nem vermelha...

Ri alto com seu jeito de gesticular como se fosse um estilista. Sempre conseguia roubar boas gargalhadas de qualquer pessoa. Não era possível que eu um dia tivesse conhecido um rapaz tão triste, silencioso e infeliz. Felipe era luz, alegria, alto-astral, ânimo.

— Vou tentar achar uma bem na moda para você!

— Já sei, querida, alguma que comprou no último Top Fashion Bazar? — imitou uma voz afetada e se jogou no sofá, cruzando as pernas dramaticamente, agora sem se importar muito com as próteses.

Balancei a cabeça e sorri. Não estava me sentindo tão desesperada pela roupa sem graça que vestia, nem o cabelo preso. Pensei que ficaria mais tensa, mas, ele me transmitia serenidade.

— Que acha dessa? — Estendi a mão e ele se virou para mim. Estava ao lado da mesa, tinha colocado dois pratos e talheres.

— Podemos dividir a pizza?

— Lógico! Eu não ia comer isso tudo. — Sorri e vi que tinha colocado nossos pratos um ao lado do outro.

— Eu trouxe, naquela sacola... — Sua voz ficou abafada quando segurou a barra da camisa verde que usava e suspendera para passar pelo pescoço. — Alguns doces que minha mãe faz para casamento. Você vai gostar... Toda mulher adora provar doces, minha casa vive cheia de noivas... — Deixou a camisa em cima de uma cadeira e procurou a que eu tinha lhe dado. Era uma daquelas que se ganha em corridas pela causa do câncer de mama em tamanho GG que acabou no fundo do armário.

— Eu vou a-do-rar... — disse, impressionada com seu corpo semi nu torneado e com uma cor incrível.

Ele não era mais meu paciente e isso piorava tudo.

— O que acha? Já posso fazer comercial de TV? — Ajeitou o cabelo e pareceu focalizar uma câmera invisível atrás do meu ombro direito. “*E você já fez o autoexame hoje?*”

— Vamos comer! — Dei-lhe um tapinha no peito e o empurrei de leve, esqueci que o equilíbrio para ele era ainda frágil. — Desculpe. — Segurei-o com força, mesmo percebendo que não se abalara tanto com meu impulso. — Desculpe!

— Tudo bem. — Manteve sua mão segurando a minha forte contra seu coração e a outra apanhou perdida no ar. — Eu não vou me esborrachar no chão. — Afagou minha bochecha com o dedão.

— Será que é melhor eu tomar banho antes? — perguntei, refletindo em voz alta.

— Vai confiar em deixar toda essa pizza sozinha na minha frente? Por favor, vamos comer, depois você toma... Eu não ligo que pareça minha irmã quando acorda.

— Ah! — Gritei e dei-lhe um soco de leve em seu braço. — Eu vou agora...

— Você está ótima, essa é a sua casa, o intruso sou eu.

— Não é um intruso. Adorei ter vindo.

Adorar não era o verbo que eu deveria ter escolhido sem pensar.

— Que alívio... Eu já não sabia o que fazer na chuva quando elas me disseram que...

— Elas te *disseram* o quê?

— Que não podiam vir.

— Vocês não tramaram isso, tramaram? — perguntei com os olhos semicerrados.

— Não! *Lógico que não!*

Peguei o celular e comecei a discar.

— O que está fazendo? — perguntou preocupado.

— Nada, só checando... — Bati com o pé no chão e os braços cruzados.

— Está confirmando?! A pizza está fria, Andy — Segurou-me pelos ombros.

— Elas deixaram de vir a minha festa para que só você viesse?!

— Eu sabia que não ia querer que eu estivesse aqui... Eu sou um idiota... — Pegou a camisa molhada e começou a fazer uma bola.

— Hei, é verdade, não é?! Elas quiseram empurrar você para cima de mim.

— Não, Andy, elas não quiseram nada, eu é que...

— A ideia, então, foi *sua*?!

— Andy, eu vim a sua casa porque elas me falaram que trariam a família e eu não me

sentiria isolado. Só que esqueci o endereço no bolso de outra calça, liguei e me informaram que não viriam. Se tramaram, o que realmente parece ser possível, eu só fiz minha parte que era vir... Agora, desculpe se foi tão ruim assim... Acho que vou embora.

— Felipe, espera, está chovendo... — Chamei-o, quando já estava na porta da sala. — Felipe, eu disse vem aqui! — Briguei, puxando-o pela camisa para que não saísse dos limites da varanda escura. Seus olhos estavam faiscando. — Eu não vou comer a pizza toda sozinha. Vamos entrar. Desculpe, eu não sou uma boa anfitriã...

Ele aceitou e ficou parado entre a porta e minha falta de educação.

— Eu preciso realmente de um banho. — Entrei e dei-lhe as costas em direção ao banheiro.

Quando voltei, já com o cabelo molhado e um vestido, estava sentado no sofá, folheando um livro que pegara da prateleira.

— Depois, podia me emprestar... — falou distraidamente enquanto levantava os olhos e sua boca parou entreaberta quando me viu. Passou pela minha cabeça todas as possibilidades: eu estar feia, bonita, exagerada, perfumada demais, ridícula... Mas, ele achou o termo certo. — Você está *linda*.

— Ân-han. — Fiz uma careta de sarcasmo e fui para a mesa. — Vamos ter que esquentar a pizza. — Abri a caixa e coloquei alguns pedaços de pizza no micro-ondas.

Quando acabara de programar um minuto e meio, senti-o atrás de mim. Virei-me o mais naturalmente possível e pensei em puxar um assunto sobre o livro de anatomia que ele estava segurando agora pouco no colo, mas seu olhar bloqueou meu raciocínio.

— Hum... não vai demorar nada para a pizza... — Segurei com as duas mãos a borda da pia, como se estivesse fugindo de um ataque.

— Isso também não vai demorar nada. — Segurei meu rosto com as duas mãos e o afastou levemente para trás de modo que minha boca se entreabriu e seus lábios quentes possuíram os meus com vontade e fome.

Meu sangue foi se tornando quente e violento, arrebatando as ondas de calor nas paredes de todo meu corpo. Meus braços amoleceram e caíram do ponto onde se sustentavam. Procuraram sozinhos o corpo de Felipe. Foi quando correspon-di, me entregando ao beijo que também queria muito. Puxei mais sua camisa, como se ele pudesse estar mais colado do que era possível.

— Eu disse que era *rápido*. — Afastou o rosto e sorriu.

Eu era um pano de prato pendurado na pia, não conseguia me afastar. Fiquei ali grudada sem respirar!

Levantou os olhos, procurou o botão atrás da minha cabeça e apertou para cancelar a

programação. Depois, voltou a me encarar, esperando que fosse a minha vez de levantar os olhos do seu peito e o olhasse com alguma reação sobre o que havia acontecido.

Mas, eu estava em silêncio, mergulhada no nada. Não tinha nada para falar, pedir, desejar, reclamar. Eu era um estado de plenitude. Estar ali, colada nele, respirando o mesmo ar, parecia ser a única coisa boa, feliz e possível.

— Você quer comer *agora*? — perguntou, pensando que eu já tinha me desligado do feitiço do beijo.

— Ân... vamos. — Coloquei o cabelo atrás da orelha, olhei o piso do chão e caminhei para a mesa, esquecendo do prato, mas ele cuidou disso, trazendo-o. Não consegui comer, parada apertando os garfos, eletrizada pelo choque das sensações. — Felipe...

Ele levantou os olhos da pizza que já estava terminando de devorar. Levou outro pedaço até o micro-ondas. Parecia perfeitamente confortável na minha casa, lidando com a minha cozinha, me beijando, como se fosse assim desde sempre.

— Hum... — respondeu e ouvi os bips eletrônicos de programação. Sentou-se novamente ao meu lado. — Você agora está tentando explicar o que houve? — perguntou, tranquilo e resolvido com tudo. — Posso te ajudar a ter mais base para discussão... — Fez uma careta, fechando um olho e se inclinou para a frente. Beijou-me outra vez, agora mais forte e apaixonado para deixar claro e marcado que o que sentia era amor, desejo, carinho e possessão. Outra vez o bip do micro-ondas. — Argghh... — Grunhiu. — Eu devia ter programado para virar uma torrada em potência baixa.

Ri e comecei a comer o meu pedaço enquanto já atacava o seu segundo. Desisti de qualquer coisa que eu estava tentando falar. Levei o prato de volta para a pia e deixei meu copo lá também. O que eu faria agora? Felipe trouxe a resposta, puxando minha mão para sentarmos no sofá.

— Era hora de eu ir embora... — falou baixinho com o rosto pertinho do meu, devia estar nos seus planos fazer um campo de força que me tirasse às resistências e raciocínio lógico. — Mas, eu já fiquei muito tempo fora, te esperando. Procurei por você em tantos lugares quando sumiu da clínica. Fiz de tudo para me manter lá até que voltasse. Agora, não aceito esperar mais nada, porque já vivi para ver que não vale a pena deixar de fazer as coisas que se quer. Se eu tenho arrependimento de estar de moto no dia do acidente? Não, não tenho. Só lamento por não ter a adrenalina e coragem para curvas perigosas. Mas, tem uma coisa que me dá a mesma sensação de frio na barriga. Que é isso aqui... — Beijou-me agora com uma vontade de quem pede tudo, o mundo inteiro.

— Felipe... — falei entre seus lábios, mas ele já não queria saber de nada, havia explicado que não estava disposto a esperar.

Por que eu precisava esperar? Já tinha também vivido para não querer deixar de fazer nada.

— Diz que *não quer* e eu paro... — intimidou, agarrando minha cintura e puxando meu vestido a procura de um outro tecido mais fino, quente e liso da minha pele.

— Eu... — Afastei o rosto, com as duas alças deslizando sobre meus ombros, arfando um pouco atordoada. Olhei seus olhos flamejantes e as minhas mãos paradas em seus braços fortes e torneados. — ... Não quero que pare... Só que *não é certo*. Você é mais novo, eu sou velha...

Oh, que discurso antiquado e idiota o meu! O que estou fazendo? Nem lembro a última vez que tive uma decente noite quente com um homem. Aliás, Marcelo tinha tudo tão programado que levantávamos de onde estávamos maquinalmente, retirávamos a roupa e nos colocávamos lado a lado na cama, como se aquilo fosse parte de uma obrigação de casal a se cumprir na volta de suas viagens. Não sinto saudade daquilo.

Ele sorriu e desceu com os lábios para vir agora arrebatador. Fechei os braços no seu pescoço e agarrei seus cabelos.

Eu teria que agradecer muito as minhas amigas, porque a nossa festa dera muito certo e já se estendia em carinhos no sofá até tarde da noite. Já havíamos aberto a segunda garrafa de vinho.

— Um dia desses eu estive contando aquela sua lista de “*coisas que achei que nunca iria fazer*” e concluí que não está completa... — falei-lhe e Felipe continuou com os olhos fitando meu braço, fazendo um desenho com o dedo, enquanto arrumava os meus pelos em uma direção.

Eu me referia a um papel que havia me mostrado sobre dez atividades que achou não poder mais fazer quando estava numa cadeira de rodas. Mencionou verbalmente algumas, sem que eu propriamente pudesse ler a lista. Por isso, não notei que faltavam o item dez.

Depois das próteses e de voltar a se exercitar com afinco, ele decidiu que era hora de começar a desafiar as possibilidades restritas da vida e me convidou para que eu também me propusesse ao mesmo. Na época, minha limitação não era física, mas, mental, diante do luto das perdas. Foi o que me explicou e convenceu. Sim, eu precisava sair da depressão e amargura. Acompanhá-lo naquela jornada de descoberta poderia ser um caminho de tentativa e topei.

Mesmo as mais simples iniciais pareciam exigir muita energia como alugarmos bicicletas para andarmos pela orla da praia. Também andamos de patins em um local fechado para o trânsito aos domingos, entre outras atividades simples seguidas de água de coco, sorvete ou um lanche ao final, o que abria chance de conversarmos sobre tudo e até de lhe dar espaço para comentar sobre minha intimidade.

Numa dessas tardes de desafios, como chamávamos, subimos por uma trilha muito íngreme em um dos morros do Pão de Açúcar. Foi muito cansativo e exaustivo para mim, imagina para Felipe! Mas, eu procurava segurar sua mão e incentivá-lo a subir com confiança

de quer era capaz.

Lá em cima, diante da vista e da alegria da conquista, nos abraçamos longamente, mais até do que era aconselhável para uma jovem senhora viúva e seu rapaz. Ficamos assim colados, admirando a incrível visão da Baía de Guanabara lá embaixo.

Ele, então, disse com seu queixo acima da minha cabeça, enquanto seus braços me apertavam como fazia agora no meu sofá:

— Andy, você às vezes, parece se comportar como se tivesse perdido muita coisa importante quando seu marido morreu... Sei que ficou sem o dinheiro e o status, mas, ele não te fazia sorrir. Na verdade, acho que nunca te vi rir e se iluminar como nas últimas semanas...

Ele queria dizer às últimas vezes que saímos...

Mas, em outras palavras, repetia a mesma provocação de Priscila. Marcelo não me dera o que eu merecia.

— Amor não tem que provocar lágrimas. Pode até ter algumas, mas, não pode achar que um amor feliz exige tantas lágrimas. Se um cara te deixa triste, você tem mais é que correr dele...

— Eu nunca corri e acho que chorei pela perda do tempo que joguei fora... — falei baixinho para mim mesma.

Ele afrouxou o abraço e franziu a testa como se não tivesse entendido:

— Está se achando velha de novo? Pare de encarnar esse personagem que te exige autopiedade. Não tenha pena de si, senão, não vai merecer a felicidade que pode conquistar! Você é linda, inteligente, divertida e me ensinou tanto...

— Fala como se tivesse uma dívida comigo. Está tentando me animar porque precisa me pagar pelas nossas primeiras conversas?

— Não, aquelas sessões foram pagas. Isso aqui não é uma sessão, é um passeio de amigos! Ou acha que isso tem um preço, senhorita?

— Senhorita. — Ri e balancei a cabeça para os lados.

— Não é mais *Senhora*... — Sorriu e seu rosto estava levemente vermelho pelo sol e muito atraente.

— O casal quer tirar uma foto? — Um fotógrafo perguntou e eu imediatamente soltei-me de Felipe.

— Ela é meio tímida — disse ao homem e me puxou pela mão para comprarmos alguma coisa para beber, mas, não negou o mal entendido.

A mesma forma carinhosa com que me tocava aqui ou na clínica, me enchendo de beijos na cabeça e mimos também trouxe confusão as pessoas que trabalhavam conosco. Até

clientes já haviam perguntado se eu era sua namorada ou vice versa.

Ele parecia gostar da confusão, pois, só ria e me esperava desmentir, como se armasse para mim um contexto sem o qual eu não pudesse viver de tão acostumada.

É isso que sinto agora e acho que foi seu plano. Estar no sofá de casa com seus braços ao meu redor e recebendo seu beijo é natural e necessário.

Mas, ainda tenho uma dúvida.

— Eu contei um dia desses todas as coisas que fizemos e a lista não chegou ao número dez.

— Eu falei *dez*?

— Sim, Felipe, você *falou dez*!

— Hum...

— Está escondendo algo de mim? — Puxei seu rosto lindo e tive vontade de deixar aquela inquietude para lá e beijá-lo.

— Não é esconder de *você*. Só não sei se poderia metê-la *nisso*...

— Oh! Você queria fazer algo ilegal? Tipo usar drogas?

Ele gargalhou e fiquei vermelha.

— Então, já usou? Sem mim?

— Não, Andy! Acha que, depois de tudo, vou me meter com drogas?! Claro que *não*! Eu vivo agora para malhar e comer bem...

— É, está fazendo efeito... — Toquei com o indicador seu bíceps malhado e deu um sorriso de orgulho. — Elas também acham.

— Quem são elas?

— Suas fãs que ficam no meu ouvido...

— Ah é? — Riu, se divertindo.

— Seu convencido, pode me dizer que diabos é o dez? — Estiquei-me para pegar a taça de vinho e bebi.

— Ok. Sexo.

Tossi e me engasguei com o álcool. Fiquei com os olhos lacrimejantes e o peito quente.

Sexo? Ele não fizera sexo há quanto tempo? Por quê?

Isso é como desperdiçar brigadeiros!

Deixei a taça no lugar.

— Você ficou *impotente*?

— *Não!* — Riu muito alto e adorava aquele som.

— Que bom.

— Bom?

— É, quero dizer, bom *para você*... — Fiquei vermelha.

— Você me ajudou a descobrir isso.

— Quê? Que coisa grosseira de se dizer?! Nem quero imaginar como.

— Quer dizer “*lembrar*”.

— Lembrar? Se refere aquele beijo que eu não devia ter dado?

— Aquele, não. Esse, *sim*? — Beijou-me com vontade, segurando minha cintura com sua mão grande e forte e fazendo movimentos de carinho com o dedo.

— Aquele *ainda* não era hora.

— Ah, que bom que chegou a hora. — Sorriu e permaneceu assim, sorrindo para mim e acariciando meu rosto com o dedo.

— Você ficou pensando em mim e se autossatisfez...?

— Não! Não foi isso que eu quis dizer! Que cabeça suja! Acha que seria grosseiro assim?! — Riu e me puxou para um abraço, gargalhando no meu pescoço, onde beijou várias vezes.

— Ué, falou que eu era culpada por ajudá-lo a lembrar que tinha algo vivo ainda aí!

— Ok. Você está preparada para ficar envergonhada?

— Ai, Meu Deus... — Fiz uma careta e coloquei as mãos no rosto.

— Gosto quando fica tímida assim, parece uma garotinha... Aliás, não sei como pode se achar velha pela idade, quando é pequena e delicada, Andy! Você é tão doce, que acho que vou te chamar de *Candy*!

— Bobo... — Dei um empurrãozinho no seu braço e depois deixei minha mão ali, pressionando seu corpo deliciosamente forte.

Eu me sentia meio adolescente novamente ao seu lado.

— Ok. Acho que eu posso encarar. Me conte!

— ãnh... Começamos a nos beijar e...

— E?

— Você colocou a mão na minha perna... — Pousou minha mão em sua coxa para demonstrar e parei de respirar, arregalando os olhos e engolindo em seco. — Ai, você apertou e subiu...

— Não fiz isso.

— Você fez e...

— Ai... Não! — Apertei os olhos.

— E ai subiu e tocou bem lá.

— Meu Deus! Você era meu paciente!

— É, realmente não devia ter me tocado, apertado...

— Nãooo! Pare! — Comecei a rir com o rosto escondido, querendo morrer. Peguei uma almofada, coloquei em seu colo e enterrei a cara.

Ele fez carinho no meu cabelo e beijou minha cabeça.

— Relaxe, *Candy*. Já passou. Você começou ir além, mas, sua amiga chegou...

— Me mate com a faca da pizza, por favor — falei com voz abafada.

— Hei, olhe nos meus olhos.

— Não quero nunca mais olhar para você.

— Não diga isso, se comporte como uma mulher adulta. Anda, me olhe, Andy!

— Eu me aproveitei de você!

— Andy... — Puxou a almofada e levantou meus ombros. — Eu adoro você, ainda mais envergonhada assim... — Ajeitou meu cabelo e minha cara devia estar vermelha. Mordi os lábios.

— Desculpe, Felipe, eu estava totalmente louca.

— Ok. Mas, quer saber por que o item dez estava na lista?

Isso era importante para ele.

— Claro — disse-lhe um pouco afastada, mas, me puxou para junto de si, querendo apoio ao que ia confessar.

— Quando estava na cadeira de rodas, me senti morto, sem saber quando iria voltar a andar e encarar as pessoas. Meu andar nunca mais seria completamente natural...

— Mas, o que isso tem a ver com sexo?

— Sei lá, achei que perdi minha masculinidade. E, desde então, nunca fui para cama com uma mulher... Eu pensava que nunca mais seria desejado. Tive pesadelos sobre isso...

— Pensava?

— É... Larguei isso de lado e comecei a cuidar da minha saúde, da cabeça e o resto do corpo.

— E deixou uma parte de lado. — Sorri.

— Bom... Só tentei não pensar que ninguém se interessaria por mim...

— Se soubesse como tem mulheres lá na clínica que dão suspiros quando você sai da piscina. — Revirei os olhos.

— Só me interessa uma delas e está bem aqui na minha frente.

Passei um lábio sobre o outro, um pouco tímida.

— Mas, não sei se sou o cara que poderia desejar... Você vive dizendo que sou novo e ainda tenho...

— Não! — Tampei seus lábios. — Sem autopiedade, lembra que me ensinou? Você não se propôs cuidar de si mesmo para agora, diante da felicidade dar com um passo atrás e não se achar digno.

— É você que me lembra disso!

Franzi a testa.

— Me olha como se eu fosse um garotinho e cometêssemos um pecado. Eu já sou independente, ganho meu dinheiro, estudo e já vivi mais coisas para superar que muito cara mais velho.

— Você é melhor que todos os homens por aí, Vitor.

— Eu sou homem também, não sou garoto.

— Eu sei... Pode-se ver.

— Não queria te mostrar aquele item ou não me ajudaria com os outros — contou. — Estou feliz com o que temos.

— Quem disse que tem alguma coisa que a vida pode lhe negar?!

— Eu quero te dar esse item dez.

— Andy, não faça isso como uma experiência...

— Não estou fazendo um desafio... — Balancei a cabeça para os lados.

— Não sei como vai ser isso, eu...

— Está com medo. — Fiz que sim com a cabeça e sorriu, tímido.

— Já conseguimos nos virar bem nas outras nove, né? — Pisquei.

— Era diferente...

— Estava comigo, não era?

— Mas, eu não tinha que provocar nada *com* você... Eram dois amigos, cada um por si... Entende o que quero dizer?

— Nós deixamos acontecer, pelo que lembro... Sem cobranças. Sempre dizíamos que, se não desse certo, estava tudo bem.

— Não vai estar tudo bem se eu te perder, porque... — Abaixou o rosto e segurou o meu. — Porque eu te amo e não pode dar errado!

— Você deixaria de arriscar, então, a coisa que mais ama? Porque... *eu te amo* e quero arriscar com você.

— Oh... — Beijou-me.

Apertei sua coxa, que se aproximou do cóis da calça e quando nossos beijos e carinhos passaram dos limites e conforto do sofá, decidi levantar e puxá-lo até meu quarto. Andei de costas, trazendo-o comigo olhos nos olhos.

— Não pode tirar minha roupa se não abrir a porta...

— Está certa disso?

— Totalmente. E não estou bêbada! Acho que não...

Sorriu e abriu a porta.

Liguei o ar com o controle e o fiz se sentar na cama.

Pequena, encaixei-me entre suas pernas, alinhando minha boca com a sua.

Ele havia acabado de confessar que me amava e eu também. Isso me fazia me sentir a mulher mais desejada do mundo!

Reverenciei-o com beijos e prazeres íntimos que tanto ansiava. Sim, eu queria lhe dar tudo que pedisse e merecesse, por ser um homem lindo, másculo e lutador. Era completo para mim.

Nosso primeiro amor foi longo, romântico e eletrizante. Terminei em seus braços de onde eu não saía nos últimos tempos.

— Acho que estava bem vivinho aí embaixo! — Brinquei e com o rosto suado e sonolento sorriu. — Toda aquela natação fez bem para seu fôlego! Preciso que me treine mais.

— Hum... Não vai ser na piscina, mas, nos *melhores métodos*!

— Ah! É? Promete?! — Beije seus lábios rapidamente.

— Andy, você é um sonho. Nem acredito que é só minha.

— Sim. Te amo, Felipe, do jeitinho que é.

Quando abri os olhos de manhã, abraçada a Felipe, já acordado e sorrindo, senti-me brilhante como o sol da janela.

— Acho que estamos atrasados para o trabalho. — Riu.

— Hum... — Apertei os olhos, não queria levantar.

— Mas, já liguei para lá.

— Você disse o quê?

— Conversei com Vânia. Ela entendeu... e vai atender seus pacientes. Ah, seu filho está bem também.

— Que bom. Mas, o que vão...

— Pensar? — completou. — Não importa. — Acariciou o meu rosto. — O que me importa agora é nada menos que a felicidade. Nada menos que você. — Beijou o meu pescoço. — Eu esperei muito para estar vivo assim outra vez, como essa noite com você.

— Eu também senti o mesmo. — Sorri.

Felipe era luz, vida, energia, potência, vigor, alegria e riso em minha vida. Superei minhas dores e ele estava lá quando chegou o momento de eu rever Priscila. Ela estava entre a fronteira da vida e a morte no dia do seu parto.

Ele me segurou pela mão e me deu todo apoio necessário. Felizmente, ficara bem. Não nos falamos depois que a vi no coma. Apenas, foi um passo em direção ao longo caminho do perdão. Mas, eu já me sentia melhor e mais leve.

Quando o dia acabava, Felipe estava me esperando na porta da clínica. Pegava-me pela mão até meu carro, como namorados apaixonados e felizes.

A surpresa mais linda que fizera para mim fora em uma festa de confraternização da clínica cheia de crianças. Veio vestido de palhaço brincar comigo. Passou um bambolê pelo meu braço várias vezes, como se tentasse encaixar algo ali.

Ri e fiz uma cara de quem não entendia. As crianças também.

Então, pegou meu dedo da mão direita e mostrou para os pequenos que tentava encaixar o bambolê ali. Parecia inconformado e se contorcia. Todos gargalhavam e eu fiquei com um leve frio na barriga.

Ele não estava pensando...

Ai Meu Deus...

Felipe começou a bater nos bolsos procurando algo. Então, inspecionou os bolsos das crianças. Olhou até nos meus do jaleco.

— O que está aprontando?

— Ohhh! — Uma amiga do trabalho entendeu o que eu suspeitava e gritou para as demais. De repente, mais e mais pessoas largavam seus docinhos e salgadinhos e corriam para assisti-lo.

Meus olhos se encheram de lágrimas quando se ajoelhou.

— Lindooo! — Uma gritou.

Felipe tirou o chapéu e em cima da sua cabeça tinha uma caixinha.

Eu ri e uma lágrima já estava caindo.

Ele enxugou a lágrima com o dedo enluvado e fez sinal para que eu não chorasse.

— Andy...

— Sim, aceito.

— Deixa eu terminar?

— Hum-hum. — Pressionei um lábio contra o outro.

— Andy, você quer *casar comigo*?

— Sim, sim! — Ri e ele abriu a caixinha vermelha de veludo.

Todos aplaudiram, tiraram fotos ao mesmo tempo.

— Ela vai casar com um palhaço! — Ele disse.

A gargalhada foi geral e ganhei o anel no dedo. Coloquei no seu.

Ficamos em pé e puxei para cima seu nariz de bolinha.

Beijou-me de leve para não me sujar com tanta maquiagem.

— Você me deu uma vida nova e eu quero te dar um casamento novo, feliz, como você sempre mereceu. Vou te fazer feliz, meu amor!

— Eu também. Te amo, Vitor. Você é tudo que esperei!

— Vamos casar no civil e morar juntos para simplificar a vida.

— Ah! Não! Nós queremos uma grande festa! — Nossa amiga ouviu-nos. — Vamos todos ajudar a armar essa festança! Com vestido e tudo! Você nunca casou na igreja, Andy! — lembrou-me.

— Você não? — Felipe parecia feliz.

— Não. Marcelo queria ser prático e acho que agora não quero ser prática... Podemos ter isso?

— Tudo o que quiser! Tudo. Te amo.

Depois que tomou banho e tirou aquela fantasia, encontrou-me do lado de fora do vestiário, onde eu o esperava para abraçá-lo com vontade. Beijamo-nos apaixonadamente e não cansava de olhar orgulhosa para meu dedo.

— Sabe uma coisa que nunca te contei? — disse-me.

— Hum... — Andamos de mãos dadas para a saída.

— A primeira vez que me beijou parece que estava com uma bala de chocolate... E eu passei muito tempo comendo bala de chocolate para lembrar do seu beijo.

— *Mentira!*

— Sério, acho que me apaixonei por aquele *beijo de chocolate*.

— Agora você tem a garota do beijo. Não precisa da bala.

— É, a garota do beijo de chocolate vai casar comigo...

Ri da forma que pôs isso.

— É, vou. E estou flutuando...

— Minha Candy girl!

Ele cismava com esse apelido.

— Te amo, seu bobo.

— Eu já não estou vestido de palhaço.

— Você nunca perde a graça.

— Quem bom, não vamos ter um casamento enfadonho.

Enfadonho era exatamente meu primeiro casamento.

Isso aqui, sim, é uma vida divertida! Ele estava certo, o amor é para nos fazer sorrir! Eu só conseguia sorrir enquanto caminhávamos naquela tarde.

Queria poder contar isso a Priscila, aquela minha primeira amiga antes de se transformar na que me traiu. Mas, quis a vida que tudo acontecesse... Espero que ela esteja feliz também em algum lugar.

Fim!

(Vire a página e conheça outros livros!)

Recadinho da Autora

Oi, Leitor! Estou feliz que tenha terminado esse livro. Ficou um gostinho de quero mais? Venha conhecer todos os meus livros e textos em limendi.com.br. Lá, você também acha os links de todas as minhas redes sociais.

Eu sou carioca, formada em Jornalismo e Publicidade pela UFRJ e pós graduada em Inteligência Competitiva e Gestão de Negócios (ESPM) e Marketing Digital (FGV). Nasci em 1985 (quando a Internet nem era o que é hoje!), sou geminiana, casada e muita feliz. Minha vida de escritora começou na internet em 2007 e, desde então, sou apaixonada por escrever e dividir minhas narrativas mirabolantes com toques de humor com vocês. Espero alegrar a vida das pessoas, fazê-las esquecer um pouco a realidade e voltar de um livro sempre melhor!

Se puder me ajudar nesta jornada com a sua nota e avaliação no meu livro, serei imensamente grata! A sua opinião pode tirar a dúvida de leitores indecisos e dar o mesmo prazer de leitura a outras pessoas! É rapidinho! Coloque suas estrelinhas e escreva uma pequena frase!

Te encontro lá, anota aí: www.limendi.com.br e se desejar entrar em contato, me manda e-mail para li@limendi.com.br.

Quer ser o primeiro a saber das minha promoções de **lançamentos gratuitos ou no Kindle Ilimitado**? Entre no meu Grupo no Facebook. Busque “Fanclube Li Mendi” ou [acesse](https://www.facebook.com/fanclube.li.mendi) esse endereço: goo.gl/mQNTeK

Ah! Vamos aos livros já lançados para você curtir também (Aqui estão só alguns deles. Na Amazon, tem sempre um novo lançamento, busque aqui >> goo.gl/daKv4F)

Alma Gêmea por Acaso: Mellissa tem uma irmã gêmea travessa que propõe uma troca de papéis em uma festa. O problema é que ela resolveu dar em cima logo da paixão secreta de Mell, sem saber. No dia seguinte dessa confusão do amor, Mell também vai sucumbir a alguns beijos sem querer querendo. Essa grande confusão do amor que vai te levar a muitas risadas e fazer seu coração bater acelerado!

Alma Gêmea por Acaso2: Isa e Mell são gêmeas e sempre caem em apuros quando trocam de papéis. Mas, Isa dessa vez foi longe demais e na troca a troca do amor, acaba colocando as duas em uma situação sem volta. Isa deve contar ao militar Renan que está arrependida e arriscar o grande amor da sua vida? Aproveite o segundo livro da série e se divirta muito com a ruiva mais apimentada e danadinha das irmãs.

O Gênio do Amor (Livro Adulto) | Trilogia MeM (Vol. 1): Mike é um dançarino de clube das mulheres de noite e de manhã, um nerd sério e esperto produtor. Sua avó adoece e precisa urgente de mais grana para bancar seu tratamento. Então, sai a rua à caça de um vento de sorte e a vida lhe assopra JADE à sua frente. A pop star o contrata e acha que seu novo assessor e amigo é gay. Esse foi mais um papel maluco que Mike decidiu vestir, pois, era a única forma de se proteger para que Jade não se apaixonasse por ele. Claro que não dá certo e os dois se enrolam em uma rede de poder, dinheiro e sensualidade.

Cozinheiro do Amor (Livro Adulto) | Trilogia MeM (Vol. 2): Edu é stripper à noite e Chef de cozinha de manhã. Após vender seu restaurante onde ainda trabalha, se vê envolvido pela sua nova chefe, Maísa, uma adorável executiva que perdeu a audição na infância. Ambos ficam tentados pela delícia daquela nova amizade, que vai te pegar de cheio!

Mestre do Amor (Livro Adulto) | Trilogia MeM (Vol.3): Marcos é stripper e estudante de direito. Seus planos é terminar o último ano da faculdade e virar um homem sério. Mas, Babi, a filha do dono do clube, tem uma dívida para lhe cobrar em ótimos métodos e vai metê-lo em grandes confusões! Venha ler essa delícia de romance!

Sorriso do Coração (Livro Adulto): Guilherme é um sensual dentista que alimenta um amor impossível e secreto pela jovem Alice, filha dos caseiros da clínica de sua família. Quando seu pai morre, deixa-lhe um segredo difícil de carregar e a missão de cuidar da moça. Mas, no meio dessa confusão toda, os dois são atraídos pela explosiva vontade retida a tanto tempo de se entregarem. Um livro sensual, apaixonante e cheio de reviravoltas que vai te prender do começo ao fim! Pegue um abanador porque vai dar muito calor.

Será uma Vez 1

Isaac e Lua são primos e apaixonados desde a infância. Mas, agora Isaac vai se afastar para estudar e a sua Lua virará "crescente" e chamar sua atenção. Só que não será fácil minguar tanto amor entre esses dois. Um livro quente como o sol que vai te pegar do começo ao fim, ansiando por cada nova revelação. Divertido e romântico como todos os livros da autora.

Será uma Vez 2

Beca é uma estudante estrangeira que se apaixona por um garoto da sua faculdade igualmente capaz de ver coisas sobrenaturais como ela. Os dois se envolvem, mas, são separados pelo destino. No reencontro, eles descobrem que ainda se amam, porém, não será fácil o ressentimento do afastamento. É um livro envolvente e cheio de mística. Acompanhe!

Atrás da linha do Amor

Eduarda morou desde que nascera com seu pai, um militar alegre, sábio e aventureiro. Viveu por todos os pontos do país atrás da trilha das missões do homem que admirava como um herói. Mas, agora, seu pai deseja que Duda faça faculdade como todas as garotas de sua idade e tenha um endereço fixo. A mãe da menina, então, reaparece à cena e propõe ajudá-la. Eduarda não gostou nada da ideia, mas foi praticamente levada a força para seu novo destino, que se cruzará com o de Maurício, o único rapaz por quem jamais poderia se apaixonar.

Aurora

Aurora mora em uma pequena cidade no ano de 3010 e guarda um segredo sobre sua natureza, não pode receber partes biônicas em seu corpo, nem modificá-lo para retardar sua morte. Como os antigos humanos, é frágil e precisa se cuidar para passar despercebida entre os super-humanos, que estudam em sua escola. Só que a tarefa fica mais difícil quando Douglas aparece na pequena cidade e chama a atenção das supermeninas, perfeitamente preservadas pela avançada tecnologia cosmética da qual Aurora não pode tomar mão. Um livro que vai te emocionar com a força do amor que dura apenas uma curta e breve vida.

Aurora 2

No segundo livro da série, Doug volta com tudo, mas precisa manter seu disfarce, se quiser proteger Aurora e ensiná-la toda a arte de ser uma Alfa. Seu filho ganha as graças de Aurora e começa a demonstrar os dons desde pequeno, provando que as intervenções dos mutantes pode ser passada geneticamente. Será que Aurora vai se apaixonar finalmente por Deni, o novo personagem da saga? Ou Doug vai ser seu eterno amor?

Cada Caso um Caso

Ricardo tem sua mulher em coma por causa de um acidente. Enquanto ela dormia, Daniela, sua cunhada, decide ajudá-lo a enfrentar esta difícil fase de sua vida e acaba se apaixonando pelo marido de sua irmã Alice. Mas, o despertar de sua esposa, promove uma reviravolta na vida desses três.

Fonte do Amor

Cris é jornalista e cobre a vida das celebridades. Seu lema é correr atrás dos fatos, por isso, não desperdiça a chance de entrevistar o famoso ator de cinema Igor Frinzy quando o encontra em uma lanchonete na beira da estrada. Para não espantar o ator, Cris decide não lhe contar sua profissão. Ela só não imaginava que acabaria misturando amor e trabalho. Agora,

seu editora está cobrando a tão prometida matéria sobre o galã e Cris não sabe mais como enrolar os dois. Seu chefe quer a redação e Igor, seu coração.

Amor de Alto Risco

Jéssi, uma rica fazendeira, coloca a mochila nas costas e chega ao Rio de Janeiro para dividir um apartamento e começar a faculdade. É aí que a sua história se cruza com a de Paulo, um estudante de direito que não terá paciência com a caipirinha que acaba de chegar no seu apartamento com todas aquelas malas rosas. A garota vira alvo de ex-clientes insatisfeitos de seu pai e coloca Paulo em várias enrascadas perigosas. A solução encontrada pelo seu pai é colocar um batalhão de seguranças ao seu redor.

Um Coração em Guerra

Caio e Bela formam um casal que enfrenta o amor à distância. Os dois amigos de longa data descobrem que é possível viver um romance de verdade mesmo que longe um do outro e lidando com problemas tão diferentes. Cada um cresce e ganha suas próprias conquistas. Mas, será que esse amor vai encontrar um ponto em comum no caminho outra vez?

O amor está no quarto ao lado

Jeniffer é uma jovem estudante que perde o padrasto em um acidente de serviço militar. Antes de morrer, este lhe confia aos cuidados do capitão Ruan. O amor que nasce entre eles é arrebatador e mexe com os corações. Os dois mal percebem que não precisam ir tão longe para serem felizes. Porque o amor pode estar bem ali, no quarto ao lado.



Li Mendi